REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

E

GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

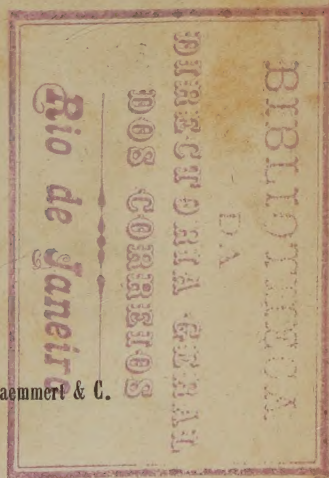
O Sr. D. Pedro II

TOMO L

PARTE PRIMEIRA

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO
Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C.
71, Rua dos Invalidos, 71

1887

RELAÇÃO NOMINAL

Dos socios actuaes do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

POR ORDEM DE ANTIGUIDADE E COM DECLARAÇÃO DA CLASSE A QUE PERTENCEM

Protector immediato

S. M. I. o Sr. D. Pedro II.

Presidentes honorarios

S. A. o principe de Joinville.
S. A. o conde d'Aquila.
S. A. o principe real da Dinamarca.
S. A. o principe conde d'Eu.
S. A. o principe duque de Saxe.

Nacionaes

1838

1 Dr. Felizardo Pinheiro de Campos............	Effectivo.
2 Conselheiro João Manuel Pereira da Silva.....	»

1839

3 Conselheiro João Lopes da Silva Couto........	Correspondente.
4 Conde de Baependy..........................	»
5 Dr. Francisco José Ferreira Baptista..........	»
6 Antonio Alvares Pereira Coruja................	Effectivo.

1840

7 Barão de Lavradio..........................	Correspondente.

8 Conselheiro João da Silva Carrão.............. Correspondente.
9 Conselheiro João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú.. »
10 Conselheiro Filippe Lopes Netto............... »

1841

11 Conselheiro D. Francisco Balthazar da Silveira. Effectivo.
12 Barão de Penedo.............................. Correspondente.
13 Joaquim Norberto de Souza Silva.............. Honorario.
14 Visconde de Barbacena........................ Correspondente.
15 Barão de Nogueira da Gama.................... »

1843

16 Dr. José Jansen do Paço...................... Correspondente.

1845

17 Conselheiro João José Ferreira d'Aguiar........ Correspondente.
18 Desembargador Quintiliano José da Silva...... »
19 Dr. José Joaquim Rodrigues.................... »
20 Dr. Maximiano Marques de Carvalho........... Effectivo.
21 Senador Alvaro Barbalho Uchôa Cavalcanti.... Correspondente.
22 Barão de Souza Queiroz....................... »
23 Desembargador João José de Almeida Couto... »
24 Barão de Cotegipe............................ »
25 Senador Joaquim Antão Fernandes Leão...... »
26 Dr. Joaquim Vieira da Cunha.................. »
27 Dr. José de Barros Pimentel.................. »
28 Conselheiro José Tavares Bastos.............. »
29 José Pedro da Silva.......................... »
30 Conselheiro Luiz Antonio Barbosa de Almeida. »
31 Conselheiro Visconde de Valdetaro............ »
32 Manuel Soares da Silva Bezerra............... »

1846

33 Desembargador Luiz Fortunato de Brito Abreu Souza Menezes............................ Correspondente.
34 Barão de São-Felix........................... »

1847

35 Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan... Effectivo.
36 José Joaquim da Gama Silva.................. Correspondente.
37 Francisco José Borges........................ Effectivo.

38 Dr. Francisco Xavier Muniz........................ Correspondente.
39 Dr. Demetrio Cyriaco Tourinho............... »
40 Barão de Macahúbas.............................. »
41 Dr. Ricardo Gumbleton Daunt................ »

1848

42 Visconde de Souza Fontes........................ Effectivo.
43 Barão de Capanema................................ »

1851

44 Angelo Thomaz do Amaral...................... Correspondente.

1853

45 Dr. Sebastião Ferreira Soares................ Effectivo.
46 Conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja.. Correspondente.

1855

47 Monsenhor Joaquim Pinto de Campos......... Correspondente.

1856

48 Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.. Effectivo.
49 Visconde de Mauá................................. Honorario.
50 Conselheiro Tito Franco de Almeida.......... Correspondente.

1859

51 Barão Homem de Mello.......................... Honorario.

1860

52 Dr. Ernesto Ferreira França.................... Correspondente.

1861

53 Conselheiro Antonio Joaquim Ribas........... Correspondente.

1862

54 Conego João Pedro Gay........................ Correspondente.
55 Major João Brigido dos Santos................ »
56 Barão do Ladario.............................. Effectivo.
57 Dr. Manuel Duarte Moreira de Azevedo........ »
58 Dr. José Vieira Couto de Magalhães........... »

1863

59 Senador Luiz Antonio Vieira da Silva......... Correspondente.

1865

60 Dr. Cesàr Augusto Marques.................... Effectivo.
61 Dr. José de Saldanha da Gama................ »

1866

62 Conselheiro João Ribeiro de Almeida......... Effectivo.
63 Dr. Domingos Antonio Rayol (Barão de Guajará). Correspondente

1867

64 Conselheiro José Maria da Silva Paranhos.... Effectivo.
65 Conselheiro Epifanio Candido de Souza Pitanga.................................... Correspondente.

1868

66 Dr. Luiz Francisco da Veiga.................. Effectivo.

1869

67 Senador Alfredo d'Escragnolle Taunay......... Effectivo.

1870

68 Dr. Joaquim Pires Machado Portella........... Effectivo.
69 Conselheiro Tristão de Alencar Araripe........ »

1871

70 Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.................................... Effectivo.
71 Dr. Ladislau de Sousa Mello Netto............ »
72 Monsenhor Dr. Manuel da Costa Honorato.... »

1872.

73 Dr. Eduardo José de Moraes.................. Correspondente.
74 Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão........ Effectivo.

1874

75 Conselheiro Nicolau Joaquim Moreira......... Effectivo.
76 Antonio Manuel Gonçalves Tocantins......... Correspondente.

1875

77 Dr. Rozendo Muniz Barreto.................. Effectivo.
78 Conselheiro João Wilkens de Mattos.......... »
79 José de Vasconcellos......................... Correspondente.

1876

80 Senador Joaquim Floriano de Godoy.......... Correspondente.
81 João Barbosa Rodrigues....................... Effectivo.
82 Luiz da França Almeida Sá.................. Correspondente.

1877

83 Domingos Soares Ferreira Penna............. Correspondente.
84 Dr. Americo Braziliense de Almeida Mello..... »

1878

85 Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro.... Correspondente.

1880

86 Dr. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo.... Correspondente.
87 Dr. Augusto Fausto de Souza.................. Effectivo.
88 Bernardo Saturnino da Veiga .... Correspondente.
89 Dr. João Franklin da Silveira Tavora......... Effectivo.
90 Dr. João Severiano da Fonseca................. »
91 Dr. Alfredo Piragibe.......................... Correspondente.

1882

92 Barão de Teffé................................ Correspondente.
93 1º Tenente Francisco Calheiros da Graça...... »
94 Capitão de Fragata José Candido Guilhobel.... »
95 Dr. José Alexandre Teixeira de Mello......... »

1883

96 Commendador Antonio José Victorino de Barros ... Correspondente.
97 Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake... »
98 Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho.. »
99 Dr. Francisco de Paula Toledo... »
100 1º Tenente José Egydio Garcez Palha... »
101 Capitão Tenente Manuel Pinto Bravo... »
102 2º Tenente Pedro Paulino da Fonseca... »

1885

103 Cons. José Antonio de Azevedo Castro... Correspondente.
104 Dr. Francisco Ignacio Ferreira... »
105 Henrique Raffard... »
106 Dr. Frederico José de Sant'Anna Nery... »

1886

107 Senador Manoel Francisco Corrêa... Correspondente.
108 Barão de Ourêm... »
109 Dr. José Hygino Duarte Pereira... »
110 Ten.-Cor. Francisco Antonio Pimenta Bueno.. »
111 Francisco Augusto Pereira da Costa... »
112 Tenente Coronel Albino Borges de Sampaio... »

Estrangeiros *

1839

1 João Ferdinand Denis... Honorario.
2 Principe de Cariati... »
3 Principe de Scilla... »
4 D. Carlos Zuchi... Correspondente.
5 D. Manuel Salas Corvaland... »
6 Sabino Bertholet... »
7 João Water House... »
8 Arthur Brooke... Honorario.
9 Barão de Maltitz... »
10 Barão Gore Ouseley... »
11 Jared Sparks... »
12 William Ouseley... »

1840

13 Pedro Victor Larée... Correspondente.
14 William Smith... »
15 Julio Victor Armand Hain... »

---

* A falta de noticia a respeito do fallecimento de socios residentes fóra do Brazil dá occasião a serem incluidos talvez nesta relação alguns socios já finados. Solicitam-se, porém, informações pelas quaes esta lista seja rectificada para o futuro.

16 Guilherme Hunter	Correspondente.
17 José Barandier	»
18 D. Manuel de Sarratéa	Honorario.

1841

19 Roberto Schomburgh	Correspondente.
20 Woodbine Parish	»
21 William Burchell	»
22 D. Mariano Eduardo de Rivera	»
23 Dr. Marion de Procé	»
24 Pedro José Mesnard	»
25 Hamilton Hamilton	Honorario.
26 D. Ambrosio Campadonico	»

1842

27 D. Filippe Rizzi	Honorario.
28 D. Agatino Longo	»
29 Virgilio von Helmereichen	»

1843

30 Principe de Committini	Honorario.
31 Nicolau de Santo Angelo	»
32 Commendador Ferri	Correspondente.
33 Filippe Victor Touchard	»
34 Samuel Dutot	»
35 D. Ferdinando de Lucca	Honorario.
36 D. Giuseppe Ceva Grimaldi (marquez)	»
37 D. Francisco Maria Avelino	Correspondente.
38 D. Felix Santo Angelo	»
39 D. Girolamo Perozzi	»
40 D. Francisco Cervelleri	»
41 D. Giacomo Castrucci	»
42 D. Paolo Anania de Lucca	»
43 D. Rafael Zarienga	»
44 D. Giovani Semmola	»
45 Duque di Serra di Falco	»
46 D. Luigi Rizzi	»
47 D. Vicenzo Stellati	»
48 D. Luigi Sementini	»
49 D. Isaac G. Strain	»
50 D. Pascuali Pacini	»
51 D. Pascuali Stanislau Mancini	»

1844

52 Mage	Correspondente.
53 D. Vicente Rocafuerte	»
54 D. Thomaz C. de Mosquera	Honorario.
55 José Antonio Pardo	Correspondente.

1845

56 Alfredo Demersay	Correspondente.
57 Francis Markoe Junior	»
58 D. José Vargas	Honorario.
59 Marquez de Penafiel	Correspondente.

1846

60 João Russell Bartlett	Correspondente.
61 Alberto Gallatin	Honorario.
62 Roberto Greenham	Correspondente.
63 C. Wiet	»
64 B. M. Norman	»
65 Alexandre W. Bradford	»
66 Samuel Jorge Morton	»
67 William B. Hodgson	»
68 D. Vicenzo Martillaro (marquez de Villarena)	»

1847

69 Cicarelli	Correspondente.
70 D. Ulrico Valia	»
71 D. Antonio Ramon de Vargas	»

1848

72 D. Andrés Lamas	Correspondente.

1853

73 D. Domingo Francisco Sarmiento	Correspondente.

1859

74 Ceroni	Correspondente.

1860

75 Conselheiro Jorge Cesar de Figanière	Correspondente.

1862

76 James C. Fletcher	Correspondente.

1863

77 Frederico Francisco (Visconde de Figanière)	Correspondente.

1864

78 Jorge Martinho Thomaz........................ Correspondente.
79 Jorge Bancroft................................ Honorario.

1866

80 Emmanuel Liais................................ Correspondente.

1868

81 Vivien de Saint Martin........................ Correspondente.
82 Henrique Schutel Ambauer...................... »

1869

83 D. José Rosendo Gutierres..................... Correspondente.

1870

84 Dr. D. Domingo Santa Maria.................... Correspondente.
85 Cesar Cantu................................... »

1871

86 D. Bartolomeu Mitre........................... Honorario.
87 Augusto Carlos Teixeira de Aragão............. Correspondente.
88 José Victorino Lastarria...................... »
89 Miguel Luiz Amunategui........................ »
90 Diogo Barros Arana............................ »
91 Benjamim Vicûna Makena........................ »

1877

92 Conselheiro José Maria Latino Coelho.......... Correspondente.

1880

93 Visconde de Wildick........................... Effectivo.
94 Francisco Gomes de Amorim..................... Correspondente.

1881

95 Major Alexandre de Serpa Pinto................ Honorario.

1882

96	Alexandre Baguet	Correspondente.
97	D. Antonio da Costa	»
98	José Silvestre Ribeiro	»
99	Paulo Gaffarel	»

1883

100	Dr. Estanislau S. Zeballos	Correspondente.
101	Dr. D. Vicente G. Quesada	»

1885

102	Cons. Antonio José Viale	Correspondente.
103	Pedro Wenceslau de Brito Aranha	»
104	Cons. Manuel Pinheiro Chagas	»

MESA ADMINISTRATIVA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

EM 1887

PRESIDENTE

Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

1º VICE-PRESIDENTE

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

2º VICE-PRESIDENTE

Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.

3º VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.

1º SECRETARIO

Dr. João Franklin da Silveira Tavora.

2º SECRETARIO

Tenente-Coronel Augusto Fausto de Souza.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. João Severiano da Fonseca.
Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.

ORADOR

Senador Alfredo de Escragnolle Taunay.

THEZOUREIRO

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Maximiano Marques de Carvalho.
Dr. João Severiano da Fonseca.
Dr. Francisco Ignacio Ferroira.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. João Franklin da Silveira Tavora.
Tenente-Coronel Augusto Fausto de Souza.
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.
Dr. Alfredo Piragibe.
Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DA DE TRABALHOS HISTORICOS

Visconde de Souza Fontes.
Dr. Cesar Augusto Marques.
Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Manuel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.
Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.

COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Barão de Teffé.
Capitão de Fragata José Candido Guilhobel.
Capitão-Tenente Manuel Pinto Bravo.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DA DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

1º Tenente José Egydio Garcez Palha.
Monsenhor Dr. Manuel da Costa Honorato.
Capitão Tenente Francisco Calheiros da Graça.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA ETHNOGRAPHIA E LINGUA DOS INDIGENAS

Dr. Ladislau de Souza Mello Netto.
Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.
Barão de Capanema.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Senador Alfredo de Escragnolle Taunay.
Senador Manuel Francisco Correia.
Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

COMMISSÃO DE PESQUISA DE MANUSCRIPTOS E DOCUMENTOS

Henrique Raffard.
Pedro Paulino da Fonseca.
Dr. Felizardo Fernandes Pinheiro.

O tomo Cincoenta da Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

Com o presente fasciculo entra no quinquagesimo tomo a *Revista Trimensal.*

Começou o Instituto em 21 de Outubro de 1838, por iniciativa particular de dous homens de superior intuição— o marechal Raymundo José da Cunha Mattos e o conego Januario da Cunha Barbosa.

Dando noticia da fundação da nova sociedade, publicou o *Jornal do Commercio* dous dias depois, entre outras as seguintes linhas:

« Esta nova instituição, analoga a outra que, com igual nome, e com os mesmos fins, ha poucos annos foi creada na França onde vai produzindo os mais bellos resultados, tem por fito promover e aperfeiçoar os estudos historicos, colher todos os materiaes que podem servir para illustrar os pontos obscuros, duvidosos ou confusos da historia, principalmente da do Brazil, encher as lacunas que nella haja, justificar ou desmentir as tradições, julgar as opiniões dos autores, cotejal-as com os factos verdadeiros, apurando e averiguando estes por indagações, pelo exame e pela critica ; dissipar o erro e fazer apparecer a verdade em toda a sua pureza e esplendor. Ella vae espalhar sobre o nosso passado uma luz viva, fazer com que as lições delle baseadas na realidade, nos sejam verdadeiramente uteis e nunca possam illudir-nos. Sua fundação deve necessariamente concorrer para despertar, entreter e conservar o culto da sã litteratura, da sciencia dos factos, mestra dos

homens e das nações. Por ella o dia 21 do corrente vae marcar na historia do Brazil uma grande época, após a qual prolongará uma idade de nova illustração, uma serie de bellas conquistas para a sciencia, e de ricos tropheos para a verdade ».

Esta foi a voz da imprensa, saudando aquelle elevado commettimento; mas não foi só a imprensa que assim revelou a sua fé nos resultados delle. Do governo, pelo orgão do Ministro do Imperio conselheiro Francisco de Paula de Almeida e Albuquerque, como attesta o relatorio apresentado á Assembléa Geral na sessão ordinaria de 1839, mereceu esta menção:

« Uma associação de litteratos, debaixo do titulo de — « Instituto Historico e Geographico Brazileiro » — se installou nesta capital: ella póde prestar relevantes serviços, não só diffundindo o amor ás sciencias, como tambem corrigindo innumeraveis erros, que a respeito do Brazil publicam na Europa escriptores mal informados, ou desaffectos, e averiguando muitos pontos historicos e geographicos que convem dilucidar no interesse da Administração e da Diplomacia. »

Não se mostrou indifferente o Corpo Legislativo, antes seguindo a mesma direcção que o patriotismo apontára ao governo e á imprensa, votou naquella sessão, para occorrer ás despezas da sociedade, pequeno subsidio, que posteriormente augmentou, e tem mantido sem interrupção.

O marechal Cunha Mattos não chegou a ver sinão os primeiros signaes de vida da sua obra. Falleceu poucos mezes depois da fundação do Instituto. O 1º numero da *Revista* já trouxe a sua necrologia.

Mais favorecido que o denodado companheiro, o conego Januario da Cunha Barboza teve occasião e a dita de guiar com as suas luzes, por espaço de oito annos, a tenra producção que, comquanto afagada pelo meio litterario daquelle tempo, innegavelmente mais fortificante posto que menos illuminado do que o actual, ainda não adquirira toda a sua musculatura e robustez.

A morte de Cunha Barboza trouxe precoce e enervador desanimo ao Instituto.

Até aquelle momento chegára a vibração da iniciativa individual. Dalli por diante a acção impulsiva começou rapidamente a diminuir, e a nova associação que a essa força devia o seu crescimento, teria inevitavelmente cahido no torpor da morte, si força muito mais intensa — a augusta presença de S. M. O Imperador— a não tivesse sustido.

Entrou então o Instituto em nova existencia.

A sessão ordinaria, celebrada em 15 de Dezembro de 1849, primeira a que assistio S. M. O Imperador, sahindo dos estylos triviaes, teve as proporções de um grandioso acontecimento, o que bem se comprehende quando se considera que S. M. apparecia pela primeira vez no seio de uma sociedade particular, para entrar com os socios em intimas relações de confraternidade litteraria, deixando, por assim dizer, á porta do salão as regias etiquetas, e trazendo para o recinto o já avultado thesouro das suas luzes, e a attracção do seu juvenil enthusiasmo.

Por esse tempo S. M. já fizera ao Instituto, como seu protector desde 1839, varias mercês; entre outras, a de mandar entregar-lhe convenientemente apparelhada e alfaiada uma sala no paço imperial para as sessões ordinarias, a bibliotheca e o archivo (1840), e a de designar-lhe outra sala para as sessões magnas (1847); mas nenhuma das referidas mercês fôra, não sem razão, considerada de tão grande alcance, como a do comparecimento de S. M. ás sessões ordinarias.

O Presidente do Instituto, então conselheiro Candido José de Araujo Vianna, depois Marquez de Sapucahy, manifestou o geral conceito, dizendo no seu discurso estas palavras:

« Muitos são os beneficios que da liberal mão de V. M. Imperial tem recebido o Instituto; e todos de subido quilate: mas o que V. M. Imperial acaba de outorgar-lhe, é, no meu conceito, de um alcance extensissimo a prol dos estudos historicos e geographicos, e a prol talvez dos de toda a litteratura brazileira, que o Instituto poderá abranger um dia, alargando no futuro o circulo de suas investigações. »

S. M. dignou-se de responder com expressões animadoras e honrosas, entre as quaes se distinguem estas:

« Sem duvida, senhores, que a vossa publicação trimensal tem prestado valiosos serviços, mostrando ao velho mundo o apreço que tambem no novo merecem as applicações da intelligencia; mas para que esse alvo se attinja perfeitamente, é de mister que não só reunaes os trabalhos das gerações passadas, ao que vos tendes dedicado quasi que unicamente, como tambem, pelos vossos proprios, torneis aquella a que pertenço digna realmente dos elogios da posteridade.

« Congratulando-me desde já comvosco pelas felizes consequencias do empenho, que contrahis, reunindo-vos em meu palacio, recommendo ao vosso presidente que me informe sempre da marcha das commissões, assim como me apresente, quando lhe ordenar, uma lista, que espero será a geral, dos socios que bem cumprem com os seus deveres ».

Não podia abrir-se sob melhores auspicios a nova éra do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

No seio delle começaram a germinar as mais fecundas sementes de nossa historia, de nossa litteratura, e até de nossa diplomacia.

A sociedade, a cuja frente se achava um Principe patriota, illustrado, e cheio de fé no futuro de sua Nação, ganhando magestoso realce e attrahindo para o seu gremio a fina flor dos nossos litteratos, não concorreu pouco talvez para que Baena, Fernandes Gama e Abreu e Lima produzissem os seus livros ainda pouco polidos, sobre a nossa historia geral e provincial; Pereira da Silva, membro dessa sociedade, escrevesse o *Plutarco Brazileiro*, os *Varões Illustres* e a *Historia da Fundação do Imperio*; Varnhagen a *Historia Geral do Brazil*, Magalhães a *Memoria Historica do Maranhão*; Vieira da Silva a *Historia da Independencia do Maranhão*; Gonçalves Dias *O Brazil e a Oceania*; Joaquim Caetano *O Brazil e o Oyapock*; enfim Candido Mendes, Macedo, Porto-Alegre, J. Norberto, Raiol, Alencastre, Couto de Magalhães, Machado de Oliveira e muitos outros compatriotas, filhos, por assim dizer, da convivencia ou do estimulo do

Instituto Historico, realisassem tantos e tão importantes trabalhos que em sua maior parte enriquecem a *Revista Trimensal*, já relativos á historia e á litteratura, já relativos á colonisação, á navegação, limites, usos e costumes selvagens, já relativos a questões sociaes, como a escravidão, a agricultura e outras, formando da *Revista*, por esta multiplicidade de estudos, uma quasi encyclopedia. Quem a compulsar, ha de reconhecer que não ha favor neste conceito.

Póde-se affirmar que, com raras excepções, os vultos mais brilhantes do nosso parlamento, os mais habeis administradores, os magistrados mais afamados e veneraveis, os escriptores mais inspirados com que se honram os annaes brazileiros, têm os seus nomes nos registos do Instituto, e, ou sahiram do seu seio, ou nelle vieram receber a solemne iniciação da posteridade.

Poderiamos citar uma centena destes nomes; mas basta apontar alguns, e escolhemos, para não tratarmos sinão dos que já não existem, Visconde de S. Leopoldo, Marquez de Sapucahy, Visconde de Itaborahy, Marquez de Olinda, Conde de Santa-Cruz, Senador Vergueiro, Martim Francisco, Antonio Carlos, Euzebio, Visconde do Uruguay, Marquez de Paraná, Visconde de Rio Branco e Visconde de Bom-Retiro.

E quantos estrangeiros de remontada fama não vieram entrelaçar os seus nomes com os desses brazileiros illustres desde Roberto Southey, Martius, Navarrete, Fr. Francisco de S. Luiz, Chateaubriand, Debret, Saint-Hilaire, Humboldt, Lamartine, até Agassiz, A. Herculano, Guizot, Thiers?

Assignalar estes factos quando a *Revista* completa cincoenta annos, pareceu-nos justa e merecida homenagem á memoria dos fundadores do Instituto, e aos que, consubstanciados com elles no mesmo patriotismo, vieram acompanhando e mantendo esta existencia, hoje semisecular, mas ainda joven e forte para proseguir as suas lutas.

FRANKLIN TAVORA

1º Secretario do Instituto e
Director da Revista.

e commentada a noticia do nosso triumpho ; são outros tantos motivos que explicam e justificam o interesse com que sempre é tratado esse capitulo da terrivel campanha de cinco annos.

Alguma cousa já se escreveu a tal respeito ; entretanto, não erra quem affirmar que ainda está por narrar a historia fiel desse periodo. O que está publicado, na imprensa diaria ou nos livros, resente-se muito da proximidade dos acontecimentos ; fallavam então muito alto as impressões partidarias, as sympathias e as antipathias, os despeitos e as susceptibilidades offendidas ; resultando dahi que, as apreciações e juizos, mesmo das pessoas mais sensatas e imparciaes, são muitas vezes erradas, pois que tiveram por base informações traidoras, de fontes suspeitas ou fornecidas por correspondentes pouco escrupulosos, que não trepidaram em adulterar ou mesmo em inventar as suas noticias.

Agora que tem decorrido mais de 20 annos depois desses successos; agora que os espiritos, mais apaziguados, estão livres das influencias perturbadoras do momento ; em que pela acção do tempo, a reflexão calma e desapaixonada póde explicar factos d'antes obscuros, mais facil será a realisação da tarefa, para quem tentar emprehendel-a. Por muito tempo affagamos esse projecto, e para sua execução fômos tomando nota de acontecimentos de que eramos testemunha ocular, reunindo todos os documentos que poderiam justificar nossas opiniões e procurando esclarecer tudo o que parecia pouco intelligivel ; convencido hoje da impossibilidade, por motivos de interesse particular, de fazer um trabalho completo, nos resolvemos a apresentar, não a chronica completa da invasão desde os primeiros successos que lhe serviram de prologo, mas sómente a narração singela do cerco da Uruguayana, periodo curto mas importantissimo, por encerrar lições e originar reflexões do maior valor, tanto politico como historico.

O periodo de que nos vamos occupar com mais minuciosidade é o que decorreu de 21 de Agosto ao fim de Setembro de 1865.

ITINERARIO DA INVASÃO
DO
RIO GRANDE DO SUL
EM 10 DE JUNHO A 5 DE AGOSTO
1865
Marcha da columna Paraguaya
„ da Brigada do Coronel Fernandes Lima
„ da Divisão do General Canabarro
S. Thomé
R. Camacuam
S. Borja
Escobar
Rio Botuhy
Estancia de S. Donato
Cruz
Itaquy
R. Aguapey
Rio Uruguay
Rio Ibicuhy
Passo do Silvestre
Passo Sta Maria
Antigo povo de Japeju
Rio Toropasso
Passo Real
Restauracion
Uruguayana
Estrada para Alegrete

As tropas brazileiras estavam então acampadas na costa desse formoso rio immortalisado por José Basilio da Gama ; desse rio designado apropriadamente como o *Rheno sul-americano*, pela identidade de condições em que, relativamente ao Brazil e seus vizinhos, se acha o Rheno da Europa Central.

A invasão se realisàra no dia 10 de Junho. Um exercito paraguayo forte de 10 a 12 mil homens reunido em S. Thomé sob as ordens do Coronel Antonio Estigarribia, Ajudante de campo do Dictador, se fraccionára em duas columnas, e emquanto uma descia pela margem direita do Uruguay, commandada pelo Major Pedro Duarte, a outra columna mais numerosa e tendo á sua frente o proprio Estigarribia, atravessa o rio em um ponto abaixo da nossa villa de S. Borja.* Um padre sanguinario, Estevão Duarte, parente e espião do Dictador, acompanhava esta columna na qualidade de mentor e fiscal dos actos do Commandante, e com elle alguns Orientaes, chefes do vencido partido *blanco*, inimigos figadaes do Brasil que haviam fugido para o Paraguay, depois da tomada de Paysandú e do convenio de Montevidéo, em Fevereiro desse anno.

Tendo experimentado insignificante resistencia em S. Borja, na qual não ousaram entrar senão decorridos dous dias depois da passagem, saqueada a povoação e as estancias proximas, no que gastaram alguns dias, seguiram vagarosamente os Paraguayos no rumo do sul, apossando-se de tudo o que encontravam e destruindo o que não podiam conduzir ou enviar em suas canoas para a columna da margem opposta, conforme lhes fôra ordenado pelo Dictador Lopez (*Vide* doc. n. 1) ; a 7 de Julho entraram na villa de Itaquy, que tambem saquearam com todo o vagar; em os dias 18 a 23 vadearam o rio Ibicuhy; a 2 de Agosto o Toropasso em uma ponte de pedra que improvisaram ; a 4 o arroyo Imbahá ; e finalmente a 5 assenhorearam-se da cidade da Uruguayana, sem que durante a longa marcha fôssem detidos por obstaculo algum; pois que o unico combate em que empenhou-se uma parte da columna, nos banhados de Botuhy, a 26 de Junho,

* Emquanto o grosso da columna passava abaixo de S. Borja, um batalhão de infantaria e um regimento de cavallaria, effectuava igual operação em outro passo acima da villa.

apenas lhe fez perder 300 homens e 2 bandeiras, mas em nada alterou a sua marcha devastadora. (*Vide* o desenho junto). Na Uruguayana encontraram as casas vasias de habitantes (com excepção de algumas familias estrangeiras que nellas se deixaram ficar), mas tanto as lojas, armazens, depositos do commercio, como a mesma alfandega abundantemente provida de viveres; e ahi se installaram commodamente, emquanto consumiam e abasteciam de generos a columna de Pedro Duarte, como haviam praticado em S. Borja e Itaquy. Desta vez, porém, causava-lhes inquietação a posição assumida pelas forças brazileiras que, tendo-os acompanhado até então, sem tentarem combate mesmo em pontos muito favoraveis, como nas passagens dos rios caudalosos, agora manifestavam intenções hostís, acampando na sua frente e flanco, como se estivessem dispostas a impedir o proseguimento de suas operações. Mas, emquanto fôsse possivel communicarem-se as duas columnas, por meio das chalanas e canoas que as seguiam descendo o Uruguay, o futuro não os atemorisava, pois que em ultimo caso, reunidas as duas, apresentariam uma força respeitavel das tres armas, o que lhes permittiria avançar, até poderem ser auxiliados pelos blancos do Estado Oriental e pelos urquisistas de Entre-Rios, com os quaes contavam.*

Em pouco tempo começaram a esvaecer-se essas illusões. Um velho vapor de reboques, o *Uruguay*, dirigido pelo Tenente Floriano Peixoto e tripulado por soldados, conseguia dispersar, metter a pique e aprisionar as suas chalanas, cortando assim a communicação entre as duas forças; e logo após, a 17, ou 12 dias depois da occupação da cidade, a columna de Pedro Duarte era desbaratada completamente, junto ao arroyo Jatay, pela vanguarda do exercito alliado commandada pelo General D. Venancio Flores, ao qual se unira a divisão argentina do General D. Wencesláo Paunero, que se retirara de Corrientes, ameaçada pelo exercito paraguayo do General Robles.

---

* *Schneider.*—A guerra da triplice alliança,—tomo I, pag. 200, diz o seguinte: Pelas declarações que a algumas pessoas de S. Borja fizeram os chefes Paraguayos, soube-se que elles esperavam com certeza vêr ao seu lado o General Urquiza, o qual se devia declarar pelo Paraguay, quando Estigarribia chegasse a um ponto convencionado entre os dous.

Calculando Flores que a victoria de Jatay devia ser um golpe funesto para a columna inimiga da margem esquerda do Uruguay, antes de passar para lá as suas tropas (para o que aliás não dispunha de meios) enviou a Estigarribia, por um official paraguayo prisioneiro, uma intimação para que se rendesse, assegurando a esse chefe que trataria como amigos, a elle e ás tropas sob seu mando. A essa intimação juntaram outras os Generaes brazileiros João Frederico Caldwell e David Canabarro, e a todas o chefe Paraguayo respondeu negativamente e com altivez. (*Vide* documentos 2 a 7).

Não obstante o arreganho dessa resposta, o Coronel Estigarribia expedio nesse mesmo dia um proprio ao dictador Lopez pedindo reforços, impossibilitado como se achava de proseguir em sua marcha, como reconhecêra na vespera, em que fôra rechassada para dentro da praça a vanguarda da columna que se aprestava para avançar. Desconfiavam agora os chefes Paraguayos que, os batalhões brazileiros quando escoltavam sem pelejar, o exercito audaz que affrontava o territorio de sua patria, não procederam assim por fraqueza ou falta de vontade de o destruir, mas obedeciam a ordens do seu General Canabarro, não comprehendendo comtudo, se taes ordens procediam de falta de decisão do general brazileiro, ou se este realizava uma idéa, em virtude da qual, auxiliado inconscientemente pelos invasores, achavam-se estes presentemente encurralados na cidade, bem vigiados e com poucas probabilidades de se escaparem. Com effeito, na sua frente, junto ao arroyo Itapitocay, acampava a divisão de cavallaria do Barão de Jacuhy ; no seu flanco esquerdo e retaguarda estendia-se a divisão do General Canabarro ; e no dia 21, no momento em que assumira o commando geral o Barão de Porto-Alegre que chegára na vespera ao anoitecer, surgia tambem rio acima uma esquadrilha composta dos vapores *Taquary* e *Tramandahy* rebocando duas chatas armadas, a qual sob as ordens do Capitão de fragata Victorio José Barbosa da Lomba, fôra enviada depois de uma conferencia dos Generaes alliados na Concordia, logo que ahi se soube da invasão e marcha do inimigo em direcção ao sul.

Conduzia a esquadrilha alguns officiaes engenheiros

com 45 soldados, a companhia de Zuavos bahianos e muitas munições de guerra; seu fim era reforçar a guarnição da cidade e fortifical-a, obstando a que della se apossassem os Paraguayos; a demora, porém, de quasi mez e meio em que esteve ancorada em frente ao Salto, á espera da subida das aguas do Uruguay, burlou o plano, de modo que só a 17 de Agosto poude a expedição seguir rio-acima, vindo chegar quando, ha muitos dias fluctuava na Uruguayana a bandeira Paraguaya. A' vista desta circumstancia, os dous officiaes engenheiros (Tenentes Luiz Vieira Ferreira e Augusto Fausto de Souza) sabendo da chegada do General-Barão de Porto-Alegre, foram-se-lhe apresentar e por ordem deste desembarcou a pequena força de desembarque para prestar seus serviços nas operações do sitio, visto não terem ainda chegado os officiaes que deviam constituir a commissão de engenheiros, sob a direcção do Major Rufino Enéas Gustavo Galvão.

Como precioso e opportunissimo auxilio foi recebida a pequena força naval, porquanto apparecia a tempo de transportar para o nosso lado as tropas de Flores e Paunero; e ainda mais, vinha completar o cêrco, tornando impossivel ao inimigo toda a communicação pelo rio; e por consequencia, tirando-lhe toda a esperança de receber soccorros ou ordens procedentes de Assumpção.

Começando o transporte das tropas alliadas no dia 22, no dia 25 achavam-se todas na margem esquerda, á excepção da cavallaria que ficou de observação na outra margem e incumbida de estender suas explorações pelo territorio Correntino.

Seis dias depois, tendo chegado o almirante Visconde de Tamandaré no vapor *Onze de Junho*, os Generaes reunidos em conferencia no dia 2 de Setembro, movidos pelo desejo de evitarem o derramamento de sangue e a destruição da nossa cidade, combinaram em dirigir aos sitiados um officio, no qual, ponderando a estreita situação em que se achavam os mesmos sitiados, lhes propunham as bases de um convenio que lhes permittiria renderem-se com todas as honras da guerra. Essa proposta foi na manhã de 3, entregue pelo Coronel Antonio Fernandes Lima junto ás linhas fortificadas ao Major José Lopes, chefe da cavallaria Paraguaya, o qual voltou pouco

depois com a declaração de que o chefe Estigarribia a contestaria no dia seguinte; mas, só no dia 5 foi cumprida a promessa, sendo rejeitadas as bases offerecidas pelo Coronel Paraguayo que, em seguida a longo e arrogante arrazoado, affirmou que, imitando o heroismo de Leonidas no Passo das Thermopylas, *antes morreria pelejando na villa da Uruguayana, do que entregar a sagrada insignia da liberdade de sua nação.* (*Vide* documentos 8 e 9).

Tal resposta devia fazer os alliados renunciarem qualquer idéa de philantropia com inimigos que nenhuma mostraram com as propriedades e vidas de nossos patricios ; e, em consequencia, nesse mesmo dia o Almirante seguio rio-abaixo com o fim de ir buscar alguma infantaria ao exercito do General Manoel Luiz Osorio, que marchava pela margem direita do Uruguay tomando como objectivo a cidade de Corrientes.

Emquanto não regressava o Almirante e se esperavam as munições, fardamento e mantimentos de que tinha grande carencia todo o exercito alliado, apertava-se o sitio, mantendo-se nelle tão rigorosa vigilancia, que qualquer piquete inimigo que tentava sahir das linhas em qualquer direcção, era logo constrangido a recolher-se. Essas tentativas, cada vez mais frequentes, eram motivadas pela necessidade imperiosa de arrebanharem algum boi ou cavallo para carnearem, pois por alguns desertores que vinham ter ás nossas avançadas, bem como por alguns estrangeiros moradores da cidade que estavam sendo expellidos afim de se restringir o numero de bocas, sabia-se que os Paraguayos tendo consumido sem discrição os viveres que haviam encontrado, agora reduziam diariamente suas rações, matavam os bois de suas carretas, os cavallos de suas montarias e tomavam outras providencias extremas, no intuito de conjurarem a fome que, de dia para dia, se tornava mais ameaçadora.

Mas, se a sorte dos inimigos era digna de lastima, a nossa tambem não era risonha ; como o Imperador mexicano Guatimosim sobre os carvões ardentes, tambem podiamos dizer *que não descansavamos em um leito de rosas.* Ao contrario ! eram bem penosos os dias que então passavamos! A estação invernosa, irregularissima, nos dava depois de manhãs de sol abrazador, tardes tempestuosas

seguidas de forte chuva e noites frigidissimas, tornadas mais crueis pelo terrivel minuano que enregelava os corpos, a ponto de pôr em risco a vida das desabrigadas sentinellas e vedetas, que por mais de uma vez foram encontradas quasi mortas e tolhidas pelo frio. Faltavam-nos os viveres de toda a especie; commercio nenhum havia, e uma ou ontra carreta de negocio que, ainda receiosa dos paraguayos, se aventurava por aquellas cochilhas e valles, era logo rodeada e exhaurida pelos primeiros que as avistavam e se precaviam comprando o que podiam, apezar da exageração dos preços. Dos campos talados pelo invasor e devastados pela geada, nenhum alimento tiravam os magrissimos bois e cavallos, dos quaes viamos morrer ás centenas, inanidos de fome, cahindo nos arroyos e sangas onde se afogavam, na occasião em que indo beber agua, ficavam presos pelos pés no lodo, sem terem forças para sahir. Officiaes e soldados não possuiam, para resistir ao rigor das intemperies, mais do que a roupa que traziam no corpo, e essa mesma já no fio ou rôta pelas marchas forçadas.

Para cumulo de males, terriveis epidemias surjem a um tempo, de um modo aterrador, enchendo de enfermos os hospitaes e de cadaveres o cemiterio do acampamento; bexigas, croup, dysenterias, sarampos, typhos e perniciosas, se desencadeam, tendo por origem as emanações pestilenciaes do fronteiro campo de batalha de Jatay, onde, como no quadro descripto o seculo passado pelo cantor do *Uruguay*:

> Fumam ainda nas desertas praias
> Lagos de sangue, tepidos e impuros,
> Em que ondeam cadaveres despidos
> Pasto de corvos!

E como se não fôssem bastantes tantos soffrimentos que nos assaltavam, um outro mais importuno e sinistro, começou a inquietar-nos cruelmente o espirito: boatos, de fonte desconhecida mas aterradores, circularam por todo o acampamento, tendendo a aniquilar o enthusiasmo, que apezar de tudo, nos embalava com a esperança de vencermos com gloria o inimigo que tinhamos na frente.

Dizia-se á meia voz, mas com desesperadora insistencia, que séria divergencia lavrava entre os Generaes, a proposito de qual delles commandaria em chefe o exercito alliado, acampado no nosso territorio!

A ser isso verdade, duas consequencias deploraveis eram de temer: a procrastinação do sitio com todas as suas angustias, e o receio de um desfecho pouco honroso para a nossa bandeira. Além disso, a rivalidade que se revelava podia repercutir, no exercito do general Osorio, e que influencia fatal dahi poderia provir para a triplice alliança!!

Que valor se devia ligar a taes boatos? Em que se poderiam basear as pretenções do candidato ou candidatos ao commando geral?

Ninguem sabia ao certo; mas as versões que pareciam ser mais fundadas eram as seguintes: 1.ª Que o general Flores no dia 25 de Agosto, quando as suas tropas acamparam no territorio brazileiro, publicára uma Ordem do Dia saudando seus soldados como *os vencedores da Uruguayana* (*Vide* doc. 10), o que fôra mal visto pelos nossos generaes. 2.ª Que a 2 de Setembro, quando se redigia a proposta de convenio aos sitiados, houvera forte discussão entre os generaes, ouvida por todos os que estavam perto da barraca da conferencia; motivada por ter o general Flores dado uma ordem ao barão de Porto-Alegre, o qual repellindo-a energicamente, apoiado pelo almirante Tamandaré, declararam ambos que, se haviam consentido que elle assignasse a nota em primeiro logar, fôra por pura condescendencia e polidez e não porque lhe reconhecessem gráo algum de proeminencia. 3.ª Que os generaes Flores e Paunero queriam precipitar os acontecimentos, affirmando que elles sós podiam aniquilar Estigarribia, como haviam feito com Duarte em Jatay, chegando Flores a fazer a ameaça de repassar o Uruguay com as suas forças; ao que os nossos generaes, oppondo a conveniencia, muito justificada, de vencer o inimigo sem destruir uma cidade brazileira, responderam aos generaes alliados que *podiam retirar-se, pois chegariam ao desejado resultado sem o auxilio delles.* 4.ª Que não chegando os generaes a accôrdo sobre a interpretação do art. 3° do Tratado da alliança, se combinára consultar a opinião do general

D. Bartholomeu Mitre, que então commandava o exercito alliado em Entre-Rios. 5.ª Que dessa missão se encarregára o almirante Tamandaré, indo ao acampamento do Ayuy-Chico, onde se achava o dito general Mitre. 6.ª Finalmente, começou a circular a noticia de que este general se resolvêra a vir ao nosso exercito, talvez com a idéa de pôr fim á questão, assumindo o commando em chefe. Reaes ou imaginarios, esses boatos inquietadores nos faziam padecer seriamente, tanto mais que sentiamos fitos sobre nós os olhos de toda a nação, exigindo que lavassemos completamente a nodoa que desde 10 de Junho manchava a nossa bandeira. Custava-nos a acreditar em um máo procedimento do general Flores, que tinha ganho a sympathia do nosso exercito pelo seu caracter franco e por sua bravura; e elle por sua parte, não perdia occasião de se mostrar nosso amigo, como ainda o fez com a publicação da sua Ordem do Dia de 6 de Setembro (*Vide* doc. 11), para honrar o anniversario da independencia do Brazil. Da mesma fórma custava-nos a crêr na existencia de um Aviso reservado do ministro da guerra, Angelo Ferraz, opinando em que o commando em chefe competia, não ao barão de Porto-Alegre, mas ao general Mitre.(1)

Que havia fundamento para algumas, ou mesmo para todas essas versões, verificou-se logo no dia 10, quando pela manhã chegavam os dous vapores *Onze de Junho* e *Iniciador*, conduzindo aquelle o almirante Tamandaré com o batalhão 11° de linha, e este o general Mitre com os seus ajudantes de ordens e o batalhão argentino de Santa Fé. A's 8 horas desembarcavam os dous chefes, sendo recebidos pelos generaes barão de Porto-Alegre, Flores e Paunero, que os foram esperar á margem do Uruguay.

Nesse mesmo dia, considerando-se commandante em chefe do exercito alliado, o general Mitre dirigio a Estigarribia um officio em resposta a outro desse chefe, em

(1) Por uma nota do Sr. conselheiro Paranhos Junior á pag. XVII do tomo 1° da *Guerra da Triplice Alliança* de Schneider, soubemos depois que houve com effeito esse Aviso datado de 30 de Junho de 1865, e dirigido ao Presidente da Provincia do Rio-Grande do Sul, documento que se acha publicado á pag. 484 do tomo 4° dos *Apontamentos para o Direito Internacional* do Dr. A. Pereira Pinto.

que recommendava á generosidade dos alliados as familias que iam sahir da praça por falta de viveres; resposta essa desnecessaria, mas que só servia para ostentar o mando supremo, porquanto esse officio já fôra contestado na vespera pelos generaes alliados (*Vide* docs. 12 e 13).

Mal se apeava o nosso general junto á sua barraca, quando, profundamente impressionados, com o facto da chegada do general Mitre, reflectiamos sobre as consequencias gravissimas que dahi provavelmente iriam decorrer, nossa attenção foi vivamente attrahida para dous cavalleiros que á toda brida entravam no acampamento do lado da estrada de Alegrete, procurando o Quartel General Brazileiro.

Todos os acontecimentos, por mais insignificantes que parecessem, tendo então para nós grande importancia, julgue-se da sorpreza que de nós se apossou, quando nos dous cavalleiros reconhecemos o ministro da guerra conselheiro Angelo Ferraz e seu ajudante de ordens major Antonio José do Amaral! sorpreza que subio de ponto quando soubemos que elles eram portadores de uma nova felicissima e do maximo alcance nas condições em que nos achavamos: *O Imperador vinha a marchas forçadas em direcção ao exercito e no dia seguinte, ao romper do dia, estaria no nosso acampamento*!

Momentos depois a Ordem do Dia n. 11 (*Vide* doc. 14) lida perante todos os corpos, tornava official a bemvinda noticia que, já de boca em boca, havia-se propagado com rapidez electrica.

A alegria se denunciava em todos os semblantes; alegria immensa, porque assim que se divulgou a bôa nova, todos, officiaes e soldados, formulavam em suas imaginações, com veloz intuição, as seguintes conclusões: A chegada opportunissima do Imperador, prova subida do seu acrysolado patriotismo e do amor a seus subditos, era tambem para nós a solução do terrivel problema que nos inquietava; o fim das apprehensões e anxiedade em que viviamos; era o prenuncio da harmonia que ia reinar entre os chefes alliados; era a decisão e firmeza nas operações do sitio; era a certeza de um desfecho proximo e honroso; era, em summa, a terminação da

actual phase da guerra e um largo passo para a conclusão da campanha contra o Paraguay.

Assim que raiou o dia 11, os toques de corneta na direcção de léste e o som de 3 tiros de artilharia assignalavam a approximação do Imperador, que dahi a pouco era saudado por uma salva de 21 tiros, cujos estrondos echoando pelas cochilhas e campinas, davam fraco testemunho do jubilo que transbordava de nossos corações.

Adiantaram-se logo para recebel-o o Ministro da Guerra com os nossos generaes Porto-Alegre, Tamandaré e Jacuhy, bem como os tres generaes alliados Mitre. Flôres e Paunero, que lhe apresentaram seus respeitosos comprimentos; e seguindo todos para o Quartel General, assim que ahi chegaram teve lugar a apresentação de toda a officialidade do exercito alliado.

Sua Magestade vinha acompanhado de seus dous genros, Conde d'Eu e Duque de Saxe, e de seus Ajudantes de Campo Marechaes Marquez de Caxias e Cabral, Almirante de Lamare, Cirurgião mór Dr. Meirelles e um piquete de lanceiros. Vestido com o singelo fardamento e chapéo de voluntario da Patria, sem manifestar fadiga pela longa e penosa viagem que acabava de fazer, o Imperador recebia com a sua uzual affabilidade as saudações e homenagens de todos, mostrando prazer em vêl-os, dirigindo a alguns palavras affectuosas e parecendo dizer a todos:

> Vêdes-me aqui, Rei vosso e companheiro,
> Que entre as lanças, e settas e os arnezes
> Dos inimigos corro e vou primeiro; (*)

como outr'ora em Aljubarrota se expressára seu bravo antepassado, o Mestre de Aviz D. João 1°.

Dando clara demonstração do impulso patriotico que ali o conduzira atravez de todas as difficuldades; sem prestar attenção á necessidade de repouso, sem lhe servir de embaraço a tormenta que nessa mesma tarde se desencadeou furioza resolvendo-se em chuva torrencial, de envolta com medonhos trovões e faiscas electricas, o Imperador começou, com admiravel constancia, a preencher

(*) Camões—*Lusiadas* IV est. XXXVIII.

funcções de general activo e soberano extremoso, percorrendo os diversos acampamentos, passando revistas aos corpos, visitando os hospitaes, animando os doentes, indagando de tudo, providenciando sobre os soldos atrazados, fardamentos, ambulancias e outras necessidades (*Vide* doc. 15), fazendo reconhecimentos com os engenheiros ás posições inimigas do lado de terra, e com os vapores da esquadrilha do lado do rio, conferenciando com os Generaes, e nas poucas horas de folga ainda ia assistir aos trabalhos de construcção de cestões e fachinas, executados pelos engenheiros afim de resguardar a guarnição dos nossos canhões no dia do ataque. Depois de um dia tão bem preenchido, recolhia-se a descansar durante a noite, em uma incommoda carretilha de viagem que lhe servia de alojamento.

Por tudo isso o nosso exercito lhe votava o mais profundo amor e gratidão; e esta tocou o seu auge quando tivemos certeza de se haverem realizado as previsões em relação ao Commando em chefe, pois com a sua presença tudo serenára, cessando como por encanto, todas as duvidas, ambições e rivalidades.

Desde as primeiras relações com os Generaes Mitre e Flôres, o Imperador havia conquistado a affeição e a confiança desses prestigiosos chefes; e póde-se dizer que, pelo facto de sua presença no acampamento, tudo ficara estabelecido em relação á posição reciproca dos Generaes das tres nações alliadas. Flores, Paunero e o Barão de Porto-Alegre commandariam as suas respectivas tropas, independentes uns dos outros; cabendo, porém, ao General Brazileiro toda a iniciativa nas operações geraes, visto se acharem em territorio do Imperio e em presença do Soberano, seu mais alto Representante. O General Mitre, sem commando ostensivo, prestaria aos Generaes alliados o precioso auxilio de seus illustrados conselhos, experiencia e reconhecida capacidade. Desta sorte concorriam todos para o desejado fim de aniquilar o inimigo commum, castigando o invasor do nosso territorio, como já haviamos concorrido e iamos concorrer para fazer o mesmo no territorio de nossos alliados. Assim, diante dos muros da Uruguayana, o Imperador do Brazil representava o fecho da abobada, do qual ficava dependente a harmonia e a

estabilidade de todos os outros elementos, que constituiam o edificio da triplice alliança.

Tudo ficou assim regulado, sem discussões nem resentimentos; o General Flores aproveitava todos os ensejos para protestar a sua amisade e veneração ao seu amigo D. Pedro II, de quem se tornou quasi inseparavel; e quanto ao General Mitre, teve logo occasião de dar uma eloquente prova de sua lealdade e criterio, desprezando e deixando sem resposta um capcioso officio que no dia 13 lhe dirigira o Chefe Paraguayo, insinuando-lhe que fizesse alguma proposição razoavel para a entrega da praça sitiada. (*Vide* doc. 16).

Laço de concordia entre todos os Generaes alliados, garantia da união que ia existir durante as operações do sitio, o Imperador attrahiu em poucos dias o respeito e a mais viva sympathia de todos os officiaes e mesmo dos soldados das duas Republicas nossas vizinhas. Elles estavam longe de acreditar naquillo que agora presenciavam, isto é: um poderoso Monarcha, de trato affabilissimo, sem symbolo algum exterior da realeza, mas reinando no coração de seus subditos e entretendo-se com todos elles, Generaes e soldados, fidalgos e plebeus, com a delicada familiaridade de amigo e de pae; espectaculo este tanto mais maravilhoso para elles, por contrastar com a etiqueta e formalidades aristocraticas, exigidas em suas Republicas por mais de um Presidente, Governador ou General.

Eram unanimes e calorosos os louvores entoados por Argentinos e Orientaes, referindo uns aos outros, em uma linguagem cheia de exclamações e adjectivos, muitos actos de beneficencia praticados pelo Imperador, quer durante a viagem, quer depois de chegar ao acampamento, taes como: a dadiva do seu capote a um soldado do piquete, que tremia de frio em S. Gabriel; o cuidado paternal com que acudiu a outro soldado que quebrara uma perna; a caridade com que agazalhou a um criado que, na Cruz-Alta, gemia pela febre,uma madrugada junto á carretilha imperial; o pagamento da divida de uma infeliz viuva, a quem um cruel enteado queria reduzir á miseria; as avultadas quantias distribuidas pelos pobres que a elle recorriam, ou que mandava entregar aos parochos com esse fim;

as visitas aos hospitaes, confortando os enfermos e interessando-se por seu bem estar; e innumeros outros factos que eram longamente commentados e admirados, não tanto pelos nossos, acostumados a essas constantes manifestações de sua piedade, mas pelos Argentinos e Orientaes que não esperavam saber cousas taes de uma testa coroada. Para todos elles, a monarchia, que era synonymo de egoismo e de orgulho, passando agora por extraordinaria transformação, assumia de repente a seus olhos um aspecto sympathico, que alterava em muito as prevenções que votavam a essa fórma de governo. Já comprehendiam como podia ser venturoso um povo governado por um rei virtuoso e justo; e alguns chegaram a ponto de confessar que estavam convencidos dessa verdade. D'entre elles, um distincto official argentino, o joven e bravo Rosetti, que estava fadado a morrer gloriosamente dahi a um anno, nas trincheiras de Curupaity, por mais de uma vez, disse ao autor destas linhas, com o tom da maior sinceridade:

—«Vosso Imperador é um Tito, um José II. Houvesse possibilidade de encontrar na Confederação um outro Pedro II, que a minha espada seria desembainhada pela causa da monarchia.»

A estação continuava tempestuosa; mas, apezar de todos os contratempos, os dias eram occupados com exercicios e manobras, com revistas, inspecções, reconhecimentos, organisação de meios de transporte, recepção e distribuição de fardamento e munições; enfim tudo o que tendia a nos assegurar a victoria.

A tarde de 11 fôra dedicada pelo Imperador a uma visita aos hospitaes das divisões, os quaes se achavam cheios de enfermos; e nesse trajecto, apezar do pessimo tempo, foi percorrido um espaço de tres leguas. O dia seguinte foi todo preenchido na revista aos diversos acampamentos, brazileiros e alliados. O dia 13, não obstante ter amanhecido debaixo de horrivel temporal, foi destinado a uma conferencia de Generaes, presidida pelo Imperador, a bordo do vapor *Onze de Junho*; depois do que, passando todos para bordo do *Taquary*, procedeu-se a um minucioso reconhecimento á praça, do lado do rio, o qual durou mais de duas horas. A 14, os Generaes alliados procederam a outro reconhecimento a léste e sul da cidade; depois delle,

reunidos em conferencia, sob a presidencia do Imperador e tendo presente a planta levantada pelos engenheiros, foram discutidas todas as phases provaveis do ataque e da defesa, assentando-se em um plano, cuja redacção foi incumbida ao General Mitre. Terminada a conferencia, foram todos convidados pelo Imperador para um jantar de campanha, que foi modesto na variedade das iguarias, mas precioso pela cordialidade e harmonia que ahi mais se accentuou.

Incansavel em disciplinar o exercito que lhe estava confiado, o General Barão de Porto-Alegre passou no dia 15 uma rigorosa revista geral em ordem de marcha, que só terminou á tarde: e ao amanhecer do dia seguinte mandou lêr aos corpos uma proclamação (*Vide* doc. n. 17) annunciando que brevemente, em presença do Soberano e dos Principes, tendo por companheiros os valorosos chefes e soldados das nações alliadas, iriamos inflingir aos inimigos o castigo de seus crimes. Essa proclamação, a nomeação do General Caldwell para chefe do Estado-maior e os preparativos que se faziam, indicios de que se approximava o momento tão almejado, encheu a todos de satisfação, acreditando que a marcha contra o inimigo se effectuaria nessa mesma tarde, ou na manhã seguinte. Não foi, porém, assim; duas circumstancias obrigaram a adiar a operação: o General Mitre não tinha ainda apresentado o plano de ataque, de cuja redacção fôra encarregado; e além disso o General Paunero pedira uma demora de um ou dous dias, indispensavel para que as forças sob seu commando se habilitassem a tomar parte na acção.

Ao passo que isso tinha logar do nosso lado, a situação dos paraguayos, como era natural, se tornava mais critica. Esgotados todos os viveres que a principio disperdiçavam, achavam-se reduzidos a apertadissimas rações; já haviam carneado os bois e mulas das carretas, os cavallos dos officiaes e mesmo dos chefes; já haviam expellido, na manhã de 12, as ultimas pessoas que existiam na cidade; e mesmo entre os chefes já se esvaecêra a crença de que o Dictador marchára de Assumpção com 25,000 homens para soccorrel-os. Inteiramente desanimados pelo silencio de Mitre ao officio enviado no dia 13, e reconhecendo-se incapazes de resistir aos poderosos

elementos que contra elles se accumulavam, tomaram a desesperada resolução de fugir pelo rio, favorecidos pela escuridão da noite de 16, empregando para a execução desse plano uma porção de balsas ou jangadas de construcção tosca porém forte, de taboas alcatroadas e forradas de couros, as quaes haviam sido de antemão preparadas e escondidas cuidadosamente das vistas da nossa esquadrilha. Mal, porém, as tinham impellido para a praia e quando as iam pondo a nado, alguns tiros de canhão do *Taquary*, ribombando subitamente na solidão da noite, deram o signal de alerta ao nosso exercito e obrigaram os fugitivos a recolherem-se á praça, burlada a sua insensata empreza.

Na manhã de 17 reuniram-se os Generaes em conselho, sendo-lhes apresentado o plano redigido pelo General Mitre, e sanccionado com a approvação do General em chefe Barão de Porto-Alegre (*Vide* docs. 18 e 19) foram tomadas resoluções finaes, ficando definitivamente assentado que no dia seguinte, 18, se effectuaria o ataque ás posições inimigas. Nesse dia em os tres acampamentos se fizeram os ultimos preparativos para a mobilidade das tropas, reunindo os meios de transporte nos pontos convenientes, completando-se o municiamento dos soldados e designando-se a cada chefe as funcções que lhe competiam; sendo tudo executado com o mais vivo enthusiasmo e bôa vontade.

Raiou finalmente o tão desejado dia! Ao toque de alvorada formou o exercito brazileiro junto do arroyo Imbahá e ás 6 horas moveu-se em direcção á cidade, tendo na sua frente, além do General em chefe Barão de Porto-Alegre, um luzidissimo esquadrão composto do Imperador, o Principe Conde d'Eu, o Ministro dc Guerra, Generaes Caxias, Cabral, Caldwell e Beaurepaire, o Estado maior do commando em chefe e a Commissão de Engenheiros. Chegando á cochilha fronteira á cidade ahi fez alto por algum tempo, esperando que se lhe reunissem as divisões argentina e oriental; e ao approximarem-se estas, os Generaes Mitre e Flores mettendo a galope os seus cavallos, foram ao encontro do Imperador, que, ao mesmo tempo era saudado pelas musicas e bandeiras dos batalhões alliados; depois do que, todo o exercito, forte de 17,038

homens com 46 canhões, avançou para as linhas paraguayas.[1]

O scenario era então esplendido. Ao numeroso grupo que seguia á frente, uniram-se ainda os Generaes alliados com seus Ajudantes de ordens; as differentes columnas rivalisando em disciplina e garbo, marchavam com a correcção de ostentosa parada; multidão de estandartes das tres nações, desfraldadas ao vento, mostravam suas brilhantes côres e franjas de seda e setim;as bandas de musica enchiam os ares de harmonias guerreiras e os corações de ardor musical; a artilharia rodava rapida atravez dos accidentes do terreno, como anciosa de enfrentar com o inimigo;e quando,ao chegar ao dorso da cochilha, se volvia os olhos para esse quadro imponente, illuminado pelos raios de fulgurante sol, como ha muitos dias não esclarecia essas paragens, era intuitiva a convicção em todos de que, a tal exercito não podiam os sitiados resistir, por mais exaltados que estivessem pelo fanatismo do seu Supremo Dictador, ou pelas fanfarronadas de heroismo espartano do seu chefe Estigarribia.

Ainda na vespera, suppunha Mitre que a praça resistiria, por 2 dias, ou 3 quando muito; agora acreditavamos todos que, antes de chegar o sol ao occaso, a victoria seria nossa.

Ao meio-dia as divisões alliadas occupavam as posições indicadas pelo General em chefe, estendendo-se em uma extensa curva diante da cidade: os brazileiros na direita, os argentinos no centro e os orientaes na esquerda, tendo na frente os seus respectivos canhões; a cavallaria brazileira e 10 canhões argentinos formavam uma segunda linha,á retaguarda e fóra do alcance da artilharia inimiga.

Assim que os nossos 14 canhões ficaram assestados, ameaçando o saliente SO da praça, onde se viam alguns

---

[1] Desses 17.038 homens, eram 12.085 brazileiros, 3,738 argentinos e 1.220 orientaes. Os 46 canhões pertenciam 14 aos brazileiros, 24 aos argentinos e 8 aos orientaes. O exercito alliado contava por armas 9.633 homens de infanteria, 6617 de cavallaria e 788 de artilharia. Toda a cavallaria (com excepção das guardas dos Generaes Mitre e Flores) era brazileira; a alliada sob as ordens do Coronel Henrique de Castro ficára além do Uruguay, observando e explorando o territorio circumvizinho. A organização do Exercito alliado era a que se acha no mappa, documento n. 20.

canhões paraguayos, trataram os engenheiros de construir os espaldões para cobrirem as respeciivas guarnições, o que ficou concluido com extraordinaria rapidez, executado com perfeição e em bôa ordem. (*Vide* o desenho).

O aspecto formidavel desse exercito que, tendo á sua testa personagens do maior prestigio, apresentava grande arreganho e audacia ; a pequena distancia das trincheiras de seus adversarios; o reflexo das polidas baíonetas, espadas e lanças; o som das musicas de que, não obstante serem apaixonados os paraguayos, nenhum instrumento possuiam além de algumas cornetas e tambores; tudo isso parece ter acobardado e enchido de pasmo aos inimigos, os quaes formados atraz de suas fortificações, assístiam silenciosos e immoveis a todas as manobras dos alliados.

Entretanto, uma só descarga, um só tiro disparado de suas trincheiras, poderia ter causado ao Brazil irreparavel desgraça ! O Imperador, por sua elevada estatura, destacava-se no meio do grupo em que se achava, entre o cemiterio e a praça ; o Conde d'Eu, o Ministro da Guerra, e os Generaes eram perfeitamente reconheciveis, tão pequena era a distancia em que estavam das linhas inimigas; e entre esses generaes sobresahia o Commandante em chefe, Barão de Porto-Alegre, que parecia desafiar as balas com o seu uniforme de gala, e montado em bello cavallo ajaezado com os riquissimos arreios, bordados pelas senhoras de Buenos-Ayres depois da batalha de Caseros. Felizmente, porém, o inimigo parecia petrificado ; um unico tiro não partio de seus canhões ou carabinas !

Preparado tudo para começar o combate, e de conformidade com o que fôra anteriormente combinado, o General em chefe enviou por seu Ajudante d'ordens, Capitão Manoel Antonio da Cruz Brilhante, a intimação final aos inimigos (*Vide* doc. 21), notificando-lhes que romperia o fogo e ordenaria o assalto, se dentro do prazo de duas horas, não se rendessem á discrição. Seguiu logo o Capitão com uma bandeirola branca, e ao approximar-se da praça sahiu um official paraguayo, que recebeu a mensagem ; e desde então toda a nossa attenção concentrou-se nesse lado da cidade, examinando os movimentos de officiaes e soldados, que perfeitamente distinguiamos nas

suas linhas de trincheiras, e nas ruas que desembocavam em frente a nós.

Desse momento em diante os acontecimentos se precipitaram com uma rapidez extraordinaria.

Toques de corneta que se ouviram do lado do rio, annunciavam a chegada de algum reforço; e com effeito viu-se avançar a passo accelerado um batalhão de infantaria; era o 4º de voluntarios que, acabando de desembarcar, vinha cheio de ardor, procurar o seu quinhão de gloria e por ordem do General tomou posição á direita da nossa linha.

Minutos depois vimos tambem chegar o Almirante Tamandaré com o Duque de Saxe que estavam na esquadrilha; os quaes dirigindo-se ao Imperador, apresentaram-lhe duas cartas de officiaes paraguayos, entregues ao Commandante de um dos vapores, declarando que, resolvidos a não pelejar contra os brazileiros, pediam que se os poupasse na occasião do assalto, e indicavam os signaes que os fariam reconhecer. Esta communicação era importantissima, pois denotava que a indisciplina e o desanimo lavravam entre os sitiados; circumstancia que, reunida ás intenções pacificas que observavamos nas linhas, davam-nos quasi certeza de que os inimigos se entregariam sem resistencia, quer o quizessem ou não os seus chefes.

Pouco antes das 2 horas, quando estava a expirar o prazo concedido, o Chefe Estigarribia mandou por um official paraguayo pedir ao Barão de Porto-Alegre, uma prorogação de meia hora, porquanto se achava em conselho e precisava desse tempo para formular a resposta á intimação.

Foi concedido o novo prazo; e, findo elle, voltou o mesmo Official paraguayo, com a resposta que entregou ao General em Chefe, e por este logo passada ao Imperador, que fazendo convocar os Generaes alliados, procedeu á sua leitura. O Chefe Paraguayo, esquecido do comportamento de Leonidas, e de toda a historia militar dos tempos heroicos, declarava estar prompto a render-se sem combate, mediante 3 condições. (*Vide* doc. 22).

Na occasião em que se ia lêr a resposta, o Official

portador della, dirigindo-se ao Imperador e pedindo licença para fallar, declarou que era o Capitão Ibañez, commandante do batalhão 11 de infantaria, que estava de guarnição na face fronteira á artilharia brazileira; e que tanto elle como seus soldados, longe de quererem combater contra os brazileiros, collocavam-se sob a protecção do seu Soberano, a quem olhavam como um salvador que Deus lhes enviára. Despedido o official paraguayo, os Generaes alliados reunidos em torno do Imperador, conferenciaram sobre a resposta de Estigarribia e as restricções com que seria acceita a capitulação, offerecendo-se o Ministro da Guerra, Angelo Ferraz, para ir pessoalmente levar ao Chefe inimigo a ultima palavra dos alliados.

Aceito o offerecimento, o General em Chefe ordenou ao seu Chefe d'Estado Maior e Secretario (General Caldwell e Major Miguel Meirelles) que acompanhassem o Ministro da Guerra, o qual seguido tambem do seu official de gabinete Major Amaral, dirigiu-se para as linhas fortificadas, onde do lado de fóra foi recebido por Estigarribia e seu Secretario o oriental Salvañac. Feita a declaração pelo Ministro brazileiro, pedio-lhe o Chefe paraguayo que lh'a desse por escripto, afim de ir conferenciar com os outros Chefes, dentro da cidade; e sendo trazida para esse lugar uma mesa, sobre ella foi escripta a nota (*Vide* doc. 23), e entregue a Estigarribia, que prometteu resolver com brevidade. Effectivamente, poucos minutos depois voltava o mesmo Salvañac, que depositou nas mãos do Ministro brazileiro a declaração do Chefe inimigo, rendendo-se com a força a seu mando, e pedindo a S. M. o Imperador do Brazil que fôsse o garante desse ajuste. (*Vide* doc. 24).

Emquanto tinham lugar estas negociações, dava-se um facto inaudito e talvez unico na historia militar: a força inimiga que guarnecia a face da cidade, manifestava em altas vozes aos officiaes que acompanhavam o Ministro brazileiro, que ellas não combateriam e com a melhor vontade se entregariam. Desta sorte, a força paraguaya estava de facto rendida, antes que seus chefes (talvez ainda mais acobardados do que os soldados) tivessem assignado o acto que os constituia prisioneiros!

Um outro facto ainda mais singular, seguiu essas declarações dos sitiados: Muitos cavalleiros, paisanos e guarda nacionaes, levados pela curiosidade de ouvirem o que diziam os paraguayos, tendo-se approximado das trincheiras, um delles por gracejo offereceu a garupa do cavallo áquelle paraguayo que quizesse sahir; no mesmo instante, muitos largando as armas, saltaram os parapeitos e equilibrando-se nas garupas de outros cavallos cujos cavalleiros nisso consentiam, sahiam a galope campo fóra, sem opposição alguma da parte dos seus officiaes, que assistiam calados a esse abandono dos deveres militares!

Desde então ninguem mais pensou em combate; e antes que houvesse regressado da cidade o enviado da alliança, os Generaes Mitre e Flôres comprimentavam o Imperador pelo triumpho incruento que havia alcançado, assim como ao General Barão de Porto-Alegre pela dignidade e pericia com que havia dirigido todas as operações.

Pouco depois regressou o Ministro da guerra, que no acto de entregar ao Imperador o documento da capitulação, apresentou-lhe tambem a espada do chefe Paraguayo, a qual foi offerecida pelo Imperador ao mesmo Ministro, como lembrança dos serviços que prestára esse dia.

Assim que os generaes tomaram conhecimento dos termos da rendição, o Barão de Porto-Alegre passou a providenciar acerca do desarmamento da tropa submettida e da evacuação da praça, ordenando que fôssem occupar a cidade os nossos batalhões de infantaria, 1° de voluntarios e 2° de linha.

A esse tempo eram apresentados ao Imperador o coronel Estigarribia, o Major Lopes e os officiaes Orientaes (Salvanãc e Zipitria), * os quaes receiosos da sorte que os aguardava como traidores á sua patria, para onde iam

---

* Os 2 Irmãos Salvanãch e Pedro Zipitria eram prestigiosos chefes do partido blanco; tiveram parte saliente nos insultos feitos á nossa bandeira em Montevidéo, bem como na queima dos originaes do Tratado de paz com o Imperio e nas atrocidades praticadas com os brasileiros em Paysandú. Zipitria era o redactor do jornal— *Artigas* —de Montevidéo, que pregava o odio sem tregoas contra o Brazil e os brazileiros. Um dos Salvanãch era o Secretario que redigia os officios que Estigarribia assignava.

guiando os paraguayos, tinham tido a salvadora idéa de se constituirem prisioneiros do Imperio, de que eram inimigos implacaveis. Depois de atteudidos pelo Imperador, foi-lhes designado o estado maior do Barão de Jacuhy. Quanto ao indigno padre Duarte, alma damnada da invasão, não lhe foi prestada attenção, recebendo ordem de recolher-se logo a bordo do *Onze de Junho*, pois que era grande o odio que havia geralmente contra a sua pessoa.

A's 3 horas da tarde as bandas de musica de todos os corpos tocavam o hymno nacional brasileiro, annunciando que a heroica Provincia de S. Pedro do Sul estava libertada daquelles que haviam manchado o seu solo.

Querendo assistir á sahida dos paraguayos, o Imperador, seguido dos Generaes, approximou-se das trincheiras e recommendando a moderação para com os vencidos, testemunhou até o fim, o acto de desfilarem a dous de fundo, depondo as armas em montes no chão, e indo em seguida reunir-se dentro de um grande quadrado, formado aquem da cidade, pelos nossos batalhões 11° de linha e 4° de voluntarios. As duas primeiras bandeiras paraguayas que foram apresentadas ao Imperador, foram por elle delicadamente offerecidas aos Generaes Mitre e Flores, que agradeceram esta cavalheiresca attenção.

Perto do anoitecer ficou terminada a evacuação da praça, tendo sido anteriormente dadas as ordens para a distribuição do rancho ás forças alliadas, ainda em jejum, assim como aos paraguayos, cujo physico bem demonstrava a necessidade que tinham de alimento, pois fazia dó vêl-os, esqualidos, famintos e quasi nús, olhando-nos com ar embrutecido e de humilde gratidão. Nós todos, vendo-os assim desfilar, nos sentiamos tomados de profunda compaixão por essas pobres creaturas, que assim se achavam, longe da familia e de seus lares, á mercê da generosidade daquelles a quem elles haviam offendido sem motivo, e unicamente pelo capricho de um tyranno sem entranhas, só comparavel a Nero, na antiguidade e a Rosas, nos tempos modernos.

Do mappa entregue pelo Chefe Paraguayo (Doc. 25) a força rendida constava de 6 batalhões de infantaria (ns. 14, 15, 17, 31, 32 e 33), 3 regimentos de cavallaria

(ns. 27, 28 e 33), 1 esquadrão de artilharia com 6 canhões, 1 companhia de conductores e 1 dita de remadores, completando tudo 5545 homens : mas sendo os prisioneiros contados 5,190 entre officiaes e soldados, deve explicar-se a differença pelos que se escaparam durante a negociação, como ficou acima referido.

Comquanto se avizinhasse a noite com rapidez, o Imperador ancioso por visitar a cidade libertada, mandou abrir uma brecha em um ponto das trincheiras e entrando por ella, apenas teve tempo de percorrer algumas ruas e visitar o hospital, onde jaziam em completo abandono muitos paraguayos enfermos, para os quaes ordenou que fôssem logo chamados os nossos medicos militares, afim de lhes prestarem os necessarios soccorros.

Concluida que foi a sahida dos prisioneiros e recolhido o armamento a um deposito, foram aquelles divididos em grupos, e entregues á guarda das divisões alliadas, seguindo então todas as tropas a occuparem os seus antigos acampamentos.

Em a noite que se seguio, póde-se affirmar que ninguem dormio. Intensa alegria reinava em todos os acampamentos pelo desfecho inesperado do sitio, pela capitulação sem sombra de resistencia, sem o minimo tributo de sangue, o que ninguem fôra capaz de prevêr. Os Generaes alliados se congratulavam pela maneira feliz por que terminára essa phase da campanha; os officiaes, em grupos, nas barracas uns dos outros, commentavam os extraordinarios acontecimentos do dia, calculando as consequencias que delles resultariam para as operações subsequentes ; quanto aos soldados, acercando-se dos grupos de prisioneiros e esquecidos totalmente da inimisade que lhes votavam algumas horas antes, davam expansão á sua curiosidade, muito natural, interrogando-os e procurando obter noticias e informações sobre o Paraguay e o Dictador, assim como sobre os seus recursos e intenções relativos á guerra feroz e injusta que nos movêra. O regosijo era, portanto, geral : e nem delle se exceptuava o autor destas linhas, o unico cujo sangue corrêra nesse dia, pois que quando fazia recolher as ferramentas dos sapadores, já depois da rendição, fôra victima de uma queda desastrosa do seu cavallo, que o prostrou sem

sentidos por muito tempo, resultando-lhe largo ferimento junto á fonte esquerda.

Na manhã de 19, o Imperador seguido de varios Generaes e officiaes, dirigio-se á Cidade, e então em demorada visita, teve occasião de observar a devastação que ella havia soffrido, em os longos 44 dias de occupação de um inimigo verdadeiramente selvagem.

Todos os edificios tinham sido mais ou menos arruinados; as portas, janellas, soalhos e forros, haviam sido arrancados para serem empregados na construcção das trincheiras e das balsas; os moveis foram quebrados e consumidos como lenha; por toda a parte notava-se o cunho de ignobil espirito de destruição. Em muitas casas que ainda guardavam vestigios de antigo tratamento e luxo, viam-se os tectos ennegrecidos pelo fogo que acendiam nos pavimentos; e encontrava-se, espalhados pelo chão, pedaços de espelhos e de objectos de porcelana, teclas de piano, pés torneados, fragmentos de retratos e gravuras, copos e louças partidas; sendo muito curioso que só uma especie de vasos merecesse escapar, pelo uso particular que lhes davam, os ourinóes, que eram encontrados inteiros e contendo restos de comidas, indicando que tinham sido utilisados como terrinas ou sopeiras. Por toda a cidade sentia-se horrivel fetido, que se exhalava dos lugares onde estiveram acampados os paraguayos, os quaes tendo a apparencia de immundissimos chiqueiros, conservavam insepultos muitos cavallos já em estado de putrefacção; e mesmo cada casa era um fóco de emanações deletereas, pois que, como um requinte de perversidade (dizem que praticado por ordem do padre Duarte) havia em cada cysterna ou poço das casas, um cão morto, um gato, pelles de carneiro, ou couros em decomposição!

Debalde se procuraria em toda a cidade uma só casa que se prestasse a servir de residencia, ou mesmo para servir de hospital, ou alguma repartição do exercito. A propria casa onde estivera o Quartel General de Estigarribia, na esquina das ruas Independencia e Commercio, não fôra poupada, e apresentava um aspecto tão repugnante como as outras. A nova matriz, grande templo inacabado, no ponto o mais alto da cidade, e que fôra occupada como hospital pelos inimigos, achava-se arruinada,

e no seu pavimento, em estado de indescriptivel porcaria, viam-se alguns cadaveres, cujo máo cheiro denunciava que ahi se achavam muito antes da capitulação. Em summa, sangrava de dôr o nosso coração, vendo a que ponto lastimavel chegára a linda cidade que, dous mezes antes, tão garrida se ostentava, dominando as margens do Uruguay e animando-as com o seo florescente commercio!

Todo o dia 19 foi consagrado ás providencias para a limpeza e desinfecção de alguns pontos da cidade: á distribuição dos prisioneiros pelas tres nações alliadas; á arrecadação das munições e armamento. Dos prisioneiros, muitos quizeram alistar-se na legião paraguaya organizada pelo coronel Uriburu; os restantes foram divididos igualmente pelos alliados, tocando a cada um, cerca de 1300. Os trophéos da victoria consistiram em 7 bandeiras* 6 canhões, todo o armamento e correame, 20 carretas, alguns barris de polvora e 231.000 cartuchos embalados; todos esses artigos foram tambem divididos em 3 partes iguaes, á excepção dos canhões, dos quaes tanto Mitre como Flores só aceitaram um como lembrança. A polvora e o cartuchame recolhidos a uma casa perto das trincheiras, foram, alguns dias depois, destruidos por uma explosão casual. Quanto aos chefes submettidos, Estigarribia e os Orientaes haviam escolhido o Rio de Janeiro; o Major Lopes e o padre Duarte, a cidade de Buenos-Ayres; e conforme lhes fôra concedido, seguiram dahi a poucos dias para esses pontos, acompanhados aquelles por um official brazileiro, e estes por um outro argentino.

Nesse dia foram publicados e lidos aos corpos, uma proclamação do Imperador ao exercito (Vide doc. 26), a Ordem do Dia n. 13 do commando em chefe (doc. 27) e um Aviso do ministro da guerra (doc. 28), em todos os quaes, ás congratulações pela anniquilação do inimigo, se uniam os louvores tecidos ás divisões alliadas, que haviam alcançado esse brilhante resultado por sua attitude bellicosa e vivo enthusiasmo.

---

* As bandeiras do regimento de cavallaria n. 27 e do batalhão de infantaria n. 31 já haviam sido tomadas pela brigada do coronel Fernandes no combate de Botuhy, a 26 de Junho.

No dia seguinte foi tambem promulgado um Decreto (doc. 29), concedendo uma medalha a todos os que assistiram ao acto da rendição da colunna paraguaya. Essa medalha, pendente de uma fita verde e azul (côres escuras das tres bandeiras alliadas), deve ser collocada, pelos officiaes e pessoas de distincção, do lado direito do peito, para tornal-a bem saliente, visto commemorar um facto que foi revestido de muitas circumstancias extraordinarias.

Assim que o Imperador pôde desviar sua attenção e cuidado de tudo aquillo que reclamava urgentes providencias, ordenou que fôsse celebrada no acampamento uma missa solemne, em acção de graças pela victoria com que o céo coroára as armas da triplice alliança. Foi esse sempre o costume dos piedosos monarcas seos antepassados, e assim praticou, em 1385, o grande mestre de Aviz, quando em Aljubarrota salvou a independencia luzitana, como nos diz Camões:*

> O vencedor Joanne esteve os dias
> Costumados no campo, em grande gloria:
> Com offertas depois e romarias,
> As graças deo a quem lhe deo victoria.

Designado o dia 21, quinta-feira, para essa ceremonia religiosa, foi erigido um altar portatil na cochilha que se estende á léste da cidade; e ahi, ás 9 horas da manhã, estavam reunidos o Imperador, os dous Principes, os generaes e formado todo o exercito alliado, com os canhões dispostos para fazerem ouvir sua voz potente no momento da elevação da hostia.

Não ha narração que possa pintar, com fidelidade, a belleza e a magestade desse acto tão imponente, que nunca se apagará da memoria dos que a elle assistiram.

Os raios de um sol esplendido illuminavam a admiravel paisagem e reanimavam os nossos corpos, ainda traspassados da geada matutina; branda aragem fazia bruxolear a luz dos cirios; uma excellente banda de musica unia seu melodioso concerto ás orações do celebrante, assim como com as ondas do incenso se elevavam tambem para

* Camões—Luziadas—canto IV est. XLV.

o céo as preces humildes, de todos os que se achavam prostrados, com os corações transbordando de gratidão. Reconheciam todos, que a protecção do Senhor dos exercitos se manifestava poderosa a favor do Brazil e de seus alliados; os quaes provocados a essa guerra cruel, em menos de quatro mezes contavam as brilhantes victorias do Riachuelo, de Jatahy e da Uruguayana; e esta ultima, se não foi sanguinolenta como aquellas, era igualmente fecunda em resultados e não menos gloriosa.

Gloriosa, sim! porque o brilho das victorias não está na proporção dos cadaveres que juncam o campo, nem se mede pelo sangue que ensopa o terreno; porém pelos resultados que dellas provêm e do renome que ellas adquirem para o vencedor. Em o triumpho alcançado na Uruguayana não correu sangue, é certo, mas era facil de prever que delle dimanariam consequencias muito favoraveis á causa em que nos achavamos empenhados; e quanto ao renome a que fizera jus o nosso exercito, o mundo civilisado ha de admirar não só o ardor com que todos acudiram, desde o Soberano até o operario, em defesa da honra de sua bandeira, mas tambem a magnanimidade para com os vencidos, de que demos o mais nobre exemplo.

Uma legião de inimigos selvagens, dirigidos por chefes dominados por instinctos brutaes, em cumprimento de ordens perversas, invade o solo sagrado de nossa patria, saqueia as povoações, espalha a morte, a ruina e o incendio por onde passa, provocando um grito geral de vingança; e quando conseguimos vêr diante de nós esses inimigos, famintos, nús, humilhados e tremulos de terror, o sentimento que nos subjuga é o da compaixão; em lugar do castigo e da morte, esses inimigos encontram o pão, o vestido, o remedio para suas miserias, o agasalho, o carinho que só deviam esperar de irmãos e de amigos! O hymno da victoria transformou, em um instante, o vivo desejo de vingança em perdão; o odio em amor fraternal! Digam as nações poderosas e guerreiras se, em condições identicas, a braços com inimigos semelhautes, seriam capazes de fazer outro tanto!

A cidade que tinhamos em frente, fôra cruelmente devastada; soffrêra o opprobrio da mais barbara escravidão durante mez e meio; mas nesse dia devia orgulhar-se

pelo modo cavalheiroso por que a tinham desaffrontado.

Em poucos dias se reproduzira ahi o maravilhoso episodio da Esther biblica : Desolada, sob o pesado captiveiro, ella chorava pela ruina e dispersão do seu povo ; mas logo após, achára graça diante do seu Rei, que estendendo para ella o seu sceptro e repartindo com ella as honras de seu throno, vingou-a e a seu povo, castigando e humilhando aos que os haviam opprimido. Por isso, via-se agora diante da cidade remida: de um lado os inimigos em grupos, abatidos e envergonhados, na mais triste das posições, cheios de necessidades e inteiramente á mercê da generosidade de seus vencedores ; do outro lado, congregados perante o altar, celebravam a sua victoria (que era tambem a victoria da humanidade) os representantes de todo o Brazil e das nações vizinhas.

Ahi se achava, em primeiro lugar o Imperador, que para salval-a largára o sceptro e empunhára a espada, exaltando o amor e o enthusiasmo de todo o seu povo. Ahi estavam os esposos das duas Princezas, um dos quaes promovido á mais alta patente militar ao pisar o solo da Provincia[1] estava fadado pela Providencia para dar o glorioso remate á essa guerra que agora terminava um de seus primeiros capitulos. Ahi estava o Ministro da Guerra Angelo Ferraz, que mais tarde teria o nome da Cidade como apanagio do seu titulo de nobreza.[2] Ahi se achava tambem o venerando Marquez de Caxias que, ha 22 annos realisava a pacificação do Rio-Grande do Sul quando foi fundada a cidade,[3] e que apesar de alquebrado pela molestia, tinha ainda de ir colher no Paraguay virentes louros e com elles a primeira corôa ducal conferida a um brazileiro. Ahi estavam ainda os Almirantes Tamandaré e De Lamare, representantes da esquadra heroica

---

1 O Principe Conde d'Eu, Marechal do Exercito honorario por occasião de seu consorcio com a Augusta Princeza Imperial, foi promovido á effectividade desse posto, ao chegar a Porto-Alegre, em 7 de Julho de 1865.

2 O Conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz, foi agraciado com o titulo de Barão da Uruguayana, com grandeza, em 9 de Outubro de 1866, por occasião de retirar-se do Ministerio.

3 A Cidade da Uruguayana foi fundada a 24 de Fevereiro de 1843, por um Decreto assignado por Bento Gonçalves da Silva, Presidente da expirante Republica de Piratinim.

que, no Riachuelo ganhára o direito de figurar ao lado das mais celebres armadas, das antigas e modernas nações. Tambem ahi estava o General Barão de Porto-Alegre, o Bayard rio-grandense, admirado pelos nossos alliados desde o dia de Monte-Caseros, e agora chefe dessa pleiade de bravos que, como elle, iam em seguida ao territorio inimigo conquistar titulos de nobreza e bordados de general, por actos de extremado valor.[1] Finalmente, ahi se achavam, representando as nações americanas, os Presidentes, os Generaes e os soldados das Republicas nossas alliadas, companheiros e testemunhas do nosso jubilo, como o haviam sido de nossas inquietações e trabalhos.

Para ser completa a solemnidade, deveria tambem ahi estar presente algum representante official do velho mundo, para junto comnosco celebrar a redempção da formosa cidade brazileira. Pois bem ! nem esse faltou ! A Providencia havia determinado em seus mysteriosos arcanos que, diante da Uruguayana aportasse, na occasião a mais opportuna e inesperada, um embaixador especial da Grã-Bretanha, daquella mesma arrogante nação que, dando ouvidos a suggestões injustas do seu Ministro Christie, tão gravemente nos offendêra, em os ultimos dias do anno de 1862.

Não no mesmo dia da missa de acção de graças, mas dous dias depois, a 23 de Setembro, de uma canhoneira ingleza, vinda expressamente para esse fim de Buenos-Ayres, desembarcava o Ministro Plenipotenciario Eduardo Thornton, que, por ordem do seu governo, procurava o Imperador do Brazil, com a missão de restabelecer solemnemente as relações entre os dous paizes, dando-nos plena e inteira satisfação e desculpas pelo procedimento que tivera para comnosco. (Vide doc. 30).

---

[1] D'entre os officiaes desse exercito, distinguiram-se muitos na guerra do Paraguay, chegando a attingir altas posições no exercito e na nobreza do seu paiz ; como por exemplo : Correia da Camara, actualmente Marechal do Exercito e Visconde de Pelotas ; Alexandre Argolo e José Auto, que falleceram Tenentes-Generaes, aquelle Visconde de Itaparica e este Barão de Jaguarão : Rufino Enéas Galvão e Manoel da Gama d'Eça, hoje Marechaes de campo, aquelle Visconde de Maracajú e este Barão de Batovy ; Bento Martins, que falleceu Brigadeiro e Barão de Ijuhy; além dos Generaes João Manoel, José Luiz Menna Barreto, Herculano Pedra, Carlos Nery, Manoel Wanderley Lins, Dr. Pinheiro Guimarães, Augusto Francisco Caldas e Albino José Pereira.

Assim, pois, na propria tenda em que na antevespera fôra erigido o altar, preparou-se um docel e throno, não rico de galas e alfaias, mas de magestosa simplicidade, e nesse logar, entre o Soberano Brazileiro e o Enviado Britannico, foram trocadas phrases de amisade e mutua consideração, que lançavam o véo do esquecimento sobre o nosso justo resentimento.

Como na antevespera, a voz poderosa dos canhões annunciava outra victoria incruenta alcançada pelo Imperio, não já contra uma atrazada Republica do interior da America, mas sobre a mais antiga monarchia da Europa, sobre a orgulhosa rainha dos mares ! Os canhões que agora acordavam os écos das margens do Uruguay e das vastas campinas do Rio-Grande do Sul, eram os da canhoneira ingleza, que, tendo hasteado a nossa bandeira no logar de honra, saudava-a com 21 tiros, dando desta sorte mais um motivo para se tornar celebre na historia do Brazil, a cidade de Uruguayana.

Tornando ao dia 21, logo depois da missa solemne, as divisões argentina e oriental nada mais tendo a fazer em nosso territorio, foram postos á sua disposição os navios da esquadrilha e começaram a passar para a margem direita do Uruguay; e o Imperador não querendo separar-se dos Presidentes das duas Republicas alliadas, sem lhes dar mais uma demonstração de sua estima e consideração, convidou-os a jantar nesse dia, offerecendo a ambos, por essa occasião, a Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro. Durante o jantar foram trocadas as mais vivas expressões de sincera amizade, entre os chefes das tres nações e outros personagens presentes; e essa cordialidade e reciproca benevolencia, que nunca foram depois alteradas, devem ser contadas como um dos graudes proveitos que resultaram da presença do Imperador na Uruguayana. A esses elevados sentimentos, que felizmente perduraram durante todo o periodo da campanha, se deve em grande parte a concordia que reinou sempre entre os Generaes do exercito em operações, permittindo a fiel observancia de todas as clausulas do Tratado de 1° de Maio de 1865.

Nas horas que decorreram em o resto da tarde e parte da noite, varias bandas de musica animaram o acampamento, impressionando docemente os corações dos

officiaes das nações alliadas, que se despediam uns dos outros, preparando-se para dentro em breve tempo, encontrarem-se novamente em outras paragens, onde os esperavam inimigos mais ferozes e mais difficeis de desalojar.

Os dias seguintes foram occupados na transferencia, para algumas casas da cidade, de varias repartições, como a secretaria do Ministro da Guerra, a do Commando em chefe e hospitaes. Foi tambem preparada uma casa na esquina das ruas Commercio e Principe, para assistencia do Imperador durante o dia, porquanto á noite S. M. preferia pernoitar em sua tenda de campanha, ao lado de seus companheiros de fadigas.

Nesses dias tratou-se da organização de uma brigada que, sob as ordens do Coronel Alexandre Gomes de Argolo Ferrão devia atravessar o Uruguay e com as divisões argentina e oriental, irem reforçar o exercito em operações commandados pelo General Osorio (na auzencia do General Mitre), o qual effectuava então a passagem do rio Mocoretá, em sua marcha para a cidade de Corrientes, onde se achava o grande exercito paraguayo do General Robles.

Resolvêra o Imperador que, findo o sitio da Uruguayana, iria visitar as villas de Itaquy e de S. Borja, devastadas pelos invasores. Não o movia a isso um simples impulso de curiosidade ; mas o muito louvavel interesse de observar os estragos, providenciar para a sua attenuação, examinar os pontos por onde foi realisada a passagem do rio e a marcha para a povoação, e mais que tudo, o desejo de, com sua presença, animar os foragidos habitantes, fazendo-lhes constar que podiam, sem receio, voltar para os seus arruinados lares. Tranquillisado depois das medidas tomadas, em relação á cidade restaurada e ao exercito, o Imperador depois de ouvir a missa anniversaria do fallecimento do seu augusto Pai, na manhã de 25 (por ser domingo o dia 24), despedio-se dos presidentes Mitre e Flôres que o haviam esperado para lhe dar mais esse signal de respeito; e embarcando no vapor *Onze de Junho*, acompanhado de seus dous genros, seus Ajudantes de Ordens e alguns officiaes engenheiros, seguio rio acima.

De poucos dias foi a demora nessa excursão. No dia

29 o Imperador estava de volta na Uruguayana; ahi com o Ministro da Guerra e o General Barão de Porto-Alegre conferenciou durante cinco dias sobre a organização do 2º corpo de Exercito, que sob as ordens deste bravo General, estava destinado a cumprir bem ardua missão na guerra contra o Dictador do Paraguay. Assentadas todas as disposições a tal respeito, o Imperador seguio no dia 4 de Outubro para o interior da Provincia, sempre abençoado e victoriado pelas populações; e chegando á cidade do Rio-Grande, embarcou sem demora alguma para a Côrte do Imperio.

A 9 de Novembro, o Monarca Americano sulcava de novo as aguas da gentil Guanabara, sendo recebido no meio de acclamações e verdadeiro delirio de jubilo, por todos os habitantes, nacionaes estrangeiros, que tiveram mais uma vez ensejo de calcular, pela saudade da ausencia, a intensidade do amor que lhe votavam.

Em o periodo de 10 de Julho até 9 de Novembro, o Imperador do Brazil tinha, com vontade de ferro, superado mil difficuldades; padecêra fadigas e contrariedades de todo o genero, inclusive a fome; havia arrostado todos os incommodos e perigos proprios de uma estação desabrida, chegando a percorrer em vertiginosa marcha, dez a quinze leguas por dia; seu coração compassivo foi posto á prova, tendo por muitas vezes de assistir a espectaculos afflictivos e consternadores; mas tudo isso deu-lhe occasião de manifestar a grandeza de seu animo e a extensão de seu patriotismo. E chegando ao solio do seu throno, esquecendo tudo o que soffrêra, ao vêr-se rodeado da extremosa esposa, das queridas filhas e do povo que o adorava, a sua consciencia devia ficar satisfeita: tinha procedido como verdadeiro pai de seus subditos, como amigo dedicado do seu povo, como Defensor Perpetuo do Brazil.

> Isto faz os Reis grandes, dignos sempre
> De memoria immortal; soffrer trabalhos
> Pelo publico bem; quebrar a força
> Do sangue e proprio amor; fazer-se exemplo
> De todo o bem ao povo.

(Antonio Ferreira—*Castro*—Acto 2º scena 1ª).

2ª PARTE

Em os successos que ficaram relatados, nos limitámos á sua simples narração, na ordem em que elles se deram. Agora nos propomos a fazer varias considerações, justificando uma proposição contida nas primeiras linhas deste trabalho, a saber : que os mencionados successos desafiam sérias reflexões e destas se podem colher lições de muito valor, historico e politico.

Assim como tem acontecido com muitos factos, a noticia da redempção da Uruguayana foi acolhida de diversos modos, encarando-a cada um através do prisma de suas idéas, de seus desejos e de suas relações, amistosas ou adversas, para com aquelles que tiveram parte saliente nesse desfecho; resultando dahi, que ao passo que tal noticia era festejada como glorioso triumpho por uns, era acremente deprimido esse acontecimento por outros, espiritos exaltados ou politicos incontentaveis, que descobriam maculas no conjuncto e em cada uma de suas partes, sem quererem achar attenuante nem na especialidade das circumstancias, nem no inesperado dos factos, muitos dos qnaes a ninguem era dado prever.

Essa divergencia de opiniões manifestou-se principalmente na côrte do Imperio, onde na mesma occasião em que os arcos de triumpho, as illuminações e o detonar de innumeras girandolas traduziam o regosijo do povo, sahiam das typographias e eram postos á venda varios opusculos, attribuidos a politicos de alto cothurno, que intentavam desvanecer o enthusiasmo, dando côres sombrias aos quadros, e procurando transformar a apregoada victoria em acontecimento destituido de gloria. Ainda mais: das columnas da imprensa diaria, e até da tribuna das Assembléas Legislativas, algumas vozes se fizeram ouvir, articulando acerbas accusações contra o governo, por muitas das circumstancias que se deram, antes e no acto da capitulação do inimigo.

Quem teria razão ?

E' o que vamos estudar, tentando esclarecer alguns pontos que eram então pouco conhecidos ou difficeis de elucidar; e depois de compulsar documentos authenticos e em grande cópia; depois de conferil-os com as notas exactas que tomámos na occasião; depois de evocar as reminiscencias de factos em que tomámos parte, ousaremos arriscar o nosso humilde juizo, que, se não é infallivel, é com certeza extreme de paixão e isento da mais leve particula de prevenção contra quem quer que seja.

Acreditamos (sem nisso haver presumpção) que, com a singela narração que ficou feita, já muitos artigos de accusação ficaram annullados, por se vêr que assentavam em bases sem consistencia ; quanto a outros, é provavel que fiquem em melhores condições de serem analysados e julgados, depois das considerações que vamos apresentar sobre as duas questões seguintes, que abrangem todos, ou quasi todos, os motivos de censura debatidos nas duas tribunas, da imprensa e dos representantes da nação.

PRIMEIRA QUESTÃO

A rendição da columna paraguaya na Uruguayana foi consequencia de um plano?

A invasão da nossa provincia do sul em Junho de 1865, era um acontecimento previsto, com antecedencia de alguns mezes.

Antes que recebessemos a triste noticia de ter sido atacado o forte de Coimbra e invadida a provincia de Matto-Grosso, já constava que uma reunião de forças paraguayas se realisava nas proximidades da nossa fronteira de Missões. O Dictador Lopez, no seu *Semanario* não fazia mysterio de seus armamentos e de suas intenções hostis para comnosco, tanto assim, que o Ministro Inglez em Buenos-Ayres, em Dezembro de 1864, communicára a Lord Russell o projecto de um ataque á provincia do Rio-Grande do Sul ; e mesmo ás autoridades brazileiras não faltaram avisos nesse sentido. Em 27 de

Dezembro, o Commandante da guarnição da Uruguayana, Major Joaquim Antonio Xavier do Valle, dera o alarma ao Brigadeiro David Canabarro, Commandante da fronteira; o General Flores e o almirante Tamandaré, em officios de 30 de Janeiro e 7 de Fevereiro dirigidos a esse mesmo General, confirmam os boatos de uma proxima invasão; e o Conselheiro Paranhos, nosso embaixador no Rio da Prata, envia o Consul José Carlos Pereira Pinto á Porto-Alegre, para fazer igual communicação ao Presidente Dr. João Marcellino Gonzaga.

Por sua parte, os governos geral e provincial mostraram-se solicitos nas providencias: o Commandante das Armas, General João Frederico Caldwell, seguio logo para o interior da provincia; em Dezembro foi creada uma Divisão para defesa do Uruguay, sob o commando do mesmo General Canabarro, sem duvida o chefe mais prestigioso, por sua bravura, experiencia da guerra e pleno conhecimento da localidade; pouco tempo depois foi creada uma outra Divisão volante, commandada por outro chefe não menos famoso, o coronel Barão de Jacuhy, para a defesa das fronteiras do sul e auxiliar a do Uruguay; foram organisados muitos corpos de Guardas Nacionaes e de voluntarios; da Côrte foram enviados o 1° e 5° batalhões de voluntarios; expedio-se armamento e munições para diversos pontos da provincia; o Arsenal de Guerra trabalhou fortemente no fabrico de lanças; e finalmente, foi creado o Laboratorio Pyrotechnico do Menino Deus, e habilitado com machinas e material para a confecção de cartuchame e artificios de guerra.

Entretanto, apezar de tudo isso, ao approximar-se a columna inimiga, em principios de Junho, tudo parece disposto a favorecer o seu designio. O passo do Uruguay está franco, as nossas povoações desprotegidas, todo o territorio que ella vai percorrer está desimpedido; de sorte que, o inimigo póde, com todo o vagar e tranquillidade, ir seguindo em sua marcha, parando para reunir os gados e passal-os para a margem opposta, saqueando as estancias, arrasando as casas, vadeando os banhados, despontando os arroios, atravessando caudalosos rios, até ir occupar a Uruguayana, onde quiz o destino tivesse fim

a expedição, arrojada, mas até então, coroada do mais completo successo !

A narração de tal prodigio é natural que desperte em todos as seguintes interrogações : A facilidade que o inimigo encontrou, justifica-se por algum plano de guerra da nossa parte ? quem o concebeu ? quando ? quem teve delle conhecimento ? foi executado á risca ou soffreu modificações ?

Para satisfazer com toda a consciencia a estas perguntas, é preciso lêr a serie de documentos reunidos em um livro pelo Ministro da Guerra Angelo Ferraz, e apresentados ao Corpo Legislativo, na sessão de 1866. O exame minucioso de todos esses documentos, que compuzeram a longa correspondencia, official e particular, entre as diversas autoridades durante a invasão, a combinação delles com os factos que se foram succedendo, uns esperados, outros imprevistos, é que nos podem proporcionar a luz indispensavel e insuspeita, afim de respondermos com verdade e justiça a todas essas interrogações.

Foi a essas duas fontes que recorremos para o estudo que aqui apresentamos.

Logo que se soube que a Provincia ia ser invadida por um ou mais pontos do Uruguay, a idéa que a todos naturalmente occorreu foi, que se devia reunir forças nas proximidades do ponto ou pontos ameaçados, no intuito de impedir a passagem dos inimigos ou rechaçal-os, no caso de não ser possivel obstar que elles puzessem pé no territorio brazileiro. Foi isso, com effeito, o que occorreu, como bem se evidencía das medidas que foram tomadas ; sendo a primeira dellas, como já acima dissemos, a Divisão do Brigadeiro David Canabarro, a cujo patriotismo e dotes militares se confiou a defesa de toda a fronteira do Uruguay, desde Quarahim a S. Borja. Assumindo o commando em 1 de Janeiro, esse General propôz logo varias providencias, entre as quaes a formação de uma esquadrilha de lanchões para a guarda do rio ; infelizmente, porém, quasi ao mesmo tempo o proprio General Canabarro começa a duvidar da probabilidade de uma invasão, por inimigos a que em sua correspondencia enche de baldões de despreso

Em officio de 4 de Fevereiro diz ao Presidente Gonzaga, *não receiar que os paraguayos ataquem a nossa fronteira*; em carta de 16 de Abril, depois de varias informações, termina com estas palavras: *porém ainda direi que não creio na fallada invasão*; em outra carta de 25 do dito mez, diz: *teremos o prazer de receber os visitantes como é devido ás bôas intenções com que vem*; *isto é, se não puderem ser repellidos, segundo tenho declarado a V. Ex.*; em outra carta de 13 de Maio annuncia que, *ia seguir para a Uruguayana, onde já tinha* 1000 *homens, e de lá ás Missões, conforme as occurrencias.* Calcula que haviam 14000 paraguayos na fronteira, mas accrescenta: *ou deste lado, ou além do Uruguay, não quero mais do que a* 1ª *Divisão para perseguir esses* 14000 *salteadores. Tenho mais de* 8000 *homens, bem armados; são bastantes para repellir a* 16000 *paraguayos da nossa fronteira, onde a Divisão se elevaria consideravelmente de um dia para o outro*. E para não nos demorarmos mais com a citação de outros documentos, bastará dizer que, em officio dirigido ao Commandante das armas e datado das pontas do Ibirocay, em 12 de Junho (isto é, dous dias depois da invasão), diz ainda Canabarro: *Não julgo provavel a passagem dos paraguayos* (!) *em frente a S. Borja; estou bem inclinado a crer que, se com effeito elles pretendem vir ao territorio desta Provincia* (!!), *apparentem ali, para outra força passar mais em cima. Vou-me approximar ao passo de Santa Maria e o passarei se o inimigo fôr tão ousado que invada a fronteira de Missões.*

Imbuido dessas idéas, o General Canabarro não se dá pressa em reunir a sua Divisão nas vizinhanças de S. Borja; contenta-se em mandar para lá a 1ª brigada do Coronel Antonio Fernandes Lima (o qual tambem não acredita na invasão); consente no licenceamento de grande numero de praças da Divisão (cujos 8000 homens só constavam dos mappas) e, tal era a sua segurança em relação á fronteira que, firme na opinião de que os paraguayos visavam outra empreza, elle affaga a idéa de atravessar o Uruguay e ir batel-os em territorio Correntino! Cahe, porém, das nuvens, ao receber a parte official do Coronel Fernandes, de estarem os paraguayos em S. Borja desde o dia 10; e em officio datado de 15, ao transmittir a parte

official ao Commandante das armas, elle, o responsavel pela defesa da fronteira, censura a resistencia feita pela força, insignificante e unica, que ahi se achava (!), concluindo do seguinte modo :

« *Não pretendo marchar sobre o inimigo, emquanto não tiver reforço que me garanta o triumpho em um combate desigual, já em forças, já em armas. A guerra que vou fazer ao inimigo, emquanto não puder batel-o, será toda estrategica. Todavia, se elle tentar arredar-se da costa do Uruguay, não deixarei de atacal-o, desde que o local e as circumstancias me offereçam probabilidades de derrotal-o.*»

Compare-se este trecho com o outro acima, transcripto da carta de 13 de Maio :

Um mez antes, tinha mais de 8000 homens bem armados, capazes de repellir 16000 salteadores; agora, seus soldados eram poucos, já em forças, já em armas, para os 7 ou 8000 invasores ! Que enorme contraste !

Admira que Canabarro, dotado, como é sabido, de grande sagacidade, podesse admittir a hypothese de que a columna de Estigarribia se internasse na Provincia, isolando-se da outra que seguia a margem direita do Uruguay. Além de ser isso uma rematada loucura do inimigo, ninguem ignorava que o objectivo deste era uma das cidades, do Salto ou de Montevidéo, onde com o apoio do partido blanco, contrario ao Brazil e a Flores, fariam poderosa diversão ás operações do exercito alliado, auxiliando assim efficazmente qualquer commettimento do General Robles.

De conformidade, pois, com este plano, marchou a columna para o sul sem ser hostilisada, mas apenas vigiada em seu flanco esquerdo pela 1ª brigada (Coronel Fernandes Lima) ; a qual reconhecendo-se fraca para atacar o inimigo, empenhou todavia um combate com a sua vanguarda, a 26 de Junho, quando a vio embaraçada nos banhados de Botuhy ; combate esse sem resultado algum, não obstante o auxilio prestado pela 4ª brigada (Tenente-coronel Sesefredo Alves Coelho de Mesquita), mas que podia ser uma bella victoria, se ahi estivesse o General Canabarro com toda a sua divisão.

Do Botuhy seguiram os invasores a saquear a villa

de Itaquy, no que se demoraram alguns dias, continuando depois a sua marcha.

Era então geral a crença, até entre os proprios paraguayos, que na margem do largo e caudaloso Ibicuhy, os esperaria para offerecer combate, o General Canabarro; e este mesmo assegurava que assim praticaria. « *E' provavel* (dizia elle ao Coronel Fernandes, em carta datada de 23 de Junho) *que o inimigo venha a Itaquy e á Uruguayana* : *nesse caso convem atacal-o na passagem do Ibicuhy. A um aviso de V. S. corresponderá a minha marcha para o passo a que se dirigir o inimigo, naquelle rio. O signal de V. S. carregar sobre o inimigo, pela retaguarda e esta divisão pela frente, será o acto de sua passagem.*» «*A passagem do Ibicuhy* (dizia elle ao Commandante das armas, a 27 de Junho, das pontas do Ibirocay) *ha de ser seriamente disputada aos inimigos, se a tentarem.*» A 9 de Julho participando ao mesmo Commandante que já está em marcha para operar, diz : *Ou o inimigo repassa o Uruguay, ou tenta vir áquem do Ibicuhy ; e neste caso pretendo atacal-o.*» Ao Prezidente da Provincia escreve em 12 de Julho (ainda das pontas do Ibirocay !) : *Se o inimigo, que está em Itaquy, não repassar o Uruguay, nestes dous dias estará em nosso poder... Deus faça agora que elle desconhecendo sua perigosa posição, não repasse o Uruguay.*» Por todas essas affirmações, diziam os correspondentes dos jornaes, diziam todos : *o Ibicuhy é o* nec plus ultra *da invasão no Rio-Grande do Sul.* Pois, não obstante, chegando o Chefe Estigarribia á margem desse rio, acha desimpedido o passo de Santa Maria (!) e a seu salvo, sem soffrer a menor hostilidade pela frente, effectua a passagem de seus soldados, de seus canhões e de suas pezadas carretas, em o decurso dos dias 18 a 23 de Julho !! E quanto ás brigadas 1ª e 4ª que deviam atacal-o pela retaguarda, o Coronel Fernandes Lima em um officio datado de 21, diz ao General Canabarro, que tendo na vespera mandado uma força para o passo do rio, o inimigo lhe apresentára uma linha de batalha de mais de mil homens, os quaes dispararam 26 tiros de artilharia, que (accrescenta o Coronel) talvez *fossem ouvidos por V. Ex.* (!)

Terrivel decepção ! Contavam todos, que no passo

Santa Maria seria desbaratada a columna inimiga, pela critica situação em que ahi se acharia, tendo em frente um largo rio defendido por uma Divisão das tres armas, sob as ordens de um general de proverbial valentia; no flanco direito o rio Uruguay; no esquerdo as brigadas de Fernandes e Sesefredo para lhe cortarem a retirada. Assim o julgavam todos os que possuiam alguma noção da da arte da guerra; assim o esperava toda a população da briosa provincia invadida; assim o havia affirmado toda a imprensa do Imperio e do Rio da Prata; com isso, finalmente, contavam o Presidente e o Commandante das Armas, que em carta a Canabarro, extranha amargamente o seu procedimento nesta conjunctura. (*Vide* documento n. 31).

Foi, portanto, terrivel e geral, a decepção!

« *Qual é então o plano do General Rio-Grandense?* (exclama a *Nacion Argentina*, o autorisado orgão do Presidente Mitre). *O seu correspondente não o diz, porque o ignora; mas se algum feito d'armas muito notavel, não vier illustrar o nome do antigo caudilho republicano, não será a sua pericia que passará á posteridade nas trombetas da fama.* (*Vide Jornal do Commercio* de 4 de Agosto de 1865). «*O General Canabarro* (diz outro jornal) *não se oppoz no Ibicuhy á passagem do exercito paraguayo. Desta circumstancia tem-se tirado commentarios menos lisongeiros para o general; sendo as mais benevolas no sentido de que sua força é insignificante: em tal caso cabe-lhe a responsabilidade de ter dado seguranças imprudentes, de que, por si só, resistiria á invasão.* (*Vide Correio Mercantil* de 21 de Agosto de 1865). «*Era na passagem do Ibicuhy* (disse a commissão de engenheiros em seu relatorio) *que deveriamos oppôr a maior resistencia e por ella fazer pagar caro ao inimigo, seu arrojo e ignorancia de nossos meios de defesa... Era junto a esse rio, que os recursos de que dispunhamos, deviam ser concentrados; a configuração da margem que o inimigo buscava, era a mais vantajosa possivel á opposição do nosso lado; e se ahi, occupando as alturas, houvesse uma força de* 1800 *homens e* 4 *boccas de fogo com munições sufficientes, póde-se affoutamente affirmar que, da força paraguaya, mui*

limitado seria o numero de praças que attingiria á margem esquerda.»

Mas, não accusemos ainda o general Rio-Grandense; vejamos se seria outro o seu plano de campanha.

Emquanto os praguayos atravessavam o Ibicuhy, o General Canabarro acampado em Ipané, a 4 legoas do passo de Santa Maria, escrevia a 20 de Julho, a um compadre (*Vide Correio Mercantil* de 22 de Agosto): «*Temos, independente de auxilio, com que sovar os inimigos no atravessar de Santa Maria á Uruguayana.*» Eis ahi, pois, o plano: De Santa Maria á Uruguayana, ha que atravessar o Toropasso e o Imbahá; a Uruguayana, fortificada e abastecida por sua ordem, está guarnecida pelo 4° batalhão de guardas nacionaes, reforçado por outros contingentes e algumas bocas de fogo; no rio, o pequeno vapor *Uruguay* e 2 lanchões armados impedirão qualquer soccorro da outra margem; na retaguarda, o Ibicuhy oppõe-se á retirada; finalmente no flanco, o General Canabarro com a 1ª divisão e a 1ª brigada da 2ª divisão, apresentando um total de 7,400 homens, comprehendendo 4 batalhões de infantaria e 8 boccas de fogo,* collocando os inimigos entre dous fogos, far-lhes-ha pagar caro a sua audacia; um só não escapará, e então serão mudados em louvores as censuras que faziam ao general, aquelles que ignoravam a sua estrategia.

Mas ah! nova decepção, ainda mais terrivel, estava destinada áquelles que confiaram no novo plano! Os paraguayos avançaram sem embaraço pelo territorio entre o Ibicuhy e o Toropasso; com todo o vagar e á vista de Canabarro, entulharam um passo deste rio, formando uma ponte com as pedras que iam buscar ao cercado de uma estancia, no que empregaram 6 dias; passaram nessa ponte toda a columna e o respectivo trem; mais adiante vadearam o Imbahá; e no dia 5 de Agosto, em presença de nossas tropas desesperadas pela inacção a que as obrigava o seu general, os inimigos apossavam-se da nossa cidade, que na vespera á noite fôra, por ordem superior, abandonada pela sua guarnição e pelas infelizes familias brazileiras que, confiadas na protecção do

---

* *Vide* officio do General Canabarro de 3 de Outubro de 1865. Doc.

exercito, estavam dispostas a auxiliar a defesa das trincheiras!

Occupando uma cidade sem defensores, elles não auferiram gloria em sua conquista, mas em compensação auferiram enorme proveito; porquanto a encontraram completamenta abastecida de viveres, fasendas, provisões de toda a especie pertencentes á alfandega, aos parparticulares e ao fornecedor das nossas tropas, uma mangueira cheio de gado manso; em summa, tudo o que elles poderiam ter pedido aos seus deoses propicios!

De posse da Uruguayana, e emquanto a saqueavam para continuar a sua marcha, o Coronel Barão de Jacuhy; furioso por ter visto desattendido o seo voto de atacar-se o inimigo fóra da cidade, foi com a 2ª Divisão acampar na margem do Itapitocay, ao sul; ao passo que Canabarro com a 1ª Divisão, estabeleceo-se a léste e norte, ficando encerrados os invasores. O mais que se seguio, já ficou narrado na 1ª parte deste trabalho.

Restaurada a cidade com a capitulação de Estigarribia em 18 de Setembro, causou profunda sorpreza uma Ordem do Dia (*Vide* documento n. 32) em que o General Canabarro, dirigindo-se á Divisão sob seo commando, congratulava-se pela rendição da columna paraguaya, reivindicando para si a gloria desse feito, como sendo elle o resultado de um plano seo, de combinação com os Generaes alliados! Tão estupendo e inconveniente documento, estranhado pelos proprios Generaes Mitre e Flores, foi immediatamente cassado, por ordem do General em Chefe Barão de Porto-Alegre (*Vide* documento n. 33).

Estava na consciencia de todos, que alguem devia ser responsabilisado pelos tristes successos que occorreram na Provincia desde 10 de Junho, pela invasão e marcha sem resistencia, pelo saque e destruição de tres povoações, pelos graves prejuizos soffridos por nossos patricios que descansavam na vigilancia e protecção das autoridades, e mais que tudo, pela macula lançada á face da nossa heroica Provincia do sul; e o principal responsavel não podia deixar de ser o General a quem o Governo confiára a defesa do territorio ameaçado, e que, no exercicio dessa patriotica missão, procedera sempre de um modo inqualificavel.

Com effeito, o exame de sua longa correspondencia denuncia a mais extraordinaria irresolução! Ora duvidava da invasão; ora sabendo-a prestes a realisar-se, mostrava profundo desprezo pelos invasores; se um dia reclama reforços e auxilios, no dia seguinte affirma que tem forças mais que sufficientes para aniquilar os salteadores, e é certo que os mappas da força indicavam um pessoal elevado nos seos corpos e brigadas, mas que não condiziam com a existencia real; acampando sempre longe dos pontos mais ameaçados, mostrava-se tão alheio do que occorria, que, dous dias depois de estar o inimigo em S. Borja, ainda elle assegurava não haver novidade alguma na fronteira; promettendo por vezes atacar, em pontos os mais favoraveis para um combate, deixa de o fazer, desobedecendo até a ordens formaes que recebe de seo superior, o Commandante das armas; descurando inteiramente da defesa de duas povoações, manda preparar para resistir a uma outra, que é por elle abandonada, horas antes de chegar a inimigo á sua frente!

Tão insolito procedimento precisava ser explicado cathegoricamente; e por isso o ministro da Guerra Angelo Ferraz, ao receber em Caçapava o officio do General Caldwell, communicando a occupação da Uruguayana pelo inimigo, officio notavel pelas considerações que nelle faz o velho e bravo General (*Vide* documento n. 34), expedio os Avisos de 16 e 17 de Agosto (*Vide* documentos ns. 35 e 36) autorisando a demissão do General Canabarro, se assim o entendesse o General em Chefe Barão de Porto-Alegre, ultimamente nomeado, e exigindo esclarecimentos de varios chefes, sobre alguns quesitos. Não querendo perturbar a organisação dada ao exercito de sitio pelo Barão de Porto-Alegre, o Ministro da Guerra logo depois da rendição da praça, a 27 de Setembro, expedio outro Aviso, no qual, depois de longas reflexões mostrando a absoluta necessidade que tinham de justificar-se varias autoridades militares, concluio mandando submetter a conselho de investigação, e depois ao de guerra, o General Canabarro, o Coronel Fernandes Lima e o Major Xavier do Valle. Esses conselhos não se chegaram a realisar, porque tendo sido adiados pela difficuldade de se reunirem os seos membros durante as operações da guerra,

tornou-se isso depois impraticavel, pelo fallecimento do principal accusado (1).

Não faltaram defensores dos actos do General Canabarro; alguns amigos e correligionarios politicos tomaram a sua defesa, verbalmente ou por escripto; entre estes se conta o illustre General Ozorio, que, respondendo a uma consulta que lhe dirigira o Ministro da Guerra, affirma (*Vide* documento n. 37) que houve um plano combinado entre Canabarro e os Generaes alliados. Mas é forçoso reconhecer que, nessa defesa, elles deixaram-se levar pela voz do coração, que os impellia a desculparem o seu velho amigo e patricio, que conheceram sempre brioso e patriota, e que agora, enfraquecido pelos longos annos de uma vida accidentada, se achava sob a pressão da gravissima accusação de leso-patriotismo.

A verdade incontestavel, porém, é que não ha plano de guerra que possa justificar a entrega ao inimigo, do territorio da patria com todos os seus recursos intactos, o abandono das vidas e da honra das familias, o desprezo de todas as occasiões em que com vantagem se póde bater e destruir esse inimigo, e finalmente o abastecimento e fortificação de uma cidade florescente para utilidade exclusiva do adversario.

Se tal plano houve, ninguem teve conhecimento delle. Nem o Ministro da Guerra que ordenou o conselho de investigação; nem o Presidente e o Commandante das armas que nunca auxiliaram esse plano, nem se referiram a elle; nem os Generaes Mitre e Flores que affirmaram desconhecel-o; nem o Marechal Ozorio que, no citado officio, limita-se a dizer vagamente *que houve*, sem explicar qual fôsse, e até sem se recordar das instrucções que, na Concordia, deo aos engenheiros, quando os mandou na esquadrilha para fortificar a Uruguayana, afim de impedil-a de cahir em poder dos Paraguayos. Tambem não conheciam tal plano, os coroneis Barão de

(1) O General David Canabarro falleceo em sua estancia de S. Gregorio, Rio-Grande, a 12 de Abril de 1867, na idade de 74 annos; o Coronel Fernandes Lima, teve ainda occasião de prestar bons serviços nessa campanha até 1868; quanto ao Major Xavier do Valle, publicou em Outubro de 1867, na cidade de Porto-Alegre, uma collecção de documentos, com os quaes se defendeu das accusações que lhe podiam ser feitas.

Jacuhy, João Manuel, Valença, tenente-coronel Correia da Camara e outros chefes, que opinavam abertamente que se atacasse a columna inimiga durante a marcha; nem, finalmente, o Commandante da guarnição da cidade, que a fortificou e, por ordem inesperada, abandonou-a, sem ter tempo de destruir as trincheiras, nem lançar ao rio as abundantes provisões.

E' forçoso, pois, reconhecer que, a capitulação dos invasores na Uruguayana dependeu de circumstancias que ninguem podia ter combinado, taes como: a completa anniquilação da columna de Duarte em Jatay; a grande enchente do Uruguay em meiados de Agosto; a opportuna chegada da esquadrilha que transportou as tropas alliadas de uma para a outra margem; a não menos opportuna chegada do General Barão de Porto-Alegre que, assumindo o commando do exercito, conteve a desharmonia dos dous commandantes das Divisões, e substi tuio o General Caldwell que não conseguira fazer-se obedecer por Canabarro; e finalmente, a presença do Imperador e do seu Ministro da Guerra que, neutralisando as ambições sobre o commando em chefe e dando promptas e energicas providencias, removeram sérias difficuldades, e prepararam o desfecho, o mais util e o mais honroso.

Respondida assim a questão principal, é provavel que nos dirijam algumas interrogações que muito naturalmente se apresentam.

Que papel representou então o General Canabarro incumbido da defesa da nossa fronteira? De que modo a historia severa e imparcial qualificará o seu procedimento durante a invasão? De cobardia? De traição ou connivencia? De inepcia? De deleixo e esquecimento dos seus deveres de militar, de cidadão e de Rio-Grandense?

Cobardia ou traição, nunca! A provincia do Rio-Grande se levantaria em peso para protestar contra qualquer dessas duas accusações, desmentidas pelos innumeros actos da longa existencia desse General, quer no remanso da paz, quer nos campos de batalha. Canabarro foi sempre considerado como um soldado bravo e leal; na época mais notavel da sua vida, durante o levantamento republicano que durou 10 annos, a sua valente

espada foi talvez a que fulgio em maior numero de combates ; e, dos chefes da revolução, foi elle um dos ultimos a render-se, vencido não tanto pela força das armas, como pelo nobre desejo de vêr luzir a paz em sua desolada provincia.

A justiça a mais rigorosa manda, pois, afastar essas duas hypotheses, bem como a de inepcia, porquanto todos aquelles que trataram com o General Canabarro, eram forçados a reconhecer a sua sagacidade e rara perspicacia.

A sentença, portanto, é delicada e não facil de ser lavrada. Mas se tivessemos de dar a nossa opinião, franca e desapaixonada ; opinião de quem conheceo pessoalmente esse General ; de quem teve occasião de apreciar o seu caracter, as suas virtudes e defeitos ; de quem está a par do seu passado e leo com detida attenção a sua correspondencia, official e particular, durante o periodo da invasão (*Vide* os documentos ns. 38 a 43); a nossa opinião, dizemos, seria a seguinte :

« O General Canabarro nunca teve um plano firmemente assentado, para as suas operações de defesa da fronteira, as quaes sempre se resentiram dos variados sentimentos que alternadamente influiram em seu animo. A principio elle não tomou a serio a invasão ; e isso explica a sua falta de vigilancia, bem como a culpavel condescendencia em consentir no licenceamento de officiaes e praças. Cabe-lhe, pois, a pecha de deleixo e desidia neste primeiro periodo. Realisada a invasão, elle prometteo (e acreditamos que com sinceridade) atacar o inimigo na passagem dos rios Ibicuhy e Toropasso ; a chegada, porém, do General Caldwell, seu superior, e mais ainda a do Barão de Jacuhy, seu antigo e feliz emulo, * fel-o subitamente mudar de resolução. Um forte estimulo de velha rivalidade, o desejo de não repartir os louros da victoria, a velleidade de ser elle só o vingador do ultrage feito á sua terra natal, actuaram de modo

* O Coronel Francisco Pedro de Abreu, Barão de Jacuhy, foi o intrepido chefe legalista que, além de muitos outros actos de bravura durante a revolução, surprehendeo e bateo o General republicano Canabarro, a 14 de Novembro de 1844, em Porongos; feito d'armas esse, que deu fim á rebellião de 10 annos.

irresistivel sobre o espirito do valente General, enfraquecido pela idade. Elle quizera operar só, sem reconhecer outra autoridade militar superior á sua, nem receber adjutorio de outro chefe, e muito menos de um que não estimava e fôra sempre seu rival em fama. Se, em logar de simples Commandante de divisão, fôsse Canabarro o Commandante das armas, o unico chefe, (é nossa firme convicção), elle teria atacado o inimigo em sua marcha ; sua tactica teria sido outra, e muito differentes os successos dessa campanha.

2ª QUESTÃO

A rendição da Uruguayana, do modo por que foi realisada, póde ser qualificada como uma victoria ?

Se, o vocabulo *victoria* deve ser exclusivamente applicado para exprimir a grande vantagem alcançada por um exercito sobre o seu contrario, em combate, é claro que, ao facto succedido a 18 de Setembro de 1865, não é elle bem cabido, pois que combate não houve. Se, porém, a accepção de tal termo póde ser estendido ao caso em que um exercito, por pericia do seu general, ou por qualquer outra circumstancia, tenha conseguido tornar impotente o exercito contrario em combate, obtendo assim vantagens assignaladas que apressem a conclusão da campanha, então, é fóra de contestação que, a capitulação da columna paraguaya na Uruguayana, deve figurar na nossa historia militar como uma victoria gloriosa.

Factos historicos muito notaveis das nações guerreiras, consagram esta opinião; e entre grande numero delles, nos satisfaremos em apresentar dous bastante conhecidos : A capitulação do general Mack em Ulm, que muito concorreu para a gloriosa paz de Presbourg, em 1805, trouxe para Napoleão mais renome e virentes louros do que a maior parte de suas brilhantes e sanguinolentas batalhas. E ainda ha poucos annos, em Setembro de 1870, a rendição de Sedan e o consequente aprisionamento de Napoleão III, nada perdeu do seu brilho para o exercito

prussiano, por se haver consummado antes do assalto que estava projectado.

Uma autoridade militar, para nós a mais insuspeita, o General D. Bartholomeu Mitre, tambem pensava desse modo, quando, noticiando ao Vice-Presidente D. Marcos Paz a rendição da columna paraguaya na Uruguayana, assim se expressou: « Este feito, da mais alta importancia para as nações alliadas, deve ser fecundo em resultados gloriosos para as suas armas, no decurso desta luta a que foram insensatamente provocadas.»

E com effeito, as vantagens que delle dimanaram para a causa da alliança contra o Dictador do Paraguay, foram enormes: O desapparecimento de uma força consideravel das tres armas, de maneira a não se receiar a volta de um só inimigo; o consequente prestigio ganho pelo exercito alliado, logo no principio da guerra; o descredito immenso para o exercito de Solano Lopez, que este suppunha invencivel, não só pelo fanatismo religioso, como pelo despreso aos brazileiros, que elle incutira por meio de suas proclamações e artigos do *Semanario de Assumpção*; o resgate da nossa cidade sem o emprego violento de um bombardeamento e assalto, que a destruiria completamente; o aniquilamento do plano favorito do Dictador, de levantar o partido *blanco* contra o General Flores, ameaçando o flanco e retaguarda do exercito alliado que era, ao mesmo tempo, ameaçado pelo exercito paraguayo do General Robles; a precipitada retirada deste exercito, evacuando o territorio de Corrientes que Lopez escolhêra para theatro da guerra; e, finalmente, a esplendida força moral para o Imperio, que ahi, perante os chefes e soldados das nações vizinhas, desfez, por seu procedimento magnanimo, as velhas accusações de ambição e barbaridade que constantemente lhe assacavam adversarios encarniçados, alguns dos quaes nesse mesmo lugar, cantaram a palinodia, confessando deverem as vidas aô generoso abrigo que encontraram sob a bandeira e o manto imperial; todos esses motivos se juntaram para realçarem a fama daquelle feito, tornando-o um bello triumpho que fará celebres, aquella data e o lugar em que foi realisado.

Recordem embora, alguns pessimistas, no intuito de

amesquinhar esse triumpho, certas circumstancias que a paixão partidaria e o espirito de inveja já exploraram, taes como: o lamentavel facto de se ter effectuado a invasão sem resistencia, os actos de selvageria praticados pelos chefes da força invasora contra os nossos patricios e povoações, o estado de miseria a que estavam reduzidos os sitiados quando se renderam, a desproporção que no dia da capitulação havia entre as forças sitiantes e sitiadas, e até o auxilio que recebemos dos nossos alliados para conseguirmos esse resultado.

Taes pontos de accusação não tinham, nem têm o valor que lhes quizeram attribuir; e as contradicções em que a cada passo cahiram os accusadores, revelam a injustiça da causa que os movia. Assim: o desar e a vergonha de não se haver opposto resistencia á invasão, recahem tão sómente sobre a autoridade que, como ficou demonstrado, não correspondeu á confiança nella depositada; se os invasores praticaram actos de crueldade no nosso territorio, maior realce cabe á magnanimidade do perdão que lhe foi concedido na hora da angustia; o gráo de miseria extrema a que chegaram os sitiados, foi consequencia do esbanjamento que fizeram dos copiosos recursos que encontraram, e da recusa feita por seus chefes ás proposições humanitarias que, em datas anteriores, lhes haviam sido generosamente offerecidas; a desproporção entre as tropas sitiantes e sitiadas (17.038 contra perto de 6.000) só póde ser estranhada por aquelles que nenhuma noção possuem da historia militar, que nos aponta innumeros exemplos do guarnições diminutas e reduzidas a duras extremidades, resistirem galhardamente a adversarios 10 e mais vezes superiores em numero, prejudicando muito a estes, fazendo-os retirar, ou conseguindo por sua bravura honrosas capitulações; o auxilio que recebemos de nossos alliados, constituio um acto perfeitamente regular da triplice alliança, com o fim de ser destruido um inimigo commum; esses alliados nos prestavam então serviço identico ao que, sem desdouro para elles, tambem por vezes lhes haviamos prestado, e ainda iamos prestar, em defesa de seus territorios e independencia.

Para demonstrar a que escala chegou o prurido das censuras, lembraremos que, ao passo que alguns arguiam

o Imperador por não ter assumido o commando em chefe, conforme (diziam elles) estatuiam a Constituição e o Tratado da triplice alliança (!) outros, (entre elles Thompson e seus annotadores), affirmavam que o Imperador assumira o commando, delegando-o logo no General Mitre (!!) ; e toda essa divergencia apenas conseguia um resultado, que era : dar a medida da ignorancia e da má fé com que fallavam taes criticos.*

Não se limitavam, porém, a essas as accusações ; a sagacidade exploradora dos censores ainda descobrio e phantasiou outras. Passando minuciosa busca em todos os acontecimentos que se deram durante o cêrco, profligaram ainda severamente : as propostas dirigidas em 2 de Setembro ao Chefe Estigarribia ; o excesso e *luxo* de benevolencia que houve na capitulação com uma horda de bandidos ; a honra que lhes deu um Ministro do Imperio, indo ás trincheiras conferenciar com elles ; affirmaram que, desde 10 até 18 de Setembro, o nosso exercito estivera sob as ordens de um General estrangeiro ; que os Chefes paraguayos haviam sido comprados por nós, com dinheiro e com promessas ; indicando-se até as quantias; e, ao mesmo tempo em que averbavam de irrisoria a clausula imposta na capitulação, de não transportar os prisioneiros que quizessem regressar ao Paraguay, lamentaram que não se houvesse incluido um artigo, estabelecendo a troca entre varios officiaes paraguayos com prisioneiros brazileiros que jaziam nos carceres de Assumpção !

Dessas accusações e de outras, que agora nos escapam, algumas já estão destruidas com o que acima ficou narrado, e outras não merecem que com ellas nos occupemos: sobre a ultima porém, não podemos deixar de dizer que, á primeira vista parecia uma ideia bonita, mas seria realisavel ? conviria, em documento tão sério, incluir uma lembrança pueril, uma chimera impossivel de cumprir-se? quem seria o garante da execução desse artigo ? qual o modo pratico de o levar a effeito ? que valor daria á tal clausula o feroz Dictador, que só poderia assentir pelo desejo de cevar sua vingança no sangue dos rendidos da Uruguayana?

---

* *Vide* Nota 6ª á pagina 216 da *Historia da Guerra da Triplice-Alliança*, tomo I, traduzida e annotada pelo Conselheiro Paranhos Junior.

Por sua livre vontade, ou sob palavra, nenhum dos contemplados na troca iria apresentar-se á hyena de Assumpção ; só iriam obrigados pela força, e neste caso quem respondia pela sorte da escolta? E esses mesmos criticos achariam ser um acto isento de censura, entregarmos vilmente aos seus algozes, aquelles que se nos renderam á discrição, confiados na honra da nossa bandeira?

Ah! não havia meio algum de salvar os infelizes prisioneiros de Assumpção! Elles estavam votados fatalmente ás torturas e à morte, como o foram aquelles que procuraram minorar os seus soffrimentos,[1] como todos os que incorriam no odio, ou na simples suspeita de Lopez, que não exceptuou os mais intimos amigos, seus irmãos e até sua propria mãi! [2]

Mas, é facilimo quando se está fóra da esphera dos acontecimentos, no conforto e achego domestico, depois de digerir um succulento almoço e vendo subir as caprichosas espiraes de fumo de um bom havana, analysar e criticar com severidade os actos praticados por aquelles que, longe de todas as commodidades da vida, longe da familia, lutando com mil difficuldades, e sentindo pezar sobre si immensa responsabilidade, precisavam a todo o momento multiplicar de esforços e de paciencia, para vencerem as contrariedades que se succediam como ondas, vendo muitas vezes cahir por terra em um instante, trabalhos e projectos que bastante tempo haviam custado a preparar.

Que a rendição da Uruguayana foi um successo glorioso para o Brazil, prova-o ainda o modo por que geralmente se acolheu a sua noticia. Na Côrte e em todas as cidades e povoados do Imperio, ella causou verdadeiro enthusiasmo, ás vezes durando dias as manifestações populares. No exercito de operações, acampado então na margem do Mandisoby, o valente General Ozorio (juiz o mais

---

[1] O Consul Portuguez José Maria Leite Pereira por ter procurado suavisar a sorte dos martyres brazileiros de Assumpção foi preso, carregado de ferros, conduzido ao acampamento de S. Fernando e ahi fusilado!

[2] No dia da victoria de Aquidaban (1 de Março de 1870) o General Camara pôz em liberdade a mãi e as irmãs do tyranno, que se achavam presas no acampamento, e já lhes fôra intimada a sentença de morte.

competente na materia, por ser soldado leal e filho da provincia ultrajada) publíca um boletim (*Vide* documento n. 44) affirmando que *o triumpho não podia ser mais brilhante*, e como signal de seu regosijo, concede tres dias de descanso ás suas tropas; as quaes tambem nos transportes de sua alegria, tendo á sua testa os seus Chefes e officiaes, transformam o acampamento em vasto e festivo arraial.

Na esquadra, os heroicos vencedores do Riachuelo, com a maior effusão d'alma se congratulam com os seus irmãos do exercito pela sua victoria, incruenta mas geradora de grandes beneficios para a causa sagrada da patria. Nas povoações das duas margens do Paraná e do Uruguay, é recebida com explosões de jubilo a nova do aniquilamento da columna inimiga que as trazia em constante sobresalto; e as cidades de Montevidéo e Buenos-Ayres ainda se recordarão das ruidosas demonstrações do dia 21 de Setembro, quando o povo em ondas pelas ruas, unia seus vivas freneticos ao repique dos sinos e ao troar dos foguetes e salvas; vivas que eram ardentemente correspondidos pelas senhoras que, agitando os lenços, enchiam as janellas e sotéas, onde tremulavam milhares de bandeiras das tres nações alliadas. Mesmo na Europa, onde agentes e escriptores eram pagos por Lopez para transviarem a opinião, os mais sisudos e circumspectos jornaes expuzeram, em longos artigos, os resultados vantajosos que deviam decorrer dessa capitulação, entoando ao mesmo tempo hosannas aos brazileiros, pelos seus sentimentos cavalheirosos para com os vencidos, que só pela magnanimidade dos vencedores, escaparam do castigo a que haviam feito jus, pelas iniquidades commettidas durante a sua marcha devastadora.*

Em contraposição a estas manifestações de prazer e de louvor, por parte de interessados e de estranhos, a noticia da capitulação de Estigarribia causou ao Dictador Lopez um horrivel abalo; mais profundo ainda do que o produzido pela derrota de sua esquadra no Riachuelo; tanto assim, que lhe não foi possivel encobril-o ao seu povo, como o fizera por occasião deste desastre do seu

* Como amostra do que avançamos, leia-se as correspondencias da Europa, transcriptas no *Jornal do Commercio* e *Correio Mercantil* de Dezembro de 1865 e Janeiro de 1866.

poder naval. E esse enorme abalo é ainda mais uma prova, para confirmar que foi para nós gloriosa a rendição de Uruguayana.

Solano Lopez depositára as maiores esperanças na expedição enviada ás margens do Uruguay. Contando que esta fôsse apoiada, no territorio argentino, pelas tropas de Urquiza adversarias do presidente Mitre; no Estado Oriental pelo partido *blanco*, de que eram emissarios o ex-ministro Carreras, os Salvañacs e Zepitria; e affagando mesmo a idéa de não ser hostilisado na nossa provincia do Rio-Grande do Sul pelos antigos sonhadores da republica; confiando muito no merito militar do seu ajudante de ordens Estigarribia, assim como no espirito astuto, tenaz e energico do padre Duarte, seu parente e amigo; o Dictador lisongeava-se de pôr em terrivel posição o grande exercito alliado, que seria assim obrigado a repassar o Uruguay, desembaraçando o caminho ao general Robles; o qual com os seus 30,000 homens e as sympathias de muitos Entre-rianos e Correntinos, seguiriam com rapidez a ameaçar as capitaes das duas Republicas do Prata. Na sua infantilidade de ser o Napoleão da America, elle chegou até a contar as probabilidades de aprisionar a nossa esquadra do Paraná, e com esta mesmo, vir ameaçar a côrte do Imperio!

A destruição da columna de Duarte em Jatay, a 17 de Agosto, foi o primeiro revez a esse seu vasto plano; entretanto não lhe causou grande móssa. O papel dessa columna era secundario; auxiliar a marcha da columna principal e arrecadar os despojos tirados das povoações e terras brazileiras. No combate de Jatay, os 3,000 homens que compunham essa columna, é certo que não mostraram pericia na escolha da posição para o combate, mas pelejaram com bravura contra forças muito superiores em numero e em armas; tinham sido destroçados, mas em luta desigual e honrando o nome paraguayo. Mas, a capitulação de Estigarribia em Uruguayana, sem tentar a sorte das armas, depois da extraordinaria felicidade que acompanhára a este, durante a marcha que fizera pelo territorio brazileiro, (territorio desse povo que elle se esforçára em pintar como fraco e timido) era um golpe horroroso para a sua alma cheia de orgulho e de odio.

Impossivel lhe foi dissimular, conservando em segredo, a sua humilhação e a sua sêde de feroz vingança! Rugindo como um tigre, por não pòder colher ás mãos o chefe Estigarribia e ceivar nelle a sua raiva, ordenou (dizem, mas custa a acreditar!), que a sua infeliz esposa e suas duas ou tres filhas moças, fôssem entregues á marinhagem dos seus navios (!); e logo após correndo para Humaitá, reunio os officiaes dos batalhões ahi acampados e annunciou-lhes, entre medonhas imprecações, que o traidor Estigarribia havia vendido ao Brazil, por 3000 doblas, a sua espada e a columna que lhe fôra confiada; e lamentando tambem que o General Robles, commandante do exercito de Corrientes, nada houvesse tentado para soccorrer os sitiados da Uruguayana, mandou chamar esse General para justificar-se; mas, á sua chegada, o fez fuzilar incontinenti.

Não sendo ainda bastante esse desabafo, ahi mesmo de Humaitá expedio elle dous documentos notaveis, que ainda servem para testemunhar a grande importancia que ligava á missão de Estigarribia, e a dôr e desapontamento que lhe causára o facto de 18 de Setembro de 1865.

O 1º desses documentos foi uma Ordem do Dia, datada de 6 de Outubro, e dirigida ao povo do Paraguay, na qual depois de longo e sentido introito, diz:

« . . . Na occasião em que eu esperava saber que a
« columna chegára ao ponto que lhe fôra determinado,
« abrindo caminho atravez de todos os obstaculos e
« conquistando louros, é quando recebo a vergonhosa
« noticia de sua rendição na Uruguayana, sem custar ao
« inimigo uma só gotta de sangue, e á vista de alguns
« milhares de inimigos que, apezar do seu numero, da
« presença do Imperador do Brazil, do Presidente da Re-
« publicaArgentina e do caudilho da revolução oriental,
« nunca se atreveram a arriscar um só ataque contra os
« nossos! O chefe Estigarribia responderá perante Deus
« e a patria por este acto, unico que envergonhe a nossa
« historia. O estandarte e as armas paraguayas, só ser-
« viram para tropheo do inimigo, e para que os cida-
« dãos que as empunharam, desfilassem inermes como

« escravos, fazendo estremecer em seus tumulos, as
« cinzas de seus maiores ! Uma catastrophe tão grande
« como a que vos annuncío, exige de todo o para-
« guayo um novo esforço e um novo brio, para lavar
« a primeira nodoa até hoje lançada na bandeira e no
« nome paraguayo. »

O outro documento foi um extenso officio dirigido ao General D. Bartholomeu Mitre, protestando amargamente contra a organização de uma legião composta dos prisioneiros de Jatay e Uruguayana, os quaes, diz o tyranno :

«... foram á força obrigados a pegar em armas
« contra o seu paiz, fazendo-os traidores, afim de tirar-
« lhes os direitos de cidadão e a mais remota esperança
« de voltarem ao seio da patria e da familia; pelo que
« (accrescentava elle) previno-lhe que o apparecimento
« da bandeira paraguaya nas fileiras do exercito alliado,
« me dispensará de ter qualquer contemplação com todo
« e qualquer prisioneiro argentino, oriental e brazileiro,
« que responderá logo com a sua propriedade e vida, á
« mais rigorosa represalia. »

Muitas paginas ainda poderiamos adduzir, com argumentos valiosos, em sustentação da nossa these. Deter-nos-hemos, porém, aqui ; além de já ir bastante longo este estudo, suppômos que é sufficiente o que dissemos para ficar fóra de contestação que : o facto acontecido em frente á cidade da Uruguayana, na tarde de 18 de Setembro de 1865, póde *e deve* figurar nos annaes da historia militar do nosso paiz, como uma esplendida victoria, digna das bençãos da patria, da humanidade e da civilisação.

(*Seguem os documentos*).

DOCUMENTOS JUSTIFICATIVOS

I

S. Borja em 14 de Junho de 1865.

Viva a Republica do Paraguay!

Exm. Sr.: Depois de ter entregue a povoação ao livre saque dos soldados por horas determinadas para cada corpo, conforme as instrucções que V. Ex. foi servido dar-me, recolhi alguns generos que nesta data envio ao Major Duarte, com ordem de os fazer transportar na primeira occasião para a Villa da Encarnação, onde serão entregues devidamente relacionados ao Commandante da guarnição.— Deus Guarde a V. Ex.— *Antonio Estigarribia.*

Este officio consta do registro de officios, encontrado na cidade da Uruguayana depois da capitulação; bem como outro do Major Duarte, commandante da columna da margem direita do Uruguay ao General Robles, commandante do exercito de operações em Corrientes com data de 3 de Junho, no qual havia o seguinte periodo:

« *O Marechal me ordena que leve todo o gado que encontre, que mate todos os prisioneiros que cahirem em meu poder e que persiga os gringos amigos de Mitre. V. S. deve fazer a mesma cousa por lá*».

II

O Presidente da Republica Oriental e General em Chefe de seo exercito.—Quartel General em marcha 19 de Agosto de 1865.—Sr. Commandante em Chefe D. Antonio Estigarribia.

No intuito de evitar a effusão de sangue que V. S. inutilmente vae fazer derramar, pois que está completamente perdido, dirijo esta a V. S. para scientificar-lhe que neste momento me estou preparando para passar o meo exercito, que consta de oito mil infantes com 40

peças de artilharia e quatro mil homens de cavallaria, resolvido a ir bate-lo. Por essa razão proponho-lhe que se renda prisioneiro com o seo exercito, offerendo-lhe sob minha palavra de honra todas as garantias que V. S. possa desejar para sua pessoa, chefes, officiaes e soldados, que serão tratados como amigos.

Os alliados não fazem a guerra aos paraguayos, mas sómente ao tyranno Lopez que os governa e trata como a escravos; nosso fim é dar-lhes liberdade e instituições, nomeando vós um governo de livre eleição. Lembre-se, commandante Estigarribia, que V. S. póde ser um dos homens da republica paraguaya, salvando seos compatriotas da morte e da ruina, se forem teimosos. V. S. entenda-se commigo e tenha fé que não o engano, porquanto não sou politico e lhe fallo com a franqueza de soldado. Não esteja illudido; o General Mitre está no ençalço do exercito paraguayo com mais de trinta e seis mil homens, e V. S. não tem quem o salve. Não se demore em aceitar o unico meio de salvação que tem.—Deus Guarde a V. S. muitos annos.—*Venancio Flores.*

Nota.— Espero hoje mesmo sua resposta.—Vale.—*Flores.*

III

Campo em frente á Uruguayana.— Quartel-general do commando da 1ª divisão ligeira em operações, 19 de Agosto de 1865 ás 5 horas da tarde.

O general abaixo firmado commandante da divisão.

Ao commandante em chefe do Exercito paraguayo D. Antonio Estigarribia.

Addindo a inclusa carta do presidente da Republica Oriental deverá saber V. S. que, além das forças por elle citadas, tem á sua vista acima de nove mil homens todos dispostos a offerecer-lhe a mesma sorte, que junto á Restauração tiverão seus companheiros d'armas.

Os principios de humanidade, o amor pelas instituições livres, fazem com que, na qualidade de alliado, me una ao Exm. presidente da republica, acompanhando-o

em toda a extensão de seu generoso offerecimento e de sua segura ameaça.

Muito breve espero neste quartel sua resposta; ella dever-nos-ha servir de norma de conducta.

Com a devida consideração de V. S.— *David Canabarro*, Brigadeiro.

IV

Quartel general do commando interino das armas da provincia nas pontas do Imbahá, 20 de Agosto de 1865.

Sr. commandante.— Convicto de que já vos não é desconhecida a vossa precária situação, ultimamente ainda aggravada pela total derrota da força do vosso estado, que se achava em frente á Uruguayana no dia 17 do corrente; e desejando a todo custo poupar o sangue americano, quer pelo dever que nos impõe a quadra de civilisação que atravessamos, como correspondendo ás recommendações e vontade do meu augusto soberano, e, finalmente, dispondo de um exercito composto das tres armas e em numero duplicado ao do vosso, além do exercito ao mando do general Flores, que, sem duvida alguma se achará em combate a meu lado, vos convido a depôr as armas, dando-vos a garantia de vida a todos, sem excepção. Sr. commandante, collocado como vos achais á frente de tantos soldados de quem não podereis dispôr a essencia humana para stoicamente baratteardes suas vidas em um combate tão desigual e inevitavel, é vosso dever, como christão e chefe, o de aceitardes a presente offerta que faço, e que fica garantida pela minha honra de general brazileiro.

Deus guarde a V S.— *João Frederico Caldwell*, Tenente General Graduado.

V

Quartel General em marcha. Uruguayana, 20 de Agosto de 1865.

Viva a Republica do Paraguay!

Sr. General em chefe, brigadeiro D. Venancio Flores.

Hontem á noite, bastante tarde, recebi a carta

datada desse dia, e que me foi entregue pelo tenente prisioneiro de guerra José Zorrilla, que entregará a V. Ex. esta minha resposta. Li com a maior attenção a precitada nota, afim de responder, como cumpre a um militar de honra, a quem o supremo governo de sua patria tem confiado um posto delicado. Em consequencia devo declarar a V. Ex. que como militar, como paraguayo e como soldado que defende a causa das instituições, da independencia de sua patria, regeito a proposta de V. Ex., porquanto meo governo está firmemente resolvido a pugnar por seos direitos e a manter a integridade e o equilibrio dos estados do Prata. Admittindo mesmo, como V. Ex. declara na nota a que respondo, estar eu perdido e não dever esperar protecção dos exercitos do Paraguay, a minha honra e a obediencia que devo ao supremo governo de minha patria me prescrevem o dever de preferir a morte a entregar as armas que nos confiou S. Ex. o marechal presidente da Republica para que eu defenda os sagrados direitos de tão nobre causa contra um inimigo estrangeiro. Os chefes, officiaes e praças desta divisão, que commando, são do mesmo pensar, e estão todos dispostos a succumbir no campo de batalha antes que a acceitar uma proposição que deshonraria e encheria de eterna infamia o nome do soldado paraguayo. Contente com a posição modesta que occupo em minha patria, não quero honras nem glorias que devam ser adquiridas com desar para a minha patria e em proveito de alguns discolos paraguayos consagrados ao serviço da conquista estrangeira. Como eu, toda a divisão sob meo commando deseja com ancia o momento de provar a V. Ex. que o soldado paraguayo não conta o numero de seos inimigos nem com elles transige quando defende tão caros e nobres interesses.

Deos guarde a V. Ex. muitos annos.—*Antonio Estigarribia*.

VI

Commando em chefe da divisão de operações sobre o Uruguay.—Acampamento em marcha 20 de Agosto de 1865.—A S. Ex. o Sr. Brigadeiro David Canavarro.

O mesmo official paraguayo prisioneiro no combate do dia 17, que me entregou sua nota e a do Brigadeiro Flores é portador da minha resposta.

A V. Ex. como ao General Flores digo que defendo e sustento a causa da Republica e a independencia de minha patria, e que como soldado de honra não posso nem devo aceitar proposição alguma. Confio muito na nobreza e reconhecido valor dos soldados paraguayos e ao lado delles me baterei, como já o souberam fazer com os soldados de V. Ex. nas pontas do Botuhy.—Com a devida consideração.—Deus guarde a V. Ex. por muitos annos.—*Antonio Estigarribia.*

VII

Commando em chefe da divisão de operações sobre o Uruguay.—Acampamento em marcha 20 de Agosto de 1865.—A S. Ex. o Sr. Tenente General D. Frederico Caldwell, commandante interino das armas Imperiaes.

Viva a Republica do Paraguay!

Os meos chefes, officiaes e tropas obedecem ao supremo governo do Paraguay e delle receberam o mandado de executarem minhas ordens. Em nenhuma das instrucções que me foram dadas por S. Ex. o Sr. Marechal presidente da Republica por escripto, consta a de me render ao inimigo; pelo contrario ha a de pelejar até succumbir, em defesa dos sagrados direitos da patria e da integridade da republica.

Não aceito, portanto, proposição alguma; hoje como amanhã e sempre, V. Ex. me achará disposto a dar igual resposta. Se as forças de que V. Ex. dispõe são tão numerosas como affirma, venha e então comprehenderá quanto deve esperar o Imperio do Brazil e seos alliados, do soldado paraguayo, que sabe morrer com gloria ao lado de sua bandeira, mas nunca render-se.—Deos guarde a V. Ex. por muitos annos.—*Antonio Estigarribia.*

VIII

« Quartel-general, em frente á Uruguayana, 2 de Setembro de 1885.

« Ao Sr. commandante em chefe do exercito paraguayo em operações sobre a costa do Uruguay, coronel D. Antonio Estigarribia.

« Os abaixo assignados, representantes do exercito alliado da vanguarda cumprem um alto dever dirigindo-se a V. Ex. com o fim que esta nota exprime, esperando confiadamente que, para que elle se consiga, prestará V. Ex. a cooperação que sua posição e deveres lhe impoem.

« Antes de romper as hostilidades, para que estamos preparados sobre a povoação da Uruguayana, occupada por forças sob o seu commando, não teriamos satisfeito as prescripções mais sagradas da civilisação e humanidade, se não lhe patenteassemos o nosso sincero desejo de cortar as grandes e inuteis desgraças que occasionaria a resolução em que V. Ex. até agora tem permanecido de sustentar-se nessa praça.

« Ao aceitar a guerra que o presidente do Paraguay gratuitamente declarou ás nações alliadas, nossos respectivos governos aceitaram-a em nome de sua honra offendida e dos principios de liberdade e justiça que professam, resolvidos a fazel-a com o vigor de que são capazes, sujeitando-se sempre, porém, aos principios beneficos de moderação que a tornam menos dura e são observados por todos os povos cultos da terra. Não é, pois, Sr. coronel, uma guerra de exterminio a que fazemos ao presidente do Paraguay, do que é prova a existencia dos numerosos prisioneiros, chefes, officiaes e soldados, feitos no combate do dia 17 do passado, a que não cessam de louvar a reconhecida generosidade dos vencedores, dos quaes não receberam a menor demonstração capaz de aggravar-lhes a condição de vencidos.

« Animados por estes sentimentos, não queremos ser de fórma alguma responsaveis pelo sacrificio dos soldados que obedecem a V. Ex., sacrificio tão esteril na posição

em que os pôz a sorte de guerra como deshumano ; porque é só permittido combater quando existe alguma probabilidade de triumpho, ou quando se póde alcançar qualquer vantagem para a causa que se defende.

« V. Ex. está, segundo a opinião dos abaixo assignados, em um caso extremo, e do qual só póde esperar um fim desastroso, se persistir em repellir as propostas honrosas que lhe dirigimos; por conseguinte—as vidas de tantos compatriotas seus, confiados á sua direcção, devem ser-lhe devidamente caras, para não immolal-as esterilmente—por uma mal entendida honra militar, que, nas actuaes circumstancias, não póde ter justa e bem cabida applicação.

« Sem a menor intenção do offender as opiniões politicas que V. Ex. professa, consideramos assim mesmo conveniente recordar-lhe que a guerra que fazemos actualmente se dirige tão sómente ao presidente do Paraguay, de nenhuma maneira ao povo paraguayo, cuja independencia e soberania estão garantidos solemnemente pelas nações alliadas, e cuja liberdade interna se propoem ellas assegurar tambem como base de futura paz a que aspiram e da bôa intelligencia dos seus governos.

« Em virtude disto, não podemos deixar de ponderar a V. Ex. que nenhuma razão justa póde impellil-o a derramar o sangue de seus compatriotas por uma causa reprovada e puramente pessoal e que V. Ex. mesmo não tardará em deplorar intimamente quando, graças á mudança politica que se prepara na sua patria, a vir entrar em uma existencia nova e reparadora, respirando a liberdade que seu governante lhe roubou cruelmente, sujeitando um povo a arrostar eternamente a cadêa do escravo, tendo V. Ex. a consciencia de haver sacrificado seus proprios compatriotas para resistir a esse immenso bem, em vez de trabalhar para alcançal-o.

« E' tempo ainda, Sr. coronel, que V. Ex., reflectindo maduramente, se convença da verdade dos factos referidos e que, longe de defender a causa de sua patria, como parece crêl-o, serve tão sómente a um homem que a tem opprimido, e que não póde nunca proporcionar-lhe outros bens que o predominio absoluto de uma vontade despotica e o atrazo sem termo do povo.

« Esta é uma das razões por que nossos respectivos governos não olham o povo paraguayo como seu verdadeiro inimigo nesta guerra, mas sim o governante absoluto que o tyrannisa e que o extraviou e arrastou á guerra inqualificavel que provocou, e esta é tambem uma razão poderosa que augmenta a responsabilidade de V. Ex., se insistir em defender-se nessa praça contra o ataque que daremos, apoiados em 20.000 homens e 50 peças de artilharia, sem contar os numerosos reforços que successivamente vêm chegando.

« Em virtude das considerações expostas, e de haver chegado ao conhecimento dos que as assignam que individuos da guarnição dessa praça têm mostrado a outros deste exercito o seu desejo de conhecer por escripto as bases da convenção que proporiamos aos sitiados, redigimos as que constam da carta junta, tambem por nós assignada, e que juntamos para seu conhecimento.

« V. Ex. advertirá que lhe offerecemos as condições mais honrosas que se costumam conceder entre nações civilisadas ; porém, deve persuadir-se que este procedimento da nossa parte é uma prova mais dos sentimentos que nos animam a respeito dos cidadãos paraguayos, a quem não podemos confundir jamais com o seu governo.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos.—*Venancio Flores.* — *Visconde de Tamandaré.* — *Barão de Porto-Alegre.*— *Wenceslão Paunero.*»

BASES DO CONVENIO

« Os representantes do exercito alliado da vanguarda, brigadeiro-general D. Venancio Flores, governador provisorio da Republica Oriental do Uruguay e commandante em chefe do exercito alliado da vanguarda, vice-almirante Visconde de Tamandaré, commandante em chefe das forças navaes do Brazil no Rio da Prata, tenente-general barão de Porto-Alegre, commandante em chefe do exercito em operações nesta provincia, e o general D. Wenceslão Paunero, commandante em chefe do 1° corpo do exercito argentino, interessados em evitar o

inutil derramamento de sangue, attenta a situação precaria em que estão as forças paraguayas que occupam a villa brazileira de Uruguayana, contando que o commandante em chefe das ditas forças estará na altura dos serios deveres que sobre elle pesam, pelo que toca á salvação das numerosas vidas de seus soldados, as quaes como militar só têm o direito de expôr no caso de ter alguma probabilidade de exito (que não póde esperar) concordaram, em nome dos direitos da humanidade, offerecer ao Sr. coronel D. Antonio Estigarribia, commandante em chefe do supradito exercito paraguayo, as seguintes condições para a entrega da praça :

1.ª O chefe principal, officiaes e mais empregados de distincção do referido exercito paraguayo sahirão com todas honras da guerra, levando suas espadas, e poderão seguir para onde fôr do seu agrado, sendo obrigação dos abaixo-assignados ministrar-lhes para isso os necessarios auxilios.

« 2.ª Se escolherem para a sua residencia alguns pontos do territorio de qualquer das nações alliadas, serão obrigados os respectivos governos a prover a subsistencia dos mencionados chefes e officiaes paraguayos durante a guerra, até sua conclusão.

« 3.ª Todos os individuos de tropa, desde sargento para baixo inclusive, ficarão prisioneiros de guerra, debaixo da condição de que serão respeitadas suas vidas, alimentados e vestidos devidamente durante o periodo da guerra, por conta dos mesmos governos.

« 4.ª As armas e mais petrechos bellicos pertencentes ao exercito paraguayo serão postos igualmente á disposição do exercito alliado.—*Venancio Flôres.*—*Visconde de Tamandaré.*—*Barão de Porto-Alegre.*—*Wenceslão Paunero* ».

IX

Viva a Republica do Paraguay!

O commandante em chefe da divisão em operações sobre o rio Uruguay.

Acampamento na Uruguayana, 5 de Setembro de 1865.

Aos senhores representantes do exercito alliado da vanguarda.

O abaixo assignado, commandante em chefe da divisão paraguaya em operações sobre o rio Uruguay, cumpre o dever de responder á nota que VV. EEx. lhe dirigiram com data de 2 do corrente, acompanhando as bases de um accordo.

Antes de tocar no principal da nota de VV. EEx. seja-me permittido repellir, com a decencia e elevação proprias de um militar de honra, todas aquellas proposições contidas na referida nota por demais injuriosos ao supremo governo do abaixo assígnado.

Essas proposições, com perdão de VV. EEx., collocam semelhante nota ao nivel dos diarios de Buenos-Ayres, os quaes de alguns annos a esta parte não fazem outra cousa, não têm outra occupação, senão denegrir grosseira e severamente o governo da Republica do Paraguay; lançando ao mesmo tempo grosseiras calumnias contra o mesmo povo, que lhes respondeu, promovendo a sua felicidade domestica por meio do trabalho honroso, e fazendo consistir a sua maior felicidade na sustentação da paz interna, base fundamental da preponderancia de uma nação.

Se VV. EEx. mostram-se tão zelosos por dar a liberdade ao povo paraguayo, segundo suas proprias expressões, por que razão não principiaram por dar a liberdade aos infelizes negros do Brazil, que compoem a maior parte de sua população, e que gemem na mais dura e espantosa escravidão, afim de enriquecer e deixar passear na ociosidade a algumas centenas de grandes do Imperio? Desde quando aqui se chama escravo a um povo que elege por sua livre e espontanea vontade o governo que preside aos seus destinos? Sem duvida alguma desde que o Brazil se intrometteu nos negocios do Prata, com o proposito deliberado de submetter e escravisar as Republicas irmãs do Paraguay, e talvez ao proprio Paraguay, se este não contasse com um governo patriotico e previdente.

VV. EEx. hão de permittir-me estas diggressões, visto que as provocaram, insultando em sua nota o governo de minha patria.

Não concordo com VV. EEx. em que o militar de honra, o verdadeiro patriota, deva limitar-se a combater quando tiver probabilidade de vencer.

Abram VV. EEx. a historia, e nesse grande livro da humanidade aprenderão que os maiores capitães, de quem o mundo ainda se recorda com orgulho, não contaram nem o numero de seus inimigos, nem os elementos de que dispunham, mas venciam ou morriam em nome da patria.

Lembrem-se VV. EEx. que Leonidas, com trezentos Espartanos, defendendo o passo das Thermopilas, não quiz dar ouvidos ás proposições do rei da Persia, e, quando um de seus soldados disse-lhe que os seus inimigos eram tão numerosos que escurecíam o sol quando disparavam as flexas, respondeu-lhe : « Melhor, combateremos á sombra.» Como o capitão Espartano, não posso dar ouvidos ás propostas do inimigo, porquanto fui mandado com os meus companheiros para pelejar em defesa dos direitos do Paraguay, e como sou soldado devo responder a VV. EEx. quando enumeram as forças que commandam e as peças de artilharia de que dispoem : « Tanto melhor, o fumo da artilharia nos fará sombra.»

Se a sorte me prepara um tumulo nesta villa da Uruguayana, nossos concidadãos conservarão a lembrança dos Paraguayos que morrêrão pelejando pela causa da patria, e que emquanto viveram não entregaram ao inimigo a sagrada insignia da liberdade da sua nação.

Deus guarde a VV. EEx. muitos annos.—*Antonio Estigarribia.*

X

Acampamento na margem esquerda do Uruguay em 25 de Agosto de 1865.

« Soldados do exercito da vanguarda !

Já estamos no territorio imperial, unidos ás legiões dos valentes Rio-Grandenses, que vos esperam anciosos para novamente combater os escravos do despota paraguayo, que, fechados na rica villa de Uruguayana, se divertem em incendiar os seus melhores edificios, sem ter

animo de dar um passo para diante, e alli mesmo em poucos dias ficarão sepultados sob as ruinas da villa. Desde já me antecipo a saudar-vos como vencedores e triumphantes de Uruguayana, porque perante vossas bayonetas e vosso arrojo não ha inimigo que resista.— *Venancio Flôres.*

XI

« Acampamento em frente á Uruguayana, 6 de Setembro de 1865.

« 1.° Amanhã 7, é o anniversario de Independencia do Brazil. Como alliados e amigos do Brazil e do povo brazileiro, a bateria do exercito oriental dará uma salva de 21 tiros á 1 hora da tarde, arvorando as bandeiras brazileira, argentina e oriental, occupando a primeira o centro.

« 2.° Por ordem do general em chefe do exercito oriental e da vanguarda, o chefe do estado-maior, segundo chefe do mesmo, passará ao quartel-general do Exm. Sr. Barão de Porto-Alegre, general em chefe do exercito do Rio-Grande, para felicitar a S. Ex. pelo anniversario da independencia do povo brazileiro e pela prosperidade de seu digno monarcha.

« 3.° Amanhã não terão exercicio os corpos que formam o exercito da vanguarda, os quaes permanecerão com bandeiras desenroladas na hora da mostra.» — *Venancio Flôres.*

XII

Quartel General em frente á Uruguayana, 9 de Setembro de 1865.— Ao Sr. Commandante em chefe das forças paraguayas em Uruguayana.

Os abaixo assignados receberam a nota de V. Ex. datada de 8, solicitando os meios necessarios para que as familias e outros neutraes que existem nessa praça, possam sahir della antes do ataque, salvando-se das desgraças que sobrevirão e que não é justo que as attinjam.

Em resposta ao objecto principal da nota referida e aos fundamentos que nella se adduzem, devemos dizer a V. Ex. que, os abaixos assignados não se poderiam esquecer desse acto de commiseração com os neutraes, quando se mostraram empenhados em salvar os proprios soldados sob o seu commando, e que só esperavam o momento opportuno para alcançar de V. Ex. o necessario accôrdo.

Nesta conformidade, póde V. Ex. previnir a todos os individuos dessa praça que, segundo o direito das gentes se achem comprehendidos na condição de *neutraes*, que se podem dispôr a sahir della; para cujo effeito se lhes determinará o dia em que o devam verificar; e será opportunamente communicado a V. Ex.— Deus Guarde a V. Ex.— *Venancio Flôres.— Barão de Porto-Alegre.— W. Paunero.*

XIII

Quartel General em frente á Uruguayana, 10 de Setembro de 1865.— O General em chefe dos exercitos alliados ao Commandante em chefe da divisão paraguaya D. Antonio Estigarribia.

Foi recebida a nota de V. Ex. datada de hoje, em resposta á dos chefes do exercito alliado com data de hontem, relativa á sahida dos neutraes que existem nessa praça.

Sobre esse assumpto devo manifestar que, ficando inteirado da resolução em que está V. Ex., serão convenientemente recebidas as pessoas alheias á guerra que se acham nessa povoação, e que V. Ex. vai fazer sahir fóra das trincheiras amanhã ao meio dia.— Deus Guarde a V. Ex.— *Bartholomeo Mitre.*

XIV

Commando em chefe do exercito em operações na provincia de S. Pedro do Sul.

Quartel general em frente á Uruguayana 10 de Setembro de 1865.

ORDEM DO DIA N. 11

S. Ex. o Sr. General commandante em chefe, possuido da mais viva satisfação e jubilo, annuncia ao exercito a proxima chegada a este acampamento, do nosso virtuoso e adorado Monarca.

Para receber convenientemente o mesmo augusto senhor, determinha S. Ex. que, ao ouvirem os corpos o signal de tres tiros de artilharia com intervallos de 15 segundos, formem em seus respectivos acampamentos e reunidos os de cavallaria da 1ª divisão no ponto designado sobre a margem esquerda do Imbahá, e os da 2ª no acampamento que lhe foi hoje marcado, mandem os respectivos Assistentes do Deputado do Ajudante General a este Qnartel General, para receberem as ordens ácerca do campo em que deve formar o exercito.

Pelos mesmos Srs. Assistentes, terão conhecimento as brigadas de infantaria e a artilharia, do campo para esse fim marcado e para o qual deverão logo os Srs. Commandantes das divisões fazel-os seguir, formando a cavallaria da 1ª divisão na direita e a da 2ª na esquerda de cada uma dellas ; a infantaria da 1ª na esquerda da cavallaria, a da 2ª na direita e a artilharia no centro das duas divisões.—*Alexandre Gomes de Argollo Ferrão*, Coronel Deputado do Ajudante General.

XV

Gabinete do Ministro da Guerra.—Acampamento em frente á Uruguayana, 12 de Setembro de 1865.

Illm. e Exm. Sr.—O estado de penuria em que se acha o exercito aqui acampado e a provavel demora dos recursos de que posso dispôr nesta Provincia, attento o máo estado das estradas, a enchente dos rios, a falta ou incapacidade dos meios de transporte, me obriga a lançar mão do unico meio que me resta nestas circumstancias, em que vejo os hospitaes em estado deploravel, a tropa nua e a cinco mezes sem receber soldo, etc., etc., e vem

a ser o de autorizar a V. Ex. a fazer quaesquer operações de credito e remetter para este acampamento até a quantia de quinhentos contos de réis, e tudo que fôr necessario para remediar estes males; prevenindo-lhe de que ao General Osorio officío para que me envie do Salto alguns artigos. E porque não me reste tempo para officiar já ao Ministerio da Fazenda esta resolução, V. Ex. lhe enviará por cópia.

Deus Guarde a V. Ex.— *Angelo Muniz da Silva Ferraz.*—Sr. Francisco Octaviano de Almeida Rosa.

XVI

Viva a Republica do Paraguay!

O commandante em chefe da divisão paraguaya em operações sobre o rio Uruguay.

Sitio da Uruguayana, 13 de Setembro de 1865.

A S. Ex. o Sr. general em chefe do exercito alliado brigadeiro D. Bartholomeu Mitre.—Exm. Sr.—O abaixo assignado, commandante em chefe da divisão paraguaya sitiada em Uruguayana, tem a honra de dirigir-se a V. Ex., desejoso, tanto ou mais que SS. EEx. os chefes da vanguarda de V. Ex., de evitar o derramamento do sangue dos seus concidadãos; mas, como os mencionados chefes fizeram ao abaixo assignado proposições indecorosas para um militar de honra, minhas respostas têm sido proprias dos offerecimentos, e dignas do homem a quem o governo de sua patria confiou uma espada, espada de honra e de lealdade.

Se V. Ex. desejava evitar o derramamento de sangue, tem occasião opportuna de fazel-o na altura que V. Ex. desejaria em caso analogo ao meu.

Póde V. Ex. abrir proposições dignas e não duvide que se assim fôr, os desejos de V. Ex. e os meus serão satisfeitos.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos.—*Antonio Estigarribia.*

(Este officio não teve resposta.)

XVII

« Quartel-general do commando em chefe do exercito em operações nesta provincia, junto á Uruguayana, 16 de Setembro de 1865.— Camaradas ! Approxima-se o momento em que os vandalos que têm levado o incendio e a desolação aos habitantes inermes de uma e outra margem do Uruguay, deverão expiar seus nefandos crimes. Ahi os tendes na vossa frente entrincheirados no ambito que offerece o recinto da villa de Uruguayana, que, com barbaro prazer tem quasi de todo arruinado. O nosso adorado Monarcha nos honra com sua augusta presença em companhia dos augustos Principes seus genros, e do nosso ministro da guerra. Tendes por companheiros nesta luta de honra os valorosos soldados das nações alliadas, e para testemunhas de vossos feitos os chefes das mesmas nações que commigo vos guiarão na marcha gloriosa que vamos emprehender.

« Camaradas ! Demos ao nosso inimigo uma lição, assim de valor como de civilisação e humanidade. Offereçamos-lhe ainda uma vez,antes de principiarmos o combate, algumas horas para reflectirem e ao mundo inteiro uma prova de que no nosso justo resentimento nos quitamos de suas atrocidades por actos dignos de um povo livre.

« Viva S. M. o Imperador !— Viva a nação brazileira !— Vivão as nações alliadas !—Viva o exercito brazileiro !—*Barão de Porto-Alegre.*»

XVIII

PLANO DO ATAQUE DA URUGUAYANA

O ataque da cidade da Uruguayana deve considerar-se debaixo de dous pontos de vista:

1.° Força, resistencia e tomada do recinto exterior fortificado.

2.° Força e resistencia dos edificios e accidentes do terreno interior do recinto fortificado, isto é, edificações, etc.

A estas duas considerações principaes deve subordinar-se o plano de ataque.

Militarmente considerado, a maior extensão do recinto fortificado pelos sitiados é insustentavel diante do fogo da nossa artilharia, e póde por conseguinte ser occupado por nossas forças de infanteria calculando sobre a base de que a superioridade da nossa artilharia faz que seja sufficiente um numero de tropa approximadamente duplo do dos sitiados para render o inimigo dentro das suas linhas.

Portanto, calculando que o inimigo tenha 7.000 homens dentro da praça, devem bastar 10.000 homens para tomal-a, fazendo jogar convenientemente a nossa artilharia de combinação com a esquadra do rio.

A fortificação dos Paraguayos na Uruguayana deve considerar-se como um campo entrincheirado no seu recinto exterior, cujo nucleo é formado de edificios e accidentes que tornam possivel e facil uma resistencia que equivale á força de uma segunda linha interior.

Se os Paraguayos comprehendendo isto e presuppondo que podem e devem perder a linha de fortificações, tivessem um plano de combate ou de defesa no nucleo das linhas de fortificação, então a posse destas linhas não importaria outra cousa do que ir buscar o combate em posições vantajosas de antemão escolhidas e estudadas pelo inimigo.

Porém felizmente parece que o plano de resistencia do inimigo na Uruguayana está baseado na resistencia sobre as trincheiras. Comtudo o plano de ataque deve abranger ambos os casos, tanto o da resistoncia como o do combate corpo a corpo dentro das ruas e edificios comprehendidos nas linhas fortificadas.

A linha de fortificação do inimigo na Uruguayana é igualmente vulneravel por qualquer de seus pontos, e principalmente pelos seus flancos nas immediações do rio, o que elles parecem haver comprehendido quando levantaram duas especies de baluartes que flanquearam as proximidades da linha fortificada por estes dous pontos.

Parecia que a prudencia aconselhava dar-se o assalto por um ou por ambos os pontos, extremos ou flancos; porém pensando bem vê-se que atacando-se pontos oppostos teriam os ataques de ser necessariamente isolados, neutralisando os fogos da marinha, e que no caso de dar-se um ataque falso e outro verdadeiro, o resultado seria que ainda mesmo tomado completamente o ponto atacado se agglomeraria toda a resistencia dos sitiados em um só ponto em que se fariam fortes, sem se conseguir distrahir ou dividir os seus esforços como aconselham as regras militares.

Portanto, a prudencia e o calculo aconselham atacar o inimigo pelos dous pontos em que apparentemente se apresente mais forte:

1.° Porque assim se podem dar dous ataques simultaneos que se apoiem mutuamente.

2.° Porque deste modo se impede o inimigo de reforçar-se em um ou outro ponto.

3.° Porque tomado um dos dous pontos fortes da resistencia, a força tem necessariamente de desmoralisar-se.

4.° Porque alcançada uma vantagem decisiva sobre a mesma linha, se enfraquece a força no nucleo da resistencia, isto é, no interior da cidade.

Em consequencia de todo o exposto, os pontos objectivos do ataque devem ser:

1.° A igreja nova á nossa esquerda.

2.° O ponto chamado Goyo Soares á nossa direita.

Não sómente porque são estes os dous pontos apparentemente mais fortes do inimigo e que uma vez tomados tornam mais difficil toda a resistencia, como porque são dous angulos salientes da sua fortificação, que devem considerar-se como angulos mortos nella, e sobre os quaes póde obrar efficazmente a nossa artilharia.

A respeito do modo de operar sobre estes pontos com as forças de terra, fallar-se-ha mais adiante, limitando-me por ora a dizer por que modo deve a artilharia de marinha operar sobre elles.

Examinadas as fortificações na Uruguayana, apresentam no rio uma serie de pontos que podiam ser enfiados vantajosamente pela nossa artilharia naval, vantagem

que não deve ser sacrificada á combinação do plano geral do ataque.

A artilharia da marinha deve ser considerada como concurrente e não como decisiva do triumpho.

Portanto o fogo da artilharia da marinha deve limitar-se a auxiliar efficaz e convenientemente as forças do assalto de terra.

Assim, a sua posição é á direita ou á esquerda da linha assaltante, segundo o ponto escolhido para o assalto, devendo cruzar seus fogos com a nossa artilharia de terra, não só para evitar perdas ás suas tropas, mas tambem para obrar mais efficaz e activamente no sentido de assestar os sitiados para o ponto onde devem succumbir. Assim, pois, suppondo que a nossa parallela de ataque se apoie sobre a posição do cemiterio como centro ou eixo com a sua direita sobre o rio, a posição da esquadrilha deve ser á direita da nossa linha, nas immediações da boca do arroio de «Sauce» batendo pelo flanco a posição de Goyo Soares » onde o inimigo mantém uma forte guarnição de dous batalhões estendendo as suas forças até as linha que pelo nosso flanco esquerdo, e direito delles, se ligam á igreja nova.

Para este fim deverão combinar-se planos de signaes que se possam fazer com bandeirolas collocadas na boca de uma espingarda com uma pequena haste, á maneira das guias geraes, ou por um telegrapho que se formaria.

Estabelecido o que fica dito, a linha dos sitiadores deve formar-se sobre a planicie que tem pela retaguarda o arroio Sauce, tomando por seu eixo a posição avançada do cemiterio.

O cemiterio deve converter-se em um reducto, e sobre esta base deve estabelecer-se as baterias para bater as posições da igreja e de Goyo Soares de combinação com os fogos da marinha.

Os fogos da artilharia, convenientemente dirigidos tanto pelo lado de terra como pelo rio, devem dar em resultado o abandono immediato das linhas de defesa, e caso o inimigo se empenhe em sustenta-la, o desmonte das suas baterias e o sacrificio de grande parte de sua guarnição.

Em ambos os casos deve-se estar preparado quanto

á maneira de executar o assalto das linhas, para penetrar na praça e nella vencer o inimigo.

Para conseguir o indicado fim deve-se dividir a artilharia :

1.° Em baterias de posição.

2.° Em baterias de reserva que avancem opportunamente.

As baterias de reserva devem ser as peças mais ligeiras, tiradas por bons cavallos, de modo que possam mover-se com rapidez.

As baterias de posição devem ser as peças raiadas, obuzes de 6 pollegadas e canhões de 8.

As baterias de reserva deverão ser as peças de 6e os obuzes de 12.

Desalojado o inimigo da sua linha de fortificação, isto é, do parapeito de terra coberto por um fosso que elle parece disposto a defender, todo o segredo de bom exito da jornada consistirá em fazer servir estas mesmas fortificações ás tropas que dão o assalto.

Isto póde conseguir-se pelo seguinte modo:

Desalojado o inimigo das suas linhas pelos fogos da nossa artilharia e da nossa linha de atiradores, e impossibilitado de sustentar-se nellas, as nossas baterias de reserva devem avançar a todo o galope, ficando em seus postos as baterias de posição.

Aquellas (as baterias de reserva) avançarão assim até ás immediações do fosso inimigo e até ficarem cobertas pelo parapeito e poderem fazer fogo para o interior da praça, á menor distancia possivel. Debaixo dos fogos das nossas baterias de reserva, uma vez colladas na vanguarda das baterias de posição, nas immediações da linha inimiga, deverão avançar a marche marche as nossas columnas de ataque, e precipitarem-se resolutamente no fosso, para dalli dominar a crista do parapeito e fazer fogo á queima roupa sobre o inimigo reconcentrado na praça.

Depois de terem obrado convenientemente as nossas baterias de posição, canhoneando a praça, é indispensavel, para que o exito corôe as operações anteriormente mencionadas, que a estas preceda a hostilidade de uma linha de caçadores estendida ao redor das fortificações,

não devendo conter esta linha de atiradores menos de 800 a 1000 homens em guerrilhas com armas de precisão, para fazerem fogo tanto sobre os inimigos que cobrirem o recinto, como sobre os artilheiros que servirem as peças.

Esta linha de atiradores póde avançar coberta por uma linha de cestões ou gabiões, os quaes, cheios de terra, será facil fazer rolar e estabelecer como uma trincheira no ponto mais conveniente.

Servindo de base esta linha de atiradores, podem opportunamente avançar as baterias ligeiras de reserva, assim como dar-se o assalto pelas columnas de infantaria destinada ao ataque.

Para penetrar nas linhas diversos meios podem ser usados: um é confiar na agilidade dos soldados, outro encher os fossos, quer com os mesmos cestões ou com faxinas para isso preparadas, quer com bocaes de páos e ramos fortes á maneira de escada; mas o meio mais efficaz de apoderar-se do fosso e do parapeito do inimigo seria levar comsigo cada infante uma escadilha da altura pouco mais ou menos do fosso da linha, para que as columnas de ataque, uma vez de posse do mencionado fosso, possam plantal-as contra a escarpa e, subindo por ellas, dominar d'alli a crista do parapeito fazendo fogo sobre o inimigo, que indubitavelmente concentraria então a sua defesa nas casas immediatas, no interior da linha.

Segundo o que fica exposto, a primeira parte do ataque deve consistir:

1.º Na canhonada pelas baterias de posição de combinação com as da marinha.

2.º Na avançada de uma linha de atiradores e das baterias ligeiras de reserva, até ás immediações da linha de fortificação inimiga.

3.º Na avançada das columnas de ataque de infantaria até se apoderarem do fosso e do parapeito do inimigo, utilisando-os depois contra os proprios sitiados.

A ultima e quarta parte da operação consiste em apoderar-se da cidade e vencer o inimigo nella, o que não se póde conseguir senão por meio de um combate corpo a corpo, methodicamense dirigido. Para isto cada batalhão deverá ir provido das necessarias ferramentas de sapa e

especialmente de pás, picos e barras, para ir se apoderando dos quarteirões mais immediatos á linha.

Uma vez de posse de um quarteirão deve-se procurar fortifical-o, abrindo setteiras no seu circuito e estabelecendo faceis communicações no interior, preferindo para este ultimo fim o centro dos mesmos quarteirões, que não podem ser enfiados pela artilharia da linha inimiga que tiver escapado, e assim successivamente de quarteirão em quarteirão, isolando o inimigo até dar-lhe o ultimo golpe.

Para o exito deste ataque, deve ter-se muito presente que é da maior conveniencia não se empenhar igualmente nos dous ataques acima indicados sobre as posições salientes do inimigo, devendo por conseguinte a força que ganhar uma das posições converter-se em testa de columna, sobre a qual concentrar-se-hão todas as forças possiveis, a menos que vantagens de outra ordem não aconselhem obrar de maneira differente.

Portanto, uma das bandeiras alliadas, posta no alto dos parapeitos do inimigo, e sufficientemente protegida por uma columna de ataque que possa manter a posição, será o signal para a reunião no ponto indicado, depois do previo accôrdo entre os generaes ou chefes encarregados do ataque.

Convencionando-se desmontar a maior parte possivel da cavallaria com armas de fogo, deve proceder-se, tendo em mente que as columnas de cavallaria desmontada sirvam de reserva, e successivamente vão guarnecendo quarteirões de casas ou edificios que as columnas de ataque conquistem a fogo ou bayoneta.

Igualmente deve prevenir-se o caso das sahidas do inimigo fóra das trincheiras, para o qual devem ter-se sempre promptas tres columnas de cavallaria montadas, de 500 homens pelo menos cada uma, que se postariam nos flancos e no centro da linha parallela dos sitiadores.

Por ultimo deve prever-se o caso e dispôr os meios para que uma vez começado o combate no interior da cidade, possam penetrar nella forças de cavallaria ligeira que occupem as ruas, e destacamentos de cavallaria montados que as percorram a todo o galope, impedindo pela

rapidez dos seus movimentos que o inimigo, retrahindo-se, vá fazer-se forte nos pontos immediatos.

Este plano de ataque rigorosamente executado com unidade de acção, e salvo inconvenientes accidentaes que podem surgir, deve dar em resultados segundo a minha opinião, a posse da praça de Uruguayana em dous dias de combate ou tres quando muito,

Defronte da Uruguayana, 16 de Setembro de 1865. —*Bartholomeu Mitre.*

XIX

Quartel General do Commando em chefe do exercito em operações nesta provincia. Acampamento defronte da Uruguayana, 17 de Setembro de 1865. — Illm. e Exm. Sr.—Tive a satisfação de receber na noite de hontem o plano, habilmente traçado por V. Ex. das operações das forças alliadas, e, estando as suas bases, de accôrdo com o que foi ajustado em nossas conferencias e seus detalhes, conforme ao meu pensamento, nada tenho que oppôr nem accrescentar; porém convém, como não escapará á superior intelligencia de V. Ex., que haja de novo uma conferencia, para que possa ser util e convenientemente applicado o mesmo plano.

Aproveitando-me desta opportunidade reitero a V. Ex. os protestos de minha alta consideração e distincta estima. — A S. Ex. o Sr. General D. Bartholomeu Mitre, Presidente da Confederação Argentina. —*Barão de Porto-Alegre.*

XXI*

A prolongação do rigoroso sitio em que se acham as forças sob o commando de V. Ex. deverá por certo tel-as convencido de que sentimentos meramente humanitarios retêm os exercitos alliados em operações nesta provincia ante o ponto do territorio que V. Ex. occupa.

Estes sentimentos que nos animam e sempre nos dominarão, qualquer que seja o resultado da guerra a que

* XX (O mappa que constitue este documento vai no fim).

fômos levados pelo vosso governo, me obrigam a ponderar a V. S. que semelhante posição e estado de cousas devem ter um paradeiro, e em nome do Imperador e dos chefes alliados annuncio a V. S. que dentro do prazo de quatro horas nossas operações vão começar.

Toda a proposição que V. S. fizer, que não seja a de renderem-se as forças do seu commando sem condições, não será aceita, visto que V. S. repellio as mais honrosas que lhe foram pelas forças alliadas offerecidas.

Qualquer que seja, porém, a sua resolução, deve V. S. esperar de nossa generosidade o tratamento consentaneo com as regras admittidas pelas nações alliadas.

Deus guarde a V.S.—Acampamento junto aos muros da Uruguayana, 18 de Setembro de 1865.— *Barão de Porto Alegre.* — Ao Sr. Coronel Estigarribia, commandante da divisão paraguaya em operações sobre o rio Uruguay.

XXII

Viva a Republica do Paraguay!

O commandante em chefe da divisão paraguaya em operações sobre o rio Uruguay. A S. Ex. o Sr. Commandante em chefe do exercito de operações na Provincia do Rio-Grande.

Sitio em Uruguayana, 18 de Setembro de 1865.

Com data de 13 do corrente dirigi uma nota a S. Ex. o Sr. brigadeiro Mitre, general em chefe das forças alliadas, pedindo que se servisse mandar-me proposições para a rendição desta praça. Nenhuma resposta tenho tido, apezar de meus vehementes desejos de poupar sangue, porém agora que V. Ex. me intima sua ultima resolução, permitta-me dirigir-lhe a que, em conselho geral de chefes e officiaes, tomei.

V. Ex. a achará junto a esta, na folha que a acompanha.

Deus Guarde a V. Ex. muitos annos.— *Antonio Estigarribia.*

O commandante em chefe da divisão paraguaya offerece render a guarnição da praça da Uruguayana, sob as condições seguintes :

1.ª O commandante da força paraguaya entregará a divisão do seu commando, de sargento inclusive para baixo ; guardando o exercito alliado para com ella, todas as regras que as leis da guerra prescrevem para com os prisioneiros.

2.ª Os chefes, officiaes e empregados de distincção sahirão da praça com suas armas e mais bagagens, podendo escolher o ponto para onde queiram dirigir-se, devendo o exercito alliado sustental-os e vestil-os emquanto durar a presente guerra, se escolherem outro ponto que não fôr o Paraguay, e devendo ser por sua conta conduzidos, se preferirem este ultimo lugar.

3.ª Os chefes e emigrados orientaes que estão nesta guarnição ao serviço do Paraguay, ficarão prisioneiros de guerra do Imperio, guardando-se-lhes todas as considerações a que tenham direito.

Sitio da Uruguayana em 18 de Setembro de 1865.— *Antonio Estigarribia.*

XXIII

Os Generaes alliados concedem e admittem a 1ª e 3ª condições sem restricção alguma. Quanto á 2ª, admittem-na com as seguintes restricções :

Os officiaes de qualquer cathegoria se renderão, não podendo sahir da praça com armas, sendo-lhes livre escolher para sua residencia qualquer lugar que não pertença ao territorio do Paraguay.

Uruguayana, 18 de Setembro de 1865, ás 2 ½ horas da tarde.

Pelos chefes alliados, o Ministro da Guerra do Imperio do Brazil *Angelo Muniz da Silva Ferraz.*

XXIV

Commando da divisão paraguaya na villa sitiada da Uruguayana, 18 de Setembro de 1865.

O abaixo assignado acceita as proposições de S. Ex. o Ministro da Guerra e deseja unicamente que Sua Magestade o Imperador do Brazil seja o melhor garante deste ajuste.

A elle e a V. Ex. me confio e me entrego prisioneiro de guerra com a guarnição, submettendo-me ás condições prescriptas por V. Ex.

O abaixo assignado espera que V. Ex. procederá immediatamente a ajustar com elle o modo como se deve effectuar o desarmamento e entrega da guarnição.—*Antonio Estigarribia.*

XXV

Força paraguaya rendida em 18 de Setembro de 1865
Commandante, Tenente Coronel Antonio Estigarribia.
Estado maior.......................... 20

Arma	Unidade	Número	Total
Artilharia	1 esquadrão com 6 canhões, Tenente Ignacio Pereira	115	265
	Companhia de bogavantes (transportes fluviaes)	70	
	Companhia de carreteiros (transportes terrestres).....	80	
Cavallaria	Regimento 27 de Linha, Major José Lopez...........	440	1400
	» 28 » Capitão C. Centurion........	475	
	» 33 » Capitão Manoel Coronel.....	485	
Infantaria	Batalhão 14 de linha, Capitão Saturnino Meirelles.....	700	3860
	» 15 » » Ignacio Campurno......	610	
	» 17 » » Diego Alvarenga........	754	
	» 31 » » Juan Baptista Ibanez....	440	
	» 32 » » José Maria Avalos......	680	
	» 33 » » José Peres.............	676	
	Total..........		5545

Além dos 6 canhões, os Paraguayos tinham mais 2 que encontraram na cidade.

No acto da rendição foram arrolados 5190 individuos, o que dá uma differença para o mappa acima de 355, a qual se explica pela fuga que houve durante a negociação

e muitos que jaziam enfermos e moribundos em algumas casas da cidade.

XXVI

PROCLAMAÇÃO AO EXERCITO

Soldados!

O territorio desta Provincia acha-se livre, graças á simples attitude das forças brazileiras e alliadas.

Os inimigos renderam-se; mas não está terminada a nossa tarefa.

A honra e dignidade nacional não foram de todo vingadas; parte da Provincia de Matto-Grosso e do territorio da Confederação Argentina jazem ainda em poder do nosso inimigo.

Avante, pois, que a Divina Providencia e a justiça da causa que defendemos coroarão nossos esforços.

Viva a Nação Brazileira!

Uruguayana 19 de Setembro de 1865.

D. PEDRO II.—*Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil.*

XXVII

Quartel-general do commando em chefe do exercito em operações nesta provincia, na villa de Uruguayana, 19 de Setembro de 1885.—Ordem do Dia n. 13.

Soldados do Imperio Brazileiro em operações nesta provincia!

Guerreiros do exercito alliado no Rio-Grande do Sul!

Companheiros na vindicta da honra nacional das tres primeiras potencias sul-americanas!

A divisão paraguaya em operações sobre o rio Uruguay, a guarnição da Uruguayana, com a vossa presença depôz as armas sem ter disparado um tiro!

A' frente de vossas armas, ante o vulto augusto de S. M. o Imperador, em presença do Exm. Sr. Ministro da guerra, dos augustos Principes e da côrte, vistes desfilar hontem desarmados, ás 4 horas da tarde, sete regimentos de infantaria e um corpo de cavallaria do exercito paraguayo!

Vossos fuzis e vossas lanças estavam descansados: vossos canhões não annunciavam um combate de sangue, quando os hymnos da triplice alliança proclamavam a esplendida victoria da civilisação contra o vandalismo.

Soldados da liberdade! Em nome do Imperador, o general em chefe do exercito imperial vos saúda e vos conjura que respeiteis a desgraça do inimigo vencido.

O general em chefe agradece a dedicação de cada um de vós, como o enthusiasmo de todos; esperando poder ainda uma vez orgulhar-se de haver-se achado á vossa frente.—*Barão de Porto-Alegre.*

XXVIII

Uruguayana — Gabinete do Ministro da Guerra em 19 de Setembro de 1865.

Illm. e Ex. Sr. — Tenho a satisfação de louvar em nome de S. M. o Imperador, o modo por que as forças ao mando de V. Ex. se comportaram durante a jornada de 18 do corrente.

O enthusiasmo com que marcharam para a frente do inimigo, a precisão de seus movimentos e pericia com que occuparam as posições que lhe foram assignaladas, são dignas dos maiores encomios.

Se, em virtude da prompta submissão da praça, não poderam pôr em relevo o seu valor, a satisfação e alvoroto que se divisaram em seus semblantes, e a sua attitude bellicosa auguravam um feliz exito; e se este se não obteve por força de combate, a gloria para as armas alliadas não foi somenos, porque as vantagens colhidas pela entrega, sem effusão de sangue, deverão por certo, pelo seu effeito moral, acarretar aos exercitos alliados grandes bens.

Não devo finalisar este sem ao mesmo passo louvar a V. Ex. em nome do mesmo Augusto senhor, a pericia com que dirigiu as operações preparatorias para o combate.

Prevaleço-me da opportunidade para reiterar a V. Ex. os protestos da minha subida estima e distincta consideração.—*Angelo Muniz da Silva Ferraz.*—A S. Ex. o Sr. Tenente General Barão de Porto-Alegre, Commandante em Chefe do exercito em operações nesta Provincia.

XXIX

Decreto n. 3515 *de* 20 de *Setembro de* 1865

Crêa uma medalha commemorativa do rendimento da divisão do exercito da Republica do Paraguay, que occupava a Villa da Uruguayana.

Querendo commemorar o rendimento da divisão do exercito da Republica do Paraguay, que occupava a Villa da Uruguayana, hei por bem conceder a todos os officiaes, soldados, magistrados, empregados e pessoas de minha comitiva que assistiram e tomaram parte no referido feito, o uso de uma medalha conforme os desenhos que com este baixam, assignados por Angelo Muniz da Silva Ferraz, Senador do Imperio, do meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos negocios da guerra, que assim o tenha entendido e faça executar.

Palacio na villa de Uruguayana, provincia do Rio-Grande do Sul, 20 de Setembro de 1865, 44º da Independencia e do Imperio. Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador.—*Angelo Muniz da Silva Ferraz.*

Instrucções a que se refere o decreto desta data

Art. 1.º Todas as praças de linha e da guarda nacional, das forças brazileiras e alliadas, empregados e as pessoas que assistiram e tomaram parte no rendimento da divisão do exercito da Republica do Paraguay que occupava a villa de Uruguayana, usarão da medalha

dos desenhos juntos, pendente de uma fita com tres listras de largura igual, sendo a dos lados azul celeste e verde a do centro.

Art. 2.º Os membros da familia imperial, o ministro da guerra e os officiaes generaes usarão da medalha de ouro do lado direito do peito, os outros officiaes, paisanos, empregados da secretaria da guerra, magistrados e pessoas de distincção a usaráõ de prata do mesmo lado direito ; as praças de pret e outros empregados e pessoas não comprehendidas acima, a usarão de uma liga de zinco e antimonio ao lado esquerdo do peito, devendo todas as medalhas ter oito linhas de modulo.

Art. 3.º Os individuos a quem é concedido o uso desta medalha, não poderão trocar as de um pela de outro gráo, mas sempre e em todo o tempo usarão daquella que fôr correspondente ao posto ou praça que occuparam na época em que se deu o referido feito.

Palacio da villa da Uruguayana, 20 de Setembro de 1865.—*Angelo Muniz da Silva Ferraz.*—CONFORME.—*Antonio José do Amaral.*

XXX

Discurso do Ministro Inglez Thornton :

« Senhor.—Tenho a honra de depositar nas mãos de V. M. Imperial a carta pela qual S. M. a Rainha se dignou acreditar-me como seo Enviado em missão especial junto de V. M. Imperial, e supplico a V. M. Imperial se digne acolher com a sua reconhecida benevolencia as seguranças de sincera amizade, e as expressões que fui encarregado de transmittir por S. M. a Rainha e pelo meo governo.

Estou incumbido de exprimir a V. M. Imperial o sentimento com que S. M. a Rainha vio as circumstancias que acompanharam a suspensão das relações de amizade entre as côrtes do Brazil e Inglaterra, e de declarar que o governo de S. M. nega da maneira mais solemne toda a intenção de offender a dignidade do Imperio do Brazil ; e que S. M. acceita completamente e sem reserva a decisão de S. M. El-Rei dos Belgas ; e será feliz em nomear

um ministro para o Brazil, logo que V. M. Imperial estiver prompto para renovar as relações diplomaticas.

Creio ter fielmente interpretado os sentimentos de S. M. e do seo governo, e estou convencido que V. M. Imperial terá a bondade de acceital-os com o mesmo espirito de conciliação que os dictou. »

S. M. Imperial se dignou responder o seguinte:

« Vejo com sincera satisfação renovadas as relações diplomaticas entre o governo do Brazil e o da Grã-Bretanha.

A circumstancia de, tão feliz acontecimento se realisar onde o Brazil e seos leaes e valentes alliados acabam de mostrar que sabem unir a moderação á defesa do direito, augmenta meo prazer, e prova que a politica do Brazil continuará a ser inspirada pelo espirito de harmonia justa e digna com todas as outras nações.

Assim, com esta satisfação, renovam-se as relações amigaveis do Brazil com a Inglaterra, que se mostrou verdadeiramente grande, reconhecendo o nosso direito. »

XXXI

Estancia do Adão, em 23 de Julho de 1865.

Illm. e Exm. Sr. Brigadeiro David Canabarro.— Acabo neste momento (6 da tarde) de chegar do campo inimigo, onde descobri a melhor posição possivel para V. Ex. atacal-o de frente e flancos.

Vi tambem grande parte da força ainda do outro lado do Ibicuhy, e os nossos esquadrões ameaçando-a. Veja, pois, V. Ex. o que resolve a respeito e diga-me o que julga melhor. Creia V. Ex. que tão opportuna occasião não se proporcionará mais para levarmos de vencida os nossos inimigos, que continuam queimando e devastando tudo.

V. Ex. ha de lembrar-se do meu pensar quando pretendi fazer adiantar uma columna composta das 3 armas, para se oppor á passagem daquelles barbaros, logo que se approximassem do Ibicuhy; infelizmente, V. Ex. contrariou esse meu plano, que vejo hoje seria magnifico, se por ventura se tivesse realizado.

Perdeu, pois, V. Ex., de mais uma vez cobrir-se de louros, de livrar os nossos patricios dos grandes prejuizos que já começam a soffrer, e ao mesmo tempo de prestar ao paiz um serviço altamente importante. Permitta ainda que lhe diga que, se V. Ex. não atacar o inimigo amanhã cedo, perde outra occasião de não só livrar o paiz dos barbaros invasores que assolam esta provincia, como tambem de adquirir mais um titulo ao reconhecimento dos brazileiros.

Perdão se achar que fallo com demasiada franqueza; considero-o na altura de um benemerito soldado e desejo sobretudo que V.Ex. adquira ainda mais, se fôr possivel, a consideração do Imperador. Estas razões é que me levam a fazer-lhe as ponderações que me suggeriram o golpe de vista de um seo velho camarada que, como sabe, tem gasto uma vida inteira no serviço militar.—Com estima e consideração me assigno, de V. Ex. camarada e amigo.—*João Frederico Caldwell.*

XXXII

Commando da 1ª Divisão ligeira.—Quartel-General em frente da Uruguayana, em 19 de Setembro de 1865.

ORDEM DO DIA N. 35

Soldados da 1ª Divisão! A horda paraguaya que no dia 10 de Junho ousou conculcar o sol brazileiro, pagou sua louca temeridade! Hontem, apenas assomaram as phalanges alliadas, pavoroso temor invade os barbaros, que reclamam a vida em vista do tumulo por suas mãos cavado.

Em seu entrincheiramento, na heroica Uruguayana, depuzeram as armas; e em filas passaram ante o Augusto Monarcha brazileiro e os dous Exms. Chefes, seus distinctos alliados, a quem a deosa da victoria outorgou a palma de um triumpho que não foi salpicado de sangue.

Este feito glorioso, tão infallivel como certo, tão grande como memoravel, tão louvavel como humanitario,

vai convencer o tyramno do Paraguay da impossibilidade de fazer germinar no solo americano a semente do despotismo. Elle denota em traços visiveis, claros e indeleveis, o fim da guerra exterminadora e barbara que, em um momento de estulticia ou alienação, se arrojou a declarar-nos o audacioso Cyclope.

A indeclinavel precisão de extinguir em primeiro lugar os incendiarios que succumbiram na margem do Jatay, tornou moroso o acto que presenciastes e para o qual reclamei a vossa franca cooperação. Nem poder-se-hia considerar castigado o arrojo dos temerarios seydes do tyranno, se não fôsse executado em todas as suas partes, o plano que, com os distinctos chefes alliados e o general Osorio, tive a honra de combinar.

O vosso sacrificio, camaradas, está amplamente compensado com a recordação de haverdes cumprido o vosso dever ante o excelso monarca, a quem a Divina Providencia inspirou a luminosa ideia de patentear mais uma vez, por um acto digno do seu grandioso e magnanimo coração, o amor que tributa ao povo brazileiro.— *David Canabarro,* Brigadeiro.

XXXIII

Commando da 1ª Divisão ligeira.—Quartel-General a uma legua de Uruguayana, em 1º de Outubro de 1865.

ORDEM DO DIA N. 37

Fica cassada a Ordem do Dia deste Commando n. 35 de 19 de Setembro ultimo, ácerca da rendição da Divisão paraguaya na villa da Uruguayana, no memoravel dia 18 de Setembro, por assim haver ordenado o Exm.Sr.General em Chefe, em officio de 23 de Setembro proximo passado. — *David Canabarro*, Brigadeiro.

XXXIV

Illm. e Exm. Sr.—E' sob a pressão da mais acerba dôr, que apresso-me a communicar a V. Ex. o que acaba

de passar-se ha pouco na divisão do brigadeiro David Canabarro, á cuja frente me acho, pelas circumstancias afflictivas por que está passando esta provincia.

Esta divisão, como V. Ex. sabe, é composta das 3 armas, e forte de mais de sete mil homens; e posto que, á excepção de dous batalhões de infantaria do exercito, seja composta da guarda civica do paiz, todavia, tentei atacar o inimigo, que, segundo observações e probabilidades, não póde exceder de seis mil combatentes das tres armas, preponderando consideravelmente a de infantaria.

Isto mesmo já V. Ex., como é natural, saberá pelas minhas participações á presidencia da provincia, assim como que tenho visto frustradas as minhas tentativas a respeito, por mais de uma vez; porém, podendo succeder que V. Ex. ignore que tivemos occasião propria em que me propuz a privar esta provincia dos seus barbaros invasores, remetto a V. Ex. a inclusa copia da carta que dirigi ao Sr. Canabarro, cuja resposta contrariou-me extraordinariamente pela formal recusa que ella mereceo; e ainda mais por dizer o mesmo brigadeiro que estava desejoso de atacar o inimigo. (1)

Ao dar-se todos estes episodios, acompanhados de algumas circumstancias, que por tediosas agora escuso-me de relatar a V. Ex., tinha todavia a grata esperança de poder em breve annunciar a V. Ex. a completa derrota dos vandalos que profanam o solo sagrado da nossa patria: hoje, porém, vejo obliterado do meu coração semelhante confiança, calculando V. Ex. o como me acho em completo desapontamento.

O exercito paraguayo com passo ufano, marchava das pontas do Imbahá, para a nossa florescente villa da Uruguayana; não pude encaral-o; tentando um ultimo esforço, chamei á minha presença os commandantes das divisões e brigadas para concertarmos o plano de atacar tão arrojado commettimento: todos, á excepção do barão de Jacuhy, responderam-me, sem preambulos, que achavam impossivel o podermos derrotar o inimigo, a menos que tivessemos mais quatro mil homens de infantaria!

---

(1) A carta que aqui se refere é a que constitue o documento n. 31, acima transcripto.

E o mais acerrimo nesta opinião era o proprio brigadeiro David Canabarro ! ! !

Foi assim, que, de braços crusados, vi impassivel a Uruguayana em poder do inimigo. Ha dous dias passados li a carta de V. Ex. dirigida ao já citado brigadeiro, na qual lhe recommendára que não arriscasse uma batalha sem todas as probabilidades de triumpho.— A linguagem desta carta actuou tanto no meu espirito que ainda me acho á frente desta força, em completa espectativa, e que hoje mesmo mandei reforçar a 2ª divisão ao mando do bravo e habil barão de Jacuhy.

Todas estas considerações que faço a V. Ex. talvez não expliquem o meu pensamento, e por mais está razão mando á presença de V. Ex. o tenente-coronel José Antonio Corrêa da Camara, official sisudo, e de inteira confiança, que, testemunha ocular, poderá bem dar informações a V. Ex. sobre o que vai omittido.

Eu calcúlo que o receio que têm os chefes desta força em atacar o inimigo, é porque reconhecem nelle muita disciplina ; eu mesmo tenho visto manobrar esses vandalos com a regularidade que ensina a arte da guerra.

Tenho dito bastante para que V. Ex. reconheça o estado de moralidade em que se acha esta força, e se não trato da parte material, é porque o nosso estado de cousas não permitte agora occupar a attenção de V. Ex., depois de tel-o feito sobre a honra nacional tão empenhada como se acha presentemente.

Finaliso aqui, dizendo a V. Ex., que o inimigo acaba de passar o Ibicuhy, e mais tres rios, sendo dous a nado, soffrendo apenas as hostilidades de que já terá tido conhecimento.

A copia do officio, que acompanhou o meu, á V. Ex. dirigido em 24 de Julho findo, mostra com a franqueza e lealdade do meu caracter, o porque tenho deixado de fazer-me obedecer, com energia, como á primeira vista pareceria mui razoavel.

Deus guarde a V. Ex.— Quartel general do commando interino das armas da provincia, de S. Pedro do Sul, em frente á Uruguayana, 5 de Agosto de 1865.— Illm. e Exm. Sr. conselheiro Angelo Muniz da Silva

Ferraz, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra.— *João Frederico Caldwell,* Tenente general graduado

XXXV

Gabinete do Ministro da Guerra em Caçapava, Provincia do Rio-Grande do Sul, em 16 de Agosto de 1865.

Illm. Exm. Sr.— De posse do seu officio reservado de 5 do corrente, hoje recebido, e em vista de quanto V. Ex. no mesmo expende, autoriso-o a demittir do commando que está exercendo nesse exercito, o brigadeiro honorario David Canabarro, cujo comportamento me parece injustificavel.

Escuso recommendar a V. Ex. a maior prudencia e discrição no uso desta autorisação, que deverá communicar ao Tenente-General Barão de Porto-Alegre, se elle já se achar empossado no commando do exercito.

Corre que o inimigo tenta invadir a provincia pelo passo dos Garruchos; tenho necessidade de saber o que ha de exacto em semelhante boato, afim de prevenir os effeitos e males que podem resultar de sua realisação.

Deus guarde á V. Ex.— *Angelo Muniz da Silva Ferraz.* — Sr. João Frederico Caldwell.

XXXVI

Gabinete do Ministro da Guerra.— Caçapava, em 17 de Agosto de 1865.

Illm. e Exm. Sr.— Sirva-se V. Ex. expedir as convenientes ordens afim de que, quanto antes, se faça uma syndicação do facto, que tanto ataca os brios desta provincia e offende a dignidade e a honra nacional, de terem os paraguayos, sãos e salvo, sem encontrar a menor resistencia em sua marcha de devastação, passado sem estorvos os rios, e se apossado da villa de Uruguayana, á vista de nossas forças que impassiveis se conservaram.

A respeito do mesmo facto dirigi ao general João Frederico Caldwell os quesitos inclusos, devendo V. Ex. remettel-os aos diversos chefes das forças, de quem exigirá outros esclarecimentos que julgar necessarios.

Haja outrosim V. Ex. ordenar, que a commissão de engenheiros do exercito, cujo commando lhe está confiado, proceda a uma minuciosa investigação, colha todos os dados, obtenha todos os esclarecimentos sobre a invasão desta provincia pelos paraguayos, estude as datas, consulte a estatistica das forças, dos recursos nossos, os combine com os do inimigo, para reconhecer-se se era, ou não, possivel obstar a invasão, consiga, por intermedio de V. Ex., todos os documentos, exigindo-os das autoridades afim de que possa ficar habilitada com os esclarecimentos necessarios para escrever a historia militar de todos estes acontecimentos.

Deve a mesma commissão, quando houver possibilidade, proceder a rigoroso e minucioso exame sobre o facto a que acima me refiro, occupação dos paraguayos, e a um exacto reconhecimento, pelo qual se possa fazer um juizo seguro sobre a possibilidade de uma resistencia, quer na passagem dos rios, no trajecto que fez o inimigo, quer na sua entrada na villa de Uruguayana.

Quesitos a que se refere o aviso desta data :

1.° Quaes as razões, motivos ou causas que obstaram a resistencia que nossas forças podiam offerecer ao inimigo, quer no passo de Santa Maria, quer em outros rios, durante o seo trajecto até Toropasso. Quaes as ordens expedidas a este respeito, se foram executadas, ou se encontraram algum estorvo para a sua execução?

2.° Durante aquelle trajecto, de que força, em numero, qualidade e especie, se compunha o exercito imperial? Qual o seo estado, sua posição, sua distribuição, se tinha ou não artilharia, de que qualidade e qual o numero de bocas de fogo? Qual a força inimiga, qual o numero se suas bocas de fogo e de que armas se compunha? Retirou-se on não o gado, ou se a incuria chegou a ponto de o ter abandonado para augmentar os recursos do inimigo?

3.° Estava ou não fortificada, como convinha, a villa de Uruguayana? Se nella existiam fortificações, onde collocadas, qual a sua natureza, especie, systema,e qual o seo armamento? De quantas bocas de fogo dispunham e de que calibre? Que guarnição tinha a villa, de que arma era ella e que munições haviam? Quaes as probabilidades de resistencia que poderia offerecer a villa, e, no caso de offerecer ella resistencia, por quantos dias esta se sustentaria?

4.° No caso de um assedio, poder-se-hiam receber, por agua ou por algum outro ponto, mantimentos ou quaesquer outros recursos?

5.° Em que data foi a villa evacuada, e por ordem de quem? Salvaram-se todas as munições? Salvou-se o material? Qual o material abandonado e qual o salvo?

6.° As mercadorias da alfandega foram ou não salvas? Quaes eram ellas; qual a sua qualidade e quantidade?

Informações estas que desejo o mais breve possivel, devendo-as acompanhar de documentos, se por ventura os tiver, exigindo de todos os chefes os necessarios esclarecimentos, e informando outrosim sobre o conselho de officiaes que se formou, com declaração de quantos membros se compunha e os votos de cada um.

Gabinete do Ministro da Guerra em 17 de Agosto de 1865.

XXXVII

Commando em chefe do exercito imperial em operações contra o Paraguay.— Quartel General na margem esquerda do Mocoretá em 3 de Outubro de 1865.

Illm. e Exm. Sr.— Recebi o aviso de V. Ex. de 24 de Setembro ultimo, ordenando-me que com urgencia informe se houve um plano combinado entre mim e o general Canabarro e os generaes em chefe alliados, que désse em resultado a impassibilidade das nossas forças na margem esquerda do Uruguay, quando as do inimigo, sem o menor embaraço na sua marcha assoladora, encontrando livres todos os passos dos rios que atravessaram,

entraram na Uruguayana, sem encontrar a meuor resistencia.

Respondo a V. Ex. que houve plano combinado; e tanto que em 17 de Agosto foi batido o inimigo em Jatay pelo exercito alliado da vanguarda, ao qual e para o effeito, se veio unir a divisão Paunero, que estava no rio Corrientes; e V. Ex. ao chegar em Setembro á Uruguayana encontrou o inimigo sitiado pelo mesmo exercito de vanguarda, unido ás forças do General Canabarro.

E', porém, verdade que houve demora nesta operação, porque circumstancias muito serias retardaram os movimentos.

Quanto ás forças do Rio-Grande parece-me que o estado em que as encontrou a invasão, não lhes dava os meios de fazerem com segurança mais do que fizeram.

Deus Guarde a V. Ex. Illm. Exm. Sr. Conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz, Ministro e Secretario dos negocios da guerra.— *Manoel Luiz Osorio*, Marechal de Campo.

(Seguem-se as copias de 4 officios enviados ao General Canabarro em Junho e Julho accusando a recepção de officios e cartas deste General, os quaes em nada esclarecem o assumpto).

XXXVIII

Trecho de um extenso officio dirigido em 31 de Maio de 1865 pelo Presidente da Provincia do Rio-Grande do Sul, João Marcellino de Souza Gonzaga, ao Ministro da Guerra conselheiro Angelo Ferraz.

. . . .

Ponderarei ainda a V. Ex. que entre o Coronel Barão de Jacuhy e o Brigadeiro Canabarro não ha bôas relações, e sendo este o commandante da fronteira do Uruguay e das forças todas que ali estão reunidas, podem apparecer conflictos e desintelligencias prejudiciaes ao serviço, apesar dos protestos que ainda ultimamente fez-me o Barão de Jacuhy, que eu não me receiasse de suas relações pessoaes pouco amistosas com o Brigadeiro

Canabarro. Note-se que eu não lhe manifestei esse receio a que elle se refere. Finalmente, sendo o Brigadeiro Osorio general em chefe, as suas relações tambem não são muito bôas com o barão de Jacuhy, e, naturalmente, tendo o dito general de designar quem deve commandar a divisão de cavallaria, que ha de fazer parte do exercito de operações, vêr-se-ha embaraçado, para não offender as susceptibilidades de um ou de outro. Todas estas difficuldades creio que se evitam, mantendo-se o Barão de Jacuhy na fronteira de Bagé.

XXXIX

Illm. e Exm. Sr. — Apezar de ainda não terem chegado ás minhas mãos todas as informações que exigir, para cumprimento das determinações expressas no Aviso confidencial desse ministerio de 17 de Agosto, todavia, para evitar demora, deposito nas respeitaveis mãos de V. Ex. em additamento ao meu officio de 7 de Outubro, em originaes, as dos commandantes da 1ª divisão e das quatro brigadas sobre as datas de 8, 26, 28 e 29 de Setembro e 3 do dito mez de Outubro, tudo do corrente anno.

Em todos esses documentos vê-se que os chefes concordaram que se não devia atacar o inimigo pela sua superioridade disciplinar, etc., eu tambem concordei em não acceitar, nem oflerecer uma batalha campal pelas razões expendidas ; mas disputar a passagem do Ibicuhy, como tambem demonstra o coronel João Manoel Mena Barreto, na sua informação, de que tratei no já citado officio de 7 de Outubro, seria sem duvida possivel, embora o inimigo tivesse já passado para a margem esquerda 2.000 homens mais ou menos; e segundo a minha fraca intelligencia, pelo reconhecimento que fiz das localidades que elle occupava nas duas margens desse rio, podia ser atacado de frente e flancos, porque na margem direita achavam-se as brigadas 1ª e 4ª, cuja força excedia a 2.000 homens, e na esquerda a 2ª, 3ª, 5ª e a 1ª da 2ª divisão, contendo em seu todo mais de 4.500 homens, sem contar as oito bocas de fogo.

Quando permitti ao commandante dessa divisão que a infantaria deixasse as mochilas em Jiquicuá, foi no firme proposito de atacar o inimigo, aliás não as teriam deixado.

Se os chefes, a que me refiro, foram de opinião que se não disputasse a passagem do rio Ibicuhy, é evidente que outrotanto se deu em Toropasso, onde em conselho, na noite de 27 de Julho, pronunciaram-se contra a minha idéa, declarando que resultariam graves consequencias, se arriscassem um combate duvidoso, attendendo que a nossa força compunha-se de recrutas, etc., mas que elles chefes cumpririam qualquer ordem.

Marchando o inimigo do Imbahá na direcção da Uruguayana, sem que fôsse hostilisado, apenas indo na vanguarda o corpo de cavallaria n. 17, sob o commando do tenente-coronel Bento Martins, e flanqueado com pequenas guerrilhas, julguei desairoso aos brios e á honra nacional que uma povoação brazileira fôsse invadida impunemente pelas columnas inimigas, e por isso reuni mais uma vez o conselho, dando em resultado a maioria que só o que se podia fazer era —apparentar— ; depois de algumas observações, bem inconvenientes, que se manifestaram nessa occasião, ordenei que fôssem as brigadas para o fim de —apparentar— e com o meu estado maior approximei-me aos invasores.

Mandei dahi, pelo meu ajudante de ordens o capitão Francisco José dos Santos, ordem ao commandante da 1ª divisão para fazer avançar quatro bocas de fogo, porém, mandou-me as oito, e quando chegaram ao logar onde me achava, estavam os animaes completamente cansados e nem se quer os fez acompanhar por cavallaria ou infantaria, como lhe cumpria, para —apparentar— em harmonia com o que se tinha resolvido no predito conselho, nesta desagradavel situação mandei contramarchar a artilharia.

E' quanto presentemente tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex., em cumprimento ao sobredito Aviso confidencial de 17 de Agosto.

Deus guarde a V. Ex. — Quartel general em Porto

Alegre, 3 de Novembro de 1865. Illm. e Exm. Sr. Conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz, Ministro e Secretario de Estado dos negocios da guerra. — *João Frederico Caldwell,* tenente-general graduado.

XL

Illm. e Exm. Sr.— Vou ter a honra de responder ao officio de V. Ex. que acabo de receber, cobrindo copia do Aviso confidencial de S. Ex. o Sr. ministro da guerra datado de 17 do mez passado, cujo Aviso contém seis quesitos aos quaes V. Ex. me ordena que preste a minha informação; o que vou fazer.— 1° quesito.— Respondo:— Que V. Ex., comprehendendo desde logo a facilidade de hostilisar o inimigo, quando este pensava passar o rio Santa Maria, foi V. Ex. servido de mandar-me ao brigadeiro Canabarro para em continente nomear uma força de cavallaria, com artilharia montada, cujo commando V. Ex. confiava a mim, para que em uma noite e mais algumas horas me apresentasse no passo daquelle rio, afim de disputar a passagem do inimigo, emquanto que V. Ex. com o resto da força marchava em protecção; esta bella manobra não pôde ser executada porque aquelle brigadeiro se oppôz decididamente a ella, dizendo que toda a divisão chegava a tempo, por já tudo haver providenciado; foi assim que chegou a divisão depois do inimigo ter já effectuado a sua passagem!

Procedendo deste modo se conservou sempre o Sr. Canabarro, a ponto do inimigo se apossar de Uruguayana, sem ter soffrido a menor resistencia, subindo de ponto a pouca delicadeza daquelle brigadeiro a ser com V. Ex. algumas vezes inconveniente, o que V. Ex. desculpava, attendendo á sua falta de educação.

Respondendo a este quesito vou aqui relatar o que se deu na passagem do inimigo no Toropasso; porque este facto por si só explica perfeitamente o modo por que procedia aquelle commandante de divisão, na emergencia difficil por que passava a provincia.

Havendo o inimigo passado este rio; sómente a metade de sua força, V. Ex. pensou em atacal-o, porque,

examinando perfeitamente as posições, conheceu as vantagens que podia conseguir; e recordo-me que V. Ex. me disse:— agora sim, o brigadeiro Canabarro não duvidará em atacar estes homens.

V. Ex. neste proposito mandou-me communicar-lhe o seu plano, o que fiz em continenti; e porque eu começasse a duvidar da bôa fé de S. S. com elle me entendi, sem nada dizer do que V. Ex. me havia recommendado, e procurando dizer-lhe algumas palavras tendentes ao nosso estado de cousas, disse-lhe tambem que me parecia que o inimigo estava dividido completamente e por isso o julgava no caso de soffrer um golpe nosso; tudo isto lhe disse e muitas outras cousas, mas nunca fallando do nome de V. Ex.— Depois que consegui que ficasse aquelle brigadeiro convencido que V. Ex. não pensava em atacar ao inimigo, foi elle servido de emittir a sua opinião sobre o que se tratava, e foi assim que se expressou S. S.— « Se eu fôsse o Sr. commandante das armas não perderia esta bôa opportunidade de bater o inimigo.» Antes de acabar esta ultima phrase disse eu:— Sr. brigadeiro, é isso mesmo o que aqui me traz. O Exm. Sr. commandante das armas quer aproveitar esta bôa opportunidade e atacar a esses barbaros, que tantos males nos têm causado: conheci neste momento que tinha feito passar por grande desapontamento ao Sr. brigadeiro, que depois de um momento de pausa, deu-me esta resposta:— Bem, Sr. coronel, diga ao Sr. general que eu já lá vou.

Escusado é dizer o que se passou nesta entrevista; V. Ex. bem ouvio a recusa formal que apresentou aquelle brigadeiro, que, com a maior sem ceremonia, não só disse que não atacava, como disse mais que, no caso de V. Ex. tomar sobre si esta responsabilidade, elle, mesmo assim, entregaria o commando de sua divisão a outro, porque não queria vêr a provincia sacrificada, nem a gente que commandava! Esta occurrencia falla bem alto; dispensa outro qualquer commentario a semelhante respeito.

Respondo agora ao segundo quesito :—Nunca esta força, naquelle trajecto, teve menos de 4,500 homens, sendo 2,000 homens de infantaria, e eram 8 as bocas de fogo de calibre que nos acompanharam. A qualidade da

tropa não era bôa, porque nunca podem ser bons soldados homens agarrados de repente para exercerem a difficultosa missão de defensores da patria. O inimigo não posso dizer com segurança qual o seu numero, ainda hoje não se póde assegurar qual seja elle; entretanto, pelas observações que fiz mais de uma vez não duvido de dizer que mesmo naquella occasião não eram mais de 5,000 homens, com 5 peças de artilharia, os barbaros invasores que tinhamos na nossa frente.

Quanto ao gado que V. Ex. mandou ordem ao brigadeiro Canabarro para retiral-o, V. Ex. sabe bellamente que semelhante determinação não foi cumprida.

Passo a responder ao terceiro quesito :

A villa da Uruguayana estava pessimamente fortificada, como provo pelo parecer que V. Ex. tem em seu poder assignado por mim e pelo capitão Sampaio na occasião em que V. Ex. nos mandou examinar aquelles trabalhos. A guarnição que havia na Uruguayana naquelle tempo era de 200 homens, mais ou menos, porém, sem a mais pequena apparencia de soldados, inclusive o seu proprio commandante ; munição havia bastante e bocas de fogo lembro-me de ter visto duas, que me consta terem sido aproveitadas pelos paraguayos, logo que tomaram conta daquella infeliz povoação,

Todos estes disparates que se vêm (me disse o mesmo major Valle commandante daquella guarnição) ter sido por ordem do Sr. Canabarro, que, pelo que parece, estava munido de muitas autorisações.

Era muito possivel a resistencia naquella guarnição, embora eu a considerasse perigosa, e o motivo por que assim penso é firmado no que passo a expôr. V. Ex. ha de se recordar que houve um dia em que V. Ex. pensou em fazer o inimigo soffrer alguns tiros da nossa artilharia, e estando nesta mesma occasião reunidos quasi todos os commandantes de brigadas, inclusive o da infantaria, o Sr. general Canabarro, dirigindo-se a todos, teve a leviandade de apontar para o logar onde V. Ex. tencionava assestar a artilharia e dizer em altas vozes « alli está o cemiterio dos senhores » motivo por que V. Ex. andou incommodado mais de um dia.

Quarto.—Acho fóra de duvida que se podia receber por agua os recursos que necessitassemos, no caso de assedio.

Respondo ao quinto— Aquella villa foi evacuada no dia 5 e a ordem para isso foi ainda do brigadeiro Canabarro. As munições salvaram-se felizmente ; porém mais cousa nenhuma !

Respondo, finalmente, ao sexto periodo.—As mercadorias da alfandega não foram salvas, isto é, os generos que os fornecedores tinham alli em deposito ; e a causa disso não póde ser outra senão o descuido do commandante da guarnição ; não sei precisar a quantidade desses generos porque não os vi, faço, porém, idéa haver grande quantidade, visto como já lá se vai um mez que os paraguayos estão de posse daquella villa, e não consta ainda que elles tenham fome. Quanto aos commandantes de brigadas que assistiram aos conselhos que V. Ex. reunio, e que deram a sua opinião contra o ataque que V. Ex. pensou fazer em Toropasso, creio que V. Ex. se recordará bem que apenas o coronel Valença comprehendeu a sua posição, e o que lhe cumpria dizer em tão solemne momento : foi assim que esse meu camarada satisfez a V. Ex. com a sua resposta, na qual deixou vêr alguns conhecimentos de tactica, pensando com V. Ex. na probabilidade de uma victoria segura, se por ventura tivesse logar o ataque que V. Ex. tão judiciosamente concebeu.

Creio ter satisfeito ao que V. Ex. me ordenou no officio acima citado.

Deus guarde a V. Ex.—Acampamento em frente á Uruguayana, 6 de Setembro de 1865.—Illm. e Exm. Sr. Tenente-general João Frederico Caldwell.—*João Manoel Mena Barreto*, coronel.

XLI

Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de responder ao officio confidencial de V. Ex. de 5 do corrente, que acompanhou cópia do Aviso, tambem confidencial, de S. Ex. o Sr. Ministro da guerra, exigindo informações, contidas nos seis quesitos do referido Aviso.

Melhor do que V. Ex. ninguem está mais amplamente informado, sciente, apto e em estado de haver apreciado os movimentos do inimigo e os nossos, e de dar bem circumstanciada e baseada conta á S. Ex. o Sr. Ministro.

Junto a V. Ex. acompanhei pessoalmente desde Toropasso até a villa da Uruguayana a marcha do inimigo, e comprazo-me em renovar a V. Ex. que, pelo que toca á maneira de encarar os movimentos da nossa força, tivemos o mesmo pensar, deplorámos as mesmas faltas, cujos effeitos pesam e pesarão de modo desairoso e fatal sobre a dignidade, os brios e a honra nacional, como com tanta justiça diz o Exm. Sr. ministro da guerra.

Exm. Sr.—A minha opinião é uma unica, immutavel e segura perante a consciencia de cidadão que nunca soube mentir á sua patria.

Ou a mão da Providencia aprouve ferir a minha provincia, para que ella não se orgulhasse mais do seu valor e dos seus creditos de heroica e leal, por algum crime occulto e ignorado que não me é dado perscrutar, e por isso, soccorrendo-se da paralysação, do deleixo, da cobardia, da inepcia, da desunião, da reluctancia ao cumprimento das ordens superiores e de outros elementos igualmente fataès, incutidos no organismo da provincia, servio-se cobrir-nos de indelevel opprobrio e offuscou o brilho do seu caracter valente e honrado ; ou alguem que julgou poder mais do que V. Ex., cujo patriotismo, valor e dedicação são tão conhecidos de todo o Imperio, preparou a actualidade desoladora e triste, a qual,infelizmente, ajuda a contemplar o nosso magnanimo Imperador.

Declaro a V. Ex. com toda a solemnidade, e espero que V. Ex. se dignará levar ao alto conhecimento de S. Ex. o Sr. Ministro da guerra, que a minha opinião sobre os seis quesitos do Aviso confidencial resume-se no seguinte :

Se estivessem em S. Borja as forças que estacionavam na fronteira de Missões e as que se dirigiam de Santa Anna do Livramento tambem para esta fronteira, com uma direcção intelligente e incansavel á sua frente, podia se obstar a passagem do Uruguay á força paraguaya que invadio a provincia.

A maior confiança reinava em S. Borja, quando o

inimigo desde muito ameaçava a provincia ; as familias foram apanhadas de sorpresa e as propriedades entregues á rapina ! !

Na passagem de Ibicuhy, do Toropasso, do Imbahá, e antes de entrar o inimigo na Uruguayana, podiamos tel-o atacado e para isto nos sobravam elementos, como V. Ex. sabe e levará sem duvida ao conhecimento de S. Ex. o Sr. Ministro da guerra.

V. Ex. sabe perfeitamente a opinião que manifestei em conselho sobre o ultimo ponto a que me refiro, e conhece tambem a influencia que destruio as nossas esperanças e o nosso mutuo proposito de darmos um choque forte no inimigo, do qual talvez resultasse a sua total exterminação.

Na Uruguayana foram destruidas pelas nossas forças as trincheiras que haviamos feito, e a villa entregue ao inimigo completamente sortida de generos alimenticios, em abundancia, para mais de um mez para a força de tres mil e tantos homens de infantaria, mil e quinhentos e tantos de cavallaria e o resto de artilharia, perfazendo tudo o total de cinco mil homens, maximo em que computo os inimigos encerradós alli. Traziam além disso cinco bocas de fogo de calibre seis e quatro.

Nós tinhamos oito bocas de fogo de calibre nove com a competente guarnição, dous mil e quinhentos homens de infantaria, quatro mil de cavallaria e as posições mais vantajosas, com obstaculos naturaes para triplicar a nossa força á escolha e conveniencia de todos os entendidos autorisados, que se deliberassem, sequer, a atacar o inimigo.

Durante todo o trajecto de S. Borja a Toropasso não me consta que fôssem tirados os recursos de gado e outros do inimigo; e de Toropasso a Uruguayna, só se tiraram os que V. Ex. ordenou-me.

Até a esquerda do Butuhy, só soffreo no banhado do Padre uma força de quatrocentos a quinhentos inimigos pelo choque que lhe deo o coronel Fernandes. Dahi para cá nenhum combate se engajou, quando em minha humilde opinião nos sobravam elementos, como já disse, para bater o inimigo no Ibicuhy, na passagem do Passo de

Santa Maria, na do Toropasso, na do Imbahá e na entrada da villa de Uruguayana.

Se nós aqui nos entrincheirassemos com a infantaria e artilharia que tinhamos, com armas de superior alcance ás do inimigo, não entregariamos a villa, emquanto que a nossa cavallaria por seu turno podia sitiar o inimigo, incommodando-o consideravelmente, não lhe dando um momento de repouso, tirando-lhe os recursos, etc., e elle ou se havia de retirar sem occupar a nossa povoação, dando-nos a possibilidade de atacal-o em campo raso e não fortificado, como está, desde que nos resolvessemos a fazel-o, principalmente, se como é natural nos incutisse mais decisão o general Flores com as forças alliadas ; ou havia de sujeitar-se a soffrer fóra falta de mantimentos e de repouso, se a nossa cavallaria, como estou convencido, cumprisse com o seu dever, coadjuvada pela força entrincheirada.

Nada disso se fez pelas razões que V. Ex. sabe.

Nós não soffreriamos absolutamente por falta de alimentos, por que tinhamos o rio Uruguay livre á nossa valente esquadra, e livre tambem o territorio alliado, desempedido sempre, e mormente pelo combate de 17 do mez passado.

Declaro á V. Ex. que a entrega das nossas povoações e mormente da ultima, sem sequer arrebatarem-se e destruirem-se os mantimentos que nesta, assim como nas outras existiam, foi uma verdadeira calamidade nacional ; quer em sentido estrategico e politico, quer no das conveniencias de moralisar a nossa força e alentar as esperanças abatidas da provincia.

Deus guarde á V. Ex.— Campo volante da 2ª Divisão ligeira junta da villa de Uruguayana, 16 de Setembro de 1865.—Illm. e Exm. Sr. Tenente-general João Frederico Caldwell, dignissimo ajudante general do exercito.— *Barão de Jacuhy*

XLII

Commando da 1ª Divisão ligeira.—Quartel general a uma legua da Uruguayana, 3 de Outubro de 1865.

Illm. e Exm, Sr.— Hoje vou responder ao officio de

V. Ex. datado de 3 de Setembro proximo passado, que acompanhou o Aviso do ministerio da guerra de 17 de Agosto ultimo; hoje, porque em virtude do additivo de 5 do supradito officio, tive de recolher as informações juntas em original dos commandantes das brigadas ns. 1, 2, 3, 4, desta divisão, assim como do major da guarda nacional Joaquim Antonio Xavier do Valle, ex-commandante da guarnição da Uruguayana.

Permitta V. Ex. algumas considerações, para melhor ser entendido nas respostas, que vou dar aos quesitos do citado Aviso.

Um corpo de exercito paraguayo no povo de S. Carlos, cabeceiras do Aguapey, ameaçava nossas fronteiras do Uruguay, e de mais perto a de S. Borja.

As victorias de Paysandú e Montevidéo afastaram além do Paraná esse corpo de exercito, que pesava sobre nós. Como muita gente, acreditei então que, rarefeito o horizonte, a provincia estava salva.

Enganei-me; eil-o a 10 de Junho em S. Borja desfechando sobre nós.

Que tinhamos de arcar com massas de infantaria superior a 10.000 homens, era fóra de duvida; e que nossas cavallarias nada podiam contra essa massa, tambem é fóra de duvida.

Se tivessemos de cinco a seis mil homens de infantaria, não havia mais do que marchar e bater o invasor da provincia, porém com 2.000 infantes, oito bocas de fogo e cavallaria, por unica operação tinhamos de marchar em retirada na frente do inimigo; operação, que fazia a 1ª brigada ao mando do coronel Fernandes, e melhor com a 4ª de cavallaria que depois se lhe encorporou.

Dous mil infantes tinha a 1ª divisão, por esse tempo, em diversos termos entre si distantes; no acampamento de Ibirocay o 2° e o 10° batalhão de linha e as oito bocas de fogo; em Missões a 1ª brigada e o 1° de voluntarios da patria; e 3° de infantaria de guardas nacionaes a cavallo.

Na Uruguayana o 4° da mesma arma e linha com o 17° de cavallaria; e em marcha, por Santa Maria da Boca do Monte, o 5° de voluntarios da patria com o

corpo n. 23. Cavallaria no Ibirocay havia a dos corpos 19, 21, 26, 27, 29, 8° esquadrão e o 18° a uma legua destes corpos, que faziam a 2ª brigada: se formou a 4ª com os de ns. 19, 26 e 29.

Por ordem do Exm. Sr. Presidente da provincia, tinha de attender a Uruguayana e a Missões; no Ibirocay não só a esses pontos, como tambem attendia a cidade de Alegrete onde V. Ex. chegou pouco depois de 10 de Junho, cuja noticia recebi em marcha.

O inimigo, pela expedição feita aos Escobares seis ou sete dias depois da invasão, fez acreditar que tomava o caminho de Alegrete, pelo Passo do Itahim no Ibicuhy, do que V. Ex. teve tão sérios receios, que foi em pessoa ao Ibirocay afim de prevenir-me.

Pois que o inimigo podia de S. Borja tomar vereda ao Ibicuhy nos Passos do Itahim, Mariano Pinto ou Silvestre para Alegrete, ou no Santa Maria para Uruguayana; não devia deixar o Ibirocay, sem que fôsse conhecida a direcção que tomava; só depois de 26 de Junho se pôde conhecer que procuravam Itaquy. Neste entretanto devia esperar a 1ª brigada da 2ª divisão, o 5° de voluntarios que vinha com o 23.

A 7 chegou a 1ª brigada e a 9 de Julho acampou no Ibirocay; o 1° e o 5° de voluntarios com o 23 de cavallaria faziam a 5ª brigada, vindo de Missões o 1°.

Devia marchar ao Santa Maria, mas não haviam chegado os bois mansos, cuja compra havia encarregado ao major Manoel Fernandes Dornellas e tenente-coronel Apollinario de Souza Trindade, como fasendeiros muito relacionados, não obtiveram os precisos, e chamo o testemunho de V. Ex., que de sua parte, comprando cem bois a João Apollinario. só chegaram a Giquicuá com alguns outros, que pedio a diversos para comprar.

A 16 de Julho começou a marcha ao Santa Maria, onde o inimigo acampava no mesmo dia sobre a margem direita.

A 18 a 1ª brigada da 2ª divisão com a 2ª da 1ª adiantaram-se, emquanto a 3ª e a 5ª depositavam em Giquicuá o mochilame e bagagens na casa do major

Manoel Fernandes Dornellas; alli ficaram doentes e carretas de bagagens; seguiram sómente as de munições de cartuchame.

A 19 marchárão a 3ª e 5ª de infantaria, e a 22 de Julho estavão com as cavallarias no Santa Maria.

O inimigo a 18 encetou sua passagem, e havia occupado a barranca esquerda por 2.000 homens de infantaria.

Mais adiante voltarei a tratar do Santa Maria.

A 13 de Junho recebi a participação official da invasão de S. Borja, e a 17 estava recebida pelo Exm. Sr. general commandante em chefe do exercito de operações contra o Paraguay, com o pedido de me auxiliar com 4.000 homens de infantaria, afim de prompta e segura derrota no ousado invasor; pois a transpor o Ibicuhy seria para operar activa e não passivamente.

O anxilio pedido só mais tarde teve logar, por execução do plano combinado entre os chefes da alliança, vindo o Exm. Sr. general Flôres, que fôra designado.

Continuei a enviar participações do movimento áquelles generaes, que jámais me deixaram perder a esperança de bater o inimigo, recommendando-me especialmente o não arriscar combate.

Protegidos pela força da margem direita do Uruguay os invasores de S. Borja no Itaqui, com suas numerosas canôas, occupavam a posição mais propria á resistencia ou á retirada á margem esquerda, e por ella caminho de S. Carlos.

Era assim que a serie de depredações por aquelles barbaros, que tanto haviam atacado os brios, a honra e dignidade nacional, desde S. Borja ao Itaqui, ficava impune.

Elles incolumes passariam o Uruguay com o sorriso do sarcasmo!

Tinham talado a provincia do Rio-Grande e a deixavam sómente com a perda de 26 de Junho.

Era pouco; era nada, comparativamente á affronta que bem caro deviam pagar.

Quando soube de sua marcha ao Santa Maria e que deixavam tão bella posição, que um tanto se internavam na provincia, afastando-se da margem da rio, folguei; e, quando os vi deste lado do Santa Maria, nada mais

reciei: tinha o coração livre de um peso, que até então me opprimia. O inimigo estava perdido sem recurso. Certeza da vinda do general Flores eu tinha, a questão era de tempo; cumpria esperar, não arriscar e conduzir a victima ao sacrificio no altar da patria.

Com effeito tive em minha vida o dia de maior prazer; foi o 18 de Setembro: esse que entregou, submisso e desarmado, o bando invasor de 10 de Junho á Sua Magestade o Imperador e aos chefes das nações suas alliadas.

Elles que haviam atacado os brios, a honra e dignidade nacional, pagaram bem caro sua ousadia.

O Paraguay invadio S. Borja, em suas marchas de desolação pela margem do Uruguay, não foi canhoneado nas diversas passagens dos rios; nada fez a 1ª divisão, commetteu faltas, deve responder por ellas.

No commando superior da guarda nacional do Livramento fôram organisados os corpos de cavallaria provisorios ns. 3, 17, 18, 21, 27, e 29, de infantaria o 4º batalhão a cavallo com outros corpos e 1ª brigada de S. Borja chegou a contar mais de oito mil homens na frente do inimigo, teve o triumpho de 26 de Junho, conteve a massa invasora no terreno de seus piquetes, e muito mais na marcha do Santa Maria á Uruguayana.

Se o inimigo fez o mal como dous, o faria como vinte mil a não ser contido pela presença de nossas armas. A 1ª divisão que só conta um baleado pela artilharia no trajecto do Santa Maria, executou a parte que tinha no plano dos chefes alliados: isto é—conduzir o inimigo a ser batido, nada arriscando.

Após a jornada do Jatahy de 17 de Agosto, rende-se a força invasora, em numero maior a sete mil, á discripção, sem custo de uma gotta de sangue: triumpho grandioso e immenso, o primeiro que se dá na America do Sul.

Não basta o esquecimento do passado! e que passado, Exm. Sr.?

Porque não tiroteiou nas passagens dos rios o inimigo, que o vinha em todo o seu trajecto, por uma brigada que se occupava dos flancos e retaguarda, e tanto que ousava desprender uma partida. Tiroteiar o inimigo nas passagens dos rios para desaggravo das offensas recebidas, isto é, levar a morte e o ferimento a uma parte delles,

emquanto a outra seguia avante, e, o que é mais, em seguimento dos nossos que lhe davam as costas para fugir! Não haveria mortos e feridos de nossa parte? Creio que seria troca, com a differença, que nem ao menos os nossos mortos teriam sepultura.

Poderiamos contar as nossas derrotas pelos numeros dos passos.

Singular modo era esse de punir ultrages recebidos. Bello seria o trato de nossos feridos que pudessem escapar ao inimigo na marcha sem recursos.

Não tivemos feridos nem mortos, assim como o inimigo, mas Sua Magestade Imperial recebeu a todos submissos e desarmados, sem defeito. Differença não terem ficado alguns poucos sepultados em compensação de outros tantos nossos.

Recriminações por feitos que dão o primeiro triumpho visto na America do Sul, pela invasão de tres mezes e oito dias. Recebimento com affabilidade ao finado marquez de Barbacena pelo Sr. D. Pedro I, depois da derrota de Itusaingo em 1827. Como vão correndo estes tempos! como elles contrastam com o passado!

Se os russos em 1812, para colher o grande exercito de Napoleão, queimaram a sua rica capital de Moscow, não é muito que deixassemos queimar algmas casas, pela maior parte cobertas de capim,—para colher dez mil paraguayos; aquelles que ousavam á mão armada depredar nossa terra, e que deviam pagar bem caro a sua ousadia. O sacrificio foi de cousas, não de pessoas.

Um particular despende sommas para obter um desaffronta, o povo do Rio-Grande deixa queimar suas casas, comtanto que tome exemplar vingança do ousado invasor.

O grande triumpho iniciador da abertura da presente campanha, considerado em todas as suas relações, é immenso, mas me occuparei do que vem pela economia dos cofres publicos.

O exercito paraguayo de Robles, hoje de Barrios, ainda se conserva pela costa do Paraná com seus 37 ou mesmo 38,000 mil homens. Se os vencidos de Yatahy e Uruguayana não houvessem passado o Ibicuhy, não

estavam em poder dos alliados ; talvez em S. Carlos ou no Paraná.

Conseguintemente, mais 10,000 infantes tinha a alliança de aprromptar ; sua despesa é calculada, a que se faz com todos os exercitos, comparativamente á menor duração da guerra : teremos milhares de contos de réis, que vão muito e muito além do necessario ao pagamento do estrago causado nesta provincia, o que é nada comparativamente a tantas vidas poupadas de nossos compatriotas.

Agora entrarei nas respostas dos quesitos do ministerio.

1.° Porque não houve resistencia no Santa Maria e e em outros rios, durante o trajecto do inimigo até Toropasso ?

Convido V. Ex. a tomar conhecimento do passo de Santa Maria.

Na margem direita, tres portos de embarque ; 1,° no Passo-Velho, 2,° oito quadras acima, cuja entrada é uma picada que margêa o rio um quarto de legua, 3,° dista uma quadra da bocca da picada.

Na margem esquerda igualmente tres portos de embarque.

O que faz frente ao 1° fica na bocca de uma especie de picada, ladeado de mattos altos, e os outros dous vêm á barranca limpa.

Abaixo do desembargue do primeiro porto, tambem ha um porto falso, que sahe no meio do matto cerrado e alto.

Abaixo do Passo-Velho, tambem póde embarcar-se em qualquer parte.

A' duas outras quadras do passo começa a fralda de uma coxilha, cujo cume fica a dez quadras do porto de embarque, em figura circular, cuja extremidade de cima vai morrer no desembarque do terceiro porto ; unico ponto donde poderia uma bateria privar o embarque em todos os portos da margem direita do Ibicuhy, isto é bateria de artilharia de alcance, e certeira nos seus tiros, não tal como a que tinhamos no Santa Maria, sendo certo que na margem opposta ha tambem um ponto para desmontal-a em pouco tempo.

Os embarques abaixo do primeiro porto, Passo-Velho, não podiam ser privados,já pela longitude, já por causa de um braço de matto que occultava de qualquer bateria da margem esquerda. Sobre esta difficuldade inutilisadora das hostilidades da artilharia, accresce que os paraguayos embarcando no Porto-Velho e saltando no Passo-Falso, já descripto, alem de não ser privada a passagem, faria perigar muito a artilharia do ponto acima dado, porque desembarcava artilharia e infantaria, que vinham acobertas do menor damno.

As infantarias da barranca tinham á retaguarda uma sanga muito conhecida.

Por que não houve resistencia ?

Eis um campo vasto para o mais acanhado espirito percorrer em considerações, uteis talvez, mas não satisfactorias aos desejos de V. Ex.

Comtudo algumas considerações, a meu vêr indispensaveis, vou fazer a V. Ex. em complemento de minhas informações.

Inuteis todas as diligencias para obter a tempo os bois mansos, que deviam conduzir munições de guerra, enfermaria e bagagens, só podemos levantar o campo de Ibirocay a 16 de Julho, e, comquanto ficassem as bagagens no Giquicuá, só puderão chegar as infantarias ao Santa Maria a 22 de Julho, em que o inimigo já havia occupado, com 2.000 infantes, a barranca deste lado do passo.

Era perdida qualquer tentativa contra a força collocada naquella posição.

Com mais promptidão só o ferro-carril nos poderia conduzir áquelle ponto.

Para que mais cedo, quando alli nem toda a 1ª divisão reunida podia obstar a passagem do inimigo ?

No Passo sómente tinhamos até 1.800 infantes e 8 boccas de fogo de curto alcance, e não certeira ; admittindo que os clavineiros, que seriam 1.000, de 9 corpos,teriamos 2.800.Sómente em linha singela a infantaria poderia guarnecer tão grande extensão : era muito arriscar ; porque os paraguayos em suas canôas passavam de uma só vez 400 homens, tal como a supposta, deixam vêr qual o resultado. A nossa cavallaria de lanceiros no terreno da acção nada podia fazer.

Emquanto a infantaria combatia com a que da margem direita passava a esquerda, a força que estava na direita do Uruguay vinha Ibicuhy acima, e podia tomar nossa infantaria de flanco ou pela retaguarda. Sobretudo o inimigo passava do lado direito ao esquerdo do Ibicuhy, acoberto como deixo explicado.

Certamente offereciamos acção ao inimigo no logar de mais vantagem para elle, onde sua arma de infantaria, triplicada á nossa, tinha logares proprios e defesos á cavallaria de lanceiros que tinhamos a empregar.

Se toda a 1ª divisão reunida em terreno a proposito não podia bater o inimigo, muito menos fraccionada e com sua cavallaria fóra de combate, como aconteceria no Santa Maria.

Toda a 1ª divisão não podia bater o inimigo que passou o Santa Maria.

Eram 6 batalhões de 800 praças cada um, e 4 regimentos de cavallaria a 600 cada um, que tambem eram de infantaria quando preciso, e 5 boccas de fogo; mais de 7,000 homens bem amestrados nas manobras, e que sabiam morrer nos seus postos: comprovaram no 26 de Junho.

Em prova de minha proposição apresento exemplos: No 26 de Junho cêrca de 3.009 homens de cavallaria, entre os quaes estava o 3° batalhão de infantaria a cavallo, atacaram a 400 infantes paraguayos que venderam caras as vidas, menos 100, que reunidos se retiraram.

Formaram triangulo, e apezar de rotas suas linhas, procuravam a formatura.

Pelos annos de 1825, Carlos de Alvear á frente de suas cavallarias, que montavam a 14.000 homens, entrando artilharia e infantaria sómente a da competente guarnição, percorriam em todas as direcções da campanha, internaram-se até S. Gabriel, e afinal no Itusaingo deu-se a batalha de 20 de Fevereiro de 1827.

Fui um dos combatentes, era eu alferes do regimento 40, que fazia brigada com o de numero 4, continuava a linha com os regimentos 3°, 5°, 6°, 21 e 39, o regimento da côrte, o corpo de lanceiros de Uruguay, os esquadrões da Bahia e o de Prussianos, o 6° e 20°; faziam a reserva 5

ou 6 batalhões de infantaria, regulando a 600 cada um, e artilharia. Na esquerda o general Abreu com 600 paisanos.

O exercito de Alvear era 14.000 homens de cavallaria, como referi.

Nossos batalhões não podiam exceder a 3.500 homens e o todo muito pouco passava de 5.000 homens.

Os couraceiros de Alvear, carregando sobre os quadrados de infantaria, os poucos que não ficaram aos pés dos nossos soldados, volveram em desordem. A infantaria sustentou-se firme, e foi a rocha inabalavel, eram 3.000 contra as numerosas cavallarias, que simultaneamente se chocavam com as linhas de nossa cavallaria.

O general Abreu com seus paisanos carregou na direita do inimigo, mas veio com elle envolvido ; o quadrado de infantaria desfechou e afastou aos que não cahiram Nesta batalha tenho como provar a V. Ex:

Que as cavallarias de Alvear, amestradas no exercicio das armas, com disciplina, em bons cavallos, peitos encouraçados, foram quebrar-se nas bayonetas de nossas infantarias, que eram apenas de 3.500.

Que os antigos soldados do general Abreu, os veteranos que haviam esquecido a disciplina, que elle não fez reviver, foram victimas da desordem que os privou de manobrar no serio envolvimento com o inimigo.

Comparemos:

A infantaria paraguaya montava a mais de 7.000, porque tudo se tornava infantaria.

As nossas cavallarias, que não passavam de metade dos 14.000 de Alvear, não eram como aquelles amestrados, de couraças, em bons cavallos,— os nossos nenhuma disciplina haviam recebido para envolver-se e manobrar rapidamente, como exigem os renhidos combates, elles em máos cavallos seriam levados ás bayonetas paraguayas e repellidos; os que não ficassem no pó, não volviam, e a desordem faria completa a derrota.

A nossa infantaria não excedia de 2.200 homens com 8 boccas de fogo, muito faria se conseguisse retirar em desordem.

No Pavon as cavallarias do general Mitre foram todas derrotadas, porém a infantaria só no campo ficou assignalando o triumpho.

As cavallarias de Napoleão rompiam quadrados de infantaria, porém depois que a metralha os havia detido.

Para mim as massas de infantaria são uma fortaleza movediça, uma rocha viva em que a cavallaria vem, qual a onda espumante, quebrar-se e recuar.

O exercito que um general commanda é a arma com que vai jogar na luta com seos adversarios; deve, pois, conhecel-a para entrar na lide.

Tinhamos cavallaria, sem instrucção, indisciplinada, armada em parte, e montada em máos cavallos.

Infantaria 2° e 10° de linha, commandantes e officiaes que davam exercicios a seos soldados, e que os sabiam conduzir a combate: 1° e 5° de voluntarios, apenas organisados no Rio de Janeiro, embarcaram, nesta provincia, sempre em marchas, nada podem saber, e mesmo de seos officiaes só aquelles já conhecedores da arma.

Artilharia, no exercicio a fogo que presenciei no Ibirocay, o alvo ficou sem offensa alguma, antes perto de mim passou uma bala, que se afastára delle quasi uma quadra.

Na margem esquerda do Toropasso, V. Ex. mandou pelo coronel João Manoel Mena Barreto e capitão Luiz Fernandes de Sampaio examinar o terreno para forte tiroteio de infantaria e artilharia na passagem do inimigo, foi na tarde de 27 de Julho; declararam, que o terrenos e prestava, menos á cavallaria, que não podia manobrar. V. Ex. consultou-me, assim como aos commandantes de brigada, tudo estava prompto, mas é certo que nada houve, e tambem que as ordens de V. Ex. foram cumpridas: ellas nunca deixaram de o ser, aqui, no Santa Maria e em toda a parte.

V. Ex., habil militar, nunca quiz assumir a responsabilidade das operações perigosas; consultava aos commandantes das brigadas e acceitava seos pareceres: jámais póde dizer que foi contrariado.

2° quesito.— Numero, qualidade e especie do exercito imperial.

No Santa Maria, a 22 de Julho, cavallaria os corpos ns. 3, 18, 21, 23, 27, e 29, e esquadrão 8°, e a 1ª brigada da 2ª divisão;—infántaria 1° e 5° de voluntarios, 2° e 10° de linha, 8 boccas de fogo: tudo isto fazia 5,000 homens.

Em Toropasso, a 26 de Julho, incorporou-se a 1ª brigada de Missões, composta dos corpos 5, 11, 22 e 23 provisorio, 28 e 3º batalhão a cavallo, e 4ª brigada, dos corpos 19, 26 e 29; que já contado, seriam estas duas brigadas 2,400: total da força 7,400. Já disse sobre seo estado e disciplina.

Distribuição.— na frente do inimigo e em distancia de meia até mais de uma legua marchava a divisão, menos uma brigada de cavallaria que vinha na retaguarda e flancos do inimigo para guerrilhal-o.

O inimigo tinha 6 batalhões de 800 praças cada um, attendendo a desfalques, e 4 regimentos de cavallaria de 600 cada um,—cavallaria que tambem era infantaria, quando preciso,— cinco boccas de fogo e 32 carretas.

Logo que cheguei ao Santa Maria, um dos fasendeiros da familia do finado Manoel José de Carvalho me veio pedir auxilio, para levantamentos de gados na costa do Ibicuhy até o fundo do rincão deste com o rio Uruguay. Ordenei ao capitão Manoel Canabarro que com 100 praças das mais bem montadas se encarregasse deste serviço. Com effeito, tiraram o gado ao rodeio da coxilha de Japecú, porém como não havia mangeiras para o encerrarem, e nem era possivel estar rondando noite e dia, volvia de noite as suas querencias.

Visto que não havia cavallos, afim de levantar o gado e com o grande rodeio marchar para longe, pois tanto mais augmentava, quanto mais os rodeios que fossem levantando, tornando proporcionalmente os pousos mais difficeis por falta de mangueiras a proposito, e de cavallos para semelhante serviço, tornava-se improficuo o trabalho.

A 24 de Julho estava em rodeio na coxilha de Japecú o gado que levantaram, serião 4,000 rezes, ao tempo que o inimigo em duas columnas assomava á coxilha; outro recurso não houve, por negar-se o gado a marchar para o lado opposto da querencia, foi presa do inimigo.

Parar os rodeios de gado e conduzil-o em peso, era o meio de cortar este recurso ao invasor, porém é serviço que os praticos do campo fazem em todas as direcções em bons cavallos e sem estorvo.

Os donos dos campos se haviam retirado com suas cavalhadas, que internaram, em vez de prestar-se em auxilio contra o invasor. Um vaqueano de caminhos era difficil achar, quanto mais para serviço de rodeios.

Era, pois, tal serviço impossivel, não por incuria e sim por falta de meios e dedicação da parte dos moradores que chegaram a tirar o recurso ás nossas cavallarias, quando a nação comprava os cavallos.

3º Quesito.— Estava ou não fortificada a villa de Uruguayana ?

Do Ibirocay determinei a fortificação da villa da Uruguayana ao ex-commandante da guarnição da mesma, o major da guarda nacional Joaquim Antonio Xavier do Valle, cujo officio junto em original, data de 16 de Setembro proximo passado; o mappa do armamento recolhido no vapor *Uruguay*, depois recebido em parte como consta do recibo junto, do tenente-coronel José Bonifacio Machado, me poupa de fallar da fortificação, armamento e fornecimento de viveres a cargo do tenente-coronel José Pinto da Fonseca Guimarães, procurador do fornecedor do exercito.

Todavia accrescentarei que V.Ex. mandou examinar, pelo dito capitão Fernandes de Sampaio, o estado daquella fortificação, e quantos homens eram precisos para sua defesa. A resposta foi de 4.000 infantes.

Apenas haviam 2.000 e os clavineiros.

Com o vapor *Uruguay* podia a guarnição receber gado e tinha dentro bôa quantidade de fornecimento de viveres, mas nem por isso estava a força sitiada livre do assalto e derrota, pois que a fortificação não garantia segurança. Para defesa da villa e privar a navegação das canôas do inimigo, foi armado o vapor *Uruguay*, e os lanchões *S. João* e *Garibaldi*: bons serviços prestaram elles.

Supponho que V. Ex. não ordenou a defesa da villa pela má fortificação, e pessoal exigido, emquanto o que havia á disposição ficaria a risco de ser batido ahi encerrado, tanto mais que se não podia precisar a chegada do general Flores. . .

Na noite de 4 de Agosto a 2ª brigada, ao mando do coronel João Antonio da Silveira, foi levantar o armamento, se por ventura ainda não estivesse embarcado ;

porém, visto que já nenhum havia, procurou salvar os generos do fornecimento de viveres: busca o deposito— a casa fechada: o encarregado desse deposito não apparece.

As medidas tomadas pelo tenente-coronel Pinto Guimarães para salvar os viveres do fornecimento fôrão taes, que não podiam deixar de cahir em poder do inimigo. Com antecedencia o inspector da alfandega, Antonio Tello Barreto Filho, offereceu porção de carretas, que podiam conduzir, mediante 16$000 diarios cada uma, os viveres do fornecimento.

Não acceitou. O major Valle pôz á sua disposição embarcações que elle podia contratar. Tambem recusou; e, ao que parece, temendo a sua presença na Uruguayana, retirou-se a Ibirocay. E' singular.

Ao 5° e parte do 6° quesito, tenho respondido; falta o fim do 6°.

Marchava o inimigo ao passo do Imbahá; muito convinha ter certeza da maior ou menor brevidade da marcha do general Flôres, que datava seus communicados do Mirinhã. Concordou V. Ex. em marchar sem demora o tenente-coronel Antonio Caetano Pereira, e, com effeito, nessa mesma tarde marchou na missão de relatar em que pé estavamos para com o inimigo, recolhendo a certeza do dia e da operação delineada.

A's 9 horas da noite de 5 de Agosto chegava o tenente coronel Pereira, e declarou da parte do general Flores que, visto a proximidade do inimigo, elle não podia chegar a tempo de obstar a entrada na Uruguayana; e que estando perto o general Paunero, que procurava juncção com elle, tinha a pôr em pratica a mais importante operação, que vinha a ser bater primeiro a força paraguaya da margem direita, porque, batida essa, restava a operação sobre a da Uruguayana e seria concluida com a passagem delle e Paunero.

A's 9 da noite de 5 estava V. Ex. inteirado pelo tenente-coronel Pereira do resultado de sua missão.

A' 4 de Agosto a divisão chegou perto do campo do inimigo; era cedo ainda, elle conservava uma pequena parte da força e cavalhada na margem direita do Imbahá.

A' tarde V. Ex. ordenou a marcha do 2° batalhão de infantaria, de alguns corpos de cavallaria e das baterias

de artilharia, afim de experimentar o inimigo em um ataque parcial, que não teve effeito por sobrevir a noite aos preparatorios.

Chega o dia 5 de Agosto, apresenta-se a 1ª divisão prompta a entrar em combate, se recebesse ordem de V. Ex. Mas, V. Ex. chamou a conselho os commandantes das 1ª e 2ª divisão e das brigadas. O conselho manifestou seu voto, foi elle: não atacar o inimigo; unicos divergentes fôrão os Srs. barão de Jacuhy e coronel João Manoel Mena Barreto.

V. Ex. desde Japejú affagára a idéa de bater o inimigo, se total ou parcialmente não sei, porque nunca poude descobrir qual a intenção de V. Ex. a este respeito.

E' certo, porém, que não podia haver ataque parcial na força paraguaya, á cuja frente nos retirámos; ella jamais se dividio em parcellas, era uma somma compacta de bayonetas, que seguia a seu caminho.

Parcella só derão uma para ser batida, foi a de 26 de Julho e nunca mais.

Conseguintemente um ataque sobre a força paraguaya não podia ser parcial.

V. Ex. mostrando-se despeitado com o voto do conselho que convocára, eu declarei a V. Ex. que me désse ordem escripta para atacar, que eu a saberia cumprir: tudo havia previnido.

Os commandantes de brigada, não obstante seu voto, haviam declarado alto e bom som que eram soldados, que não recuavam ao combate, comquanto vissem nelle a fatalidade de nossas armas.

Deu V. Ex. a ordem pedida? Não. Porque a não deu?

V. Ex. vacillou, temeu o naufragio do baixel de tantas vidas nos escolhos das bayonetas inimigas.

Na verdade era immensa a responsabilidade de arriscar combate, quando havia certeza de receber a divisão o auxiliar de mais de 4.000 homens.

V. Ex. por seu ajudante de ordens mandou que seguissem quatro boccas de fogo para canhonear o inimigo na entrada da villa, e logo segunda ordem para seguimento das quatro que ficavam, tambem seguiram.

Não havia decorrido uma hora, quando vi que voltava a artilharia; e certo estou que não deu um tiro.

Projectar é facil, executar difficilimo.

Deus guarde a V. Ex.—Illm e Exm. Sr. conselheiro General João Frederico Caldwell, ajudante-general.—*David Canabarro*, Brigadeiro.

XLIII

Illm. e Exm. Sr. — Em virtude das respeitaveis ordens expressas no Aviso confidencial que V. Ex. se dignou dirigir-me em 28 de Novembro ultimo, para que quanto antes eu responda aos quesitos exarados no outro Aviso, tambem confidencial, de 17 de Agosto do corrente anno, vou cumprir essa determinação, principiando por ponderar que aguardava todas as informações dos chefes, a que se refere o artigo final do ultimo Aviso citado para, assim habilitado, dar cumprimento ao que se ordenou ; no entretanto vou fazel-o pela maneira seguinte :

Ao 1° quesito respondo : Que na noite de 18 de Julho, tendo recebido participação da vanguarda de que o inimigo tentava transpôr o Ibicuhy para este lado, immediatamente mandei dar disso conhecimento ao commandante da 1ª divisão, que se achava quatro leguas mais ou menos na minha retaguarda, isto é em Jequiquá.

No dia seguinte o dito commandante mandou-me apresentar a 2ª brigada de cavallaria da guarda nacional, ordenando-lhe de marchar toda a noite, afim de reforçar a vanguarda, succedeo, porém, que o commandante desta se visse impossibilitado de cumprir semelhante ordem, por estar muito a pé conforme representou-me ; então ordenei-lhe que tratasse de procurar cavallos, onde quer que os houvesse, comtanto que ao sahir da lua se puzesse em marcha.

Só depois de clarear o dia 20 foi que marchou a referida brigada, ponderando seu commandante, o coronel João Antonio da Silveira, que não pôde effectuar a marcha na hora determinada, por ter-lhe disparado a cavalhada. Fui com o meu estado-maior fazer o reconhecimento das localidades que occupavam os invasores nas duas margens do citado rio, e cheguei a convencer-me da probabilidade de atacal-os com vantagem. O que

em seguida occorreu menciona o coronel João Manoel Mena Barreto em seu officio de 6 de Setembro, de que tratei no meu confidencial de 7 de Outubro ; convindo porém, notar o engano que se dá, quando elle se refere a Toropasso, em vez de Passo de Santa Maria.

Embora as considerações apresentadas, na tarde de 21, em minha barraca, pelo brigadeiro honorario de que se trata, sobre a inconveniencia de atacar o inimigo e dos males incalculaveis que disso podiam resultar á provincia, accrescentando que esperava um reforço de 1500 homens, declarando então os coroneis Ourives e Valença serem de opinião qoe se esperasse pela juncção dessa força, comtudo não me convenceram taes razões para deixar de quanto antes emprehender um ataque : mas tambem veio-me á lembrança o que se passou com o general Brown, depois da batalha de Ituzaingo, quando tentou atacar o general Lavalleja acampado no logar denominado — Canhada dos Burros — no Estado Oriental do Uruguay ; a differença que ha daquella época para a actualidade é que então o exercito era cheio de disciplina : não obstante alguns chefes de milicias opinaram contra a empreza de Brown, e isso deo os resultados já sabidos, nada menos, do que ser mallogrado o plano estrategico desse general, de que talvez fôsse consequencia a derrota completa do exercito argentino.

Quanto ao 2°: — Que a força da 1ª divisão ligeira do exercito imperial era approximadamente de 7.000 homens, inclusive mais de 2.000 que compunham as brigadas 1ª e 4ª, ao mando do coronel Fernandes, que se achavam na margem direita do Ibicuhy e na esquerda, incluindo-se tambem a 1ª brigada da 2ª divisão. A 1ª divisão compunha-se de 4 batalhões de infantaria, sendo 2 de linha e 2 de voluntarios, ao todo 1.200 homens mais ou menos; de 8 boccas de fogo de calibre seis, cuja guarnição era quasi toda de praças da guarda nacional, e de tres mil e tantas praças de cavallaria da mesma guarda, sem contar o 3° corpo provisorio que vinha de Quarahy reunir-se á divisão referida.

A qualidade que distinguia essa tropa era, em geral, o pouco ou nenhum conhecimento do serviço militar, e alheia portanto á profissão das armas.

A força inimiga calculava-se em 7.000 homens, pouco mais ou menos, com 5 boccas de fogo, e compunha-se de cavallaria e infantaria montada; desenvolvia-se com dextreza e era habituada á disciplina.

Depois da apresentação do barão de Jacuhy commandante da 2ª divisão, foi esta formada da 1ª brigada que a ella pertencia, e da 5ª, que ambas achavam-se na 1ª divisão; esta estacionou na margem esquerda do Imbahá, e a outra na direita do Itapitocay, ponto que se presumia que da Uruguayana o inimigo a elle se dirigia; por este lado foram-lhe tirados todos os recursos, e para o outro expediram-se as convenientes ordens, como se vê da inclusa copia do officio de 16 de Agosto proximo passado ao commando da referida 1ª divisão; e segundo dizem os das brigadas 2ª e 3ª em os seus de 26 e 28 de Setembro, de que tratei no meu já mencionado confidencial de 3 de Novembro, parece que pelas immediações do Imbahá diligenciou-se tambem para tirar-se-lhe os recursos.

Ao 3°: Que mal fortificada achava-se a villa de Uruguayana, como certifica o parecer dado pela commissão por que mandei examinar esse trabalho, o qual enviei a V. Ex. em officio confidencial de 7 de Outubro. Sobre as boccas de fogo, de que dispunha tal fortificação, e sua guarnição, bem explicito é o capitão Joaquim Antonio Xavier do Valle no seu officio de 16 de Setembro, que a V. Ex. transmitti com o meu confidencial de 6 do referido mez de Outubro.

Ao 4°: Que, se a tempo tivesse chegado o general Flores com o seu corpo de exercito, podia-se receber por agua, ou por qualquer ponto, mantimentos e mais recursos; visto não se poder então contar com os vapores de guerra que só chegaram em frente á Uruguayana no dia 19 ou 20 de Agosto.

Ao 5°: Que a villa da Uruguayana foi evacuada na noite de 4 do dito mez de Agosto, por ordem do commando interino das armas por não ser possivel guarnecel-a e sustental-a com tão pouca infantaria.

Tanto as munições como o material foram salvos, o que demonstra o mappa que acompanhou o citado officio de 10 de Setembro do referido ex-commandante da

guarnição, menos os dous canhões de ferro de que faz menção o mesmo officio.

Ao 6° : Que as poucas mercadorias que existiam na alfandega constam da relação que acompanhou ao meu já dito officio de 6 de Outubro ; e quanto aos generos alimenticios que ahi se achavam em deposito, tanto o commandante da 2ª brigada, como o da guarnição, bem explicam o motivo por que ficaram em poder do inimigo.

Finalmente, que por tres vezes reuni os officiaes em conselho, que em geral compunham-se dos commandantes das divisões e brigadas ; e seriam indubitavelmente desnecessarios taes conselhos, se por ventura as tropas de que se compuuha esse corpo de exercito fôssem disciplinadas, morigeradas e aguerridas, como as que outr'ora tinha o Imperio ; cabendo-me aqui observar que, no ultimo conselho que teve lugar na occasião em que o inimigo marchava para Uruguayana, conforme citei no quinto periodo do meu já mencionado officio de 3 de Novembro, apezar de ser geral a opinião de que só o que se podia fazer era apparentar, mesmo assim, se a artilharia que mandei buscar tivesse chegado com a cavalhada em bom estado, podia-se ter hostilisado os invasores em sua marcha ; mas, tendo chegado tarde ao lugar destinado, e quando já o inimigo achava-se fóra de seu alcance, mandei-a contramarchar.

Deus guarde a V. Ex.—Quartel-general, em Porto-Alegre, 11 de Dezembro de 1865.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz, Ministro e secretario de estado dos negocios da guerra.—*João Frederico Caldwell*, Tenente-general graduado.

XLIV

Boletim do Exercito Brazileiro em Operações

Viva S. M. Imperial !

Vivão os exercitos alliados !

Parabens ao exercito em operações ! A esperança que nos animava ha dias, de vermos aniquilado sem gemer a humanidade, o inimigo que atrevidamente havia

invadido a provincia do Rio-Grande do Sul, acaba de ser coroada pelo mais feliz resultado no dia 18 do corrente. Renderam-se os Paraguayos de Uruguayana por capitulação, entregando-se todos como prisioneiros de guerra, podendo os officiaes escolher qualquer ponto para sua residencia, que não seja o territorio do Paraguay, segundo communicação abreviada que acaba de receber S. Ex. o Sr. general em chefe do Exm. Sr. Ministro da guerra.

Para a causa da civilisação e da liberdade, que faz a principal missão dos alliados, não podia ser mais brilhante este triumpho, pelo qual S. Ex. o Sr. general em chefe se congratula com os bravos do exercito que tem a honra de commandar.

Acampamento do Mandisoby-chico, 20 de Setembro de 1865.—*Innocencio Velloso Pederneiras,* Tenente-coronel, Deputado do Ajudante-general.

---

no dia 18 de Setembro de 1865

65 homens

00 »

068

733

de 1869, em Montevidèo (assassinado).

32 homens

50 »

:038

:220

:085 homens
:733 »
:220 »

:038

EXECUÇÃO
DE
PINTO MADEIRA
PERANTE A HISTORIA

POR

Paulino Nogueira
BACHAREL EM DIREITO (*)

CAPITULO I

Razão d'este trabalho; esforço para que não fossem sacrificados os interesses da historia

A execução, ou antes, o assassinato juridico de Joaquim Pinto Madeira, foi a arma mais formidavel, que podia cahir nas mãos dos adversarios, desaffectos e inimigos do senador José Martiniano de Alencar, para molestal-o em vida e macular a sua veneranda memoria, attribuindo-lhe paternidade ou, pelo menos, cumplicidade n'esse attentado extraordinario e condemnavel.

Nunca faltaram, é certo, ao illustre accusado amigos, que levassem a defesa a toda parte, no parlamento ou na

---

(*) Este trabalho foi pelo autor offerecido ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

imprensa ; mas a verdade historica, sem embargos d'isso, ainda hoje soffre, renovando-se de vez em quando o libello accusatorio, á maneira do gigante de Ariosto, que já feito em pedaços, recompunha-se para entrar em novas lutas.

E' assim, que o general Abreu Lima, (1) já depois da discussão no parlamento, da qual resultou o maior triumpho para a verdade, ainda escreve :

« Quasi todas as provincias do norte tinham recebido grande abalo com a noticia da abdicação ; e a do Ceará, que em 1824 fôra victima, como Pernambuco, de uma commissão militar, foi uma das mais exaltadas contra os realistas d'aquella epocha, entre os quaes sobresahia o coronel de milicias Joaquim Pinto Madeira ; portanto foi perseguido, e quasi forçado a abandonar a provincia, ou a resistir ; preferio o segundo partido, e foi esta a causa de sua perda. Com effeito no dia 14 de Dezembro de 1831 rompeu Pinto Madeira na villa do Jardim, tomando por pretexto a abdicação *forçada* do ex-imperador, e no dia 27 do mesmo mez teve o primeiro encontro de armas no engenho Burití com as tropas do governo.

« Era muito cedo para uma reacção tão violenta, e em menos de dez mezes vio-se quasi só, abandonado e perseguido, tendo que entregar-se no dia 13 de Outubro de 1832 (no ponto do Correntinho) ao general Labatut debaixo da palavra, que este lhe déra, de envial-o para a côrte, onde pretendia justificar-se. Porém depois de haver vagado de prisão em prisão, de presiganga em presiganga, desde Pernambuco até Maranhão, voltou ao Ceará, onde foi julgado pelos seus proprios inimigos, e assassinado juridicamente na villa do Crato a 28 de Novembro de 1834, sendo presidente d'aquella provincia o padre José Martiniano de Alencar, senador do imperio. »

E' assim ainda, que o conselheiro Pereira da Silva (2) repete :

---

(1) *Synopsis ou deducção chronologica dos factos mais notaveis da Historia do Brazil*, pag. 354, *edic. de* 1845.

(2) *Historia do Brazil* de 1831 a 1840, pag. 144, *edic.* de 1878.

« O coronel Pinto Madeira, que no interior do Ceará se entregára prisioneiro á discrição do general Pedro Labatut, foi por algum tempo guardado nos ergastulos do Recife. O presidente de Pernambuco, sob requisição do administrador da provincia do Ceará, o remettêra depois para a cidade da Fortaleza, sem que nem uma providencia até então se publicasse por parte dos poderes politicos, como elle o esperava, e promettêra Labatut solicitar, para o livrar de perseguições de seus contrarios, e poupar-lhe o castigo de seus feitos. Governava o Ceará, como presidente, o padre José Martiniano de Alencar, já na occasião senador do imperio, quando ao chegar-lhe o preso, contra quem se patenteavam immensos e profundos os odios na provincia, mandou-o para a villa do Crato, afim de que se lhe instaurasse processo e fôsse julgado. Pronunciado e arrastado ao tribunal do jury da localidade, foi Pinto Madeira condemnado á pena de morte. Sem lhe admittir os recursos legaes, nem aguardar instrucções do governo, mandou o juiz de direito executar a sentença da primeira instancia.

« Levantado o cadafalso, chamado o algoz, e tomados os precisos precates, a Pinto Madeira foi, por este modo inexplicavel, arrancada a vida na *forca* no dia 28 de Novembro de 1834. (*)

Condoido tanto do fim tragico do infeliz Pinto Madeira, apezar dos seus erros e crimes, como assás desejoso de apurar toda verdade concernente á vida publica de um Cearense benemerito, a cujo patriotismo muito devem a provincia e o Brazil, tratei com maximo empenho e isenção de estudar aprofundada e imparcialmente esse ponto delicadissimo da nossa historia provincial; reli acuradamente o que já era do meu conhecimento e do publico; colligí e compulsei documentos de toda especie da

---

(*) O major João Brigido dos Santos nos seus *Estudos Biographicos de Cearenses Illustres*, pag. 30. *Ediç.* de 1882, diz ainda mais:

« No dia 26 deste mez (Novembro de 1833) cessou o seu governo (de José Mariano). Seu successor, Ignacio Correia de Vasconcellos, que fez uma excursão ao Crato, no intuito de acabar de pacifical-o, nada deliberou sobre os dous presos, e *foi o senador Alencar* quem, tomando posse da presidencia no dia 6 de Outubro, *immediatamente* requisitou a vinda de Pinto Madeira.»

maior valia e ainda não divulgados; ouvi aos juizos mais insuspeitos e competentes; prestei toda attenção á tradição criteriosa; e cumpro agora um dever, que por mais de um titulo me é grato, entregando á luz da publicidade o resultado dos meus modestos, mas conscienciosos estudos.

CAPITULO II

Causa de Pinto Madeira rebellar-se. Chegada de Labatut á Fortaleza. Proclamação. Partida para o centro. Commando das forças legaes.

Já ia assás adiantada a rebellião, que Pinto Madeira (*) e o vigario do Jardim, conego Antonio Manoel de Souza, proclamaram no interior da provincia desde 14 de Dezembro de 1831, quando chega ao porto da Fortaleza o marechal do exercito brazileiro Pedro Labatut,

(*) Proclamação: — Brazileiros! E' chegada a época da nossa regeneração politica! Epoca em que malvados liberaes vão ser punidos de tão horrosos crimes por elles perpetrados. Brazileiros! estou em campo; reuini-vos a mim, e vamos desaffrontar a nossa honra, honra tão manxada por essa vil escoria de sevandijas, que, com o titulo de liberaes, tem feito viva guerra á religião e ao throno do melhor dos soberanos.

Brazileiros! Nem mais um dia devemos esperar, e mostraremos ao mundo inteiro o nosso ressentimento quanto ao extraordinario insulto, feito ao nosso adorado imperapor o Senhor D. Pedro I no sempre execravel dia 7 de Abril!! dia que cobriu de luto e de vergonha a todos os bons Brazileiros!! dia emfim que sepultará para sempre a honra brazileira no tumulo infernal da ingratidão e do oprobrio, si um rompimento inesperado, si uma vingança terrivel contra os malvados não apparecer n'esta occasião para nos separar do numero d'elles.

Brazileiros! O Senhor D. Pedro I, nosso adorado Defensor Perpetuo, foi insultado e esbulhado do nosso solo e dentre nós; porém ha de ser vingado em o nosso solo, e por nós.

Brazileiros! A's armas! vamos dar fim a obra gloriosa já por nós encetada! Os malvados não nos resistem; pois os seus mesmos crimes os fazem cobardes, em quanto que a nossa virtude e a santidade da nossa causa redobra nossos esforços, o que praticamente já foi demonstrado no campo da honra de Buriti.

Brazileiros! estou á vossa frente com trez mil e oitocentos heróes bem armados e municiados, e jámais retrogradarei meus passos sem que ainda no mais remoto canto do Brazil se não respeite a religião dos

enviado pela regencia para debellal-a, e de bordo mesmo dirige aos rebeldes a seguinte proclamação :

« Cearenses ! A regencia em nome do imperador constitucional, o Sr. D. Pedro II, nosso Defensor Perpetuo, em sua exemplar solicitude pelo bem ser da nossa cara patria, não podia deixar de attender pressurosamente ás reclamações e necessidades d'esta preciosa porção do imperio, cujo governo supremo legalmente lhe fôra confiado pela soberania nacional ; portanto mandado por ella com armamento e tropas para, de commum accordo com o Exm. Sr. presidente da provincia, reunir uma força capaz de libertar-vos da tyrannia de um regulo, que, na louca mania de sua ambição criminosa e furor canibal, pretende estender seus estragos, latrocinios e mortes sobre todos os pacificos habitantes do ameno Ceará : cumpre-me declarar-vos, que as tropas da divisão pacificadora do norte respeitarão sempre vossos direitos constitucionaes, vossas pessoas e propriedades e jamais, emquanto estiverem debaixo do meu commando, soffrereis qualquer vexame ou incommodo de sua parte. A lei será a bussola invariavel, que guiará minhas operações militares e a tranquillidade e segurança do povo, o alvo constante de minhas acções. Forte na justiça da causa que defendemos e na bôa vontade, patriotismo e luzes da primeira autoridade da provincia, e sobretudo no civismo e honradez de todos os seus briosos habitantes, conto com a breve e feliz conclusão de tão honrosa commissão, que me foi confiada.

« Cidadãos Cearenses ! Ouvi de bom grado o que vos diz um antigo servidor e soldado da independencia. Vós

---

nossos pais e o throno do Senhor D. Pedro I. E em abono d'isso, que vos acabo de dizer, só vos recommendo, que si eu avançar, segui-me, si fugir matai-me ; e si eu morrer, vingai-me com a conclusão da nossa honra.

Brazileiros! Viva a religião catholica apostolica de N. S. Jesus Christo! Viva o nosso adorado imperador o Senhor D. Pedro I e sua augusta dynastia ! Vivão os bons e fieis Brazileiros em geral e em particular os habitantes do Jardim !

Villa do Crato em 2 de Janeiro de 1832.

Joaquim Pinto Madeira.

não sois menos brazileiros e constitucionaes que os honrados e valorosos Bahianos,[6] nossos irmãos.

« Bordo do brique *Alcides* em 22 de Julho de 1832. —*Pedro Labatut*, general. »

No dia seguinte desembarcou com toda officialidade[7] 200 praças de infanteria, menos de cavallaria e artilharia, mas, achando-se no centro o presidente da provincia, tenente José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, que para ali tinha partido no intuito tambem de debellar a rebellião, teve de demorar-se na capital primeiro que conferenciasse com o secretario do governo padre Antonio Pinto de Mendonça, que ficára autorisado para prover aos casos urgentes da administração publica.

Só no dia 9 de Agosto pôde seguir para o interior, chegando a 31 no Icó, onde encontrou-se com o presidente, de quem não só recebeu o commando em chefe da expedição, como as instrucções necessarias, além das que já trazia do governo regencial. Dahi o presidente voltou para a capital, onde chegou a 16 de Setembro; e o general, depois da demora indispensavel para tomar medidas de precaução, como a de mandar logo distribuir pelos rebeldes aquella sua proclamação, foi estabelecer seu quartel-general, em fins de Outubro, no logar Correntinho, entre o Crato e o Brejo-grande, por ser onde maís facilmente podia entender-se com os chefes da rebellião.

[6] Refere-se ao memoravel 2 de Julho dos Bahianos, no qual tomou grande parte nos campos de Pirajá. Tendo fallecido na França seu paiz natal, os Bahianos, gratos aos seus serviços e em veneração á sua memoria, mandaram vir seus restos mortaes, collocaram-nos em respeitoso mausoléo em Pirajá, onde todos os annos a 2 de Julho vão em patriotica romaria render-lhe homenagem.

[7] Trazia por secretario o Dr. em medicida José Maria Cambuci do Valle.

CAPITULO III

Rendição dos chefes rebeldes a Labatut. Perigo que correm suas vidas. Remessa de Pinto Madeira e do vigario Antonio Manoel para o Recife. Juizo de Labatut sobre a rebellião.

Bem inspirada andou a regencia escolhendo para uma commissão tão importante um official, que ao valor e patriotismo reunia prudencia e prestigio, tão necessarios para incutir logo respeito e confiança em taes emergencias de uma guerra fratricida. A fama de suas glorias militares, de seu caracter probo e moderado, andou muito adiante da sua pessoa e foi parte para o melhor exito da empreza.

Pinto Madeira e o vigario Antonio Manoel, extenuados de uma luta sanguinolenta de quasi dez mezes consecutivos sem esperança de victoria, e vendo a humanidade com que eram tratados pelo general os prisioneiros rebeldes, mandando pol-os em liberdade ou prendendo-os em cadeias supportaveis, convenceram-se de ter-lhes chegado a occasião asada para deporem as armas, mediante uma só condição —de garantir o general as vidas a elles e aos seus companheiros, fazendo remetter ambos para a côrte, onde esperavam justificar-se perante a regencia. A proposta foi acceita e no dia 13 de Novembro os chefes rebeldes cumpriram a palavra, depondo no Correntinho, com perto de 3.000 homens, suas armas.

Apenas espalhou-se a noticia da rendição de Pinto Madeira com todo seu sequito, seus inimigos exultaram de prazer, não porque vissem d'essa arte, que a rebellião attingia ao seu termo sem derramamento de mais sangue, mas porque já saboreavam os effeitos da vindicta particular, ignorando ainda a condição proposta e acceita, e não suppondo que o general fôsse capaz de tanta energia e perspicacia, que lhes fizessem abortar o plano.

Labatut porém, que havia comprehendido toda a extensão de sua responsabilidade, e não menos do perigo que corriam as vidas dos dous presos, si os demorasse por

muito tempo no logar, ou fizesse seguir ao destino promettido pelo interior d'esta provincia, sorprendeu a todos, escoltando-os em pessoa até o Jardim, donde fel-os seguir para o Recife sob a guarda de um official de sua plena confiança, a cuja bravura e zelo deveram não ser maltratados durante a viagem. [8] O official era portador dos dous seguintes officios, cuja integra vale a pena de ser conhecida:

Illm. e Ex. Sr. Tenho a honrosa satisfação de vêr quasi concluida a commissão, que a regencia do imperio, em nome do imperador, me ha encarregado, sem derramar uma só gota de sangue brazileiro.

Remetto á V. Ex., pelo intermedio do presidente de Pernambuco, o ex-coronel Joaquim Pinto Madeira e o vigario do Jardim Antonio Manoel de Souza, que, sob condição de conservar-lhes as vidas e remettel-os para essa côrte, se me vieram apresentar no acampamento do Correntinho, em virtude de minha proclamação de 22 de Setembro proximo passado, cuja copia offereço á V. Ex.

Elles vieram acompanhados de suas familias, que foram ao seu encontro nos desertos e montanhas, por onde passavam. Estes dissidentes, em numero de 1.590, promptamente me entregaram as armas da nação, que empunhavam.

Exm. Sr., a maior das intrigas durante o reinado do terror, que felizmente passou, compelliu estes povos a hostilisarem-se, de modo tal que geme o coração mais duro á vista dos incendios, mortes arbitrarias e roubos praticados até pela tropa do presidente da provincia. A constituição foi calcada a pés, e appareceram em campo animosidades rancorosas de 1817 e 1824! Como poderão pois ser julgados os réos por juizes içados da mesma opinião dos partidos, que assolam a provincia?

Por isto rogo á V. Ex. de attender ao meu ultimo officio do Icó, em que, conhecendo cabalmente os males

---

[8] O capitão José Joaquim da Silva Santiago era um bravo e brioso official; mas não se confunda com Joaquim José da Silva Santiago, que na revolta de Francisco Pedro Vinagre, no Pará, era coronel commandante das armas e foi picado á espada, morrendo como bravo.

que acabrunhavam a nova comarca do Crato, eu pedia juizes integros, justos e sabios, por não haver um só letrado em toda ella; os de paz e ordinario são mui leigos, e pertencem a um ou outro partido... Demais servem os paizanos e milicianos, que fogem ás duzias com as armas da nação.

Os povos acham-se, por descuido das autoridades locaes, armados, e esperam do governo de S. M. Imperial todo remedio a seus males. Estou prompto a executar as ordens do governo supremo, conservando-os submissos, como ora se acham, á vista da brandura com que os tenho tratado; mas necessito de juizes, como hei demonstrado.

De tudo tenho dado parte ao presidente, de quem, pela longitude em que me acho, não tenho podido obter resposta, que anciosamente espero. A intriga desgraçadamente deu vulto ás cousas, que em nada offendiam ás leis. E' falso, como aqui se dizia, que Joaquim Pinto Madeira proclamára e defendia a restauração, queria reproduzir aqui as scenas do *São-Domingos* francez. O governo, mandando juizes letrados imparciaes, conhecerá a fundo os verdadeiros culpados. O coronel de milicias Agostinho José Thomaz de Aquino e o tenente de 1ª. linha Antonio Cavalcante de Albuquerque commetteram horrorosos attentados contra os direitos civis, vidas e propriedades dos seus concidadãos, sem escapar sexos nem idades. Seria um grande beneficio para a humanidade atrozmente offendida e para a tranquillidade da provincia, que V. Ex. os mandasse recolher á côrte e devassar de suas conductas.

Fez-se guerra de barbaros, mataram-se prisioneiros, queimaram-se casas, legumes e mobilias, roubaram-se gados, confiscaram-se os bens dos dissidentes, receberam-se donativos gratuitos... Muitos dissidentes, além das listas inclusas e em maior numero, estão para se me apresentar em varios pontos, maxime na villa do Jardim, para onde sigo a fazer conduzir os dous presos mencionados pelo bravo capitão de Pernambuco José Joaquim da Silva Santiago. Elles foram roubados dos seus bens e papeis, que dizem existir em poder do presidente.

Deus guarde á V. Ex. Crato 11 de Outubro de 1832. Illm. e Exm. Sr. brigadeiro Bento Barrozo Pereira,

ministro da guerra. *Pedro Labatut*, general commandante das tropas do Ceará.

Illm. e Exm. Sr. Em virtude da minha proclamação de 22 de Setembro proximo passado e outras medidas politicas militares, que tomei, mais de tres mil dissidentes se me vieram apresentar, entregando as armas da nação, que empunhavam; e como o ex-coronel Joaquim Pinto Madeira e o vigario do Jardim Antonio Manoel de Souza me escrevessem dos desertos, em que se occultavam, pedindo-me segurança de suas vidas e o serem promptamente mandados á regencia para, na côrte, fazer-se-lhes seus julgamentos, prometti-lhes em nome do goveruo supremo cumprir religiosamente o que pediam, por conhecer a vantagem d'esta acquisição, unico meio de pôr termo á guerra civil, uma vez que se viessem entregar estes foragidos; assim o fizeram, e eu os remetti pelo bravo capitão José Joaquim da Silva Santiago, digno commandante da tropa auxiliadora d'essa provincia, afim de V. Ex. os fazer seguir com segurança seus destinos ao Rio de Janeiro.

Aproveito esta occasião para recommendar á esclarecida contemplação de V. Ex. os bons e relevantes serviços prestados á esta provincia por este prudente, humano, bravo e honrado official. D'esta maneira, sem disparar um só tiro, tenho concluido a commissão, de que fui encarregado: oxalá pudesse eu apagar de uma vez a sêde de sangue brazileiro, que abraza os dous partidos! Por um comportamento similhante desminto boatos mentirosos acintemente espalhados a meu respeito pelos intrigantes do dia.

Medidas de brandura e a vinda de magistrados integros, prudentes e sabios sómente poderão apagar de uma vez as lavas da barbara e cruel guerra civil, que arrazou esta desgraçada comarca; porém esta não é a opinião dominante d'aquelles que com olhos enxutos vêm miseras innocentes familias dormir ao relento debaixo das arvores!

Brevemente irei receber as ordens de V. Ex. no meu prompto regresso á côrte por essa provincia, logo

que eu possa pagar e vestir a tropa, por estar atrazada em seus soldos, fardamentos e até em etapa ! ! Cuidou-se sómente em vingar-se paixões particulares, queimar casas, legumes e mobilias, assassinar prisioneiros desarmados e roubar ! ! ! Brazileiros contra Brazileiros, assim se portaram : que desgraça !

Deus guarde á V. Fx. como é mister á felicidade d'essa provincia Quartel general do commando das tropas da provincia do Ceará e militar da comarca do Crato na villa do Crato, em 16 de Outubro de 1832. Illm. e Exm. Sr. Dr. Bernardo Luiz Ferreira, vice-presidente da provincia de Pernambuco. *Pedro Labatut*, general.

CAPITULO IV

A rendição dos chefes rebeldes causa desgostos ás influencias do Crato e ao presidente da provincia. Reprovação do ministro da justiça. Desgostos de Labatut. Desejos de retirar-se da provincia. Sua chegada á Fortaleza e partida para o Recife.

Grande foi o desgosto, que causou ás influencias dominantes no Crato o modo caridoso por que o general tratou aos dous prisioneiros, bem como o esforço, que empregou para salvar-lhes as vidas da vindicta particular. O proprio presidente da provincia não pôde dissimular seu descontentamento, attribuindo officialmente o procedimento d'elle a menosprezo á sua autoridade.

O ministro da justiça, Honorio Hermeto, depois Marquez de Paraná, não foi menos desattencioso para com o general, baixando ao presidente da provincia o seguinte aviso :

Illm. e Exm. Sr. Tendo chegado ao conhecimento da regencia uma ordem do dia do general Labatut de 15 de Outubro passado, pela qual punha a policia das povoações da comarca do Crato a cargo dos

commandantes militares, e suspendia o effeito dos procedimentos judiciaes, que tiveram logar na referida comarca, em consequencia da rebellião de que foi chefe Joaquim Pinto Madeira ; manda a mesma regencia, em nome do imperador o Senhor D. Pedro II, declarar á V. Ex., que tal ordem do dia é abusiva, tanto pelo que diz respeito á policia das povoações, visto que esta compete aos juizes de paz e juizes criminaes, á cuja ordem somente se deve empregar a força armada, como pelo que toca á suspensão de processos. por ser contrario á constituição e independencia do poder judicial, e que portanto nenhuma execução deve ter a referida ordem do dia.

Deus guarde á V. Ex. Palacio do Rio de Janeiro em 12 de Dezembro de 1832. Honorio Hermeto Carneiro Leão Sr. presidente da provincia do Ceará. Cumpra-se. Palacio do governo do Ceará 16 de Fevereiro de 1833. *Albuquerque Cavalcanti.*

Não resta duvida, que Pinto Madeira havia commettido crimes, que fizeram levantar contra si grande animadversão. Si fôsse posto em liberdade, de certo que Labatut não tinha de que queixar-se do resentimento cearense ; porque não lhe seria desculpavel, que aproveitando de sua posição e poder, indultasse a um criminoso, por cuja causa as principaes familias d'aquellas localidades cobriam-se ainda de pesado luto. Mas é sensivel, que se procurasse desgostal-o, só porque preferira pacificar a provincia com brandura a consentir que o odio se saciasse em inimigos desarmados e indefesos, confiados á autoridade publica !

Si é certo, que elle exagerára a situação dos chefes rebeldes, as suas bôas intenções não podem ser contestadas por quem compulsar a sangue frio sua correspondencia official e pezar bem os seus actos.

O estado pezaroso de sua alma revela-se bem no seguinte officio, que dirigio ao presidente de Pernambuco :

Illm. e Exm. Sr. Achando-se os negocios d'esta comarca arranjados depois da prisão dos principaes

chefes da revolta e submissão dos dissidentes, e não querendo ser envolvido no vortice do novo systema politico da *federação pelas armas*, que impunemente apregôa o *Clarim* do Aracati,[9] pedi e pedio toda a expedição do meu commando ao Exm. Snr. presidente d'esta provincia retirar-nos para o Rio de Janeiro. No dia 9 do corrente tive a satisfação de receber a resposta satisfatoria do mesmo Exm. presidente, que me declara ter já mandado pedir duas embarcações de guerra para da cidade da Fortaleza levar-nos a essa cidade; por isso antecipo-me a ir saudar a V. Ex. e pedir-lhe se digne annuir ao meu antigo amigo e camarada o Sr. commandante das armas tenente-coronel Joaquim José da Silva Santiago, sobre o quartel para mim e para a expedição no pouco tempo que tenhamos de demorar-nos n'essa.

Muito folgarei, que essa bella provincia já goze, debaixo da sabia e prudente administração de V. Ex., de socego e tranquillidade; mas as intrigas e calumnias sobem de ponto, maxime no insultante *Clarim*; porém os probos e honestos servidores da nação sempre foram o alvo dos tiros dos disçolos e perturbadores do socego publico.

V. Ex. determinará seus preceitos, e disporá da minha bôa vontade, logo que ahi chegar. Pretendo descer para a capital a 8 do proximo vindouro mez de Dezembro.

Deus guarde a V. Ex. como lhe desejamos. Quartel general do commando das tropas do Ceará na villa de Icó, em 26 de Novembro de 1832. Illm. e Exm. Sr. Dr. Bernardo Luiz Teixeira, presidente da provincia de Pernambuco. *Pedro Labatut,* general.

Em principios de Março chegou á Fortaleza, e em Abril embarcou, com sua expedição para o Recife, no brigue brazileiro *Irmão Segundo.*

---

[9] Refere-se ao *Clarim da Liberdade*, periodico que publicava no Aracati Joaquim Emilio Aires, natural de Alagoas, individuo incendiario, que muito insultou o general.

CAPITULO V

Chegada de Pinto Madeira e do vigario Antonio Manoel ao Recife. Prisão que lhes foi destinada. Ordem do presidente de Pernambuco para seguirem para a côrte. Contra-ordem para ficarem. Approvação do governo imperial. Recomendação do presidente do Ceará ao de Pernambuco, e do d'esta ao d'aquella.

Pinto Madeira e o vigario Antonio Manoel haviam chegado ao Recife ao mesmo tempo que Labatut á Fortaleza, em principios de Março, e fôram recolhidos á fortaleza do Brum, depois a bordo do brigue-barca *São-Christovão*, como se vê dos seguintes officios:

Illm. e Exm. Sr. Em virtude do despacho de V. Ex., exarado no incluso requerimento de Joaquim Pinto Madeira, preso na fortaleza do Brum, cumpre-me informar que, ouvindo o commandante da fortaleza, este me assevera não ter feito prohibições a respeito do supplicante, que lhe sejam oppressoras; e quanto ao que o supplicante relata a respeito do tenente Norberto Alves, tenho dado as ordens necessarias ao respectivo commandante da fortaleza, para prevenir estas rixas entre os presos e os officiaes que fazem a guarnição; accrescendo mais ter o supplicante e seus companheiros João Baptista de Araujo e Francisco José Nunes representado verbalmente sobre o mesmo tenente, e requerido mudança, ao que lhe deferi no dia 26 do mez passado com o despacho seguinte:— « Os supplicantes ficam conservados na prisão em que estão, visto não haver outra sufficiente para onde sejam removidos. E quanto á representação, que verbalmente fizeram sobre o tenente Norberto Alves Cavalcanti, a devem apresentar por escripto para, á vista della, se mandar proceder como fôr de direito. » O que não fizeram até esta data na conformidade do despacho referido.

Cumpre-me igualmente informar, que só na fortaleza do Brum ha prisão sufficiente para o supplicante e seus

companheiros, á excepção do brigue-barca *São-Christovão*, para o qual passará, si V. Ex. achar conveniente.

Deus guarde a V. Ex. Quartel do commando da praça 1º de Julho de 1833. Illm. e Exm. Sr. Manoel Zeferino dos Santos, presidente de Pernambuco *Francisco Jacinto Pereira*, coronel commandate da praça.

Illm. e Exm. Sr. Levo ao conhecimente de V. Ex., para que chegue ao da regencia, que, tocando a este porto a escuna *União*, vinda do Ceará, afim de receber mantimentos, aguada e fazer alguns pequenos reparos para poder seguir a sua commissão, aconteceu entretanto, que os presos das cadêas da relação d'este districto fizessem um arrombamento nas mesmas e serrassem as grades das janellas, por onde fugiram alguns, e foi preciso transferir d'aquellas casas os demais presos, emquanto se faziam os concertos; e não existindo prisões seguras, eu os fiz transportar para bordo da dita escuna, onde com segurança se conservam. E não os mandei para o brigue-barca *São-Christovão*, por existir já a seu bordo muitos presos, e entre elles Joaquim Pinto Madeira, vigario Antonio Manoel de Souza e mais ontros vindos das Alagoas. Logo que se finalisem os concertos das cadêas, ou que chegue o brigue-barca *Santa-Cruz*, farei tirar de bordo da dita escuna os presos, e seguirá ella então para essa Côrte.

Espero que a regencia, em nome do Imperador, haverá por bem Approvar este procedimento a que me obrigaram os urgentes motivos expostos.

Deus guarde á V. Ex. muitos annos. Cidade do Recife de Pernambuco 7 de Dezembro de 1832. Illm. e Exm. Sr. Antero José Ferreira de Brito ministro da guerra. *Manoel Zeferino dos Santos.*

O presidente de Pernambuco ainda chegou a dar alguns passos para attender á requisição de Labatut, remettendo os presos para a côrte:

Illm. e Exm. Sr. Em consequencia do officio do general Labatut, que por cópia transmitto á V. Ex., fiz embarcar em o paquete imperial *Pedro I* o ex-coronel Joaquim Pinto Madeira e o vigario Antonio Manoel de

Souza para serem entregues á V. Ex., assim como dous officios d'aquelle general, que com os presos me foram entregues.

Uma tal remessa, e por um general em commissão, me pareceu arbitraria e inconstitucional; como porém não sei qual a autoridade de que veio aquelle general revestido, e a sua residencia e autoridade são fóra d'esta provincia, e em grande distancia, não me considerei autorisado para lhe pedir contas do seu facto, e me persuadi, que devia dar execução ao seu officio, pela regra de que as autoridades legaes devem reciprocamente dar cumprímento aos deprecados.

Deus guarde á V. Ex. muitos annos. Cidade do Recife de Pernambuco 9 de Novembro de 1832. Illm. e Exm. Sr. Antero José Ferreira de Brito. *Bernardo Luiz Ferreira,* vice-presidente.

Mas em tempo reconsiderou no seu acto:

Illm. e Exm. Sr. Tendo eu por officio de 9 do corrente Novembro, participado á V. Ex. que remettia presos o ex-coronel Joaquim Pinto Madeira e o vigario Antonio Manoel de Souza, em consequencia da requisição do general Pedro Labatut, observei, que a minha deliberação havia desenvolvido um geral descontentamento n'este bom povo, por se persuadir que eu dava execução á uma ordem inconstitucional, e concorria para se ultimar a injuria, que aquelle general havia principiado a fazer ao presidente e ás justiças ordinarias do Ceará e á relação d'esta provincia, em remetter os presos sem culpa formada e sem serem interrogados e ouvidos, e por conter a requisição falta de jurisdicção no requisitante, um dos casos expressos em direito em que se não devem cumprir deprecados.

Desejoso de não offender a delicadeza e melindre dos Pernambucanos em a guarda da constituição, julguei do meu dever levar o negocio ao conselho presidencial para não cahir só sobre mim o odioso; o qual por pluralidade absoluta opinou, que se não devia remetter os presos, como V. Ex. verá da cópia da acta, que transmitto.

Este parecer, unido ao geral descontentamento, me

obrigou a sobreestar na remessa, até que V. Ex. ordene qual deve ser a minha linha de condncta, depois de levar o negocio á consideração da regencia.

A demora dos presos n'esta cidade, além de trazer o restabelecimento do contentamento do povo, talvez por fortuna acarrete o não soffrerem aquelles desgraçados mais os incommodos de duas viagens, e a certeza de que todas as autoridades respeitam a constituição, e que os réos devem ser punidos pelas autoridades judiciaes do territorio, onde commetteram os crimes, e por esta arte cortar para sempre os vôos áquelle general, e de todos os que com sacrilega mão pretenderem assaltar as raizes dos poderes e direitos da coustituição.

Deus guarde á V. Ex. muitos annos. Cidade do Recife de Pernambuco 12 de Novembro de 1832. Illm. e Exm. Sr. Antero José Ferreira de Brito *Bernardo Luiz Ferreira*, vice-presidente.

Esta deliberação mereceu a approvação do governo imperial constante do seguinte aviso :

Illm. e Exm. Sr. A deliberação tomada pelo conselho do governo d'essa provincia de Pernambuco, na sessão de 10 de Novembro findo, acerca da retenção ahi dos facinorosos Joaquim Pinto Madeira e o vigario Antonio Manoel de Souza, de que V. Ex. dá conta em officio n. 32, merecem a approvação da regencia em nome do imperador; por isso que a remessa de taes réos para a côrte, além de illegal e arbitraria, seria contraria a direito, e obstaria a que expiassem elles seus horrorosos attentados no logar mais proximo das suas malfeitorias para desaffronta da lei e da humanidade.

Louvando por tanto, em nome da mesma regencia, similhante procedimento, resta-me recommendar á V. Ex. toda a segurança com os réos em questão, para se não repetir o que acontecêra com o tenente coronel da Barra-grande, João Baptista, que se evadira.

Deus guarde á V. Ex. Palacio do Rio de Janeiro em 5 de Dezembro de 1832. Antero José Ferreira de Brito. Sr. presidente da provincia de Pernambuco.

Por esse tempo recebeu tambem o presidente de Pernambuco esta recommendação do d'esta provincia :

« Para essa provincia seguem presos, debaixo do poder do capitão José Joaquim da Silva Santiago, os dous principaes cabeças da rebellião d'esta provincia, Joaquim Pinto Madeira e o vigario Antonio Manoel de Souza, segundo me participa o general Labatut, dos quaes recommendo a V. Ex. a maior segurança, afim de que se não evadam, e possam ser punidos com toda severidade das leis; devendo tel-os sempre sob guarda e toda segurança até positivas ordens da regencia, a cujo conhecimento n'esta data faço subir as minhas participações.

Com as prisões d'estes dous grandes facinorosos considero esta provincia livre do flagello, que a opprimia, e oxalá que das bem acertadas providencias de V. Ex. se tenha conseguido a tranquillidade d'essa preciosa porção do Brazil; para o que me offereço com os pequenos recursos, que houverem n'esta provincia ».[10]

Por sua vez o presidente de Pernambuco fez tambem ao do Ceará esta recommendação:

Illm. e Exm. Sr. Tenho a honra de transmittir á V. Ex. a copia inclusa de um aviso da secretaria de estado dos negocios da guerra acerca dos réos Joaquim Pinto Madeira e vigario Antonio Manoel de Souza, afim de que V. Ex., na intelligencia do que o mesmo dispõe, queira expedir as suas ordens para a prompta remessa á esta repartição de suas culpas e processos.

Deus guarde á V. Ex. Palacio do governo de Pernambuco 22 de Fevereiro de 1833. Illm. e Exm. Sr. José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, presidente da provincia do Ceará. *Manoel Zeferino dos Santos.*

---

[10] Officio de 8 de Novembro de 1832.

CAPITULO VI

Estado anormal do centro da provincia. Medidas tomadas por José Mariano. Chegada e posse do novo presidente. Proclamação. Sua excurção ao centro. Regresso.

Emquanto se passavam essas cousas com Pinto Madeira e o vigario Antonio Manoel, no Recife, a situação do Ceará não lhes era mais favoravel.

Parecia natural,que com a ausencia de Labatut e dos dous chefes revolucionarios, os animos se fôssem arrefecendo, em via de entrarem em plena paz ; mas assim infelizmente não succedeu.

Os legalistas, como denominavam os partidarios da situação dominante, vendo-se por por um lado livres da presença do general, que era a garantia unica dos vencidos, por outro animados com a força moral que lhes prestava o presidente da provincia, cearense [11] e muito envolvido nas intrigas da terra e na rebellião como commandante em chefe das forças legaes, começaram a desenvolver a maior perseguição aos ex-rebeldes, que afinal viram-se obrigados a reagir com energia.

Chegaram os partidarios de Pinto Madeira a essa situação desesperada, a principio levados pela necessidade da propria conservação, depois pela falsa noticia que correu na provincia e em todo Brazil— que D. Pedro I estava prestes a voltar ao Brazil e a reassumir as rédeas do governo supremo ; tornando-se tão ousados, de humilhados que estavam, que já não se limitavam á simples defesa, mas a atacar e saquear povoações, como aconteceu com a de Missão-Velha (hoje villa), sendo batida a pequena força, que a guarnecia, por mais de 200 homens capitaneados pelo caudilho Joaquim José Machado.

A noticia d'esses acontecimentos chegou com demora á capital; mas o presidente da provincia não se fez

---

[11] Natural da cidade de Sant'Anna.

esperar, providenciando energicamente em ordem a que os ex-rebeldes fôssem concentrados em um ponto dado, para d'essa arte serem mais facilmente batidos de uma vez, sem tregoas, nem contemporisação alguma. Já José Marianno se preparava para recolher o resultado favoravel dos seus planos estrategicos, quando chega á capital o seu successor Ignacio Correia de Vasconcellos, que prestou jaramento e tomou posse a 26 de Novembro de 1833.

Como sóe sempre acontecer com quasi todos os administradores no começo de seu governo, entendeu o novo presidente, que tudo quanto estava feito não era o melhor e, avolumando, além das suas justas proporções, as informações já um tanto exageradas que lhe transmittira seu antecessor, resolveu ir em pessoa destroçar o *inimigo*; para o que reunio logo o conselho geral da provincia, exigio d'elle amplas autorisações, que lhe foram concedidas com franqueza, e proclamou ao povo, chamando-o á ordem :

« Cearenses ! Encarregado pelo governo supremo da presidencia d'esta vasta e populosa provincia, o meu mais sincero desejo é desempenhar tão honrosa commissão, promovendo quanto couber nos limites de minha autoridade o bem-estar e prosperidade dos seus habitantes.

A prompta execução das leis, a fiel observancia ás ordens da regencia, que, em nome do imperador, nosso augusto patricio, dirige os destinos do imperio, é o mais seguro meio de conseguir o fim a que me proponho.

A lei, honrados Cearenses, presidirá e fará a norma de minhas acções em qualquer dos actos de minha administração e conducta politica.

Cearenses ! Comquanto seja este e meu firme proposito, nada poderei conseguir sem a vossa prompta cooperação, senão ajudado pelas autoridades subalternas, e mesmo por cada um de vós em particular, qualquer que seja a posição em que vos acheis collocados na sociedade.

Meditai e conhecereis, que é um erro o suppôr-se, que o governo só por si é bastante para fazer a publica felicidade.

Si um povo se degenera, a acção da primeira autoridade poderá, sim, conter por poucos instantes os facci-norosos, mas nunca tornar esse povo bom e feliz.

E' pois do concurso de todas as vontades; é do inteiro cumprimento de todos os deveres, que partem o bem e a prosperidade publicos. Ajudae pois, si quereis ser felizes.

Lembrae-vos, que antes de tratar-se de qualquer melhoramento em uma sociedade, cumpre primeiro salvar a sua existencia, sempre incompativel com o estado de guerra e de perturbações, em que infelizmente nos achamos pela continuação d'essa horda de facinorosos, que ainda formigam em differentes distritos do interior da provincia.

Dignos Cearenses! Para a pacificação completa da provincia nenhum sacrificio pouparei; o meu desejo é conforme aos vossos peculiares interesses; sou Brazileiro de coração, e por conseguinte vosso amigo; assás já o tenho mostrado em muitas outras provincias do imperio; contae comigo assim como eu comvosco.

Cearenses! Unamo-nos em um só principio, em uma só vontade, para o inteiro restabelecimento da ordem, e no goso d'esta entoemos:

Viva S. M. o imperador!

Vivam a constituição, a assembléa legislativa, a regencia em nome do imperador, e o briozo e generoso povo cearense!

Palacio do governo do Ceará 28 de Novembro de 1833. *Ignacio Correia de Vasconcellos.* »

Em meiados de Dezembro pôz-se de marcha para o centro; mas á proporção que se foi internando, foi-se tambem convencendo do papel um tanto ridiculo, que ia fazendo. Os miseros rebeldes, ja prevenidos da sua ida e da sua proclamação, desilludidos em breve da apregoada volta do primeiro imperador, dispersaram-se muito antes da sua chegada, deixando-lhe as povoações e logares, que occupavam, completamente abandonados. Nada mais tendo a fazer que não pudesse ser feito pela autoridade local, tratou de regressar á capital, onde chegou a 10 de Março de 1834.

A' sua volta levantaram-se e progrediram por toda parte, bandos de malfeitores, que tornaram a provincia inhabitavel e intransitavel no interior.

CAPITULO VII

Exoneração de Ignacio Correia de Vasconcellos. Nomeação e posse do senador Alencar de presidente da provincia. Estado d'esta. Alencar propõe-se a melhoral-o. Expediente de que lança mão. Juizo do doutor Pedro Theberge.

Encerrado o parlamento, foi Ignacio Correia de Vasconcellos exonerado e substituido pelo senador Alencar, amigo intimo de alguns dos ministros, que, nas condições precarias da provincia, puderam arrancar do seu patriotismo a acceitação de tão ardua commissão. O novo presidente prestou juramente e tomou posse a 6 de Outubro de 1834, e 16 annos depois, na sessão do senado de 19 de Fevereiro de 1850, descrevia assim o pessimo estado, em que encontrou a provincia n'aquelle tempo :

« A provincia do Ceará estava em estado excepcional : o furor do assassinato tinha chegado a um ponto horribilissimo. Não era uma ou outra morte que appareeia n'este ou n'aquelle logar da provincia ; eram immensas. Bandos de assassinos armados corriam de um ponto a outro, praticando barbaridades inauditas ; a guerra de Pinto Madeira tinha tido logar havia pouco tempo ; esses assassinatos apresentaram-se em movimento ; era o effeito das desenvolturas das paixões : o armamento, que tinha entrado na provincia para a guerra de Pinto Madeira, estava nas mãos dos assassinos, principalmente nos termos do Icó, Lavras, Serra-Grande, Quixeramobim e Pereiro. Haviam assassinos muito conhecidos, prepotentes e de sequito, cujos nomes faziam aterrar tudo ; victimas eram immoladas até dentro das prisões. Na villa de Acarati um miseravel, que estava nas prisões e que antes de ser preso havia offendido um prepotente do logar, foi assassinado dentro da cadêa com dous tiros disparados por entre as grades. Na villa de

São-João do Principe, estando já preso outro miseravel, contra quem um prepotente do logar se queixava de haver morto a seu filho, foi em pleno dia, ás 9 horas da amanhan, cercada a cadêa da villa por esse prepotente com seu sequito, e arrombando a prisão tirou o miseravel, depois de lhe cortar a perna que estava atada a uma corrente, trouxe-o para o meio da rua, e ahi espatifou-o publicamente.

« Muitos outros assassinatos horrorosos se perpetraram em pessoas principaes da provincia, e entre elles lembro-me do assassinato do tenente-coronel José Cavalcante de Luna, da povoação da Telha : [12] este homem era ali chefe da guarda nacional, e apezar de influente e poderoso no logar, indo á villa do Icó a tratar dos seus negocios, e temendo já o furor dos assassinos, levou comsigo uma escolta de 20 homens commandados pelo seu proprio irmão, esteve na villa de Icó 3 dias, e sahindo dahi foi no meio de sua gente assassinado por tiros, que em uma emboscada lhe dispararam dos matos.

« Essa morte causou tal terror, que, sendo conduzido para a villa o cadaver, as autoridades não se atreveram a fazer o respectivo corpo de delicto, porque os assassinos em numero de trinta estavam ahi armados ; nem mesmo as autoridades se atreveram a participar este acontecimento ao presidente da provincia, com receio de que os assassinos o soubessem; esperaram, que um negociante viesse á villa do Aracati para trazer um officio de participação d'este successo, escondido nos escaninhos de suas canastras. Do Aracati mandou então esse negociante um proprio com elle ao presidente da provincia : este officio chegou ainda no tempo da administração do meu digno antecessor o Sr. coronel Ignacio Correia de Vasconcellos, que m'o apresentou na vespera do dia em que tomei posse da presidencia da provincia : similhante assassinato acabou de aterrar aquelle lado da provincia. Os homens principaes do logar abandonaram suas casas.

« O coronel Agostinho José Thomaz de Aquino, primeira influencia no logar por seu alto posto e por sua

---

[12] Hoje cidade de Igatú.

fortuna, abandonou a villa, e retirou-se para a sua fazenda, na provincia da Parahiba: outros, e entre elles o Sr. Francisco Fernandes Vieira, hoje barão do Icó, deixaram a provincia, apezar de serem esses senhores commandantes geraes dos destacamentos de tropas de primeira linha, que haviam n'aquelles logares, e terem ahi toda a influencia de seus postos e riquezas; mas o assassinato do tenente-coronel José Cavalcante havia posto tudo em consternação.

« Outros homens principaes da provincia andavam foragidos e aterrados: lembro-me entre outros do venerando ancíão, vigario Manoel Pacheco Pimentel, deputado á assembléa constituinte e na segunda legislatura, e de seu sobrinho, tenente-coronel João da Costa Alecrim, refugiados em Pernambuco por causa das correrias e barbaridades dos assassinos da Serra-Grande, onde elle era o vigario. O tenente coronel João Neponuceno Quixabeira, tambem homem influente no termo de Russas, onde commandava a guarda nacional, foi assassinado estando no meio de uma escolta, foi morto até a punhal por um sequito de assassinos; e o tenente de primeira linha Antonio Cavalcante foi assassinado no termo de São-Matheos, no meio do proprio destacamento, que conduzia para prender os assassinos.

« A provincia havia chegado a um estado tal que havia merecido, que a regencia a tomasse em consideração. Ordens muito expressas tinham ido da regencia para que se prendessem esses assassinos prepotentes, e se procurasse por todos os meios pôr cobro a tanto horror e barbaridade. Estas ordens ainda foram expedidas antes da minha presidencia, e um dos meus antecessores quiz executal-as contra os facinoras Mourões, e dirigio-se ao Sr. coronel Vicente Alves, sogro que era do meu illustre amigo e collega o Sr. Paula Pessoa, homem principal da villa do Sobral, já pela adhesão que lhe consagravam os povos d'aquelles logares, já pelo alto posto que tinha de coronel confirmado das antigas milicias, e já por sua riqueza: este coronel respondeu ao presidente da provincia, que não se atreveria a pôr similhante ordem em execução.

« Depois da minha presidencia foram ainda novas ordens do governo geral no tempo do ministerio do Sr. Aureliano. E então não foram só para o Ceará, foram para os presidentes de todas as provincias limitrophes, para que, unidos com o presidente do Ceará, coadjuvassem a prisão dos assassinos; entre estes presidentes o Sr. Visconde da Parnahiba, presidente do Piauhi, muito me ajudou, mandando marchar fortes destacamentos para os Cratiús, termo contiguo da Serra-Grande, onde dominavam esses famosos assassinos chamados Mourões.

« Este era o estado, em que se achava a provincia, e sobre a veracidade dos factos que acabo de apresentar, chamo em meu apoio o proprio testimunho e lealdade de meus mesmos nobres adversarios, deputados pelo Ceará.»

Alencar comprehendeu a gravidade do Ceará, sua terra natal e do seu domicilio, e com animo viril emprehendeu regeneral-a, restabelecendo o imperio da lei. N'este louvavel intuito foi seu primeiro cuidado fazer-se cercar da melhor gente, sem distincção de côr politica, a qual pudesse auxilial-o na obra patriotica, sem levantar clamores senão dos assassinos e perversos. Chamou para seu ajudante de ordens o tenente João da Rocha Moreira, Pernambucano, mas affeiçoado á familia Castro, com quem veio a aparentar-se, e para seu secretario o Dr. André Bastos de Oliveira, membro da familia Fernandes Vieira.

Assim collocado na administração, tratou logo de substituir por autoridades de sua plena confiança as que haviam perdido a força moral, e dirigio-lhes circulares energicas, invocando seu patriotismo no nobre empenho de expurgar a provincia das hordas de sicarios, que a infestavam.

O Dr. Pedro Theberge, que nunca foi seu enthusiasta, rende publica homenagem ás suas bôas intenções e esforços.

« Accusam-no (diz elle) de haver lançado mão de meios arbitrarios, e pouco moraes ás vezes, para alcançar o seu fim; accusam-no mais de ter perseguido com especialidade aos inimigos de sua administração e de sua familia, lançando contra estes — outros malvados de sua

affeição, não menos perversos do que os perseguidos. Talvez assim succedesse; mas, correndo-se a correspondencia d'aquellas épocas, collige-se, que o presidente era, pelo contrario, animado do desejo ardente de acabar com os crimes, que se reproduziam a cada momento na provincia, particularmente depois das dissenções civis, que a tinham dilacerado. » [13]

CAPITULO VIII

Embarque de Pinto Madeira e do vigario Antonio Manoel no Recife, com destino ao Ceará. Chegada á Fortaleza; desembarque, e embarque para o Maranhão. Chegada a São-Luiz. Carta de Pinto Madeira á mulher.

No dia 4 de Agosto de 1833 Pinto Madeira e o vigario Antonio Manoel embarcaram no Recife com destino á esta capital, com escala pela ilha de Fernando. Chegaram á Fortaleza no dia 15, sendo recolhidos á cadeia do crime, que n'esse tempo ficava no pavimento do quartel de primeira linha.

Pelo seguinte officio do presidente do Ceará ao de Pernambuco vê-se, que a vinda dos réos não foi requisitada; pois, do contrario, encontrariam na capital do Ceará prisão preparada, e não teriam sido remettidos no mesmo navio para Maranhão.

« Illm. e Exm. Sr. Pelo brigue-barca *Vinte e nove de Agosto*, que aqui tocou de passagem para o Maranhão, recebi 3 officios de V. Ex., um do 1° e dous de 3 do mez de Agosto proximo passado, e com elles recebi os criminosos, que foram remettidos para esta provincia, inclusive Pinto Madeira e o vigario Antonio Manoel de Souza, os

---

[13] Esboço Historico sobre a provincia de Ceará, parte 3ª, publicada no *Diario de Pernambuco*, de 1860.

quaes não podendo conservar nas cadeias d'esta cidade, tanto por não terem segurança, como por não haver tropa suffiente para a guarda, fil-os seguir no mesmo brigue para o Maranhão, recommendando ao Exm. presidente d'aquella provincia que os fizesse conservar ali presos, ou a bordo do mesmo brigue, ou onde julgasse mais conveniente, até que, dando providencias sobre a segurança das prisões e da guarda, assim como da remessa dos referidos dous presos para a villa do Crato, onde devem ser julgados, lhe indicasse o tempo em que elles deviam ser reconduzidos para esta provincia.»[14]

No dia 21 de Agosto embarcaram para São-Luiz do Maranhão, demorando-se apenas em terra, na cadêa do quartel, 5 dias.[15] Chegaram a 25 do mesmo mez á São-Luiz, donde Pinto Madeira escreveu á mulher a seguinte carta, que vai com a orthographia do autor:

« Sra. Maria Francisca. Minha estimadissima e sempre amada mulher, a quem muito respeito. A lembrança que tenho junta e ligada ao amor paternal que fez liga jamais deixarei de lhe dar noticias minhas emquanto existir com vida, na que lhe fiz de 22 do mez passado de Julho e dentro um bilhete, a qual foi portador J. F. O. e que prometteu-me entregar.

« Fazia tenção não escrever mais para esse logar, porque sei que não tenho mais quem de mim se lembre primeiramente, quem me possa pôr ás orelhas de tudo estou bem inteirado ; porém lembrando-me que a minha chegada no Ceará e ao mesmo tempo tornar a embarcar não deixava de ir dar um grande choque no seu cuidado, accrescendo mais as mentiras que por lá tem chegado, obriga-me a dar-lhe noticias minhas por meio desta, que

---

14 Officio de 12 de Setembro de 1833.

Lê-se no *Cearense Jacaúna* n. 162 de 24 de Agosto de 1833:

« Depois de estarem na cadêa d'esta cidade os dous chefes da revolução do centro, Pinto Madeira e o vigario *Benze-cacete*, foram remettidos pára o Maranhão no mesmo brigue-barca *Vinte nove de Agosto*, que os trouxe de Pernambuco, por resolução do conselho administrativo.»

15 Reza a tradição, que no seu desembarque e embarque, tal era a animadversão publica contra elles, que só não foram maltrados physicamente no trajecto, graças á energica intervenvão do alferes, depois tenente-coronel, João Baptista de Mello, commandante da escolta.

não sei se terei o gosto e prazer de V. lêr e que ache com saude e boa disposição de poder soffrer os grandes cuidados que tem passado e ainda os vai soffrendo. O mesmo Deos de Jacob, o Deos de Israel lhe dê firmeza e fé viva na Santa Religião Catholica e constancia para esperar pela minha sorte, a qual não deve ser mal, porque quem segue a lei de Christo e de sua Mãi Santissima nunca se arrepende.

« Dia 4 deste parti de Pernambuco para Fernando de Noronha, donde vim chegar no Ceará dia 15 de Agosto, que dia para mim de maior estimação, e por tanto não devo esperar mal, e dia 21 do mesmo para esta provincia, que cheguei dia 25 deste mez. Ainda não saltei, ainda estou a bordo, e Deus permitta que não salte, porque sou muito estimado dos officiaes do navio.

« Desconfio que V. não receberá esta, por isso não sou mais extenso, portanto encommende-me á Nossa Senhora da Conceição e peça a Deus pela minha vida, porque é quem vence tudo. Esta sirva para minha irmã e comadre Lauteria, seu marido e a comadre Maria Luciana, a quem saudoso me recommendo e igualmente a tudo quanto pertence ás suas familias, e V. aceite o meu coração partido dos grandes cuidados que a sorte tem preparado, e se a fortuna me ajudar, eu a procuro debaixo de todo o risco. Faça-me lembrado áquellas pessoas que V. vir me recommendam a Deus e o mesmo Deus a guarde muitos annos.

« Cidade do Maranhão 26 de Agosto de 1833. Sou e serei de V. seu amante firme até a morte — Joaquim.

« N. B. Ainda estamos todos vivos e juntos os 4, só o Pereira veio doente, porém de pé. » [16]

---

[16] Esta carta foi publicada no *Cearense Jacauna* n. 183 de 6 de Novembro de 1833 com a mesma orthographia, e com o seguinte reconhecimento :

« Reconheço verdadeira a firma retro ser a propria de Joaquim Pinto Madeira, não só por ter em meu cartorio outras similhantes, como pelo conhecimento que d'ella tenho, de que dou fé. Fortaleza 1 de Novembro de 1833. — Em testemunho de verdade, o 1º tabellião publico. *Francisco Manoel Galvão.* »

CAPITULO IX

Chegada de Pinto Madeira á Fortaleza. Officio do presidente do Maranhão. Partida do réo para o Crato; afim de responder ao jury. Providencias do presidente da provincia sobre a viagem e julgamento. Processo e julgamento. Condemnação á pena de morte. Denegação de appellação.

Nos principios de Outubro de 1834 fundeou no porto da Fortaleza, procedente do Maranhão, o paquete *Patagonia*, trazendo a seu bordo Joaquim Pinto Madeira, para responder ao jury no Crato. Acompanhava-o o seguinte officio, que é hoje documento da maior importancia para provar, que Alencar nunca requisitou a vinda do réo:

Illm. e Ex. Sr. Pelo paquete *Patagonia* remetto á V. Ex. o preso Joaquim Pinto Madeira, que

---

Nos carceres do Recife outro foi o procedimento para com Pinto Madeira, como se evidencia dos seguintes officios:

« Illm. e Exm. Sr. Logo depois que sahi d'esta fortaleza veio um portador dos dous presos Joaquim Pinto Madeira e do vigario Antonio Manoel de Souza com as suas malas, que deviam ser recolhidas á prisão, onde se acham; o ajudante pediu ao portador as abrisse, o que de facto executou para então serem recolhidas, em cujo acto entregou o dito portador estas duas cartas, e apezar de que estejam ellas fechadas, que me parece deviam-lhe ser entregues, todavia levo-as á V. Ex. a vêr si approva ou não á entrega das mesmas para que demorasse a ordenança, portador d'este.

Deus guarde a V. Ex. Fortaleza do Brum 8 de Novembro de 1832. Illm. e Exm. Sr. Dr. Bernardo Luiz Ferreira, presidente de Pernambuco. *José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa*, capitão commandante interino. »

« Garantindo a constituição politica d'este imperio a inviolabilidade do segredo das cartas, nenhum conhecimento póde tirar das duas, que, fechadas com obreia, achou V. S. nas malas dos presos n'essa fortaleza Joaquim Pinto Madeira e vigario Antonio Manoel de Souza, as quaes lhe deverão ser entregues, parecendo até não serem de suspeita por terem direcção para o Rio de Janeiro.

Deus guarde a V. S. Palacio do governo de Pernambuco 8 de Novembro de 1832. *Bernardo Luiz Ferreira*. Sr. commandante da fortaleza do Brum. »

V. Ex. me requisitou em seu officio de 11 do mez passado para ser julgado pelo jury do seu districto; não podendo ir n'esta occasião o padre Antonio Manoel de Souza por se achar bastante enfermo.

Deus guarde á V. Ex. Maranhão em 30 de Setembro de 1834. Illm. e Ex. Snr. Ignacio Correia de Vasconcellos, presidente do Ceará. [17] *Raimundo Felippe Lobato*, vice-presidente.

No dia 22 de Outubro, ás 3 horas da tarde, Pinto Madeira seguio para o Crato, devidamente escoltado e garantido por 60 praças de 1ª. linha ao commando do ajudante de ordens do governo, a quem o presidente dirigiu o seguinte officio:

« Marche Vmc. conduzindo o réo Joaquim Pinto Madeira até á villa do Crato a entregal-o ao juiz de direito interino da mesma villa.

« Parece desnecessario, mas cumpre-me ao meo dever recommendar-lhe todo cuidado e diligencia, afim de que este réo chegue intacto ao seu destino, tendo em consideração o quanto desairoso seria a mim, a Vmc. e a toda a provincia, si desgraçadamente um homem preso e ao cuidado da primeira autoridade da mesma provincia, e como tal conduzido pelo proprio ajudante de ordens do governo, fôsse no caminho assassinado: um tal assassinato procuraria razões plausiveis para ser desculpado, mas nunca essas razões levariam a convicção a alguem de que não fôra elle de proposito perpetrado.

« Portanto convindo muito evitar uma tal increpação, tanto lhe recommendo, que o réu não fuja na marcha, como que não seja de nenhuma fórma assassinado.

« Deus guarde á Vmc. Palacio do governo do Ceará 22 de Outubro de 1834. *José Martiniano de Alencar*. Sr. tenente João da Rocha Moreira, ajudante de ordens do governo. »

Ao promotor publico da comarca o presidente tambem officiou na seguinte fórma:

---

[17] Diz o major João Brigido, como já vimos, que foi Alencar quem fez a requisição!

« Vai n'esta occasião o réo Joaquim Pinto Madeira para ser julgado no jury do seu domicilio ; e pela importancia politica d'este reu parece-me, que Vmc. deverá usar da attribuição, que lhe compete pelo art. 319 do codigo do processo criminal, afim de que elle seja julgado quanto antes, reunindo-se para isso o jury extraordinariamente.

« Devo lembrar a Vmc., que, tendo logar o julgamanto d'este réo, poderá a mesma tropa, que agora o conduz, tornar a trazel-o, caso, sendo condemnado, haja de appellar para o jury da capital, como o permitte a lei.

« Deus guarde a Vmc. Palacio do governo do Ceará 21 de Outubro de 1834. *José Martiniano de Alencar*. Sr. Antonio Raimundo Brigido dos Santos, promotor publico da comarca do Crato. »

Ao juiz de direito o presidente igualmente officiou :

« Pelo ajudante de ordens, tenente João da Rocha Moreira, lhe serão entregues os réos Joaquim Pinto Madeira e Antonio Bernardo,[18] que devem ser julgados no jury d'esse municipio ; e pela importancia politica do primeiro réo, parece-me, que deve ter lugar a convocação extraordinaria do jury, caso não esteja elle reunido, como permitte o art. 319 do codigo do processo criminal, afim de ser julgado com brevidade, até para poder ser reconduzido á capital pela mesma força que o conduz, no caso de que, sendo condemnado, haja de appellar, como lhe permitte a lei.

« N'este mesmo sentido officio ao promotor publico d'essa comarca na data de hoje.

« Váe inclusa uma carta escripta pelo réo Pinto Madeira, e que me entregou meu antecessor, para Vmc. acostar ao processo do mesmo réo, caso lhe permitta assim o fazer, na conformidade da lei.

« Deus guarde a Vm. Palacio do governo do Ceará, 21 de Outubro de 1834. *José Martiniano de Alencar*. Sr. José Victoriano Maciel, juiz de direito interino da villa do Crato.»

---

[18] Em officio do 1º de Dezembro de 1834 diz o juiz de direito interino do Crato ao presidente da provincia:

« O reu Antonio Bernardo, que V. Ex. me diz vinha conduzido pela mesma força, que conduziu o réo já extincto (Pinto Madeira), não chegou á villa, e disse-me o ajudante de ordens de V. Ex., que o fez voltar de Mecejana para essa capital em razão de não poder andar.»

No dia 23 de Novembro, depois de 33 dias de viagem, chegou Pinto Madeira ao Crato, sem novidade ; mas conheceu logo, que fatal sorte o aguardava. A sua entrada na villa, ha dias esperada, foi como que uma festa popular, em que se viam quão accesos ainda se achavam os odios dos seus figadaes inimigos, dominadores da situação.

O jury havia sido convocado extraordinariamente, e, sem faltar um só jurado, foi aberto no dia 19 no paço da camara municipal. O crime escolhido para o julgamento não era o de rebellião, como o réo esperava, mas de homicidio, cujo motivo parece incrivel. Darei a palavra ao Dr. Pedro Theberge para expol-o :

« Na occasião do encontro das forças inimigas no Burití, foi preso pela gente de Pinto Madeira um Portuguez por nome Joaquim Pinto Cidade ; e, sendo elle avisado d'essa prisão, contavam algumas pessoas, que respondera : *prendam* e *desbaratem* ; e que em consequencia d'este dito foi Joaquim Pinto Cidade passado pelas armas. Testimunhas que se achavam na occasião declararam no entanto, que não houve tal dito, e que o facto era de mera invenção». [19]

O processo e o julgamento não guardavam as formalidades e muito vislumbre de justiça. Não se escrevia o que depunham as testimunhas, mas sómente o que convinha ; e uma d'ellas por pedir que não lhe torturassem o depoimento, referiu-me o major Antonio Ferreira Lima Abdoral, testemunha presencial,[20] foi levada a bordoadas, que a fizeram incontinenti lançar sangue pela boca. [21]

Presidia o jury o tenente-coronel José Victoriano Maciel como juiz de direito interino ; servia de promotor publico Antonio Raimundo Brigado dos Santos, de

---

[19] Esboço citado.

[20] Faleceu na côrte a 2 de Março de 1879.

[21] O Dr. Pedro Theberge, obr. e log. cit., confirma o facto:
« As testimunhas, que depunham a favor do reu, ou não o complicavam á medida dos desejos dos seus inimigos rancorosos, foram espancadas na porta do tribunal por facinoras postados alhi de proposito por uma autoridade, que tinha interesse directo na morte do accusado.»

advogado o padre José Manoel dos Santos Brigido [22], que antes accusou do que defendeu, e de escrivão Antonio Duarte Pinheiro.

A sentença de morte não se fez esperar por decisão unanime do conselho de jurados, composto todo elle de inimigos do réu ou de pessoas dependentes d'estes.[23]

Referio-me, em 1880, o Dr. Leandro Chaves de Mello Ratisbona, testimunha presencial, então com 16 annos de idade, que quando foi lida a sentença condemnatoria, Pinto Medeira dissera incontinenti: *Appello*; ao que José Victoriano, presidente do tribunal, respondêra arrebatadamente:— *Não tem appello nem aggravo, Sr. coronel, prepare-se que morre sempre.*[24]

E assim foi! Do tribunal Pinto Madeira foi passado para a prisão, e no dia seguinte, 27, para o oratorio, sem que se lhe désse permissão para protestar por novo jury, nem para impetrar o perdão do poder moderador; mas por escarneo se disse, e o juiz de direito interino, desculpando-se perante o presidente da provincia, repetio— que assim se fizera para satisfazer a vontade do réu.

---

22 Por carta imperial de 4 de Fevereiro de 1857 foi collado vigario da freguezia de S. Cosme e Damião da Serra do Pereiro, d'esta provincia, em cuja occupação faleceu a 16 de Maio de 1880 em avançada idade; pois já era padre no julgamento de Pinto Madeira.

23 Diz o Dr. Pedro Theberge, obr. e cog. cit:

« Informado o presidente da marcha do processo, da substituição do crime e, dizem, da sentença já então decidida, mandou á toda pressa da capital um estafeta com ordem de fazer marchas forçadas até o Crato: mas quando este alli chegou, já éra tarde, pois tudo estava ultimado.»

O padre Belarmino José de Souza, no seu folheto: *Visita pastoral do Exm. e Rev. Sr. D. Joaquim José Vieira, bispo do Ceará, ao sul da provincia*, 1884, á pag. 70, diz:

« Visitei o quarto e a mesa em que foi assignada a iniqua sentença. A mesa é guardada na casa da camara como reliquia do passado. Tem 8 palmos de comprido e 6 de largura, já gasta e imprestavel, mas feita de madeira massiça, que lhe garante dupla duração. A casa em que funccionou o jury é a em que mora actualmente o professor Penha.»

24 Concorda com o que diz o major João Brigido, folheto cit. pag. 31:

« Quando lhe foi lida a sentença, Pinto Madeira levantou-se e disse respeitosamente, mas sem acobardar-se, que appellava. O presidente do tribunal, tenente-coronel José Victoriano Maciel, seu antigo amigo e commandado, retorquio-lhe em voz imperiosa:

« Não tem appello nem aggravo, Sr. coronel, aprompte-se para morrer. »

CAPITULO X

Pinto Madeira no oratorio. Affluencia de povo. Sonetos. Coragem do réo. Prestito. A forca. Commutação da pena. Ultimos momentos. Sepultura; craneo do paciente. Reacção em favor de sua memoria. A forca ainda funccionando e por muito tempo levantada. Peças do processo. Certidão do escrivão. Coincidencia.

Emquanto Pinto Madeira esteve no oratorio era immensa a concurrencia de povo para assistir á execução. Alguns estros desvairados se occuparam ardentemente com o lugubre assumpto para profanal-o em versos repassados de odios. Entre estes alguns, os dous seguintes sonetos, chegaram-me custosamente ás mãos: o primeiro attribuido ao vigario do Exú, padre Francisco Antonio da Cunha; o outro a frei Luiz, um dos rarissimos e sinceros amigos, que a desgraça nunca pode retirar de Pinto Madeira.

1º *Soneto*

Exultae de prazer, villa do Crato,
Que o monstro mais cruel da humanidade,
Pagará de uma vez a crueldade,
Como impio, feroz e insensato.

O dragão se humilhou: este mulato,
Que tanto perseguio a christandade,
A' forca subirá e não mui tarde;
Isto não é mais sonho, é certo facto.

Si pensais, que vil frade adulador,
De uma vez e d'outra vez é de ambabos,
Será inda seu proficuo defensor;

Alegrae-vos que não é em sacos nabos,
Que da prisão, em que está este malvado,
Ao inferno irá ter com mil diabos.

2º Soneto

Chorae de pezar, villa do Crato,
Que o heróe vingador da humanidade
Pagará de uma vez a crueldade,
Como valente, constante, assás cordato.

Este novo Alexandre, este Honorato,
Que tanto protegeu a christandade,
Nova forca erguerá e não mui tarde;
Isto não é mais sonho, é certo facto.

Este frade christão, sacro orador,
De uma e d'outra vez e de ambabos
Inda será d'elle proficuo defensor.

Tremei pois, que não é em sacos nabos,
Que o heróe da prisão é libertado,
E aos infernos os mandará com mil diabos.

Entretanto Pinto Madeira, attestam todos, nunca se acobardou, nem nos aprestos da execução, portando-se sempre com toda dignidade; o que cada vez mais assanhou os rancores dos inimigos. Nunca lhes pedio cousa alguma; apenas representou sempre contra a affronta de quererem fazel-o enforcar, em vez de passal-o pelas armas, privilegio que suppunha assistir-lhe como official superior. [25]

---

[25] A principio cheguei a equiparal-o em seus soffrimentos ao general portuguez Gomes Freire de Andrade, tambem enforcado, em 1817, por Beresford, general inglez, ao serviço de Portugal, na torre de São-Julião da Barra, negando-lhe igualmente morte de soldado, a pretexto de conspiração. Mas mudei de pensar á vista da seguinte peça official, pela qual se vê, que Pinto Madeira não era mais official:

«Acha-se verificado, que Joaquim Pinto Madeira fòra illegalmente promovido ao posto de tenente-coronel commandante do batalhão n. 78 de caçadores da 2.ª linha do exercito, por patente do ex-commandante das armas, Conrado Jacob de Niemayer, que depois d'isso tivera o accesso obrepticio e subrepticio ao posto de coronel: manda a regencia, em nome do imperador, por decreto de 4 de Julho corrente, que, ficando sem effeito o decreto de 1 de Outubro de 1827, pelo qual o dito Joaquim Pinto Madeira foi promovido ao posto de coronel, se lhe dê baixa do serviço de 2ª linha: o que se participa pela secretaria de estado dos negocios da guerra ao commandante das armas da provincia do Ceará para seu conhecimento e execução. Palacio do governo em 16 de Julho de 1831. *José Manoel de Moraes*—Cumpra-se e registre-se. Quartel do commando das armas no Ceará em 16 de Outubro de 1831. *Silveira.*»

No dia 28, ás 8 horas da manhan, era enorme a agglomeração do povo em frente da cadêa, esperando a consummação do grande attentado. No alto chamado *Barro Vermelho*, dentro da villa, com uma extensa planicie, estava armada a forca, feita de tres formidaveis linhas de aroeira, com a escada ao lado.

Com direcção á forca sahio o prestito: na frente ia o porteiro, official de justiça Antonio Alves, lendo a sentença em altas vozes, seguia-se Pinto Madeira, vestido com os seus habitos militares, mas com a corda ao pescoço, em cujas pontas segurava o carrasco, um sentenciado á pena ultima de nome Cosme Pereira, por alcunha Cavaco; acompanhavam-no os Rvs. padres José Joaquim de Oliveira Bastos e José Felix dos Santos, que haviam assistido com elle no oratorio; marchavam mais atraz o juiz de direito interino, capitão Antonio Ferreira Lima, a quem José Victoriano havia passado o exercicio, o juiz de paz Antonio Vicente de Moura e o escrivão Antonio Duarte Pinheiro, finalmente fechava o prestito parte da tropa que tinha ido da capital, [26] toda que havia na villa e o povo.

A chegar ao logar do supplicio, o paciente tornou a pedir, que lhe poupassem a ignominia de subir á forca, que fuzilassem-no antes. Então José Francisco Pereira Maia, alma de toda essa tragedia, conferenciando com José Victoriano, que sagazmente havia passado o exercicio da vara a outrem, e José Antonio da Costa, um dos juizes de paz da villa, concordou na *commutação* da pena. Tiraram da escolta cinco soldados, commandados por um cabo de esquadra, collocaram uma cadeira de pau presa a um dos varões da forca, na qual assentou-se Pinto Madeira com maximo valor. N'essa occasião Maia, offerecendo-lhe

---

[26] Ao ajudante de ordens foi dirigido o seguinte officio:

« Illm. Sr. Tendo de ser executado amanhan, pelas 8 horas da manhan, a sentença de morte na pessoa do desgraçado Joaquim Pinto Madeira, para bem do serviço e segurança d'esta villa, requisito á V. S. 50 praças da força do seu commando, as quaes devem ser entregues hoje, ás 6 horas da tarde, ao commandante geral d'esta mesma villa para as empregar convenientemeute. Deus guarde a V. S. Villa do Crato 27 de Novembro de 1834. Illm. Sr. ajudante de ordens João da Rocha Moreira. *Antonio Vicente de Moura*, juiz de paz.

um lenço para cobrir o rosto, elle recusou com certo desdem, dizendo: *Eu tambem tenho*; e tirando da algibeira um de seda de côr, com este cobrio o rosto.[27] Collocando a mão direita sobre o coração, como alvo, recebeu no peito a descarga, que o deitou por terra de bruços, proferindo estas palavras: *Valha-me o Sacramento.*[28] O cabo de esquadra em seguida disparou-lhe o tiro de honra, com o qual acabou de matal-o.

O cadaver foi sepultado no corpo da matriz, onde outr'ora, á falta de cemiterios, se faziam os enterramentos e disse-me ainda o major Antonio Ferreira Lima Abdoral, que, tendo sido mais tarde revolvida a sepultura, encontrou-se o craneo, que até 1848 andou rolando pelo chão no logar da pia baptismal.

Mas não tardou muito, como era natural, a reacção popular em favor de sua memoria, exagerando, sem duvida, sua desgraça. Rememorando seus soffrimentos, sua coragem inquebrantavel até os ultimos momentos, seu supplicio, o povo, depois de certo tempo, começou a vêr em tudo isso—um martyrio e na victima um martyr![29] Asseveraram-me pessoas fidedignas, que essa crença tornou-se tão profunda no povo, que ao perder alguem qualquer objecto tinha certeza de achal-o, offerecendo por alma de Pinto Madeira um Padre-Nosso com uma Ave-Maria.[30]

---

[27] Assim referio-me o mesmo major Antonio Ferreira Lima Abdoral.

[28] Tambem assim referio-me o Dr. Leandro Ratisbona.

[29] O major João Brigido escreve á pag. 42 do seu citado folheto:

« Na sessão do senado de 1832 propôz-se uma amnistia em favor dos dous chefes do movimento no Ceará, e cahio por um voto. Este voto, que levou Pinto Madeira ao cadafalso, foi do marquez de Lages, em cuja eleição odiosissima, auxiliando a Conrado Niemeyer, elle se tinha inimisado com os Castros, seus amigos na reacção de 1824, que nunca lhe perdoaram tel-os contrariado n'essa eleição sobre cadaveres.

« A proposta foi rejeitada por 18 votos contra 17, decidindo-se tambem contra elles Alencar e João Antonio Rodrigues de Carvalho, a favor, dentre os senadores cearenses, sómente Pedro José da Costa Barros.»

[30] O mesmo major João Brigido, pag. 32, confirma:

« Os ultimos momentos do condemnado fizeram calar no animo do povo tamanho sentimento de veneração por elle, que ficou, muitos annos, como um intercessor para os infelizes. Rezavam-lhe para obterem favores do céo.»

Pinto Madeira nasceu na fazenda *Silverio*, da povoáção, hoje cidade da Barbalha. Podia ter 50 annos de idade mais ou menos, casado, sem filhos.

A forca ainda funccionou 8 dias depois, a 5 de Dezembro, na execução do facinora José Mariano, condemnado na mesma sessão; e, não obstante a recommendação do aviso de 7 de Junho de 1835, que determina, que a forca só seja levantada, quando fôr necessaria, para não estar continuamente ás vistas do publico; todavia permaneceu levantada por mais de 20 annos, sendo n'ella por muito tempo que os rapazes folgazões dependuravam os judas, sabbado da alleluia. Só em 1857 foi posta abaixo de ordem do chefe de policia Dr. Herculano Antonio Pereira da Cunha, quando em commissão do governo ao Crato. Em seu logar levantou-se uma fabrica; mas, segundo o testemunho do Rvd. Padre Belarmino José de Souza, o logar está hoje cercado por um quintal, em que um pobre morador planta legumes.[31]

Diz o Dr. ,Pedro Theberge, que, por mais que fôssem suas diligencias para obter as peças do processo, não pôde alcançal-as, dizendo-se-lhe que desappareceram immediatamente, sendo destruidas;[32] mas, podendo eu conseguil-as, publico-as no fim d'este trabalho como additamento interessantissimo; transcrevendo logo aqui a certidão da execução, porque precisa ser rectificada em dous pontos de gravidade:

« Certifico, que sahindo o réo Joaquim Pinto Madeira com sentença de pena ultima pelo conselho de jurados d'esta villa e com o juiz de direito interino, o tenente-coronel José Victoriano Maciel, a qual se passou a cumprir da fórma seguinte: Estando no calabouço, donde foi transferido para o oratorio, e dahi fôra conduzido depois das 24 horas por lei marcadas, com todos os sacramentos da igreja; e então sendo conduzido ao patibulo, com a força que da capital com elle foi vinda, e com as mais que se achavam n'esta villa, que para o dito fim foram notificadas, e com assistencia do juiz de direito interino, o capitão Antonio Ferreira Lima, e o juiz de paz criminal Antonio Vicente de Moura, e comigo escrivão do seu cargo, e então, *por não haver carrasco*, fôra o dito réo

---

[31] Folheto citado, pag. 70.
[32] Esboço citado.

sentenciado a ser fuzilado, na fórma da lei; e tudo isso com assistencia dos Reverendissimos padres José Joaquim de Oliveira Bastos e José Felix dos Santos, secretario do visitador; do que para constar dou a minha fé. Villa do Crato *vinte e nove* de Novembro de 1834. O escrivão do crime, *Antonio Duarte Pinheiro*.»

Em primeiro logar é de todo ponto inexacto, que Pinto Madeira fôsse fuzilado *por não haver carrasco*. O que o acompanhou até á forca era um celebre facinora, [33] que não se recusaria a cumprir o seu desgraçado officio.[34]

Pouco depois executou ao desgraçado José Mariano, e depois de 1850 a outro em São-Matheus. De mais é até irrisorio, que no estado de exarcebação em que se achavam os animos contra Pinto Madeira se diga ou se escreva, que não houvesse carrasco, que o executasse na forca!

Em segundo logar a execução deu-se, não a 29, como diz a certidão, mas a 28, como reza a tradição e attestam todos os testimunhos e escriptores firmados nos melhores documentos, que tenho transcripto e irei opportunamente transcrevendo.

---

[33] Diz o juiz de direito interino do Crato ao presidente da provincia em officio do 1º de Dezembro de 1834:

« Em tempo participei ao Exm. antecessor de V. Ex., e occorre-me de presente participar á V. Ex., que, na reunião ordinaria do jury d'esta villa no mez de Julho preterito, foram sentenciados á pena ultima os réos *Cosme Pereira Cavaco* e Francisco Pereira Pinto, ambos cabras retintos e *malvadissimos*, que bem merecem a execução da sentença; porém em tempo fizeram a petição de graça, que a lei concede, e sendo acceita, a enviei para o poder moderador por via do ministro da justiça no mez de Agosto, e até o presente não tem chegado a este juizo a decisão; e no caso que não appareça, V. Ex queira esclarecer-me o que devo seguir a respeito de taes réos, que tão justamente merecem o castigo de seus crimes; porque *Cavaco* matou a um pobre por cobrar d'elle 120 réis, e confessa o crime sem rebuço, de sorte que é o mesmo a accusar-se; e o Pinto matou em um só dia duas mulheres, uma d'ellas pejada e outra doente em uma cama, e acudindo a esta um filho pequeno, o acutilou que quasi morre e ficou aleijado, a cujos gritos acudiram os vizinhos, e foi preso em flagrante delicto.»

A pena de *Cavaco* foi commutada em galés perpetuas.

[34] E' verdade, que para frei Joaquim Caneca, no Recife, tambem não houve carrasco; pelo que foi fuzilado a 13 de Janeiro de 1825:

« Dous homens pretos, que haviam sido na cadêa postos a ferros, para assim os forçarem a ser algozes do condemnado patriota religioso. geralmente querido e admirado, sendo levados para junto da forca e

Concluirei este capitulo com uma coincidencia pasmosa. O escrivão, que lavrou a certidão da execução de Pinto Madeira — Antonio Duarte Pinheiro, tinha sido, em 1825, recrutado para o exercito pelo mesmo Pinto Madeira, e atacado de bexigas a bordo do navio, que o levava ao Rio de Janeiro, atirado ás praias do Rio-Grande do Norte, onde foi salvo pela caridade de alguns pescadores humanitarios, que o acolheram e trataram! [35]

CAPITULO XI

Participação do juiz de direito do Crato ao presidente da provincia acerca da execução de Pinto Madeira. Resposta do presidente. Correspondencia trocada entre este e o dito juiz de direito sobre o mesmo assumpto.

O leitor, que já está ao facto de todas as lamentaveis circumstancias, tanto do processo, como do julgamento e execução, aprecie agora o criminoso cynismo, com

---

dahi tocados a couces d'armas, espaldeirados,nem por isso abateram-se á vileza, a que os queriam violentar. Então a commissão militar, que havia ficado em sessão permanente, em palacio, avisada d'este embaraço, sem fazer alteração ou mudança por escripto á sentença, ordenou verbalmente, que fôsse o religioso fuzilado.

« O varão forte e justo, ensinou elle mesmo ao alcaide perplexo e tremulo, o modo como o havia de amarrar a um dos esteios da força.

« E dispondo-se a fazer uma falla ultima ao povo, desistio d'isso a pedido do seu lacrimoso provincial assistente, de quem fôra seu particular amigo.

« O criôlo João da Costa Palma, sendo um dos soldados da patrulha sacrificadora, e que bem conhecia a victima, em meio do caminho foi derrubado por uma sincope ».— Commendador Antonio Joaquim de Mello: *Obras Politicas e Litterarias* de frei Joaquim do Amor Divino Caneca, Noticia biographica, pag. 54.

Mas poder-se-ha comparar os dous executados ?

Não. Pinto Madeira tinha reputação de homem mau, perverso; pelo que havia excitado contra si geral animadversão, sobretudo no Crato.

[35] Vide Moreira de Azevedo: *Curiosidades, noticias e variedades historicas brasileiras,* pag. 123.

que são expostas as cousas pelo juiz de direito interino do Crato ao presidente da provincia:

Illm. e Exm. Sr. presidente. A primeira via do officio de V. Ex. de 21 de Outubro ultimo me foi entregue no dia 23 do andante mez de Novembro, com o qual achei inclusa a carta de letra e firma do réo Joaquim Pinto Madeira, que fica entranhada nos processos de seus crimes, e igualmente me foi entregue o dito réo pelo tenente João da Rocha Moreira, ajudante de ordens de V. Ex., que fielmente o conduzio, e depois de estar entregue do mencionado réo, como estavam já avisados os 60 juizes de facto, que a sorteamento haviam sahido para a sessão ordinaria para ser julgado o supradito réo com a presteza rocommendada por V. Ex. no dito officio, que por 2ª. via me foi entregue com antecipação, e as circumstancias assim o exigiam, reuniram-se os jurados no dia de hontem e entre os muitos processos, em que se acha o referido réo criminosissimo pelos atrocissimos delictos por elle perpetrados, subio a 2º conselho de jurados o processo de devassa, tirado pela morte feita ao bom cidadão Joaquim Pinto Cidade, que foi assassinado pelas tropas do malvado, na occasião em que marchavam contra os habitantes d'esta, no dia 27 de Dezembro de 1831, em cujas devassas houveram testimunhas de vistas, que presenciaram o monstro dar ordem aos seus satellites, dizendo com escarneo: *Faça-se praça vazia e seja desbaratada a cidade* »,[36] a cuja ordem foi o desgraçado victima do furor de taes malvados ; e sendo examinado o processo pelo 2º. conselho de jurados, assim como a defesa do mesmo réo, que não foi capaz de desfazer o seu crime, foi julgado incurso no maximo das penas do art. 192 do codigo penal, por occorrerem circumstancias aggravantes, que marca o art. 16 do mesmo codigo; e por ser unanime a votação dos juizes e me parecer conforme á lei, confirmei a sentença, e á vista da requisição dos povos aggravados, hoje foi passado para o oratorio, onde fica assistido dos sacerdotes,

---

[36] Pinto Madeira não era homem de espirito para proferir um dito similhante.
Vide capitulo 8, pag. 151 e 152, onde o facto é apreciado.

que foram nomeados pelo Rev. parocho, para que na conformidade da lei expie os seus horrorosos crimes, onde os commetteu tão francamente; e parece, Exm. Sr., que a Providencia assim o quiz, pois que era de summa necessidade, que mesmo n'esta villa se procedesse uma tal execução de lei, que não só castiga justamente o criminoso, como encherá de horror aos seus satellites, que de uma vez perdem a esperança do monstro, que os dirigia, do qual só assim ficam desenganados; e como logo no primeiro processo, que subio, foi julgado á pena ultima, não fiz continuar com as devassas e summarios, que chegam a mais de 30, em que está criminosissimo, e ainda não se ultimaram; porque me parece bastante para a punição do tyrano lobo sedento de sangue humano, inimigo das leis divinas e humanas, e o mais é, que na mesma casa onde deu suas definitivas sentenças, ahi mesmo foi sentenciado, e n'isto ainda quiz Deus mostrar sua rectidão, com a differença que o monstro julgou a seu bel-prazer, e foi julgado conforme a lei.

Tenho de participar a V. Ex., que, apezar de ser o réo odiado de todas as pessoas benemeritas d'esta villa e termo, nem por isso soffreu o mais pequeno insulto, nem se lhe fez injustiça, não se lhe faltou com um só requisito da lei, os juizes que o julgaram foram escolhidos, desinteressados, despidos de paixões e vinganças, foi-lhe concedida a escolha dos juizes, deu testimunhas em sua defesa, finalmente encheram-se todos os recursos da lei.

Deus guarde a V. Ex. Villa do Crato 27 de Novembro de 1834. De V. Ex. subdito reverente *José Victoriano Maciel*, juiz de direito interino.

Dias depois o presidente recebe a participação official da execução.

Illm. Rm. e Exm. Sr. presidente. Em 27 de Novembro ultimo participei a V. Ex., que me foram entregues os officios de V. Ex. de 21 de Outubro proximo passado, e com elles o réo Joaquim Pinto Madeira, o qual, sendo julgado pelo jury d'esta villa, foi sentenciado á pena ultima, não havendo na conformidade da lei motivo para appellar da sentença, o recurso que lhe competia era fazer

a petição de graça, a qual deixou de fazer por saber que a conspiração dos povos, que se reuniram n'esta villa, requisitavam a justa punição dos seus crimes e o cumprimento da sentença, e temendo de algum rompimento que lhe seria peior, dispôz-se a soffrer a sorte, que lhe marcava sua sentença, e depois de executados os recursos da lei, no dia 28 de Novembro expiou os seus crimes com a vida; não foi enforcado *por não haver carrasco*, [37] foi fuzilado, exemplo que segui de outras autoridades, que o têm praticado em iguaes condições.

Deus guarde a V. Ex. Villa do Crato 1° de Dezembro de 1834. De V. Ex. reverente subdito, *José Victoriano Maciel*, juiz de direito interino do Crato.

Ainda mais:

Illm. Rm. e Exm. Sr. presidente. No 1° do andante mez de Dezembro participei a V. Ex., que o réo Joaquim Pinto Madeira ficava extincto pela sentença, que teve n'esta villa, pelo tribunal competente, preenchendo-se com o dito réo todas as formalidades da lei; e não foram aceitos os recursos, que a mesma lei concede aos réos sentenciados á pena ultima, porque o mesmo réo, á vista dos seus horrorosos crimes, não quiz recorrer, nem á petição de graça, e mesmo declarou aos sacerdotes, que lhe assistiram, que a não fazia.

O mesmo aconteceu com o cabra [38] facinoroso José Mariano, que foi sentenciado á pena ultima, em 28 de Novembro passado, pela morte injusta e aggravante que fez na pessoa de José Ferreira Castão Junior, que tambem não recorreu a recurso algum, e de conformidade com a lei foi enforcado no dia 5 do corrente.

Rogo á V. Ex., que se digne esclarecer-me, si devo participar ao augusto governo supremo, de se terem feito n'esta villa taes execuções, ou si basta só a participação feita a V. Ex.

---

[37] Vide a nota 34 e a pagina correspondente.

[38] No Ceará nem sempre *cabra* é synonimo de homem de côr; mas tambem de homem forte, sujeito destemido, petulante. Fuão *cabra damnado*, phrase muito usada do vulgo.—Franklin Tavora, nota ao *Cabelleira*.

« Deus guarde a V. Ex. Villa do Crato 10 de Dezembro de 1834. De V. Ex. subdito reverente *José Victoriano Maciel*, juiz de direito interino do Crato. »

Alencar, ao receber estas participações, ficou tão profundamente abalado, não só pelo facto em si da maior gravidade, como por prever a tremenda responsabilidade que adversarios, desaffectos e inimigos lhe haviam de attribuir, que recolheu-se ao gabinete, evitando as pessoas mais intimas. Já vão rareando com o correr dos annos muitos dos que compartilharam das suas afflicções ; mas felizmente ainda existem alguns, que poderiam attestal-as, referindo particularidades da maior importancia. N'esse estado doloroso respondeu ao juiz de direito interino do Crato :

« Assás desagradavel foi a esta presidencia, e creio, que o será a todo o Brazileiro sensivel e amigo da ordem e da legalidade em seu paiz, a leitura do officio de Vmc. de 27 do proximo passado mez, em que, relatando o julgamento de Joaquim Pinto Madeira, diz, que elle fôra entregue ao 2°. conselho dos jurados no dia 26, e sentenciado á pena ultima, subira no dia 27 para o oratorio, afim de expiar no dia immediato seus horrosos crimes!

« Por mais coberto de crimes que fôsse esse réo, elle era um cidadão brazileiro, com quem se devia guardar todos os recursos, que a constituição e as leis prescrevem; e de mais elle era homem, e como tal não se lhe devia negar a defesa, que a humanidade, a natureza e a razão, em um paiz livre, sempre afiançam aos homens ainda os mais desgraçados.

« E como se atreve Vm. a affirmar em seu dito officio, que se não negou ao réo requisito algum da lei, quando confessa, que elle ia morrer 48 horas depois do julgamento?

« Deixaria elle de querer lançar mão do recurso do art. 308 do codigo penal, protestando para um novo jury na capital da provincia ? Mas como usaria d'esse recurso, si Vmc. não lhe permittio os 8 dias marcados no art. 310 do mesmo codigo? Além d'isso poderia Vmc. ignorar a lei de 11 de Setembro de 1825, onde se acha a expressa

determinação de que nenhuma sentença de morte, proferida em qualquer parte do imperio, seja executada sem que primeiro suba á presença do imperador, lei que já por precaução se havia mandado reimprimir no periodico da provincia *Recopilador Cearense*, desde 24 de Maio, periodico que Vmc. não deixaria de lêr, e lei de que eu já o havia prevenido em circular aos juizes de direito d'esta provincia, datada de 6 de Novembro ultimo, a qual Vmc. infallivelmente recebeu, pois foi daqui no correio de 10 de Novembro, que chegou n'essa villa a 26, isto é, no mesmo dia em que o réo estava sendo julgado, e accusando Vmc. o recebimento de um officio meu de 7 de Novembro, que havia ido pelo mesmo correio, claro está haver recebido a mencionada circular.

« A' vista pois do expendido é evidente, que nem ao menos com a ignorancia póde Vmc. desculpar-se de haver commettido uma infracção manifesta de tantos e tão claros artigos de lei e até da constituição, e isto em um caso em que todos os principios de direito e de humanidade exigiam, que se pendesse para a parte mais favoravel ao infeliz, ainda quando qualquer duvida se suscitasse.

« Baldou Vmc. todas as diligencias d'esta presidencia, que não, sem grave peso á fazenda publica, havia mandado escoltar este réo com uma força, que fizesse a sua perfeita segurança, livrando-o de algum resentimento popular : não foram pessoas do povo, foi Vmc., foram as autoridades do Crato quem o mataram anarchica e illegalmente, compromettendo assim a propria reputação da provincia, que, por estes e outros iguaes factos sanguinolentos, vai talvez adquirindo a nota de estupidez e ferocidade.

« Não é por certo praticando d'esta maneira, que nós poderemos firmar a paz, a liberdade e a ordem em nossa provincia: pelo contrario si as autoridades são as mesmas que dão o exemplo da transgressão das leis, mesmo d'aquellas que a humanidade e a razão mais requerem na sociedade, si ellas, calcando os sentimentos da natureza, são as primeiras que se distinguem em actos de ferocidade, derramando illegalmente o sangue dos infelizes, o que não fará o povo sempre guiado pelos seus maiores?

« D'este modo ficaram baldadas todas as diligencias, que esta presidencia começou a pôr em pratica para fazer parar a torrente de barbaros assassinatos, que todos os dias vão succedendo por toda provincia : como conseguir este fim, quando as autoridades se não querem convencer, que só na prompta e facil execução das leis é que existem a liberdade e segurança publica?

« Cumpre pois, que se faça a responsabilidade de quem tão ás claras aberra dos seus deveres ; e pelo conseguinte ordeno á Vmc., que, quanto antes, responda a esta presidencia com os motivos, que teve para mandar executar o réo Pinto Madeira, sem esperar pelos recursos, que as leis e a constituição lhe garantem, afim de que, satisfeito este requisito constitucional, se possa deliberar em conselho, conforme fôr de direito contra Vmc. e as mais autoridades, que se julgar terem tomado parte em tão triste acontecimento.

« Deus guarde á Vmc. Palacio do governo do Ceará 15 de Dezembro de 1834. *José Martiniano de Alencar*. Sr. José Victoriano Maciel, juiz de direito interino do Crato.»

O juiz de direito respondeu :

« Illm. Rvm. e Exm. Sr. presidente. Hontem recebi o officio de V. Ex. datado em 15 de preterito mez de Dezembro, em o qual vejo a correcção, com que V. Ex. justamente me reprehende do erro e falta de cumprimento da lei na execução da sentença do réo Joaquim Pinto Madeira, o que conheci logo que recebi o officio de V. Ex. datado em 6 de Novembro, que infelizmente se demorou não sei onde, pois que o recebi no dia 10 de Dezembro, como V. Ex. terá visto na resposta, que dirigi no mesmo dia ; e á vista da copia da lei de 11 de Setembro de 1826 e do decreto de 15 de Novembro de 1827, não pude mais remediar o erro, que, posto não foi filho da maldade, comtudo conheço a justiça, com que V. Ex. me reprehende, sobre o que tenho a representar á V. Ex., que me era occulta a lei e decreto acima mencionado ; que si eu então recebesse, ou me lembrasse, que o tivesse visto no periodico d'esta provincia, de certo que não consentiria, que se

abusasse da lei, e nem sou tão atrevido que desobedecesse á mesma lei e a V. Ex., pois V. Ex. mesmo me conhece e bem sabe, que não excedo da ordem e até justificarei, si fôr preciso, que o meu primeiro cuidado é respeitar a lei, obedecer aos meus deveres, cumprir exactamente suas ordens; accrescendo mais declarar a V. Ex. que acabando-se o julgamento do dito réo fui para minha casa distante d'esta villa uma legua; e acontecendo no desmontar-me do cavallo cahir em terra, dei com o feicho do costado em uma pedra, de que fiquei em estado de nem poder sentar-me, e por isso não me foi possivel concluir os trabalhos do jury, o que deu motivo a officiar ao juiz municipal interino d'esta villa, para em meu logar dar fim ao serviço, o que V. Ex. verá pelo documento n. 1, além de que foi preciso fazer a execução, afim de evitar o desconcerto dos povos offendidos, que estavam em aceleração, e poderia haver rompimento funesto; e posto que a guarda d'esta villa fôsse sufficiente para abater o orgulho do povo offendido, pareceu mais conveniente abreviar-se uma só vida do que se exporem dez ou doze ou muito mais, o que se prova cam o documento n. 2; occorrendo mais que o referido réo de súa propria boca disse ao Rv. padre José Manoel, a quem pedi para o defender perante o tribunal (porque não havia letrado para se nomear um), que não pretendia recorrer a recurso algum, porque via, que com a força ninguem podia, o que se prova com o documento n. 3, e até se póde justificar todas essas circumstancias; devendo dizer mais á V. Ex. que das copias juntas consta das sentenças, que tiveram logar nos dias 26 e 28 de Novembro ultimo, e na que foi proferida por mim, marquei a lei, mandando que fôsse executada na conformidade da lei; e pelo impedimento de molestia, que tive, não tive mais parte em taes execuções, e si fui quem o participou a V. Ex., foi porque era do meu dever.

« Si o que fica expendido merece desculpa, V. Ex. em conselho se dignará desculpar-me com os Exms. Srs. conselheiros, e si comtudo mereço castigo, estou prompto para o receber e cumprir fielmente quanto V. Ex. fôr servido determinar-me.

« Deus guarde á V. Ex. Villa do Crato 11 de Janeiro de 1835. De V. Ex. reverente subdito *José Victoriano Maciel*, juiz interino do Crato. »

Alencar retorquio-lhe:

« Li com bastante attenção as coartadas de defesa, que Vmc. dá em seus officios de 11 do corrente, pelas faltas em que cahio, já no que diz respeito ao réo João Nepomuceno, e já na execução da sentença do réo Joaquim Pinto Madeira, e bem que pelo conhecimento que tenho de seu caracter manso e pacifico, obediente ás leis e autoridades, me incline a crêr, que Vmc. em tudo marchou de boa fé, e que para o futuro não cahirá de certo em similhantes faltas, cumpre-me comtudo levar todo seu expendido e os documentos, que acompanharam seus ditos officios, ao conhecimento do conselho do governo, bem como ao do governo supremo, para deliberarem como acharem de justiça; cumprindo no entretanto que Vmc. execute o que em officio de 15 de Dezembro proximo passado lhe ordenei, levando ao conhecimento da regencia uma conta bem circumstanciada dos motivos, que induziram á execução do réo Pinto Madeira.

Deus guarde a Vmc. Palacio do governo do Ceará 26 de Janeiro de 1835. *José Martiniano de Alencar*. Sr. José Victoriano Maciel, juiz de direito interino do Crato.»

Esta exigencia do presidente foi satisfeita :

« Illm. Rvdm. e Exm. Sr. presidente. Em tempo me foi entregue o officio de V. Ex., datado de 26 de Janeiro do presente anno, no qual me honra em dizer-me, que, conhecendo o meu caracter firme na lei, obediente ás autoridades, não duvida da bôa fé dos meus actos, e isto me valerá perante meus superiores, que examinarem de perto os meus feitos ; porém, Exm. Sr., nem por isso deixarei de ficar incurso nas responsabilidades das minhas faltas, posto que sejam filhas da ignorancia e não da maldade, muito principalmente em um logar onde não tenho a quem me chegue para illustrar-me e apartar-me das

duvidas, enganos e erros, e só a prudencia dos meus superiores poderá salvar-me.

« N'esta occasião é, que me foi possivel enviar a parte circumstanciada da execução das sentenças dos réos José Mariano e de Joaquim Pinto Madeira, que remetto á V. Ex. com sello volante, rogando á V. Ex. que se digne vêr, e no caso de não estar conforme corrigir e determinar-me como fôr de direito, perdoando-me supplicar-lhe que, si estiver conforme, determine ao seu fim ; pois que os superiores se consideram pais dos seus subditos, e eu cheio de obediencia me chego á V. Ex. para me proteger e guiar nos arduos deveres do cargo, que exerço contra minha vontade, só por ser obediente.

« Deus guarde á V. Ex. Crato 24 de Março de 1835. De V. Ex. respeitador e obediente subdito *José Victoriano Maciel*, juiz de direito interino do Crato.»

Alencar encaminhou os papeis, do que deu sciencia ao juiz accusado.

« Palacio do governo do Ceará 14 de Abril de 1835. Vai ser remettida á regencia pelo 1°. paquete a resposta, que Vmc. dá ácerca da execução das sentenças dos réos Pinto Madeira e José Mariano, de que faz menção o seu officio de 24 de Março, e tanto por ella como pela participação que já fiz em data de 28 de Dezembro ultimo [39], cumpre esperarmos pela decisão da regencia a tal respeito, para então se seguir o que fôr ordenado.

« Deus guarde a Vmc. *José Martiniano de Alencar*. Sr. juiz de direito interino do Crato José Victoriano Maciel.»

---

[39] Eil-a :

« Tenho o dissabor de participar a V. Ex., que os réos Joaquim Pinto Madeira e José Mariano, sendo sentenciados á pena ultima pelo jury da villa do Crato, foram executados na mesma villa, sem se esperar pelos recursos que as leis e a constituição prescrevem, como V. Ex. melhor verá dos tres officios do juiz de direito interino d'aquella villa, que por copia vão juntos.»

Este officio era dirigido ao ministro da justiça, Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, depois Visconde de Sepetiba.

Que todos os papeis foram recebidos pela regencia dá cabal certeza o ministro da justiça Limpo de Abreu, depois Visconde de Abaeté, na sessão da camara dos deputados de 10 de Julho de 1837, como verá o leitor mais adiante ; além de que parte da correspondencia official, que transcrevi, já tinha sido publicada no *Jornal do Commercio* de 27 de Fevereiro de 1835, a esse tempo já o orgão de maior publicidade no Brazil.

Conhecida assim a verdade dos acontecimentos, exposta singela e imparcialmente á luz dos documentos e testemunhas de irrecusavel competencia, vai começar o processo da logica.

CAPITULO XII

Situação da imprensa na provincia. Apparece a opposição constitucional em opposição á administração de Alencar. Abrem-se as camaras em 1837. *Alencar continúa na administração de ordem da regencia. Forte opposição na camara dos deputados. Discussão entre Martim Francisco, Limpo de Abreu e Henrique de Rezende. Refutação ao primeiro e algumas accusações a Alencar.*

A noticia da execução de Pinto Madeira produzio, como se póde bem comprehender, forte e desagradabilissima impressão no espirito publico, dentro e fóra da provincia, mas ninguem então ousou attribuir a responsabilidade do crime ao presidente da provincia, tal a convicção que tinham de sua inculpabilidade os proprios adversarios e desaffectos, a despeito da vehemente opposição, que lhe faziam.

Na capital publicava-se um unico periodico, o *Publicador Cearense*, que foi substituido pelo *Correio d'Assembléa*, em homenagem á installação da primeira sessão da assembléa legislativa d'esta provincia, a 7 de Abril de 1835 ; e esse mesmo era governista, sustentador da

administração ; de tal sorte que a opposição, para seus desabafos, não tinha outro remedio senão pedir ao Maranhão, Pernambuco, Rio de Janeiro ou Minas algum espaço nos seus jornaes para publical-os. Em um tempo de communicações difficeis e morosas por mar e por terra era um expediente por demais incommodo e desanimador.

De todo ponto urgia para a opposição a necessidade palpitante de um orgão na imprensa da provincia. O presidente, por sua posição official e influencia pessoal [40] concentrava em si um poder enorme, de que, é força confessar, algumas vezes chegou a abusar ; porque, como é natural, todo poder tende a exorbitar.

Corria o anno de 1836. A opposição alimentava a esperança de vêr-se livre de Alencar, ao menos durante os trabalhos do senado ; mas essa mesma esperança não durou muito. A assembléa provincial, as camaras municipaes em quasi sua totalidade, grande numero de juizes de paz, de autoridades civis e ecclesiasticas, haviam representado á regencia sobre a conveniencia da continuação do presidente na administração ; e foram attendidos, recebendo Aléncar ordem para não deixar as redeas do governo provincial.

Na camara os deputados da provincia, Dr. Jeronimo Martiniano Figueira de Mello, Dr. José Antonio Pereira Ibiapina e padre Antonio Pinto de Mendonça, haviam adherido á politica do *regresso*, iniciada por Bernardo de Vasconcellos em contraposição á da regencia, de que Alencar era um dos mais esforçados sustentaculos ; e de volta á provincia, vieram dispostos a crear um orgão na imprensa para dar espansão ás novas idéas e ao mesmo tempo ás queixas dos seus amigos.

Em fins do anno surgio a *Opposição Constitucional*, tendo por seus redactores os tres deputados mencionados e Manoel José de Albuquerque, lente de philosophia, na qual era menos atacada a administração do que a pessoa do presidente.

---

40 Alencar, além de senador do imperio, na legislatura passada tinha sido presidente da camara dos deputados.

Não passou do setimo numero; porque Alencar asphixiou-a, recrutando para o exercito, com destino ao Pará, o seu impressor. [41]

Entretanto em nenhum d'esses numeros, escriptos todos com vehemencia de linguagem, o presidente da provincia é responsabilisado pela execução de Pinto Madeira! Teria escapado aos seus redactores, si houvesse algum fundo de verdade n'essa imputação temeraria? Não é crivel, tanto mais depois da prisão do impressor.

Entra o anno de 1837. Abrem-se as camaras em Maio. Alencar é atacado fortemente na camara temporaria por Bernardo de Vasconcellos, Honorio Hermeto, depois Marquez de Paraná, Miguel Calmon, depois Marquez de Abrantes, Visconde de Goiana, Martim Francisco e Figueira de Mello. Nem uma palavra a respeito da execução de Pinto Madeira responsabilisando o presidente!

Só em Julho, quando se discutio o orçamento do ministerio do imperio, Martim Francisco, na sessão de 18, toca n'esse objecto:

« Diz-se, que o presidente do Ceará socegou sua provincia: isto é inexacto, por quanto, quando para alli foi, a provincia já estava socegada, e a guerra dos *cabanos* já havia terminado. Acabou elle com os assassinos? Não: elles têm continuado. Sirva de prova a morte de Pinto Madeira. Si os principios constitucionaes valem, si os principios em que o systema constitucional se funda são de opinião publica, si esta se tem pronunciado contra este presidente, este não devêra ser conservado ».

Na sessão de 20 Limpo de Abreu responde-lhe:

« Diz-se: mas elle mandou assassinar Pinto Madeira!! Srs. esta é uma proposição, que eu nunca esperei, que fôsse pronunciada pelo Sr. deputado por São-Paulo, que a emittio. Que provas...

---

41 Chamava-se esse impressor-typographo Aureliano Marcolino de Mello. Era Mineiro, habil e dedicado. Subindo os consevadores ao poder, em Setembro de 1837, teve baixa, e depois foi nomeado escrivão de orphãos de Ouro-Preto, onde faleceu.

« Creio, Srs., que a tanto não póde chegar a immunidade de um representante da nação, que attribua um assassinio a um presidente de uma provincia, ou que mostre mesmo alguma suspeita de que elle o tivesse commettido, sem que apresente provas claras e evidentes, com que possa demonstral-o... Quando assim fôsse... Mas máo é, que taes proposições se emittam, porque então não sei, daqui a pouco tempo, si não nos poderemos tratar reciprocamente de assassinos (*apoiados*!!!) Ao menos as regras da razão e da justiça pedem, que taes proposições não se emittam, para que a licença não nos leve muito avante.

« Quanto a este facto, todos os documentos, que foram presentes ao governo em outra occasião, e alguns dos quaes foram publicados, provam precisamente o contrario d'aquillo que alguns pretendem attribuir ao Sr. Alencar, uns de bôa fé e outros calumniosamente. Prova-se por esses documentos, que elle tomou todas as providencias, todas as precauções, para que um attentado tão horroroso não fôsse commettido pelos jurados; e que essas cautelas, essas providencias,que elle tomou, foram inuteis absolutamente. E será só no Ceará, Srs., que os jurados têm commettido esses horrores ou horrores quasi similhantes? Certamente que não. Nós poderiamos apresentar exemplos de decisões de jurados e de outras autoridades, á vista das quaes nos deveriamos horrorisar.

« Mas procura-se n'esta casa attribuir a uma autoridade, que não era judiciaria, que não teve parte alguma na sentença, que se deu e executou em logar tão distante da capital da provincia, para desacredital-a, para perdel-a na opinião publica; entretanto o facto não fez impressão alguma na provincia do Ceará, onde estou persuadido de que é conhecido o caracter do Sr. Alencar, incapaz de taes crimes ; e apezar de tudo isso, elle exerce na provincia merecida influencia, que devem dar-lhe os seus talentos, os seus serviços...

« O Sr. Figueira de Mello:— Apoiado.

« O Sr. Limpo de Abreu:—Digo os seus serviços, porque dentro da provincia elle estabelleceu a ordem publica; digo seus serviços, porque fóra da provincia elle

constantemente soccorreu e mandou auxilios á legalidade na provincia do Pará.

« O Sr. Figueira de Mello:— Uma só vez.

« O Sr. Limpo de Abreu:— Devem existir na secretaria da justiça officios do Sr. Alencar, pelos quaes eu estou autorisado a crêr, que mais de uma vez o Sr. Alencar remetteu auxilios á provincia do Pará.

« O Sr. Figueira de Mello:—Faz signal negativo.

« O Sr. Limpo de Abreu:— Mas diz-se: restabeleceu elle a ordem publica dentro da provincia em virtude da constituição e das leis ? Senhores, eu não sei, que lei elle tenha violado na provincia do Ceará. Ouço dizer apenas, que tem tomado certas medidas a respeito de certos empregados publicos, que não merecem ou não têm merecido a sua confiança; mas actos contrarios á lei não os tenho visto demonstrar. Dizem, que elle recrutou um homem e mandou para o Pará ; mas não se provou, que esse individuo estivesse isento do recrutamento.

« Tenho ouvido tambem outros factos contra o Sr. Alencar, mas esses artigos accusatorios devem ser provados por documentos, que justifiquem taes articulados. Ou são simplesmente articulados os actos contrarios ás leis, de que tem sido arguido o Sr. Alencar, ou mesmo não são actos, que immediatamente se mostrem, que são contrarios ás leis, como esse do individuo recrutado para a provincia do Pará, individuo que não se mostrou, que estivesse comprehendido nas excepções das instrucções de 10 de Julho de 1822.

« O Sr. Figueira de Mello:— Estava comprehendido na lei de Dezembro de 1830.

« O Sr. Limpo de Abreu:— Confio muito como homem particular em tudo quanto quizerem dizer não só esses senhores que fallam, como qualquer cidadão ; mas quando fui autoridade publica não podia, apezar d'isso, fazer alguma cousa simplesmente em virtude d'esse credito que lhes dava ; era necessario ser convencido por documentos. Si diverso tivesse sido o meu procedimento, o que poderia eu dizer para justificar-me, quando a camara com mais justiça me pudesse arguir sobre qualquer acto de demissão de um presidente ? Si por ventura eu tivesse

demittido o presidente do Ceará, o Sr. Alencar, poderia eu justificar essa demissão, e dar as razões que hoje tenho dado á camara e ao paiz por ter insistido na sua conservação? Não certamente.

« O que havia eu de dizer? Que tres ou quatro deputados na tribuna, um ou outro jornalista tinham censurado a conducta do Sr. Alencar? Não podia dizer mais nada, porque não podia provar tudo aquillo que pudesse dizer contra elle, e aquillo mesmo que os Srs. deputados tivessem dito contra o Sr. Alencar, e pelo contrario, sustentando o ministerio a conservação do Sr. Alencar no Ceará, tenho victoriosamente mostrado, que esta deve continuar a ser a conducta do governo; que esta deve continuar a ser a conducta do actual ministerio, na minha opinião, si elle não quizer expôr a provincia do Ceará a grandes desastres, porque emfim eu ultimarei esta parte do meu discurso, declarando á camara que, segundo eu entendo, o Sr. Alencar no norte é um dos mais estrenuos amigos e defensores dos principios da ordem publica. (*Apoiados.*) »

Martim Francisco replicou na sessão de 21 com tanta vehemencia quanta injustiça e inexactidão, nos seguintes termos:

« Entrarei em uma analyse miuda d'este facto. Supponho, que não é preciso sentença judiciaria, que demonstre, que o presidente Alencar tem mais ou menos parte n'esse assasinato juridico. Si ha indicios vehementes contra elle, é bastante isto para firmar a opinião do governo. Sr. presidente, si eu pudera rasgar o véo, que occulta o mysterio de similhante attentado; si eu pudera revelar n'esta camara o nome da pessoa ou pessoas que esse presidente encarregou de assassinar a Pinto Madeira, ou a quem quiz encarregar, ou a quem falou para assassinar Pinto Madeira, apenas chegado á provincia do Ceará, todo o mysterio estava patente, toda a discussão tinha acabado; mas a religião do segredo m'o veda, e é por isso, que entrarei na analyse dos factos, que se apresentam n'esse processo monstruoso, que levou Pinto Madeira ao patibulo.

« Primeiro facto: Labatut, em consequencia da

sua proclamação, havia remettido para a provincia de Pernambuco Pinto Madeira e seu cumplice; o que se fez? Pinto Madeira regressa, volta para a provincia do Ceará, mas o seu cumplice, não; fica em Pernambuco. O regresso de Pinto Madeira coincide com que? Com a nomeação do presidente, com a ida do senador Alencar para o Ceará.

« Chegando á provincia este presidente, o que vemos? Um processe o mais singular do mundo. Principia este processo, e quando o advogado tenta defender o réo, é ameaçado de ser espancado e o defensor desapparece. Chama-se uma testemunha, que quer depôr em favor do réo, mas ella sahindo é espancada fóra, de modo que esse homem é julgado indefeso; e é condemnado á morte sem ter advogado que o defenda, nem mesmo ser chamada uma testemunha! Condemnado á morte, passados poucos dias, é fuzilado, isto sem recurso ao poder moderador. O juiz municipal, que fazia as vezes de juiz de direito, remette a sentença ao juiz municipal, que a executa sem se terem exhaurido os recursos da lei. O homem que prestou a força para fuzilal-o, este homem não era official de tropa de linha, é pouco depois nomeado ajudante de ordens do mesmo presidente, é hoje o seu braço direito, e quem faz as vezes d'elle, quando está fóra. Pergunto eu: em todos estes factos não ha uma serie de indicios vehementes, que culpam a esse presidente?

« Depois de consummado o attentado, o que vêmos nós? Apparece um officio do presidente ao juiz municipal e resposta d'este; veja-se um e outro officios, e pergunto, si restará alguma duvida sobre presumpções mais que vehementes, que esse homem directamente teve parte n'este crime? Si pois nós temos factos, que não foram contestados, nem na tribuna, nem nos jornaes, si temos tantas presumpções contra elle, que mais precisa a administração para mudal-o?»

Antes de passar tambem por minha vez á refutação de todos esses pontos ou factos, devo prevalecer-me de uma consideração, que os pulverisa desde logo e completamente.

O orador, que máo conceito fazia do presidente do Ceará em 1837, attribuindo-lhe até coparticipação em um assassinato, e instando pela sua demissão, *tres annos depois* nomeava-o para o mesmo cargo!

A 24 de Julho de 1840 é organisado o gabinete, que passou para á historia com o nome de *ministerio da maioridade*, porque foi o primeiro depois de declarado *maior* o actual imperante. Faziam parte d'elle, com a pasta do imperio, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado Silva, que era a alma da situação, e com a da fazenda, o mano Martim Francisco Ribeiro de Andrada. [42]

Pois bem ; esse ministerio em que os irmãos Andrada exerciam a maior preponderancia, esse ministerio nomeou a Alencar, pela segunda vez, presidente do Ceará, por carta imperial de 20 de Setembro de 1840, apenas 37 dias depois de organizado !

Quem conheceu e apreciou o caracter inquebrantavel do illustre Paulista, sabe, que elle seria incapaz de uma contradicção tão flagrante, si em seu espirito recto pairasse duvidas sobre a inculpabilidade de Alencar na execução de Pinto Madeira. Fazendo a devida justiça ao seu nobilissimo passado, vê-se, qne o seu acto, espontaneo e reflectido, vale por uma retractação, que exalta a um tempo o accusador e o accusado de outr'ora.

Depois d'isso, uma analyse detida e imparcial é quasi desnecessaria para refutar a quem deu de sua conversão tão exuberante prova; mas em todo o caso é a satisfação de um compromisso, de que com prazer vou desempenhar-me.

Primeiro. Labatut remette Pinto Madeira e o vigario Antonio Manoel para o Recife; o primeiro vem para o Ceará, o segundo fica em Pernambuco.

O leitor mesmo decidirá, pelo que tem lido documentalmente, si essa proposição é verdadeira. Pinto Madeira

---

[42] Os outros ministros eram : Justiça, Antonio Paulino Limpo de Abreu, depois Visconde de Abaeté; estrangeiros—Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, depois Visconde de Sepetiba; guerra—Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, depois Visconde de Suasuna; marinha—Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti de Albuquerque, depois Visconde de Albuquerque.

veio para o Ceará do Maranhão, onde ficou o seu cumplice por *bastante enfermo*, segundo affirma o vice-presidente do Maranhão, no seu officio de remessa do preso, já transcripto.

Segundo. O regresso de Pinto Madeira coincide com a nomeação de Alencar.

Tudo se explica sem malicia. Pelo officio de remessa do réo, vê-se, que Pinto Madeira veio para o Ceará em virtude de requisição do ex-presidente Ignacio Correia Vasconcellos em officio de 11 de Agosto de 1834, quando Alencar nem sequer ainda estava nomeado; pois a sua nomeação, como vimos, só teve logar por carta imperial de 23 de Agosto do mesmo anno. E' o caso do cordeiro com relação ao lobo da fabula: *natus non eram.*

Si a chegada do réo coincidio com a de Alencar, que culpa terá n'isso o novo administrador? Nenhuma absolutamente.

Terceiro. O processo é o mais singular do mundo: o réo é condemnado á morte sem defensor nem defesa, e fuzilado sem recurso ao poder moderador.

E' exacto; mas em que póde ser responsabilisada por isso a autoridade administrativa? Fez o que lhe era legalmente possivel. Descer a instaurar processo judiciario, pretender prever, providenciar além das forças hnmanas? Impossivel.

Quarto. O homem que prestou a força não era official de linha; depois foi nomeado ajudante de ordens, e tornou-se o braço direito do presidente, a quem substituia, quando estava fóra.

Tudo inexacto! João da Rocha Moreira, esse *homem* a quem se refere o orador, era tenente, sem accesso, do batalhão de 1ª *linha* n. 22, e foi nomeado ajudante de ordens muito antes da execução, pela ordem do dia de 30 de Julho de 1834.

Si o ajudante de ordens prestou, não a força, mas parte d'ella para a execução, comprehende-se, que não poderia ter sido nem de ordem do presidente, nem com accôrdo d'este, pois assim ficaria mais compromettido.

Tambem não consta, que Alencar, durante toda a

sua primeira administração, tivesse feito viagens para poder deixar o seu ajudante de ordens fazendo suas vezes.

Quinto. Depois de consummado o attentado o presidente officia ao juiz, e este responde ; resultando da confrontação de ambos os officios presumpções mais que vehementes contra Alencar.

A resposta deu-a o conego Venancio Henrique de Rezende, deputado por Pernambuco e ex-presidente da camara na mesma sessão. Eil-a :

« Passando em resenha alguns factos apresentados para censurar o Sr. Alencar, mostra, que muita gente no Ceará interessava-se em que Pinto Madeira fôsse morto legal ou illegalmente, com todos os recursos ou sem elles, e admira-se de que se queira attribuir ao Sr. Alencar a morte de Pinto Madeira, quando existe o documento official de ter o Sr. Alencar reprehendido o juiz municipal por ter mandado proceder á sua execução, sem preceder recurso ao poder moderador ; ao que esse juiz querendo lançar-se fóra d'essa arguição, perguntando si já o Sr. Alencar tinha se esquecido de ter sido toda sua familia acabada por Pinto Madeira, usando de outras expressões mui fortes, bem mostrou, que, si o Sr. Alencar tivesse promovido a execução de Pinto Madeira, o dito juiz municipal não o deixaria de declarar igualmente ao presidente da provincia no officio, que lhe dirigio (apoiados). Mas isto na opinião de alguns senhores deputados é nada ; um documento official autentico tão forte nenhuma prova produz, e continua-se a affirmar, que o Sr. Alencar mandou assassinar a Pinto Madeira ! ! !

« Admira-se de que se censure de ter o presidente do Ceará mandado ao Crato, a um logar tão retirado, onde devia ser sentenciado um homem como Pinto Madeira, que tinha tantos amigos e inimigos, um destacamento de tropas para proteger o jury, quando no Rio de Janeiro se julgou necessario mandar uma força militar para a execução dos criminosos de morte da sumaca *Santa-Clara*, que longe de terem amigos eram o objecto da antipathia geral pela atrocidade de seus crimes em uma embarcação no alto mar.

« Mostra ser inadmissivel o querer-se, que quem foi commandar o destacamento seja por este facto privado de qualquer emprego; e tambem que as camaras desobedientes, mandadas responsabilisar pelos presidentes, e os responsaveis de um períodico tenham por isso o privilegio de ficar impunes ».

E' occasião opportuna de justificar a Alencar de uma outra accusação—de ter remettido aos seus inimígos, para ser julgado, um homem como Pinto Madeira, coberto de odios. No Recife o vigario Antonio Manoel fez um folheto, que mandou publicar no Rio de Janeiro, no qual esforçou-se para provar, que elle e Pinto Madeira não podiam ser julgados no Ceará, onde todos haviam tomado, pro ou contra, parte na rebellião.

De accordo, si se tratasse *de jure constituendo*, mas não *de jure constituto*. Havia lei imperativa em contrario, que o presidente não podia dispensar. *Dura est lex, sed lex*.

N'esse tempo ainda não dominavam as idéas generosas, que foram traduzidas pela lei de 3 de Dezembro de 1841, art. 93, que dispõe « que si em um termo, comarca ou provincia tiver apparecido sedição ou rebellião, o delinquente seja julgado no termo, comarca ou provincia mais vizinho.» O que dominava então era o codigo do processo criminal, que no art. 308 determina « que o réo, sendo condemnado, entre outras penas, á de morte, protestará pelo julgamento em novo jury, que será o da capital. »

Era esta a hypothese legal mais favoravel ao réo, e a que o presidente desejava realisar: ser Pinto Madeira julgado no Crato, e no caso de ser condemnado á morte, protestar por novo jury na capital, como transparece dos officios ao promotor e juiz de direito interino do Crato.

Mas o que fazer em vista e face da lei expressa e terminante? Demorar o réo na capital? Por quanto tempo? Era adiar, mas não resolver a difficuldade, antes augmental-a, dilatando os soffrimentos do réo. Cumprio o administrador a lei, e si o resultado não correspondeu á sua espectativa, não era a primeira vez que assim succedia, não á presidencia de provincia, mas aos

proprios monarchas, todos os dias e em todos os tempos, victimas de assassinatos ou de tentativas a despeito das maiores precauções.

« Si Alencar por ventura quizesse o supplicio de Pinto Madeira (disse muito bem o conselheiro T. de Alencar Araripe) tinha este perpetrado bastantes crimes: havia opinião firmada na provincia de seus maleficios ; e condemnado o autor d'elles, por que não obteria a ordem de execução?

« O senador Alencar não era então um simples presidente de provincia, que só vale quanto vale o cargo: era um homem dominante na politica da época, a quem não seria impossivel fazer valer ante o governo supremo a necessidade da execução de Pinto Madeira para sevéra e proficua lição, como muitos erroneamente entendem.» [43]

CAPITULO XIII

Excellente coração de Alencar. Provas : — revolta de Sobral em 1840 *; juizo do doutor José Lourenço ; projecto de expulsão dos Portuguezes na constituinte brazileira ; reconhecimento dos poderes de José Clemente e outros; vinda do vigario Antonio Manoel ; sua prisão na capital, ida para o Crato ; julgamento ; absolvição e mais pormenores de sua vida e morte ; João André ; prizão ; julgamento ; condemnação ; cumprimento de pena.*

Poderoso argumento tambem em favor de Alencar é a constante magnanimidade de sua alma, com que sabia plantar a idolatria nos amigos e a admiração nos proprios adversarios. Era incapaz de uma vingança ou acto de colera, si lhe sobrasse algum tempo para reflectir, porque era innata em seu coração a grande virtude da caridade e do perdão.

---

43 *Jornal do Recife* de 11 de Agosto de 1864.

Essas excellentes qualidades ainda hoje se traduzem por immensos amigos, que deixou, como tambem pelo grande numero de admiradores desinteressados que ainda lhe restam para continuarem a fama dos seus talentos, dos seus serviços, tanto quanto das suas virtudes civicas.

Mais de um episodio edificante de sua longa e trabalhosa vida publica attestam ainda a sua passagem benefica pela terra.

Em 1840 appareceram na provincia algumas sedições contra sua administração, principalmente em Sobral, onde fez-se necessaria sua presença. A' noite sua casa é atacada pelos sediciosos, tendo á frente o major, depois brigadeiro, Francisco Xavier Torres. Trava-se vivo fogo, resultando d'este, ao amanhecer do dia, a debandada e fuga d'aquelles com prejuizo de dous mortos e cinco feridos.

Suffocada assim a sedição, como procedeu Alencar, ainda quente da luta, e com o espirito exacerbado do imminente perigo que corrêra? Darei a palavra ao seu digno primo e especial amigo, padre Carlos Augusto Peixoto de Alencar, ex-vigario da capital e deputado geral e provincial em diversas legislaturas, para responder:

« Aos chefes militares, que em pessoa o haviam atacado, deu por prisão uma casa particular n'esta capital, sem que ao menos fôssem guardados por uma sentinella; e aos outros, á proporção que iam largando as armas, os ia mandando para suas casas, e depois de tudo concluido, fez sentir ao governo imperial a conveniencia de se não proceder judicialmente, e dar-se tudo por acabado, como de facto succedeu.

« Por vezes nos disse elle, n'essas occasiões em que nos abria o seu coração: « Não posso crêr, que me tenham tanto odio, que me quizessem matar: queriam vencer a eleição, e como eu servia de obstaculo, fizeram-me esse susto na esperança de que eu corresse, e elles ficassem senhores do campo ». Seu coração e sua alma se revelavam á toda luz n'estas palavras de bondade.» [44]

---

[44] *Commercial* n. 393 de 6 de Abril de 1860.

Como poderia ter elle promovido, de um modo tão barbaro, a execução de Pinto Madeira, de quem aliás nunca recebêra offensas pessoaes, conforme assevera o mesmo conselheiro Alencar Araripe ? [45]

Francisco Xavier Torres e seus companheiros só depuzeram as armas, quando não puderam mais resistir, prolongar a luta sanguinolenta : são perdoados incontinente e espontaneamente. Pinto Madeira porém, depois de tantos annos de soffrimentos, é assassinado de um modo compromettedor dos creditos da provincia ! Não podia certamente um coração, que derramou tantos beneficios á mancheia ; uma alma, que expandio tão generosos sentimentos, aninhar tanta perversidade! *Nemo repente malus.*

Eram suas armas predilectas, que nunca lhe falharam—a prudencia e a doçura ; pois ninguem melhor do que elle sabia com o Marquez de Pombal [46] — que o modo vence mais do que o poder.

Eis como seu fidalgal desaffecto refere um dos seus mais esplendidos triumphos d'este genero :

« Havia o Sr. Feijó abdicado a regencia. Com elle cahira igualmente o partido liberal. Só tinha a dispôr por tanto de seus suffragios, para poder viver sem oppressão, quando não pudesse gosar de todas as posições officiaes.

« E era este o seu dever, quando o Sr. Hollanda Cavalcante se apresentava candidato, em opposição ao regente interino, e sua politica era altamente infensa ao partido do ex-regente Feijó.

« O Sr. João Facundo e todos os seus numerosos amigos pugnavam pela escolha do Sr. Araujo Lima ; e desejavam corresponder aos pedidos dos amigos do regente.

« O senador Alencar porém instava para que se lhe fizesse opposição.

« Afinal pôde conseguir, que o Sr. João Facundo levasse alguns amigos para entender-se com elle em o seu sitio, depois da recusa formal do Sr. João Facundo em

---

[45] *Jornal do Recife* citado.

[46] Carta inedita do Marquez de Pombal ao seu primo general Joaquim de Mello Povoas, governador do Maranhão.

acceitar a candidatura lembrada, como prova de consideração ao Sr. Manoel Nascimento, seu irmão.

« Suppunha o senador, que por este modo venceria uma alma ambiciosa.

« Assistiram á conferencia os Srs. João Facundo, o juiz de direito João Paulo, e este que escreve esta ingenua confissão.

« Tarde aziaga e de consequencias funestas !

« Não é preciso exprimir a sorpresa, que senti, quando vi todos annuirem aos ardentes desejos do senador, tendo antes se ajustado para lhe resistirem !

« E' que nem sempre se comprehende a fascinação, que produziam suas arrebatadoras palavras. Era o magnetismo em acção.

« Insinuante e todo doçura, suas exhortações pela gloria e amor da patria encantavam e produziam a fascinação.

« Nem se deve estranhar a fraqueza dos que assistiram a este conselho, quando todos sabem, que, sendo Alencar novo e apenas simples sacerdote, pôde tirar o capitão-mór Filgueiras de seu aferro ao rei para se revoltar em 1817, embora depois se arrependesse, prendendo elle mesmo o padre Alencar.

« E ainda passados alguns annos pôde outra vez reduzir o mesmo capitão-mór, fazendo-o revoltar-se contra o imperador em 1824, e levantar o estandarte da republica do Equador !

« O que ha pois a admirar ?

« Não devo tornar mais longa esta exposição.

« A' qualquer palavra de mui poderosa reflexão, elle acudia logo com a sua natural vivacidade e energia ; e todos ficavam quedos ante o quadro fascinador da gloria, que se tornaria immorredoura para a opposição liberal do Ceará.

« Este seu exemplo de abnegação, a firmeza de seus principios, seu sacrificio como manifestação de amor ao ex-regente, sua altivez ante a elevação dos que lhe succederam, deslumbrariam todo imperio, contemplando-se

com assombro que o partido não se submettia humildemente ante a grandeza do novo regente.» [47]

Na paz como na guerra, no gabinete como na tribuna, sua palavra fascinadora e eloquente, seus conselhos sensatos, seu tino almiravel, eram o fanal, que illuminava e encaminhava os amigos, sem jamais tel-os por momento enveredado pelos crimes atrozes, pelos assassinatos, pelas carnificinas.

Quem estiver de bôa fé não poderá negar, que Alencar, tendo-se compromettido em duas revoluções temerarias e infelizes, mas patrioticas, como chefe proeminente de ambas, ainda mui joven, acabou sempre vencido, prisioneiro e victima, sem se lhe ter lançado nunca á sua má vontade a perda de uma só vida ; conquistando ao contrario universaes sympathias de estrangeiros e dos proprios vencedores, em vez da indifferença ou do odio, de ordinario irreconciliavel depois das lutas. [48]

Não era senão porque o seu real merecimento politico e pessoal era incontestavel e extraordinario, e não deixava crêr aos seus adversarios, que mais tarde, quando no poder, se vingaria como um cobarde ou como um tyrano.

Circumstancias especiaes tinham-lhe grangeado as graças mesmo dos Portuguezes, então em completo antagonismo com os Brazileiros liberaes.

Em 1823 é apresentado á constituinte brazileira um projecto cruel, que mandava retirar do solo do Brazil todo Portuguez, que não tivesse adherido expressamente á nossa independencia. Havia de ser um quadro desolador na familia brazileira, toda ella entrelaçada com filhos da metropole, esse que devia desenhar-se na execução do projecto, quando convertido em lei; mas a maioria d'essa assembléa não tinha, na occasião, bastante calma para reflectir sobre as dolorosas consequencias d'esse seu acto impensado.

---

[47] Dr. José Lourenço de Castro Silva: *Refutação ás calumnias de A. T.*, Fortaleza 1866, pag. 9 § 7.

[48] E' assim, que a patriotica provincia de Minas o elegeu seu representante á assembléa geral, na legislatura de 1830 a 1833, em homenagem ao hospede prisioneiro de estado em 1824.

O projecto estava a passar, quando o patriota cearense, com sorpreza de todos, toma a palavra, e com sua voz inspirada e convencida faz resvalar o golpe terrivel e certeiro, que estava a ser desfechado sobre as cabeças de tantos innocentes.

Muito lhe agradeceram os Portuguezes esse seu acto de cavalheiroso patriotismo, que lhe valeu mais tarde sua absolvição perante a commissão militar da Fortaleza em 1825.[49]

Ainda em 1830 o illustre patriota teve occasião de traduzir os mesmos sentimentos de justiça e moderação por acto de grande relevancia em prol dos Portuguezes.

Tratava-se da verificação de poderes dos deputados José Clemente Pereira, Portuguez de nascimento e de Joaquim de Oliveira Alvares, que por decreto de 17 de Fevereiro de 1829 havia creado, como ministro da guerra,

---

[49] O conselheiro T. de Alencar Araripe, na sua *Historia do Ceará*, parte inedita, cap. 12, diz:

« Sabe-se, que o presidente da commissão militar tinha recebido insinuações para não fazer grande numero de victimas; por isso executados os que tiveram a infelicidade de comparecer ao tribunal, abrandou este o seu rigor. A respeito porém de José Martiniano de Alencar outra circumstancia poderosa occorria. Oppondo-se na assembléa constituinte á inopportuna proposta da expulsão dos Portuguezes do territorio brazileiro, excitára a affeição do partido da côrte, que por elle agora se interessava; e ao partir para esta provincia o acompanhava uma carta não solicitada do então ministro da guerra, na qual designando o imperador dizia: « Aqui se quer, que o Alencar seja não só solto como declarado innocente ». O presidente da commissão militar manifestou logo suas disposições favoraveis ao recommendado do ministro; o qual bem longe estaria por certo de suppôr, que n'esse mesmo homem por elle benevolamente recommendado encontraria efficaz soccorro em circumstancias assás difficeis».

Quando declarado livre recebeu do presidente da commissão militar esta honrosa communicação official:

« Cheio da maior satisfação e gloria, envio á V. S., para sua intelligencia e devida execução na parte que tocar, a copia junta do aviso da secretaria de estado dos negocios da justiça, pelo qual fica V. S. em plena liberdade, declarado innocente e livre de culpa, por haver sido confirmada por S. Magestade Imperial a sentença proferida a seu respeito no tribunal da commissão militar d'esta provincia; e eu muito me lisongeio de ter mais esta occasião de vêr resplandecer a innocencia e virtudes de V. S. e muito folgarei de vêr novamente brilhar os seus talentos, com os quaes tão importantissimos serviços tem prestado á nossa chara patria.

Deus guarde á V. S. Quartel do commando das armas do Ceará 14 de Março de 1826. *Conrado Jacob de Niemeyer*, presidente da commissão militar. Illm. e Rev. Sr. padre José Martiniano de Alencar.

uma commissão militar, para julgar, sem appellação, em Pernambuco, os chefes da conspiração, que apparecêra n'essa provincia.

Na effervescencia das paixões, que ainda trasbordavam, appareceo a doutrina partidaria, que ganhou terreno, de serem ambos depurados, não porque suas eleições estivessem viciosas ou irregulares; mas porque eram elles indignos d'essa honra, um por defeito de nascimento e outro de procedimento! Sustentavam essa doutrina com todas as forças Bernardo de Vasconcellos, Martim Francisco, Limpo de Abreu, Hollanda Cavalcanti, Lino Coutinho e outros. Alencar porém com Evaristo da Veiga, Paula Souza e Feijó, combateu tão desarrazoada doutrina, sendo afinal reconhecidos os poderes de quem tinha sido legitimamente eleito, *embora não agradassem as pessoas escolhidas pelo povo.* [50]

E como procedeu tambem Alencar para com o vigario Antonio Manoel, homem de talento, illustração e de uma coragem inexcedivel, cabeça pensante, chefe proeminente da rebellião, e por conseguinte o principal responsavel? Póde-se mesmo asseverar, que, a não ser elle, jámais teria havido ó movimento, sendo este sustentado por tanto tempo; porque só a sua popularidade faria esse milagre.

Para prova d'isso referirei um facto, todo verdadeiro, que denuncía tanto o fanatismo, que elle inspirava ao povo, como explica o appellido, por que se tornou conhecido de *Benze-cacete.* No começo da rebellião, não havendo armas de fogo em numero correspondente á necessidade, procurou o vigario Antonio Manoel supprir a falta com cacetes, que benzia e distribuia pelos partidarios afim de encorajal-os cada vez mais. A fé desenvolvida em homens ignorantes e fanaticos tornou extraordinaria a procura d'essa nova arma, que todos suppunham milagrosa; de modo que a cada instante via-se elle obrigado a benzer cacetes com prejuizo de misteres importantissimos. Foi-lhe faltando a paciencia, até que um dia, apparecendo-lhe

---

50 Vide Pereira da Silva: *Segundo periodo do reinado de D. Pedro I no Brazil*, liv. 3° sec. 3ª, pag. 404 a 406.

porção de gente em procura da arma milagrosa, mandou cortal-a em uma mata proxima, dizendo ao povo que já havia benzido esta, pelo que o effeito era o mesmo. Com igual fanatismo lá se foram todos para a mata benta premunir-se de cacetes.

Pinto Madeira porém era quasi analphabeto, de curtissima intelligencia, incapaz de comprehender todo o alcance de uma rebellião e emprehendel-a; e nenhum facto em toda a sua vida attesta, que gozasse de popularidade.

Assim pois, quer se tratasse de punir a chefes revolucionarios, quer de tomar desabafos particulares, não sei por que Alencar havia de poupar ao vigario, inimigo muito mais perigoso do que o seu companheiro, capaz de fazer propaganda e de continuar o movimento.

Entretanto quanto diversa foi a sorte do vigario?

Em 24 de Março de 1836 chegou á Fortaleza, remettido pelo presidente do Maranhão em virtude de requisição de Alencar.

Illm. e Exm. Sr. Em conformidade do que V. Ex. me requisitou em officio de 27 de Fevereiro proximo passado, faço partir com o paquete *Brazilia* o padre Antonio Manoel de Souza, afim de ser n'essa provincia entregue á V. Ex. a quem Deus guarde.

Maranhão 12 de Março de 1836. Illm. e Exm. Sr. José Martiniano de Alencar, presidente da provincia do Ceará. *Antonio Pedro da Costa Ferreira.* [51]

Emquanto esteve n'esta capital foi decentemente tratado, sendo recolhido á prisão melhor que se lhe podia destinar.

Illm. Sr. Tendo chegado da provincia do Maranhão o preso padre Antonio Manoel de Souza, e devendo ser recolhido á prisão até que chegue occasião opportuna de seguir o seu destino, e não havendo prisão sufficiente para a sua decente detenção, S. Ex. o Sr. presidente me ordena, que saiba de V. Ex., si póde dispensar o quarto contiguo ao em que o juiz de paz dá audiencia, afim de ser para ali transferido o mesmo padre da prisão em que se acha.

---

[51] Depois Barão de Pindaré.

Deus guarde a V. Ex. Palacio do governo do Ceará em 25 de Março de 1836. Illm. Sr. Manoel José de Albuquerque, presidente da camara municipal d'esta capital. *João da Rocha Moreira*, ajudante de ordens do governo.

Da cadêa do crime, em que estava recolhido, passou no outro dia para um quarto decente da camara municipal, com communicação independente, onde esteve mais de um anno, ensinando latim, até que em principio de Junho do anno seguinte partio para o Crato, sendo absolvido por unanimidade de votos pelo jury d'essa cidade do crime de rebellião, pelo qual foi summariado.

2.ª SENTENÇA DO JURY

O jury de sentença, á vista do processo, libello accusatorio e provas do réo, decidio por maioria absoluta, que não existe crime no facto nem objecto de accusação contra o réo Rev. Antonio Manoel de Souza.

Sala das sessões do 2.º conselho dos jurados na villa do Crato aos 19 de Junho de 1837. Eu, o padre José Joaquim de Oliveira Bastos, secretario, o escrevi. *José Francisco Pereira Maia*, presidente. *Manoel Brizeno da Silva. Tristão Gonçalves de Moura. João Branco da Cunha. Manoel Pereira Façanha. João Lopes Caminha Junior. José Romão de Noronha. Joaquim Corrêa de Araujo. José Felix Maciel. José Francisco Pinto. Roque de Mendonça Barros.*

SENTENÇA DO JUIZ DE DIREITO

Conformando-me com o parecer do 2º. conselho dos jurados, e em observancia do art. 271 do cod. do proc. crim., absolvo o vigario Antonio Manoel de Souza do crime, pelo qual foi accusado nos presentes autos, o qual deverá ser posto em liberdade, si não tiver outros crimes.

Sala das sessões dos jurados na villa do Crato em 19 de Junho de 1837.. *André Bastos de Oliveira.* [52]

Servio de promotor publico ainda o mesmo Antonio Raimundo Brigido dos Santos, de advogado Ignacio Brigido dos Santos e de escrivão Antonio Duarte Pinheiro.

Posto em liberdade, receioso da animosidade dos seus desaffectos, não quiz voltar logo á sua freguezia, nem mesmo permanecer na provincia : retirou-se para o Recife, onde residio algum tempo até 1838, pouco mais ou menos, [53] quando regressou á provincia. Ainda demorou-se por Monte-mór e Acarape, reassumindo o exercicio de sua parochia em 1846.

Em 25 de Novembro de 1857 deu a alma ao Creador na mais extrema pobreza, velho, cégo, mas ainda respeitado por suas virtudes privadas, sobretudo da caridade. Todo dinheirinho que ganhava era para repartir com os pobres e para applicar á obra da sua matriz, que ainda hoje é documento eloquente do fervor religioso, com que preparava sua alma para melhor vida. [54]

---

[52] E' portanto innexacto o que escreve o Dr. Pedro Theberge, *Esboço* citado:

Em principio de 1837 foi remettido para o Crato, afim de ser julgado pelo juiz d'essa comarca, o co-réo de Pinto Madeira, vigario Antonio Manoel de Souza, que, ha quatro annos, se achava preso á bordo de uma embarcação no porto do Maranhão. O juiz *condemnou-o tambem á pena ultima; mas elle appellou para o jury da capital, que o absolveu a 18 de Junho de 1837.*»

[53] O major José Domingues Codeceira, digno membro do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, em carta datada do Recife de 27 de Novembro de 1879, diz-me :

« E' certo, que o vigario Antonio Manoel, depois de absolvido, aqui esteve em uma ilha, que fica proxima ao Aterro dos Afogados no leito do Capibaribe: esta ilha pertence ao Visconde de Suassuma, e tambem é conhecida por *Ilha do padre Benze-cacete*, nome por que era aqui conhecido. A sua residencia n'essa ilha, si bem me recordo, chegou até 1838, pouco mais ou menos. »

[54] Nasceu no Apodi, Rio-Grande do Norte, em 1776.

O padre Belarmino José de Souza, folheto cit., pag. 56, nota, diz em sua visita á freguezia, hoje cidade do Jardim :

« Finda esta prescripção do pontifical, não me esqueci de visitar a casa, onde morou o celebre vigario Antonio Manoel de Souza.

« Esta casa é a mais antiga da cidade, medindo apenas tres metros de altura com quatro pequenas portas de frente.

« Imagine o leitor a recordação, que assaltou o meu espirito ao

Não foi felizmente essa sómente a vida, que Alencar arrancou aos rigores da justiça pùblica.

Na viagem que o ex-presidente Ignacio Correia de Vasconcellos fez ao centro da provincia, acompanhou-o até o Icó, a tratar de negocios particulares, Alencar, que ha pouco voltára da côrte. N'essa cidade teve occasião de conversar com João André Teixeira Mendes, coronel de milicias, e um dos mais perigosos mandões dos nossos sertões, tanto por sua fortuna como por sua familia numerosa e abastada.

Declarou com arrogancia, que já havia feito quatorze mortes, e esperava não morrer sem completar outro tanto!

Alencar voltou horrorisado, sobretudo por estar convencido de que a fatal promessa seria realisada; mal sabendo elle que prestes estaria o dia em que, na provincia entregue á sua administração, correria-lhe o dever indeclinavel de prover ao caso.

Comprehende-se, que um tal potentado não podia contar com geraes sympathias, quanto mais dedicações: temiam-n'o, mas poucos não desejavam sua immediata punição; de fórma que, quando o novo presidente transmittio as ordens para a sua captura, foi-lhe mais facil prendel-o do que salvar-lhe a vida.

Era em 1835. João André, preso e processado, teve de responder ao jury, no Icó. Era de receiar, que tivesse a mesma sorte de Pinto Madeira, si não fôssem tomadas todas as providencias em tempo. Apenas constou a Alencar a possibilidade de um tal resultado, fez seguir a toda pressa, com ordem de fazer marchas forçadas, um soldado de confiança, [55] levando instrucções terminantes á autoridade competente para que facilitasse todos os recursos ao réo, e fizesse-o partir para a capital com toda segurança e brevidade depois do julgamento.

---

vér o gabinete, donde talvez partisse o fogo da revolta, que em 1832 incendiou a provincia e abalou a nação.

«Incontestavelmente o vigario Antonio Manoel foi um grande homem, e n'este caracter é que seu nome ficou immortal na memoria cearense.»

[55] Era um soldado do corpo de policia, de nome Lira. Tendó desempenhado a contento a commissão, Alencar gratificou-o com 32$ de sua algibeira.

João André foi de facto condemnado á pena de morte; mas, tendo protestado por novo jury na capital, veio n'esta responder ao jury, sendo condemnado a 20 annos de degredo para o Rio-Negro, hoje Amazonas.

A sentença passou em julgado e foi cumprida.

CAPITULO XIV

Erro de Alencar não ter promovido a responsabilidade de quem deu causa á execução de Pinto Madeira. José Victoriano e Pereira Maia. Attenuante em favor de Alencar. Conclusão.

O senador Alencar teve um erro, é força confessar: ter deixado impune um tamanho crime.

Era até de toda a conveniencia á sua administração, que a responsabilidade do autor d'esse famoso crime fôsse elucidada por meio de processo regular, no qual se apurassem bem as provas de innocencia ou culpabilidade de quem quer que fôsse.

Então sua defesa se tornaria ainda mais esplendida, e os salutares preceitos da lei ficariam satisfeitos.

Um crime sem um responsavel !

Foi certamente um erro, que muito concorreu para armar á maledicencia.

Não devêra ser perante o presidente da provincia, que não é autoridade judiciaria, que o juiz de direito interino do Crato se devêra justificar : a lei para similhantes casos creou os tribunaes competentes. Mas nem sequer colhem as escusas allegadas perante a autoridade administrativa ; taes como: 1.ª a ignorancia da lei ; 2.ª a substituição por outrem na execução ; 3.ª o tumulto popular que coarctou a liberdade do juiz ; 4.ª finalmente, a annuencia na sua execução.

Primeira. A ignorancia da lei não podia favorecel-o, pois que a ninguem é licito ignorar a lei: *Nemo jus ignorare debet*; e a ignorancia da lei a ninguem exime de penalidade: *Ignorantia legis nemini excusat.* Mas nada mais intuitivo do que quem ignora, estando de bôa fé, procurar informar-se, e no caso de duvida abster-se de qualquer acto odioso, sobre tudo dos que não possam ter reparação.

O juiz não se informou de ninguem; confirmou uma atrocidade, que se tornou irreparavel, desde que foi consummada.

Mas nem mesmo a essa desculpa podia soccorrer-se: pois que no officio de 15 de Dezembro o proprio presidente provou exhuberantemente, que em tempo foi-lhe ás mãos a lei publicada no jornal official.

Segunda. A substituição do juiz na execução é simplesmente um acto de má fé; é o funccionario convencido do seu crime repartindo a responsabilidade por outrem. A prova é, que assistio á execução e influio n'ella.

Terceira. Si a condemnação e a execução fossem sómente o resultado de um tumulto popular, devêra então dizêl-o na sua participação, e não reduzir esta á uma expansão de jubilo. Como foi reprovada, ahi vem a desculpa pallida e a má hora, forcejando por empanar a verdade e a opinião.

Quarta. O réo annuio á sua execução! Que escarneo ao infortunio alheio! Nega-lhe todos os recursos legaes protectores da defesa, e depois diz, que a victima os renuncia! E' precisamente o caso descripto por Tacito, fulminando a crueldade cynica dos barbaros: « Mata-se, rouba-se, espolia-se, devasta se, despovoa-se, e onde fazem a solidão chamam paz! » *Auferre, trucidare, rapere, falsis nominibus imperium; et ubi solitudinem faciunt, pacem appellant!*

Mas quando assim não fôsse, em que paiz o consentimento do réo já pesou para a sua execução? Na Roma antiga e pagan já era preceito corrente — que ninguem désse ouvidos a quem quizesse morrer. *Nemo auditur perire volens.*

Que motivo então teria o presidente para declinar do seu rigoroso dever? As relações de amisade para com o juiz? Alguma vantagem que descobrisse depois, na famosa execução para a tranquillidade publica da provincia? Nada d'isso.

José Victoriano Maciel era caracter versatil, pusilanime e egoista, incapaz de dedicação sincera quanto de gratidão contra seus interesses. Era seu principal anhelo viver bem com os poderosos, ainda que lhe custasse o sacrificio da velha e leal amisade.

Ha de suppôr o leitor, que entre elle e Pinto Madeira houvesse barreira invencivel de odios e vinganças? Não; antes emquanto brilhou a estrella d'este, nunca procurou empanal-a. Reza até a tradição, que a principio fomentou e applaudio a rebellião; mas desde que a vio marchar para o occaso, chegou a dar uma justificação em juizo, procurando provar que intencionalmente sempre fôra infenso á ella; mas que dera-lhe signaes de adhesão sómente para melhor poder entrar nos seus segredos, e servir á causa da legalidade!

Eu mesmo, á vista de taes precedentes, cheguei-me a convencer de que, na tragedia de 28 de Novembro, a sua responsabilidade era toda de autor. Estou porém convencido de que não passou de um instrumento nas mãos de quem soube, sagaz e prevenido, evitar que lhe tocasse a acção da lei. Refiro-me a José Francisco Pereira Maia, mais geralmente conhecido por *Maínha*, [56] verdadeiro dictador da comarca, depois da rebellião.

Desde 1817 habituou-se, ainda mui joven, a roçar pelos carceres da Bahia, em companhia do pai, victima do governador Manoel Ignacio de Sampaio.

Na provincia viveu sempre, por principios e interesses, em manifesta rivalidade com Pinto Madeira, que

---

[56] José Victoriano era natural do Crato, tenente-coronel reformado da extincta 2ª linha de cavallaria n. 35 com o soldo de 26$ mensaes. Faleceu pauperrimo, de rico que foi, na cidade do Crato a 9 de Agosto de 1879, na avançada idade de 92 annos.

Pereira Maia era tambem natural do Crato. Faleceu n'essa cidade a 22 de Setembro de 1880, de um ataque apopletico, na idade de 87 annos.

ousára mais de uma vez affrontar-lhe as iras, tentando mesmo supplantal-o no meio de sua numerosa parentela.

Pereira Maia espreitava o ensejo de lançar-se sobre o rival e vingar-se até exterminal-o. Esse ensejo chegou, e elle aproveitou-o sedento de vingança.

Mas como punil-o? Impossivel; pois soube collocar-se na penumbra, evitando toda responsabilidade legal.

Esperar que houvesse testimunha, que o compromettesse? Mais impossivel ainda, á vista da dictadura que exercia no logar, não tanto pelo natural ascendente do homem intelligente, abastado, resoluto e prestimoso sobre uma população quasi toda de parentes, amigos e ignaros.

Depois, justiça lhe seja feita, ninguem poderá chamal-o perverso, e muito menos potentado perigoso á causa publica e ás immunidades do cidadão; porquanto sua influencia esteve muitas vezes ao lado da bôa causa, e foi parte para que a onda da anarchia não assoberbasse, interpondo-se com coragem e talvez civismo.

No julgamento do vigario Antonio Manoel vimol-o, como presidente do jury de sentença, assignando a absolvição, impossivel contra sua vontade.

Estas considerações, penso eu, enfraqueceram o animo de Alencar na perseguição do verdadeiro criminoso. Conhecedor dos homens e não menos da provincia comprehendeu, que o processo colheria sómente, sinão os innocentes, os menos culpados, ficando a salvo o mais responsavel; e foi obrigado a estacar.

Será porém uma prova de sua conivencia? Não, dirão todos os homens de consciencia e desapaixonados, que me tiverem lido attenta e desinteressadamente.

Póde-se muitas vezes, até por motivos nobres, não se perseguir um criminoso, sem que se tenha tido a minima parte no seu crime. Póde-se mesmo protegel-o, sem que seja uma indignidade, quanto mais uma prova convincente de cumplicidade; tanto que nenhuma lei faz d'isto um facto punivel.

Peccadora tambem era a mulher da Biblia, mas quando o povo a apedrejou, Jesus a acolheu e protegeu.

O senador Alencar foi completamente estranho á execução de Pinto Madeira, digo-o com a mais profunda convicção, e creio tel-o provado com os dados mais irrecusaveis.

Perante a luz da historia esse assassinato juridico não passará de uma nuvem ligeira em sua benefica administração, da mesma maneira que o sol tem manchas sem perder o brilho; e sua memoria illustre e veneranda continuará a merecer da patria como um patrimonio nacional.

FIM

ADDITAMENTO

(PROCESSO DE PINTO MADEIRA)

Extracto da devassa

Juiz ordinario, *José Dias Azedo.*
Escrivão, *Antonio Duarte Pinheiro.*

Começo—26 de Outubro de 1832—logar da devassa a povoação da Barbalha, onde tambem se fez o corpo de delicto indirecto.

TESTIMUNHAS

1ª. Manoel Rodrigues de Souza disse, que sabe por ouvir dizer, que quem matou Joaquim Pinto Cidade foram as tropas de Joaquim Pinto Madeira, quando elle veio dar o fogo do Burití e antes do fogo o matou.

2ª. Antonio Gomes da Luz disse, que sabe por ouvir dizer, que Joaquim Pinto Madeira com sua tropa foi quem matou a Joaquim Pinto Cidade no sitio Burití por ser o mesmo patriota.

3ª. Manoel de Gouveia disse, que sabe por ouvir dizer e ser publico, que quem matou a Joaquim Pinto Cidade foi Joaquim Pinto Madeira com sua tropa no sitio Brejão, na occasião em que veio dar o fogo do Burití nas tropas liberaes.

4.ª Antonio José Barroso disse por ouvir dizer, que Joaquim Pinto Madeira foi quem mandou matar Joaquim Pinto Cidade pelos seus soldados, cujos elle testimunha não sabe de seus nomes.

5ª. João da Rocha Lustosa disse nada.

6ª. Severino de Souza disse, que sabe por ouvir dizer, que Joaquim Pinto Madeira com sua tropa foi quem matou a Joaquim Pinto Cidade, no sitio Brejão, e que os soldados que o mataram não sabe elle testimunha quaes foram.

7.ª João Francisco Vasques de Oliveira disse nada.

8.ª Manoel Rodrigues Bezerra disse, que sabe por ouvir dizer, que as tropas que Joaquim Pinto Madeira trazia quando foi atacar a villa do Crato foi que mataram a Joaquim Pinto Cidade no sitio Brejão.

9.ª Jorge Ribeiro disse, que sabe por ouvir dizer e ser publico, que Joaquim Pinto Madeira com sua tropa foi quem matou a Joaquim Pinto Cidade, porém que não ouvio dizer elle testimunha quaes os soldados que o assassinaram.

10.ª Luiz Nunes da Costa disse, que sabe por ouvir dizer, que uma tropa em que vinha um commandante de Joaquim Pinto Madeira, de nome Francisco Xavier Veneno, na occasião em que ião atacar a villa do Crato, foi a tropa que matou a Joaquim Pinto Cidade, porém que não sabe elle testimunha quaes foram os assassinos.

11.ª João Baptista da Rocha disse, que sabe por ouvir dizer e ser verdade, que quem matou a Joaquim Pinto Cidade foi a tropa de Joaquim Pinto Madeira, quando elle com ella marchou a atacar o Crato.

12.ª João Ferreira da Mota disse, que quem matou a Joaquim Pinto Cidade foi Joaquim Pinto Madeira com sua tropa, quando marchou da Barra a atacar o Crato no sitio Burití, fuzilado.

13.ª João Ferreira dos Santos disse nada.

14.ª José Ciprianno do Rego disse, que sabe por ser publico, que as forças de Joaquim Pinto Madeira quando entrou as primeiras, que vinham adiante na Lagoinha, pegaram Joaquim Pinto Cidade a mandado do dito Pinto Madeira, que vinha atraz da força no Brejão, este mandou fuzilar, porém que não sabe quaes dos soldados foi que atirou em dito Cidade.

15.ª Felix Ferreira de Azevedo disse, que sabe por ouvir dizer, que quando Joaquim Pinto Madeira veio com

a tropa e forças, que pôde reunir, matou no sitio Brejão Joaquim Pinto Cidade.

16.ª Manoel do Bomfim de Azevedo disse, que sabe por ter ouvido os tiros, quando as tropas de Joaquim Pinto Madeira assassinou ao Europeu Joaquim Pinto Cidade, mas que não sabe elle testimunha qual o soldado ou soldados, que commetteram este crime.

17.ª José do Nascimento Silva disse, que sabe por ouvir dizer, que as tropas de Joaquim Pinto Madeira foi que mataram a Joaquim Pinto Cidade, por mandado do dito Pinto Madeira, pois se achando preso o dito Cidade, e indo Francisco Xavier de Matos dar parte de sua prisão veio do dito Pinto Madeira ordem para ser morto, e logo os soldados o mataram.

18.ª Dionisio José de Brito disse, que sabe por ouvir dizer, que quem matou Joaquim Pinto Cidade foi um filho de Francisco Xavier de Matos, de nome Antonio de tal, que, vindo na tropa de Pinto Madeira e tendo ordem do mesmo para ser morto o tal Cidade, foi o que lhe atirou.

19.ª Feliciano de Jesus disse, que sabe por ouvir dizer, que quem matou o Europêo Joaquim Pinto Cidade foi Joaquim Pinto Madeira com sua tropa, quando foi atacar a villa do Crato.

20.ª José Thomaz Junior disse, que sabe por ouvir dizer e ser publico, que Joaquim Pinto Madeira com sua tropa foi quem matou ao Europeu Joaquím Pinto Cidade, quando dito Pinto Madeira marchou com a força a atacar a villa do Crato no principio da sua revolução.

21.ª João Ferreira de Brito disse, que sabe por ouvir dizer, que quem matou ao Europeu Joaquim Pinto Cidade foi a tropa de Joaquim Pinto Madeira, que vinha adiante da força do mesmo, commandada por José Mauricio [1] na occasião que dito Pinto Madeira marchou á atacar a villa do Crato, no principio de sua revolução.

22.ª Faustino Pereira da Silva disse, que sabe por ouvir dizer, que quem matou o Europeu Joaquim Pinto Cidade foi Joaquim Pinto Madeira com sua tropa, que o mataram fuzilado, quando marcharam a atacar o Crato.

---

1 Morreu feito official de justiça na Fortaleza.

23.ª Maximiano Bezerra disse, que sabe por ouvir dizer, que quem matou a Joaquim Pinto Cidade foi Joaquim Pinto Madeira com a sua tropa, quando veio da Barra com a sua força contra o Crato no principio da sua revolução e no sitio Brejão, por ser o mesmo Cidade patriota.

24.ª Felix José Rodrigues disse, que sabe por ouvir dizer e ser publico, que Joaquim Pinto Madeira com a sua tropa, quando foi atacar a villa do Crato, no sitio Brejão, matou ao Europeu Joaquim Pinto Cidade no principio da revolução do dito Pinto Madeira.

25.ª Francisco Lourenço Bezerra disse, que sabe por ouvir dizer e ser publico, que Joaquim Pinto Madeira com sua tropa foi quem matou ao Europeu Joaquim Pinto Cidade, foi, digo, na occasião que marchou com a força contra a villa do Crato, por ser tal Europeu liberal, porém que não sabe quaes os soldados que foram os assassinos.

26.ª João Barboza Maciel disse, que elle testimunha sabe por vêr, que no mesmo sitio Brejão, quando Joaquim Pinto Madeira passou com sua força a atacar a villa do Crato, elle testimunha, indo fugindo pelo brejo, ouvio cinco tiros, que deram no Europeu Joaquim Pinto Cidade, por ser o mesmo patriota, porém quaes os soldados que fizeram o assassinio elle testimunha não sabe.

27.ª Francisco Ferreira de Oliveira disse, que sabe por vêr e presenciar, que, estando no sitio Brejão, vio quando chegou a tropa de Joaquim Pinto Madeira, e antes d'esta chegar tinha a guarda avançada do mesmo Pinto Madeira pegado ao Europeu Joaquim Pinto Cidade, em cuja guarda veio commandando Francisco Xavier de Matos, e logo que chegou o dito Pinto Madeira com a mais força, o tal Francisco Xavier lhe foi dar parte da prisão, e quando voltou foi gritando—praça vazia! e foi atirando no dito Cidade e seguio-se mais quatro tiros, que o botaram do cavallo abaixo, em que ia montado, logo morto.

28.ª José Alexandre Ribeiro disse, que sabe ser publico, que Joaquim Pinto Madeira com sua tropa e Francisco Xavier de Matos com a mais força assassinaram o Europeu Joaquim Pinto Cidade com cinco tiros, por

ser o mesmo Cidade patriota, na occasião que foram atacar a villa do Crato.

29.ª José Telles Ponciano disse, que foi a tropa de Joaquim Pinto Madeira, que matou ao Europeu Joaquim Pinto Cidade.

30ª. Eufrasio Rodrigues disse, que sabe por ouvir dizer, que a força de Pinto Madeira foi que matou o Europeu Joaquim Pinto Cidade.

N. B. A construcção foi perfeitamente guardada na cópia. As testimunhas eram quasi todas analphabetas.

PRONUNCIA

Os ditos das testimunhas por mim inquiridas obrígam á prisão e livramento de Joaquim Pinto Madeira, branco, casado, morador no Coité, termo d'esta,e a Francisco Xavier de Matos, branco, casado, morador no sitio Barreiras, termo da villa do Jardim. O escrivão os lance no rol dos culpados, e passe as ordens necessarias com segredo de justiça. Barbalha 31 de Outubro de 1832, 11°. da independencia e do imperio. *José Dias Azedo.*

PRONUNCIA DO JURY

O jury achou materia de accusação aos réos já pronunciados Joaquim Pinto Madeira e Francisco Xavier de Matos. Crato em sessão extraordinaria do primeiro conselho de jurados aos 2 de Outubro de 1834. Eu Joaquim de Macedo Pimentel, secretario, o escrevi.—Lima. P. Pontes. Ferreira. Souza Alencar. Carneiro. Sisnando. Briseno. Guerra. Olanda. Duarte. Alencar. Correia. Figueiredo. Domingos Gonçalves Parente. Albuquerque. Silva. Bezerra. Faro. Mendonça. Baptista. Baptista.

INTERROGATORIO

Aos 26 dias do mez de Novembro de 1834 etc. Perguntou-lhe o juiz o seu verdadeiro nome, respondeu

que o seu verdadeiro era Joaquim Pinto Madeira. Perguntou-lhe qual o motivo de ter mandado assassinar a Joaquim Pinto Cidade: respondeu, que elle réo não tinha cooperado para a dita morte, e sim que si elle réo soubesse, que o dito Cidade não era morto, pois que ainda depois de chegar livrou ao companheiro do dito Cidade, que não morreu, pois não conhecia ao dito Cidade, nem com elle tinha antecipações e que elle quem fez a dita morte foram as tropas, que ali vinham desenfreiadas, pois elle réo vinha para remir a vida. E mais não teve a responder etc.

LIBELLO

O promotor publico por parte da justiça accusa o R. Joaquim Pinto Madeira pela morte feita a Joaquim Pinto Cidade, e diz por esta ou pela melhor de direito.

E. S. N.

1.° Que, procedendo-se devassa no juizo ordinario d'esta villa pela morte feita a Joaquim Pinto Cidade no sitio Brejão no dia 27 de Dezembro de 1831, n'ella sahio juntamente pronunciado o R. Joaquim Pinto Madeira, como autor do assassinio, como se passa a mostrar.

2.° Que, tendo-se acclamado n'esta villa a S. M. I. o Sr. D. Pedro II, o réo como inimigo declarado do systema jurado revolucionario juntou as tropas do Jardim e com ellas, na qualidade de chefe commandante, marchou a atacar esta villa e bateu as tropas liberaes afim de desentronizar ao seu legitimo soberano, a pouco acclamado, como foi publico e notorio, dando de facto o primeiro ataque no logar Buriti, onde se encontrára com as tropas da legalidade; e mais

3.° Que, tendo Joaquim Pinto Cidade, morador n'esta villa, acompanhado como soldado as tropas de S. M. I. em marcha para a Barbalha, contra o R., que avançava para esta villa, aconteceu tomar differente caminho para aquelle logar e infelizmente cahio em poder das tropas do R., a cuja ordem fôra logo preso pelo ex-commandante,

o falecido Francisco Xavier Veneno, que commandava a guarda avançada do exercito faccioso.

4.° Que, sendo assim preso o mesmo Joaquim Pinto Cidade, não consentindo aquelle commandante Veneno que os soldados de sua quadrilha o matassem, como pretenderam logo, sem segunda ordem do R., e este fôra immediatamente participar a prisão, que havia feito e o R., sem temor de Deos e sem respeito ás leis, faltando a todos os preceitos da religião, ordenou, que o dito Cidade fôsse morto, a cujo terrivel decreto, obedecendo aquelle commandante e voltando immediatamente para onde se achava o preso, mandára, gritando, fazer praça vazia (sua propria expressão) e ahi com o maior horror assassinou o mencionado Joaquim Pinto Cidade, como exuberantemente se acha demonstrado e provado pelo depoimento constante de todas as testimunhas da devassa, affirmando principalmente de vêr e presenciar as testimunhas 26 e 27.

5.° Que o R. é homem máo, pessimo, sem religião, já afeito em matar, como se presencia de sua mesma conducta moral, por isso pronunciado em outras devassas de morte, pelo que deve ser afastado da sociedade como um ente pernicioso á mesma, impondo-se com todo rigor as penas da lei, justamente mencionada, e o documento junto demonstra a malvadesa do R.

6.° Que, nos propostos e conforme os de direito, o presente libello accusatorio deve ser recebido e o R. condemnado no maximo das penas do art. 192 do codigo criminal por ter commettido o crime com as circumstancias aggravantes exigidas pela lei; pois de tudo é fama publica, e assim confia a justiça. P. R. e cump. de just. P. P. N. N. e custas.—O promotor publico *Antonio Raimundo Brigido dos Santos.*

DOCUMENTO ACIMA REFERIDO

Carta (com a propria orthographia)

Illm. Sr. Roiz dos Santos—Resibi A sua de 27 deste condosida pelo Cabo de Cavallaria Manoel Antonio e de seu contesto respondo, que çendo verdade o que Vm.

manda dizer sobre o bacamarte tomado de hu liberal que antes ele fose morto, de que tomar as Armas, porém, como Vm. não md^a dizer quem tem o d^o B: determino que fique o mesmo Manoel Antonio com o d^o B. durante a guerra e Vm. obrigado a dar conta dele, çendo garnadeiro apresentando este ao comandante aquem pertencem. Estimo a sua saude e que seja feliz e Deus o Ge. Crato 30 de Maio de 1832. Illm. Sr. Sarhento Luiz Roiz dos Santos. *Joaquim Pinto Madeira com^e. da força.*

CONTESTAÇÃO

Joaquim Pinto Madeira, defendendo-se da accusação feita pelo promotor publico dos jurados d'este municipio do Crato pela morte feita em Joaquim Pinto Cidade, que se attribue ter sido a mandado do R. accusado, diz o mesmo por esta fórma e via de direito.

E. S. N.

1.º P., que não póde negar o Réo, porque consta do processo, segundo depuzeram as testimunhas do mesmo, se vê ainda que infundadamente fôra obrigado pelo juiz ordinario d'esta villa José Dias Azedo detêl-o a prisão e livramento pela morte feita ao Europeu Joaquim Pinto Cidade, e si pela culpa, como diz o mesmo processo, fôra o R. o perpetrador do assassino mencionado, sem declarar as circumstancias aggravantes declaradas no art. 192, circumstancias estas que para merecer a pena pedida no libello devia existir pelo mesmo direito, que ás primeiras vistas sem reflexão parece decretar e fulminar a pena do codigo, parece estar o R. exempto de similhante culpa.

2.º P., que o R. de facto marchou contra esta villa, segundo *in primis* diz o promotor publico, porém que jámais foi contra o systema jurado e a acclamação do Sr. D. Pedro II, nosso imperador; porque os povos do Jardim, havendo-se demittido de toda autoridade militar o supplicante, instava ameaçando-o com a morte, a que elle R. como commandante em chefe ao que não pôde apezar de todos os estorvos resistir o R., sem que offendesse os direitos allegados pelo promotor no libello com o medo da

morte, que lhe estava iminente, marchou o R. Joaquim Pinto Madeira, sujeito ás ordens da camara do Jardim e disposições da tropa que o opprimia.

3.º P., que Joaquim Pinto Cidade, no tempo que daqui marcharam as tropas de S. M. I., a favor de quem o R. promovia o bem publico, ainda que o quizeram criminar por inimigo, fôra ter a guarda avançada dos referidos soldados, que o obrigaram a marchar, e logo pela má conducta d'aquelles soldados fôra o mesmo Cidade, depois de preso, morto, sem que o R. de nada fôsse sabedor.

4.º P., que o R. jamais daria uma ordem extraordinaria para ser assassinado a um Brazileiro, porque sympathisando com os mesmos, jamais seria de seu natural brazileirismo para um tal e tão enorme crime.

5.º P., que o R. não foi quem mandou assassinar o falecido Joaquim Pinto Cidade e as provas citadas pelo promotor em seu libello não podem merecer a attenção para a condemnação pedida por este motivo, e pela prova da devassa e pelo que dos autos da culpa se vê espera o R. ser absolvido do referido crime, que se lhe imputa. Pois:

P., que nos propostos e conforme aos de direito a presente contrariedade deve ser recebida e dar-se logar á prova, julgando-se provada pelas testimunhas, que protesta apresentar, a sua innocencia, pois de tudo:

F. P.
P. R. e C. J.
P. P. N. N. e C.

Defesa (escripta)

Srs. jurados. Muito me apraz ter-vos por meus juizes hoje n'este dia. Si as vossas decisões coincidirem com as disposições das leis, quantos encomios não mereceis dos patriotas dignos. Eu pelo presente processo não sou R., como se inculca, e a minha prova mostrará! Clemencia, meus juizes, a lei não me impõe tanto rigor. Folheai o codigo, vêde suas determinações e decidi segundo a mesma lei. Consultai escrupulosamente as vossas consciencias e vereis pela accusação, que se me

faz, do mesmo processo, de que ella pende e se fórma o quanto milita a meu favor tudo quanto se diz no libello accusatorio. Não fui eu, senhores, quem mandou fazer o assassinio de Joaquim Pinto Cidade, e as minhas testimunhas o demonstram. A ser eu, senhores, apezar da mesma morte o confessaria, porque em mim existe animo completo para um tal acto. *Joaquim Pinto Madeira.*

TESTIMUNHAS DA DEFESA

1.ª João Barbosa de Souza, morador no Coité, disse, que sabe por ouvir dizer, que a tropa que matou Joaquim Pinto Cidade fôra a de Francisco Xavier Veneno, que quando Joaquim Pinto Madeira chegou ahi já elle estava morto.

2.ª Manoel Pires de Sena, morador no Farias, disse, que sabe por ouvir dizer, que a tropa de Francisco Xavier Veneno foi que matou Joaquim Pinto Cidade, e não sabe quem mais para isso concorreu, só sim que Joaquim Pinto Madeira era o commandante da força.

3.ª João Martins do Nascimento, morador no Coité, disse, que sabia por ouvir dizer, que a tropa de Francisco Xavier Veneno fôra que matou Joaquim Pinto Cidade, e que o chefe da força era Joaquim Pinto Madeira, porém que não sabe quem mandou fazer a dita morte.

> *N. B.* Estas testimunhas, vizinhas e pessôas da dependencia do réo, que se atreveram a ir depôr em sua defesa eram espancados ao sahirem, na porta do tribunal, na presença da força de linha. O réo, em vista d'isto, pedio ao advogado, que não fizesse depôr mais pessoa alguma.

QUESITOS

1.º Si existe crime no facto ou objecto da accusação.
2.º Si o accusado é criminoso.
3.º Em que gráo de culpa tem incorrido.

Sala do 2º. conselho de jurados da villa do Crato 26 de Novembro de 1834. *José Victoriano Maciel*, juiz de direito interino da villa do Crato.

RESPOSTA

O presente conselho do jury de sentença achou crime no facto e objecto para a accusação e o accusado criminoso, e o mesmo conselho é de commum parecer, que o réo está incurso no maximo do art. 192 do cod. do processo criminal por ser o crime de circumstancias aggravantes mencionadas no art. 16 do mesmo cod. ns. 11 e 17 do mesmo artigo. Sala das sessões do 2°. conselho do jury ou jure de sentença em 26 de Novembro de 1834. Eu, Antonio Ferreira Lima Sucupira, secretario, o escrevi. *José Gregorio Tavares, P. Raimundo José Camello. Manoel Joaquim Carneiro. José Romão Baptista. Raimundo Gonçalves Parente. Manoel Carlos da Silva. Roque de Mendonça Barros. Antonio de Oliveira Carvalho. Raimundo Pedroso Baptista. José Ferreira Castão. Antonio Luiz do Amaral.*

SENTENÇA

A' vista d'estes autos e da interrogação ao réo Joaquim Pinto Madeira e na conformidade da lei, art. 192 do cod. criminal, e achando-se o mesmo réo incurso nas penas do dito art. 192, pelas circumstancias estabelecidas no art. 16 do mesmo codigo ns. 11 e 17, e o mais qne se acha escripto nos mesmos autos, que tudo foi por mim lido e examinado, além de muitos outros crímes horrorosos de que se acha o réo accusado, confirmo o parecer do segundo conselho de jurados, e condemno o mesmo réo Joaquim Pinto Madeira no maximo das penas do mencionado codigo art. 192. O escrivão intime a presente sentença ao réo e apresente ao juiz criminal para cumprir na fórma da lei. Cumpra assim. Villa do Crato 26 de Novembro de 1834. *José Victoriano Maciel,* juiz de direito interino.

EXECUÇÃO

Certifico, que, sahindo o réo Joaquim Pinto Madeira com sentença de pena ultima pelo conselho de jurados d'esta villa e com o juiz de direito interino o tenente-coronel José Victoriano Maciel, a qual se passou a cumprir da fórma seguinte: Estando no calabouço, donde foi transferido para o oratorio e dahi fôra conduzido depois das 24 horas por lei marcadas com todos os sacramentos da igreja, e então sendo conduzido ao patibulo escoltado pela força, que da capital com elle foi vinda, e com as mais que se achavam n'esta villa, que para o dito fim foram notificadas, com assistencia do juiz de direito interino o capitão Antonio Ferreira Lima e o juiz de paz criminal Antonio Vicente de Moura, commigo, escrivão do seu cargo, e então por não haver carrasco fôra o dito réo sentenciado fuzilado na fórma da lei e tudo isto com assistencia dos Rvs. José Joaquim de Oliveira Bastos e padre José Felix dos Santos, secretario do visitador; do que para constar dou a minha fé. Villa do Crato em 29 de Novembro de 1834.* O escrivão *Antonio Duarte Pinheiro.*

---

* Sobre o dia da execução da sentença, veja-se o cap. X retro

CIDADES PETRIFICADAS E INSCRIÇÕES LAPIDARES

NO

BRAZIL

Memoria lida perante o Instituto Istorico e Geografico Brazileiro

EM SESSÃO DE 9 DE DEZEMBRO DE 1886 *

PELO SOCIO EFETIVO

Tristão de Alencar Araripe

§ 1. *Tribus incultas*

Na época do descobrimento do Brazil o vemos ocupado por uma população analfabeta e balda de architetura, sendo por consequencia incapaz de produzir monumentos literarios e architetonicos.

Si pois no Brazil verificarmos a existencia de antigas inscrições e de cidades abandonadas, devemos concluir, que na nossa terra subzistio um povo civilizado, que n'ella precedeo ás tribus erradias encontradas pelos Portuguezes no seu advento ás plagas brazilicas, e foi o escultor d'essas inscrições e o edificador de taes cidades.

No Mexico e no Perú duram ainda os vestigios de adiantada cultura, que possuiam as populações obedientes aos incas e ao celebrado imperador Montezuma, quando os Espanhoes fizeram a conquista d'esses paizes. Ellas erguiam verdadeiros monumentos architetonicos, e expressavam os seus pensamentos por meio de sinaes duradouros.

---

* Conserva-se a orthographia sonica do original, a pedido do autor e por accôrdo da commissão de redacção, na conformidade do que o Instituto tem tolerado, e consta de suas sessões em 1883 e 1884. (*N. da R*).

Os quipos no Perú, e os dezenhos no Mexico constituiam engenhozos sistemas, que satisfaziam o mister dos nossos caractéres alfabeticos, e eram capazes de transmitir-se á posteridade.

Nenhuma couza similhante axou-se no Brazil ao tempo do seu descobrimento entre as tribus indigenas, que n'elle viviam em completa selvageria sem outros edificios mais do que mizeraveis cabanas de passageira duração, e sem outra expressão do pensamento além da vóz e do aceno.

Não fôram pois essas órdas bravias, que construiram cidades e gravaram inscrições.

De subida importancia é investigar, si efectivamente no sólo brazileiro existem inscrições de caracteres ignotos e cidades soterradas e escondidas nas brenhas ; porque, si xegarmos a rezultado afirmativo, teremos assás avançado no conhecimento da archeologia, oferecendo á istoria do omem novas teorias e novas idéas sobre as revoluções, porque tem elle passado n'este globo sublunar ; a antropologia e a etnologia farão novas conquistas.

§ 2. *Inscrições*

Não é recente a tradição sobre letreiros esculpidos em penedos de varios pontos do nosso paiz.

Quando o naturalista Elias Eckerman viajou no centro dos dominios olandezes do Brazil em 1641, por ordem do conde João Mauricio, revelou a existencia de uma prezumida inscrição gravada em pedra nas margens do rio Parahiba, e desde entam repete-se a fama de letreiros em penedias aqui e acolá, gerando a crença vulgar que aceita como letreiros lapidares esses caracteres mais ou menos regulares observados em diversas localidades do nosso territorio. Bem ou mal a fantazia os engendra, e os divulga na opinião popular.

Na serra do Assuruá na provincia da Bahia, na serra de Anabastabia em Minas, nas margens do Japurá no Amazonas, no distrito do Inhamun e outros no Ceará,

no Apodi no Rio-grande do Norte, na serra do Teixeira, ramo da Borburema, na Parahiba, e em varios outros sitios do nosso territorio apontam-se penedos, lages e cavernas, onde vêm-se configurados dezenhos mais ou menos informes, a que dam o titulo de letreiros ou inscrições; e em Cabofrio é conhecida a pedra, onde estam certos caracteres, que o vulgo denomina letras do diabo.

Esses letreiros sam uns em caracteres debuxados, outros em incizões na pedra, e outros finalmente em dezenhos de tinta vermelha, como sam alguns do Assuruá, da serra do Teixeira e do Inhamun.

Um dos caracteristicos notaveis de taes letreiros é, que elles axam-se sempre em grandes pedras, e em face liza e aprumada, indicio de operação inteligente.

Nos nossos certões a gente inculta e ignara reputa esses letreiros como obra dos Olandezes ou Flamengos, conforme vulgarmente dizem, não cogitando siquer na possibilidade da existencia de um povo civilizado em nossas terras, anterior á ocupação olandeza.

Ao eximio Aires do Cazal não pareceu inadmissivel essa opinião vulgar, quando, falando dos letreiros da serra do Teixeira, considera natural, que os caracteres desconhecidos da população vizinha sejam germanicos ou goticos.

De 1799 a 1806 o padre Francisco de Menezes percorreu com animo investigador, embora pouco criteriozo, os nossos certões do norte, escrevendo o rezultado de suas observações n'uma obra, que intitulou *Lamentação Brazilica*, e que posteriormente ofereceu ao entam principe regente, depois rei de Portugal e do Brazil, D. João Sexto.

Era o referido padre de raça indigena e elle mesmo qualificava-se de pobre indio do Brazil. Viveo nos certões do Ceará e Rio-grande do Norte por dilatados annos, e os percorreu dominado pela idéa de dinheiro metalico e alfaias preciozas soterradas pelos jezuitas e principalmente pelos Olandezes, inquerindo das riquezas que elle denominava cabedaes e tezouros escondidos, e da existencia de metaes valiozos.

Nas suas investigações notava tudo quanto parecia inculcar a sonhada riqueza; por isso pedras assinaladas

por pinturas, pregos cravados em arvores, restos de artefactos de ferro e louça foram consignados na sua obra; e dahi veio termos a indicação das róxas cobertas de caracteres e figuras ignotas, certamente merecedoras de minuciozo exame.

Elle menciona mais de 100 lugares, onde axam-se taes letreiros, guiando-se pela narração de pessoas ignorantes e credulas, que na sua rustica simplicidade denunciavam as localidades, cujos roteiros ficaram apontados para futuras indagações.

Convenho, que grande parte das noticias assim colhidas, depois de verificadas, não passarão de fantasticas creações de mentes exaltadas pelo gosto das maravilhas, ou de fabulas absurdas; todavia parece não devermos desprezar peremptoriamente as crendices do ingenuo sacerdote; por isso extrahi da sua obra uma nota completa das indicações de letreiros lapidares por elle dadas, trasladando as proprias palavras do autor, para que o leitor por si aprecie a noticia, e a critique em seus proprios termos.

E' enfadonha a leitura d'essa nota pela monotonia dos factos; cumpre porém prestar-lhe atenção, combinar as circunstancias minimas apontadas em cada artigo, para fazermos conceito geral d'este objéto, que ao primeiro impulso se nos afigura futil e vão.

Ponderadas as informações, observamos a concordancia de tantas pessoas em testimunharem o facto uniforme da existencia de caracteres indicativos da ação do omem em tantas e tam diversas localidades; e dahi essa força, que nos quer persuadir, sinão da realidade dos simbolos notados nas pedras, ao menos da possibilidade d'elles.

Póde a imaginação em veios e sulcos naturaes dos roxedos ver letras e sinaes expressivos do pensamento umano; não póde porém o mais fantasiozo cerebro iludir-se para confundir riscos e linhas irregulares de fortuita corrozão das róxas com os dezenhos da conformação do omem e dos brutos animaes.

Figuras de entes umanos e creaturas irracionaes sam viziveis e distintas em inscrições lapidares do Brazil,

segundo o denunciam repetidos testimunhos; e sendo assim é visto entrar ahi o esforço inteligente: n'este cazo encarando o monumento somos forçados a esclamar com o afamado Elmano Sadino, quando fitava a obra pavoroza do fanatismo sacerdotal:

Dos omens o pincel e a mão conheço!

Supôr porém, que essas figuras não existem, e que tanta gente conspira para o triunfo da mentira e do engano, não é razoavel; e quando porventura não creiamos nos inculcados letreiros, cumpre ao menos aceitar a noticia como incitamento á investigação da verdade.

O autor da *Lamentação Brazilica* copiou algumas inscrições lapidares, que lhe fôram mostradas em suas peregrinações certanejas, e nós aqui as damos em seguimento á sobredita nota com as explicações locaes, que acompanham os dezenhos.

As inscrições apontadas são ora abertas a cinzel, ora lavradas com tinta encarnada e ás vezes preta, como dos respectivos artigos se verá; cumprindo aqui observar a generalidade do facto: — a mesma industria gravou essas inscrições do sul ao norte do Brazil.

Em todos os pontos, em que ellas aparecem, sam de ambos os generos, incizas ou pintadas.

Na fórma os caracteres tambem denunciam um principio commun: — a parecença d'elles. Encontra-se similhança e ás vezes identidade de fórma de caracteres em inscrições de lugares distantes; e não convem desprezar a circunstancia da similhança de sinaes das inscrições lapidares com certas pinturas de ornato dos vazos e outros artefactos ceramicos encontrados ultimamente na ilha de Marajó, que vam servindo de curiozo objéto de estudos archeologicos.

Não é improvavel a realidade de taes letreiros, nem o aparecimento de outros monumentos pre-colombianos no Brazil, quando aliás os sabios acreditam na existencia de um povo civilizado nas nossas terras antes do descobrimento d'ellas feito pelos Portuguezes.

O ilustre doutor Carlos de Martius assim o pensava,

e em carta dirigida ao nosso instituto istorico elle se expressa nos seguintes termos:

« Emquanto aos meus estudos sobre a istoria primitiva dos autoctones do Brazil e da America em geral, consta-me como facto geral, que toda a povoação primitiva das Americas viveo em tempos remotissimos em estado mais civilizado do que aquelle em que axamos tanto os Mexicanos do nosso tempo ou outros povos montanhezes, como os indios selvagens do Brazil. Toda esta povoação, sem duvida muito mais numeroza, cahio de uma pozição muito mais nobre por diversas cauzas... Os meus estudos apontam para o Brazil o lugar, onde rezidem ainda as maiores lembranças do tempo antigo, e vem a ser os matos entre os rios Xingú, Tocantins, e Araguaia. Ali rezidem decendentes dos antigos Tupis (os Apiacás, Gês, Mondurucús etc.), que ainda falam a lingua tupica: elles devem ser considerados como depozitarios da mitologia e tradição, e restos de alguma civilização dos tempos passados. N'esses lugares talvez se possam encontrar ainda alguns vestigios, que derramem luz sobre as cauzas da prezente ruina d'esses povos. Mas infelizmente ainda ninguem lá foi estudal-os.»

Si pois existio em nossas terras um povo civilizado em remotas eras, porque duvidarmos, que deixassem elles monumentos como essas inscrições lapidares?

O nosso finado consocio general Cunha Matos, um dos fundadores do instituto istorico e geografico brazileiro, não repelio a idéa da existencia de letreiros de caracteres desconhecidos no Brazil. Falando da tradição relativa ao apostolo São Tomé como autor dos letreiros, que se dizem gravados na Serra-das letras em Minas, elle diz no seu *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará*:

« Eu não vi estes caracteres, e estou persuadido, que são dendrites; posto que não se póde negar a existencia de ieroglifos de um povo antiguissimo em varios lugares do Brazil, assim como não me atrevo a negar a existencia de um Sumé, que bem podia ser companheiro ou discipulo de Manco Capac, ou apostolo dos antigos legisladores, que introduziram um culto religiozo muito filozofico

no Mexico, Guatimala e Nova-Granada, como testificam os maravilhozos e estupendos monumentos, que, ha poucos annos a esta parte, se tem encontrado. »

Eis como pensa um sabio investigador dos factos da nossa istoria patria, o qual assim nos incita a não desprezar como chimera a noticia de letreiros lapidares no Brazil, devendo antes convertermos o assunto em materia de nossos estudos.

Nem é oje licito duvidar da existencia de antiquissimas inscrições lapidares no Brazil, sobretudo depois que o nosso preclaro consocio doutor Ladisláo Neto, cujos estudos antropologicos já excitam a atenção dos sabios europeos, publicou nos *Annaes do muzeo nacional do Rio de Janeiro* o letreiro da pedra de Itamaracá no rio Xingú, bem como outros copiados no Amazonas, Rio-negro e Madeira.

Tratando da emigração dos povos primitivos no nosso sólo, elle diz :

« De todo este martirologio, não de um só individuo, mas de uma nação inteira, ficaram ali perpetuadas diversas tradições em caracteres profundamente gravados, que nenhum Champolion soube ainda decifrar. Quatro grandes problemas se nos deparam a respeito das inscrições deixadas por essas varias peregrinações proseguidas em todo o sólo americano : a direção geral tomada pelas nações emigrantes ; a significação de similhantes inscrições ; as épocas em que se efectuaram as diversas emigrações ; e os instrumentos de que se serviram os foragidos para abrir em durissimas róxas a breve istoria dos seos itinerarios. No Brazil em particular é quazi possivel determinar as paragens, por onde esses singulares monumentos foram deixados ; sam os vales dos grandes rios. »

Embora seja cedo para emitir juizo sobre a significação dos letreiros lapidares no Brazil, a verdade é, que cumpre investigar, e investigar com empenho sobre a sua natureza, afim de que se nos descortine esse caliginozo passado, tam manifestamente indicado n'esses admiraveis monumentos.

A fama, de que na montanha da Gavia, tam proxima de

nós, existia um letreiro de grandes proporções, despertou a solicitude d'esta nossa respeitavel associação, e ella mandou uma commissão de seu seio proceder a conveniente pesquiza, afim de analizar e copiar a inscrição.

Na *Revista Trimensal* de 1839 axamos o parecer da ilustrada commissão acompanhado do dezenho respectivo.

Não foi sómente esse trabalho, que os nossos antecessores tentaram acerca d'essas inscrições lapidares; e do relatorio do nosso secretario perpetuo, aprezentado na sessão anniversaria de 1840, consta, que um nosso consocio, o finado Pedro Clausen, foi incumbido de examinar a Lapa-das pinturas em Minas, onde se dizia aver letreiros em caracteres ignotos.

Elle dezempenhou a commissão, copiando os dezenhos ali encontrados; mas infelizmente esses dezenhos ja não aparecem em nosso archivo.

§ 3. *Cidades*

A existencia de cidades abandonadas no interior dos nossos extensos e inexplorados bosques tem sido por vezes annunciada, e bem conhecemos o empenho, com que este instituto procurou verificar a noticia dada em um roteiro escrito em 1753, e encontrado ultimamente na biblioteca nacional d'esta côrte.

Descrevia-se ahi o aparecimento de ruas, praças, colunas, cazas, utensis e outros objétos, que denunciavam as ruinas de uma antiga cidade existente nos certões da provincia da Bahia.

O conego Benigno da Cunha, nosso consocio, oje falecido, incumbio-se da investigação e descobrimento da inculcada cidade; nada pôde elle conseguir, queixando-se da falta de recursos para uma indagação completa; e assim continúa problematica a existencia das ruinas descritas no roteiro.

Na *Revista Trimensal* de 1845 estam as communicações relativas a este assunto.

§ 4. *Opiniões*

Para uns os intitulados letreiros não passam de figuras irregulares, que nos roxedos se destacam pela ação chimica da atmosfera, que corróe as partes menos consistentes das róxas para deixar debuxados os veios mais rijos ; para outros porém esses estranhos caracteres reprezentão efectivamente obra do omem, que n'elles pretendeo fixar a lembrança de seos feitos.

Para uns a noticia de cidades ocultas nas selvas e denunciadas por vestigios de cazas, ruas e praças é mera fabula rizivel, creada pela imaginação de pessoas credulas, que taes couzas vêem em montões de pedras e outras materias informes mais ou menos caprixozamente dispostas pela natureza; para outros porém essas pedras sam ruinas magestozas significativas de opulentas cidades, que nos irão manifestar a extinta atividade de uma população numeroza, culta e industrioza.

O nosso douto corografo Aires do Cazal mostra desconfiar da realidade de taes monumentos, quando, falando de um d'esses letreiros, assim se exprime : As pretensas letras, que não passam de toscos e ilegiveis geroglificos, e que a ignorancia do povo atribue á mão do apostolo São Tomé, devem o seo principio a particulas ferruginozas, segundo parece. »

A commissão examinadora da inscrição da Gavia não recuza crer na possibilidade da existencia de letreiros de caracteres desconhecidos, quando, depois de varias ponderações acerca da dificuldade de rezolver a questão, diz assim : Mas a commissão, senhores, vindo perante o instituto istorico e geografico dar conta da sua missão, está longe de protestar solenemente contra a idéa de ser ou não uma inscrição aquelles sulcos ou traços, que encontram-se no cume da Gavia. »

Emquanto a cidades abandonadas no centro das nossas terras, o sabio doutor Carlos de Martius, benemerito investigador das couzas do Brazil, declara, que « não é inverosimil, que se encontrem no meio das nossas florestas, ainda não devassadas sinão em diminuta porção, ruinas de antigas cidades.

Vê-se por tanto, que autoridades mui competentes não recuzam *in limine* a idéa da existencia no Brazil de inscrições desconhecidas e cidades destroçadas; e n'este cazo o instituto istorico e geografico brazileiro, que já incetou investigações sobre esta materia, não dezistirá do seo propozito.

Em todo o cazo o assunto é de sumo valor para merecer clara solução. Ou reconheçamos a fantazia dos letreiros, ou os verifiquemos como reaes.

Si com efeito as ruinas de grandes cidades subzistem, e si as inscrições sam produto da industria umana, todo o trabalho será bem compensado. Das ruinas tiraremos innumeras deduções, e as inscrições decifradas nos revelaráõ um mundo até aqui ignorado.

Largo orizonte se nos descortinará, mostrando-nos a America outr'ora culta, e depois subvertida por medonha catastrofe da natureza; surgindo talvez das trevas a tam decantada e tam duvidoza Atlantida.

Si porém nada é real, e tudo é produto da fantazia ou especulação da fraude, dezenganemos-nos, e cessem as conjeturas.

§ 5. *Metodo e rezultado*

Procuremos pois reconhecer os pontos indicados como cidades abandonadas, e as configurações inculcadas como inscrições.

Das prezumidas cidades percorramos as situações, estudemos a fórma dos supostos edificios, a natureza dos objétos ahi encontrados, e facil será reconhecer, si ha ruinas de cidades, ou meros montões de pedras aglomeradas e justa-postas pelas forças naturaes.

Das inscrições apontadas copiemos os caracteres e os modelemos, fazendo d'elles convenientes coleções para os compararmos entre si, e poder verificar pela conformidade de seos traços, ou pela disparidade de suas formas,

si efectivamente sam artefactos do omem, ou caprixos da natureza.

Não devemos duvidar, que no Brazil venhamos ainda a descobrir letreiros e cidades escondidas nas selvas, quando no Mexico pacientes indagações têem descoberto, depois do aparecimento de Palenca, outras cidades e portentozos monumentos dos Astécas e seus predecessores.

Entam surgirá no Brazil novo Champolion Figeac para descortinar o tenebrozo cáos do mundo americano, como esse espirito lucido e investigador desvendou no Egipto as épocas niloticas com a decifração dos geroglifos.

Façamos a nossa epigrafia ante-cabralina, analizemos os caracteres, critiquemos as inscrições, e a arte epigrafica poderá talvez no futuro revelar arcanos, de que oje mal podemos cogitar.

O estudo das inscrições gregas e latinas, que os sabios por toda a parte colhem, arrancando-as de sob as camadas superiores da terra, que constituem preciozo archivo da umanidade, constantemente nos aumentam as noções istoricas, e nos dam novas luzes para conhecer a antiguidade, que os autores subzistentes ao cataclisma da barbaria da media idade não nos explicam assás.

§ 6. *Intento das observações*

Faço estas observações para xamar a atenção dos meos ilustrados consocios sobre dous factos dignos de sérias pesquizas, e vem a ser a noticia de uma cidade petrificada no Piauhi publicada pela imprensa, e a communicação a mim feita sobre uma inscrição lapidea das margens do Xingú.

A noticia da cidade petrificada consta de artigo impresso em uma gazeta da provincia do Ceará, sob a assinatura do cidadão Jacome Avelino, descrevendo ruinas monumentaes existentes no municipio de Piracuruca da provincia do Piauhi.

A leitura d'esse artigo despertou a minha curiozidade, e quazi incredulo diante da maravilha apregoada, procurei informações, e do doutor Simplicio Coelho de Rezende, deputado pela mesma provincia, obtive a asseveração de ser constante ali a existencia das ruinas supraditas.

Não seria dezacertado dirigirmos-nos ao prezidente do Piauhi, solicitando informações, que lhe seria facil obter e transmitir-nos.

Emquanto á inscrição das margens do Xingú, ella consta de um memorial, que dirigio-me o nosso digno consocio Domingos Soares Ferreira Pena, atualmente rezidente no Pará, onde presta bons serviços ás letras patrias, proseguindo em suas proficuas investigações etnologicas.

Axava-me na prezidencia d'essa provincia, quando recebi o memorial, e determinava aproveitar a commissão, que um engenheiro devia dezempenhar n'aquellas paragens, para incumbil-o de averiguar a inscrição : a minha retirada para esta côrte porém motivou a inexecução de similhante dezignio.

O atual prezidente do Pará talvez possa realizar alguma diligencia n'esse sentido, sendo-lhe enviada copia do memorial.

Para siencia dos ilustres colegas passo a ler o artigo noticiozo e o memorial.

Rio 9 de Dezembro de 1866.

T. Alencar Araripe.

Post scriptum

Depois de lida esta memoria em sessão do instituto istorico e geografico brazileiro de 9 de Dezembro ultimo, vi publicada no Jornal do Commercio a noticia do aparecimento de uma inscrição lapidea no lugar Dorá do municipio da Faxina na provincia de São-Paulo.

Obtendo copia d'essa inscrição, confrontei-a com os letreiros copiados nos certões do Ceará pelo padre Francisco de Menezes, e mais se corroborou em mim a idéa de que taes letreiros podem ser verdadeiros produtos da industria umana, e que justo motivo temos para opinar pela necessidade de exame d'esta materia.

Na inscrição do Dorá vemos sinaes parecidos com alguns dos supraditos letreiros, e dezenhada a figura do omem e de membros do seo corpo, como ali.

A inscrição do Dorá é real e verdadeira, e não mentirozo conto de pessoas rusticas e imaginozas, que se enganaram ou quizeram enganar.

Si no sul do Brazil existem letreiros nos penedos, o mesmo póde suceder em terras do norte.

Cumpre investigar; e d'essa investigação póde surdir luz inesperada.

O padre Francisco de Menezes menciona uma inscrição lapidar no sitio Pedra-pintada da provincia da Parahiba, donde nos xega a copia d'essa inscrição tirada pelo engenheiro de minas Silva Retumba, acompanhada de algumas considerações feitas por esse engenheiro acerca da inscrição, a qual anexamos aos dezenhos do sobredito padre.

Agora mesmo lemos nas gazetas da provincia do Amazonas, que nas proximidades de Manáos descobrio-se em uma escavação um fragmento de estatua de marmore perfeitamente trabalhada. Quantas maravilhas talvez ainda nos não revelerá o revolvimento do sólo brazilico?!

Cumpre verificar a exatidão da noticia, e estudar o fragmento, si é real é o seu aparecimento.

Rio 24 de Março de 1887.

T. Alencar Araripe.

Cidade petrificada no Piauhi

Sete-Cidades. Na provincia do Piauhi, ao sul da vila de Piracuruca, na distancia de 5 leguas, á vista da fazenda do Bom-Jezus, em uma grande planicie, axa-se o lugar denominado Sete-Cidades, que os moradores adjacentes têem por encantado, e d'elle contam muitas versões, que não passam de supertições, e por isso deixo de mencional-as.

Não ha ali mais do que uma cidade petrificada ou construida por um *povo antiquissimo e civilizado*, de que já não temos mais noticia, existindo sómente aquelles vestigios.

Tem n'ella sete praças, e é claro, que dali lhe venha o nome de Sete-Cidades, confundindo-se com o das sete praças.

Oitenta e cinco leguas não me obstaram a ir vizitar aquelle lugar, onde demorei-me trez dias. A sua vista pitoresca inspirou-me dezejo de maior demora, mas... a cidade não fala!... não se move!... mesmo assim faz sismar!

Uma muralha, que volta as portas para o centro, fazendo a entrada por léste, para a cidade, por onde sómente pode passar um carro de cada vez, cérca aquelle lugar, que póde ter de circunferencia uma legua mais ou menos.

Aquella muralha, que póde ter 6 metros de altura e 4 de largura, mais ou menos, é para léste toda coberta de peças de artilheria, juntas umas ás outras e pregadas na muralha, de fórma que ninguem poderia tirar dali sem precizar muita arte. O comprimento das peças mede a largura da muralha.

Para o lado do norte oculta-se n'um bosque, que vem de longe ali esbarrar.

Para os outros dous lados, tem um certo numero de torres, que fazem lembrar um lugar de guarnição; visto que todo o seu aspecto é de uma praça forte.

Suas ruas sam bem alinhadas; as cazas sam todas ao geito de tacaniça, e separadas umas das outras, por onde póde passar um omem, e todas têem uns regos, que fingem

o telhado. As pedras das cazas e torres sam impenetraveis, mais ou menos brancas, por serem d'uma especie de pedra de amolar. Bem diferentes sam as pedras da muralha, por serem de uma tempera mais dura. Bem parece, que o fogo ali teve sua influencia, pois se diferençam camadas, dando aparencia de materia fundida.

Mais diferentes ainda sam as pedras das peças, porque se assimilhão na côr ao ferro velho enferrujado, e si não ouvésse aquella diferença de côres, dir-se-ia, que muralhas e peças aviam sido fundidas de uma vez.

Quando anteriormente vizitei este lugar, as peças estavam xeias de uma areia alvissima, breada em alguma amalgama, mas que facilmente se dezentupiam, como fiz com uma até o meio.

Um arco de abobada guia o absorto vizitante ao sahir da primeira para outra praça, como todas as mais, coberta de arvoredos.

A planicie, onde está sentada a cidade, é cortada ao lado de léste, a qual se póde xamar de terra talhada. Este talhado fica distante da muralha cerca de 20 metros, e outros 20 podem medir sua decida um tanto rapida.

Da primeira e maior praça, que ali existe, rebenta um fio d'agua, convertendo-se em um corrego, a pouca distancia, o qual vae-se engrossando, e á proporção que se prolonga, sae por um pequeno boeiro feito na muralha, e, a poucas braças de distancia, dezaparece de todo, para mais tarde renacer ao pé do talhado com mais força, afim de refrescar uma grande quantidade de fruteiras, taes como a manga e a jaca, que, vegetando em suas margens, compõe um magnifico panorama ao comtemplar-se da cidade.

Sae dali o vizitante pensativo: olha para traz, vê as cupulas do elevado torreão; depois de caminhar uma legua, surprende-lhe: aqui uma pequena rua, ali seis, oito cazas, depois mais duas e trez... similhante aos restos de um grande lugar, e á noite luta em sonhos com aquelle portento!

Jacome Avelino.

Constituição (gazeta publicada na capital do Ceará) de 1886.

Inscrição copiada no Xingú

Illm. e Exm. Sr. Conselheiro Tristão d'Alencar Araripe.

No intuito de conhecer praticamente o curso inferior do Xingù, parti em 1879 para este rio até as ilhas de Souzel, onde ospedei-me no barracão do meu velho amigo major Jozé Leocadio de Souza, a quem pedi meios de condução para poder xegar ao menos até a grande caxoeira de Itamaracá.

O major ofereceu-se generozamente para acompanhar-me e levou-me em sua galeota, que, por demandar muita agua, não pôde transpor uma corredeira um pouco forte. Tivemos pois de deixal-a ali, e saltando para terra ou, mais exactamente, para cima de penedos amontoados em dezordem uns sobre outros, abrimos dificil caminho por entre elles e através de plantas rupestres até perto da caxoeira, distancia de 3 a 4 milhas ácima do ponto em que ficou a galeota.

O guia, seguindo as instruções do major, em vez de levar-nos dirétamente á caxoeira, conduzio-nos até a pedra de Itamaracá, 200 a 300 braças ao norte da caxoeira, e no meio da ilha formada pelos braços do rio xamados Itamaracá e Nanaindêua.

Quando avistei a pedra, parei de subito, sorprehendido pelo espetaculo, tam extranho como imponente, que ella me oferecia ; era um amplo e admiravel painel, que se elevava diante de mim á similhança d'um quadro de salão. Era uma suberba inscrição esculpida em baixo relevo, mas realçada por traços d'um amarelo profundo sobre a face plumbeo-escura e perfeitamente aplainada d'um fonolito *, que, tangido por outra pedra ou por um martelo, emite um son metalico muito similhante ao de um sino.

Apezar de extremamente fatigado e a despeito mesmo da minha impericia na arte, assentei-me ao xão e

* No 6° volume dos *Archivos do Museu Nacional* classifica-se esta pedra como diorito; mas eu tenho axado fundamento mais solido para não aceitar esta classificação.

comecei a esboçar a inscrição. Apenas porém decorridos alguns minutos, fui advertido de que era urgente partir d'aquelle sitio para atravessarmos ainda com dia o asperrimo caminho, que tinhamos trilhado, afim de xegarmos á corredeira, em que deixamos a galeota.

Era já tarde com efeito, e ao avizo do guia não avia que replicar. Tomei *de memoria* os traços principaes da inscrição ainda não dezenhados, afim de completar em caza o esboço, e, na firme intenção de voltar ao mesmo ponto no anno seguinte, parti na réta-guarda da caravana.

Circunstancias poderozas conspiraram-se de modo a me privarem de voltar ao Xingú no anno seguinte e nos dous subsequentes, e agravando-se a molestia que acommeteu-me n'aquella viagem, mais propria para omens robustos do que para omens já enfraquecidos pelo pezo dos annos, como eu, tentei contratar com um artista ábil, que era tambem fotografo, aquelle trabalho que eu não podia jámais executar; mas nada consegui por ter-me o artista declarado, que não faria o serviço por menos de 800$000; quantia que eu não podia despender sem grande sacrificio.

Repugnando-me comtudo abandonar o meu intento, xamei um famulo, que sempre acompanhou-me nas minhas viagens ao interior da provincia, e dando-lhe instruções praticas sobre o modo de obter um *molde* da inscrição, dei-lhe os materiaes necessarios e despaxeio-o para o Xingú em 18 de Dezembro, confiando muito sómente na sua inteligencia natural, visto faltar-lhe toda a sorte de instrução exceptuada a primaria, e essa mesma rudimentaria.

Regressou, trazendo-me não o molde (de que apenas obteve dous fragmentos ou estampas em folhas de papel), mas uma cópia da pintura, declarando-me que, por estar o sitio já invadido pelas aguas das caxoeiras, e não ser o papel de bôa qualidade, não lhe foi possivel apanhar sinão a pintura e aquellas trez folhas de molde mal estampadas.

Estas folhas entretanto tiveram o merito de mostrar-me, que a pintura não acompanha sempre as gravuras,

afastando-se d'estas as vezes 3 a 4 centimetros ; com o que torna-se sem valor a pintura, ou, por outra, torna impossivel a decifração da inscrição.

Mas... em falta de couza melhor, mandei essa *pintura* imperfeita ao doutor Ladisláo Neto, director geral do muzeu nacional, acompanhada das explicações principaes que acabo de mencionar em suma, pedindo-lhe que com urgencia mandasse ao Xingú um artista ábil para obter o molde ou *fac-simile* da inscrição. Atendeu elle a este pedido, incumbindo o trabalho a um omem realmente capaz de executal-o por ser abilissimo dezenhista ; mas este artista (Gustavo Rumbellspoger), que o doutor Ladisláo Neto avia incumbido de colher a maior quantidade possivel de *cacos,* e toda a sorte de artefactos ceramicos, cujo estudo constitue na linguagem vulgar a *siencia de potes quebrados,* gastou toda a estação favoravel (de Setembro a Dezembro) na ilha do Pacoval do Ararí, e quando dali regressou, era já muito tarde ou fóra de tempo para poder xegar á pedra de Itamacará, e retirou-se para a côrte.

V. Ex. terá visto no 6°. volume dos *Archivos do Muzeu Nacional,* entre as principaes estampas, a da inscrição do Itamaracá, e no testo d'esse livro o que a respeito d'ella escreveu o laboriozo e sabio diretor geral d'aquelle nosso primeiro estabelecimento sientifico.

Expondo por esta fórma o facto da existeucia na citada inscrição e os esforços, que em vão tenho empregado para obter um molde d'esse notavel monumento archeologico, talvez muito anterior á fundação do imperio dos incas, tenho por fim submeter ao esclarecido juizo de V. Ex. tudo quanto fica referido, para que, como omem sientifico, tome sob sua valioza proteção este assunto, que tam de perto interessa ás investigações dos americanistas. V. Ex. faria á archeologia e antropologia no Brazil um serviço de incalculavel valor, si mandasse com urgencia ás caxoeiras do Xingú um artista capaz de dezempenhar tam importante trabalho, ficando o molde depozitado no muzeu paraense a que deve pertencer, si V. Ex. assim o entender, e onde poderá facilmente ser examinado, estudado e mesmo

recopiado por alguns omens estudiozos e americanistas nacionaes e estrangeiros.

Persuado-me de que a despeza a fazer-se com esse serviço não será grande, e talvez nem seja necessario, para satisfazel-a, sahir fóra da verba votada para o muzeu e biblioteca publica.

A sabedoria de V. Ex., como estadista e administrador pratico, e a sua bem pronunciada dedicação aos estudos sientificos farão o que fôr melhor sobre o objétos a que aludi.

Belém do Pará, 1885 Dezembro 4.

DOMINGOS SOARES FERREIRA PENNA.

Inscrição indigena em Vorá na Faxina

No Jornal do Commercio da corte lê-se o seguinte:

Do sr. doutor Domingos Jaguaribe Filho acaba de receber o sr. doutor Orville Derbi a seguinte communicação:

Espirito-Santo da Bôa-vista (São-Paulo) 12 de Dezembro de 1886.— Tendo ocazião de ir á Faxina, procurei informar-me acerca do sitio, onde diziam existir inscrições em enorme róxa, bem como tezouros enterrados com os restos mortaes de um padre, a quem se atribue aver levado riquezas para a rezidencia dos indios. Fui ao Dóra, localidade indicada, a 3 leguas de distancia de Faxina, e ali notei curiozidade desprezada, e quazi desconhecida, apezar da sua antiguidade. Referir-lhe-ei em poucas palavras o que observei, certo de que o meu amigo terá aportunidade de verificar por si mesmo a importancia do cazo.

Em todo a zona de São-Paulo, que vai de Faxina ao Itararé, o sólo é granitico e de elevação admiravel, avendo córtes profundissimos nos logares por onde correm

os rios Apiahi, Perituva e Itararé. Em um dos barrancos, denominado Tembés, vê-se o antigo cemiterio dos indios.

Da róxa, que tem de altura mais de 40 metros, desprendeu-se enorme massiço, que deu á pedra inclinação maior de 10 metros. Esta inclinação e a parede formada pelo massiço desprendido formaram o abrigo, que foi procurado pelos indios para o repouzo dos seus mortos.

Nas paredes d'este abrigo notam-se figuras, que impressionam, gravadas na pedra e pintadas com indeleveis tintas vermelha e preta: o que indica estado de civilização, talvez recebida dos jezuitas. Parece, que os indios insculpiram n'aquellas figuras a istoria da tribu. Notei entre os dezenhos:

Uma figura umana com enfeites de penas na cabeça e no pescoço ; uma palmeira toscamente gravada e pintada ; porção de buracos de fórma circular, sendo dispostos 24, mais ou menos, em linha réta ; um circulo com diametro de 15 polegadas, tendo riscos dentados na extremidade; dous outros concentricos, em fórma de relogio, tendo 60 divizões; logo depois a figura de um idolo e diversos riscos, todos pintados com tinta preta muito firme; uma figura do sol com uma + ; um T; seis outros circulos; mão e pé umanos bem gravados, etc.

Na muralha axam-se fragmentos de ossos, dos quaes lhe envio pequena amostra por não dispor de instrumento com que arrancasse outro maior.

Referiram-me, que um individuo, na esperança de dezentranhar dali riquezas, fizera grandes escavações, nas quaes axou ossadas umanas; e, tendo levado um craneo, reparou mais tarde a profanação, que o enxia de aflicção, restituindo-o á terra. Ve-se com efeito no sitio um monticulo de terra recentemente revolvida, debaixo da qual devem existir, segundo o meu guia, esqueletos, urnas, etc.

Eu e o doutor juiz municipal de Itapetininga apreciámos durante algumas óras esta localidade, para a qual, por bem da siencia, invoco a sua esclarecida atenção.

Primo e amigo conselheiro T. Alencar Araripe.

Espirito-Santo da Boavista 18 de Janeiro de 1887.

Recebi a carta ultima, em que me pede um dezenho das inscrições, que vi, e das quaes dei noticia ao doutor Orville Derby, que mandou para o *Jornal do Commercio*; e como em Faxina eu tivesse feito a cópia incluza, envio-a tal qual e tosca como são os originaes.

Devo dizer, que o numero dos circulos é maior do que os que dezenhei; pois os que ahi se vêem estão fielmente copiados; porém ha outros dispersos junto á baze da muralha, que é reprezentada pela folha de papel, podendo-se considerar que a superficie inclinada tem mais de 50^m e como o pedaço, que se desprendeu da montanha é muito grande, ficou servindo de parede, de modo que o logar é abrigado das xuvas.

Como V. tem já tem outras inscrições, poderá comparar, porque só da comparação nacerá alguma luz sobre a interpretação.

Ha ossadas enterradas, e parece, que as inscrições denunciam a morada e as guerras feitas.

O pé, que dezenhei, está mal feito; porque o que está esculpido na pedra é muito bem acabado e revestido de uma tinta preta indelevel. Não sei como elles cavaram na dura pedra, pois todos os dezenhos estão feitos e esculpidos com arte, porém uns têm a côr vermelha e outros a côr preta.

. . . .

De v. primo e amigo dedicado

Domingos Jaguaribe Filho.

Fragmento de estatua em Manáos

Sob a epigrafe *Importante descoberta sientifica,* escreveu o *Commercio do Amazonas:*

Ha dias, um lavrador dos arredores d'esta capital, necessitando fazer algumas escavações em um terreno proximo de sua caza, descobrio um fragmento de estatua, talhado em marmore, e evidentemente contemporanea do mais brilhante periodo da arte grega.

A estatua, pelo que se póde colligir do fragmento encontrado, reprezenta um guerreiro, talvez o deus Marte, e a execução é acabadissima, axando-se de resto um pouco damnificada.

Esta descoberta lança uma luz inesperada nos estudos de antropologia americana, e leva os investigadores para um novo caminho, indicando-lhes que o Amazonas fôra, ha seculos, ocupado por povos civilizados.

Quem sabe, si no logar, que abitamos oje, si não se levantariam em tempos idos alguma sumptuoza cidade, si Manáos, antes de ser a futuroza metropole da borraxa, não seria o fóco de sabios e artistas?

E' de crêr, que os nossos professores, e todos quantos se interessam pela siencia, empenhem-se para que o proprietario do terreno a que aludimos prosiga em novas escavações.

O fragmento da estatua foi transportado para o muzêo botanico, onde se axa exposto ao publico.

Letreiro da Pedra-pintada

E' para a escrita dos indios que venho xamar a atenção de todos os entendidos na materia, a escrita sim, pois os indios a possuem perfeitamente caracterizada. Eis o rezultado de minhas observações nos certões da Parahiba.

Já mesmo antes de deixar a capital da Parahiba, me constava existir no certão grandes pedras cobertas de inscrições incomprehensiveis. A este proposito xamaram minha atenção para uma carta escrita pelo doutor Ladislau Neto ao sr. Ernesto Renan, em França, na qual o referido doutor pretendia provar ser apocrifa uma inscrição, que se avia encontrado na Parahiba, e que, submetida á apreciação do sabio francez, fôra declarada ser de origem fenicia.

Li o trabalho do doutor Ladisláo Neto, e deixei-me persuadir mais pela categorica afirmação do nosso ilustrado compatriota do que pela força dos argumentos, que produzio em apoio d'ella. Por outro lado, comprehende-se facilmente, que a ter sido real a existencia d'essa inscrição, não é de modo nenhum na Parahiba do Norte, que se deve procurar vestigios d'ella, sim porém na Parahiba do Sul, onde existem com efeito diversas localidades com o nome de Pouzo-alto, que é, como se sabe, a denominação do lugar, onde se pretende ter sido axada a aludida inscrição.

Todavia julguei prudente não abandonar de todo o assunto, e em qualquer parte onde xegue vou procedendo a averiguações a respeito, já se vê, sem rezultado satisfatorio. De todo porém não foi perdido o meu trabalho, pois me conduziu á descoberta de outras inscrições, que o povo xama letreiros ou pinturas, as quaes, como já dice, sam de subido valor.

Consistem ellas em riscos e linhas rétas e curvas, ás vezes combinadas, formando uma especie de ieroglifos ou caracteres dificeis de se interpretrar. Esses caracteres se encontram pintados em gigantescas pedras ou em serras altissimas, quazi todos lugares de dificil acésso. Cada um dos caracteres, que formam a inscrição, se axa perfeitamente separado do caracter ou da letra seguinte, de modo a não existir confuzão alguma. Encarnada é em geral a tinta, de que se serviram para pintar similhantes inscrições, que pela maior parte sam colocadas ao abrigo das xuvas. Foi em Gengibre, segundo a lingoagem oficial, ou Belém, na lingoagem do povo, que pela primeira vez tive a ocazião de observar similhante

curiozidade, depois fui encontrando outras, outras e mais outras: afinal, Exm. Sr., não ha parte do certão nenhuma, onde se não as encontre a cada passo.

Dei-lhes a principio pouca importancia, sobretudo em face da credulidade popular, que, desde Gengibre até Pombal, é unanime em atribuir a origem d'ellas aos Olandezes ou Flamengos, como dizem os certanejos, que em grande parte estam firmemente persuadidos de que annunciam taes letreiros a existencia de tezouro ou dinheiro enterrado. Tão innumeras como ôcas de sentido sam as legendas, em que se fundam elles para ainda oje conservarem intactas crenças de outr'ora, quando, como V. Ex. sabe, nunca afastaram-se os Olandezes a mais de 20 leguas da costa.

Em Sabugi existe até mesmo um riaxo denominado do Flamengo, sem que aja quem lhe possa explicar a origem do nome. E' pois fóra de duvida, que só aos indios se deve atribuir a autoria das inscrições, a que me refiro. Prova-o exuberantemente o indelevel da tinta, que tem podido tão fortemente rezistir ao rigor dos seculos; pois só aos indigenas pertencia ou pertence talvez ainda o segredo das tintas e côres fixas.

Como já dice, me pareceu em começo insignificantes os letreiros, de que se trata, mas, á medida que adiantava minha viagem, o interesse se me foi despertando. Notei bem depressa uma certa similhança entre os caracteres de diferentes inscrições, algumas das quaes axavam-se a grandes distancias umas das outras; reparei, que em um só letreiro muitissimas vezes encontrava-se o mesmo sinal repetido; varias letras se me gravaram por tal fórma na memoria, que sem demora as reconhecia em qualquer parte; por fim fui obrigado a convencer-me de que os indios possuiam uma escrita.

Mais subio de ponto essa minha convicção, quando posteriormente encontrei os mesmissimos caracteres, já não só pintados, porém gravados, clara e perfeitamente gravados na róxa viva. Já não pairava mais duvida nenhuma em meu espirito, a evidencia patenteava-se. Ao xegar em Pedra-lavrada tive o insigne prazer de travar relações com o ilustrado professor Lordão, em caza de

quem ospedei-me. O primeiro cuidado do digno professor foi mostrar-me uma grande pedra contendo um letreiro de proporções vastas ;* motivo esse pelo qual xama-a o povo pedra lavrada. Dahi o nome do povoado.

Relatorio do engenheiro de minas Francisco Soares da Silva Retumba dirigido ao prezidente da provincia da Parahiba em 7 de Julho de 1886.

(Relatorio do engenheiro de minas Francisco Soares da Silva Retumba dirigido ao prezidente da provincia da Parahiba em 7 de Julho de 1886).

Fragmento de estatua em Manáos

Tendo transcrito a noticia, que retro se lê na pagina 234 sobre o aparecimento de um fragmento de estatua antiga nas circumvizinhanças de Manáos, recebi agora do ilustre consocio Barboza Rodrigues a carta infra, que desmente a noticia :

Manáos 19 de Setembro de 1887. Exm. amigo e sr. conselheiro T. Alencar Araripe. Recebi a sua carta de 23 do proximo passado mez, em que trata da estatua dezenterrada em Manáos; o que não passa de um *poisson d'avril*. E' costume aqui de, no dia do carnaval, pregarem-se *petas* ; e a istoria da estatua foi uma d'ellas. Aqui muitos cahiram. Peço e autorizo-lhe a, pela imprensa, fazer uma declaração n'esse sentido, para que a noticia não corra mundo ; com o que muito obrigará ao seu amigo e consocio.—*João Barboza Rodrigues.*

---

* Este letreiro axa-se adiante na estampa 36.

Letreiros lapidares

Notas extrahidas da obra *Lamentação Brazilica* do padre Francisco de Menezes, indicando lugares onde existem inscrições ou letreires em pedras.

Estas notas são extrahidas *ipsis verbis*; apenas as localidades mencionadas no texto sam postas em ordem alfabetica com a especificação das situações geograficas.

A obra existe em original no archivo do Instituto istorico e geografico brazileiro.

PROVINCIA DO CEARA'

Agreste, serrote nas aguas de Banabuiú. Refere Francisco Lobo, morador no Taboleiro-d'areia, lugar de Jaguaribe, que perto da fazenda de São-João ha um serrote, que xamam Agreste, e ao pé d'elle ha muitos letreiros pelas pedras, e que um d'elles diz: Procura na cabeça, feitos de tinta encarnada, e esculpida á fórma de uma porta partida com fexadura e dobradiças.

Agua-branca, no municipio da Viçoza. Ouvi a Luiz Freire d'Andrade, que em varias partes d'estes arrabaldes ha muitos letreiros nas pedras feitos de tinta encarnada.

Alegre, fazenda no riaxo das Favelas em Inhamun. Ouvi proferir o capitão Leonardo d'Araujo Xaves, dono d'esta fazenda do Alegre, que n'esta altura, para a parte do noroéste, dentro dos bosques, ha uns letreiros nas pedras.

Almas, fazenda na ribeira do Cariú. Defronte d'esta fazenda, perto do lugar denominado Pobre, diz-me um abitante, que ha uma pedra redonda, talhada ao redor,

plana por cima, e que, pela circunferencia, está xeia de letreiros, uns esculpidos de tinta encarnada, e outros a cinzel; pelo plano de cima está gravada uma cruz na pedra.

Almas, fazenda em Quixeramobim. No olho d'agua da Borraxa, que é das Almas para cima, como quem vae para o Salgado, ao pé da serra, dizem aver uma pedra grande, que por uma ilharga está xeia de letreiros.

Amontada, povoação no municipio da Imperatriz. Refere Luiz Francisco, que d'esta povoação á leste, em distancia de meia legoa, ha um lageiro talhado, em cuja face, da parte do poente, está um letreiro.

Angicos, no Riaxo-do-Sangue. Este sitio é da matriz para cima. Expõe Manoel de tal, morador n'esse lugar, que ahi vio letreiros em um lageiro de pedra, como feitos a cinzel ou picão.

Ararê, sitio na ribeira de Quixelô. Alem de outros ouvi a Filipe Rodrigues de Santiago, dono d'este sitio, que uma legoa para o nacente, buscando o Amorê, ha uma pênha alta, cuja face está xeia de esculturas de tinta encarnada; e posto que algumas estam mal acezas, por ahi averem feito coivaras para cinza ao pé, outras porem estam bem distintas.

Aratanha, serra no municipio de Pacatuba. Na situação de Albano da Costa, possuidor da serra, participa-nos Miguel Policarpo, que em a mesma serra sabe de um letreiro na frente de uma caza de pedra natural.

Avarjado, fazenda na serra geral (Ibiapaba). Saindo d'esta fazenda para a Varge-grande, na distancia de uma legua, ao lado direito, fóra da estrada, na distancia de mais de um quarto de legua pelo taboleiro a dentro, contam os vaqueiros d'essas fazendas aver muitos letreiros nas pedras, e que em duas emparelhadas têm fórmas de navios ou barcos, e em uma, que está sobre outra,

se divulga uma figura umana, tudo esculpido de tinta encarnada; e que algumas estam tam vivas como si fossem esculpidas, ha poucos dias, além de outros caracteres que elles não sabem expressar.

Barra-dos-macacos, no municipio de Santa-Quiteria. Ouvi Antonio Soares dizer, que n'este lugar, onde xamam Lagoa-pintada, ha muitos letreiros nas pedras, onde se axa a figura de um omem esculpido com arco e flexa.

Barra do Camocim. Da parte da ponte ha um serrote, e n'elle se axam muitos letreiros nas pedras.

Bom-Jezus, sitio e açude no Aracatiassú. E' este lugar entre Caminhadeira e Boa-vista, que é no caminho de Agoas-mortas, onde dizem aver muitos letreiros nas pedras; e perto d'elles está uma pedra quadrada ou faceada, sobre trempes de pedras, e tambem outra pedra que tange, sendo tocada, rodeada de barroquinhas abertas a picão pela parte superior.

Bonome, serra no Aracatiassú. No talhado d'esta serra dizem os abitantes, que tem varios letreiros.

Boqueirão de cima, em Banabuiú. Esta fazenda é detraz de uma serra, acima d'ella, ao subir do rio Banabuiú, á mão esquerda, o qual passa entre serras. Ouvi ao vaqueiro d'ella, por nome Jozé Estevão, pardo, que ao subir de um riaxo, que acompanha esta serra na distancia de uma legua, em umas pedras á beira d'elle, vira letreitos feitos a picão ou cinzel; e n'esta mesma altura vira outras novidades.

Boqueirão, nos Bastiões. Este sitio é acima do Pôço-do-cavalo nos Bastiões. Refere Pedro Ferreira, assistente no sitio do Breginho, que defronte d'esta fazenda, em cima de um serrote, que lhe fica á vista, um preto de um morador lhe dicera, que vio um letreiro em uma pedra.

Boqueirão, no riaxo do Figuerêdo. Este lugar é na beira do rio, onde, dizem os abitantes, ha alguns letreiros nas pedras, e que em um d'elles está esculpida a figura de mulher.

Boqueirão, no riaxo do Cariú. Ouvi um rapaz por nome Antonio Jacob da Silva, afilhado de João Pereira do Lago, morador no lugar Irapuá, pouco acima d'esta povoação, que além d'elle, em um talhado da serra, vira um letreiro, onde no alto do talhado tambem vira a fórma de uma janela meio cerrada com seus portaes talhados na mesma pedra.

Buraco, serra em Banabuiú, ramo da serra da Canabraba. Ouvi um abitante, que n'este lugar vio um letreiro em uma pedra, feito a cinzel ou picão, onde divulgou a fórma de uma figura umana e rastos de ema gravados na pedra.

Buraco, sitio em aguas do riaxo Sitiá. Ouvi dizer Francisco Pereira, que d'este sitio para baixo, o qual fica em aguas do Sitiá, tambem vio letras nas pedras.

Cabeça-verde, serrote na altura do Tamboril. Dizem, que ha letreiros em um lageiro perto do serrote, onde está esculpida uma cruz.

Cabreira, riaxo no Carirí. Este riaxo é para a parte do Corrente-grande, nas cabeceiras d'elle. D'elle ouvi dizer alguns abitantes, que ha uma furna de pedra, á maneira de uma caza, em cujo tecto, da parte de dentro, está um grande letreiro.

Caiquele, sitio na ribeira de Jaibáras. Saindo do Jucurutú para Caiquele, ao passar um lageiro de pedra, no fim d'elle ao lado direito, está um serrote de pedra a quem der as costas á entrada, deixando este á direita perto d'elle, ao lado esquerdo, está uma pedra assinalada com letras encarnadas.

Caldeirão, sitio entre Mombaça e Quixelô. D'este lugar para cima dizem aver letreiros nas pedras abertos a ferro.

Camará, serra. Na estrada, que vem da vila do Icó para esta serra, já no plano d'ella, perto da estrada, dizem aver um pico, que da vila se enxerga, a que alguns xamam *Frade*, e em cima do qual dizem alguns se divulga a fórma de uma imagem de Santo Antonio.

Ouvi uma india, que no lugar São-Bento vira imagens esculpidas em uma pedra, que ella admirou.

Colhi de outro abitante, que n'esta pedra, ou em outra junto a ella, está um letreiro, que muitos têem visto e não o entendem.

Canabraba, fazenda na ribeira do Cariú. Expõe um abitante, que, saindo d'esta fazenda para os brejos, na distancia, pouco mais ou menos, de 2 legoas, está um grande lagedo de pedras ou lageiro, no qual vira muitas letras ou pinturas gravadas a picão ou cinzel, junto a um profundo caldeirão de pedra, que no inverno se enxe d'agua. E dizem ser na altura de São-Romão.

Cangati, na ribeira do Curú. Por este ribeiro acima, na fazenda do Cangati, contam os abitantes, que ha alguns letreiros nas pedras.

E d'esta fazenda para baixo, buscando o Siupé, á beira da estrada, dizem estar um leão esculpido em uma pedra, perto da qual, ao pé de outra pedra, se axou um fôsso, donde se julga se sacou tezouro.

Cansanção, fazenda na ribeira de Quixeramobim. Perto d'esta fazenda dizem ha uma pedra alta, em cuja face tem um letreiro, e no alto d'ella está cravado um prego de ferro.

Carnaubal, riaxo no Ipú. Diz Antonio Soares, morador no riaxo Victoria, que n'esse riaxo, no lugar xamado Carnaubal, ha leitreiros nas pedras de tinta encarnada.

Carnaúbas, fazenda nas vizinhanças da serra da Meruoca. E' na altura da Barra-dos-Macacos; e perto d'este lugar dizem aver letreiros nas pedras, de tinta encarnada, e feitos a ferro, onde se divulgam caracteres de sino samão.

Carrapateira, fazenda em Arneirós. Noticía Francisco Martins, morador no Espirito-Santo de Cratiús, pardo, que vio nas pedras esculturas de tinta encarnada, á beira de um riaxinho; e que da outra parte do dito riaxinho, em outras pedras, vio outras similhantes, e divulgou n'ellas esculpida a fórma de uma cruz.

Mais adiante d'estas ha outras, que eu copiei.

D'esta fazenda para a parte do Morcego, diz Joaquim Moreira, que ha 3 pedras assinaladas, duas em um e outro lado do talhado do mesmo serrote, e uma da parte do norte; porém que já mal se divulgam os riscos, e só com muito trabalho se copiarão, isto é, já não estam de todo extinctas; porque estes letreiros, posto que alguns ainda estam bem distinctos, comtudo depois que começam a desmaiar, em pouco tempo se extinguem, como ha surtido em muitas partes.

Caza-forte, no riaxo do Sitiá. Participa-me o capitão Antonio Pereira de Queiroz, dono d'esta fazenda Caza-forte, que perto d'ella, em um serrote xamado dos Tapuios, ha letreiros nas pedras.

Caza-da-cidade, no Aracatiassú. Diz Mateos Franco, que, antes de xegar á serra Caminhadeira, ha uma lóca de pedra com letreiros encarnados, a que xamam Caza-da-cidade pelas muitas novidades que ali axaram.

E que em uma pedra comprida, para cima, bastante alta, entre os letreiros está esculpida a fórma de um navio.

Cidade, sitio em Cratiús. Este sitio é ao pé da serra geral nas aguas do Cratiús, que nace da parte do sul, e pertence ao sargento-mor João de Araujo, morador no Inhamun, no qual diz João de Povos, morador

no Inhamun, no sitio das Flôres, que um seo irmão descobrira uma caza de pedra natural, que parece foi aperfeiçoada, dentro da qual vira muitas figuras de tinta encarnada e de varias côres, como passaros papagaios, esculpidas nas pedras.

E que n'este sitio se axou muita ferramenta, e uma bala de ferro de péça, e muita louça de barro quebrada e inteira, e por estes vestigios lhe xamam cidade.

Cinta-do-Lobo, na ribeira de Jaibaras. E' perto do sitio da Lapa, onde, refere Joaquim de Sá, ha um letreiro no talhado da serra e ao pé d'elle esculpida uma cobra pintada, que parece estar viva.

Cocodé, em Mombaça. Dizem, que no Riaxo-das, letras, n'altura do Cocodé, ha letreiro nas pedras.

Cocutati, nas cabeceiras do Assaré. Diz Jozé Soares do Nacimento, morador no sitio Cacimba, que, perto de um olho d'agoa, ha um letreiro em uma pedra.

Convento, em Cratiús. Na altura d'este sitio ha uma pedra a que os abitantes xamam pedra d'ara, a qual tem por uma parte um cotovelo, e n'elle um O grande, feito a cinzel; e pelos ambitos ha muitas pedras, que dizem ter varios letreiros.

Correntinho, riaxo no Brejo-grande. Ouvi alguns, que nas nacentes d'este riaxo avia um letreiro em uma pedra, que estava sobre outra.

Coronzó, serra em Inhanun. Ouvi o capitão Leonardo de Araujo Xaves, que em uma entrada por esta serra topára uma lapa de pedra redonda á maneira de uma mó de ferreiro, do tamanho de uma rodeira de carro, deitada sobre outras pedras, e pelo trilho ou por cima d'ella alguns letreiros.

Curuxatú, fazenda na ribeira de Banabuiú. Abaixo d'esta fazenda na distancia de uma ou meia legua, ouvi a

dona da fazenda dizer, que ha letreiros em um lagedo de pedras, dentro do rio, feitos a ferro.

Cruz, fazenda no Cococí. Perto d'esta fazenda da Cruz dizem aver letreiros nas pedras.

Espirito-Santo, fazenda na serra da Ibiapaba. Refere Francisco Martins, pardo, morador n'este lugar, que, em varias partes d'esta fazenda, ha letreiros nas pedras.

E diz mais o sobredito,que no pastos d'esta fazenda, no meio de uma varge de massapê, vira um lastro grande de pedras, como couza feita de propozito, e ja por cima coberta de arvores grandes que lhe pareciam terem nacido depois da factura d'elle, e que em uma cabeceira do lastro estava uma pedra do comprimento de 3 palmos, mais grossa para uma ponta, e roliça a modo de pizadeira, com a cabeça fincada na terra.

E no rumo de uma carreira de pedras grandes, redondas, que estam todas em linha, divididas umas das outras, está um serrote de pedras, onde vira alguns letreiros pequenos, de tinta encarnada : e fica entre esta fazenda e da de Sañta-Luzia.

Espirito-Santo, na Serra-dos-côcos. Dizem ser este lugar no plano da Serra-dos-côcos, onde, no talhado da serra, ha um letreiro de tinta encarnada.

Fazenda-da-Serra, no municipio do Icó. Saindo do Icó para Quixelô, na altura da Fazenda-da-Serra, onde morou o defunto Tomé de Góes, contam os antigos, que avia uma pedra redonda do feitio de uma mó, a qual tinha algumas letras ; e como estava na terra, os moradores a arrancaram e tombaram, imaginando que debaixo tinha algum tezouro.

Figueredo, riaxo afluente do rio Jaguaribe. N'este riaxo, da Tapera para baixo, ouvi a alguns abitantes, que tem alguns letreiros nas pedras. E dahi para adiante, buscando o Apodi, dizem, que tambem ha um letreiro em uma pedra.

Fofô, fazenda na ribeira de Mombaça. Refere um abitante, que n'esta altura ha um letreiro em uma pedra, á beira de uma lagoeta, e que ahi estam umas pedras pretas reluzentes como vidro.

Grossos, em Jaguaribemirim. Expõe Jozé Gomes, morador perto da capéla de Santo Antonio, no lugar Xiquexique, que n'altura dos Grossos, em dous lugares, vira letreiros nas pedras, como feitos a cinzel ou picão.

Iguará, poço proximo á Barra-dos-macacos. Perto d'este poço, diz Antonio Soares, que vio letreiros nas pedras gravadas a cinzel ou picão.

Ipú, vila atualmente. Este lugar dizem ser perto da ladeira da Mina, e perto d'ella se axou um marco de pedra fincado, em cuja face está este signal ✡, a que xamam signo samão, de cuja parte se axaram fóssos como quem procura tezouros.

Na mesma altura, ao pé de um serrote xamado Pelado, por ser escarpado, dizem aver outros marcos com o mesmo sinal ✡, que já os tombaram e cavaram á roda, imaginando estar debaixo o tezouro.

Ipueira, fazenda ao pé da Serra-dos-côcos. N'essa altura ha um letreiro no talhado da serra já visto por algumas pessoas.

Ipú-grande, no municipio do Ipú. Entre Ipú-grande e Ipuzinho, ao pé do talhado do cabeço da serra, que vae voltando para a ladeira da Mina, estavam esculpidos alguns caracteres de tinta encarnada.

Olhando para cima, do lado direito, á beira do talhado, se avista um picozinho de umas pedras em cima de outras esculpidas nos letreiros.

Itacotiára, sitio na serra da Meruoca. E' este sitio ao pé d'esta serra, onde, diz José Gomes, morador no Campo-grande, que no talhado da serra está um portão enjaibrado, que se não póde abrir, em cuja face tem

letreiro, e que o padre David, morador em dita serra, o foi vêr e não entendeo.

Jaburú e Mulungú, fazendas na ribeira de Cratiús. Perto d'estas fazendas, refere Jozé Barboza, que ha uma serrota de quazi 2 leguas, onde tem muitos letreiros, e fórmas de navios impressas nas pedras.

Jequi, pôço no rio Quixeramobim. Este pôço é da vila para baixo, e na ponta d'elle, da parte de cima, dizem os moradores aver letreiros nas pedras.

Juá, na serra Caminhadeira no Aracatiassú. Refere Mateos Francisco, pardo, dono d'esta fazenda, que ao pé d'ella tem letreiros nas pedras, e perto de um d'elles está uma pedra quadrada assentada na terra, que dá vozes de sino.

Jucurutú, fazenda nas proximidades da Meruóca. Refere Raimundo Gomes, ali morador, que ha letreiros nas pedras, e em uma d'ellas está cravado um prego.

E d'esta fazenda para baixo, dentro do rio, dizem aver letreiros nas pedras, e perto d'elles um caldeirão natural, no lageiro, entulhado de seixos encaliçados.

Junqueiro, no riaxo do Figueredo. Entre a barra d'este riaxo e o boqueirão, que tem mais abaixo, a subir o rio Jaguaribe á mão esquerda, bem no centro bosques, conta Manoel da Costa Barros, que vira duas lages de pedras grandes, fincadas na terra, de tésta, com corredor no meio, que poderá ser postura da natureza, e admirou de as ver xeias de letras, que elle não percebeo.

Jurema, fazenda no municipio de Russas. Este sitio é de Russas para cima : dizem, que perto d'elle, e ao pé de um serrote, onde tem um olho d'agua, está um letreiro nas pederneiras com letras latinas, si bem algumas já extintas.

Ouvi a um filho de Feliciano de Souza Espinola, que n'altura d'esta fazenda, em um bosque, vira uma pedra

quadrada, grande, rente com a terra, enterrada, em cuja face de cima está gravado um cruzeiro, como feito a ferro, d'este modo

e poderia ter outros caracteres, em que não fiz sentido.

N'esta fazenda, ao pé de um serrote, em uma ponta do qual, no seu plano, dizem ter uma furna de pedra; e dentro d'ella nas paredes, e de uma e outra parte, tem letreiros.

Lagôa-ferrada, na ribeira de Banabuiú. Esta lagôa fica no caminho, que sae dos Pocinhos para Banabuiú. Expõe Simplicio Pereira, que algumas pedras d'esta lagoa estam xeias de letreiros.

Lagôa-grande, acima de São-João em Jaguaribe. Expõe Jozé de Jezus, que á beira d'esta lagôa, em uma pedra raza quazi rente com a terra, está a fórma de um cavaleiro com lança na mão, esculpido a picão ou cinzel ; e ao redor d'ella ha outros sinaes ou letras em outras pedras.

Refere Domiciano do Lago, morador n'este sitio, que, alem d'estes letreiros, sabe de mais dois lugares na mesma altura, que tem letreiros nas pedras, e onde vio alguns quadros □ esculpidos.

Lagôa-do-Lima, no municipio de Russas. N'este sitio, que é fora do rio Jaguaribe, ao subir á mão esquerda, certifica um abitante ter letreiros nas pedras, de tinta encarnada.

Lagôa-pintada, junto á Serra-dos-côcos. Dizem ser saindo do lugar Cortume para o Urubú, onde diz Bernarda, filha de Miguel Corrente, ter uma cruz esculpida em uma pedra, além de outros caractéres. E para a parte que dá a ponta da mesma pedra está uma lapa, que tange, assentada sobre trempe.

Lagôa-do-Souza, na ribeira de Jaguaribe. Este lugar é em caminho do Aracati para Russas: perto d'elle, em um taboleiro d'areia branca, se avistam da estrada umas pedras brancas, que a maior parte d'ellas estavam lavradas de pintura de tinta encarnada, onde estam umas carreiras de mãos, umas grandes, e outras de menino, na altura que só um omem alcança, como quem ensopava a mão na tinta encarnada e assentava na pedra.

Em 1787 vi eu, que ainda estavam bem distintas, além de outros caracteres, que me não lembro. Agora porém dizem, que mal se divulgam; e por isso julgo, que a força do grande calor, por cauza das muitas secas, ainda extingue mais do que a xuva.

Livramento, riaxo afluente do Banabuiú. Ouvi aos abitantes, que entre este riaxo e o rio Jaguaribe, saindo da fazenda que foi do Carmo para o Boqueirão-de-baixo, o qual é no Jaguaribe, ao pé de uma lagôa, ha letreiros nas pedras.

Logradouro, na ribeira de Banabuiú. Diz Manoel Antonio, filho do dono d'esta fazenda Logradouro, que dahi, na distancia de uma legoa, perto de uma lagoeta, em uma pedra que está só, vira um letreiro.

Maracajá, sitio em Inhamun. Este sitio é da outra parte do Trussú ao decer á mão esquerda. Diz Silvestre da Fonseca Rego, pardo, morador no Maracajá, que entre este sitio e o de Manoel Gonçalves, por um riaxinho abaixo, em uma caxoeira de pedras, vira letreiros.

Maranguape, serra. Participa-nos Alexandre da Silva Rego, que d'esta povoação se avista, na fralda da serra, uma pedra, onde tem um letreiro, ao redor do qual andaram escavando.

Milagres e Missão velha. Um mistiço de nome Antonio de Montes diz, que n'essa altura entre Milagres e Missão-velha em um galho da Serra-do-mato vira uma

caza ou furna de pedra natural com letreiro de tinta encarnada.

Morros, na ribeira de Jaguaribe nas Russas. Este sitio é acima da Jurema em uns morros altos de terra e pedras, onde dizem aver letreiros nas pedras, que admiram.

Morro-dos-algodões, na comarca de Sobral. Refere o pardo Manoel da Costa, que nas pedras d'este morro vio letreiros, onde está esculpida a fórma de uma agulha de marear, frexando ao Morro-das-rolas.

Morro-das-rolas, serrote na comarca de Sobral. Declarou-me Manoel da Costa, que admirou ver, junto do talhado d'este serrote, o corredor de uma grande penha entaipada entre ella e o talhado por uma e outra parte com paredes de pedra e cal, feixado por cima, com assento razo, sem sinal de porta, e que acima do assento está esculpida no mesmo talhado a fórma de uma balança com braço pendido para baixo.

Mulungú, fazenda no municipio de Tamboril. Refere Manoel d'Araujo Xaves, que este sitio é vizinho a Cratiús, proximo da fazenda Tamboril, e que n'altura d'elle, em um cordão de serrotes, tem varios letreiros e estam esculpidas figuras umanas coroadas, com instrumentos nas mãos, e figuras de brutos.

Mulungú, sitio no riaxo da Carrapateira em Arneirós. Expõe Ignacio Ferreira, dono d'este sitio, que nos arredores tem varios letreiros nas pedras, além dos que me mostrou, e que eu copiei n'altura do Jatobá e Serrote-branco.

Muxió, na ribeira de Banabuiú. Expressa um abitante, que d'este lugar pelo rio abaixo, ao lado direito, e onde xamam Estreito, no plano da varge, perto do rio, avia um letreiro em uma pedra fincada, si já a não arrancaram.

Pagé, serra. Existe um olho d'agua, onde, n'ma pedra, está um letreiro.

Palhano, riaxo afluente do Jaguaribe. Ouvi a um abitante, que em certa parte d'este riaxo tem letreiros nas pedras. Poder-se-ia inquerir dos abitantes o lugar certo.

Pedra-pintada, na comarca de Sobral. E' da vila para baixo: é assim xamada por estarem muitos caracteres esculpidos no lageiro da pedra.

Pedras-pretas. Ouvi a um abitante, que perto d'esta fazenda, no lugar xamado Morcego, vê-se um letreiro em uma pedra á beira do rio, a qual, tocando-se, tange como sino.

Pendencia. Refere um mistiço por nome Estevam de Souza, morador na freguezia do Páo-dos-ferros do Apodi, que um negro velho, morador n'esta fazenda, lhe mostrou uma pedra, em cuja testa está um letreiro de tínta encarnada.

Pereiro, serra. Expõe Jozé de Jezus, que no plano da serra, em uma grota funda, está uma pedra grande, xata, e redonda como um rodeiro de carro, e em cima d'esta trez pedras grandes com a postura de uma trempe, como que as pozeram, e para um lado estava uma figura de barro cozido, ôca por dentro, com a fórma de um tamanduá, quazi do tamanho de um cavalo, a qual quebraram os caçadores, talvez imaginando ter dentro algum cabedal; cujos pedaços ainda la existem alguns; e que elle ainda o alcançou inteiro.

E que dahi não muito longe, em outra pedra, está um letreiro; e entre outros caracteres divulgou esculpida a figura de um omem com lança ou espada na mão.

Periaóca, serra no municipio de Cascavel. Dizem aver em cima d'esta serra uma pedra, onde está a figura de uma ema.

Picão, perto da serra do Pagé. Debaixo de uma grande furna do pico emana uma béla fonte d'agua; e na bôca d'ella tem um letreiro.

Pintada, lugar na comarca do Ipú. Entre a Pintada e o Cortume dizem aver uma lóca de pedra com letreiros encarnados.

Piranhas, na comarca do Principe-Imperial. Diz Crispim de tal, pardo, vaqueiro que foi no Inhamun, que em certo lugar em Piranhas vira em uma pedra esculpidas figuras de mulher com viola ao peito.

Pirangi, rio. Refere Feliciano Espinola, que ouvira a seo tio Jozé Bezerra, ora assistente nas partes de Cariri-novo, que, saindo do Pirangi como quem segue para Jaguaribe, logo adiante no carrasco, que fica á direita, entre este rio e um salgado grande, vira, fóra da estrada, uma pedra redonda, xata á maneira de uma mó, assentada na terra ou sobre outras e pelo trilho ou face d'ella algumas letras ou riscos; e junto d'ella sae uma carreira de marcos de pedra fincados, e o ultimo, ao correr dos outros, com a ponta inclinada para fóra.

Pitombeira, sitio no riaxo do Jucá. N'este sitio da Pitombeira dizem os abitantes, que existem letreiros nas pedras.

Pôão, fazenda na ribeira de Banabuiú. Esta fazenda é abaixo da Tapera. Expõe Jozé de Jezus, morador em Caza-nova, que d'este sitio para baixo vira nas pedras letreiros.

Pocinhos, fazendo na ribeira de Banabuiú. Diz Simplicio Pereira da Cunha, morador no Castelo á margem do Banabuiú, que vira letreiros pelas pedras n'esta fazenda.

Poço-comprido, no riaxo do Figueiredo. N'este sitio dizem aver alguns letreiros nas pedras.

Ponta-grossa, nas praias do Aracati. Saindo do Aracati para Ponta-grossa, á beira-mar junto á estrada, dizem aver um letreiro em uma pedra.

Quixeré, na ribeira do Pirangi. Expõe um rapaz, que ahi perto existem letreiros nas pedras, onde axaram muitos cacos de louça fina.

Riaxo dos Tapuios, na ribeira do Banabuiú. Este riaxo é n'altura do Juazeiro do Banabuiú, dentro das catingas. Expõe Francisco Pereira, filho de Antonio Pereira Castelo-branco, dono d'estas terras, que no dito logar vio letreiros nas pedras.

Quecocá, aliás Cococá, no Inhamun. Diz Manoel da Silva, morador d'este sitio, que lhe certificára o defunto padre Sebastião, paroco que foi d'aquella freguezia, que entre este sitio e o riaxo da Egoa, a um lado fóra da estrada, está um letreiro em uma pedra, mas este o não vio.

Santa-Luzia, fazenda em Cratiús. Ao pé da fazenda está um serrote de pedras,á beira do riaxo,que reprezenta um castélo de longe, o qual está todo rodeado de letreiros de tinta encarnada; e pelos lugares,que o limo ainda não cobrio, estam ainda bem vivas; si bem algumas mais baixas, por onde as cabras se esfregam, quando se recolhem das xuvas, já pouca si divulgam,mas até a éra de 1800 os vi eu, que ainda com trabalho se podiam copiar. N'este está o caracter de um serrote, que está á vista.

Santa-Luzia, fazenda na serra da Ibiapaba. Ao sair d'esta fazenda para o Espirito-Santo, na distancia de uma legua, para o lado direito, fóra da estrada um quarto de legoa, detraz de um serrote, tem letreiros de tinta encarnada em duas pedras, ainda bem vivas as tintas; e na mais alta está esculpida a forma da mesma pedra, cuja ponta é levantada e inclinada para o poente, encostada para outras pedras.

Santa-Quiteria, outr'ora fazenda, e vila atualmente. Na altura d'esta fazenda dizem aver letreiros nas pedras.

Santa-Tereza, no riaxo Trici. De Santa-Tereza para cima, á beira do riaxo, dizem aver um letreiro em uma pedra.

São-Damião, fazenda. E' da vila de Sobral para baixo, buscando a praia ou o Curuáiú. Refere Francisco Miguel, mestre dos meninos de Baepina, que n'altura d'esta fazenda, em uma picada nova que se abrio, vira admiraveis letreiros de tinta encarnada em uma pedra.

São-Francisco, no Sitiá, junto á vila do Quixadá. Diz o capitão Antonio Pereira de Queiroz, que n'este sitio tem letreiros pelas pedras.

São-Francisco, no Riaxo-do-sangue. Expõe Ignacío Pereira, que perto d'esta fazenda vira um letreiro em uma pedra como feito a ferro goiva. Mas que elle, imaginando ser aquillo alqum folguedo, esteve riscando com um maxado em outra pedra junto d'esta, porém o não pôde imitar.

Faço esta advertencia para não aver engano ao copista, porque em muitas partes com os ditos letreiros feitos de ferro alguns ignorantes faráõ o mesmo, assim como muitos desmanxam outros.

São-Gonçalo, em Mombaça. Esta situação é abaixo do Caldeirão, em cuja altura perto de uma lagôa em uma pedra, que está em cima de outra, dizem aver letreiros gravados a cinzel ou picão.

Serra-do-cavalo, em aguas do rio Salgado. Expõe José Teixeira, cunhado de um filho de Jozé Ferreira, morador em Santo-André, abaixo de São-Mateos, que em caminho do Carirí vira um letreiro em uma pedra.

Serra-dos-criôlos, ramo da serra do Araripe. Seguindo pelo caminho, que sae do Sitio-novo como quem vai para o Cariú, no plano d'esta serra, ou perto ao decer, ouvi a alguns abitantes, que perto da estrada está uma pedra ingreme e alta, na qual está um letreiro e esculpida a figura de um omem.

Serra do defunto Jozé Rodrigues, em altura de Varge-da-vaca. Refere Jozé Ferreira, pardo, morador nos Barreiros, que n'esta serra, a qual fica na altura da Varge-da vaca, está um letreiro em uma pedra, a qual, tocando-se, tange como sino.

Serra-geral (Ibiapaba). No centro d'esta serra, da parte de Cratiús, perdura uma tradição dos indios, que perto ou á beira de uma grande lagôa, tem varios letreiros nas pedras com figuras umanas coroadas como rei.

Serra-do-mato, no Cariri. Um mistiço de nome Antonio de Montes, sendo angariado, respondeo, que na Serra-do-mato, onde elle é morador, sabe de uma furna de pedra, em cujas faces tem letreiros.

Sitio, em aguas de Bastiões, nas nacenças do Quoqueterê. Por tradição de um indio, dono do sitio, refere Pedro Ferreira, que n'este logar tem uma lóca de pedra, á maneira de uma caza, dentro da qual estam varios letreiros feitos a ferro.

Depois diz-me Joaquim Moreira, que o dito indio lhe mostrou este letreiro; que por dentro da lóca vio fórma d'este caracter ✡ e meios braços e meias pernas de gente e pés de ema, tudo gravado ou debuxado na pedra como feito a cinzel.

Expõe João Pereira de Alenquer, morador na Varge-da-vaca, que colhêra do dito indio, que no mesmo sitio, no talhado da serra, tem uma caza subterranea com portão de pedra entaipada, no qual está um letreiro e esculpida uma cruz.

Soledade, no Inhamun. Diz Manoel Luiz, morador em São-Paulo, aguas do Trairassú ou Trussú, que n'altura d'este sitio, em um riaxo que sae da serra do Frango e dezagua no supradito, está um letreiro em uma pedra, onde vio esculpida uma figura umana, e estes dois caracteres—8—||.

Taboleiro-dos-encantos, no Riaxo-do-sangue. Diz um abitante do Riaxo-do-sangue, que dos campos do Uriá para Curuxatú, onde xamam Taboleiro-dos-encantos, estam umas pedras com letreiros.

Tanque, fazenda na ribeira de Quixeramobim. Ouvi a um vaqueiro d'esta fazenda Tanque, que dahi a pouca distancia ha letreiro pelas pedras. N'essa ultura está um serrote xamado do Assucar, por ser alvo.

Tapéra, na ribeira de Banabuiú, entre Inxú e São-João. Perto da situação, por um corrego acima, que lhe fica adiante, em um serrote de pederneira, na ribanceira do corrego ao lado esquerdo, estam grandes letreiros, em 4 partes nas faces das pedras da parte do poente, de tinta encarnada.

Em uma estam as tintas bem vivas, em outras porém mais apagadas, que só com muito trabalho se podem copiar; o que eu não fiz por xegar ao lugar já fatigado da grande calma; e n'ellas se divulgam bem algumas cruzes distintas +, e algarismos de 7, e oito ou nove quadros □ além de outros muitos caracteres, que só depois de copiados se poderão perceber, por estarem uns entranhados em outros

Tapêra, sitio na comarca de Russas. Este sitio é á beira do Jaguaribe; e refere Jozé de Jezus, morador em Caza-nova, que vio alguns letreiros nas pedras, que admirou.

Timbaúba, na ribeira do Quixelô. N'este lugar dizem aver um letreiro dentro do rio, em uma pedra que o atravessa de parte á parte.

Taquára, serra no municipio de Maranguape. Participa-nos Alexandre da Silva Rego, que n'este lugar vio uma pedra alta, faceada, quadrangular, e no plano de seo tecto está esculpida uma cruz.

Trapiá, olho d'agua no Curuaiú. Dizem abitantes, que n'essa altura, no lugar xamado Tanques, estam muitos letreiros nas pedras.

Uruquê, em Quixeramobim. N'altura d'esta fazenda, dizem os abitantes aver letreiros pelas pedras, que admiram os que os têm visto.

Vaca-morta, sitio á margem do rio Pirangí. Saindo para Zacarias, ao lado esquerdo, em umas pedras, á vista da estrada, vêem-se letreiros, onde se divulgam rastos de ema e outros caracteres.

Vitoria, riaxo no municipio de Santa-Quiteria. Este riaxo alguns xamam Macacos. Refere Antonio Soares, morador n'este riaxo, onde xamam Buenos-aires, que em dito lugar estam muitos letreiros pelas pedras, de tinta encarnada.

Xarnecas, lugar no municipio de Russas. Do sitio da Lagôa-do-Lima para cima, no lugar xamado Xarnecas, bem dentro dos bosques, testifica um abitante, que aparecem letreiros nas pedras, feitos a cinzel ou picão.

Zacarias, fazenda no rio Pirangí. N'altura d'esta fazenda dizem aver letreiros nas pedras, e n'ellas esculpida uma figura umana, e rasto de gente que sóbe a pedra.

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE

Alegre, fazenda. Na altura d'esta fazenda contam, que está um letreiro em uma pedra com letras latinas.

Barreiras de São-Jozé. Ouvi de Luiz Gonzaga, morador no porto de Touros, que este lugar é, buscando a barra do Assú, á beira da praia, onde está um letreiro em uma pedra.

Belem, riaxo. Ouvi a um abitante, que, saindo do Patú pela Caiçara, onde a estrada atravessa o riaxo de Belem, decendo por este abaixo, se topa um lagedo de pedra, no qual está uma pedra quazi redonda, á bôca de um caldeirão, com varios letreiros.

Boa-esperança. Dizem ser esta fazenda ao pé ou perto da serra do Martins, onde tem letreiros nas pedras.

Bom-Jezus, fazenda na ribeira do Assú. Entre esta fazenda e a Serra-do-gado dizem aver letreiros nas pedras de um serrote, e gravados a picão. N'essa altura diz um filho de Pedro de Barros, morador no Assú, que admirou vêr um fôrno de abobada de pedra solida com duas bôcas.

Bonito. Saindo d'este sitio para o Jatobá, dizem aver letreiros nas pedras.

Boqueirão-das-pinturas. Saindo do Jatobá para a Garganta é este lugar, no qual passa o caminho por um corredor de pedras talhadas, onde dizem aver variedade de pinturas pelo talhado das pedras, que admira a quem as vê.

Brejo-da-cruz. Este brejo é ao pé de uma serra distante da ribeira do Assú na altura, em que xamam Piranhas o mesmo ribeiro. Perto do dito brejo dizem aver varios letreiros nas pedras, entre as quaes está a fórma de um relogio esculpida.

Cabelo-não-tem, serrote na ribeira do Apodí. Expunha o pardo Francisco Xavier, que ao pé d'este serrote, dentro do riaxo, em uma pedra pequena, está um letreiro feito á goiva, onde está a forma d'uma bésta, cuja pontaria dá para a ponta do serrote.

Caxoeira, de Antonio Nunes. Perto ou na altura d'esta fazenda dizem aver letreiros em varias pedras.

Caxoeira, de Francisco de Souza. D'esta fazenda pelo riaxo acima, á distancia de um quarto de legoa, dentro do riaxo no talhado de uma caxoeira de pedras, á mão esquerda, estam varias pinturas feitas a picão ou á talhadeira, entre as quaes está esculpido o dito instrumento d'este modo ———V e para uma e outra ilharga, fóra do riaxo, pelo taboleiro, tem muitas pedras sinaladas; onde se axam uma ou duas fórmas de relogios gravados na pedra, e algumas com sinaes de tinta encarnada, ja quazi extintas; mas em 1796 ainda se podiam copiar com muito trabalho.

Cabogi. Este serrote assim xamado, dizem, que fórma quatro morros, um para cada um dos quatro angulos, e entre elles se levanta um pico quadrangulo, elevado e agudo. D'elle nacem quatro riaxos de cada angulo um, e em todos elles, dizem aver letreiros nas pedras.

Campo-grande. N'este lugar está uma capéla filial da matriz do Assú, e não muito longe d'ella, perto do rio, dizem aver algumas pedras sinaladas com algarismos de conta, e outros caractéres, entre os quaes está esculpida uma figura umana.

Campo-grande, em Cariri de fóra. Colhi de um abitante d'esta fazenda Campo-grande, que d'ella para baixo, obra de uma legua, vira uma pedra toda xeia de letreiros e pégadas de gente, abertas a ferro, com rasto de caxorro atraz, gravadas na pedra, como que subiu uma creatura a penha, e foi decendo para outra parte, para onde se axam varias penhas grandes em terra firme.

E que as pégadas estam gravadas tam sagazmente como que pizassem em barro amassado ; e que por isso os rusticos faltos de noticia dizem ser rasto de São-Tomé, como em outros muitos lugares similhantes.

Caxoeirinha. Ouvi o Jozé Ignacio, morador no riaxo da Conceição, onde xamam Raiz, que dizem os abitantes, que n'este lugar está um letreiro nas pedras.

Covas-dos-defuntos. Do Cáes para baixo no meio do campo aviam umas lapas de pedras fincadas de tésta, ao correr umas das outras,feitas em quadro á maneira de curral, e pelo meio seus repartimentos do tamanho de sepulturas ; por isso os ignorantes lhe deram aquelle nome.

Em uma testada estava uma pedra á maneira de um marco aperfeiçoado, cuja ponta de cima estava inclinada para um serrote como mostrando alguma couza para fóra do curral, cujo serrote tem ao redor varios letreiros.

Os rusticos ja têm desmanxado a maior parte do curral, fazendo-lhe varias cavas, imaginando que ali estam os tezouros.

Curralinho-de baixo, ribeira de Piranhas. Ouvi a um ancião, morador n'esta fazenda, que ahi perto estam muitos letreiros nas pedras.

Dezerto, riaxo na serra de Luiz Gomes. Colhi do mistiço Antonio Francisco, dono d'este sitio Dezerto, que ahi perto, para a parte da Pedra-d'ara, vê-se um letreiro em uma pedra.

De um pardo de nome Domingos Ramos ouvi, que na dita Pedra d'ara está um letreiro.

Estreito. Este sitio Estreito é de Páo-dos-ferros pouco abaixo, onde diz o tenente Jozé Ribeiro, morador no Mocambo, vira um letreiro em uma pedra, que lhe mostrára Felisberto Barboza, morador no Carro-quebrado.

E diz Apolinario Pereira, que no dito Estreito sabe de dous letreiros em duas pedras.

Garganta. Este lugar é assim xamado por passar a estrada entre um corredor de serras, o qual é ao subir do rio ao lado esquerdo, cujas serras vam buscando a ribeira do Seridó, em cujo lugar dizem tambem aver alguns letreiros nas pedras.

Ingá. Colhi de um Europeu por nome Antonio Jozé Ribeiro, morador no Inhamun nas terras da Carrapateira, que n'este lugar, o qual está da povoação para baixo, no

mesmo rio, vira muitos sinaes similhantes gravados nas pedras; além de outros muitos letreiros, que dizem aver em outros riaxos, que se lançam n'este ribeiro.

Imbuzeiro. Ouvi de Francisco Jozé de Oliveira, morador no engenho Jardim, que n'este lugar, na fazenda Bom-Jezus, vio letras do nosso alfabeto gravadas em uma pedra a cinzel ou picão, e outros caractéres.

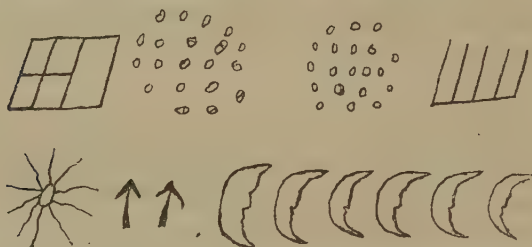
Jatobá. Perto d'esta fazenda, no lugar xamado Pinturas, contam existir uma pedra ou pedras assinaladas com letreiros.

Lages-da-Soledade. Este sitio é da entrada da picada do Apodi para diante uma legoa; é dono de uma parte d'elle Jozé Lopes, morador nas varges do Apodí, o qual diz, que, quando cavou o olho da agua, que é entre pedras, descobrio subterraneamente muitos cacos de telha e de louça, como que com elles se fez o entupimento, e logo pulsou agua com abundancia.

Este poço está em uma ilharga d'um pequeno terreno de terra firme entre grande lageiro de pedra de cal, por cujas ribanceiras e lócas estam muitos sinaes de tinta encarnada; mas como é apozento de passageiros, estes os tem raspado com facas e ralado com pedras; e que por isso já mal se divulgam, apenas percebi em uma pedra uma fórma d'este modo ⊥⊥⊥⊥; e em outro lugar estes 8 8.

E debaixo de uma lóca estes ◇◇◇◇◇◇, que é mesmo que estes 88 postos em carreira para confundir; os quaes estam dentro de um corredor de pedras adiante do poço, dando-lhe as costas, do lado esquerdo, já perto á extremidade do terreno.

Na entrada d'este corredor ainda se divulga o resto de uma parede de pedra e cal, que atravessa a bôca do corredor como açude, e que foi desmanxado antes de serem feitos os letreiros, porque no lugar, que devia estar debaixo d'agua, avia um grande letreiro, que foi ralado com pedras para o desmanxarem, onde estam ainda aquellas fórmas, que parecem oito, e as cifras em carreira.

D'este mesmo lugar, seguindo pelo lagedo para a parte do nordéste, na distancia de 100 ou 200 braças, pouco mais ou menos, em outro corredor de largura pouco mais ou menos de 2 braças de terra, onde de inverno faz pôço, pelas lócas das pedras lizas ha varios letreiros de tinta encarnada, ainda tam vivos,que parece foram feitos, ha poucos dias, onde além de muitos caracteres, que me faltou tempo para copiar, vi os seguintes :

E d'estas meias luas eram muitas em carreiras.

Lanxinhas. Este lugar dista da capela do Compo-grande 2 ou 3 legoas. Refere Manoel Calheiros, morador nas varges do Apodí com outros, que aqui existem sobre um lagedo 2 lapas grandes,quadradas,com fórma de mezas, couza feita por mãos umanas. E que as pedras d'este logar estam todas sinaladas de muitos caracteres desconhecidos. Não sei, si lhe xamam Lanxinhas por cauza das ditas lapas ou por conter impressas nas pedras caracteres de lanxas ou navios.

Logradouro. Entre este lugar e a fazenda dos Picos, refere Francisco da Silva Bastos, morador em Porto-alegre do Apodí, que emcima de um grande lagedo está uma grande pedra, a qual tem muitas pinturas.

Marcos. Expõe Luiz Gonzaga, que do porto de Touros para a cidade do Rio-grande, á beira da praia, vê-se um lugar xamado Marcos, onde existia um marco de pedra branca, grande, fincado na terra, no qual estava um letreiro. Este dizem, que o defunto provedor do Rio-

grande quebrára para examinar, si era de algum metal preciozo.

Maxixe, no riaxo Parú da ribeira do Assú. N'esta fazenda do Maxixe mora Manoel Carneiro, o qual diz, que dahi a meia legoa está uma caza de pedra natural ou furna com letreiros.

Milhan, fazenda em Páo-dos-ferros. Refere um filho de Lourenço Mendes, que n'este lugar existem letreiros nas pedras.

Mocambo. Por detraz da caza do tenente Jozé Ribeiro, dono d'este sitio, dentro do rio, está um lageiro de pedra todo xeio de letreiros gravados a cinzel ou picão, si bem que as unhas dos gados e os fogos têm solapado e gasto grande parte d'elles.

Moxoró, serra. Do lugar de Santa-Luzia se avista esta serra, a qual fica dentro dos bosques, e ao pé d'ella, refere Antonio de Moraes, morador no Moxoró, e outros, que os caçadores toparam pinturas e letreiros em pedras. E ahi mesmo sobre um lageiro de pedra viram formado um jogo de bola debuxado na mesma pedra.

Oiticica, riaxo. Este riaxinho, perto ao Cáes, o qual cae no rio Assú; subindo por elle acima, em um lagedo de pedras, dizem tambem aver letreiros.

Panati, serra. Dizem os abitantes, que em um talhado d'um profundo corredor de pedras no seo plano, ha um grande letreiro gravado a picão ou cinzel.

Panema, serra. Em certa parte ao pé d'esta serra dizem aver muitos letreiros em pedras.

Páo-dos-ferros, povoação. Adiante da matriz ou em um taboleiro alto, que lhe fica á vista, além do rio, tem letreiros nos lageiros em 3 ou 4 partes, gravados á ponta de picão.

Refere Apolinario Pereira, que no caminho, que sae da povoação para a serra do Martins, adiante de uma lagôa, está um letreiro nas pedras, onde um abitante antigo axou um tezouro e auzentou-se.

Parahú, riaxo. Saindo da fazenda do Riaxo em distancia de 1 legoa, buscando entre nacente e sul, pouco mais ou menos, ouvi a um abitante, que existem letreiros nas pedras, gravados a cinzel ou picão.

Passagem. Refere Alexandre Moreira, morador em São-Braz de baixo, que n'altura d'esta fazenda ha uns grandes letreiros nas pedras, onde vio letras latinas de tinta encarnada, ou feitas a picão. E diz um abitante xamado Antonio Jozé, que ao pé da serra, que lhe está á vista, existem letreiros nas pedras.

Passagem-funda. Me dice uma india velha da nação Paiacú, que para a parte do nacente, obra de uma legoa, dentro dos bosques, andando ella á caça com outros, ha muitos annos, sahiram a um lagedo de pedras ao pé de uma pederneira ou serrote, admirou ver umas figuras umanas feitas de pedra, sentadas, emparelhadas, em dous cantos de uma salinha de uma furna natural; uma com a cabeça inclinada para uma banda com a face sobre a mão, e a outra mão na ilharga. E a outra com uma mão na cabeça e a outra sobre o peito, á maneira da Magdalena.

E ao redor d'ellas muitas pinturas pelo plano e lado das pedras.

E que do tecto da salinha manava uma fontezinha de agoa salgada, que indo elles sequiozos, a não poderam beber.

Pataxóca. Perto d'este lugar dizem aver uma pedra com muitas pinturas ou letreiros.

Pedra-do-navio. Este lugar dizem ser do Caes para baixo. Não sei, si é assim xamado por ter alguma pedra

com fórma de navio, ou si tem o caracter de navio esculpido em alguma pedra : mas dizem aver letreiros em uma pedra.

Pedra-pintada. Perto d'esta fazende dizem aver letreiros nas pedras, perto dos quaes o dono da terra fez morada para cessar a diligencia dos rusticos, que que atraz de tezouros andavam cavando fóssos ao redor das pedras.

Periquito, serra na ribeira do Assú. Refere um morador, que entre esta serra e a serra de Adriana, em um solo ou falda d'ella, junto a um olho d'agua, tem um letreiro em uma pedra grande; e n'ella se axaram pregos.

Pintada, riaxo. E' no caminho, que sae da Capa para santo Antonio, onde ouvi aos moradores da Capa e aos de Santa-Cruz, que tem um grande letreiro nas pedras, donde lhe vem o nome de Pintada.

Pirangí, rio. Contam, que, saindo d'este rio para o porto de Touros pela costa, existe um letreiro em uma pedra, que está á beira do mar, onde batem as ondas.

Poço-do-umbú. Diz Jozé Lopes, que este poço ou caldeirão de pedra é perto d'este lugar, onde diz aver tambem varios letreiros de tinta encarnada nas pedras.

Ponta do Mélo, nas praias do Assú. N'esta praia, perto da serra do Mélo, que lhe está para o ocidente, já dentro do circulo da serra geral, ouvi a um abitante, que se axam algumas pedras assinaladas de letreiros.

Portalegre, vila. Refere um ferreiro xamado Francisco Guedes, morador prezentemente na serra de São-Cosme, que, saindo d'esta vila pelo pontal de São-Bento ao lado esquerdo, em uma capoeira, onde elle plantou, vira distintamente letras latinas em uma pedra.

Putigi. Este riaxo é um dos quatro, que nacem do Cabogí, no qual tem um lugar xamado Pinturas, onde se

axa uma obra feita na pedra á maneira de uma cacimba de gado, com seo bebedouro e atrio ou patamar, obra aperfeiçoada pela mão dos omens.

E pelas faces das pedras estam muitas pinturas e figuras umanas, algarismos de conta, e outros caractéres, uns gravados a cinzel, e outros de tinta.

Rapoza. Perto d'este sitio ouvi a um abitante, que tem um letreiro em uma pedra gravada a picão, onde está esculpida uma figura de mulher.

Sacramento, na ribeira do Apodi. E díz Apolinario Pereira, que n'este lugar vira outro letreiro em uma pedra.

Santa-cruz, na ribeira do Assú. A fazenda Santa-cruz é n'altura da vila da Prínceza, mais acima, distante do ribeiro ao subir ao lado esquerdo em um riaxo perto dos Angicos, onde me participa um abitante aver muitos letreiros nas pedras com letras latinas.

Santa-Luzia. N'este lugar existe uma capéla ; dista do mar mais de 7 legoas, e d'ella para baixo, onde xamam Carmo, dizem aver alguns letreiros nas pedras.

São-Braz de baixo. Diz o mesmo moço (Alexandre Moreira), que d'esta fazenda para baixo, distancia de 1 legoa, á beira ou dentro do rio, na beira de um caldeirão de pedra, existe um letreiro em uma caxoeira, onde se divulga perfeitamente uma cruz.

São-Braz de cima. Colhi do mesmo supradito (Alexandre Moreira), que perto d'esta fazenda tambem está um letreiro em cima da pedra.

São-João. Saindo d'esta fazenda para a Telha, na distancia de meia legoa, á beira da estrada, á mão direita, está um lagedo de pedra todo xeio de muitos caracteres feitos á ponta de picão; e para onde dá uma pedra grande,

que está a um lado pouco adiante, se axam algumas tulhas de pedras arrumadas da antiguidade, as quaes, diziam os antigos, existem desde o principio da cultura.

E todas as pedras, que pendem ao rio, estam sinaladas. E dentro do rio, em uma pedra pequena, estam as letras seguintes: I H. E da outra parte do rio se axa outro lagedo tambem com alguns caractéres similhantes aos outros.

São-Miguel, fazenda na ribeira do Panema. Entre esta fazenda e a povoação de Campo-grande, dizem os abitantes aver letreiros nas pedras.

Seio-de-Abram. Saindo d'esta vila (Portalegre) para São-Pedro no lugar Seio de Abram, á mão esquerda, faz a serra um grande cabeço separado com uma séla entre elle e a serra: n'esta sela colhi de um pardo ferreiro de nome Baltazar e de outro rapaz filho do mistiço Manoel da Silva, sapateiro, moradores na dita vila, que viram letras latinas no plano de uma pedra quadrada, que julgam estar parte d'ella enterrada.

Serra-branca. E' na altura da Pindoba, da mesma parte, ao subir do rio cuja serra é uma pedra muito grande quazi redonda, branca, elevada, e liza quazi toda. Ouvi a um escravo de Jozé Nogueira, morador na serra do Martins, do Apodi, que n'ella vio varios sinaes de tinta encarnada, e a fórma de uma roda como as de moer mandioca, esculpida na pedra, cujas tintas ainda estavam bem vivas.

Serra-negra, na ribeira do Seridó. Perto d'esta fazenda Serra-negra, colhi dos antigos, avia um letreiro em uma pedra, que dizia:—Na cabeça do negro ahi buscarás. Do que todos admiravam por não entenderem o enigma.

Serra-redonda. Ouvi a um abitante antigo, que ao pé d'esta serra, dentro do bosque, para a parte do norte, vira muitas pinturas nas pedras, feitas a picão ou cinzel, onde divulgou alguns quadros d'este modo □.

Tanques. Perto d'este sitio, das cazas para cima, dentro do rio,estam varias pedras assinaladas, onde se divulgam algumas letras latinas gravadas a cinzel ou picão.

Telha. E' na beira do rio ; e ouvi a um indio xamado João Fama, que n'altura d'esta fazenda, como quem vae para o Figueredo, vira letreiros nas pedras.

PROVINCIA DA PARAHIBA

Bruxaxá. Perto d'esta povoação dizem os abitantes, que tambem aparecem letreiros nas pedras.

Caiçara. Esta Caiçara é mais adiante do Catolé, tambem em aguas de Piranhas, onde está outra capelinha de taipa : contam, que perto das cazas vêem-se varios letreiros pelas pedras.

Caiporas, sitio. Em uma serra, que lhe está á vista, tem uma pedra xamada do Moleque, onde dizem aver letreiros.

Curimatahú. Em certa parte d'este certão dizem aver letreiros nas pedras ; mas não diceram o lugar certo.

Na mesma altura, na estrada que sae do Seridó para Pernambuco, á beira da estrada contam, que avia uma lapa de pedra sentada na terra, em cima da qual estavam letreiros gravados a cinzel ou picão, e que os ignorantes tombaram com muito trabalho, imaginando estar debaixo o tezouro.

Desterro, povoação. Colhi de um abitante, que no caminho, que sae d'esta povoação para Pedras-de-fogo na distancia de quazi uma legoa está uma pedra, na qual está um letreiro gravado a cinzel.

Engenho-novo. Na porta d'agua d'este engenho, ou nos seus ambitos, dizem, que ainda se conserva um letreiro do Olandez.

Espinháras. Ouvi alguns dizerem, que nas nacenças ou aguas d'este ribeiro de Espinháras vêem-se alguns letreiros nas pedras.

Ipueiras, fazenda no Rio-do-peixe. N'este lugar, distancia de meia legua, onde xamam Quixaba, diz um preto crioulo forro, vaqueiro, que vê-se letreiro nas pedras, como feitos a cinzel ou picão.

Mamanguape. Na altura da povoação, no lugar xamado Coité, ouvi ao padre João Feio, está uma lapa de pedra assentada sobre outra, a qual, levantando-se, tem debaixo letreiros, assim n'esta como no plano da outra, onde está assentada.

Mocoitú. Este logar dizem ser em Cariri de fóra, e dizem, que pelas pedras dos seus ambitos estam alguns letreiros.

Olho-d'agua dos porcos, na Serra-branca. Perto d'este logar refere Ignacio Ferreira, morador na ribeira do Inhamum, que existe um letreiro em uma pedra.

Pedra-branca. Refere Nazario de tal, que n'este logar, onde xamam Piá, vio letreiro nas pedras, nos divulgou o algarismo 8 e outros.

Pedra-lavrada. Este logar dizem ser saindo de Manguape para Bacamarte, ao pé da serra, antes de subir, onde está uma pedra, que está xeia de letreiros, de que lhe vem o nome.

Pedra-lavrada. Diz Ignacio Ferreira, que este logar é detraz de um cabeço (da Serra-branca), e em outro riaxo, ou no mesmo, e que é assim xamado por ter muitos caractéres nas pedras gravados a cinzel ou picão.

Pedra-lavrada, em Piancó. E' assim xamado este lugar (Pedra-lavrada) por aver n'elle uma pedra xeia de

caracteres desconhecidos pelos abitantes, esculpidos de tinta do coxonilha. *

Pedras-pintadas. Em um logar xamado Pedras-pintadas dizem aver letreiros nas pedras em varias partes. E dahi para cima em outras pedras, dentro ou á beira de um riaxinhó, dizem tambem ter um letreiro.

Pita, serrote na fazenda dos Angicos em Piancó. N'este serrote dizem os abitantes, que existem letreiros nas pedras.

Riaxo-do-Quati. Dizem ser perto da Pedra-lavrada, no qual existem tambem letreiros nas pedras.

Santo-Antonio. N'este logar ha uma capéla, e n'esta altura dizem aver letreiros, onde se divulgam rastos de ema gravados no lagedo.

Serra-branca. Defronte ou perto d'esta serra dizem aver letreiros pelas pedras.

Tigre. Na altura d'este lugar, pelo riaxo do Genipapeiro acima, dizem aver letreiros em um lagedo de pedras, feitos com ponta de ferro ou picão.

D'aquelle lagedo para cima, subindo o mesmo riaxo, na face de uma pedra alta, dizem aver outro letreiro. E poderá aver outros mais.

PROVINCIA DO PIAUHI

Barra do Poti. Refere Antonio Baptista Fialho, morador na vila de Portalegre, capitania do Rio-grande do norte, que lhe certificaram os moradores d'aquelle

* Vide a estampa 36, a qual talvez seja referente a um d'estes trez lugares de igual denominação.

paiz, que ahi, dentro de uma lóca de pedra á maneira de uma caza, está um letreiro no tecto da parte de dentro, que ninguem entende.

Brejo-do-buraco. Na cabeceira d'este brejo tem letreiros e figuras umanas em uma pedra, que em algum tempo era tam alta que punham escada para os poderem lêr, e que oje está o letreiro n'altura de um omem mediano.

Cadoz. Diz Raimundo Alves, morador no Surubim, que da fazenda de Cadoz para baixo tem uma furna de pedra, em cujo tecto, da parte de dentro e pelas ilhargas, tem varios letreiros, e que já vio rubins, e pedras azues e cristaes, que se axaram no interior da furna.

Colonia e Brejão. Refere o mesmo Raimundo Alves que n'estes dous lugares tem letreiro pelos talhados das serras.

Curimatan. N'esta fazenda tem um lugar xamado Pedras-pintadas, nas quaes dizem aver letreiros e figuras umanas esculpidas.

Ferramenta. Diz Gonçalo Francisco, morador nas nacenças do Rio-do-peixe, que esta fazenda é na estrada, que sae do Itaim pelas fazendas d'elrei, onde vira um letreiro á beira do rio na boca de uma furna de uma grande penha, debaixo da qual tem um medonho pôço.

Inhuma, fazenda. Ouvi um abitante dizer, que n'este lugar estam muitos letreiros nas pedras, de tinta encarnada com figuras umanas e navios.

Ladino, morro na freguezia de Valença. Expõe o capitão Baltazar Correia, morador na povoação da Telha, que, em um lugar que xamam morro do Ladino, vio letreiros nas pedras, e n'ellas esculpidas figuras umanas com lanças ou espadas na mão.

E que ahi mesmo estava uma lapa de pedra grossa, quadrangula, assentada na terra, e por cima este letreiro:

«Quem me virar, debaixo de mim grande aver axará.» E que certos ignorantes com muito trabalho a tombaram com espeques,e por baixo estava outro letreiro que diz: «Torna-me a virar.»

Pedra-pintada. Expõe Raimundo Alves, que perto da vila de Campo-maior, no lugar xamado Pedra-pintada, está uma lóca de pedra, a qual por dentro e por fóra está xeia de letreiros, que admiram os que as vêem.

Pedra-pintada, ribeira de Valença. Diz Raimundo Alves, morador na fazenda Surubim, no certão das catingas, que existe uma pedra á maneira de uma caza, xeia de letreiros por dentro e por fóra, onde está esculpida uma cruz.

Piripiri, fazenda na ribeira de Piracuruca. Na altura d'esta fazenda do Piripiri está um letreiro em uma pedra,adiante da qual estam 3 rumas de pedras postas em carreira.

Pombas, serra. Refere Raimundo Alves, que lhe dicera um indio da nação Caicó, que em dita serra vê-se uma caza de pedra com muitos letreiros, onde seos antigos tiravam ouro.

E ouvi a Francisco Pereira, morador na Varge-da vaca, circumvizinho d'estes lugares, que lhe certificou um seo compadre, que alem dos letreiros a caza tem portão ou portas, como couza lavrada a picão.

Rajada. Saindo do Itaim para o rio de São-Francisco pela travessia nova, no lugar xamado Rajada, dizem aver um letreiro de tinta encarnada com letras latinas nas pedras.

Sucuruiú, brejo. Na altura do Marvão na distancia de 7 legoas, pouco mais ou menos, existe um brejo assim xamado, e dizem aver duas pedras perto uma da outra, as quaes ambas têm letreiros.

Varge-da-serra, na freguezia de Valença. Entrando da Serra-negra para dentro, adiante do Morro-do-xapeo, no lugar xamado Varge-da-serra, dizem aver uma penha alta e talhada, á beira da estrada, na qual em boa altura está a fórma de um nixo, dentro do qual se divulga a figura de um frade em pé, sacrificando um jacaré sobre um altar, tudo feito na mesma pedra, e esta penha está toda circulada de letras e caractéres desconhecidos, gravados a cinzel ou picão; entre os quaes se divulga a figura de um negro por ser preta, e rastos de onça.

E quando alguns d'aquelles abitantes ali vam com outros, dam rizadas, dizendo: « Estes sam os santos dos ladrões dos Tapuios, quando abitavam este paiz ». E como este proferem outros similhantes disparates, como que este rustico gentio algum dia vio frades para esculpir sua figura, e nem antes do Olandez tinham ferramenta para cortar madeira quanto mais pedras!

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

Inxú. Colhi de um Europeo de nome Manoel Antonio, que os indios do Inxú lhe foram mostrar da parte da serra geral (Araripe) uma corrente de ferro, que está pendente pregada por um espigão em uma arvore gameleira, nacida á beira de um lagedo de pedra derriada para elle, e onde dava a ponta da corrente está um quadro de de 2 palmos, feito na pedra, dentro do qual vira as letras seguintes: — H N J B — e que d'elle sae um risco comprido até perto da extremidade da lage, e n'esta extremidade está uma forma cavada na pedra á maneira de um braço do cotovelo para a mão, assentada de costas, com os dedos esculpidos, apontando para a parte de terra.

Itacotiara. Este lugar dizem ser de Cabrobó para baixo, entre o rio de São-Francisco e uma serra, de cujo cabeço se divulga: cahio antigamente uma grande lasca

de pedra, que ficou encostada no talhado da serra sobre a terra firme, em cuja face está um letreiro gravado a cinzel ou picão.

Macacos, serra na ribeira do Urubá. E' assim xamada, porque, além de muitos caractéres desconhecidos pelos moradores, de tinta encarnada, que admiram, esculpidos nas pedras, entre elles se divulgam figuras de macacos.

Olho d'agua. Este lugar, dizem, dista do Inxú 12 legoas no caminho, que vae para o brejo de Santo-Antonio, onde, dizem, aparecem letreiros nas pedras.

Pagehu. Refere o padre Antonio Mendes d'Azevedo, natural de Olinda, e vigario que foi na vila de Cimbres, que em certa parte de Pagehu, perto do rio de São-Francisco, vê-se uma caza de pedra com altar á maneira de um nixo, onde se axam letras latinas gravadas nas pedras.

Piranhas, fazenda. Colhi de Francisco Vieira, que n'altura ou perto d'esta fazenda estam muitos letreiros nas pedras.

Riaxo-do-navio. No lugar xamado Caldeirão, que dista d'este riaxo 1 legua, colhi de um abitante, que vê-se um letreiro gravado em uma pedra liza e redonda.

Santo-Antonio, brejo. Este brejo dizem ser adiante do Olho-d'agua, onde estam letreiros nas pedras, que fazem admirar a quem os vê.

Santo-Antonio, fazenda. Diz Francisco Vieira, que n'altura d'esta fazenda, no estreito ou talhado da serra, estam muitos letreiros nas pedras.

Serinhem. No lugar La-me-vou, perto de um rio ou lagôa, avia um letreiro, que dizia: Quem me virar grande tezouro axará, » ou couza similhante.

Tapéra, fazenda. Esta fazenda dizem ser saindo do riaxo da Brigida para o rio de São-Francisco, e perto do qual diz João Pereira d'Alenquer, que estam letreiros nas pedras gravados a cinzel ou picão.

EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS*

ESTAMPA 1

Inhamun, fazenda da Carrapateira. Adiante da caza do capitão Pedro Alves, em um serrote, que está á vista, em a face de uma pedra d'elle, da parte do nacente, á beira do caminho, está o letreiro que se axa n'este papel (Est. 1.), feito com o dedo de tinta encarnada; e posto que alguma parte esteja quazi extinta, outras ainda se divulgam bem, donde extrahi tudo quanto pude perceber.

Ao pé do letreiro estava uma grande lapa de pedra, que bem mostra, que foi cahida do logar do letreiro antes de o fazerem (quando com a morte de Jezus Cristo as pedras se partiram), o qual depois de 1798 foi arredado do logar com espeques, estando eu prezente no anno seguinte, quando tambem eu ainda andava cégo como muitos.

Dando as costas a esta pintura, ao lado direito mais de uma braça, está uma pedra assentada na terra com esta fórma △ e outra em cima da outra d'esta feição

com uma veia natural em cruz, cujos caractéres se axam impressos na mesma pedra, como está n'este letreiro, que copiei.

E para detraz do serrote, em cima d'elle, na parte do poente, tambem divulguei uma pedra redonda, cuja

* As notas explicativas são *ipsis verbis* transcritas como se axam no verso de cada um dos dezenhos da obra *Lamentação Brazilica* do padre Francisco de Menezes.

fórma se axa no letreiro, ao lado esquerdo na parte superior com o Y (ipsilon) dentro em ∧ por baixo, como se verá aberta esta folha.

Estampa 2

Inhamun. Madeira-cortada

Saindo da fazenda Carrapateira para Madeira-cortada, já perto á esta, deve-se largar a estrada e tomar á mão esquerda por um corredor de pederneira dilatado, onde elle se acaba, dobrando ao lado direito, atravessa-se um riaxinho seco ; logo adiante está um grande penha em cima de outra ; na lóca da de cima está o letreiro d'este papel (Est. 2).

Dando ás costas ao letreiro, pelo lado direito, detrás da grande penha, quasi ao nacente, em pouca distancia, estáuma pedra grossa em cima, e aguda para baixo ∇ com altura de quazi trez omens, cuja ponta está naturalmente assentada em cima de uma lage raza como que d'ella nace, e bem a prumo, que bem parece, quando a terra tremeo, estaria ainda calçada de terra, aliás teria adornado, cuja meia fórma por sagacidade está esculpida n'elle letreiro com um raminho para baixo, que é a terceira figura, feita por baixo do papel, contando do lado esquerdo para o direito.

Além de outras muitas pedras, que não tive tempo de observar, si suas figuras se axam em dito letreiro, o qual é feito de tinta encarnada com o dedo. E pela pressa com que copiei, e a grande calma, poderia descrepar no assinar dos outros caracteres.

Estampa 3

Inhamun. Apertados

Duas legoas distante da fazenda Carrapateira tem uma fazenda xamada Cracará ; d'esta buscando o rumo de oesnoroeste, na distancia de 1 quarto de legoa, da

outra parte do rio, perto de um serrote de pedras alto, está uma pedra sobre outra, na qual me mostrou este letreiro Ignacio Ferreira, morador no Mulungú, perto do Cracará, cujo lugar xamam Apertados.

Daqui olhando para diante está uma pedra com a ponta, que olha para o letreiro, redonda, similhante á figura penultima, que está n'este papel pela parte inferior, contando da esquerda á direita, e poderá ter outras balizas, que não descobri.

Olhando para quazi o poente está outro serrote em cima de um alto, que em uma pedra d'elle quazi á parte de léste estam gravados outros caracteres, e tudo de tinta encarnada, que perdi depois de o copiar, e bem parece deve conferir com esse.

O mesmo serrote da pintura é razo para cima e talhado para baixo.

ESTAMPA 4.

Inhamun. Jatobá

Do Jatobá, buscando o poente, entre o rio e a estrada do Tauá, está uma pedra redonda mais alta que um omem, com a ponta para baixo, aguçada, assentada em cima de uma pequena lage raza, em cuja face, da parte do poente, eu vi um letreiro, que me foi mostrar Ignacio Ferreira, morador no Mulumgú, cuja fórma é esta ▽, e a pintura já estava extinta e sómente extrahi o que se axa n'este papel (Est. 4), e que apenas divulguei; e posto que já o avia desprezado, depois que conheci a fórma do outro, e o modo que uzaram estes omens assinalar os outros, o ajuntei tambem aos outros.

ESTAMPA 5.

Inhamun. Lagôa de Arneirós

Saindo da Carrapateira para o Cracará, na distancia de meia legoa, seguindo por uma vereda que sae á mão

esquerda, está uma lagoeta xamada Arneirós, á distancia d'esta passa um serrote de pedra á mão esquerda, adiante passa um massapê, no fim do qual, onde vai subindo um taboleiro, se descobre outro serrote á mão esquerda perto da vereda que seguimos, onde estam umas pedras redondas e outras compridas sobre um lageiro de pedras; em uma das redondas está este letreiro, que se axa ao correr das figuras pretas na face da parte quazi do norte, gravado á ponta de picão, e cobertos os caracteres de tinta encarnada, alem de outros caracteres, que se não devulgam mais.

E dando as costas ao letreiro, ao lado direito, perto d'elle em outra pedra, está a pintura, que se axa na parte inferior d'este papel (Est. 6) ao lado direito com 25 riscos junto a si.

No mesmo correr do lado direito está uma pedra, que mostra ter sido assinalada, cujos caractéres se não distinguem.

ESTAMPA 6

O dezenho não traz explicação.

ESTAMPA 7

Inhamun. Lagôa de Arneirós

Mais adiante do lugar antecedente, n. 5, pela mesma vereda, ao lado esquerdo, se encontram varias pedras meio-redondas, mais altas que um omem, sobre um lageiro de pedras, em cima das quaes, da parte do poente, está o letreiro d'este papel (Est. 7), que vai rodeando a pedra com os riscos do modo e numero, que aqui se axam, pela parte do sul até a face da parte do nacente, feito com o dedo de tinta de coxonilha; e só copiei o que divulguei, porque estava já quazi extinto.

Perto d'esta pedra está outra do mesmo tamanho, que ainda mostrava ter sido assinalada; nada porém se divulgava mais para copiar-se.

Dando as costas á face do poente, olhando ao lado direito, no meio do lageiro, na parte mais baixa d'elle, está uma pedra menor que as outras, na qual estava a figura que se axa aqui adiante da figura dos riscos atravessados, que lhe ficam acima, que muito mal percebi por conhecer já o outro e o seu modo de uzar.

Mais acima d'esta, na extremidade da lage, está outra pedra meio-redonda, onde se axa a pintura dos riscos atravessados, que está acima da figura ou astro supradito.

Para a parte do norte, perto da extremidade do lageiro, se axa um arvoredo angico muito antigo, de trez galhos junto ao tronco, com o caracter, que está n'esta pintura em cima do travessão.

A baliza deve ser alguma das pedras, cujo tecto seja por cima orbicular com a fórma, que está em cima da travessa á maneira de € ⌒.

ESTAMPA 8

Inhamun. Morcego

Este letreiro é nos pastos da fazenda Carrapateira, no logar xamado Morcego, que lhe fica quazi ao nacente, na tromba de uma grande penha que está sobre outra.

Adiante d'elle, algum tanto mais perto de outras pedras, se axam duas arvores angico, muito antigas e já uma com um galho cortado, cujas fórmas mostram foram similhantes ás que estam esculpidas em cima da linha curva.

Dando as costas á pintura, encostado a ella, ahi perto, ao lado esquerdo, está uma pedra comprida para cima; mais baixo que a penha grande, cuja carapuça é d'esta fórma ∩, e para baixo vai alargando como a que vae assinada no principio d'este letreiro ao lado esquerdo, que fielmente copiei ; o qual é todo de tinta encarnada bem viva.

Ao mesmo lado, á uma vista longe, se divulga em outro serrote outra carapuça de pedra da mesma feição, porém mais alta.

ESTÁMPA 9.

Adiante do sobredito letreiro, n. 8, em cima de um lageiro, está uma pedra meio redonda, na face da qual, da parte da penha grande, estam assinados os 4 caracteres, que se axam em carreira pela parte superior d'este papel (Est. 9.). E d'ahi, olhando para cima da penha grande, se divulga em cima d'ella uma lapa de pedra com o caracter que imita ao que está assinado no mesmo lugar d'este papel, logo depois dos ◎ algum tanto apagados, e apenas divulguei o que aqui assinei.

Saindo da pintura grande,n. 7, ao lado direito como quem vae rodeando o serrote, se axa um corredor de pedra, em cuja face está assinalada a fórma, que se axa n'este papel ao lado direito na parte inferior, com os riscos que lhe estam a um e outro lado, e na parte superior separadas das outras de cima, e todas bem distintas, de tinta encarnada.

ESTAMPA 10

Estando no lugar da pintura grande, e olhando quazi ao poente, logo perto se vê um corredor entre 2 pedras, que vae saindo para um taboleiro baixo.

Na ponta do lado direito está a pintura de muitas pernas, que se axa na extremidade d'este papel (Est. 10) ao lado direito d'elle ; para cujo lugar apontam as duas linhas compridas, que estam no meio da pintura grande n. 7, mas já quazi extintas.

E em uma penha preta e alta, que está emparelhada com esta, ao lado esquerdo, se axam os caracteres, que estam n'este mesmo papel (Est. 10), desde o lado

esquerdo até a figura meio quadrada empastada, que fica perto do coração, a saber: o coração com a seguinte estam da parte do sul, e as mais da parte quazi do poente ou norte. E bem mostrava ter mais alguns caracteres, que já se não divulgam.

ESTAMPA 11

Encostando-se á dita pintura grande, n. 8, olhando para a parte de lessueste, quazi para onde dam as pontas superiores das 4 linhas, que estam na extremidade do papel (Est. 11), ao lado direito, as quaes se vê por baixo da tromba da pedra até sua extremidade superior, se descobre um serrotão grande de pedras, umas sobre outras á maneira de uma torre; e na lóca d'esta, quazi á parte do sul ou lessuéste, se axam no tecto de dentro os caractéres d'este papel (Est. 11) feitos de tinta de coxonilha ainda bem vivas, que fielmente copiei.

Desviando-se d'ella, um pouco para a parte do poente, se divulga em cima da ultima pedra do mesmo serrote outra pedra com a fórma similhante á figura, que está n'este papel, na extremidade da parte direita d'elle. E si tem mais alguma baliza, não pude descobrir.

ESTAMPA 12

Inhamun. Riaxo-verde

Do Molungú, buscando o poente, na distancia de legoa e meia, á beira do tal Riaxo-verde, está uma pederneira preta, e na maior d'ella, na face do poente, está este letreiro de tinta encarnada ainda bem distinto.

Adiante d'elle para o poente se avista uma arvore

aroeira alta com a fórma de que se axa esculpida n'este papel (Est. 12), ao pé da qual estam 4 lapas enterradas d'esta sorte

em cruz em linha réta para a parte da pintura.

Ignacio Ferreira foi quem me conduzio a este lugar dezerto. E si alguma pedra lhe serve de baliza ou ponto, não descobri, porque então ignorava o modo de procurar.

ESTAMPA 13

Inhamun: Cracará

Saindo pela estrada da Carrapateira, já perto, á vista, ao lado direito, detraz de um juremal, está uma penha grande e alta á beira do rio, circulada de outras menores, na face da qual, da parte de léste, se axam sómente impressos os catactéres, que estam n'este papel (Est. 13), feitos de tinta encarnada ; e posto que já algum tanto extintos, mas bem os divulguei, que fielmente os extrahi na fórma que elles estam. E si avia mais alguma letra, já se não percebe.

ESTAMPA 14

Inhamun. Cracará

Saindo d'este lugar para as Favelas, logo á vista, passa uma varge de massapê, e ao subir do primeiro alto estendendo-se a vista ao longe para o lado esquerdo, na distancia de menos de um quarto de legoa se divulga uma grande penha, na face da qual está, em cima da parte do poente, a pintura que se axa n'este papel (Est. 14) ao lado esquerdo no meio da folha, que emendei na parte superior, toda de tinta encarnada, e assim a seguinte.

Esta pedra superior é oval por baixo, formando uma lóca, em que apenas entra, e anda uma pessoa por baixo d'ella de gatinhas e perigozamente por ser mui alta a sobre que ella está, e no tecto d'esta lóca se axam todos os caractéres, que estam esculpidos na folha inteira d'este papel inferior á supradita meia folha.

Dando as costas a esta lóca do lugar da pintura, ao lado direito, que é ao sul, está uma pedra com a fórma da figura, que se axa em 3.° logar na parte inferior d'este papel (Est. 14), contando do lado esquerdo para o direito, sobre um pequeno lageiro e com a parte réta para cima e a ponta aguda para léste e a sua aba inclinada para o poente, de sorte que por ella se póde subir até a ponta, que é levantada. Na face do norte ainda se divulga um quadro □, que já estava quazi extinto.

Para a mesma parte do sul, mais adiante d'esta, em cima de um alto, se divulga um serrote, que está á vista; o qual reprezenta a figura da que está assinada na parte inferior d'este papel no termo das outras ao lado direito, á maneira de um curral com os 21 risquinhos adiante.

Este letreiro da lóca não foi copiado por mim, pelo temor que tive de subir e entrar na lóca, por ser esquinada, mas foi copiado por pessoa fiel de minha caza: eu copiei o que estava fóra na parte superior.

ESTAMPA 15

Inhamun. Cracará

Saindo da pedreira n. 14, buscando ao norte, e subindo um alto, se descobre uma pedra com a fórma de um barco pequeno com a pôpa sentada em terra e a prôa levantada para o poente, encostada sobre outras pedras pequenas com a fórma seguinte

cujo caracter está esculpido na pintura n. 14 na ponta da pedra aguda notada por baliza, em cuja testa da prôa, da

parte do poente, está este letreiro já quazi extinto, do qual trabalhozamente copiei o que pude divulgar.

ESTAMPA 16

Inhamun. Cracará

Dando as costas á penha do n. 15, como quem segue para um morro, que os abitantes xamam *Morro*, que é ao norte, antes de xegar a este, se divulga um serrotão de penhas, que reprezenta um castélo ou fortaleza, que se atravessa quazi de norte a sul, e na ponta que corre para o norte, da parte do poente, se axam os caractéres d'este papel (Est. 16), feitos de tinta encarnada, de que fielmente copiei o que ainda pude divulgar.

Si aqui tem alguma baliza, a não soube descobrir, por ainda me faltar a experiencia, e somente divulguei, que na mesma parte, onde estam as pinturas, vê-se um recantilado no talhado do serrote d'esta feição

bem similhante á figura, que se axa na penha n. 15, na parte superior do papel, olhando para o lado esquerdo, que lhe fica ao norte, para onde apontam as pontas das figuras.

ESTAMPA 17

Inhamun. Morro

Deixando o serrote n. 16, seguindo para o Morro, xegando a elle, dar-lhe as costas, seguir pela parte do norte, e d'elle na distancia de 3 ou 4 estadios, pouco mais menos, se axa um lageiro de pedra, em cima do qual está uma pedra quazi redonda, mais alta que um omem, raza

para cima e algum tanto estreita para baixo,e trez lascas grandes de pedra ao pé d'ella,posta perto da extremidade do lageiro da parte de léste; na qual se axam os caracteres d'este papel (Est. 17), na face do poente e sul, feitos de tinta de coxonilha.

A fórma da pedra é d'esta feição ▭, e por isso aquella figura que está no tecto do ramo mais comprido

bem parece mostrar ser a mesma pedra a baliza d'este letreiro, e tambem poderá ser outra.

ESTAMPA 18

Este dezenho não tráz explicação alguma.

ESTAMPA 19

Inhamún. Açude da Carrapateira

Do açude da Carrapateira para a parte do esnoroéste, pouco mais ou menos, em pouca distancia, em uma pederneira, na face do norte, está esta pintura feita com o dedo, de tinta encarnada. Já se axa quazi extinta; porém ainda a divulguei, quando extrahi.

A baliza parece ser o mesmo serrote, por ter a mesma fórma da pintura, formado de algumas pedras sobre outras, razo por cima.

Antonio Jozé Ribeiro, Europeo, foi quem me conduzio a este paiz.

ESTAMPA 20

Inhamun. Poço do Mulungú

Saindo do açude da Carrapateira para o norte, na distancia de meio quarto de legoa, pouco mais ou menos, dahi buscando o noroeste como quem segue para o lugar a

que os vaqueiros xamam Pôço do Mulungú, e d'esta volta tendo andado mais de meia legoa para diante, antes de xegar ao dito pôço, no meio do campo está uma pedra preta grande sobre outra baixa inclinada para o poente, em cuja face, quazi ao noroeste se axam as letras, que estam n'este papel (Est. 20) na parte superior ao lado esquerdo unidas com a letra G.

Dando-lhe as costas se vê logo adiante, pouco mais de uma braça, uma pedra da altura de um omem, triangular d'esta forma△, na qual estam as letras, que se axam n'este papel (Est. 20), na parte inferior ao lado esquerdo abaixo do G, e todas ainda bem vivas.

Subindo a pederneira grande, no seo plano, se axam as fórmas, que estam separadas d'aquellas ao lado direito do papel com as pontas para o poente ; e posto que já com o tempo estavam extintas, sempre copiei o que pude perceber.

Esta penha superior da parte do poente extende uma aba, formando uma pequena lóca, que apenas cabe um ou dous omens de cocoras, dentro da qual, na parte superior, se axam os caractéres de travessas e estas com as muitas pernas, que puxam para o poente, como se vê aqui ao lado esquerdo d'esta lauda, e tudo de tinta encarnada.

D'aqui mesmo olhando para o sul, ahi perto, está uma pedra da altura de um omem, meio-redonda por cima, a qual bem mostrava ter sido assinalada, mas nada se percebia mais, quando eu a vi.

ESTAMPA 21

Inhamun. Emburanas

Da Carrapateira para Santa-Luzia, na distancia de meia legoa, largando a estrada e entrando pelo taboleiro, seguindo quazi o rumo do oestenoroéste, e na distancia de meia legoa, depois de passar varias penhas, no lugar das Emburanas, se encontra um grande lageiro de pedra rente com a terra, e á beira d'este para a parte de leste está

uma pedra comprida e grossa, assentada na terra, em cuja face, da parte do norte, está está pintura para a parte do cabeço, que corre para o poente, em cujo lugar parece, que foi cepilhado a ferro para o alizarem antes de formar a pintura, que era de tinta encarnada ; mas como estava muito ao tempo, já se axava quazi extinta e mal percebi para copiar o que se axa n'este papel (Est. 21).

Da parte do nacente, perto d'ella, está uma grande e alta penha, que bem me parece ser a baliza d'este letreiro por imitar muito a forma grande d'esta pintura, que torna desde o lado esquerdo até mais do meio do papel separada das outras que estam ao lado direito.

ESTAMPA 22.

Inhamun. Emburanas

Dando as costas á penha antecedente do n. 21, abeirando o lageiro até que, deixando este, e buscando o sul, adiante poucas braças, se descobre uma grande penha preta com a face para o nacente, talhada de alto a baixo, á maneira de muralha ; onde está este letreiro feito de tinta encarnada com o dedo.

No rumo de sua face para a parte do norte, se axa uma arvore angico, garranxuda, muito antiga, cujo caracter se axa esculpido n'esta pintura da parte direita do papel (Est. 22).

E não tive tempo de examinar, si tem outra baliza. D'este letreiro para diante, quazi ao poente, estam varias pedras, que não tive tempo de copiar.

ESTAMPA 23

Inhamun. Taboleiro do Irapuá

Da fazenda Carrapateira para Santa-Luzia de Cratiùs, na distancia de 2 legoas e meia, pouco mais ou menos, xegando a uma pederneira grande, que está ao lado

direito da estrada mais adiante poucas braças, com outra menor á mão esquerda, dando as costas a esta segunda, e deixando a estrada seguir para léste ; e na distancia de 3 ou 4 estadios, pouco mais ou menos, entre pedras está uma mais alta, assentada sobre outra mais baixa, com a face direita olhando quazi para o ocidente, em cuja face se axa esta pintura de tinta encarnada, já quazi extinta, que de longe e de perto mal se divulga, feita com o dedo; porém appliquei todo o cuidado para copiar fielmente, pois bem lhe divulguei ainda todos os caracteres, os quaes sam grandes, tomando toda a face da pedra, que tem de largo quazi uma braça, e mais alta do que um omem.

Aqui não descobri baliza por ignorar ainda os termos, que bem póde ser a mesma penha ou alguma das que lhe estam ao norte.

Estampa 24

Inhamun. Taboleiro do Irapuá

No mesmo logar atraz referido, n. 23, passa-se a pederneira grande, que está á mão direita, seguindo a entrada, passa-se outra pederneira pequena que está ao lado esquerdo, logo se segue outra pederneira grande á mão direita, e no fim d'esta, dando as costas á entrada, logo perto por detraz da dita pederneira, se divulga uma pedra redonda mais pequena que as outras, sentada sobre outra, e na de cima se axa este letreiro, feito com o dedo, de tinta encarnada, que fielmente copiei.

A forma grande redonda, que está na parte superior d'este papel (Est. 24) tem o caracter da mesma pedra, onde está a pintura, que denota ser a baliza.

Estando junto a esta penha, dar-lhe as costas com o lado direito para a pederneira grande, que já deixamos atraz, lhe fica perto; no fim d'ella está uma grande penha quazi redonda sobre outra, na qual, da parte do sul, está outro letreiro de tinta encarnada com uma parte já coberta de limo, e por falta de tempo não copiei o que percebi.

Estampa 25

Inhamun. Fazenda da Caiçara, da Carrapateita para cima: riaxo da Caxoeirinha

Da fazenda Caiçara para a parte do sul mais inclinando ao sueste, depois de meia legoa ou pouco mais, á beira do riaxo Caxoeirinha, está uma pedra redonda sobre outra alta, que um omen não alcança com as mãos, onde se axa este letreiro de tinta encarnada, feito com o dedo, que a circula em roda, bem vivo e distinto, não obstante estar bem ao tempo e sem abrigo.

Olhando daqui para o poente, de outra parte do riaxo, á uma vista, se descobre uma pedra alta de côr preta, cujo tecto é d'esta feição ∧, á maneira de um telhado de duas agoas, que denota ser baliza, por ser similhante á figura que está ao lado esquerdo, na parte superior d'este papel (Est. 25), logo adiante da primeira que tem 4 pernas e um risco para baixo.

Eu tudo ignorei, quando copiei ; por isso poderia descrepar em alguma couza ; mas depois me pareceu, que a mesma pedra redonda, onde está a pintura, tambem será baliza, cuja fórma está dentro da figura, que se axa na extremidade d'este papel, na parte inferior ao lado direito.

Estampa 26

Certão de Cratiús. Fazenda de Santa-Luzia

Perto da caza d'esta fazenda, á beira do riaxo, está um alto serrote, á imitação de um castelo, em cuja face, da parte do norte, estam estas pinturas. E para a parte do sul está todo lavrado de outros caractéres, alem de outros em outras pedras, que, por me faltar o papel na ocazião, não copiei todo ; o que muito senti.

Do logar d'esta pintura, olhando para o norte, se divulga perfeitamente, no tecto de uma grande pederneira alta, uma forma d'esta feição

cujo caracter se axa estampado perto ao meio d'este papel (Est. 26), na parte inferior ás outras figuras.

Tambem olhando daqui para a parte do nacente, em boa distancia, divulguei um serrote quazi á imitação da figura, que se axa n'este papel (Est. 26) ao lado esquerdo inferior aos de cima.

Si algum canto do mesmo serrote ou outra penha vizinha servirá de alguma baliza, so extrahindo-se toda a pintura, se poderá calcular.

ESTAMPA 27

Ribeira de Banabuiú, entre Santo-Antonio e Almas. Pedra da Curicáca

Entre Santo-Antonio e Almas está um lugar, a que os vaqueiros xamam Curicáca, onde estes me foram mostrar uma pedra assentada em cima de um lageiro, que tem uma face liza, como que a cepilharam, da parte do poente, onde está o letreiro d'este papel (Est. 27), o qual ainda bem mostrava, que, depois de ser a penha untada de tinta encarnada, gravaram á ponta de picão.

Dando as costas a esta penha, e olhando para o sudoéste, ahi logo perto, em cima do mesmo lageiro, está outra penha grande preta, cuja fórma é similhante á figura, que está n'este papel (Est. 27), perto ao principio do lado esquerdo, em cima de um pontalete, acima do qual está um quadro com uma cruz dentro, em cuja penha, da parte do sul, estam os caractéres, que se axam assinados nas costas d'este papel (Est. 27), e que constam de uma

rozeta de 7 pernas e outra atravessada de 9 pernas para baixo com uma cruz acima, e outra de duas pontas agudas, e comprida para cima, feitas de tinta encarnada, posto que quazi estejam pretas.

Dali mesmo olhando mais ao lado direito, quazi na extremidade do lageiro, se axa uma pedra comprida roliça, com uma ponta mais grossa que a outra, quazi ao correr de léste ao oéste, cuja figura se axa esculpida perto ao fim d'este letreiro ao lado direito, com uma cruz adiante.

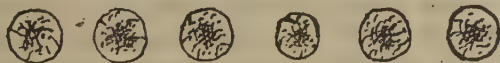
E tambem a mesma penha da pintura poderá ser baliza, porque a parte superior da frente tambem é arqueada d'esta sorte ⌒, e para léste e poente lhe está a terra perto.

ESTAMPA 28

Banabuiú. Fazenda da Caza-nova

Saindo d'esta fazenda para o Castélo, na distancia de quazi 3 quartos de legoa, emparelhada uma ipueira de torrões á beira da estrada, ao lado direito, está uma pedra em cima de outra, da altura de um omem alto, a que os abitantes xamam *Pedra-furada*, em cuja face do poente está este letreiro gravado a cinzel goiva.

E como estam baixos os caracteres, e servem de abrigo ás cabras, quando xove, pela continuação de se esfregarem, já estam mesmo muito razos, de sorte que mal se percebem, e tambem porque a pedra, estalando com o sol, larga as lasquinhas; dizem os abitantes, que ainda os alcançaram bem viziveis.

Ao pé da mesma pedra existem algumas lapas, que bem mostram se dezapegaram da penha antes de ser feito dito letreiro, que talvez seria partida no dia da morte de Jezus Cristo; porque nas faces que se despregaram da outra, que estam para cima, onde se axam muitas barrocas feitas á ponta de picão, similhantes ás que se axam n'este papel (Est. 28) d'este modo,

que por descuido não copiei nem contei. Esta é a razão, donde lhe vem o nome de Pedra-furada.

ESTAMPA 29

Banabuiú. Fazenda do Castélo

Da caza d'esta fazenda, onde mora Francisco da Veiga, para a parte do nordéste, além do rio, se divulga em cima de um alto uma penha grande, e buscando o rumo d'ella, e estando perto, descobre-se uma lagoa ou ipueira sêca, e detrás d'esta está outra penha alta e grande no meio do plano da varge, em cuja face, da parte do norte, estam os caracteres d'este papel (Est. 29), impressos á ponta de picão ou cinzel. Os dous porém, que aqui estam ao lado direito, na extremidade do papel, se axam mais pendentes para a face do ocidente.

Acima dos primeiros se viam outros caracteres como couza feita com pincel fino, ou ferida só a pedra com ponta de ferro, de côr branca como alvaiade ou gesso, os quaes não copiei por já não divulgar-lhes a fórma, mas parece á maneira de xadrez ou linhas atravessadas em cruz.

A figura da penha tem quazi esta feição

do modo que se axa n'este papel pelas costas do

Da parte de léste, ao correr da face onde está a pintura, em distancia de braça e meia, ainda se divulga o lugar onde em algum tempo avia uma arvore carnahuba, cujas astes sam direitas para cima, como a 3.ª fórma, que está adiante das duas primeiras, que se axam no principio d'este papel (Est. 29) ao lado direito, porém na mesma

linha mais adiante quazi uma braça já existe outra nova d'esta qualidade em bôa altura. Pela varge aparecem outras muitas d'esta qualidade, mas expresso esta por dar indicios de baliza para ao seu correr buscar-se a sombra.

Tudo isto póde ser um engano, porque pela varge estam outras pedras, das quaes alguma póde ser a baliza; o que não pude descobrir.

ESTAMPA 30

Banabuiú. Fazenda dos Patos

Da caza d'esta fazenda para a parte do nordéste, em distancia de meia legoa, por detrás do cercado da fazenda, se axa este letreiro feito á ponta de picão ou cinzel em uma pedra meio-redonda, que está em cima de um lageiro pequeno, dentro dos carrascos.

Quando me conduziram a este lugar, já era muito á tarde, e não tive tempo de explorar as balizas.

ESTAMPA 31

Fazenda dos Patos.

Saindo d'esta fazenda para a parte do nordéste, pela vereda que segue para a lagôa do Flamengo, na distancia de 3 quartos de legua, pouco mais ou menos, ao lado direito da vereda, se divulga uma pedra em cima de um lageiro, na qual, da parte quazi do ocidente, se axa este letreiro gravado a picão ou cinzel; por ser tarde tambem não pude explorar as suas balizas.

ESTAMPA 32

Lagôa do Flamengo.

Da fazenda dos Patos sae uma vereda, que segue para este lugar, assim xamado por tradição dos nacionaes, o qual fica quazi á parte do mesmo nordéste; e á beira

d'esta lagôa, da parte do nacente, estam duas pedras compridas e roliças, da grossura de uma pipa, deitadas na terra, em cujas pontas, que olham para o ocazo, estam estes dous letreiros, que ambos sam o mesmo; o de cima com a pequena que lhe está abaixo do lado esquerdo, e a cruz que está do lado direito, estam em uma d'ellas; e o debaixo está na outra; tudo gravado a picão.

Tambem aqui não pude fazer o calculo certo nas balizas, que poderá ser alguma das mesmas pedras compridas, onde está o letreiro, cujo similhante se axa n'este papel (Est. 32) acima da fórma redonda, que está na parte inferior.

Mas ella deverá ser alguma pedra redonda das que se divulgam da outra parte da dita lagôa; e a fórma comprida denotará a sombra da baliza.

Estampa 33

O dezenho não traz explicação.

Estampa 34

Apodi. Páo-dos-ferros.

Do lugar do lageiro atraz, n. 33, além da grota n'elle referida, para a parte de léste, se divulga um serrotinho de pedras, e ao subir d'esta grota, ao lado esquerdo em paralélo ao tal serrote, está outro lageiro razo, onde se axam impressos a picão os caracteres d'este papel (Est. 34), cujo lado esquerdo está para o oriente.

Tambem foi copiado pelo mesmo fiel, e por isso não dou noticia da baliza.

4

5

6

7

8

11

12

14

15

17

21

23

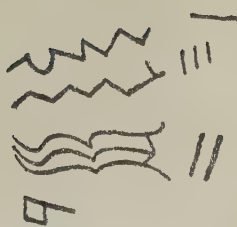
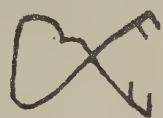
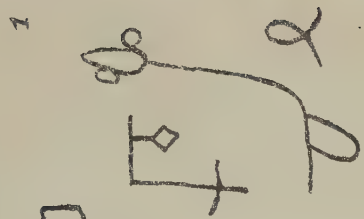
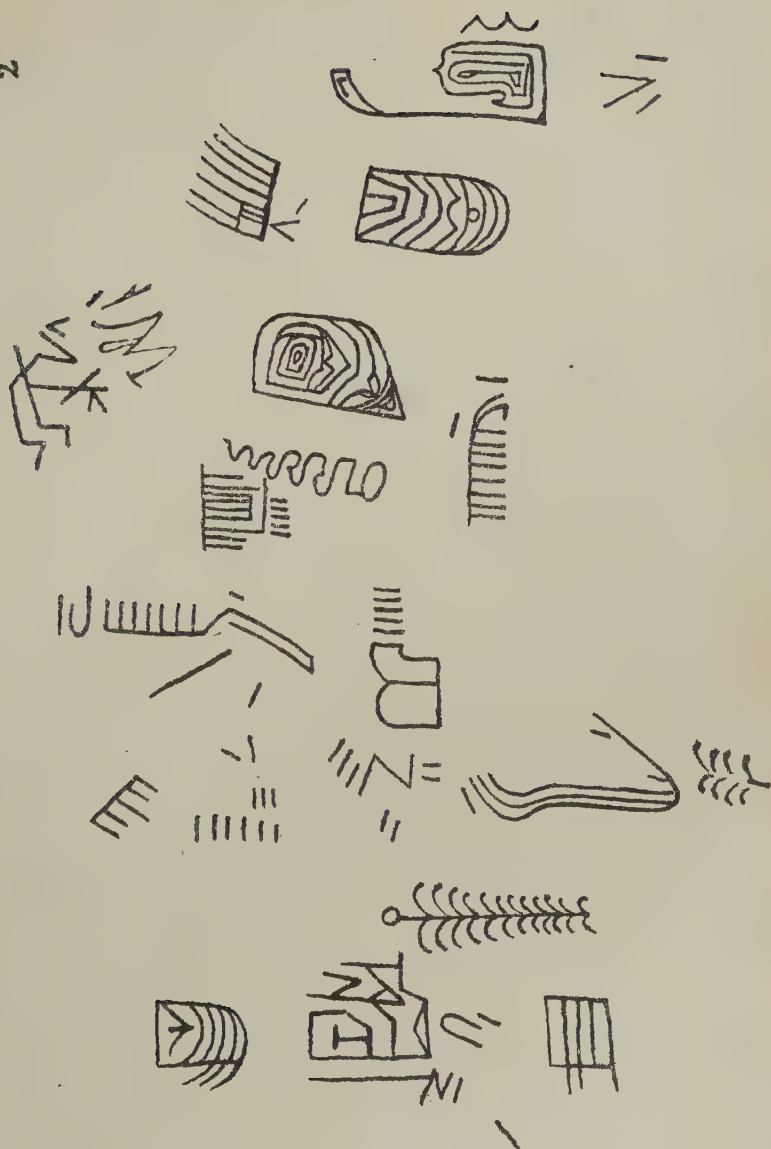
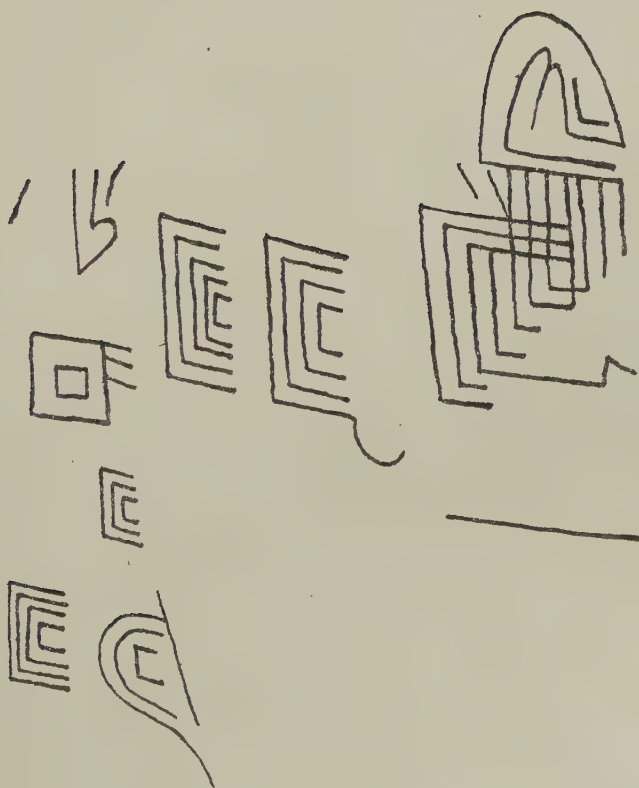
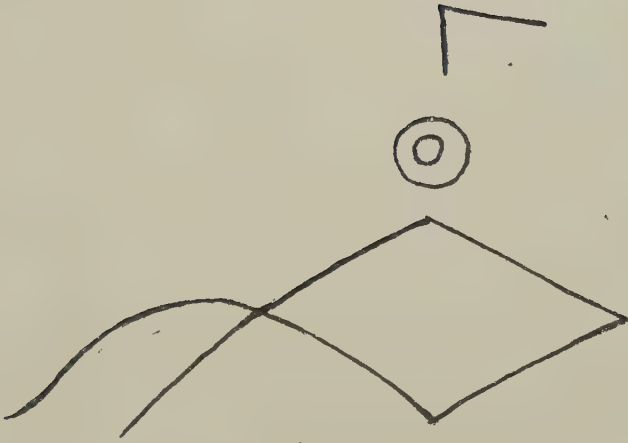
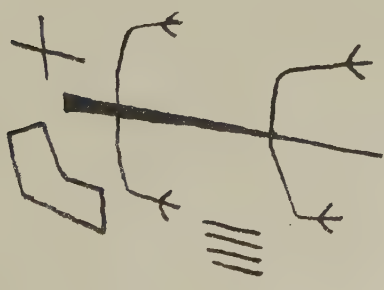
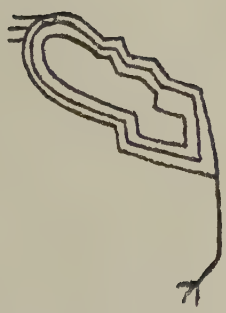
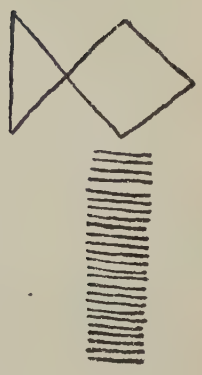
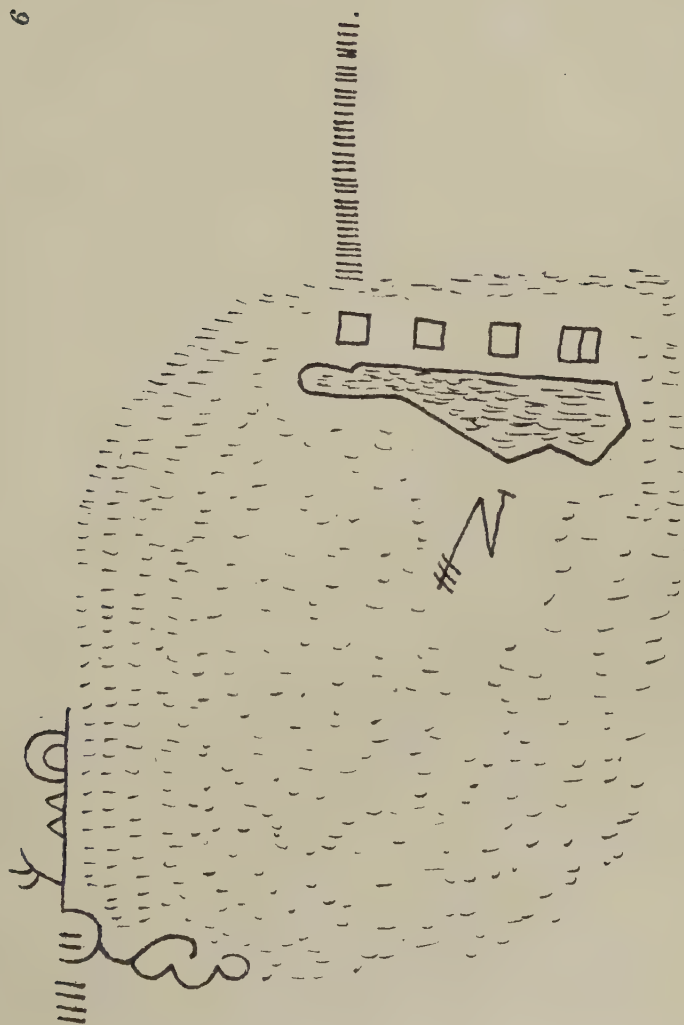
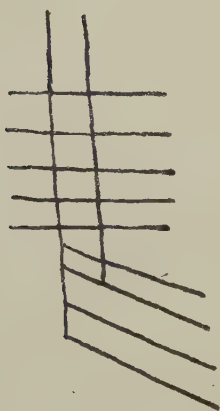
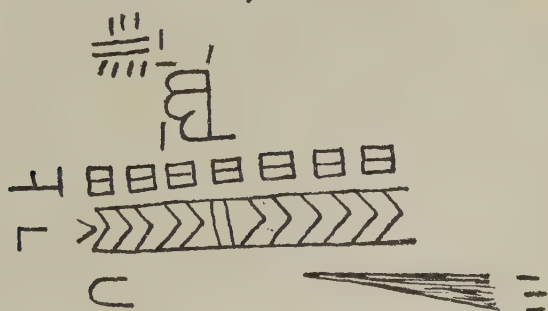
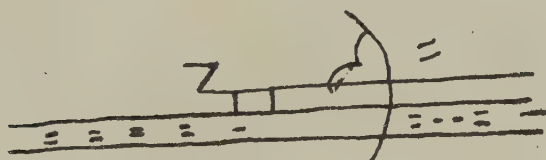
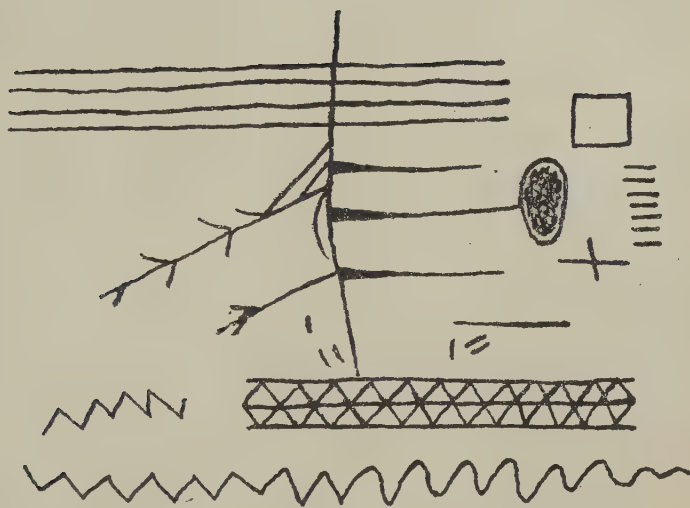
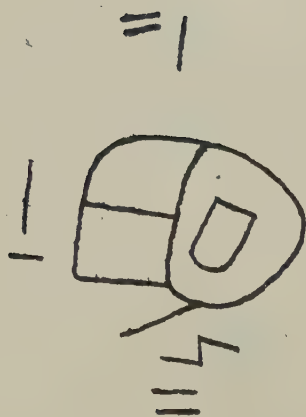
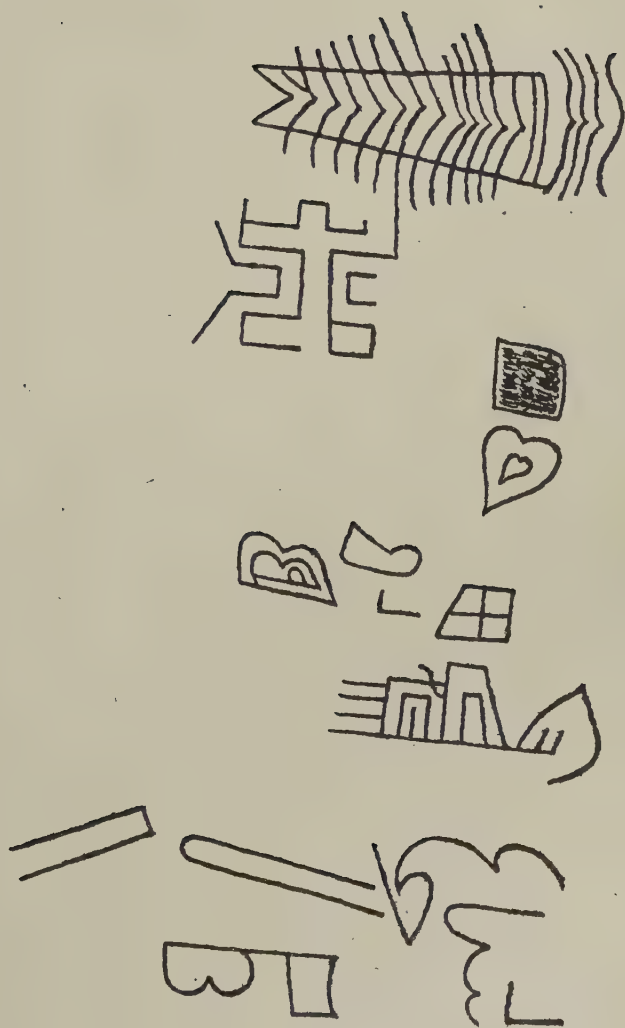
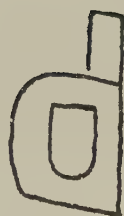
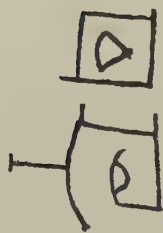
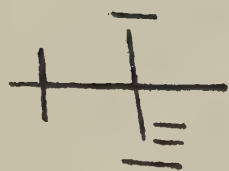
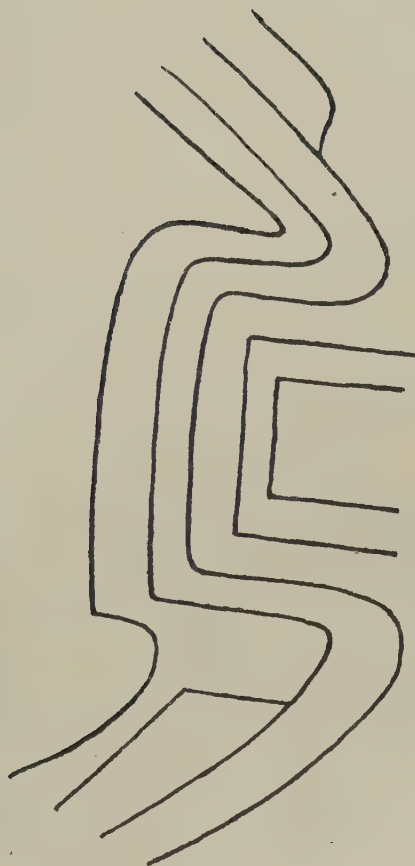
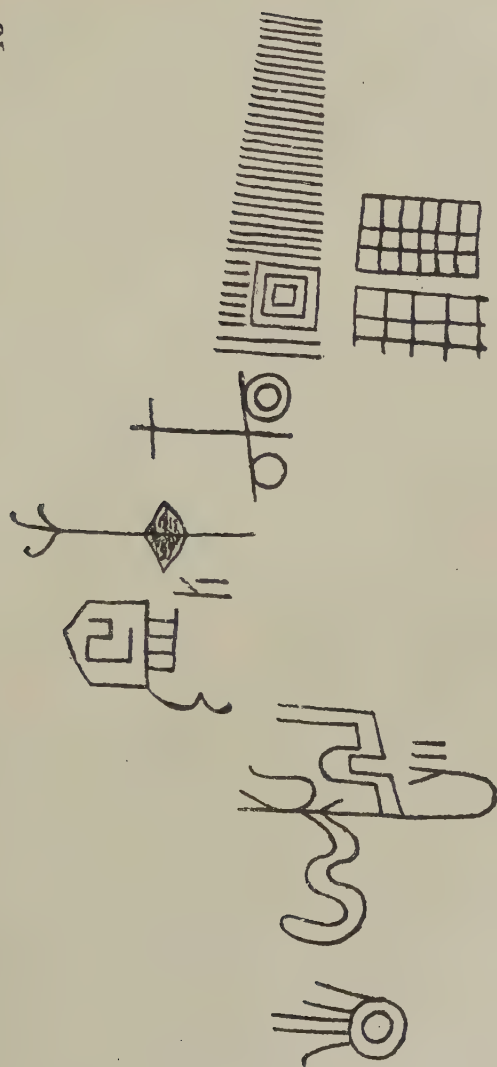
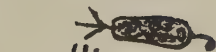
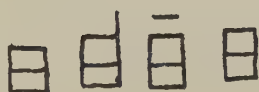
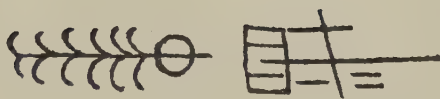
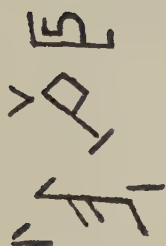
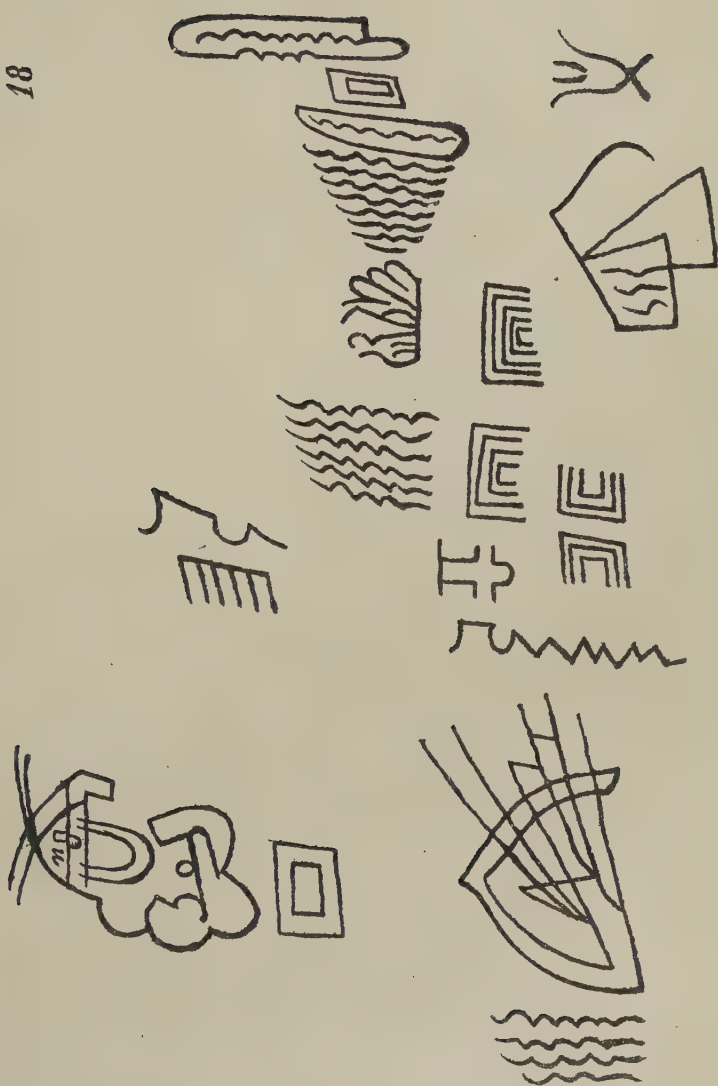
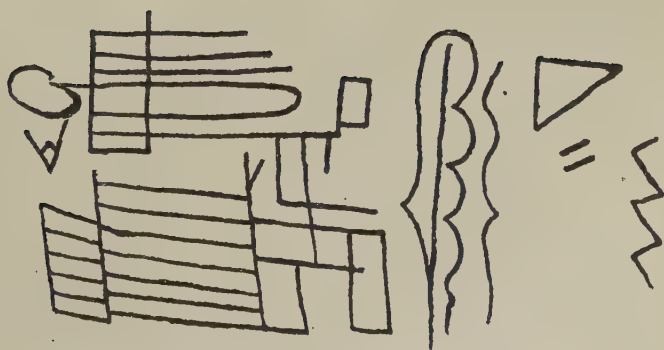
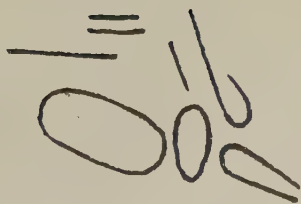
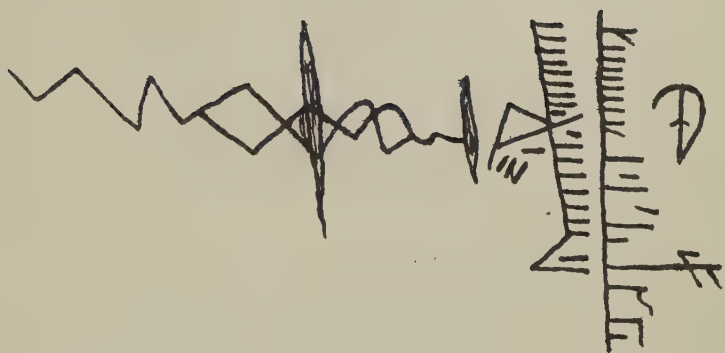
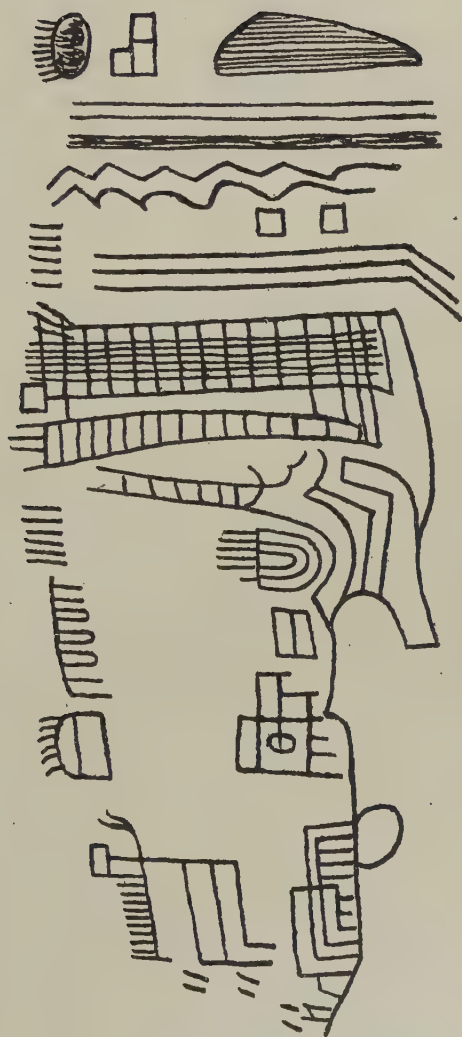
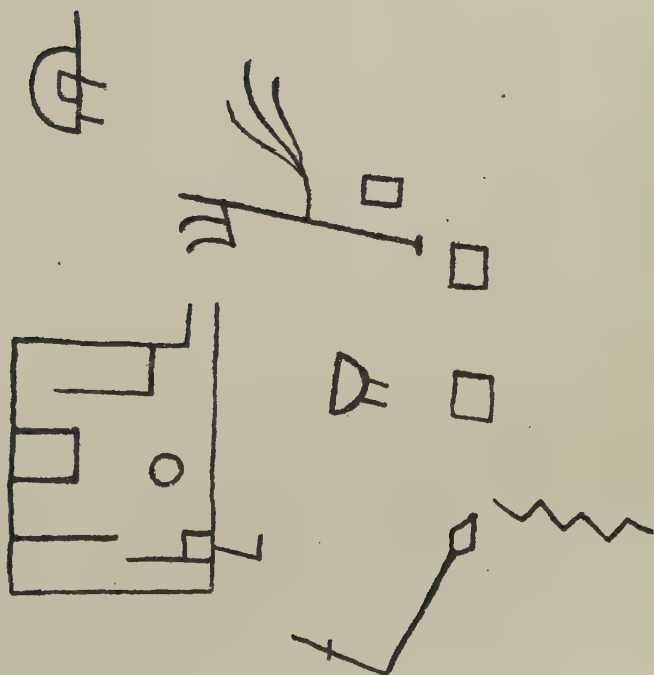
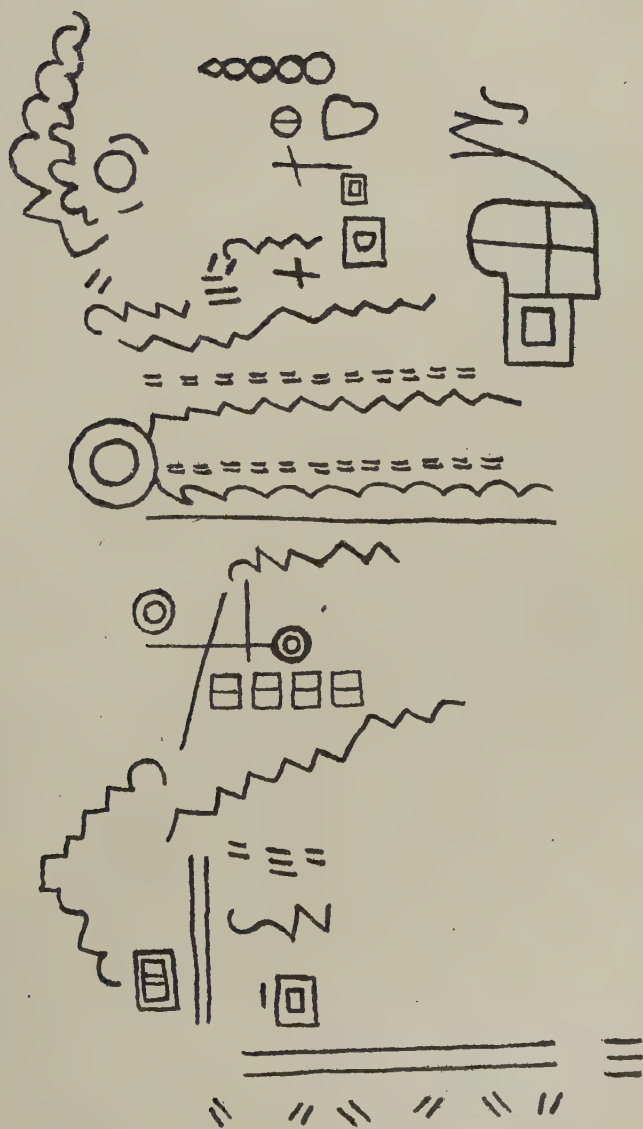
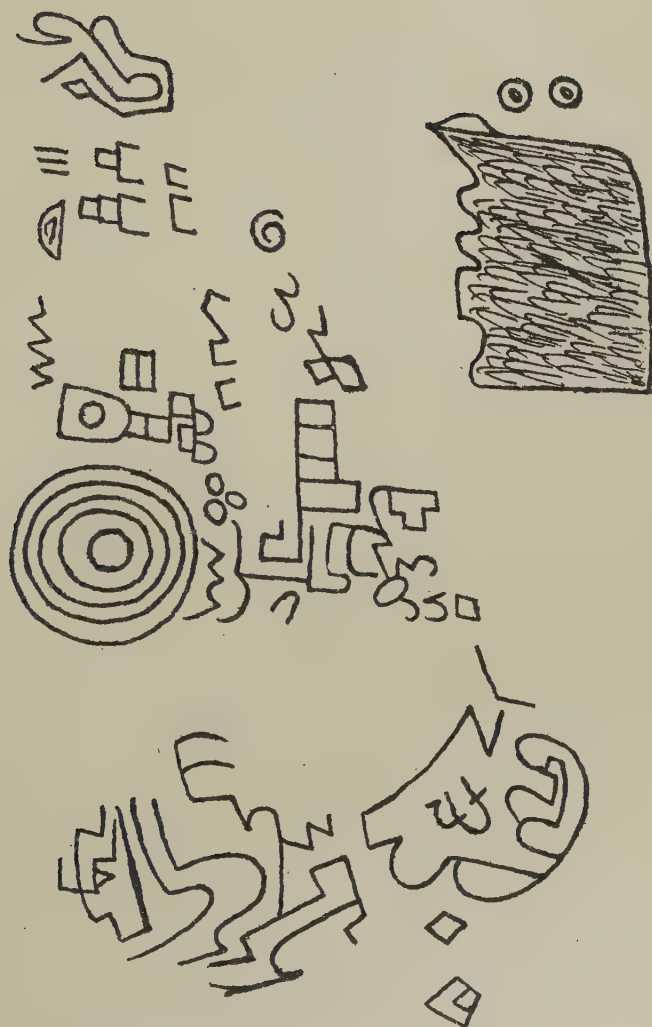
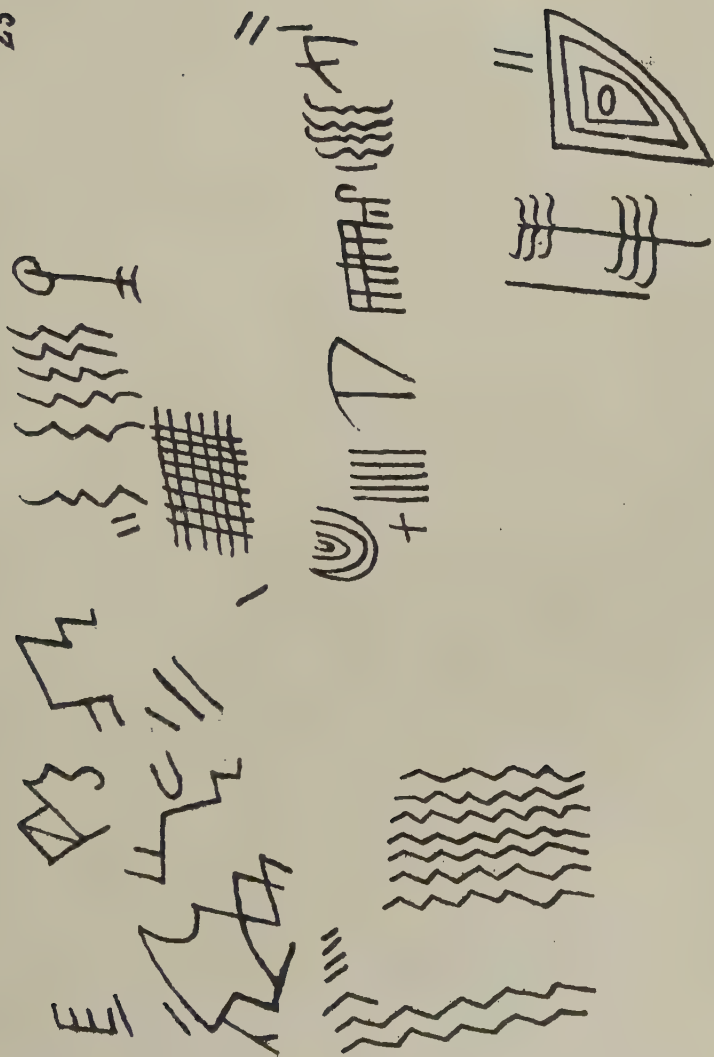
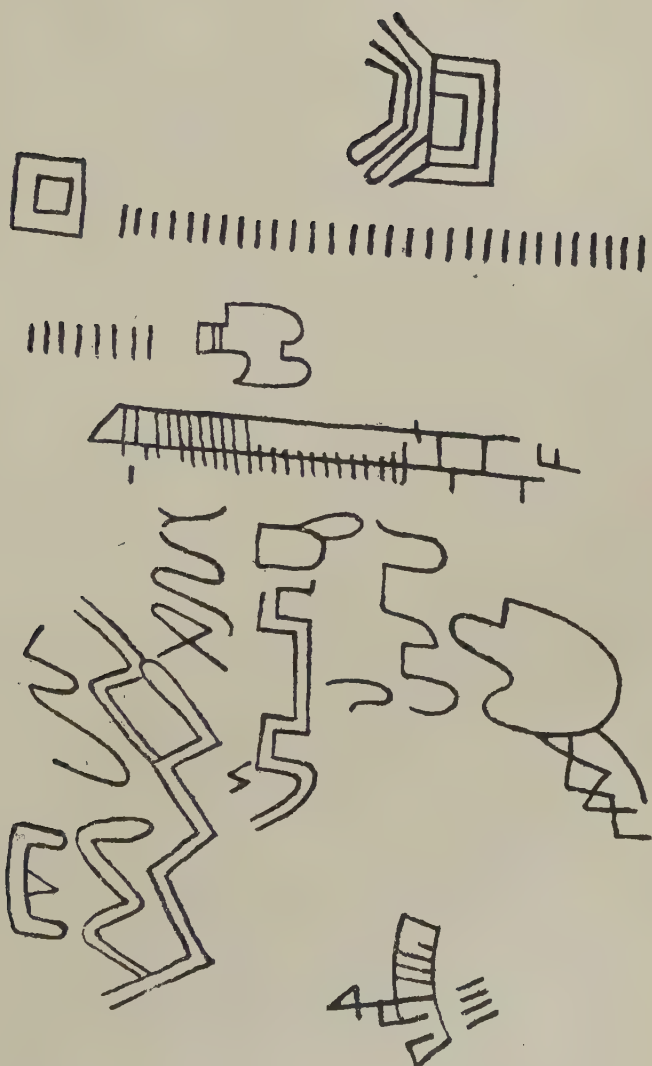
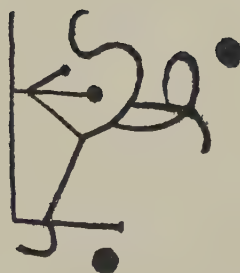
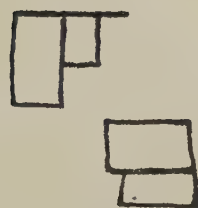
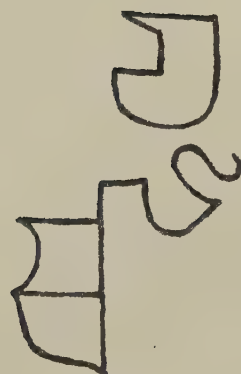
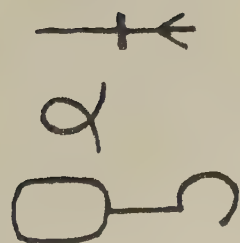
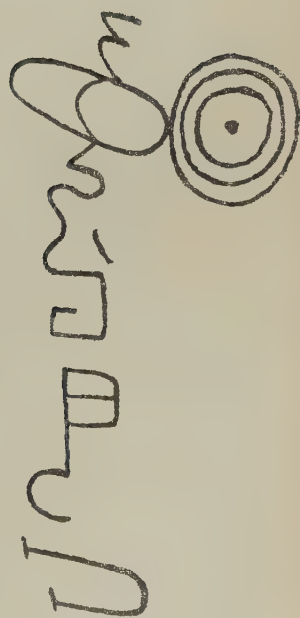
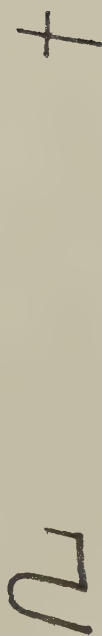
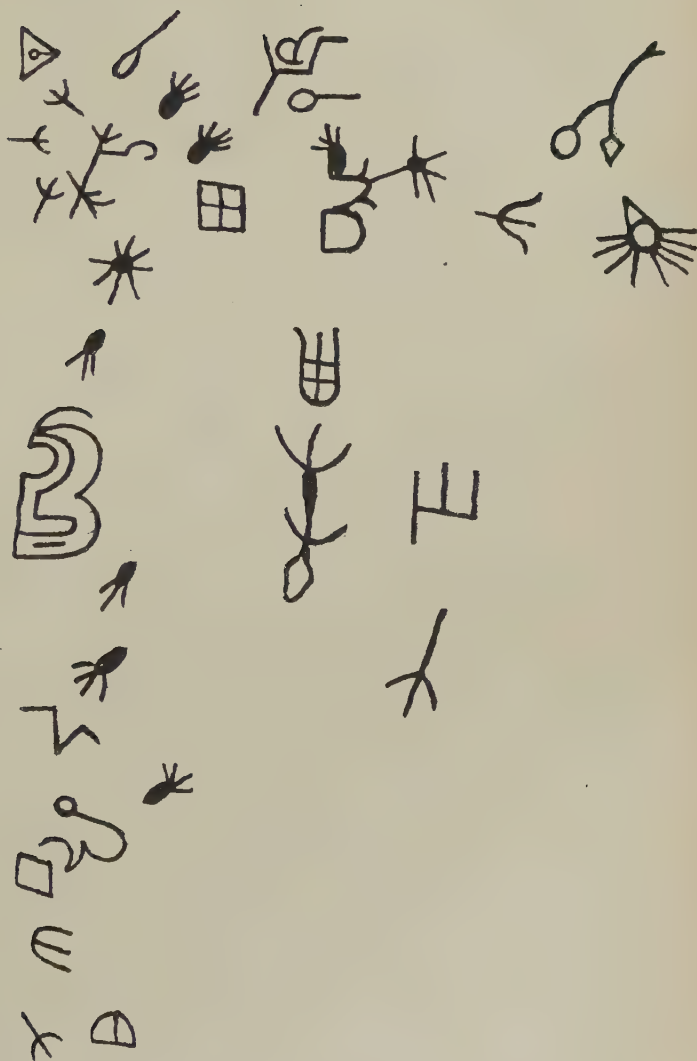
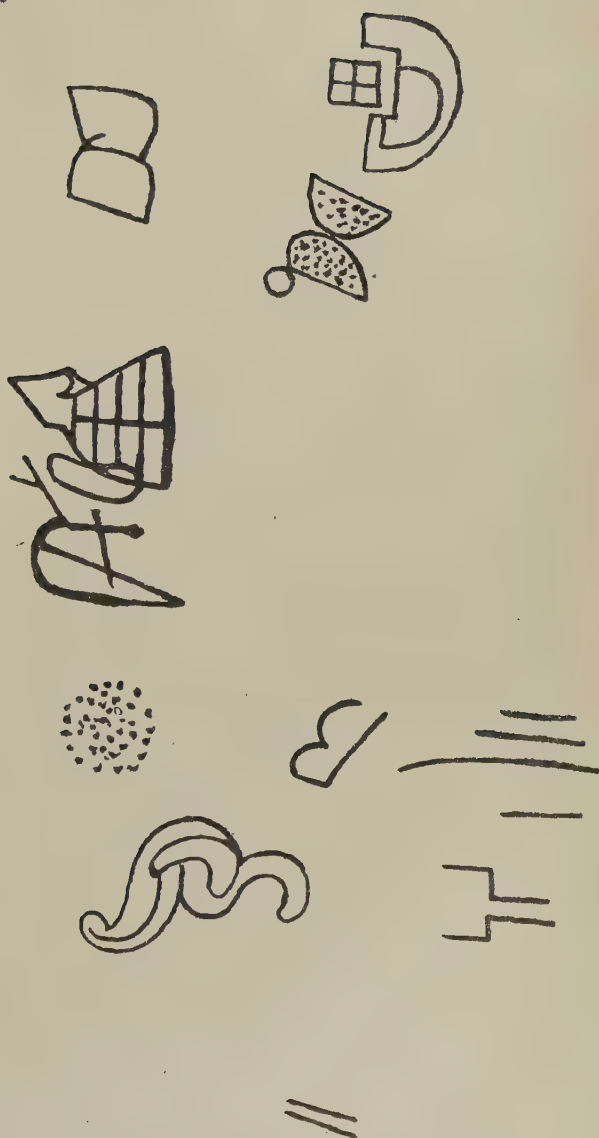
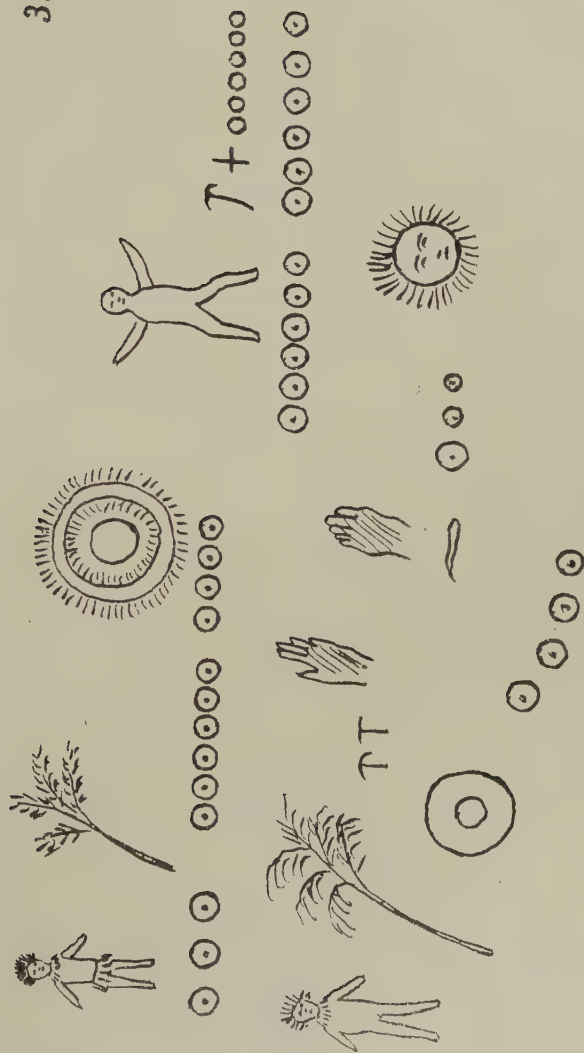
25

26

28

29

30

34

Inscrição do Vorá na Faxina

As populações indigenas e mestiças da Amazonia*

Sua linguagem, suas crenças e seus costumes

I

Tapuios e seus descendentes

A America é o vastissimo cadinho em que se fundem hoje as diversas raças e gentes do globo. Porventura sua missão historica é dar, servindo de campo para o cruzamento de todas ellas, unidade éthnica á humanidade, e, portanto, nova face ás sociedades que hão de viver no futuro. Amplissimo terreiro aberto ás ambições de todo o genero, o Novo Mundo, rompendo com os velhos preconceitos das sociedades tradicionaes da Europa, toma tambem no caminho da civilisação uma direcção nova, deixando atraz de si a Asia e suas antiquissimas civilisações e a Africa e sua secular barbaria.

O Brazil vae pela mesma estrada, e aqui, como em todo o continente, os povos e as raças mesclam-se, fazendo

---

* Este trabalho, pequena contribuição para o estudo da psychologia do povo brazileiro, appareceu pela primeira vez sob o titulo de *As raças cruzadas do Pará,* nas *Primeiras paginas,* livro publicado pelo autor em 1878. Hoje sae não só muito augmentado e modificado, mas inteiramente refundido e correcto. E', por assim dizer, um trabalho novo.

desapparecer completamente os typos puros, tornando n'esta parte do mundo, mais do que em nenhuma outra, verdadeiro o principio de antropologia que nega a existencia de raças puras.

A vasta região amazonica é um exemplo vivo do grande facto, que n'ella póde ser apreciado em plena realisação, se bem que com menos variedade. A gente brazileira, antochtone ou não, mistura-se em larga escala nas duas provincias banhadas pelo rio-mar. E á falta de boas estatisticas (quasi impossiveis de realisar n'esta materia, que tão de perto toca á vaidade de cada um) podemos sem medo de errar e valendo-nos apenas do conhecimento que temos da provincia do Pará, calcular que aqui os mestiços formam mais de duas terças partes da população.[1] Baena, enumerando sete castas de gente que formavam, em 1833, a população da provincia, diz que de todas ellas a menos numerosa é a dos brancos.[2] Segundo elle, na capital do Amazonas, n'esse tempo comarca de S. José do Rio-Negro, em uma população de 4,188 habitantes apenas 664 eram brancos.[3] A provincia do Pará, ou antes a região amazonica brazileira, que toda formava a provincia então, em uma população de 149,854 habitantes, tinha 29,977 escravos e 32,759 indios, o que perfaz uma somma de 62,728 homens de côr; devendo notar-se que Baena classifica aqui sómente os indios puros aldeiados ou vivendo nas cidades e não os mamelucos.[4]

E não ha que admirar-nos d'isto, pois, como é sabido, para estas provincias, como em geral para todo o Brazil, a immigração dos primeiros tempos foi exclusivamente de homens, e as raras mulheres que da metropole vinham, acompanhavam seus maridos, despachados funccionarios

---

[1] Não ha que fiar nas estatisticas, entretanto pode orçar-se a população da provincia em 350 mil habitantes. O ultimo recenseamento (1871) dá 259,821, afóra os indios selvagens.

[2] *Ensaio choragraphico da provincia do Pará,* 1839, pag. 8. As castas que Baena enumera são: «brancos, pretos, indianos, pardos mamelucos, curibócas e cafuzos.»

[3] *Obr. cit.* pag. 380.

[4] *Obr. cit.* pag. 463.

civis ou militares da colonia. Ainda depois da independencia do paiz (1822) e da abertura do Amazonas ao commercio estrangeiro (1867), estas provincias, em consequencia das suas desfavoraveis condições climatéricas, exageradas lá fóra, foram sempre muito pouco procuradas por immigrantes europeus, principalmente do sexo feminino, de sorte que grande maioria de sua população é filha de pae europeu e mãe indigena. O amorozo portuguez, ao envéz do inglez no Norte, e muito felizmente para o Brazil, não repugnou enlaçar-se, legitimamente ou não, com a selvagem filha do paiz. Estas causas produziram o facto apontado. O primittivo colono foi polygamo, as escravas indias faziam um harem aos voluptuosos soldados da conquista, como depois — e ainda hoje mesmo — as escravas negras formaram o serralho dos fazendeiros e senhores de engenho, do Sul. Primeiramente o branco cruzou-se com o indio, depois o negro com este, com aquelle, e com os diversos resultados d'estes successivos cruzamentos, d'onde resultou a grande mistura de sangues que produzio o *curibóca* (branco e indio), o *mameluco* (*curibóca* e branco) o *mulato* (branco e preto) e o *cafuz cafuzo* ou *carafuzo* (preto e indio) e ainda outros do entrelaçamento d'estes.

O cruzamento do portuguez com o brazilio-guarani deu em primeiro logar, o *curibóca*, escuro, levemente bronzeado. Este nome já vai sendo usado com a significação adulterada.[1] Em segundo logar produzio o *mameluco*, que, ou pela acção de novos cruzamentos (curibóca e branco, curibóca e indio, ou mamelucos entre si) ou pela preponderancia de uma das raças mãis, ou ainda pela acção de meios diversos, apresenta aspectos physicos variados pela côr e outros signaes exteriores. Ao resultado do primeiro cruzamento, entre branco e indio, chama-se hoje erradamente *tapuio*, confundindo-o, como

[1] E' um erro que vai-se vulgarindo, e que infelizmente ha de ficar, chamar o filho do indio com negro *curibóca*, palavra que evidentemente vem, de *cariuna*. o branco, e *oca*, tirar, extrahir, o que sahio do branco. Preto (homem) em tupi-guarani è *tapuiaúna*—*tapuiúna*, isto é, tapuio negro.

veremos adiante, com o filho legitimo da raça americana. A eugenesia aqui é perfeita. Esse *tapuio*, na confusão que o vulgo faz, por motivo de côr, que ás vezes sae tão escura nelle como a do verdadeiro tapuio, o filho do indio, não é senão o mameluco do primeiro sangue, o curibóca. O facto que se dá entre estas duas variedades, dá-se tambem entre o negro e o branco. O mestiço do primeiro sangue chama-se mulato, o do segundo terção, o do terceiro quartão, etc., até ao quinto ou sexto cruzamento que os antropologistas chamam de retrocesso ou volta, em que, apparentemente ao menos, toda a traça de mestiçagem desapparece e a raça mãi predomina.[1] O mesmo phenomeno tem logar com o mestiço do branco e do indio; porém a má observação dos factos, consagrou um erro, e com elle um nome que, como já disse, não deve ser dado senão ao filho das raças indigenas semi-civilisadas, e nunca ao producto do primeiro sangue de brancos e indios, que é o mameluco-curibóca. Ao do segundo sangue, onde começa o retrocesso, e que é o resultado de uniões com a raça branca, chamam, com propriedade desta vez, mameluco, querendo assim estabelecer entre elles uma differença typica, que realmente não existe, que é toda apparente, e está simplesmente na maior ou menor intensidade da côr, que assim como em alguns individuos é bastante escura, em outros chega a ser branca, conforme o gráo dos cruzamentos successivos e o modo por que actuaram as

---

[1] Cito aqui dous casos, ambos observados por mim, no districto de Monte-Alegre: no lugar Jussaratena vi uma rapariga nova, e por signal de uma notavel belleza, curibóca ou mameluca de primeiro sangue em cruzamentos successivos, sinão tapuia, que teve de um norte-americano, immigrante da colonia de Santarem, que mudou-se ou ao menos estanceou por aquelle districto, um filho clarissimo, rosado e louro, de olhos azues,—o que não o impede de ser um perfeito mameluco, pois que a mãi é (deve de viver ainda), pelo menos, uma mameluca de primeiro sangue. O outro facto observado no lugar Surubijú, é o de uma familia de marido e mulher tapuios, ou quando muito curibócas (como se comprehende, é impossivel quasi estatuir com certeza entre typos que as mais das vezes se confundem, de gente que não tem nem cuida de genealogias) cujas duas filhas, moças de mais de 16 annos e com pouca differença nas idades, tinham, uma a pelle escura do tapuio, e outra, relativamente, bastante clara, e nada me induz a crêr que não fossem filhas do mesmo pai.

influencias de que fallámos. Em regra geral, cada novo cruzamento approxima o mameluco, o filho do branco e do indio (curibóca, ou mameluco propriamente dito) da raça branca.

A essa população que habita as margens do grande rio e dos seus numerosos affluentes, vivendo a nossa vida, contribuindo para a nossa receita, trabalhando nas nossas industrias, e que não é nem o indio puro, o brazilio-guarani, nem o seu descendente em cruzamento com o branco, o mameluco, é que, parece-me, cabe o nome de *tapuia*. Sabe-se hoje que na lingua tupi-guarani, a mais espalhada e geral entre os indios do Brazil, a palavra *tapuio* (*tapyia, y* igual ao *u* francez, porém guttural) era, como o *barbaro* dos romanos, uma denominação generica do despreso, que se davam entre si os individuos de outras tribus, e que naquella lingua significava não só o hostil, o inimigo, mas o escravo. Os mamelucos, approximando-se mais e mais da sociedade de seus pais os brancos, começariam a crear pelo indio aldeado, escravisado, vendido, o mesmo despreso que na vida selvagem as tribus reciprocamente se votavam, e a tratal-os pelo mesmo nome que entre éllas exprimia esse despreso ou—e talvez seja melhor escolhida a expressão – essa hostilidade. Assim ella passou á nossa sociedade, onde designa todo o individuo descendente de indio e é muitas vezes empregado com menosprezo, a modo de affronta.

Chamado ao gremio da civilisação e obrigado a partilhar, embora camo pária, a nossa vida, o indio perdeu o caracter accentuado de selvagem: não só o moral mas tambem o physico lhe modificou, como é facil conhecer no tapuio, que, filho do indio, como indio já se differença d'elle. Tal facto, que apenas a antropologia comparada dos dous individuos poderia talvez plenamente attestar, explica-se pela acção dos meios, entre os quaes não é certamente o menos importante o vestuario. Porém não unicamente a iufluencia do habito de trazer vestidos quem por tantas gerações andára nú, que produziu a não pequena modificação do typo original, o brazilio-guarani, no typo actual o tapuio. Forçados a assimillar costumes, crenças, idéas, lingua, tudo, emfim, inteiramente diversos

dos seus, o resultado das uniões entre individuos da sua raça, dentro já do nosso meio social e sob a sua influencia, foi um typo differente d'ella. O mesmo facto deu-se tambem aqui com os crioulos, os quaes, resultantes de uniões entre individuos da mesma raça, vindos d'Africa, apresentam todavia notaveis diffierenças das raças mães. [1]

O tapuio é de estatura baixa, corpo grosso e sólido, côr carregada de canela ou como de uma moeda de cobre em meio uso ; nariz chato e largo nas extremidades ; testa curta ; cabellos pretos, grossos, lisos e duros ; maçãs do rosto menos salientes do que as dos indios puros, mas ainda notaveis ; mãos e pés pequenos ; dedos curtos e grossos ; o index e o indicador dos pés bastante separados (por herança physica, motivada pelo habito de usarem os indios d'esses dous dedos na occasião de entezar o arco, ou para flecharem deitados de costas?) labios grossos (menos do que nos africanos, todavia) e roxos ; dentes pequenos e alvos, seios molles e cadeiras desenvolvidas nas mulheres ; olhos ligeiramente obliquos, quasi horizontaes, pretos, fixos, mortos ; orelhas pequenas e abertas ; pouca barba, que só augmenta na extrema velhice. Oprognatismo maxilar, a obliquidade dos olhos, a falta de pellos no corpo e barba, só apparecem como casos de atavismo ; são muitos, mas não constituem regra geral.

Os caracteres physicos dos mamelucos variam infinitamente, conforme o gráo do cruzamento. No primeiro, no curibóca, se não ha evidente supremacia da raça branca, como ás vezes succede, os signaes externos são os do tapuio, com differenças insignificantes, tanto que dão causa á confusão apontada. E' a mesma estatua, um

---

[1] Sobre esta variação de typos da mesma raça, sujeitos a condições climatericas e sociaes differentes das de sua terra, escreve Hartmann : « O nigriciano transplantado para o estrangeiro soffre uma transformação analoga (a dos europeus que vêm para a America), porém mais lenta. A côr da pelle se aclára, os cabellos amaciam-se com as gerações, os traços tornam-se menos deprimidos, os labios diminuem. A maneira de ser que elles recebem da tribu e que se manifesta ainda nos recem-chegados *(negros novos)* desapparecem pouco a pouco nos crioulos. Incontestavelmente o clima actua em primeiro lugar : *o modo de viver, porém, influe tambem bastante.*

Les peuples de l'Afrique, Paris, 1880, pag. 80.

pouco mais polida e aperfeiçoada. As maçans do rosto abatem-se, a testa cresce, os pellos da barba apparecem com mais frequencia, etc. No segundo ou terceiro grão, no verdadeiro mameluco de todo o mundo, já a differença é apreciavel, falta apenas á estatua a ultima demão. E' mais alto: de uma côr parda (de canela) que alcança todos os tons; esbelto; fronte ainda relativamente curta, mas sem pellos; olhos menos obliquos e mais vivos; labios finos o arroxados apenas; extremidades notavelmente pequenas e bem feitas; seios duros, espaduas e collos bellissimos nas mulheres, de que se vêem não raro typos de belleza; — dentes alvos e pequenos, que usam trazer apoutados; cabellos negros, ainda grossos, mas já algumas vezes ligeiramente ondeados. Por uma regressão ao typo primitivo, ainda apparecem em alguns individuos signaes do indio, no prognatismo das maxillas, na falta quasi completa de barba, no achatamento da fronte, da mesma maneira que n'outros, em quem predominou o typo branco, apparecem olhos azues, cabellos alourados, nariz aquilino, etc. E' de notar, porém, que estes indicios são mais raros do que aquelles.

Esta gente, quer a tapuia quer a mameluca, está profundamente degradada. A ella se refere o sabio Agassiz, n'estas palavras:

« O resultado de não interrompidas allianças entre sangues-mixtos é uma classe de homens, nos quaes o typo puro desappareceu, e com elle todas a bôas qualidades physicas e moraes das raças primitivas, deixando em seu logar um povo degenerado, tão repulsivos como esses cães producto de uma cadella de raça com um gôso, com horror dos animaes de sua especie, entre os quaes é impossivel descobrir um unico individuo tendo conservado a intelligencia, a nobreza, a affectividade natural que fazem do cão de typo para o companheiro e o favorito do homem civilisado. [1]

Esta observação, comquanto até certo ponto justa,

---

[1] Agassiz (Mr. et Mme) *Vöyage au Brésil,* trad. de Felix Vogeli. Paris, 1869, pag. 302.

e de um sabio eminente, é superficial, principalmente se se quizer, como elle, concluir d'ella contra os cruzamentos. E' preciso ir ao fundo das cousas, e estudar a historia dos cruzamentos dos aldeamentos do selvagem no Pará e no Amazonas.

O gentio do Brazil, ao menos aquelle que habitava a região amazonica, devêra ter tido uma civilisação mais perfeita do que a dos restos das tribus esparsas pelo nosso extenso interior e até, a certos respeitos, do que os seus decendentes actuaes. Para provar esse tal ou qual estado de civilisação, quiçá aperfeiçoavel, ahi estão os factos, como bem lembra o Sr. Baptista Caetano, de uma lingua em caminho de progresso, a preparação de conservas por meio do fogo, uma certa agricultura, o fabrico do *kagui* (*kaui*, no Amazonas) etc.[1]

O abatimento a que chegou entre os seus descendentes a arte ceramica, tão florescente outr'ora, é uma prova eloquente que as perseguições, a falsa catechese, todos os crimes que a cubiça baixa engendrava, fizeram de uma raça selvagem, mas talvez aperfeiçoavel, uma gente abastardada, dissimulada, odiando a civilisação ou amando unicamente os vicios que fatalmente ella acarreta comsigo, a bebedice, a rapina e a hypocrisia.

Quem ha visto os restos da louça dos nossos selvagens, desentranhados da terra pelas investigações dos naturalistas, e admirado as fórmas bizarras, mas elegantes por vezes, das *igaçauas*, estudado-lhes as gregas caprichosas e o desenho correcto, e comparado-os com a louça grosseira, pesada e disforme que o tapuio e o mameluco fazem hoje, não póde deixar de notar essa decadencia que principiou sem duvida logo apóz a conquista, porque nas excavações encontra-se a louça mais perfeita nas camadas inferiores e a mais grosseira nas superiores.[2]

A colonisação do Pará começou em meiados de 1616,

---

[1] *Apontamentos sobre o Abanêenga* in *Ensaios de Sciencia*, fasc. 1 Rio de Janeiro, 1876, pag. 25.

[2] O Sr. D. F. Pereira Penna, sabio e modesto naturalista que entre nós reside, assim a tem encontrado em excavações feitas na ilha de Marajó e algures. Barbosa Rodrigues assignala o mesmo facto nas suas *Antiguidades amazonicas*, in *Ensaios de Sciencia*, fasc. 1, pag. 95.

pois que as primeiras levas trazidas por Castello Branco (1615-16) eram de soldados e não de colonos. Portugal, como é natural, mandava para as suas colonias o refugo da sua sociedade. Os criminosos de degredo eram os emigrantes forçados, e atraz d'elles vinham os aventureiros audazes e ávidos, que na sua ignorancia, então partilhada por todos, julgavam que a região do Amazonas como o Perú ou o Mexico, abundava em ouro, a grande preoccupação d'aquelles tempos.[1] Em terra conquistada, o natural, se ella é selvagem, é escravo. Não ha que condemnar um facto historico que se reproduz cruelmente na vida da humanidade. O homem não um ente degradado por não sei que culpa, é um animal que se aperfeiçoa lenta e penosamente, á sua propria custa. A pequena população de Portugal não podia colonisar e arrotear o enorme territorio que um acaso lhe dera : o conquistador teve pois de aproveitar a raça conquistada, vencel-a e convertel-a em povo util, transformando-a pelo trabalho, de selvagem em civilisada. O que se póde condemnar, e que a historia deve altamente reprovar; é que o povo conquistado tenha ficado longe de sua verdadeira missão, esquecendo-se que, como civilisado e christão, elle tinha o dever de não confundir aproveitamento com perseguição. A historia registra com horror os crimes atrozes, que á sombra da Cruz e da Lei se praticaram. Ella conta envergonhada os leilões em que os indios eram vendidos em almoeda, as marcas infamantes, as perseguições crueis, um apparato vergonhoso e degradante de escravidão perfeitamente evitavel.[2] A luta dos avidos colonos com os ambiciosos

[1] Vejam-se os chronistas d'esta parte do Brazil, principalmente a *Relação* da viagem de Pedro Teixeira, pelo padre Christovão da Cunha, publicada no 2.º volume das conhecidas *Memorias* do senador Candido Mendes de Almeida.

[2] E' costume na maior parte d'estes moradores que fugindo alguns d'estes indios do « Pará » a que elles chamam escravos, ou fazerem-lhes outro qualquer delicto que lhes parece, mandarem-nos marcar com um ferro em braza ou com uma lanceta abrirem-lhe com tyrannia o nome do supposto senhor, no peito : e como muitas vezes as letras são grandes é preciso escreverem-se duas regras, cujo tormento soffrem os miseraveis indios sem remedio humano ..—*Carta do capitão general* Francisco X. de Mendonça Furtado, escripta a El-Rei, em 16 de Novembro de 1752. Esta nota foi-me communicada pelo meu amigo o illustrado Sr. Ferreira Penna, a quem aqui agradeço.

jesuitas veiu ainda aggravar o mal, corcorrendo para augmentar o odio daquelles pelo indio, que tenazmente disputava-lhes o terreno, e accrescentar a crueldade dos senhores. As hesitações vergonhosas da Côrte, que mercadejava deshonestamente as suas resoluções e amontoava as leis mais extravagantes e contradictorias [1] ora contra, ora a favor do captiveiro do gentio, fizeram recrescer a sanha dos colonos contra este, tornando o que até então era resultado da necessidade imprescindivel, nascida da falta de braços para o cultivo da terra, uma feroz perseguição. Os famosos *resgates*, verdadeiras e muitas vezes inutil caçada de homens, assumiram estraordinarias proporções, até serem destruidas a ferro e fogo tribus inteiras. [2] E como aconteceu depois com os africanos, não houve mais respeito pelos laços de sangue, começou o desmembramento da familia selvagem, que viria mais tarde a influir tanto sobre a moralidade dos seus descendentes. O colono não era sómente ávido, era tambem lascivo; não tendo mulheres, fez da escrava sua concubina.

E', pois, desmantelada pelas guerras, suffocada pela força, explorada pela cobiça, perseguida, enganada odienta, emfim, que uma raça, a indigena, vai atirar-se nos braços da outra, a conquistadora. Vejamos o que sairá d'esse connubio. Antes, porém, de estudar o filho d'essa união forçada, não é superfluo indagar da educação que elle teve, porque, se é certo, como creio, que a vida das collectividades, como a dos individuos, é uma marcha lenta e escalada em periodos, para a perfectibilidade, é tambem verdade que esses periodos podem ser abreviados pela educação. Que educação tiveram os nossos selvagens aldeados e os que do seu contacto com os portuguezes nasceram?

---

[1] V. a summa d'essas leis no tomo 2.º das *Obras* de J. F. Lisboa, Maranhão, 1864.

[2] A historia da provincia abunda em factos da mais dura crueldade. No rio Urubú, para citar um, em 1665, uma expedição commandada por Pedro da Costa Favella, aniquilou completamente uma tribu, matando 700 pessoas, aprisionando 400 e incendiando 300 aldeias. Baena, *Compendio das eras da provincia do Pará*, Pará, 1838, n'aquella data.

Portugal foi sempre, ainda nos seus mais gloriosos tempos, uma nação, intellectualmente, atrazada. Não lhe faltaram, é certo, grandes espiritos, mas da nação não é muito dizer, com o seu illustre épico, que por via de regra viveu quasi sempre.

> No gosto da cubiça e na rudeza
> D'ũa austera, apagada e vil tristeza.[1]

A sua mesma posição geographica, que aliás tanto concorreu para sua gloria, atirando-o ás famosas e longinquas navegações, afastara-o do movimento geral da civilisação européa e n'este afastamento não só procurou, mas empregou todos os meios para retel-o, a classe ecclesiastica, que bem cedo fez d'esse malfadado paiz a melhor e mais segura das suas prezas no mundo civilisado. Tudo o que havia de vitalidade n'este povo, abafou o catholicismo, primeiro sob o dominio esterilisador do espirito monastico, depois nos carceres, nas torturas, na fumarada das fogueiras da inquisição, e por fim debaixo da influencia nefastissima do ensino jesuitico.[2]

Tal povo, que havia perdido o melhor de sua força ás mãos desses agentes, aos quaes de corpo e alma se entregára, e que, por um momento desperto para a vida pelas atrevidas expedições e aventurosas emprezas, de novo voltava á sua antiga prostração pela perda da independencia (1580-1640), ao tempo justamente que se colonisava a Amazonia, não era o mais proprio para educar uma raça selvagem, e preparal-a para o evento da civilisação.

A missão jesuitica tambem, apesar de ser a mais intelligente das que se hão ensaiado, concorreu muito e de proposito deliberado para tornar o selvagem desconfiado, gerar n'elle o odio ao colono e, por conseguinte, á

---

[1] Camões. *Luziad.* X, 145.

[2] Vejam: Theoph. Braga, *Historia de Camões*, I parte, cap. 1.º; Oliveira Martins, *Historia de Portugal*; R. Ortigão, *A Renascença e os Luziadas*, prefacio á edição do poema feito pelo Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro.

civilisação que elle trazia, porque afim de afastal-o da concurrencia ao dominio da terra que os ambiciosos socios de Jesus pretendiam exclusivamente, os padres o apontavam aos indios como inimigo cujo contacto e relações deviam fugir. Elles — escreve dos jesuitas um bispo do Pará — cuidavam muito em que os indios ignorassem a lingua portugueza, e não tratassem com brancos ; de sorte que até o padre Vieira o recommenda assim no capitulo da visita que fez, approvada pelo padre geral João Paulo Oliva. Póde ser tivesse bôa intenção pois o fim « para não se perverterem ». Porém, como se lê uma carta do dito padre para o bispo do Japão, a quem diz « que quem fôr senhor dos indios o será do Estado », e isto quando persuade que os jesuitas sejam quem os governe, parece equivoca a intenção e suspeitoso o zelo. . .Tal era o horror dos indios pela pratica contra (como?) os brancos que apparecendo algum d'estes nas praias de jesuitas, ao som de badaladas se occultava tudo, e o primeiro que se fazia invisivel era o padre.[1] A isto junte-se a degradação do colono, a dar ao selvagem o pernicioso exemplo de costumes licenciosos e depravados, de envolta com uma avidez insolente e cynica que, mesmo a selvagens, devia tornal-os antipathicos. Os brancos que vêm do Reino— diz um outro bispo, varão a todos os respeitos digno de apreço— sejam da mais baixa ordem, e que lá na Europa costumam ganhar a vida varrendo as ruas e acarretando potes, apenas desembarcam revestem não sei que sentimentos de elevação, não disse bem, ficam logo feridos do contagio

---

[1] *Viagem e visita ao sertão em o bispado do Gram-Pará em* 1762 *e* 1763 pelo bispo D. Fr. João de S. Joseph de Queiroz, monge benedictino, in *Rev. do Inst. hist. e geog. braz.* tit. IX, pag. 101-105. Foi o bispo Queiroz, sinão um prelado virtuoso, um homem honrado, intelligente e observador, sendo que as noticias que nos deixou do Pará no tempo do seu episcopado são preciosissimas para a historia da provincia. Quem quizer conhecer-lhe a vida aventurosa e desventurada leia as suas *Memorias*, publicadas com uma biographia, pelo Sr. Camillo Castello Branco, e as suas visitas pastoraes, que pena é se não encontrem todas no livro do Sr. Camillo.

Sobre o motivo desta nota, veja-se mais: J. F. Lisboa, *obr. cit.*; Berredo *Annaes historicos do Maranhão* e as *Memorias* publicadas pelo Sr. Candido Mendes.

geral do paiz, que é um espirito de dissolução, de preguiça e desmazêlo, que arruina tudo não só pelo que respeita aos costumes, mas aos mesmos interesses temporaes: uma taberna, uma loja de fitas, andar de uns logares para outros vendendo quatro quinquilharias, he a sua occupação mais ordinaria e mais querida; e d'aqui nasce empregarem-se logo no abismo dos vicios, particularmente da incontinencia e da borracheira... [1]

Eram taes — missionarios e colonisadores — os conquistadores do Brazil, ao menos os do Amazonas.

Daquella raça selvagem, inferior, perseguida e aviltada pela escravidão e pelo desmembramento de sua rudimental familia, e d'esta outra civilisada, superior, porém mal educada e representada talvez pelo que tinha de peior, provieram o tapuio e o mameluco, um coagido a viver uma vida artificialmente civilisada e cruzando-se, ou antes mestiçando-se, se assim posso dizer, pela acção dos meios, o outro seu filho verdadeiro, com todos os defeitos de ambas, e quiçá sem algumas das bôas qualidades de nenhuma.

E' tanto mais para notar a dureza da observação de Agassiz, quando estas causas da degradação da gente amazonica não escaparam inteiramente ao distincto sabio cuja opinião levou-me a esta digressão. D'ellas, porém, apenas notou as mais immediatas, pois algumas paginas antes das linhas citadas diz que « é precisa uma mais alta moralidade no branco » nota « o singular phenomeno de uma raça superior, soffrendo a influencia da inferior », [2] e em uma das conferencias publicas que fez no Rio de Janeiro, disse estas palavras, que o alto conceito de que gosa no mundo official do Brazil obriga-me a transcrever por inteiro:

« Atraz d'esta população activa (dos que vêm para a extracção da borracha, ou para outro trabalho semelhante)

---

[1] *Visitas de D. Fr. Caetano Brandão ao sertão do Pará* (1785-87) nas *Memorias* do mesmo bispo publicadas por Antonio Caetano do Amaral, Lisboa 1818, Tomo I, pag. 229.

Vejam-se ainda as obras citadas acima.

[2] *Obr. cit.* pag. 249.

vem chegando pouco a pouco, para se lhe aproveitar do trabalho, a tribu dos aventureiros da nossa raça... Para tirar melhor partido do selvagem, para melhor o expoliar, para melhor o roubar, o homem da raça civilisada retrográda para o estado irracional e abaixa-se até o Indio, lisongeando-lhe os preconceitos, adoptando-lhe as brutalidades da natureza instinctiva e primitiva e come com a mão como um animal. E ainda isto nada é, porque não satisfeito de subtrahir ao Indio, por meio de uma inculcada troca sem valor, o producto da sua industria, o homem da nossa raça rouba-lhe até a sua mesma pessoa fazendo delle um criado... a quem se não paga... Deverei dizel-o? As autoridades toleram estas cousas, fecham os olhos, e, haja coragem para nada occultar, são até conniventes com estes malfeitores. Sob pretexto de dar-lhes ensino, de educal-os moralmente, de arrancal-os á vida errante, tornam-se os filhos dos Indios, e fazem-se delles... escravos! » [1]

Não ha sombra de exageração neste escuro quadro e, ainda hoje, em 1885, que recopio este estudo não ha necessidade de refazel-o.

Eis, pois, esboçado a largos traços, desde a época da primeira colonisação até hoje, o meio em que o indio, deixando a selvageria da floresta, se achou. Esta foi, em toda a sua verdade, a educação que lhe deram, as virtudes que lhe teem ensinado.

A feição dominante do caracter desta gente, é uma falta completa, absoluta, de energia e de acção. Todos os seus defeitos decorrem deste e neste se podem resumir. Vivem sob uma especie de fatalismo inconsciente, e fallece-lhes a ambição de tentar siquer sahir d'esse estado. O tapuio, principalmente por ter, ou por seu genio esquivo e desconfiado ou por motivo de côr, vivido mais afastado da nossa sociedade, ou ainda porque não estivesse apto para a civilisação, ou por todas estas causas juntas, chegou a um abatimento moral lastimoso. Para elle não existe o dia de

---

[1] *Conversações scientificas sobre o Amazonas*, Rio de Janeiro, 1866 pag. 53-54.

amanhã. O que tem come ou gasta sem cuidar da familla, do futuro ou dos dias menos prosperos, com inconsciente incuria, e sem ser de nenhum modo generoso. Não o preoccupa a herança. O sentimento da vigança, tão forte nos seus ascendentes, como quasi todos os selvagens, morreu inteiramente no seu coração, como tambem no do mameluco, incapaz talvez das grandes paixões. Têm ambos menos moralidade e menos desse amor proprio um pouco animal que para o selvagem é a honra. A virgem tapuia ou mameluca desnuda-se ou mal se cobre á vista de um estranho.

Pelo lado puramente intellectual, não ha duvida que ganharam. O facto, já hoje incontestavsl da superioridade intellectual no Brazil dos mestiços, encontra na Amazonia mais uma prova. Não seria difficil mostrar que são mamelucos ou curibocas os seus representantes intellectuaes, se a isso se não opouzesse a ridicula vaidade dos mesmos. Voltando, porém, á gente que mais directamente nos interessa, repetirei que nella o desenvolvimento intellectual é sem duvida muito superior ao do indio puro.

O seu caracter, como creio ter deixado perceber, carece absolutamente de vigor, e como o caracter não é talvez sinão o conjuncto das forças moraes do individuo, applicadas ao bem ou ao mal, pode-se dizer, sem arriscar um elogio, que é possivel não mereçam, que são de bôa indole e de instinctos pacificos. Ou seja verdadeira a nossa theoria — e então seriam negativas aquellas virtudes — ou tenham elles, com effeito, o que não creio, natural e fundada aversão aos actos criminosos, o que é certo é que taes actos não são porventura tão frequentes nesta região inteiramente dominada por elles, como em outras do imperio. Nota-se, porém, que os pouco numerosos crimes por elles commettidos — refiro-me a crimes contra pessoas—são geralmente revestidos de circumstancias crueis, em que sente-se a influencia atavica do selvagem.

E' já uma lei conhecida e assentada a da hereditariedade psychologica; transmittem-se os grandes soffrimentos e passam dos paes aos filhos, influindo sobre o caracter das gerações. Assim, parece que vibram ainda

na alma desta gente, e mais na do tapuio, as angustias dos seus paes, não sob a fórma primitiva da dor, mas transformada na tristeza e na indifferença, a tristeza dos fracos, a indifferença parvoa dos embrutecidos pelo pesar.

Filhos de uma raça para quem nada eram as privações dos gosos materiaes, são elles como seus paes. Suas mesquinhas habitações são sem elegancia e sem conforto. O ar entra-lhes parcamente, que a casa é baixa e as janellas poucas. Fallecem-lhes aspirações de um melhor viver. Se o chefe da familia vai á pesca e traz bom pescado, se o anno foi farto em mandioca abundante, emfim, se elles têm alimento, ou segundo a sua expressão, mantimento, para algum tempo, as frechas, os anzóes, os harpões do pescador adormecem a um canto juntos da enxada e do terçado que serviram para o mofino cultivo da maniva, da canna ou do tabaco, até que acabem as provisões e que haja mister refazel-as. Tudo o que exige acção, iniciativa, exercicio continuado, persistencia, a energia moral por onde as fortes individualidades se affirmam, lhes é impossivel.

Tal é o seu estado moral. Para elle concorreram, como vimos, o meio em que se effectuaram os cruzamentos, o odio á civilisação provocado pelas perseguições e não pouco tambem pelas sugestões dos jesuitas, a falta de educação e, sobre isto, um clima enervante a vencer e subjugar o homem, uma natureza extraordinariamente prodiga, a ponto de quasi fazer cessar a lucta pela vida,[1] um meio social que talvez procura antes desenvolver do que combater estas tendencias que lhe servem e o abandono em que os deixam as nossas circumstancias politicas. Quiçá são estas mais do que o simples facto dos cruzamentos ou a incapacidade absoluta do indio para a civilisação, as causas do seu abatimento.

---

[1] « Aqui neste valle virgem, onde a vegetação é sempre luxuriante com o mais agradavel e invejavel clima do mundo, uma atmosphera brilhante que só tem rival na de Quito, sem mudança nas estações, podemos collocar o paraizo do indolente. A vida póde aqui ser mantida com tão pouco trabalho como no Eden.» J. Orton, *The Andes and the Amazon*, New-York, 1870, pag. 324.

Se desadoram o trabalho é antes por despresarem-lhe os proventos que por preguiça sómente. A cópia de rios infinitamente piscosos, a enormidade das florestas repletas de caça e a terra riquissima de productos uteis de toda a especie, ahi estão senão justificando, pelo menos explicando a sua indolencia, e offerecendo-lhes com o minimo de trabalho possivel, o alimento quo os sustenta, a casa que os agasalha e até a roupa que os veste, embora—o que pouco lhes importa—a comida seja de má qualidade, a casa desaconchegada e a roupa pouca e ruim. Preferem por isso os trabalhos onde o serviço é intermittente e a vida nomada, os labores pesados, difficeis e quasi impossiveis a um individuo de raça superior, de collectores, tiradores como elles dizem, de castanha, de borracha, de salsa ou de copahiba, e de remadores valentes das canôas dos regatões. [1]

Ahi nas extensas florestas dos seringaes e dos castanhaes, parecem estar no seu elemento como verdadeiros filhos das selvas. Dir-se-hia que o espirito dos seus paes

---

[1] O regatão é um producto original da Amazonia. É para ella o que o mascate é para o Sul do imperio, o bufarinheiro para a Europa, apenas com as differenças de proporção dos negocios respectivos. Como elles, é um negociante ambulante. Faz o seu negocio em canôa, a conhecida «canôa do regatão», em geral uma pequena galeota de tolda de madeira, vistosamente pintada e movida a remos de voga nos lugares que o permittem, ou com os remos indigenas, ellipticos e chatos, nos mais estreitos e menos profundos. A canôa é a sua loja e, muitissimas vezes, a sua casa. A palavra *regatão* querem alguns, senão todos que deste typo tem tratado, que derive do verbo *resgatar*, de *resgate*, alludindo aos antigos resgates ou compras de indios em que naturalmente figuravam os primeiros destes negociantes ambulantes. Pendo a crer, sem por ora entrar em discussões, que origina-se antes do verbo *regatear* e que é formação parallela a *regateira*. Seja, porém, qual fôr a etymologia da palavra, o que é certo é que se por um lado ao regatão se deve, mais talvez do que a ninguem, o conhecimento da região amazonica, que levado pela ambição, pela concorrencia dos seus congeneres e necessidades do seu commercio, elle tem varado em todos os sentidos, ensinando assim o caminho e fazendo conhecer a importancia dos sertões aos verdadeiros exploradores, por outro força é convir que tem sido elle um dos mais poderosos elementos de corrupção e desmoralisação dos mesmos sertões. Ao redor mesmo do seu nome creou-se uma legenda, que nem em torno do beduino, e, como acontece com todas as legendas é de crer tenha seu fundamento a que originou na Amazonia a vida geralmente pouco escrupulosa do regatão. O regatão é, por via de regra, branco e quasi sempre portuguez.

—os selvagens—revive nelles ante as emanações ainda que prenhes de febres das florestas povoadas pela syphonia e pela bertholletia. Lá extrahem a seringa pelo processo que lhes ensinaram os tupis (?) Cambébas, curtem por longos dias fome e bebem a agua de pantanos ou de rios insalubres, nutrem-se de macacos, lagartos e outros animaes repugnantes, soffrem com admiravel paciencia a dolorosa picada do *pium* (*Trombidium*) e dos mil insectos malignos daquelles lugares, dormem ao relento ou mal agasalhados em uma miseravel palhoça, são os filhos dos selvagens, ot descendentes dos brazilio-guarani. Ahi tambem trabalham com ardor, embora sem continuação, bebem, jogam, traficam, enganam e são enganados, passam as noites a beber cachaça e a tocar viola, ganham um salario muitas vezes superior a dez mil réis diarios e voltam mais pobres do que foram, são o mestiço com toda a sua imprevidencia.

Ao influxo destas duas principaes variedades, que, em rigor, raças não são, sujeitaram-se sem reluctancia, nem excepção os demais mestiços não só da mesma origem, como de proveniencia africana (mulatos, cafusos e suas variedades). Na pouca importancia numerica do elemento negro na Amazonia está a razão d'isto. Esta região, com effeito, foi das menos povoadas por negros, e hoje é rarissimo encontrar africanos nas duas provincias principalmente fóra das capitaes. Em uma população de cerca de quinhentos mil habitantes, não haverá mais de vinte oito mil escravos, o que, relativamente a outras provincias do Brazil, é pouco. Porém entre esses escravos mesmos encontra-se um crescido numero de mestiços da raça indigena, como os cafusos e os impropriamente chamados curibocas, e até typos claros a ponto de se confundirem com os mameculos, o que se póde explicar por cruzamentos deste typo com mestiços de origem africana, onde elle predominou ou em que deu-se o atavismo do branco.

Do estudo da lingua das creanças e das tradições populares aqui, resalta em toda a evidencia a inferioridade desse elemento e a supremacia das raças indigenas.

A' linguagem popular, directamente ao menos, as

linguas africanas apenas legaram, que conheça eu, duas palavras : *muxinga*, chicote de cavallo, vergasta ; e *mocambo*, couto de escravos fugidos, e seu derivado *mocambeiro*, o escravo refugiado no mocambo. Outras palavras da mesma origem aqui usadas, como *tanga*, *bunda caximbo*, etc., vieram directamente de Portugal, ou de outras partes do Brazil ; formadas aqui e ao nosso povo peculiares, repito, só conheço aquellas duas. E é para notar que aquellas palavras, cujo origem é controvertida, como *mucama* (criada de serviço domestico, aia); *caçamba* (alcatruz de nóra, balde); *samburá* (especie de cesto) ; etc., que segundo uns derivam da Africa e, segundo outros, da lingua tupy, não são aqui usadas, nem conhecidas pelo vulgo. Os vocabulos de origem africana perfeitamente assentada, como *cabungo* (ourinol) ; *batuque* e *samba* (dansas) ; *caçula*, (o ultimo filho) ; *cacunda* (costas, dorso) ; *gingar* (andar bamboleando-se); *guzo* (força); *guitute* (guizado); *senzala* (casa de escravos), e muitos outros correntios no sul do imperio, são geralmente desconhecidos até pela gente de origem africana.

A mesma população negra não usa tambem dos tratamentos domesticos evidentemente corrompidos pelo elemento ethnico do qual descendem, de *yayá*, *sinhá*, *siá*, *yôyô*, *sinhô*, *siô*, *nhônhô*, geraes nas outras provincias do Brasil.

No Sul termos indigenas em pratica corrente aqui, como *xibè*, *tiguara* e *caba* (vespa) foram completamente supplantados por *jacuba* os dous primeiros e *marimbondo* o segundo, originarios de linguas africanas. E emquanto conservaram-se aqui certos termos portuguezes, como *cóva*, para indicar o canteiro ou leira da mandioca, e *morganho*, o pequeno rato, lá substituiram-nos por correspondentes africanos, *matombo* e *camondongo*, aqui ignorados.

Diminuta ou nenhuma foi tambem, ao envez do que aconteceu no Sul, a influencia africana sobre a formação das crenças populares amazonicas. Lá, por exemplo, ella transformou o *saci-serêrê* tupy-guarani em um moleque, aqui o *mati-tapêrê*, que é o mesmo mytho com outro nome,

conservou na tradição popular a sua figura de um pequeno ou tambem de um velho tapuio.

Isto tudo prova, parece-me, que o elemento que nos veio escravisado da Africa, o qual tanto concorreu para nosso progresso material e para a nossa degradação moral, que esse elemento cuja extincção, como escravo, devemos todos desejar e pedir, foi supplantado no valle do Amazonas pelo indigena, cuja lingua aqui levou de muito a melhor na lucta que travou com a d'elle, o que não aconteceu sempre no Sul, não só com a d'este, como com a portugueza, obrigada a aceitar em boa copia materiaes africanos. Lá tambem esta influencia é sensivel sobre as crenças vulgares e os costnmes, o que se não dá na Amazonia, onde todas as feições do espirito popular resentem-se da influição indigena mais porventura, (tendo em conta sempre a relatividade das cousas) do que da portugueza.

Não quero fechar este capitulo sem notar — e isto ajudará talvez a explicar a insignificancia apontada do elemento africano — que entre estes e seus descendentes e os daquelle existe, senão odio, ao menos uma animosidade para a qual não pude até agora achar explicação satisfactoria. O que é certo é que esse odio — então o era — influio para quo no sangrento e estupido movimento revolucionario da Cabanagem, os brancos, e portanto a civilisação que elles bem ou mal representaram, não fossem, embora por um momento, supplantados, porque os escravos furiosamente confundidos pelos tapuios e mamelucos cabanos com os seus senhores e com elles atacados, defenderam-nos corajosamente. Se não fóra esta animadversão das duas raças, facil aliás de verificar ainda hoje, ellas se poderiam ter entendido, e então outras haveriam sido as consequencias daquelle motim, faceis de avaliar quando se considera que cada senhor de um escravo, isto é, cada cidadão, cada familia teria dentro de casa um assassino, pelo menos.

Felizmente para a civilisação d'esta terra, aquelle movimento — represalia desgraçadamente logica dos maus tratos infligidos pelo conquistador á raça iudigena — foi dirigido, si direcção teve, pelos homens mais incapazes

de que a historia dos duas provincias faça menção. Parece que é essa a missão dos incapazes — dirigir.

LINGUAGEM

E' facto observado que quando dous povos ou duas raças se encontram na concurrencia pela vida em um territorio conquistado por uma d'ellas, a civilisada, a mais forte, aniquila ou absorve a mais fraca. Ou a reduz e dispersa pela força, ou assimila-a pelos cruzamentos, o que é outra maneira de selecção. Em geral, porém, dá-se simultaneidade no phenameno, mas raro com tal importancia que prejudique a verdade d'aquella lei, da qual parecem-me exemplos typicos os Estados-Unidos e o Brazil.

Ali, sob a influencia do exclusivismo saxonico e do affectado puritanismo biblico, a raça civilisada isolou-se inteiramente dos *gentios*, pelo que viu-se forçada a destruil-os pelas armas ; aqui, o temperamento voluptuoso do portuguez, auxiliado ainda pela carencia de mulheres da sua raça, atirou os conquistadores nos braços da gente selvagem e conquistada, de sorte que aquella que não pereceu pelas armas nas conquistas dos sertões, nos *descimentos* das aldêas e nos *resgates* dos pretendidos captivos, veio perder-se e sumir-se nos cruzamentos repetidos.

Quem, afinal, venceu na luta, como o mais apto que era, foi o portuguez, mas aqui succedeu que o povo civilisado e conquistador soffreu, em não pequena escala, a influencia da raça selvagem e conquistada, o que o sabio Agassiz, na sua viagem pelo valle do Amazonas, notou como um facto singular.

E' justamente este phenomeno que faz a nossa originalidade, si a temos, livrando-nos de ser uma simples colonia européa, apenas politicamente emancipada, para formarmos com os elementos de lá recebidos e de cá aceitos, um povo que não é nem portuguez nem brasilio-guarani, nem tão pouco africano, pois que não é possivel

esquecer este importante factor na constituição da nossa nacionalidade. Demais, essa fusão aqui de todas as raças deu-nos, ou antes dar-nos-ha no seu resultado total, uma homogeneidade que falta sem duvida á grande republica norte-mericana, o que nos assegura um movimento social mais lento é verdade, porém mais firme.

No valle do Amazonas, ou no Amazonas— para empregar a expressão generica aqui usada para designar todo o valle— no Amazonas, topam-se a cada passo vestigios clarissimos e evidentes daquella influencia, não só entre as populações mestiças—que formam,como ficou dito, a grande maioria de seus habitantes— cujos costumes, linguagem e crenças, são uma verdadeira mistura dos da raça consquistada com os da conquistadora, mas até na população branca, ainda a mais extremada e mais vaidosa da sua prozapia. Sómente o estudo das modificações neste meio soffridas pela lingua portugueza, seria bastante para assentar de uma maneira definitiva essa influencia, quando mesmo não viessem comproval-a os estudos sobre as crenças e os costumes da gente que o habita. De facto, na lingua aqui fallada, onde aliás se conservam palavras e expressões portuguezas hoje desusadas em Portugal e vulgarmente desconhecidas no Brazil, [1] abundam, em não pequena cópia, não só vocabulos como fórmas syntaxicas da lingua do selvagem.

E este phenomeno não é, convém notar, um caso isolado. Em todo o Brazil o grande facto da evolução das linguas, attestado pela linguistica, encontra plena comprovação na face que vai tomando a lingua portugueza. Nem podia, é certo, deixar de ser assim, attenta a cooperação de novos elementos éthnicos, novos costumes e necessidades. No mesmo Portugal, onde até agora os espiritos eram avessos á fórma que está tomando aqui o portuguez, fórma que escarneciam e satyrisavam, alguns

---

[1] Cito, entre outras: *anagua* (no Sul, saia branca); *morganho* (desconhecida no Sul, onde ao ratinho dão o nome africano de *camondongo*); *rebuçado* (no Sul, bala) *servilhas* (no Sul chinellas) *serão, serão* (no Sul, *soirée*, francez); *migar tabaco* (desusado no Sul e creio que tambem em Portugal.)

escriptores emancipados dos prejuizos nacionaes e educados nos methodos da sciencia moderna, conhecem e explicam esse facto naturalissimo, comprehendendo que as linguas estão sujeitas ás evoluções fataes e tanto mais caracteristicas quanto mais differentes são os meios para que são transportadas e onde servem de vehiculo ao novo pensamento de novos gentes. A este respeito assim se expressa o Sr. Theophilo Braga.

« Na moderna nacionalidade brazileira a lingua tambem se vai alterando, constituindo um verdadeiro dialecto do portuguez; cada um dos elementos da mestiçagem contribue com as suas alterações especiaes. O elemento colonial modifica a accentuação phonetica de um modo mais exagerado do que nas ilhas dos Açores, o som *s*, como *ch* gallego, torna-se sibilante e mavioso, sobretudo nos pluraes; as construcções grammaticaes distinguem o *se* condicional do reflexo *si*, e os pronomes precedem os verbos, como: *Me disse*, em vez de *disse-me*. No vocabulario o portuguez conserva os seus provincianismos actuaes, e os archaismos do tempo da colonisação. Da parte do elemento anti-historico, uma certa indolencia na pronuncia exerce a grande lei da quéda das consoantes mediaes e vogaes mudas; assim *senhor* é *siô; senhora* é *sinhá;* os finaes das palavras vão-se contraindo, perdendo os seus suffixos caracteristicos, como *peó* em vez de *peior*, *casá* em vez *casar*. Na parte do vocabulario é que se nota mais profundamente a acção do elemento ante-historico, pela profusão immensa de palavras de lingua tupi introduzidas na linguagem familiar de todo o imperio. » [1]

Nem seria corôavel já hoje desconhecer essa séria

---

[1] Theophilo Braga, *Estudos da poesia moderna portugueza no Parnaso portuguez moderno*, pag. 39.

E' interessante observar que até alguns ditados populares de origem portugueza fossem adulterados no sentido indigena. Assim este, citado pelo Sr. Adolpho Coelho, com que em Portugal se zomba de quem diz *antão* por *então:* « Antão era moleiro, fazia anzoes e pescava caracóes » transformou-se neste outro: « Antão é pai da antinha » com elisão do artigo definito que, veremos, é proprio do falar delles. Antinha chamam á anta (*Tapirus* pequena).

alteração da lingua portugueza no Brazil, sob a acção a combinada, embora inconsciente, de differentes factores éthnicos, climatericos, ethologicos, etc.

Não sabemos, nem agora nos importa saber, si tal transformação nos leva a um dialecto do portuguez, tendo apenas com este relações de parentesco; mas o que nos parece averiguado é que a lingua que nós falamos aqui não é já absolutamente a mesma que se fala na antiga metropole, embora a lingua escripta, lá e aqui, seja, salvo casos de incorrecção censuravel, perfeitamente a mesma. Ora é sabido por todos que as fórmas linguisticas começam por ser faladas, e assim levam muito tempo antes de se fixarem pela escripta, o que é apenas um trabalho secundario de erudição.

Além de milhares de expressões de origem estrangeira (brazilio-guarani, africana, hespanhola, franceza, etc.,) que fazem parte do vocabulario corrente do povo brazileiro, muitissimas palavras portuguezas mudaram de significação entre nós, ou, conservando em parte o seu verdadeiro sentido, adquiriram novos. Aqui no Amazonas temos: *sitio*, logar e pequeno estabelecimento agricola; *queimada*, participio do verbo e substantivo significando roça que se queimou para plantio; *montaria*, canôa; *ajuntar* reunir e tambem apanhar, levantar; *furo*, canal; *doce*, assucar; *manteiga* com a significação propria e mais de oleo, etc.

Não julgo errado pensar que esta evolução não ficará sómente aqui, porém se passará ao proprio Portugal. Assim como é actualmente enorme a superioridade material do Brazil sobre a antiga metropole, tempo virá em que essa proeminencia passará á ordem moral tambem, porque a nossa nacionalidade crescendo em numero crescerá igualmente em importancia politica e civilisação, e então não é impossivel que a lingua falada por cincoenta ou cem milhões de homens actúe fortemente sobre a lingua fallada por cinco, dez ou mesmo quinze milhões, pois que nada autorisa a acreditar em um maior augmento de população portugueza. Accresce ainda que attenta esta differença de população — que já é bem sensivel hoje — maior expansão terá a nossa civilisação; mais numerosa, e naturalmente,

mais notavel será a nossa producção litteraria,[1] a qual chamando sobre si, em virtude mesmo da nossa importancia politica, a attenção dos povos estrangeiros, dará a supremacia á lingua em que fôr escripta, isto é, ao portuguez fallado no Brazil.

Um facto que vem abonar o nosso asserto é que sente-se já em Portugal, nas provincias do Norte principalmente, onde abundam os *brazileiros*, como ali chamam os portuguezes idos do Brazil, já lá sente-se a influencia da lingua e dos costumes brazileiros, como tive occasião de verificar. O que não será, pois, quando essa corrente de acção brazileira, fazendo-se em maxima escala e por maior numero de annos, centuplicar o seu valor numerico e por isso mesmo a sua influencia effectiva? E principalmente quando em virtude da grande naturalisação—que é de imprescindivel necessidade decretar—a immigração para o Brazil não fôr sómente de camponios do Minho, mas tambem das classes esclarecidas do reiuo em procura do novo campo para exercicio da sua actividade? Esses, de volta um dia á patria—os que voltarem—tendo soffrido a acção inevitavel do meio, ali influirão ainda com mais effectividade do que aquelles, no sentido do abrazileiramento da lingua portugueza. O já citado Sr. Theophilo Braga, verificou na historia da litteratura portugueza factos da influencia brazileira sobre o lyrismo portuguez no seculo XVIII. Ora, si um tal influxo foi possivel quando a metropole tinha uma incontestavel superioridade material e moral sobre a colonia, com maioria de razão poderá dar-se quando, como vai acontecendo, os papeis estiverem invertidos.

Por outro lado, si Portugal como parecem acreditar os seus pensadores mais esclarecidos,—n'um futuro que eu sinceramente desejo remoto—vier a perder a independencia, em uma reunião forçada ou voluntaria com a Hespanha, perderá tambem a sua lingua, que passará então

[1] Julgo injustiça não reconhecer a incontestavel superioridade actual das letras portuguezas sobre as brazileiras, e acho que é desta convicção que devemos nós tirar alento e emulação para o trabalho.

e definitivamente ao Brazil, legitimo herdeiro do enorme legado.[1] Cogitando neste facto possivel, e até provavel, assim se expressa o notavel philologo portuguez, o Sr. Adolpho Coelho: « A lingua poatugueza.., no Brazil, em Ceylão, tem padecido modificações que se reproduzirão em parte no continente se perdermos a nacionalidade e ella deixar de ser lingua litteraria: o *r* desinencia do infinito deixará necessariamente de ser pronunciado como succede no Brazil.[2]

A litteratura—tome-se este termo na mais lata significação—a litteratura nacional tambem contribuirá para assentar aqui a fórma litteraria da feição nova, (mas não diversa, entenda-se) que o portuguez no Brazil reveste e servirá assim de barreira ás invasões descabidas da lingua popular. Os escriptores brazileiros, emancipados de uma vez da antiga e funesta imitação portugueza, começam já, dirigidos alguns por bons methodos de critica, a abandonar o culto pueril do purismo affectado daquelles que do outro lado do Atlantico escondiam a pobreza do pensamento sob as roupagens folhudas de uma rhetorica imbecil—na bôa accepção portugueza desta palavra—para melhor inspirados deixarem-se influir pelo meio social cujos filhos são. E bem andam nisso, porque si persistissem no culto dos velhos idolos derrocados já no proprio Portugal, arriscavam a ficar incomprehendidos—o que vale o mesmo que esquecidos.

---

[1] Lêam-se, sobre isto, os trabalhos historicos do Sr. Oliveira Martins, os livros do Sr. Th. Braga, o prefacio de edição dos *Luziadas* do Gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro, pelo Sr. R. Ortigão, etc., e recordem-se as palavras que o grande romantico Garrett põe na bocca de Camões, moribundo:

> Suberbo Tejo, nem padrão ao menos
> Ficará de tua gloria? Nem herdeiro
> De teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o,
> Generoso Amazonas, o legado
> De honra, de fama e brio: não se acabe
> A lingua, o nome portuguez na terra.
>
> *Camões*, Canto X, 21.

[2] *Da lingua portugueza* na introducção do *Grande Diccionario* de Fr. Domingos Vieira, pag. XXXIII.

Si é acertado, porém, que os escriptores dirijam, ou ao menos acompanhem e comprehendam, a grandiosa obra anonyma que assim se produz aqui, não menos justo é observar que a tendencia, a meu vêr ante-scientifica, que se manifesta em alguns para innovações individuaes, só póde perverter a questão, sendo uma verdade banal que organismos tão especiaes e tão complicados como uma lingua não são, nem podem ser jámais, sinão a obra collectiva e inconsciente de multiplos factores. Fallar desde já n'uma lingua brazileira, com uma prosodia ou uma syntaxe suas, é ir muito adiante dos factos positivos que cada um póde verificar a todo o momento. A tarefa dos que estudam esta ordem de phenomenos, não é avançar proposições indemonstraveis, nem formular hypotheses gratuitas, embora lisongeiras a um patriotismo ridiculo, mas verificar os factos, estudar as differentes influencias que sobre elles actuam, classifical-os, averiguar as variações que soffrem, explicar o seu como, para deduzir por fim as leis que os regem, tudo com o maior escrupulo e com a maxima indifferença possivel, sem cuidar absolutamente dos resultados.

Facil é mostrar, e o seguimento d'este estudo parece-me comproval-o, que o portuguez experimenta no Brazil sérias e profundas modificações, mas não é isso razão para concluir-se precipitadamente que a nossa lingua não é a mesma de Portugal, porque, « máo grado todas essas variedades, a lingua é uma : é uma porque si bem que os que a falam possam não se comprehender em certos casos, outros ha mais familiares e de interesse commum, sobre os quaes podem trocar os seus pensamentos. Como o objecto directo da linguagem é a communicação do pensamento, a possibilidade d'esta commuuicação faz a unidade de uma lingua. » [1]

A estas palavras do linguista americano Whitney, additarei mais a seguinte sensata observação do mesmo auctor, com a qual fecharei este incidente : « tão máo — diz elle — é atrasar-se no caminho, como adiantar-se de mais, ou extraviar-se dos lados. »

---

[1] Whitney, *La vie du langage*, pag. 130, Pariz, 1880.

De quantos elementos éthnicos tem concorrido para a formação da nossa nacionalidade, o que mais influio para a adulteração do portuguez na America foi sem duvida o indigena, representado pela familia que falava o tupi-guarani. Actualmente não só nomes de geographia brazileira, da nossa flora e fauna, de certos utensilios de selvagens com que nos servimos (o *tipiti*, a *cuiambuca*, a *gurupema*, etc.) mas um grande numero de palavras indigenas corrompidas (*caipóra*, *moquear*, *tijuco*, etc.) ganharam direitos de cidade em um vocabulario portuguez, porque, como bem diz o Sr. Baptista Caetano d'Almeida Nogueira « a lingua tupi, apezar de ser lingua de barbaros, uns exterminados, outros corridos pelos mattos, outros emfim escravisados, fundidos, amalgamados com os conquistadores, inoculou nas linguas vencendoras e civilisadas não sómente vocabulos e termos que figuram hoje até nos livros de sciencia, mas ainda phraseados, idiotismos e cacoetes. A suppressão de uma ou mais lettras no final das palavras, tão usual entre os brazileiros, principalmente os caboclos e caipiras, é um cacoete herdado dos indios e desconhecido aos portuguezes que, pelo contrario, procuram tornar brevissimas as syllabas não accentuadas do meio ou do principio das palavras pronunciando : *mlaço*, *btar*, *rlogio*, *prstaram*, *apprvar*, em vez de *melaço*, *botar*, *relogio*, *prestaram*, *approvar*; os brazileiros, pelo contrario, dizem : *botá*, *chovê*, *ardé*, *subi*, comendo invariavelmente os *rr* finaes. Os portuguezes tendem a confunir o pronome reciproco com o relativo ; e não fazem esta confusão só nas orações de terceira pessoa ; é cousa que quotidianamente se vê, que as pessoas mais lidas na litteratura de Portugal já adoptam na conversação o *se* e o *si* reciprocos, dirigindo-se á segunda pessoa, e dizem : *fallo com sigo*, *dirigo-me a si*, *é para si que eu trouxe este livro*, querendo dizer : *fallo com tigo*, (ou *com vosco*, á moda de S. Paulo, onde tambem usam *com mecê*), *dirijo-me a ti*, *é para ti que eu trago este livro*. Os brazileiros, pelo contrario, procuram differençar o relativo do reciproco e herdaram isto naturalmente da lingua geral, onde é fundamental e caracterisca esta differença, que desprezada altera completamente a estructura grammatical. Empregam tambem o

possessivo *seu*, *sua*, dirigindo-se á segunda pessoa, é certo, mas então, para differençal-o mais, juntam-lhe pleonasticamente o relativo *delle*, *della*. Assim exprime-se: *Trago recado de F., por causa delle é que venho. Estive com fulano e entreguei-lhe o seu chapeu delle*, acrescentando pleonasticamente o *delle*, porque sem isso podia significar o *chapeu da pessoa com quem fala*. Quanto ao mais no emprego do *seu*, *sua*, *se*, *si*, procuram os brazileiros conservar o caracter de reciproco, justamente como em latim, onde de modo analogo ao do Abanêenga, (tupi do sul ou guarani) para o relativo emprega-se *is* ou *ille* e cujos genitivos *ejus*, *illius*, correspondem exactamente a *delle*, *della*, e figuram de possessivos, sendo *sui*, *sibi*, *se* e *suus*, *sua*, *suum* usados, quando a phrase exprime algo de reciproco. Em todo o caso, o falar á segunda pessoa, á moda dos paulistas, é mais preciso e mais bonito, e si ainda em oração de segunda pessoa si quizesse usar de verbos na terceira, era preferivel o emprego de *vossê* (derivado da segunda *vos*) com um certo quê de brazileirismo, e um pouco correspondente ao *usted* dos hespanhoes. [1]

O Sr. Couto de Magalhães escreve: « O cruzamento d'estas raças, ao passo que ministrou os sangues, cruzou tambem (si nos é licito servir-nos d'esta expressão) a lingua portugeza, sobre tudo a lingua popular. E' assim que na linguagem do povo das provincias do Pará, Goyaz, e especialmente de Matto Grosso, ha só quantidade de vocabulos tupis e guaranis accommodados á lingua portugueza e n'ella transformados, como ha phrases, idiotismos e construcções peculiares ao tupi. » [2]

Este grande e importantissimo facto tem nas populações aborigenes da Amazonia as mais concludentes provas.

O filho de uma das nossas capitaes, onde o elemento verdadeiramente brazileiro tenha sido suffocado pelo estrangeiro, do Rio de Janeiro ou Pernambuco, por exemplo, subitamente transportado para as margens do Amazonas ou de seus afluentes, para as regiões da seringa ou

---

1 *Obra citada* pags. 30 e 31.
2 *Obr. cit.* II parte, pag. 76.

castanha na época dos ajuntamentos periodicos, ficaria certamente surpreso de ouvir uma lingua, que reconheceria portugueza, é verdade, mas na qual o modo de dizer, innumeros termos, a mesma construcção é toda estranha, e sahindo de lá notaria que em todos os logares das duas provincias o facto se reproduz apenas com differença de intensidade.

A suppressão do artigo definido, em phrases que não podem prescindir d'elle em portuguez, é vulgar, como em *rio encheu*, *canôa chegou*, *peixe está pôdre*, etc. A palavra *porção* é usada sempre no fim da phrase, significando muito, quantidade, como *havia gente porção*, *pescou peixe porção*, por *havia muita gente*, *pescou muito peixe*. O adjectivo *bonito*, que empregam para exprimir bondade, é litteralmente traduzido do tupi, onde se diz *sakena puranga*, cheiro bonito, em vez de *sakena catú*, cheiro bom. O qualificativo com que elles reconhecem a bondade de um perfume qualquer é sempre *bonito* e nunca *bom*. A palavra tupi *será* é ainda usada tal qual como entre aquelles selvagens como um signal de interrogação e apparece em numerosas phrases interrogativas como *Você vae a missa será* (?) ou *você vae será á missa* (?) o que se diria em tupi *Ndê reçó será missa kêtê? Você tem seu remo será?—Ndê rêrêkô será ne apukuitáua.*

E até em interrogativas ellipticas como: *Assim será?* qnando respondem a um facto admirativo. Esta phrasse, como se poderia suppor, não é a mesma que a portugueza «*Será assim?*»

A vulgaridade com qne repetem o adverbio *ainda* vem do tupi. *Eu vou ainda*, eu quero ainda, e expressões semelhantes usuaes entre elles não são sinão a traducção de locuções identicas que traziam n'aquella lingua a palavra *rain*, ainda, como *xaçó rain*, eu vou ainda, *catú rain*, é bom ainda, é necessario.

Nem é difficil comprehender e explicar como tal facto se deu. O indio começou por traduzir *verbum ad verbum* a sua phrase para o portuguez, e assim construio esta como aquella, excepto quando não achava na lingua portugueza, por desconhecel-as, expressões que traduzissem perfeitamente o seu pensamento, como se deu com o *será*

que, sendo o interrogativo tupi, não podia ser traduzido sinão pelo signal orthographico, que elle desconhecia, razão por que conservou aquelle na phrase portugueza. O mesmo aconteceu com o artigo, que por o não terem na sua lingua, deixaram de traduzir, dizendo a sua phrase portugueza com diziam a tupi.

O signal *curi* com que no tupi do Amazonas se fazia o futuro dos verbos, como em *xê apuraukê*, eu trabalho, *xê apuraukê curi*, eu trabalharei, anda junto com a preposição *até* para significar até logo, até a vista, até depois: *até curi*. As perguntas, como vae? como está? respondem *meué-meué*, que cremos poder traduzir pelas expressões familiares portuguezas: assim assim, vamos indo, etc.; como para dizer avante, vamos, anda, e tambem adeus, usam d'esta outra *êrê catú*. Os adjectivos patronimicos conservam a fórma tupi, com a terminativa *ara uara*, como em *Marajoàra*, filho de Marajó; *Cametauàra*, de Cametá; *Pauxiuàra*, de Obidos, (antigamente Pauxis).

A palavra *pitinga*, branco, anda junta, na sua fórma de composição (*inga*) aos tratamentos que os famulos (escravos ou não) dão aos amos, de *mãe-tinga*, *pae-tinga*, que usam tambem traduzir, ouvindo-se já de muitos *pae-branco*, *mãe-branca*.

Nas variações phonéticas da lingua vê-se ainda a influencia apontada. O desapparecimento do *r* forte no final dos verbos, como em *morrê*, *levá*, *ganhá*, *pô*, *fugi*, por *morrer*, *ganhar*, *levar*, *pôr*, *fugir*, não se explica sinão pela falta d'aquella letra no alphabeto indigena, ou melhor d'aquelle som na sua lingua. A substituição do *l*, cujo som tambem não tinham, pelo *r* brando, que possuiam, nas palavras que em portuguez trazem aquella linguo-palatal com o som bem caracterisado, como em *malvado*, *alqueire*, *alcançar*, que elles dizem *marvado*, *arqueire*, *arcançar*, como tambem a perda do *l* no final das palavras *fél*, *mel*, *qual*, etc., que pronunciam *fé*, *mé*, *quá*, não tem, parece-me, outra causa. [1] Outras vezes em lugar do *l* final

[1] Não é d'esta opinião o Sr. J. Leite de Vasconcellos, do Porto, que no seu opusculo sobre o *Dialecto brasileiro*, escreve: «Estes factos são, quanto a mim, o desenvolvimento do que se dá no continente, e não por influencia *tupi*, como o Sr. J. Verissimo suppõe.»

põem o *r* brando, como em *anîmal*, que dizem *animar*. E tenho ouvido pronunciar *Escola normar* a professores d'ali saidos. Não dão jámais o signal do plural aos substantivos, e assim dizem *as casa, os peixe; Amazona* em vez de *Amazonas*.

Os tupis, como se sabe, tinham para fazer o plural a palavra *etá* ou *itá*, mas desconheciam um sinal phonetico correspondente ao *s* portuguez, razão por que as fórmas pluraes são pouco uzadas no meio que estudamos, onde a determinação do plural é feita pelos artigos *os*, *as*, dos quaes n'estes casos não prescindem.

Nota-se tambem na sua pronuncia de algumas vogaes uma differença bastante sensivel da dos outros mestiços do Brazil. O *è*, que tem em outras provincias, como Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, o som de *i*, como em *dí* por *de*, aqui é aberto, embora não tanto como em S. Paulo. O *o* fechado pronuncia-se *u*. D'ahi veio a satyra que nos fazem os filhos do Sul, de que nós dizemos: *Lá vem uma canúa carregada de cúco de púpa a prúa*. Com effeito, é assim que paraenses e amazonenses pronunciam aquella phrase, mas a esse respeito seja-me permittido dizer que, quanto a este ponto, os filhos do Sul não têm muita razão, pois que julgo mais licito em portuguez, mais conforme com a phonética da lingua, transformar o *o* fechado em *u*, do que em *o* aberto, como lá fazem, dizendo *bótá* (r) *córôa*, *córrê* (r).

Em Portugal pronunciam-se estas palavras com o *o* perfeitamente fechado, como no Amazonas. Em regra geral pode-se dizer que no Sul ha tendencia para abrir as vogaes fechadas, aqui dá-se o contrario, pronunciam-se como fechadas aquellas que têm sons abertos, ou pelo menos fecham-se mais os sons.

Como interjeição de admiração, com uma ponta de ironia, costumam dizer *Iä*!... cantado e longo; e *axi*!... como interjectivo de despreso, desdem, pouco caso. Este *axi* deve corresponder ao *iche* popular de outras provincias. O diminuitivo portuquez *inho, zinho,* tomou enorme desenvolvimento, a ponto de acompanhar os verbos, como *querzinho*, *foizinho*, *estouzinho*; empregado como uma fórma meiga e effectuosa, quando dizem *estazinho doente*,

não querzinho comer nada etc., Este modo de dizer prende-se ainda á lingua tupi, onde para dizer, por exemplo, *estou pouco bom*, usava-se de *mirî* (pequeno) por pouco.

Nenhuma palavra portugueza soffreu talvez tantas e tão profundas modificações no Brazil como o tratamento de *Vossa-mercê*. Nas provincias extremas do Sul, como Rio-Grande, Paraná e S. Paulo fez-se *mecê*; nas do centro, Rio, Pernambuco até Ceará, *vosmincê*; *vossuncê*, *voncê*, na região amazonica as populações naturaes fizeram d'ella *vassuncê vancê e vacê*.

As expressões puramente portuguezas que elles corromperam ou fizeram suas pelo uso constante e caracteristico d'ellas, são *disque* por *dizem que*; *na masque* por *não mais do que* (?); *parespue* por *parece que*, e *e bem*! como uma affirmativa. O *disque* torna-se na sua boca uma palavra particular pela maneira por que a empregam geralmente no fim da phrase, com ironia, duvida, como quem diz ou conta um facto que não crê, assim como se põe entre aspas uma reflexão que não nos pertence, a modo de uma evasiva, nas phrases como esta: *F. vai ser nomeado capitão, disque.*—*Namasque* e *paresque* são apenas corrupções populares das expressões indicadas, e são tambem, em geral, usadas no fim das phrases, o que faz lembrar a construcção syntaxica da lingua geral. — *E' bem*! é uma resposta que só dão ás interrogações de caracter affirmativo.

Esta influencia da lingua fallada pela raça vencida e inferior que, como acabamos de vêr, foi tão grande sobre a syntaxe e a lexicolegia da lingua conquistada e superior, resalta com maior evidencia quando se estuda os vocabulos por ella introduzidos n'esta. Na linguagem popular das provincias amazonicas taes vocabulos são em crescido numero, e a seguinte lista d'elles, embora incompleta e deficiente, é, todavia, bastante para provar a acção do tupi sobre o portuguez n'esta vastissima zona, e em todo o Brazil, pois que muitas d'essas palavras são tambem vulgares na lingua popular de muitas outras provincias.

Palavras de origem tupi guarany usadas pela gente amazonica e em pratica corrente na região [1]

Bubuia, vir de—, estar de—, andar de—, ficar de—, fluctuando, sobrenadando, boiando. Acção de fluctuar, acto de boiar. O cedro não vai ao fundo, fica de bubuia. De *bebui*, fluctuar, nadar. Sobre o uso d'esta fórma de composição com uma especie de auxiliar, vide piriricar.

Bubuiar, fluctuar, boiar, sobre nadar. Pouco usado em suas fórmas verbaes, geralmente substituidas por *bubuia* e um auxiliar. V. Bubuia.

Burassanga, pequeno cacête cylindrico para bater algodão; idem para bater roupa na occasião da lavagem, De *myrá=muyrá* páo, madeira e *çanga* estendido, o que serve para estender *myraçanga*, a bengala, o porrete (Couto de Magalhães).

Caba, vespa. No Sul dão ás vespas o nome africano de marimbondo, aqui desconhecido. De *cána*.

Caipóra, 1.° infeiiz; desditoso; desgraçado; sem sorte. Estou caipóra. E' muito caipora ao jogo. 2.° desdita; azar; infelicidade. Que caipóra a sua! No *Grande Diccionario* de Fr. Domingos Vieira vem apenas com a errada significação de «fogo fatuo» e no recente *Dicc. contemp.* de Caldas Aulete com este e mais o verdadeiro significado. Esta palavra se deriva do mytho selvagem do

---

[1] A orthographia usada n'este escripto para as palavras tupis é, com pequenas alterações, a proposta pelo eximio guaraniologo, o Sr. Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, no primeiro fasc. dos já citados *Ensaios de Sciencia*. Aos importantes trabalhos d'esse sabio, cuja morte o Brazil não póde assaz deplorar, deve muito, como confesso em varios artigos, o presente estudo. Para as pessoas menos versadas na linguistica tupi-guarani, devemos fazer notar que o *y*, a vogal especial d'essa lingua, tem uma pronuncia guttural entre o *ê* portuguez e o *u* francez ou *ü* allemão. Esta vogal transforma-se commummente em *u* portuguez, ou *ou* francez. Nas etymologias dou quasi sempre, para maior precisão, a fórma guarani em primeiro logar e depois a tupi, unidas pelo signal de igualdade.=Assim *og=oc og* guarani igual a *oc* tupi. Comprehende-se que n'uma lingua selvagem, não fixada litterariamente, a mesma palavra affecte fórmas diversas; quando assim é procuro dar essas fórmas, como com o preterito especial *cuera=uéra oêra=puêra=êra*, que sob todos estes aspectos apparece.

kaápora (habitador da matta) espirito cujo encontro, sob a fórma de porco, em que se encarnava: fazia para sempre desditoso quem tinha infelicidade de topal-o.

CAIPORISMO, infelicidade ; desdita ; azar; desgraça. E' um caiporismo meu. Que caiporismo. V. Caipóra.

CAISSÁRA, curral, curro para guardar o gado. De *kaá-içá*, esteios de matto, estacada. Segundo Montoya, cêrca de ramas com que prendiam o pescado como com rêdes. Com este significado, segundo me informa o Dr. Macedo Soares, existe no Sul.

CANARANA, cana brava, graminea alta como a cana, com a qual de longe se parece. Composto de cana e o suffixo tupi *rana*, parecido, semelhante. V. Rana.

CAPÃO, ilha de matto ; bosquete isolado nos campos ; trecho de matto isolado do corpo das florestas. Vem no *Grande Dicc.* cit. e no tambem cit. *Dicc contemp.*, que define erradamente «matta roçada que se corta para lenha (em opposição a matta virgem),» o que não é exacto para nenhuma parte do Brazil onde o uso deste neologismo expressivo e necessario é geral. De *kaá*, matto e *pau*, o que está no meio, a nesga.

CAPIM, grama ; relva ; nome que passou a ser generico de differentes variedades de gramineas. Vem nos *Diccs.* De *kaá*, matto, folha, erva, e *pii*, fino, delgado. O *Dicc. contemp.* diz que se fórma do baixo latino *capitum*!!! O baixo latim é o grande recurso dos etymologistas.

CAPINAR, mondar ; cortar o capim com enxada ou foice, limpar de capim ou de outras hervas um terreno qualquer. Capinar a horta ou o jardim. Formado de *capim*.

CAPINZAL, matta de capim ; logar onde cresce capim; agglomeração de capim ; terreno plantado de capim. Fórma portugueza de *Capitêua* (*tyba* no Sul) lugar de capim. Vem nos *Diccs.*

CAPOEIRA, matto novo que cresceu em lugar onde existio uma matta virgem ; matto ralo. Nos *Diccs. cits.* com significação errada. De *kaá*, matto, e fórma de preterito *poêra*=*coêra*=*oêra*=*êra* : matto que já não é o mesmo que foi.

CARUARA, 1.° dôr rheumatica ; dôr articular ; 2.° quebranto, máo olhado ; molestia motivada por feitiços ;

máo estar; indisposição physica, achaque. Parece-me palavra não corrompida, derivada da raiz, até hoje não de todo decifrada, *kara* e a desinencia *guára*, *uára*, *ara*, que tem muitas significações e com a qual ora adjectivavam ora substantivavam os verbos.

CATINGA, máo cheiro; odor que exhala o corpo humano eu de outro qualquer animal; catinga de urubú, de jacaré, cheiro *sui-generis* peculiar a certas raças, aos negros, tapuios, etc., e quem muitissimos casos, apparece nos mestiços seus descendentes como um protesto *sensivel* á pretendida pureza de linhagem. Alguns antropologistas o acceitam até certo ponto como um caracter ethnologico. De *catî*, rescender, cheirar, « bem ou mal, porém muito » diz o Sr. Dr. Almeida Nogueira. *Sybacatî*, máo cheiro do braço.

CATINGAR, rescender: cheirar mal: exhalar catinga. V. esta palavra.

CIPÓ, nome generico das trepadeiras do genero *convolvulus* muito aproveitadas na região para servirem como cordas. Vem nos *Diccs.*, e n'um dos mais illustres puristas da lingua portugueza lê-se «...... e emmaranhou-se de cipós e trepadeiras. Latino Coelho, *Introducção da Oração da Corôa*, 2.ª edic. pag. C. D. J.

CIPOAL, matta de cipós, lugar abundante em cipós. A fórma tupi devêra ser *Cipóteua* ou *tuba—tyba*. Vem nos *Diccs.*

CIPOAR, bater, castigar com cipó. Formação portugueza de *cipó* com a desinencia *ar*. Vem nos Diccs.

COIVARA, galhos que ficaram de resto n'uma queimada e que se ajuntam em pequenos montes (se *encoivaram*, V. Encoivárar) para queimal-os de novo e limpar completamente o roçado; a ruma dos gravêtos da roça para incendiar. Tenho promptas dez coiváras para queimar. De *kó*, roça, *iba*, galho de matto; o matto secco, os gravêtos da roça.

COPIAR, varanda, puxada, alpendre, já em frente, já atraz da casa, por onde geralmente entram e sahem. De *kó*, róça e *piá* (*pé* ?) caminho. O lugar da saida, o caminho para a roça. Nas casas modernas das cidades é a varanda ou casa de jantar, dando para o quintal, não

longe da cosinha, que recebe este nome. Vem em Moraes e tambem no *Dicc. Contemp.* obscuramente definido.

Curumin, rapaz ou antes rapazinho de sete a doze annos; moleque. De *kyrymî=curumî.*

Cuia, vasilha feita de fructo da cuieira (*Crescentia cujete*) para servir de prato, malga, tijella, copo etc. E' vocabulo não corrompido e já vem nos Diccs.

Cuiambuca, vaso feito do fructo da cuieira, em cuja parte superior abre-se um buraco de 2 a 4 pollegadas de diametro e serve para depositar e carregar agua ou outros liquidos. De *cuia* e *mbogua=mboca,* escavar, furar, fazer ôco. Cuia furada. No sul, segundo me communicam, ouve-se *cumbuca.* Vem em alguns dics.

Curuera, a massa grossa de mandioca com a qual se faz o bolo chamado «cariman»; restos de farinha que por grossos não passaram no crivo da gurupema (V. Urupema); faréllo.

Ouve-se tambem *curueira* e *curêra,* sendo esta fórma a geralmente mais usada. De *carû,* alimento, cousa para comer, e a fórma do preterito *êrau=êra* (com *o* ou com *u*) a comida que já não é a mesma que era. Póde ser tambem, e me parece mais provavel, que venha de *kui,* desfazer-se em pó, farinha, e aquella desinencia preterial peculiar á lingua; *kuirêra,* farinha que já não é farinha, por ser grossa de mais, porque, segundo a justa observação do Sr. Dr. Macedo Soares, aquella singularissima fórma de preterito «designa o estado actual da cousa pelo seu estado anterior.» No Sul dizem *caruêra.*

Cutucar, bater; tocar; mas tocar e bater com um objecto pontudo, com uma faca, com o dêdo, com o cotovêlo. Cutucar a paca na tóca com um páo. Elle me cutucou por debaixo da mesa. E' um dos verbos mais expressivos que a lingua popular do Brazil (pois é usado, creio, em quasi todo elle) herdou do tupi. De *kutug=kutuc,* furar. No Sul dizem *catucar.*

Embiára, a preza; a caça: A onça guarda os restos da embiára. De *mbia=mbiàra,* a caça; *tembiar* o que é tomado, a presa, o que foi pescado ou caçado; *xemiára,* a minha caça.

Embira, corda de cipó (V. esta palavra) ou de casca

d'arvores. De *mbir=pir*, a pelle, a casca. Ouve-se tambem *envira*.

Encaiporar, tornar caipora. (V. esta palavra) fazer infeliz, dar azar; tornar desditoso; tirar a sorte a alguem. Você esta-me encaiporando. Encaiporei de uma vez. De *en+caipôra—ar*.

Encoivarar, amontoar em rumas os galhos (*coivaras*) de uma roça que não foram inteiramente queimados pelo primeiro fogo, para reduzil-os agora a cinzas; fazer coivára (V. esta palavra). O preparo de uma roça passa, ao menos, por tres processos; a *derrubada* ou o abatimento das arvores a machado; a *queimada*, ou a destruição pelo fogo das arvores já sêccas; e o *encoivaramento* ou o *encoivarar*, isto é, a nova queimada dos restos da primeira arrumados em monticulo (*coivaras*). Hoje vou encoivarar minha roça. Para a etymologia V. Coivára.

Entocar, esconder, e esconder-se. O cachorro entocou a paca. O caetetú entocou. Encafoar-se; metter-se no buraco; encovar. Para a etymologia veja tóca..

Espocar, arrebentar, estalar; saltar fóra; rebentar com ruido; abrir-se; estourar; (o francez *créver*). De *pó=póg*, rebentar, saltar, com uma formação portugueza (*es* e *ar*). Uma pessoa do Sul escreve-me: «O *espocar* e *popocar*, não são aqui usados, mas devem exprimir o rebentar das pipocas, e equivaler a pipocar ou espipocar». Em *pipoca* (milho arrebentado sob a acção do fogo) ha evidentemente a palavra *pi*, pelle, cascas, pellicula; *pipog=pipoc*, a pelle arrebentada, a casca estalada; entretanto, essa syllaba podia ter cahido em *espipocar* (queda de nenhum modo admissivel) e assim ficaria *espocar*; mas devo notar que aquellas duas formas, a palavra e o objecto *pipoca*, não são conhecidos no Amazonas, pelo que parece-me que tanto *espocar*, como *popocar*, si bem, signifiquem hoje o mesmo que *pipocar* e *espipocar* no seu sentido mais geral, são de formação differente. V. Popocar.

Gapuiar, pescar nos baixios um pouco ao acaso, lançando o harpão (para *pirarucú*, *sudasgigas*) ou a fléxa (*tambaqui*, *tucunarè*, e outros peixes) aqui e alli; apauhar camarões em sestos nas pequenas lagôas; caçar pequenos peixes á aventura nos baixos; procurar uma cousa

qualquer ao acaso da sorte. De *ygapyar*, tirar a agua por cima, decantar «como faziam em poços e pequenos banhados para apanhar o peixe em secco», diz o Dr. Bap. Caetano. Como se vê, hoje passou a acção de esvasiar uma lagôa para apanhar o peixe (o que ainda se faz, mas que não se exprime por este termo) para o facto de pescar em lugares baixos; pescar ao acaso, procurar alguma cousa á aventura, etc.

GIRAU, palanque levantado nas casas entre o chão e o tecto para servir de deposito a diversos objectos; estrado erguido em qualquer parte para o mesmo fim e sobre alagadiços para construirem em cima a casa. Não estou certo da etymologia e não me parece bôa a do auctor de quem tanto me tenho soccorrido neste trabalho.

IGAÇABA, pote; cantaro de barro cozido para guardar agua ou para conservar em fermentação certas bebidas. Começa a cahir em desuso, sendo substituida pela palavra póte. De *ygaçaua*, fórma tupy com o mesma significação. Vem nos *Diccs.*

IGAPÒ, matto alagadiço; pedaços de florestas invadidos pelas aguas dos rios nas enchentes; matta dentro da agua; pantano no meio da matta (e não qualquer pantano). De *y*=*yg* agua, *por*=*pó*, haver, conter e *a* euphonico, tal é a etymologia do Sr. Baptista Caetano. Nesta região, porém, igapó significa apenas o matto dentro da agua, já nas beiradas invadidas pelos rios, já no interior das terras nas lagôas ou pantanos, pelo que parece-me que deva ser de *y* agua *kaá* matto e *pó* haver, o que contém, continente, segundo Montoya: agua que matto tem ou que contém matto.

IGARAPÉ, ribeiro; riacho; caminho de canôa. De *ygára*, canôa; *pé*, caminho. Principiam a corrompel-o em *garapé*. Vem nos *Diccs.*

IGARITÉ, canôa grande, entre a montaria (a *ygára* do indio) e a galeota geralmente com tolda de madeira. De *ygára*, canôa, e *eté* grande. Vem no *Dicc. contemp.* como canôa de taboas, o que não é uma definição.

JACUMAN, a pôpa da canôa, e, por extensão, o leme, que o selvagem não conhecia. O homem do jacuman: o arráes. De *yakumã*, pôpa ou talvez o remo que movido

pelo timoneiro, servia de leme, nome pelo qual, julgo, não se deve traduzir a expressão tupi, pois faltava-lhes o objecto. Aqui não se chama ao leme jacuman, e simplesmente emprega-se este termo quando trata-se de pequenas canôas (montarias, e pequenas igarités) que o não tem e que são governadas por diversos movimentos que a um remo dá o sujeito sentado á pôpa. A expressão usada é « pegar o jacuman ». Este curumin já sabe pegar (o) jacuman = este rapazinho já sabe governar uma canôa. O *Dicc. contemp.* não dá esta palavra, mas traz *jacumaiba*, o piloto. *Jacumaûba*, como se encontra nos antigos viajantes (como o bispo Fr. João de S. José de Queiroz, *Rev. do Inst. Hist.* Tom. 9°) é hoje desusado, sendo substituido pela expressão « homem do jacuman ».

Jamaru', curcubitacea grande preparada como a cuiambuca (V. esta palavra) afim de servir de vazilha para conduzir e de deposito para conter agua.

Japá, esteira tecida de folhas de palmeira; serve de tolda á canôa, de porta á casa, de tecto á barraca improvisada etc. De *yapá* apenas com a corrupção natural do *y* em *j*.

Jequi, cesto em fórma de funil para apanhar peixe.

Jurumun, nome da abobora (*curcubita maxima*) nesta região.

Kiriri, silencio; calada, socego nocturno; a mudez apparentemente absoluta da natureza em calma, á noite, pois que, parece-me só á calada nocturna applicam este termo. De *kiriri*, expressão onomatopaica, cujas syllabas representam sem duvida aquelle quasi imperceptivel borborborinho que, alta noite, por exemplo, uma illusão acustica, ou o facto real das finas vozes dos insectos fazem ouvir.

Macuru' balanço formado por dous circulos de grossas talas ou madeira flexivel, separados um palmo do outro e ligados por cordas que o suspendem do tecto, onde deixam as crianças na primeira entregues a si proprias. Os dous arcos são revestidos de panno, sendo o de baixo forrado de modo a que a criança fique assentada com as perninhas pendentes. Collocam-na debruçada sobre o primeiro arco, e ella, com o movimento natural das pernas,

tem esta armadilha em continuo movimento, sem haver risco de bater-se e maguar-se. De *mã*, atar, ligar, envolver, amarrar, prender, e *kyry*, o pequerrucho, a criancinha. Sabe-se quão facil é tornar-se a vogal especial do tupi-guarani *y* em *u*, e assim *kyry=curu*. A prova está na palavra *curumin*, rapazinho, cuja fórma mais correcta seria *kyrymi*, ou ainda *kynymï* ou *cunumin*, no abaneenga, ou guarani primitivo.

MANIÇOBA, guizado composto com folhas (*çob=ob*) de maniva (*manib=maniuna*) carne ou peixe.

MANIVA, o arbusto, a arvore da mandioca (da *jatropha mani hot*). De *mani*, com significação duvidosa e controvertida e *ib=iba=iua;* arvore, folha, vegetal. No Amazonas distingue-se perfeitamente a *maniva*, a arvore, de *mandioca*, a raiz, o tuberculo. Com effeito aquella significa litteralmente a arvore (a folha) de mani e esta a raiz (o que se extrahio: *oc=oca* extrahir e o extracto) de mani. No Sul estas cousas estão confundidas e creio até que apenas subsiste a palavra mandioca significando todo esse vegetal.

MARÁ, vara de empurar a canôa: varejão; vara empregada em serviços de navegação, como para entezar a véla ou para fincar no porto e amarrar a ella a embarcação. De *ymyrá=myrá*, páo, vara.

MARACÁ, chocalho com que brincam as criancas. Entre os tupi-guaranis era uma pequena corcubitacea cheia de seixos, da qual usavam como instrumento distinctivo. Passou para nós com pouca ou nenhuma corrupção, e serve para designar um chocalho de crianças, quer seja da mesma materia e feitio que o do feiticeiro indigena, como usa a gente pobre, quer nos venha das ourivesarias européas e esteja nas mãosinhas das crianças ricas. Vem nos *Diccs.*, que em geral só o consideram como objecto e palavra de uso exclusivamente selvagem.

MARACATIN, embarcação do tamanho da igarité (V. esta palavra) canôa, mais geralmente usada nas costas da região oriental da provincia do Pará. De *marakâ* e *ti* nariz, rosto. Antigas canôas dos indios traziam á prôa aquelle instrumento (V. *Maracá*) e assim se chamavam. Comquanto elle tenha desapparecido, o nome, embora

em decadencia de uso, ainda existe. O Sr. Bap. Caetano dá outra etymologia: *ygara—aquatî* canôa de prôa ligeira, apontada, veloz, etymologia que não aceito. Vem nos *Diccs*. Os indios Maués das malocas do Andirá, onde estive em Setembro de 1882, chamavam ao navio a vapor que nos levou « *maracatin.* »

Matupá, grupo consideravel e compacto de capim aquatico que se encosta á beira dos rios e lagos ; periatan (V. esta palavra). Comquanto seja evidentemente tupi, desconheço-lhe a etymologia.

Mingáo, papa molle preparada de diversas feculas, de bananas, de côcos de varias palmeiras, grãos, etc. Vem nos *Dicc.* e é palavra definitivamente adquirida para a lingua portugueza, ao menos no Brazil, onde ninguem usa de outra. De *mîgau* com a mesma significação.

Mogica, processo de engrossar um caldo misturando-lhe uma fecula ralada em farinha. De *mboayg* qualquer =*moagic*, fazer duro, engrossar, solidificar.

Mogicar, engrossar um caldo, um mingáo, pelo processo da mogica. (V. esta palavra). E' mais usado o substantivo com um auxiliar do que esta fórma verbal.

Moqueca, guizado de peixe que se serve envolto em folhas em geral de bananeira (*musa*) ou da pacóva soróróca ; qualquer manjar envolto em folhas. Diz-se tambem *poquéca*. De *poqué—mboqué*, embrulhar. Vem nos *Diccs.*

Muquear, assar no muquem(V. esta palavra) ; assar peixe ou carne, a fogo lento, de modo a preparar uma conserva sem auxilio do sal. Vem nos *Diccs.* De *mokae*, seccar, enxugar, tostar.

Muquem, assadouro ou grelha, geralmente de fórma triangular, com cada angulo descansado sobre uma pedra ou sobre forquilhas de madeira, feita de varinhas de « páo de muquem » ou outro. Peixe de muquem, carne de muquem ou muqueada. Vem nos *Diccs.* V. *Muquear*.

Mundé, armadilha para apanhar caça. Vem no *Dicc. contemp.* De *mûdè*, com a mesma significação, e, como se vê, sem corrupção. Ouve-se tambem *mundéo*, que é como se diz no Sul.

Mutan, especie de palanque de sobre o qual se espera a caça no matto ou o peixe á beira d'agua para frechal-os.

De *mytá*, degráo, o frequentativo *mytá* — mitá, escada. Damos a fôrma mais corrompida, pois de muitos ainda se ouve *muitá* e *muitan*, que tal devêra ser a pronuncia do tupi do Amazonas.

PACOVA, nome da banana (*musa*). Vem em Vieira *pacoba* e *pacobio*, significando nescio. Com effeito é tambem empregado n'esse sentido (mas não na fórma *pacovio*) e, mais geralmente, no de fraco, poltrão, da mesma maneira que banana no Sul. F. é um banana=F. é um pacova. no *Dicc. contemp.* vem tambem errado *pacoba*.

PACOVEIRA, a arvore da pacova, a bananeira.

PANACU', cesto de talas em uso no serviço da lavoura.

PANEMA, ruim ; máo ; sem prestimo : páo panema. Fraco ; poltrão ; imbecil ; homem panema. Na sua fórma primitiva e guarani significou, *apud* Montoya, desdita, desventura, em tupi *panêua*, ruim, inutil.

PARANÁMIRIN, rio pequeno ; braço de rio ; porção estreita de um grande rio formada e apertada entre ilhas durante o curso ; furo que communica dois rios, ou as aguas de um mesmo rio no meio do qual se atravessam ilhas. Começa a agglutinar-se em *paraná*=*paranã*. De *paraná*, rio, e *miri*, pequeno.

PARY, tecido de talas (geralmente da palmeira inajá, *Maximiliano regia*) ou de varas finas formando panos, com os quaes se construe o cacury (V. esta palavra) e outras tapagens no rio para apanhar peixe. O *pary* é simplesmente a cerca, o tecido (as talas ou varas ligadas verticalmente) a materia e não o instrumento de pesca.

PERÉBA, pequena ferida ; sarna ; erupção herpetica. De *pereb*—*pereua*, chaga, ferida, signal ou mancha de sarna, cicatriz.

PEREBENTO, sarnento, que tem feridas ou erupções herpeticas. V. Pereba.

PERIATAN, agglomeração de canarana (V. esta palavra) que se encosta ás margens (V. *Matupá*) ou desce os rios, como ilha fluctuante arrastada pela correntesa. Fica a canarana tão emmaranhada e dura que as onças poem-se em cima para viajar. Atravessam-se ás vezes nos pequenos rios e com a terra e paos que a corrente

arrasta, formam *barrancos* (é o nome) tão duros que, como vi no Gurupatuba, é preciso muito trabalho de foices, machados, etc., para desfazel-os. De *pery*, junco, graminea d'agua e *ãtã*, duro, teso, resistente.

Peconha, ligas de embira (V. esta palavra) que mettem nos pés para subir ás arvores sem galhos, como palmeiras e outras. De *pycõî*, pés unidos ou irmanados, conjuntos ou juntos pés (B. Caetano). *Py*, pé, *cõî* das cousas pegadas naturalmente,*y* dos de um ventre.*Pycõî*= *Mbycõî*, trabas de los piés para subir algun arbol. (Montoya).

Peráu, depressão repentina que apresenta o fundo de um rio; buraco no leito de um rio ou lago, a parte mais funda de um rio. Ex: « Não se adiante, que ahi tem um peráu. Não caia no peráu. O peráu deste rio fica a duas braças da margem.» Significando quasi a mesma cousa que o inglez *thalweg* e o portuguez *pêgo*, é termo technico usado não só pela engenharia brazileira, como pela portugueza. V. in *Rev. do Inst. Polytech. Braz.*— Tom. IV pag. 62, o estudo sobre *Portos de Commercio* pelo engenheiro André Rebouças. De *pérau*, caminho falso, fojo, sumidouro : *pé*, caminho, *rau*, fingido, falsamente, etc. Vem nos *Dics.*, mas pouco correctamente.

Picuá, balaio, cesto, sacco, para guardar roupa ou outros objectos domesticos, e tambem esses objectos, a mobilia, « os cacarécos,» segundo a expressão vulgar portugueza Ex: « Quando mudou-se, carregou com todos os seus picuás.» Esta ultima accepção, apezar de ser hoje a mais usada, é já translata, porque a palavra tupi-guarany é *hapycua* = *sapiqua*, o que tem as pontas atadas, o sacco.

Picuman, fuligem pendente dos tectos das cosinhas ou do interior das chaminés affectando fórmas de bambinellas; penduricalho de fuligem. De *apecûmã* (*ûmã*) superficie toda negra, casca ennegrecida, como quer o Sr. Almeida Nogueira. *Cumã* é tambem formação de uma raiz que significa alongar-se, estender-se.

Pira, doença de pelle que ataca os animaes, como cachorros e gatos. De *mbiraiua*=*pirai*, pelle doente, mal de pelle, lepra.

PIRACEMA, bando de peixe, cardume. De *pirá*, peixe e *cema* sair. Dá-se este nome aos cardumes de peixes que apparecem em certas épocas do anno, chamadas por isso « tempo da piracema,» isto é, tempo da sahida do peixe.

PIRÃO, farinha de mandioca desmanchada n'agua ou caldo quente até a consistencia de papas duras. Usado á guisa de pão com qualquer alimento, é o prato mais geral e o mais nacional da mesa brazileira. O Sr. Dr. Almeida Nogueira faz provir esta palavra de *typyrõ* v. trans. pôr de molho, ensopar (*typy*, afundado, mergulhado, *rõ=ru*, pôr?) donde o participio *mindypirõ=mitypyrõ*, ensopado, que em todo o Brazil transformou-se em *pirão*. Vem nos *Diccs*. Montoya dá *typirõ*, composto de *ty*, sumo do caldo, *py*, espremer, e *rõ*, pôr: pôr de molho, fazer sôpas, etc.

PIRENTO, que tem pira. V. esta palavra.

PIRIRICA, 1.° lixoso; aspero como a lixa; escamoso; rugoso; 2.° ligeiro estremecimento, provocado pelos peixes nadando no baixio, na superficie das aguas. Depois da febre o beiço fica piririca. Pelle piririca. A piririca do tucunaré ou da tartaruga, isto é, o leve tremor que faz n'agua qualquer destes animaes, quando nada quasi á flôr d'agua. De *piriri* tremer, estremecer, tiritar.

PIRIRICAR, fazer,—ser—, estar piririca (V. a 2.ª significacão desta palavra). Este verbo é quasi somente usado no gerundio *piriricando*. Em regra geral, empregam o substantivo com um auxiliar: está piririca, fazia piririca etc., donde se vê que ainda na linguagem popular da gente oriunda dos tupi-guaranis ha tendencia para a reproducção do facto verificado na lingua destes pelo Sr. Almeida Nogueira. (Baptista Caetano): os verbos no infinito são tambem substantivos, e apezar de, em rigor, existirem aqui fórmas verbaes (*piriricar*, *bulbuiar*, etc.), preferem usar o substantivo com uma expressão auxiliar indispensavel, o que prova que não é perfeitamente delimitada na sua linguagem as funcções das duas ordens de palavras.

PIRÓCA, pelado; careca. Cabeça piróca. De *pir* pelle, couro, e *og=oc=oca*, tirar, arrancar, extrahir.

PITINGA, palavra tupi-guarani que significa branco, claro. Usada junta a certas palavras como pae, mãe, nos tratamentos que os famulos dão aos amos de *mãe-tinga*, *pae-tinga*, (*tinga*, fórma de composição) e cuia (V. esta palavra) *cuia pitinga*, cuia branca, que não foi pintada, e ainda em outras, principalmente nomes de animaes, como : *jacaré-tinga*, *urubú-tinga*, etc.

PITIU', cheiro peculiar do peixe ; máo cheiro. De *pitiùg=pitiù*, rescendente, fetido.

PIXAIN, emmaranhado ; embaraçado ; crespo. De *pixai*, pelle rugosa ou crespa.

PIXÉ, máo cheiro, fétido, cheiro nauseabundo. « O pixé do sangue humano me enjôa » lê-se n'uma proclamação, de 9 de maio de 1835, do dr. Angelo C. Correia, aos paraenses rebellados. Raiol — *Motins politicos*, P.IV, pag. 181. De *pixé*, cheiro de couro queimado, o que cheira á cousa queimada.

POPOCAR, borbulhar; bulhar ; fazer caixões a ferver em borbotões. A agua popocava na chaleira. De *popog* = *popoc*, o que rebenta, o que estala, o saltante.

PUERA, lagôa lamosa, mas enxuta, que a cheia dos rios deixa no meio dos campos, quando chega a vazante ; pequeno palude secco pelo sol nos campos. De *y*, agua, e *puêra*, fórma preterital indicando o estado actual de uma cousa pelo seu estado anterior, « que foi. »

PUSSANGA, remedio ; mesinha ; medicamento caseiro. De *poang=poçang* (*h* guarani é ç tupi, nos autores) fazer são, animar, (? de *pô=mbó*, fazer, *ang*, apparecer, erguer?) remedio, medicina.

PUTIRUM, ajuntamento que, para ajudal-os nas plantações ou nas colheitas, fazem os lavradores que sentem falta de braços ; qualquer reunião de visinhos e amigos para trabalho de parceria. Fazer putirum para apanhar cacáo. Fazer putirum para matar jacarés. Segundo Montoya, significa « pôr mãos á obra. » Conforme o sr. Almeida Nogueira, de *potirõ*, fazer mãos juntas, (de mão multidão pôr) isto é, fazer união de muita gente para o trabalho. » Este racional systema do *putirum* é um grande recurso para os pequenos lavradores do Amazonas, que auxiliando-se reciprocamente e cada um por sua vez,

conseguem remediar a escassez de braços que por ahi ha — principalmente de braços que queiram trabalhar. Ouve-se tambem *puchirum* e na região oriental do Pará *mutirum*, o que confirma ainda uma vez quão vulgar e facil é em tupi o metaplasmo do *p* em *mp* e por fim em *m*.

QUIRANA, lendea. De *ki*, piolho, e *rana* semelhante, parecido.

RANA, palavra tupi guarani usada como suffixo em muitos nomes de animaes e vegetaes, indicando como na lingua original, semelhança, identidade : *canarana* capim que se parece com a cana (*arundinacea* ;) *cacaorana*, cacáo do matto, pouco differente do cultivado (*theobroma*); *sussuarana*, onça que pela côr da pelle se assemelha ao veado. O *suaçú* da lingua geral (*cervus*).

SABERECAR, tostar : queimar mal ; passear pelo fogo de modo a carbonisar perfeitamente a superficie, deixando o amago ou o interior do objecto por assar. Além d'esta fórma ouve-se tambem *saperecar*, *saprecar* e *sabrecar*, em geral com o r final imperceptivel. A ultima *sabrecar* é a mais geral e a que, parece-me, tende a supplantar as outras. No Sul diz-se *sapecar* e ha o substantivo *sapéca* (sóva, piza) aqui desconhecido. De *sabereka* com a mesma significação.

SACAÍ, graveto ; galho secco d'arvore ; lenha bôa para o fogo. De *yçacaí*, pau de acender fogo. (Pau para ser queimado?)

SAPUPEMA, raiz das grandes arvores, como o cedro, a sumaúma, a murutinga, etc. que deitam largas ramificações para os lados ; troncos que apresentam raizes chatas como taboas antes de se enterrarem no chão. Ouve-se tambem *sapupemba*. De *sapú*, raiz e *péua*=*pema* =*pemba*, chato.

SARU', expressão usada pelos pescadores para indicar a calada de um lago, a sua perfeita tranquillidade, quando esse estado significa falta de pescado. Estar calado ; não ter nada ; não bater nada (fallando de peixe). O lago está sarú — dizem os pescadores voltando da pesca sem proveito. De *rui*, manso, calado, silencioso, soturno, mudo e o relativo *h* (que no tupy do Amazonas é expresso por *ç*, como já temos visto) com a euphonica *a* : *h-a-rui*

= *çarui* = *çarû*, o que é calado, o qne está soturno, quedo.

TACÁCÁ, gomma de polvilho de mandioca sobre que deitam para beber alguns raios de tucupi (V. esta palavra) temperado com pimentas, alhos e sal. Virá por acaso este termo de « cousa para beber aos tragos » em tupi *Mbae tykycû* ? O tacácá, com effeito, é bebido por cuias ou tijellas aos tragos ou pequenos golles. « Beber a tragos » traduz Montoya *Aytykycú* (*ca*) e « sorber » *tykycú*, de *ty* caldo, *cú* sorvo. O mesmo no dr. Almeida Nogueira. Poder-se-ha admittir tamanha corrupção, quando não ha factos que abonem a mudança da vogal especial *y* e de *ù* para *a*?

TAPÉRA, logar abandonado; logar em ruinas. De *taba*, logar, pousio, (*pagus*) e o suffixo preterital *puéra* =*guêra*=*cuêra*=*êra* : *tabacoèra*, logar que foi habitado e que já não o é. Vem nos *Diccs*.

TAPIOCA, fécula extrahida da raiz da mandioca (*jatropha manihot*). Vem nos *Diccs*. E' fórma corrompida de *typyog*=*typyoc*. Segundo assevera o sr. dr. Macedo Soares (*Rev. Braz.* Tom. 8, p. 121) no Paraná ainda o povo diz *tipioca*. De *ty*, liqnido, succo, caldo; *py*, interior, fundo; e *og*=*oc*, extrahir, tirar, d'onde cousa tirada do fundo (do amago) do liquido. Sabe-se que ralada a mandioca vãe ao tipiti (V. esta palavra) a espremer; o caldo recolhico em um alguidar deposita no fundo : esse deposito ou sedimento é a tapioca. O sr. Macedo Soares (*art. cit.*) traduz o que se extrae (*pyog*) do liquido *ty*. O sr. Bapt. Caetano dá : o sedimento, o precipitado, o coagúlo sem destrinçar-lhe a etymologia, facil comtudo de estudar no seu copioso *Vocabulario*. Não se poderá tambem explicar por tirada (*oc*) do coalho, do que é coagulada (*typyag*) =*typyag oc*. Como quer que seja, parece que a traducção de *typyoc* deve ser : tirado ou extraido do liquido, ou melhor, do succo. Com effeito segundo vimos, a tapioca é tirada do succo que se obtem da mandioca expremida ao tipiti.

TATICUMAN, fuligem. Creio que só se distingue do *picuman* (V. esta palavra) em ser a foligem em si, independente da fórma de bambinelas ou pendurucalhos que

affecta aquelle, pendente dos tectos das cosinhas ou do interior das chaminés, e assim é, talvez, traduzivel por tisna. O que pude observar é que uns empregam para fuligem *picuman*, outros *taticuman*, ambas palavra em muito uso. De *tatati*, fumo fumaça, branco de fogo, (*tata*, fogo, *ti* branco) e *cumã*, estendido.(?)

TECÔ, na fórma do costume; sempre assim; do mesmo modo, desta sorte, etc. Creio que só por estes circumloquios pode-se traduzir esta palavra que originariamente significou costume, ser, habito, estado, condição. Como está V? pergunta-se. No meu tecó, respondem. De *tecó* fórma absoluta de *icó=ecó*, ser, com as significações originaes já ditas.

TEJUPÁ, barraca miseravel; casa de palha. E' termo já pouco usado. De *teyupab=teyupaua* (no Amazonas) rancho, de *tyy*, do povo, da gentalha, e *pab=paua*, sitio, pouso.

TIJUCAL, lameiro; lodaçal. Diz-se tambem tujucal.

TIJUCO, lôdo, lama. Diz-se tambem tujuco. Vem nos *Diccs*. De *tyyug=tyyuc*.

TIJUCOPAUA, praia de tijuco; esteiro de lôdo; lugar de lama; tremedal. De *tyyug=k*; lôdo, lama e *páua*, lugar, espaço, esteiro (*y páua* no Amazonas significa lago, lagôa.) No *Almanack de Lembranças*, publicado em Lisbôa, para 1874, vem á pag. 250 uma etymologia desta palavra cuja extravagancia me parece digna de ser mais conhecida. E' o caso que, segundo o autor do artigo a que me refiro, o nome de Tijucopapo, de um logar da provincia de Pernambuco, vem de um caboclo, que tendo ido pescar a um pantano no sitio onde é hoje a povoação, atolou-se n'elle, e de volta á casa contava que caira em um *tijuco*, onde jazera atolado com agua até o *papo*. O autor do artigo dá para garante desta etymologia o imperador D. Pedro II, por quem, segundo elle, mereceu ser referida á gente que a ignorava.

TIPITI, cylindro tecido de talas de palmeira para expremer a mandioca ou outro corpo qualquer, cujo caldo se queira extrair. Vem nos *Diccs*. De *typyti*, verbo que significa expremer, tirar liquido por expressão, e tambem a prensa, o objecto em que se expreme, porque, segundo

a regra perfeitamente assentada pelo sr. Almeida Nogueira, á qual já nos referimos, no tupi-guarani todos os infinitos dos verbos são tambem substantivos ou adjectivos.

Tipuca, o ultimo leite, mais grosso e mais rico em serum, que se tira da vacca ; aquelle leite que se extrae quando já se está a esgotar a têta. Nas fazendas, como aconteceu ao autor, aconselha-se aos doentes que não bebam o primeiro leite tirado, mas a tipuca. De *typig* (ou *pyg* ?) cessar o liquido, estancar, e, por ventura, o que vae ou está para estancar, para se esgotar.

Tiquara, o mesmo que *xibé* (V. esta palavra). O sabio autor que de tanto soccorro me tem sido, traduz *tiquar* : poço, cisterna, de *ty*, liquido, e *quar* (*quára* no Amazonas) buraco, furo. Não me animo a contestar-lhe esta traducção. Entretanto, com o que elle mesmo ensina no *Esboço grammatical do abáneê ou lingua guarani*, p. 5 § 3, parece-me que aqui a fórma *har—ara=ar* exprime o modo de ser. A' pag. 529 do *Vocabulario* vem traduzido *tyquab*, aguar, de accordo agora com o cit. paragrapho do *Esboço* ; porque não será *tyquára*, o aguado, a cousa que leva agua, feita com agua ? Como vê o leitor, nesta palavra só houve corrupção da vogal, especial (*y*) do tupi para *i* portuguez.

Toca, buraco de animaes ; esconderijo ; buraco, cova. Tirar uma paca da tóca. A tóca do tatú. Está na tóca (está escondido). Vem nos *Diccs*. Veja neste vocabulario *tocaia*, *tocaiar* e *entócar*. De *og=oc*, casa na forma absoluta, *tog=toc=toca*, a casa. Como verbo transitivo *og=oc* significa encobrir, esconder, guardar, etc., como substantivo significa casa, o que cobre, o que resguarda au agasalha. Esta etymologia, que tenho por unica verdadeira, exige no entanto discussão, pois a respeito da origem d'esta palavra variam as opiniões. Moraes (1.ª edição) não lhe dá nenhuma. Constancio affirma que vem do antigo francez *toucquet*, canto. O *Grande Dicc.* de Fr. Domingos Vieira contenta-se com copiar a definição de Moraes, e elle que multiplica, bem inutilmente ás vezes, citações, não dá uma só phrase, antiga ou moderna, onde appareça este vocabulo. O *Dicc.*

contemp. de C. Aulete fal-o vir do hespanhol *tueca*. O sr. Sylvio Roméro deriva-o do latim *locas*, allemão *loch*, e o sr. Pacheco Junior acha-lhe a origem directamente do latim *toga* « que entre os comicos na linguagem popular de Roma significava residencia, morada,» (*Revista Brazileira*, Tom. 5, pag. 494). Este ultimo autor, linguista distincto, sabe, melhor do que eu, que méra semelhança de palavras não basta para por ella se resolverem etymologias. Para assentar que a palavra *tóca* tem outra origem que não a que lhe assignalamos, é necessario fazer todo o seu historico e provar com elle que ella já existia na lingua portugueza antes do seu contacto com a tupi-guarani. Sem esse processo philologico, qualquer outra etymologia que se lhe estatúa fóra da lingua do indigena brazileiro, me parece sem valor, pois nem uma das apontadas tem a seu favor o mesmo numero e qualidade de razões que militam por esta. Viterbo não traz este vocabulo, o que já é importante, bem como não se encontra tambem nos vocabulos citados por Francisco José Freire nas suas *Reflexões sobre a lingua portugueza*. Não tive infelizmente meios nem vagar para respigar todos os vocabulistas e antigos escriptores portuguezes; acredito, porém, que o faria debalde, e desejo sinceramente enganar-me, porque, si assim fôr, estará resolvida a questão. Direi agora das razões que militam a favor da sua origem tupi: 1.ª acharse a palavra nessa lingua na mesma fórma e com a mesma significação que tem em portuguez; 2.ª o seu uso geral entre o povo sertanejo do Brazil proximamente oriundo dos selvagens e em pouco contacto com os portuguezes; 3.ª ser ella mais usada aqui do que em Portugal; 4.ª ter ganho aqui maior extensão significativa e novas accepções, como: está na *tóca*, por está *escondido*, etc., e formado novos vocabulos, como *entocar*, *tocaia*, *tocaiar*, lá desconhecidos. Em vista, pois, destas razões, cujo valor ninguem desconhecerá, parece-me a mim, poder-se estatuir que a palavra *tóca* deriva do guarani *tog=toca*, ao menos até que se prove com factos que tal termo existia já em Portugal antes da descoberta do Brazil, e que de lá passou para cá. Para findar, repetirei que o já mencionado facto de ter formado aqui dois verbos *entocar* e *tocaiar*,

este com significação translata e o substantivo verbal *tocaia*, é de uma importancia capital para a etymologia da palavra *tóca*.

Tocaia, espera para surprehender alguem ou alguma cousa; esconderijo onde se mette alguem para fazer a espera. Está de *tocaia*, isto é, á espera ou na espera. V. *tóca*.

Tocaiar, esperar; aguardar escondido; fazer espera, fazer *tocaia*, para surprehender ou vigiar alguem ou alguma cousa. V. *Tóca*.

Tucupi, caldo de mandioca, usado como molho para caça ou peixe, após haver sido fervido, que antes é venenoso. De *tycu*, distilar, escorrer, na fórma participal *tycupyr*=*tycupy*, distillado, escorrido, com a significação especial de sumo de mandioca.

Tuira, pardo; cinzento; côr preta desbotada; ruço. Sem corrupção.

Tupé, esteira tecida de talas.

Uaiua, chamam assim o estado em que, em virtude de um repiquête (prenuncio da enchente ou parada da vasante), de uma suspensão momentanea do curso natural da agua, o peixe, por uma causa para mim desconhecida —começa a morrer em certos igarapés de pesca como o Parú (peqneno affluente da margem direita do Trombetas) onde observei este phenomeno, que não sei explicar. Parece que o indigena o attribue, e quiça com razão, a qualquer alteração das aguas, pois o nome que lhe dá qner dizer agua maligna, má ou ruim, de *y*, agua, e *aiua*, má, ruim, maligna.

Uaturá, cesto cylindrico de talas, que usão trazer ás costas suspenso por uma embira (V. esta palavra) passada entre a testa e o alto da cabeça, e tambem nos hombros, no qual carregam productos da lavoura ou outros quaesquer.

Uru', pequeno cesto de talas com tampa, em que guardam o tabaco, o cachimbo, os anzóes, o isqueiro, o canivete, etc.: um indispensavel. Vem no *Dicc. contemp*.

Urupema, joeira, peneira. Vem no *Dicc. contemp*. mas é bom advertir que não serve só para peneirar a farinha de mandioca, mas para todos os casos em que se precisa usar da peneira. Muita gente diz tambem *gurupema*. A primeira fórma é mais geral entre as populações

não muito mescladas do interior e a segunda na capital do Pará. De *uru*, cesto, é *pema*, chato.

Xêra, (com meu, teu, seu, delle) a pessoa que tem o mesmo nome que nós ; o nosso homonymo. Meu ou minha xêra—a pessoa que tem o meu nome. Tratamento muito usado, principalmente entre as mulheres. No Sul a palavra já está muito corrompida, e dizem *meu xará teu xará*. Aqui algumas senhoras das melhoras classes e de nomes iguaes chamam-se reciprocamente « meu nome », traduzindo inconscientemente e litteralmente a expressão tupi. De *chê-xê*, meu, minha e *têra*, nome, com a substituição ou mudança do *t* em *r*, como é natural naquella lingua em dicções identicas ; *xé-rêra*, o meu nome, o nome de mim, por corrupção *xêra* empregado com possessivos de differentes pessoas.

Xerimbabo, animal domestico, animal, creado em casa domesticado. De *xê*, meu, minha ; e *mbáua—mîba*, o gado, criação ; com o *r* signal do genitivo de possesão na lingua tupi-guarani (o sr. Bap. Caetano chama-o demonstrativo relativo) o que dá *xeremîbaua=xereîbá*, o meu gado, a minha criação. Tenho ouvido os tapuios de ambos os sexos chamarem os pequenos rapazinhos que criam por adopção e até aos filhos : meu *xêrimbabo*.

Xibé, bebida preparada com farinha e agua. E' o que no Sul chamam *jacuba* (termo africano). De *tibé*, caldo. Esta corrupção do *t* em *x* não me parece natural. Julgo antes que *xibé* seja a corrupção de *xe-tibé*, o meu caldo, a minha bebida. Como já foi observado pelo Sr. Couto de Magalhães, creio, o selvagem nunca dizia a palavra na sua fórma absoluta, no seu nominativo ; se lhe perguntavam que liquido era aquelle que tinha na cuia, elle respondia *xê-rïbé* (a mudança do *t* em *r* na primeira pessoa é natural no tupi-guarani), isto é, o « meu caldo », o que explica quo o actual *xibé* dos paraenses e amazonenses se corrompesse d'essa expressão. [1]

---

[1] Sobejam muitos termos que teriam logar nesta lista. Guardo-os porém, para o estudo completo que tenho entre mãos sobre a *lingoagem popular amazonica*, no qual serão contemplados não só os de origem tupi-guarani, que devem ascender a 500, como africana, portugueza, ou outra qualquer. Escuso dizer que receberei com reconhecimento qualquer advertencia ou correcção do presente estudo, como quaesquer informações e notas sobre o que tenho em preparação.

CRENÇAS

O selvagem brazileiro, quer a grande familia tupi-guarani, quer a tapuia, estava, em religião, no periodo fetichista, quando teve lugar a descoberta. Possuia apenas um supernaturalismo ou animismo inicial, vago, sem crenças definidas. Ainda aos mithos que o medo, a má observação dos phenomenos, a explicação por força mal dirigida das causas, faziam nascer no seu espirito infantil, não revelava votar outro culto sinão o do terror, esse mesmo momentaneo, pois que cessada a causa delle tratava-os com profunda indifferença.

O mesmo caracter descobre no tapuio, no mameluco, e na outra gente amazonica, que á sua influencia sujeitou-se, o observador que estuda attentamente o desenvolvimento nelles do sentimento religioso. A sua religião é um mixto de fetichismo com polytheismo, aquelle conservado do selvagem, este recebido do portuguez. Catholicos o são apenas de nome e por se haverem baptisado. Difficilmente se encontrará entre elles um individuo perfeitamente monotheista, provindo isto sem duvida de não estar o selvagem preparado para comprehender e portanto acceitar, a elevada concepção do monotheismo christão. E si apezar disso elles poderam conservar, ou antes assimilar, as crenças catholicas, foi por haverem tido por missionarios os mais habeis de todos os cathequistas, os cobiçosos jesuitas, que não se deram de torcer a religião consoante o gosto selvagem e introduzir no culto as praticas barbaras que deviam tornal-a mais agradavel aos seus olhos e mais accessivel ao seu espirito, como fizeram quando crearam, ou melhor modificaram, o *sairé*, segundo adiante direi. Os espertos padres, ao contrario de outros missionarios, porventura mais bem intencionados, porém menos intelligentes, e sobretudo ao contrario dos missionarios protestantes, geralmente tão mal succedidos, comprehenderam a verdade posta em principio pela sociologia, de que nenhum homem, não preparado pela evolução natural dos periodos da sua civilisação,

póde passar do fetichismo ao polytheismo, sem levar restos d'aquelle, e por isso não só não duvidaram fazer diante do selvagem as mesmas momices do pagé,[1] como adulteraram as regras e disciplinas da igreja,[2] sendo esta a causa do seu successo, que, ainda assim, é mais apparente do que real, conforme este estudo mostrará.

Dos pretendidos deuses tupis, nenhum sobrevive na imaginação d'esta gente, a não serem o Jurupari, o Curupira e o Matin-tapêrê, já confundidos com as crenças catholicas e todos como genios malfazejos. O primeiro é para ella a fórma em que se encorporou o demonio catholico ; o segundo, tem o papel menos bem definido, mas é ainda um demonio, e o terceiro, uma especie de doende, tão vago como as fórmas que lhe emprestam. Segundo uns, o Matin-tapêrê é um tapuinho, de uma perna só, que não evacúa nem urina, sujeito a uma horrivel velha, a quem acompanha ás noites de porta em porta, a pedir tabaco. A influencia estrangeira, e sem duvida a portugueza, pôz-lhe na cabeça um barrete vermelho e confundiu-se com os «pesadelos» da grande corrente mythologica indo-germanica, representando-o como tal. Quem na lucta nocturna conseguir arrancar-lhe o barrete terá conquistado a felicidade. A velha que o acompanha canta, na toada de um passarinho a que me vou referir,

---

[1] « O P. João da Aspilcueta Navarro... para que os sermões (que prégava aos indios) produzissem mais effeito, e não parecessem menos inspirados e persuasivos que as indemoninhadas praticas dos pagés, tratou até de imitar os usos destes, fazendo biocos e visagens, dando de quando em quando gritos mais agudos, batendo com o pé no chão, etc.» —Visconde de Porto-Seguro, *Historia Geral do Brazil*, 2ª edição, Tom. I pag. 244.

[2] « ... parece grandemente necessario — escrevia Anchieta para Roma — que o direito positivo se afrouxe nestas paragens de modo que, a não ser o parentesco de irmã com irmão, possam em todos os graus contrahir casamento, o que é preciso que se faça em outras leis da Sancta Madre Igreja, ás quaes, si os quizermos (aos indios) presentemente obrigar, é fóra de duvida que não quererão chegar-se ao culto da fé christã. » Padre José de Anchieta, *Cartas ineditas*, por J. A. Teixeira de Mello, in *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. I, pag. 71. Com quanto estes factos não pertençam á historia da catechese no Amazonas, servem para corroborar o nosso asserto, porque, como ninguem ignora, o que distinguia a Companhia era a sua perfeita unidade de vistas, que não contribuiu pouco para todos os seus successos.

esta canção que não comprehendo, mas que deve evidentemente ser o resto de um mytho :

Matinta Pereira
Papa terra já morreu :
Quem te governa sou eu.

Como se vê, na cantiga o nome está adulterado : existe nas nossas capoeiras uma avesinha que á noute canta triste e monotonamente o seu assobio fino, na mesma toada do Matin-ta-pêrê ; não podemos saber si foi essa avesinha a origem d'esta crença entre os indios ; a sua existencia ainda hoje justifica a persistencia della, pois que si ouvem o passarinho por horas mortas, fazem-lhe os esconjuros christãos : Cruz ! Credo ! benzem-se, e dizem que «é o Matintapereira».

Outros figuram-no como um velho, a cabeça amarrada com um panno ou lenço, como pessoa doente, tambem a pedir tabaco.

Em Manáos, o ultimo e já decrépito ramo da tribu ou familia desse nome, o velho Paulico, ali muito conhecido, disse-me que o Matin-tapêrê é um feiticeiro (são suas proprias expressões) que usa uma flauta na qual toca «matin-tapêrê», flauta que o faz voar, e referiu-me ter conhecido um tal Julio que era Matinta-pêrê e andava por toda a parte, graças á sua flauta — o que o não impediu (a reflexão é minha) de ser preso por cabano e enviado ao Pará, depois do que Paulico nunca mais soube d'elle.

O que concluir disto tudo ? Por ora, e sem ulteriores indagações, nada, sinão que a crença existe, vaga e sem fórma definida. O nome de Matin-tapêrê, segundo me foi observado por alguem, é talvez corrupção de *Mati =uatá—peréré*, isto é, Matin anda gritando. Mas, quem será e o que quererá dizer este *Mati* ? Não sei ; o que me parece é que a traducção nada tem de inacceitavel e que, até certo ponto, se coaduna com as differentes versões expostas sobre este typo mythico, pois em todas ellas elle é um individuo nomada, que anda a gritar, ou o

seu assobio de passaro, ou a pedir tabaco, ou na sua flauta.

Tupan, Uaraci, Jaci, Caápóra, morreram. O famigerado *pagé*, o *piága* dos cantos dos poetas, o feiticeiro, o medico (e, para o selvagem, medico e feiticeiro são a mesma cousa) o adivinho dos tupis-guaranis, auxiliado pela rudeza desta gente, sobreviveu ao deus de quem o quizeram fazer sacerdote. Os actuaes *pagés* são quasi todos nascidos e criados no seio dos sertões, cercados pelas nossas florestas ricas de substancias medicinaes, cujas virtudes elles aprendem a conhecer, parte por experiencia propria, parte por lições de outrem. Ajudados pela profunda crença dos seus doentes e com aquellàs noções, vão-nas applicando, não poucas vezes com felizes resultados, o que serve para augmentar a sua reputação e a fé dos enfermos que é, a fé, quem, no fim de contas, mais coopera para cural-os. Estes curativos são acompanhados com orações do ritual catholico, benzimentos, momices e danças, tudo com o fim de superexcitar nos doentes a crença no seu poder, d'elles pagés. E o viajante póde vêl-os no exercicio de suas funcções medico-religiosas, dançando ao som do *maracá*, cujo uso guardam, ao redor do enfermo crente e esperançoso de que esse instrumento, essa dança e essas mysteriosas palavras, murmuradas por elles, o hão de salvar. Nos centros mais civilisados, como nas duas capitaes, onde ainda existe, o pagé despe-se talvez d'aquelle ceremonial, mas cerca-se ainda de mysterio. No tempo em que isto escrevo, ouço contar de um que está tratando de uma pessoa do meu conhecimento; mas não o faz, sinão á noite, a portas fechadas, no escuro. Além do *pagé* ha a *benzedeira*, a quem para diante me hei de referir.

De envolta com uma inteira carencia de conhecimento do systema solar, elles têm a crença astrologica, aliás partilhada por todos os povos no estado theologico, da influencia, poderosa e directa, da lua sobre as cousas terrestres. Durante o eclypse deste astro, em 23 de Agosto de 1877, o povo da capital do Pará fez um barulho enorme com latas velhas, foguetes, gritos, bombas e até tiros de espingarda « para afugentar ou matar o bicho

que queria comer a lua», como explicavam semelhante scena.[1]

O bôto (*delpinus pallidus?*) o *uyára* do indio, occupa largo espaço na sua imaginação e o nosso interior está cheio de contos maravilhosos sobre este animal. O bôto, como a sereia antiga, canta, e, qual o della, o seu canto tem o dom de seduzir. Ai da donzella que o ouve por noite de luar! Os indios criam que o bôto aproveitava-se das occasiões em que as mulheres se banhavam para seduzil-as e gozal-as, e ainda mais, que revestindo fórmas de um mancebo gentil, vinha ás vezes por noite alta partilhar a rêde das virgens das florestas, não raro attribuindo a este D. João fluvial a gravidez de muitas. Esta crença, o ultimo facto parece comproval-o, é filha da imaginação da mulher, que por ventura procurou assim encobrir uma falta que, ao menos em algumas tribus, attrahia serios castigos.[1] Entretanto não se deve, nem sem leviandade se póde accusar as gerações que se succederam áquella, com a qual ella nasceu, nem talvez a esta mesmo, porque é um facto observado que na infancia do mundo as crenças, ainda as que nos parecem mais grosseiras, são perfeitamente sinceras. Seja como fôr, esta ainda existe. Não ha muito tempo que ouvi dizer de um bôto que sob fórmas humanas fôra alta noite render finezas a uma rapariga, e os que narravam o facto faziam-no com a maior bôa fé.

Eis outras versões que obtive sobre o bôto ou uyára. Elle zomba da gente trazendo objectos á flôr d'agua. Paulico assegurou-me ter visto um trazer nos dentes uma faca. Fazem tambem naufragar canôas em que ha moças, para se apossarem destas. Segundo o mesmo Paulico, reveste igualmente as fórmas de mulher para seduzir os homens que arrasta comsigo para a agoa.

Os olhos d'este animal são considerados preciosos amulêtos para abrandar corações de amantes, seus dentes

---

[1] Em Campinas (S. Paulo) deu-se o mesmo facto, segundo li n'um jornal.

[1] Os auctores são mais ou menos concordes sobre este ponto.

preservativos excellentes contra as dôres d'estes orgãos e contra os perigos da primeira dentição.

Um individuo d'esta mesma familia, o *tucuxy*, é, segundo acreditam, bastante amigo do homem, a quem soccorre e livra quando este está por desgraça a ser victima do bôto, com o qual trava lucta até lhe tirar a prêsa, que leva aos empurrões do focinho até a margem.

D'esta crença no bôto resulta uma enfermidade nervosa, que accommette homens e mulheres, sob a denominação de *uyára*. Em um dos meus passeios ao sertão, offereceu-se-me occasião de observal-a em um rapaz. O accesso nada tem de notavel ou de particular, vem com todos os symptomas de um ataque de nervos, e é originado, segundo elles, de ter o individuo accommettido sido victima da *uyára*, se é homem, e por isso diziam ante o sujeito de que fallo: *é a uyára, é a uyára*, comquanto algumas pessoas menos credulas me observassem que era antes aguardente a causa mais proxima d'aquillo.

Facto identico a este se dá com a ave acauan (*Fulco cuchinans*), que é ella objecto de uma abusão de agoireira de máos successos e noticias, d'onde se origina igualmente certa-doença nervosa, que accommette principalmente as mulheres como uma manifestação do histerismo. Durante o ataque o paciente imita o canto d'aquella ave, do que veio ser a molestia conhecida pelo nome de « acauan ».

Acreditam em pessoas *curadas* de cobras, e o processo de *curar*, isto é, de tornar alguem invulneravel aos dentes d'estes reptis, e até de preserva-lo de ser atacado por elles, é segredo de alguns pagés, que por cousa nenhuma do mundo o ensinariam. Entre esses meios ha, porém, uma receita facil e ao alcance de todos, que faz parte das suas crenças e tem aqui logar — é comer crúas a cabeça e a extremidade da cauda das cobras ainda semi-vivas. Lembro-me perfeitamente de ter visto, na minha meninice, um tapuio, que matára uma, comer-lhe incontinente as extremidades.

A este respeito de cobras teem mais a abusão de que não se lhes póde errar um tiro, e crêem na metamorphose da surucucú (*Trigonocephalus lanceolatus*) em paca

(*Cœlogenus fulvus*). A surucucú, contam elles, tem o somno muito pesado, os pagés aproveitam-se d'elle para cercarem-na com uma pequena sébe de varas e cobrindo a serpente com uma porção de formigas de certo genero, esperam que o truculento reptil se torne em nédia paca. O facto real é que a surucucú acolhe-se ao buraco d'estas formigas de que talvez faça alimento, onde tambem se entoca a paca que, segundo acreditam mais, vive em bôa camaradagem com a cobra. [1]

A sucury ou sucurijú (*Eunectes murinus*) com o nome de cobra grande, traduzido *mboiaçú* tupi-guarani, é objecto de uma crença superticiosa que a faz apparecer nos grandes lagos, nos igarapés retirados e em alguns rios, á noite, enorme o feroz, amedrontando os mais resolutos pescadores, que fogem espavoridos diante dos seus olhos de fogo, distantes dois palmos um do outro, d'onde elles concluem a enormidade do vulto.

A espingarda com que se matou um *urubú* (*cathartes*) fica inutilisada. O passaro *uirapurú* é considerado como efficaz talisman para acarretar ventura a quem o possue. Não ha muitos annos, rara era a taberna do interior que não tinha um d'estes passaros enterrado á entrada ou suspenso dos humbraes das portas. Cumpre notar que a maior parte d'estes taberneiros eram europeus, portuguezes. A procura d'este passaro é grande, principalmente porque é difficil apanhal-o vivo, como é mais estimado, e o Sr. Couto de Magalhães refere que comprou um morto aqui no Pará por trinta mil réis.

---

[1] Na descripção da « *Navegação feita da cidade do Gram-Para ate a boca do Rio Madeira pela escolta que por esse rio subio ás Minas de Matto Grosso por ordem mui recommendada de Sua Maaestade Fidelissima no anno de* 1749, escripta por José da Fonseca no mesmo anno, se lê de um sujeito », o qual seguindo no matto um animalejo (pouco maior do que um coelho) a que chamam *paca*, esta se lhe encovou em parte aonde foi preciso metter o braço para colher a presa, que conseguio á custa de lhe trincar o dedo maior da mão direita uma venenosissima cobra chamada *surucucú*, cuja especie faz grande sociedade com as pacas, de sorte que da muita união d'estes dois animaes resultou a fabula que ha entre os Tapuios, de que as pacas procedem d'aquellas cobras. « *Memorias para a historia do extincto estado do Maranhão*, publicadas por C. Mendes de Almeida, Tom. 2° pag. 401. »

A pelle da ave noctivaga *Jurutaui* [1] (*Uyrá-tau-i*: pequeno passaro fantasma) preserva as donzellas das seducções e faltas deshonestas. Conta-se que antigamente matavam para isso uma d'estas aves e tiravam-lhe a pelle que, secca ao sol, servia para n'ella assentarem as filhas, justamente nos tres primeiros dias do inicio da puberdade. Parece que esta posição era guardada por tres dias, durante os quaes as matronas da familia vinham saudar a moça, como apta para ser mãe, aconselhando-a a ser honesta. No fim d'esses tres dias a donzella saia *curada*, isto é, invulneravel á tentação das paixões deshonestas a que o seu temperamento, d'est'arte modificado, a pudesse atirar. Semelhante crença, preciosa por confirmar o que disseram alguns chronistas sobre a moralidade da familia selvagem do Brazil, foi-me primeiro communicado pelo Sr. Tenente Coronel V. B. de M., de Santarem, cavalheiro de mais de sessenta annos e muito versado, pelo ouvir á sua respeitavel mãi, nas tradições indigenas. Hoje, segundo pude por mim mesmo everiguar, parece que limitam-se apenas a varrer o chão sob a rede da noiva com as pennas da cauda de Jurutáui, pará conseguir o mesmo fim, isto é, a tranquillidade de animo, como garantia da honestidade da futura esposa.

Encontra-se entre elles uma crença vaga e informe de

---

[1] Eis a descripção que d'esta ave faz Baena: « E' das lucifugas a menos medonha: tem a grandura e côr de uma gallinha pedrez; a bocca é grande, e solta guinchos que assemelham gargalhadas de quem mofa.» A' comparação com a gallinha falta propriedade, porque a ave de que se trata é esguia, afilada, por assim dizer. Pousada em uma arvore, em sentido vertical, ella prolonga-se com o tronco, e ali fica quieta, immovel, podendo a gente chegar e pega-la á mão. Dá os taes gritos de que falla Baena, e pela côr quasi se confunde com o tronco da arvore. Não é interessante observar a correlação que existe entre a quietação completa d'esta ave e aquella que a familia selvagem pretendia dar a suas filhas, fazendo-as sentar sobre a pelle d'ella? O facto da correlação das crenças com habitos ou modos de ser do objecto que as produz, ou cujo assumpto são, é dos mais interessantes da mythologia, que ahi póde seguramente vêr uma lei. Além d'este que se dá com o jurutáui, ha no Amazonas muitos outros, entre os quaes escolho, para lembrar, o do *qnatipurú*, a quem as amas invocam para fazer dormir as creanças, ser o mais dorminhoco dos quadrupedes da fauna amazonica.

que o macaco foi homem, [1] e que é sem duvida o éco perdido de mytho genesico tupi, que vem no livro do Sr. Couto de Nagalhães com o titulo de « Como a noite appareceu» no qual certos individuos são, por castigo de uma infidelidade, transformados em macacos, dos quaes dizem ainda hoje «que não fallam para não remar.» [2]

---

[1] O ouvidor da capitania de S. José do Rio Negro (actualmente provincia do Amazonas) Francisco Xavier Rodrigues de Sampaio, dá de uma tribu de indios Ugina a seguinte curiosa noticia, a que elle parece ajuntar fé: «Diz-se que os indios d'esta nação teem rabo de comprimento de tres ou quatro palmos ou mais, attribue-se a origem d'esta nação caudada ao ajuntamento das mulheres com os monos coatás, e por isso tambem se chama Coatá tapuya (Baena dando noticia dos mesmos indios, escreve com mais certeza: *Coatá Tapiá*, (*coata rápiá*) rabo de Coatá). Parecerá esta relação uma fabula, ou para melhor dizer uma chimera; mas sendo certo que nada tem de impossivel a assignada origem: está o testemunho de um grande numero de indios descidos do Juruá, que conheceram a dita nação, e está sobre tudo o incontestavel documento de uma certidão jurada, que eu vi em poder do reverendo visitador e vigario geral d'esta capitania, José Monteiro de Noronha, passada pelo reverendo Padre Fr. José de Santa Thereza Ribeiro, religioso carmelita, datada em Castro de Avelans, onde era vigario, em 15 de Outubro de 1768, o qual religioso existe no Convento do Pará... na sobredita certidão affirma o mesmo religioso: Que sendo missionario da aldêa de Pirauari, que depois se mudou para o logar de *Nogueira*, chegará alli um homem com indios resgatados, entre os quaes vinha um, que seria de trinta annos de idade, que dizendo-lhe o dito homem, que aquelle indio tinha rabo, e não podendo acredital-o, o fez despir com o pretexto de tirar tartarugas de um poço em que se costumam conservar, e então certifica o dito Padre:—Que vira sem parecer engano algum, que o sobredito indio tinha um rabo da grossura de um dedo polegar, e de comprimento de meio palmo, coberto de couro liso sem cabellos. «*Diario da Viagem* etc. pag. 54. Lisboa, 1825.» Não ponho em duvida a bôa fé do padre e menos a do ouvidor, mas um individuo unico apresentando um appendice caudal não basta para concluir pelos homens com rabo. Segundo numerosos e eminentes zoologistas, o homem descende de um antepassado caudato; o osso coccyx seria essa cauda atrophiada, que ainda apparece em alguns individuos, como um caso de atavismo de que se conhecem exemplos. Vide sobre a questão: Ch. Darwin, *La Descendence de l'homme et la selectiom sexuelle*, trad, Barbier, pag. 20 e 175, Paris 1881; e Büchner *L'Homme selon la science*, trad. Letourneau, pag. 140, Paris; 1878.

[2] « todos têm ouvido dizer que os negros affirmam que os macacos podem realmente fallar, mas que fingem-se de mudos com medo de serem obrigados a trabalhar; o que se não sabe muito, é que esta opinião acha-se como mui séria crença em regiões muito afastadas umas das outras — a Africa Occidental, Madagascar, a America do Sul — nas quaes vivem differentes especies de macacos » Tylor, *La Civilisation rimitive*, I, 437. Não se poderia vêr n'esse facto uma reminiscencia de um typo humano inferior, mas certo talvez dos anthropofdes que do homem actual ?

As crenças que têm por objecto vegetaes, referem-se em geral ás suas propriedades medicinaes, mais ou menos exageradas, e, consoante o habito popular, com tendencias para o maravilhoso, Para elles as nossas grandes florestas são uma enorme drogaria, onde acham remedio para toda a sorte de males physicos. Baena enumera [1] mais de sessenta vegetaes que lhes servem de medicamentos, e ainda assim está longe da verdade. E' proverbial o habito do povo paraense e amazonense de ensinar um remedio, ainda para aquellas enfermidades que a memicina reputa quasi incuraveis, ou cuja pathologia se não conhece, como a tisica, o beriberi, a lepra, etc. Essa crença, aliás bem fundada ás vezes, degenera frequentemente em superstição. Acreditam que o *tajapurá* (aroidea) levado á prôa da canôa do pescador lhe dará ventura. Como disse, ao começar este artigo, o indio, o selvagem, lembrava-se da divindade unicamente por um sentimento interesseiro, sem que depois, quando já se julgava servido lhe guardasse qualquer sentimento de culto, respeito ou gratidão : o mesmo se dá hoje com o tapuio e o mameluco, e aquelles mestiços em quem elles vieram a influir. O tajapurá, que ao partir para a pesca levam plantado em um cestinho, amarrado á prôa da canôa, acreditando seguramente que d'elle depende a bôa sorte da pescaria, desde que voltam á casa, com a canôa vasia ou cheia de peixe, não impota, é posto de parte, atirado sem nenhum, não direi respeito, mas cuidado.

Outra aroidea serve de corpo a que se recolhe uma pomba juruti mythica, e áquella planta chamam *juruti-pepena*. E' uma ave phantastica, que canta perto de vós e a não vêdes, que está talvez á vossa cabeceira e a não sentis. Podeis vêr a planta com suas largas e lindas folhas verdes, estriadas de vermelho e branco, o ouvereis o pio lugubre da ave, sem que possaes jámais descobril-a. Isto é para elles objecto de grande terror, a a ponto de não consentirem que se falle no *juriti-pepena* com menos—preço. Aquelle a quem este ente fabuloso

---

[1] *Ensaio corographico da Provincia do Pará,* pag. 71.

acerta de escolher para victima de seus maleficios, acaba paralytico. Com effeito, *pepena* significa em tupi-guarani aquelle, o (*pé*) que quebra (*pen*), donde, por uma derivação logica e consentida, chega-se á idéa de aquelle que paralysa, que quebra (inutilisa) braços e pernas, que torna paralytico, em summa.

As crenças referentes a mineraes[1] estão quasi extinctas com o *muirakitan*[2]. Digo quasi porque, si bem que raras, ainda se encontram pessoas, principalmente mulheres velhas, que por dinheiro nenhum dariam o *muirakitan*, que á guiza de amulêto pende-lhes do pescoço, junto no devoto rosario com figurinhas de páo de Santo Antonio, bracinhos de osso (figas) e dentes de animaes. De eguaes penduricalhos enchem as mães— muitas de familias que se têm por civilisadas—os pescoços dos filhinhos,e ajuntam-lhes mais dentes de certas cobras, de bôto, pequenos punhos de homem, bicos de acauan, e

---

[1] Na curiosa *Viagem e visita ao sertão* do bispo Queiroz, encontro esta noticia «N'este lugar (Santarem) se praticava um rito gentilico, e em mais sitios, de collocar na roça de farinha uma pedra no meio a que chamavam a mãe da mandioca, a qual pedra servia como de ára a varios sacrificios e ceremonias, sendo redonda e de palmo e meio e conservaudo-se depois com grande resguardo» *Rev. do Ins. hist. do braz.* Tomo. 9, pag. 201. E' por demais interessante esta informação, e não me consta ter ainda sido aproveitada por outro escriptor, para que eu deixasse de cital-a e de chamar para ella a attenção dos estudiosos. Não me foi possivel verificar si essa crença presiste ainda, sinão entre os mamelucos mais civilisados, ao menos entre os tapuios. Si algum leitor d'ella tem noticia, far-me-ha inapreciavel favor em communicar-m'o. Terá razão, como não creio, o dr. Ladisláu Netto? O culto da pedra existio no Brazil? V. *Os Tembetás*, in *Archivos do Muséo Nacional*, Vol. II, do illustre director do Muséo do Rio de Janeiro.

[2] Muirakitan—é o celebre fetiche que, se diz, fabricavam de jade ou nephrite as pretendidas Amazonas para presentearem os guerreiros que iam visital-as nas epochas determinadas. Tem formas bizarras, affectando ás vezes as de peixes ou outros animaes. O sr. Barbosa Rodrigues que publicou (*Revista Amazonica*, Tom. 2.º) sobre este objecto um notavel trabalho, deriva esse nome de dous vacabulos tupis : *myrá*, páo, *kytan*, nó de páo ou páo de nó. Parece-nos errada esta etymologia, achada pelo distincto naturalista. De accordo com a tradição julgamos estar a que lhe damos de—pedra de gente—de *mirá*, gente, e *itá* (*itan* no Pará) pedra (Nota da 1.ª edição d'este estudo.) Um escriptor mais antigo, o bispo Fr. João de S. Joseph de Queiroz, tambem traduz « nó de páo.» O sr. Ladislau Netto dá-lhe a significação de *pedra do chefe*, a meu vêr sem o menor fundamento. V. *Artigo cit.* in *Archivos do Muséo Nacional*, vol. II. E' bom não acceitar sem mais estudos todas estas etymologias.

outras aves, conchas, olhos de Santa Luzia em metal, figurinhas de S. Braz em osso, para preserval-as de quebranto, *caruáras*, máos olhados, de molestias como convulsões, diarrhéas, mal de olhos e de garganta e outros achaques peculiares á infancia. Si enfermam as crenças, fazem-nas benzer, ou pelos *pagés* ou por velhas a quem attribuem a occulta e mysteriosa sciencia de curar pelo benzimento. Uma das formulas de semelhante processo é esta:

Em nome da Virgem:
Quebranto, máo olhado.
Sae-te d'aqui;
Que este menino
Não é p'ra ti.

Direi ainda sobre o muirakitan que, segundo me informou uma velha tapuia, essa estimadissima pedra perde a sua virtude se a encastoam em ouro, ou outro metal.

Dos tupi-guaranis conservaram a crença geral de que tudo tem uma mãe, o *ci* do selvagem. E estes catholicos dizem com todo a ingenuidade de uma fé, sinão profunda e atilada, ao menos sincera: a mãe do rio, a mãe do matto, etc. Em uma occasião, tendo eu indagado d'onde provinha o estranho rumor que me chegava aos ouvidos, respondeu-me uma velha mameluca: E' a mãe da mamorana. A mamorana (*Carica*) é uma planta que cresce em extensas toiças á beira d'agua. O vento, passando por ellas, proximo do lugar onde me achava, vergava-as como juncos e suas folhas largas e fortes, batendo umas nas outras, produziam o ruido que eu ouvia e que, segundo a opinião d'aquella mulher, era uma manifestação da mãe d'este vegetal.

Algumas moscas ha que são mães de certas plantas; em morrendo aquelles insectos morrem tambem os vegetaes...

Estas são, entre outras, as crenças que elles herdaram de seus paes selvagens, e que conservaram de mistura com as que receberam dos seus ascendentes

civilisados[1]. Como ficou dito, a sua religião é antes um mixto de fetichismo e polytheismo, do que monotheista. As suas crenças oriundas da crença tupi-guarani são, como acabamos de vêr, fetichistas; aquellas que receberam dos conquistadores, como veremos, polytheistas. Entretanto, é sempre a feição fetichista que predomina.

Não é raro vêr, como tenho visto, votar os fructos de uma arvore, ou um animal qualquer, a um santo de devoção particular. Em Monte-Alegre, querendo alguem comprar um cacho de côcos, não o poude obter porque eram de S. Francisco de Assis, o padroeiro da villa. Na costa fronteira á cidade de Obidos, em um pequeno estabelecimento agricola, ha uma arvore fructifera exclusivamente votada a Santo Antonio. Nos *Sitios*, si quizerdes comprar uma gallinha, por exemplo, mais de uma vez tereis em resposta um não acompanhado do motivo, dado com uma simplicidade primitiva, de que « é do santo. » Na freguezia do Erêré, comarca de Monte-Alegre, ha um Santo Antonio, objecto de grande devoção dos povos circumvizinhos, e tido por muito milagroso; no mesmo districto, no lugar Surubijù, existe um outro que, no tempo que lá andei, segundo voz geral, estava-o sendo mais do que o seu homonymo do Erêré. Perfeitamente iguaes a este ha muitos outros factos, que provam quanto elles estão longe de comprehender a dualidade catholica, inteiramente topographica, dos santos.

Este mesmo santo, muito popular entre elles, por influencia da tradição portugueza, onde é grande a sua importancia, é victima de insultos e sevicias, feitos com a maior sinceridade e fé, já para que chova, mettendo-o

[1] Este capitulo, desenvolvido, dá um livro interressante e por fazer sobre o assumpto. O autor desde muito que ajunta materiaes para elle, porém com uma lentididão de jubuti, porque seus affazeres não lhe dão vagar, e o officio das lettras aqui não póde ser sinão um passatempo de horas vagas. Aproveita-se da occasião para pedir aos seus amigos e leitores do sertão, que lhe remettam todas as informações que puderem colher sobre este objecto, tendo apenas o cuidado de reproduzir fielmente, sem a minima aleração, sem enxertos, nem correcções, as versões que tenham recolhido da bocca do povo, como lhes pede tambem qualquer correcção para os erros que neste estudo possam ter escapado.

n'agua, já para acharem um objecto perdido, amarrando-o, batendo-o, exilando-o do oratorio, etc.

Não conhecem muito, nem veneram, um deus unico, embora trino. O nome da divindade apenas se lhes ouve nas locuções proverbiaes, como Deus o queira, si Deus quizer, e outras semelhantes. O proprio Espirito Santo, a quem muito festejam, como adiante direi, não é para elles mais do que um santo, e estou convencido que o que concorre para a festiva devoção que lhe têem, é a pomba symbolo que o representa, e que actúa sobre a sua imaginação fetichista. Jesus Christo tambem não tem na sua fé a importancia que lhe assigna a theologia catholica, e é apenas, como Menino-Deus, um outro fetiche, que maior devoção lhes merece. O Deus supremo do christianismo, consubstanciando em si as duas outras pessoas da Trindade, e não fazendo com ellas mais do que uma, a qual domina omnipotente e independentemente todo o universo, esse Deus, é um ente quasi sem valor e quasi esquecido nas manifestações da sua consciencia. O santo é tudo e para elle é toda a sua devocão e sentimento religioso, aliás muito pobre, tanto que jámais poude attingir o fanatismo, que não é sinão o extremo acume d'aquelle sentimento. E' verdade que este facto da preeminencia dos santos sobre a divindade se nota mais ou menos em todos os povos catholicos, das camadas pouco instruidas principalmente, que, aceitando a noção, para os espiritos rudes demasiado delicada, dos santos, converteu-os em outros tantos deuses, dando-lhes até poderes circumscriptos a certos casos pathologicos, ou á certa ordem de phenomenos—como o tinham determinado os numes da mythologia greco-romana— trocando a veneração que ensina a Egreja pela adoração idolatrica, constituindo assim no seio de uma religião essencialmente monotheista, como é o christianismo, um polytheismo muitas vezes grosseiro, mas que já hoje tem—é impossivel não reconhecel-o—a consagração official, sinão dogmatica, da propria Egreja.

Aquella ordem de crenças, a que puderamos chamar catholico-tupis, pertence á ceremonia do *sairé*. Quando estive pela primeira vez em Monte-Alegre (1886), fui,

a duas leguas d'esta cidade, no lugar Jussaratêua, assistir a uma pequena festa feita á Nossa Senhora de Nazareth, n'uma capellinha que, em cumprimente de certo voto, lhe foi erguida.

O logar da festa apresentava um aspecto delicioso. Aqui e e alli erguiam-se « barracas » construidas inteiramente, e ás pressas, de palmas, cercando a capella coberta tambem da mesma materia. Pequenas palmeiras miriti (*Mauritia vinifera* (plantadas em linha á entrada e ligadas entre si por arcos de folhagem, formavam-lhe um gracioso alpendre, onde apinhavam-se os devotos que não couberam lá dentro. As frentes das barracas e os arruamentos que levavam á capella, eram illuminados por um systema original e indigena. Rachada a extremidade de uma vara em quatro partes, em cruz, introduzem nessas fendas dous pequenos páos, que abrindo-as, formam com ellas um supporte onde assentam a metade de uma laranja da terra—sem o miôlo — a qual cheia de azeite de andiroba, por elles mesmos fabricado, e com um ou dous pavios accesos, constitue esta lanterna primitiva. Essas mil luzes davam ao logar, bastante accidentado, um pittoresco aspecto. Houve ladainha e após o *sairé.*

Esta ceremonia toma o nome de instrumento, ou como melhor nome lhe caiba, que n'ella figura. E' um grande semi-circulo, ou antes uma semi-elipse, fechada na parte inferior. Dentro d'esta meia ellipse ha nove semi-circulos ou arcos, em maior ou menor numero, segundo o tamanho ou disposição do objecto. A primeira semi-ellipse é cortada desde o meio, no alto, até a linha que a fecha, por uma vara que termina em cima por uma cruz, como aliás as outras que atravessam os varios arcos que assim dividem em quadrantes. O mais simples sairé que tenho visto, tinha, afóra o arco exterior, mais dous, e tres cruzes, e o mais complicado, seis arcos e cinco cruzes.

Toda a madeira que fórma estas differentes figuras é bem envolta em algodão, seguro por fitas encarnadas, ou de outras côres, que por ellas se enroscam. Enfeitam-no com pequenos ramalhetes de flores, e em certos lugares collocam espelhinhos redondos de caixa de chumbo. Tres

velhas, uma das quaes era cega, carregavam este semicirculo enfeitado, ou *sairé*: uma de cada lado e outra no centro. Dos dous lados da parte superior caìam duas fitas cujas extremidades seguravam dous sujeitos para sustental-o nas ondulações que lhe davam as velhas do *sairé*, nome que lhes dão. Um outro tocava parvoamente um pequeno tambor, acompanhando com o seu monotono bum-bum a cantoria fanhosa das velhas. Não é do rito serem velhas, como se tem dito, e eu mesmo escrevi na primeira edição deste estudo, creio que hoje só velhas servem na solemnidade, porque são as que guardam ainda viva a tradição e as unicas que sabem as rezas proprias:

O *sairé* é uma ceremonia religiosa e profana; entram nella a reza e a dança. Esta consiste em passos curtos, como o marca-passo dos soldados, com um movimento em que a velha do centro serve de eixo sobre o qual gira a *sairé*, nos arcos de circulo que com elle fazem as outras duas velhas: uma para a frente e outra para traz, e vice-versa. O canto é uma melopéa triste, monotona e rouca.

Eis os dous primeiros versos dessa cantiga: [1]

« Itá camuti pupé neiassucá pitanî purãga ité.»

« Em uma pia de pedra foi baptisado o bello menino » (o menino-Deus traduzem outros livremente).

E o estribilho por todos repitido:

« E Jesus ê Santa Maria»

« Santa Maria cunhã purãga imembira iaué catú, iputira ipóp.»

« Santa Maria (é mulher bonita e seu filho (é) como ella, com uma flôr na mão.»

Findo cada verso, cantado por as tres velhas, repetem todos em côro o estribilho. Os versos ou strophes desta especie de ladainha são, na versão por mim recolhida, dezoito, e em outra que me communicaram, dezenove, e

---

[1] Ná versão que vem em Baena, e no livro do conego Bernardino (*Lembranças e curiosidades do valle do Amazonas*), estes versos são assim transcriptos:

« Ita camuti pupé néiassucaua pitanguê puranga itê.»

« Santa Maria cunhã puranga imemboira iauerá iuaté pupé oicon curussá uassú pupé, ianga turama rérassó »

nelles apparecem successivamente os nomes de Jesus, Maria, Maria Magdalena, S. Cerdorio, S. Francisco Xavier, S. Thomé, n'uma mistura de portuguez com tupi. Estas strophes são repetidas por aquellas das pessoas presentes que as sabem, com essa voz fanhosa que se ouve nas igrejas, das velhas rezadeiras de ladainhas. Da capella sairam e foram «rezar o sairé» em differentes barracas, onde as esperava uma esteira. sobre a qual faziam a ceremonia, depois do que lhes offereciam doces e bebidas.

A palavra *sairé* parece significar corôa [1] e a festa era dantes muito commum na Amazonia, em cujo sertão ainda hoje é vulgar. D. Fr. João de S. José de Queiroz, bispo desta diocese, assistio a uma em 1762, que assim descreve na sua *Viagem* : «... veio uma dança de indias á porta das casas da residencia em que estavamos e ao seu modo dançavam muito honestamente tendo cinco em fileira um semi-circulo ou meio arco de páo, em que pegavam todas sustentando-o na base que do circulo inteiro seria o diametro, governando uma india a dança, e sustentando com um listão preso ao mesmo arco alargando-o ou recolhendo quando ganhavam mais terreiro, avançando com o dito arco a que chamam sairé. Tudo isto ao som de um pequeno tambor que tocava um indio velho, e faziam uma representação ao vivo da innocencia dos pastores em Belém ; a isto se juntavam varias cantigas em lingua tapuia, que primeiro cantava o indio e repetiam as indias da mesma sorte e no mesmo idioma que vem algumas na tragi-comedia do padre Antonio de Macedo, e que se representou em Lisboa a Philipe II em Santo Antão...» [2]

Esta ceremonia ou festa do *sairé* foi, sinão creada, ao menos aproveitada pelos jesuitas de um igual rito selvagem. Os versos, inclino-me a crêr que são composição do padre Figueira, uma das raras figuras sympathicas da Companhia n'esta parte da America ; perito na lingua, da

---

1 Na primeira edição deste estudo, procurou-se a todo o transe explicar esta palavra, para a qual achou-se uma etymologia inteiramente falsa. Foge-se hoje ao mesmo perigo, escrevendo «parece.»

2 *Obra citada*, pag. 106.

qual legou-nos uma excellente *Arte de Grammatica*, e que, segundo refere um chronista da cupida ordem [1] « lhes compoz (aos indios) devotas canções pela sua mesma lingua, com que haviam de louvar a Deus e sua Mãe Santissima, aos Anjos e Santos do Céo ; e para melhor os attrahir com a melodia do canto, elle mesmo tomava o trabalho de ensinar os innocentes de melhores vozes... » Semelhante instituição revela a agudeza e perspicacia dos padres da Companhia que souberam comprehender a necessidade d'esta mistura de ritos, que tornaria os cathecumenos menos rebeldes do que se lhes quizessem ensinar o catholicismo puro, para o qual não estavam preparados. Si por um lado, porém, elles conseguiram, mais do que o governo da metropole com toda a sua força, reduzir os indios, por outro a elles se deve attribuir tambem, até certo ponto ao menos, o amalgama do fetchismo selvagem com as crenças catholicas.

Uma das festas mais populares n'este meio, e na qual se nota a falta de espirito religioso apontada, é a do Espirito Santo. Um mez e mais antes da festa, o imperador—nome que toma o director ou juiz d'ella— os juizes, mordomos e devotos do Espirito Santo mettem-se em uma ou mais canôas, ás vezes em crescido numero, e levando bandeiras brancas e encarnadas, com uma pomba, symbolo d'aquella pessoa da Trindade, pintada no centro e outras esculpturadas nos topes dos respectivos mastros, obra tudo de devotos artistas, cheias de fitas, e um ou dous tambores, sáem a tirar esmola.

Esta região é um verdadeiro labyrinho de rios, furos, (canaes), igarapés (riachos), paranamirins (pequenos rios), e lagos, e todos elles têem as suas margens mais ou menos habitadas. A esses sitios se dirige a flotilha de canôas, levando a corôa de prata que representa o Santo Espirito, e os seus devotos. Muitas vezes navegando a gente por um d'esses canaes, ouve um repetido bum-bum. Póde-se affirmar que é a « corôa do Divino » que anda perto.

---

[1] Padre José Moraes, *Historia da Companhia de Jesus, na extincta provincia do Maranhão e Pará*, nas *Memorias* citadas do sr. C. Mendes de Almeida, Tomo I pag. 202.

E d'ahi a pouco, ao virar de uma ponta, encontra-se com tres ou quatro *montárias* (canôas) cheias de homens, mulheres e crianças, com bandeiras alçadas e *tambours battant*, o que não deixa de ser pittoresco no meio da paisagem selvagem. Em cada « sitio »— nome que tem toda a moradia fóra das povoações— onde chegam, ha uma festa. A corôa, muito cheia de fitas, depois de beijada e ter pousado um instante sobre a cabeça de cada uma das pessoas presentes, da casa ou dos arredores d'onde accorrem á festa, é collocada sobre uma mesa coberta com a melhor colcha no lugar existente, e em roda accendem-lhe velas. Durante o dia os moradores das circumvisinhanças vêem chegando a esta casa— geralmente de um sujeito mais conceituado no districto— emquanto os portadores da corôa fazem refazem-se no somno das noites perdidas em festas nos « sitios » em que por ventura já passaram. Chegado a noute, ha a ladainha, que nada tem de interessante, e é funcção obrigada de todas as suas festas. Resa-a, ou puxa-a, conforme o seu dizer, um dos homens mais autorisados por quaesquer qualidades, em um latim estropeado, horrivel. Depois da ladainha resada, n'uma lingua de que nada entendem, operação machinal e inconsciente, boa para produzir a indifferença religiosa —segue-se a festa profana, que no fim de contas é o mais forte motivo da pretença devoção. Ha sempre uma pequena e mal afinada orchesta ; uma viola, um cavaquinho, [1] uma rabeca ou uma flauta. Começa então a dança, tão apreciada por elles que n'ella perdem dias e noutes successivas. E' para admirar ver dançar as danças dos nossos salões, sinão com graça e elegancia, ao menos com notavel perfeição, a gente que muitas vezes não saío nunca de um *sitio*. [2] Nota-se, porém, entre elles o caso singular de ser o homem mais elegante do que a mulher, tendo meneios que lh'os invejariam os janotas das cidades.

---

[1] E' a pequena vióla conhecida no Sul por « machête ».

[2] « La danse est le primier et principal exercicie des *Maragnons* (indios Tupinambas) qui sont a mon avis les plus grands danseurs qu'on trove sous le ciel » Père Claude de Abeville, *Missions des Pères Capucines*. etc.. citado por Gonçalves Dias, *Brazil e Occeania*, nota, p. 167.

Essa noute toda passam em espantoso brodio, e ás vezes, se bem que excessivamente raras, á bebedeira e á devassidão, que n'estas festas reinam desenfreadas, seguem-se rixas e vias de facto. Recebem ahi algumas esmolas e ao outro dia partem continuando a romaria entre a devoção e o folguedo. Quando approxima-se o dia de ante-mão fixado, vão chegando á casa do juiz ou imperador, onde terá lugar a festa grande, para a qual andaram a tirar esmolas. O balanço dessa mendicancia dá: novilhos, vitellas, carneiros, gallinhas, ovos, tartarugas, paneiros de farinha, beijú, peixe secco, fructas, emfim um pouco de tudo, excepto, na maior parte dos casos, dinheiro, genero pouco abundante na Amazonia, onde o commercio é quasi que só feito pelo primitivo systema da troca. Ahi, como nos sitios por onde passavam, e apenas com maior desenvolvimento, a festa consta de ladainha, danças e comesaina. Banqueteam-se lauta e copiosamente com os productos comestiveis arrecadados durante a peregrinação, e é sabido que emquanto durar uma parcella de comida, dura tambem a devoção ao « Divino Espirito Santo. » Si a festa é feita em lugar onde ha padre, a missa do dia é dita por elle ; quando não os devotos mesmos « dizem a missa », isto é, resam uma ladainha pela manhã. Algumas vezes, porém, a festividade vae-se fazer na cidade ou villa mais proxima. Então nas vesperas do dia marcado para isso, veem em canôas os juizes o imperador e os devotos, conduzindo a corôa e parte das offerendas recolhidas, que junto a outras obtidas na povoação, são vendidas em leilão, para pagar as despezas da solemnidade, a missa cantada e o sermão do padre. A ultima vez que assisti a esta parte da festa descripta foi em Obidos.

Era por uma noite sem luar, mas illuminada por a luz opáca de milhões de estrellas, que brilhavam vividas no fundo azul ferrete e desanuviado do céo do Equador ; noite cheia de brizas do rio e aroma das florestas, de uma frescura amena e boa. O popular da cidade dirigira-se todo, festivamente vestido, para o porto, afim de receber a corôa e leval-a em procissão á igreja. No meio do rio algumas canôas, adornadas com arcos de folhagem e vistosamente illuminadas, vinham lentamente aproximando-se.

Era magnifico o effeito, por uma tal noite estrellada e calma, d'essas canôas cujas luzes reflectiam-se em uma illuminação phantastica nas aguas quietas do rio, e d'onde partiam os canticos dos devotos, que a hora, o lugar, a distancia de que vinham, amortecendo as asperezas das vozes, tornavam um côro de imponente melodia. Ao avisinharem-se da praia iam deixando no rio algumas d'aquellas lanternas de cascas de laranja, já descriptas, que faziam as canôas como uma cauda de luz, cauda ephemera, cujos traços luminosos as ligeiras vagas apagavam breve.

Demorei-me, talvez de mais, na descripção d'esta tão popular festividade amazonica, e o fiz de caso pensado, porque queria deixar patente o seu caracter pouco religioso, que é sempre o mesmo em todas as manifestações de sua devoção, desde a mais humilde festa do interior, até a pomposa e celebre solemnidade paraense de Nossa Senhora de Nazareth — cuja extincção ardentemente desejo, para honra da nossa civilisação.

USOS E COSTUMES

Não é nos centros de população, onde já a civilisação os obliterou, que havemos de ir estudar os costumes e as usanças de uma raça inferior, pura ou mesclada. Os usos e costumes dos tapuios, e seus descendentes do Pará e Amazonas, devem ser estudados ahi onde a arte não veio ainda mudar o seu modo de viver semi-selvagem, nem transformar siquer a sua maneira de sentir. Si, entretanto, o leitor paraense, ou versado nas cousas da Amasonia, notar n'esta resenha costumes e modos que se encontram tambem nas cidades mais civilisadas das duas provincias, e até nas duas capitaes, mesmo em grupos estranhos ás raças de que me occupo, não veja n'isso sinão a influencia poderosa de um meio que obrigou-os a abraçar inconscientemente crenças, linguagem e usos de outra e inferior gente, os quaes ainda se mantêem, no mais adiantado centro da região, na cidade do Pará.

E' entre os mais humildes, porém mais genuinos

representantes das raças mestiças, do branco com o indio, e do tapuio, d'essa gente para quem a civilisação foi madraste e que, na profunda miseria do seu trite viver, parece ainda guardar as marcas indeleveis dos soffrimentos porque passaram seus avôs; d'essa gente que vive da sua primitiva e mesquinha lavoura do *maniva*, pescando ou caçando nas aguas piscosas dos nossos rios immensos e quasi inumeraveis, ou nos fartos e infindos bosques da nossa terra firme, remando a canôa do audacioso regatão ou reunida nas epochas e logares proprios da extracção da seringa e da castanha, que vamos estudar-lhes os costumes e usos.

A sua casa—para começar por ella—tem a forma simples da habitação primitiva: é quasi sempre, sinão invariavelmente, um parallelogramo rectangular, construida geralmente de palha ou apenas com as paredes principaes de barro e o tecto e quaesquer divisões interiores, aliás raras, daquella materia. São em geral as palmeiras Buçú (*Manica saccifera*), Curuá (*Attalea*), Miriti (*Mauritia flexuosa*);

Ubin (*Geonoma*);

Pindoba (*Attalea*);

Urucuri (*Attalea excelsa*); Inajá (*Maximiliana regia*); e Uauassu (*Attalea speciosa*) que lhes fornecem as palmas para feitura de suas vivendas.

Erguem no chão um certo numero de esteios, sem nenhum preparo de carpinteria, e sobre elles vão ligando com cipós as palmas adrede preparadas, até o tecto, formado por uma viga apoiada como cumieira sobre os dous esteios mais altos. Essa viga serve de assento aos frechaes, toscos como o resto, sobre os quaes irá a palha da cobertura. A maioria das vezes, esta compõe-se de um unico compartimento onde vive, na promiscuidade mais immoral, toda uma familia, não raro numerosa.[1]

[1] Dentro n'ellas (casas ou *ocas*) vivem (os indios) logo 100 ou 200 pessoas (o autor falla de casas de 200 até 400 palmos de comprimento e 50 de largura) cada qual em seu rancho (rede ?) sem repartimento nenhum e moram de uma parte outra, ficando grande largura pelo meio, e todos ficam como em communidade; entrando na casa se vê quanto nella está, porque estão todos á vista uns dos outros, sem repartimento nem divisão.— Cardim, cit. por Gonçalves Dias.— *Obr. cit.*.— pag. 223, nota.

Tambem não tem muitas vezes janellas; o ar entra parcamente, apenas pelas baixas aberturas a fingirem portas, fechadas com uma especie de esteira de palha, a que chamam *japá*[2] As abas do tecto chegam de costume, até uma a duas braças aquem das paredes e formam, sustentadas por esteios e vigas transversaes, um alpendre ou varanda chamada *copiar*, ou em toda a redondeza ou sómente em parte da casa. Quando falta este appendice, e carecem de commodos para os indispensaveis utensilios da sua vida, levantam junto da casa uma barraca ou rancho ligeiramente feito, apenas coberto, sob o qual construem o forno da farinha e guardam os apetrechos necessarios ao seu fabrico e outros empregados nos seus misteres. Aquelles, porém, que vivem mais perto da vida selvagem dispensam a varanda ou a barraca, e elevam o forno mesmo dentro do aposento em que dormem, onde tambem accendem o fogo, como vi nas aldeias do Andirá e Maués.

Nos logares alagados de beira rio, como certas porções do Amazonas entre o Pará e Gurupá e em todo o litoral do archipelago de Marajó, ao menos na parte a O e S O d'esse archipelago, erguem as casas sobre paliçadas, á maneira das cidades lacustres dos tempos prehistoricos, e taes ha que lembram perfeitamente as restauradas palaffitas suissas.

E' ao visitar uma destas habitações, que o observador póde avaliar a incuria e a miseria da gente que as habita. Nada ali é vindo de estranhas terras, tudo, com excepção apenas da parca roupa que mal lhes cobre a nudez, proveio sem quasi nenhum esforço, da natureza em redor. O madeiramento para casa, o cipó que faz as vezes de pregos, a palha das paredes e do tecto, é fornecido pela matta visinha, que lhes dá ainda, na riquissima variedade de fibras textis da sua numerosa familia de palmeiras e bromeliaceas, todas as cordas de hão mister, a materia do *tipiti*, da *urupena*, do *naturá*, do *urú*, do balaio que lhes serve de bahú, do *tupé* que lhes serve de tapete sob a rêde á qual tambem fornecem, umas vezes a materia prima e

---

1 «.... e as suas casas (dos tupis) cujas portas, quando as tinham eram esteiras de pindoba... »— Gonçalves Dias.—*Obr. cit.*— pag. 178.

sempre as cordas que a suspendem.[1] O barro e argilla para a construcção da casa, quando para isso o querem, e do forno ou para a fabricação de panellas, alguidares e outras vasilhas de uso caseiro, dá-lhes abundantes a terra. O prato é, muitissimas vezes, a *cuia*, como o pote ou cantaro é a *cuiambuca* ou o *jamarú*. A matta fornece-lhes ainda a caça, o rio o peixe, a terra fructos, com mão prodiga e com tudo isto que profunda que não é a sua miseria!

A casa revela a constituição da familia que a habita. No exterior, como no recinto desta, despida de qualquer conforto, sem os objectos mais indispensaveis á gente civilisada, faltam os aconchegos da vida da familia regularmente organisada. No seu acanhado ambito vivem n'uma mistura repugnante, homens e mulheres, moços e velhos, filhos e paes. Si chega um forasteiro e lhes pede agasalho, isto é, lugar para atar a sua rêde, dão-lh'o ali mesmo, com uma hospitalidade facil sem cuidarem da mulher ou das filhas. Em uma daquellas barracas da festa do Jussaratêua, de que fallei atraz, vi onze rêdes amarradas umas quasi que por cima de outras, por não caberem de melhor modo em tão pequenos espaço, nas quaes dormiram, segundo informei-me, outras tantas pessoas, de sexos e familias differentes.

Falta-lhes, por assim dizer, o sentimento delicado do pudor, como o respeito mutuo, e a familia não tem base. O concubinato é já uma cousa natural, facil, consentida, de regra geral, e o adulterio vulgar e tolerado.[2] Não se affrontam os pais si as filhas se não casam, comquanto preferissem que casassem. Muitas vezes a unica cerimonia das uniões entre os dous sexos é, como entre alguns selvagens, o mutuo consenso das duas partes, por isso, nos lugares onde vivem em grupos mais numerosos, a prostituição, disfarçada sob a fórma do concubinato, é geral. As mulheres banham-se núas em lugares publicos, nas

---

[1] Para a comprehensão d'estes e d'outros nomes consultar o Vocabulario do Cap. 2.º deste estudo.

[2] Pareceu-me, da primeira vez deste estudo, o contrario; posterior e melhor observação desilludio-me.

praias das cidades do interior, como terão visto quantos hajam subido o Amazonas do Pará a Manáos, lavam roupa nas margens dos seus rios e lagos com uma saia por tanga, e prostituem-se precocemente.[1] A' M.^{me} Agassis impressionaram profundamente estes tristissimos habitos: « Encontro—escreve ella—um rasgo de costumes cuja singularidade choca-nos tanto mais quanto vejo-o geral á medida que se prolonga a nossa estada no Amazonas. Aqui estão pessoas de bôa condição (tratava-se de um capitão da guarda nacional e de sua familia) ainda de sangue indio, muito acima da necessidade, vivendo na abastança e, relativamente aos que os cercam, quasi na riqueza; pessoas nas quaes, por conseguinte, se esperaria encontrar o conhecimento das mais comesinhas leis de moral. Pois quando apresentaram-me a menina, perguntando-lhe eu noticias de seu pai, julgando que seria o capitão ausente, a mãe, respondeu-me sorrindo com simplesa:—Não tem pae, é filha da fortuna. Por sua vez a moça mostrou-me dous filhos seus, duas mimosas creaturas, um pouco menos morenas que a mãe, e á minha pergunta, si seu pae estava tambem no exercito (era no tempo da guerra do Paraguay) deu-me a mesma ingenua resposta — Não tem pae. E' habitual ás mulheres mestiças fallarem a cada instante de seus filhos sem pae; isto em tom que não indica nem pesar nem tristeza e, na apparencia ao menos, nenhuma consciencia de falta ou de vergonha, como si o marido fôra morto ou ausente. E' este facto tristemente significativo, pois denota a mais completa deserção do dever. E o que mostra quanto é isto extraordinario, considere-se que o contrario seria uma excepção á regra geral.[2]

Assim constituida, está desmantelada a familia. A mulher perde o direito ao papel que na bem constitúida lhe deve caber. Não tem acção definida. Fica sem posição e sem influencia, o que é tanto mais para lastimar porquanto nesta gente—e isto não é opinião fantasista—ella é muito superior ao homem.

---

[1] Nas malócas do Andirá e Maués não havia talvez uma virgem maior de 12 annos! O mesmo, com pouca differença, poderia dizer do Erêré, cerca de 4 leguas da hoje cidade de Monte-Alegre.

[2] Mme. et Mr. Agassis, *Obr. cit.* pag. 271.

Como entre os tupi-guaranis, o trabalho sedentario cabe-lhe; e é ella quem se occupa do cultivo da mandioca, do fabrico da farinha, da manufactura das vasilhas de argila, etc., e esta maior somma de trabalho intelligente e sedentario explica por ventura a sua incontestavel superioridade moral.

Não nos foi jámais possivel perceber qual a apinião que têm d'ella. Vimol-a sempre resignada a estes serviços, sem acção directa sobre o governo da familia, e até sobre os filhos passados da puberdade. O marido, em geral, trata-a bem, mas governa-a como si serva lhe fôsse ou concubina. As suas relações domesticas têm a mesma nota de differença que caracterisa as demais relações sociaes dos individuos destas raças. Não a consulta nos seus negocios, não divide com ella os seus prazeres, nem as suas dôres, talvez. Si a perde, não se afflige demasiado. E taes como as dos conjuges são as outras relações da familia. Os mesmos filhos, relativamente muito queridos na primeira infancia, perdem-lhe na segunda e sobre tudo na maioridade o affecto e deixam-nos sem saudade. E' facto vulgarissimo entre elles, fazerem dadiva dos filhos, sendo que não me consta que o façam jámais por outro interesse que não o de livrarem-se de mais um encargo. Em meio deste relaxamento de costumes e desentimentos, as mulheres, tambem perdem-se cedo.

Sem a moção positiva do pudor, sem o forte e insubstituivel laço do casamento, a familia mameluca, como a tapuia, está, por assim dizer, em plena decomposição, esphacella-se; concorrendo assim, pela sua influencia numerica, para a desmoralisação dos costumes de ambas as provincias. Aqui na capital do Pará vêem-se a cada passo mulheres semi-nuas a lavarem roupa em algumas praças publicas, ou apenas de sáia e decotadissima camisa de mangas curtas, servindo em nossas casas, no seio das nossas familias. Ainda aqui mesmo, os trabalhadores manuaes andam geralmente nús da cintura para cima, e as creanças até oito annos completos são não raro vistas inteiramente núas, sem que nada d'isto provoque reparos dos habitantes— que acharão talvez a minha critica

excessiva e até inconveniente—ou qualquer medida repressiva do poder competente.[1]

Como se disse no primeiro capitulo d'este estudo, o desmembramento da familia aborigene por occasião da conquista, veio influir poderosamente sobre a moralidade da dos seus descendentes. Organisado o paiz, mesmo apoz a independencia, não melhoraram as cousas, como se tinha, talvez, o direito de esperar. A estupida lei brazileira, gerada da concepção falsissima do velho espirito juridico—a coisa mais bronca de que hemos noticia —tratando, segundo a sua maneira absoluta, todos os phenomenos sociaes como si fôssem um só e o mesmo, em um meio em que o casamento, muitas vezes por defeito do proprio administrativo, era uma excepção, considerou orfãos os filhos não provindos de matrimonio! Esta abberração da lei, justificou, justifica e justificará até ao fim toda as violencias e todas as injustiças. Sob este pretexto foram-lhe os filhos arrancados, não com o fim de serem enviados á escola ou á officina, mas para servirem como escravos, porque si algum acontecia auzentar-se era declarado «fugido», annunciava-se nos jornaes, ia-se-lhe no encalço e apanhado era castigado. Os Juizes de orfãos mandavam, e continuam a mandar, diligencias pelos lugares de suas jurisdicções, especialmente incumbidas de trazer ranchos de curumins, meninas e meninos tapuios, para distribuir pelos seus amigos e pessoas consideradas do termo respectivo. Os presidentes das duas provincias, como os Juizes de direito, os Chefes de policia e os altos e mesmo baixos funccionarios, não ha ainda muito tempo, si é que o não fazem até hoje, que os remettiam de presente para o Rio de Janeiro ou al-

[1] Julgando por estes factos, a nossa civilisação a este respeito nada se tem adiantado de um seculo para cá. O já citado bispo D. Fr. João de S. Joseph de Queiroz, em 1793, escrevia: «... os costumes são os mesmos (em toda a provincia) e o vestir da mesma sorte, homens e mulheres nus da cintura para cima.» *Obr. cit.* pag. 270. O actual presidente da provincia, o sr. Gama e Abreu, no seu ultimo relatorio pede a medida repressiva, por nós lembrada ha dous annos. (Janeiro de 1881).

gures, a magnates a cujos favores procuravam armar, como poderiam mandar macacos, antas ou papagaios.[1]

D'esta sorte, a obra começava pelos conquistadores no seculo XVII foi continuada por nós no XIX e, o que é triste dizer, continuada por aquelles a quem confiamos a defeza da justiça no meio de uma população semi-selvagem. Nem a familia tapuia ou mestica póde estremecer o filho, nem concatenar-se n'um sentimento de affeição digna que a eleve, porque a familia pretendida civilisada que a cerca lhe diz, com o seu injusto proceder, que os affectos maternaes, da maxima importancia na constituição d'essa fórma social, não valem nada, nem merecem respeito.

A' religião do Estado—si acha-se capaz de similhante empreza— representada pelos seus parochos, cabia reagir fortemente contra todos esses vicios que minam tão terrivelmente a sociedade sertaneja das duas provincias, e tractar, pelos meios de que naturalmente deve dispor, de levantar-lhe a moralidade. Mas a religião do Estado, no doce conforto do salario que lhe elle paga pontualmente, quando muito faz barulho nas capitaes, e não se lhe dá de se ir incommodar pelos inhospitos sertões, onde raros parochos, pela maior parte dignos do céo budhico, por uma bestificação preexcellente, fazem como os demais, si não peior: concubinam-se-lhes com as mulheres, escravisam-lhes os filhos, roubam-lhes o trabalho, e em vez de se levantarem, como quiçá lhes cumpria, contra a influencia deleteria deste meio social, são muitissimas vezes os primeiros a lisongear-lhes os defeitos.

N'esta familia assim contituida, as industrias e profissões, e os differentes misteres domesticos estão divididos; ha os exclusivos da mulher, os communs

[1] Não ha a menor exageração no que levamos dito. Eu estava de uma feita em Monte-Alegre, quando o respectivo Juiz de orfãos mandou fazer uma d'essas diligencias, procedendo em seguida á distribuição dos pequenos arrebanhados, cabendo dois d'elles á sua concubina, pois que a tinha na fórma condemnada pelas ordenações do Liv. 5.º. Ninguem ignora tambem que no Purús, Madeira, Solimões e outros lugares faz-se um franco commercio de indios menores... e maiores.

a ambos, embora mais proprios ao homem, e os exclusivos a este. Além do governo da casa e dos trabalhos que já foram sucintamente apontados, a mulher occupa-se no fabrico das vasilhas de argila, no que jamais se emprega o homem; na preparação e pintura das cuias; na fabricação de uma louça mais fina e garridamente pintada, conhecida no Pará pelo nome de louça de Breves. Todos estes productos da industria feminina, entretanto, estão hoje em profunda decadencia, não soffrendo comparação com os seus similares antigos, encontrados nas escavações ou conservados nas velhas familias, os quaes tantos louvores mereceram aos chronistas[1]

A fabricação da farinha é tambem trabalho exclusivamente d'ellas, como o preparo da comida, a tecelagem das rêdes, a fiação do algodão, a costura, as rendas, a lavagem e quejandos labores. Demais auxiliam o homem no amanho das roças, na colheita das safras, na pequena pesca, na preparação do pescado, na extracção da seringa ou do oleo de copahiba, na recolta da castanha e da salsa, no remar a canôa, no cultivo e appresto do tabaco, na confecção de cestos e balaios, no arranjo da palha para a edificação da casa, e ainda em outros pequenos affazeres, por ventura mais para os homens, os quaes sómente têm duas tarefas que são exclusivas: a caça em que, invariavelmente póde dizer-se usam da espingarda, e a grande pesca, a harpão ou flécha.

Como caçadores, comquanto sejam em geral peritos, não são extraordinarios, sinão pela finura dos seus sentidos, unicos e preciosos guias atravéz das sombrias e intrincadas florestas desconhecidas, e pela rijeza das suas pernas, que não cansam. Não são, aliás, apaixonados da caça, quiçá pelo movimento a que os obriga. E' a pesca o seu trabalho predilecto, e como pescadores são inexcediveis. Guardam ainda os processos e instrumentos de

[1] V. a citada *Navegação feita da cidade do Gram-Pará*, etc., pag. 280, e as Memorias dos Bispos Queiroz e Brandão, tambem atraz citadas.

pesca dos seus avós; a *sararaca*,[1] o *pindá-uauáca*, o *pindá-siririca*,[2] o *timbô*, (*Paulinia firmata*) mais o arco e a flecha, o harpão, o anzol de caniço, a rêde de pescar e a tarrafa.

Pescadores, repito, são eximios. Sabem dos lugares piscosos e lá vão. Para elles não têm segredos a profundeza dos lagos ou aguas barrentas do Amazonas. Debalde esconde-se o sudas gigas (pirarucú) no fundo; ali mesmo vai buscal-o o harpão agudo e certeiro do pescador, apenas guiado pelo rebojo que o peixe deixou na supercie d'agua, ao boiar para tomar folego. E' interessante operação essa.

O tapuio mette-se n'uma pequena *montaria* e dirige-se para um lago, pois é principalmente nos lagos que de Setembro á Dezembro o grande peixe desta região abunda. Se tem um filho ou qualquer outra pessoa criança ainda (*curumin*) põe-no ao *jacuman* dirigindo a canôa, sinão basta-lhe o João-de-páo, que é a metade de um dos seus remos ellipticos fixa á pôpa da embarcação. De pé no agachado sobre o banco da prôa, com harpão de tres metros na mão direita, o seu olhar perscruta nas aguas um signal, o minimo, do peixe. A corda que prende a haste está desenrolada e presa a uma pequena boia solta dentro

---

[1] A *sararaca* é uma flecha usada principalmente na pesca das tartarugas. Compõe-se de tres partes; a flecha propriamente dita empennada, a que dão o nome de *haste;* a *suumba*, ou fuso da flecha, de madeira (em geral de paracuuba) e a *espolêta* ou *virote*, de ferro, movel, agudo, encaixado na extremidade da *suumba* da qual solta-se em ferindo a presa. A' *suumba* está envolvido um fio fino mas resistente, que se desenrola facilmente quando o animal ferido mergulha levando no corpo o *virote* ou *espolêta*. E' d'este facto do desenrolar automatico do fio que veio a esta arma o nome de *sararaca*, do verbo tupi-guaran *sará*, desatar a corda, desprender, saltar, e seu frequentativo (? *sarárá*.

[2] Dous instrumentos da pesca: um, o pindá-siririca, é um anzol occulto por pennas encarnadas, pedaços de baeta ou d'outra materia de igual côr. Dentro d'agua illude o tucunaré (excellente peixe do Amazonas) que julgando vêr ali alguns dos peixinhos de que se alimenta atira-se ao anzol e fica fisgado. O segundo instrumento é igual ao primeiro; o modo de uzal-o, porém, é differente. Em logar de prendel-o a uma vara, atam-no, com uma linha comprida, a pôpa da canôa. Movendo-se esta com rapidez, começa o *pindá-uáuáca* a correr sobre a agua exactamente como fazem os pequenos peixes, enganando assim os que os comem.

da canôa. Com a propria haste rema lentamente, fazendo deslisar insensivelmente a montaria. De subito o peixe boia rapido pondo uma fita vermelha da tinta das suas escamas, nas espumas que levanta á flôr d'agua, elle aperta nos dentes o longo cigarro de *tauari*, que lhe dura o dia inteiro, e o seu braço adestrado *manda-lhe* na esteira a arma vibrante que vai ferir lá no fundo, onde se tinha por seguro, o peixe rei destas paragens.

Não menos curiosa é a pesca da tartaruga com a sararáca. Na pequena montaria tambem, de pé com o arco na mão esquerda e a fléchа na direita, mudo e quedo, sem fazer o mais leve movimento que o denuncie ao « ladino » animal que elle está ali—o pescador parado muitas vezes horas e horas, espera paciente que a tartaruga venha respirar a flôr d'agua. De golpe, a de vinte ou trinta braços longe d'elles, surge um ponto negro, como a parte visivel de uma garrafa a fluctuar. então o pescador, conforme o espaço que o separa d'ella, assim se inclina um pouco para traz, chega a flexa ao arco, levanta-os ambos á altura da mira, distende-o e dispara. A flecha sobe em relação com a inclinação que lhe elle deu, e descrevendo uma curva vae cahir no costado da tartaruga. deixando n'elle preso sómente a fisga (*bico*, virote ou *espoleba*). O pescador rema então com força na direcção da haste que ficou de *bubuia*, na expressão propria, agarra-a e após algumas habeis manobras consegue trazer a presa até quasi o lume d'agua, sem partir a linha, e apodera-se d'ella fisgando-a por entre as primeiras camadas liquidas com o *itapuà*, sorte de harpão curto.

A pesca deste amphibio é ainda feita por outros processos; no «tempo das tartarugas» o anzol de caniço, depois de préviamente cevadas ; de *jaticà*, um comprido barpão com o qual as ferem no fundo, dirigindo-o pelas borbulhas de ar que a sua respiração provoca na tuperficie d'agua, etc., e na época da desova pelo processo da « viração ».

Em certa época do anno, de meiados de Setembro a meiados de Outubro, vêm desovar nas praias. No dia da postura abeiram-se de uma e n'ella encostam-se enfileiradas, apenas com as cabeças fóra d'agua. Então dentre

ellas sae uma, a «mãe», consoante o nome que lhe dá a crença mythologica persistente entre o povo, afim de marcar na praia o perimetro dentro do qual devem pôr os ovos, para o que, correndo voltada de esguêlha, descreve na areia, com a arésta cortante do seu casco, a curva de um simi-circulo mais ou menos largo, cuja profundidade atinge a mais de meio palmo. Isto feito pela «mãe», sáem as outras precipitadamente d'agua e agglomeram-se no espaço por aquella demarcado para fazerem a desóva. Como são geralmente em avultado numero, amontoam-se umas sobre outras, fazendo grande ruido com o bater dos cascos, n'um trabalho arrebatado e afanoso, cavando profundamente a terra, destruindo completamente a regularidade da praia e chegando algumas vezes a enterraremse umas as outras. Emquanto ellas se occupam assim, os pescadores esperam occultos por alli perto, até que postos os ovos e tapados os buracos ou «covas», ellas se aquietam para uma especie de momentaneo chôco. E' então que elles sáem do seu escondrijo e lançando-lhes em cima as viram de peito para o ar, sem que ellas procurem siquer escapar-se.

Devo aqui notar que nunca me foi dada observar este facto, o qual sómente por informações, em geral fidedignas, conheço. Não me posso, pois, tornar garante da sua inteira veracidade, sobretudo quanto aos pormenores, como o da «mãe das tartarugas» a marcar o perimetro para a desóva. Creio, entretanto, que todos aquelles que estão ao facto da historia das sociedades animaes nenhum escrupulo poderão ter em acceitar a narração que ahi fica.

O systema da «viração», redunda n'uma verdadeira e perniciosa devastação, porque não contentes de aprisionarem as mães, e portanto a parte de quem mais depende a propagação da especie, tiram tambem os ovos, para o fabrico da chamada manteiga de tartaruga, e até as pequenas tartaruguinhas que nas cóvas encontram, e que são tambem redusidas a banha. Póde-se sem o minimo exagero calcular em muitos milhares, sinão milhões, contando com os ovos e os filhos, as tartarugas assim destruidas em uma só « praia de viração », na estação d'essa

pescaria. [1] Isto trará certamente, e n'um futuro que não está tão remoto quanto se julga, a extincção d'essa utilissima especie, o que já vae, e sensivelmente, acontecendo, como se evidencia do facto de serem hoje rarissimas as « praias de viração » no Baixo-Amazonas, outr'ora abundante d'ellas.

Para haverem peixe, de que fazem a sua principal alimentação, servem-se ainda de outros meios, como envenenar a agua com o succo do *timbó* (*Paulinia pirmata*) e d'outras plantas narcoticas ; decantar pequenos lagos ; tapagens (cacurys) com uma sébe de talas ou cerco (*pary*) nas correntes estreitas ; cestos em fórma de funil (*jeguy*) á flor d'agua, onde na maré alta o peixe entra e d'onde na maré baixa não pode sair ; fachos accesos nos beirados a que elle se encosta para dormir e, despertado pelo clarão da luz, salta assustado fóra d'agua e cae na canôa, e ainda por outros multiplos e interessantes systemas cuja descripção demandaria, pelo menos, um capitulo especial.

Inconstantes e despreoccupados dos sérios cuidados da vida, preferem ao sedentario o trabalho nomada. Assim acodem contentes ás immigrações periodicas que é de uso fazer todos os annos para a extracção da seringa (borracha) ou do oleo de copahiba ; para a recolta da salsa parrilha, da castanha ou do cravo ; para a pesca do pirarucú ou da tartaruga. Não é a ambição que os leva, que não têem. O dinheiro mecere-lhes pouco. Mas a civilisação, digo mal, a falta de educação, havendo-os degradado, encontram n'esses ajuntamentos periodicos, onde reina a maior licença, além da satisfação do seu herdado instincto nomada, a dos vicios a que mais dão-se : a bebedice, a dança, a devassidão, a vida facil, em summa.

Amam excessivamente as bebidas alcoolicas, a aguardente ou cachaça principalmente, por ser a que mais se

---

[1] Em 1881, depois de uma lei da assembléa provincial regularisando o aprisionamento das tartarugas, o meu honrado amigo Dr. José Paranaguá, então presidente da provincia do Amazonas, estando em digressão no Alto Madeira, encontrou um curral com 500 tartarugas, que mandou soltar visto terem sido apanhadas contra as determinações da lei, e, o que mais é, por um vereador da Camara Municipal da Manicaré, si não me engano. Sabendo-se que a tartaruga deita em média 60 ovos, temos ahi 30.000 individuos sacrificados em um só logar!

lhes facilita. E' sabido e proverbial no sertão que com cachaça é facil tudo conseguir d'elles, e d'isso aproveitam-se os que os exploram, para melhor o fazerem.

Os principaes generos de trabalho a que se dão, como meio de vida, são, além das industrias extrativas e outras apontadas, o plantio da mandioca, do fumo e do cacáo. Pelo modo por que fazem estas culturas, parece-me que seguem ainda os mesmos processos dos seus antepassados selvagens, sem que até hoje as artes da civilisação tenham podido modificar a sua agricultura. Gonçalves Dias escreve da do selvagem do Brazil: « ... estava muito em principio a sua agricultura, mas fôsse qual fôsse, conservou-se por muito tempo no Brazil com bem poucos ou nenhuns melhoramentos: tinham a derruba, a queima, depois, sem outro amanho, abriam com um páo aguçado covas no chão, nas quaes depois depositavam o milho, a mandioca e as differentes especies de raizes e batatas qua a natureza lhes prodigalisava. »

E' justamente o que ainda se pôde vêr entre elles, com a differença de que, em vez do páo aguçado, empregam o terçado, a enchada ou a foice.

Sobre a lavoura de cacáo, a mais importante das duas provincias, e que em geral lhes está entregue, escrevi algures : Ha lavradores de cacáo que estão usufruindo de cacoaes plantados por seus avós em terceiro, quarto ou quinto gráo. E os poucos que plantam novos cacoaes, fazem-no nas terras chamadas varzeas e pelo mesmo systema de plantarem as arvores tão juntas que logo fechada, a copa, o sol não lhes aquece mais o pé.

« Ora eu sei que o cacáo produz melhor na varzea do que na terra firme, mas si por um lado aqui os cacoeiros dão menos, por outro não estão sujeitos a serem arrebatados pelas aguas do rio nas grandes cheias, que levam ás vezes centenas e até milhares do precioso fructo. Demais as safras não dependem na terra firme da enchente ou vasante do rio [1] que conforme o estado em que acha a

---

[1] Na Amazonia, dotada por toda a parte de vias de communicações fluviaes, só se edifica, estabelece e planta, á beira-rio, e com muito criterio.

malaguêta—nome dado ao fructo recem-saido da flor — póde aniquilar em horas todo o producto de uma extensa lavoura. Quanto ao segundo erro, commettido por todos, o do plantio das arvores sem uma conveniente distancia, é elle tão crasso que admira-me como até velhos agricultores o commettem. »

O que sobretudo prova o atrazo d'esta lavoura é que o cacáo d'esta região, unicamente pelo seu preparo rudimentar, não tem nos mercados europeus a mesma cotação dos seus congeneres da America Central ou das Antilhas.

A sua mesa é parca e má. A base da sua alimentação é o peixe, principalmente o pirarucú secco (*pirahém*) cozido ou assado, porém mais geralmente assado, e farinha d'agua, uma farinha grossa amarella, não dessaborosa, mas falha de qualquer parte nutritiva e facilmente fermenticivel, feita de mandioca apodrecida n'agua (*mandioca puba*), onde a deixam de molho algum tempo.

Na época em que o peixe abunda comem-no fresco, sem outro tempero além de sal e pimenta. Noto de passagem que gostam pouco de sal, o que torna-lhes a cozinha ensôssa.

Têem um processo, herdadado dos indios, de preparar o peixe, a moqueação. Moquear consiste em assar o peixe a fogo lento, logo depois de pescado. Fazem-no sobre uma grelha de madeira a que dão o nome de « páo de muquem ». O peixe assim assado dura algum tempo, sem auxilio do sal. Com este peixe moqueado preparam ainda, por meio da torrefação, uma conserva chamada *piracui* (*pirá*, peixe; *cui*, farinha) muito apreciada na exposição da Londres de 1861. Depois de livre das espinhas, o peixe moqueado é desfeito n'um pilhão de madeira e levado ao forno (o mesmo em que fazem a farinha) a uma temperatura media, e ali continuam a triturał-o com as mãos, movendo-o em todos os sentidos até estar inteiramente enxuto e prompto, portanto.

Além desta alimentação de peixe, quasi sempre secco, extreme da minima parcella de alimento vegetal, tão necesario n'um clima quente como este, usam como nutrição regular de diversas bebidas, mingáos e comidas,

algumas menos agradaveis senão repugnantes, para quem a ellas não está afeito, como sejam :

Vinho de tucuman, preparado com o fructo da palmeira *Astrocarium tucuman* primeiro enterrado, afim de amollecer convenientemente, depois pisado em um pilão, para separar o pericarpo do caroço. Assim obtida a polpa, embrulham-na em folhas de bananeira, ao que chamam «fazer moquéca», levam a moquéca ao sol para seccar, e por fim dissolvem-na em aguas e bebem. Preparado, fica um corpo gordo oleoso, de côr amarella carregada.

Vinho de mucajá, gorduroso, côr de palha, feito do pericarpo de côco de palmeira *Acrocromialo* e os *patha*, misturado com agua.

Vinho de bacaba, oleoso como os precedentes, compacto, pardo-claro, fabricado do pericarpo do fructo da *Ano carpus bacaba*, pelo processo da maceração e antes de bebido coado pela *urupema* ou peneira, como de resto fazem com todas as suas bebidas similares,

Ninho de assay, preparado como o de bacaba, com o pequeno côco negro da *Euterpe edulis*; tem uma bella côr rôxa carregada, é oleoso e de sabor tão agradavel que um viajante americano (citado pelo Sr. Couto de Magalhães) julga que esta bebida devera ter dado aos Aryas a idéa do ambrosia e do nectar. O povo paraense que d'ella é apaixonado e que, ao menos na capital e vizinhanças, d'ella faz seu alimento habitual, creou em seu louvor este distico tradicional :

> Quem vai ao Pará, parou ;
> Quem bebe assay, ficou.

De todos estes «vinhos», consoante denominam estas varias bebidas, traduzindo talvez por este vocabulo improprio o tupi-guarani *kauoî*, fazem essas papas molles, conhecidas em todo o imperio pelo nome indigena de mingáo, levando-as ao fogo e misturando-lhes outros ingredientes, como arroz, farinha de mandioca, tapioca, etc.

Beijúassú, grande bolo (*beui-mbeiù*, bolo; *assú* grande) feito de mandioca espremida no tipiti e depois unido n'um todo chato, sob a acção do forno, cuja forma circular toma.

Com este bolo preparam ainda quantidade de bebidas, como o cachiry, delle fermentado primeiramente sob uma «cama» de folhas de palmeiras, entre as quaes mettem aquella massa, em seguida depositada nas igaçabas ou potes, e misturada por fim com batata rôxa ralada. Diz-se que, em algumas partes, addicionam-lhe, para apressar a fermentação, uma porção de milho mastigado. Quando querem bebel-o, tiram um pouco desta massa da vasilha que a contem e dissolvem-na em agua. E' dôce, não de todo desagradavel, porém muito embriagante.

Tarubá, do mesmo beijúassú fermentado, dissolvido n'agua e coado.

Tiquira, aguardente extraida pela fermentação daquelle bolo. Já se vende bastante no mercado do Pará, e, melhor preparada, poderia tornar-se um excellente genero de commercio.

Tucupi, caldo de mandioca cozida. Serve de molho para peixe ou caça e com elle preparam-o.

Tacácá, gomma tal qual a usada na engommação da roupa branca, á qual juntam o tucupi, adubado com alhos, sal e pimenta. E' servido em cuias a cujas bordas encostam os beiços para sorverem a pequenos tragos esta bebida, ou como melhor nome tenha. Nas malocas do Mauès e Andirá, vi os indios usarem d'ella logo pela manhan, mas sem os condimentos que lhe põem as quintandeiras do Pará.

Caissuma, tucupi engrossado com farinha, cará ou outro tuberculo, até a consistencia de papas.

Maniçoba, iguaria preparada com peixe ou carne e folhas (*oba*) de mandioca (*maniva*).

Mujauquê, massa de ovos de tartaruga ou de tracajá (*Emis tracajá*) e farinha d'agua. Desfazem-na neste liquido e bebem.

Mixira, conserva de carne, caça ou peixe (destes a do peixe-boi é a mais vulgar) primeiramente cozida, depois frita, e quando fria mergulhada em azeite ou manteiga (como chamam a todos os oleos, principalmente animaes) de tarturuga ou d'aquelle mesmo peixe. Faz-se na região um não de todo insignificante commercio d'esta conserva, acondicionada em potes.

Arubé, massa preparada com pimentas, mandioca amollecida n'agua, socada, coada, escaldada e secca de novo. Usam-na como mostarda, com a qual soffre perfeitamente a comparação.

Além destas comidas, bebidas, môlhos, qne lhe são peculiares, alimentam-se de varias especies de animaes, e entre elles os macacos, lagartos (*têiú*) jacarés, de uma variedade de peito branco, a que chamam jacaré-tinga.

E', entretanto, curioso observar que a população que mais uso faz d'aquelles animaes que temos por repugnantes é a da parte oriental da provincia do Pará, no mercado de cuja capital encontra-se todos os dias jacaré á venda. O povo do Grande Oeste amazonico é, pelo contrario, muito escrupuloso a este respeito. Não só não come o jacaré ou a capivára, como desestima os peixes de pelle, acreditando que provocam affecções herpeticas, e absolutamente não come o grande peixe chamado píraiba (*Bagrus reticulatus, Kner.*) do qual geralmente se alimenta a classe pobre da cidade do Pará. Sabendo-se que os selvagens detestavam este peixe, ao qual deram o nome de ruim (*pirá*, peixe; *aina*, máo, ruim), devemos considerar a repugnancia por elle dos actuaes tapuios e mamelucos amazonicos como uma herança d'aquella idyosincracia.

Usam mais, com excesso, de papas ou mingaos de pacova (*musa*), jurumun (*curcubitacea*), castanha (*bertholetia*) e de varios tuberculos.

Comem geralmente sentados sobre uma esteira no chão, as pernas cruzadas, servindo-se, os menos civilisados, exclusivamente das mãos; os outros têm, conforme a sua cathegoria e educação, adoptado, mais ou menos, os habitos da civilisação.

Cabe aqui perguntar si não é possivel attribuir tambem á falta de um regimen hygienico, á carencia completa do uso de legumes, ao excessivo abuso, se assim posso dizer, de comidas e bebidas oleosas e fermentadas e de peixe quasi exclusivamente, ao immoderado habito do alcool, essa miseria physiologica que lavra na Amazonia, e ahi provoca, ou pelo menos favorece, em tão larga escala o desenvolvimento das febres e anemias,

que lhe estiolam e atrophiam a população indigena e afugentam o estrangeiro, e não sómente ao clima que um naturalista inglez, Bates, que aqui residio annos, capitula de delicioso?

Acrescente-se a estas causas o pessimo alojamento e o máo vestuario, e parece-me que tambem ao homem e não á natureza unicamente deve de ser imputada a culpa do máo estado sanitario do grande valle. « Nada de roupa branca, diz Agassiz, nada de fato para mudar; depois da chuva que molha, virá o sol que secca. A incuria a tudo preside; nada de precauções, nada de hygiene e a apathia entrega o homem indefeso ás influencias deleterias. Sobrevem a febre e ceifa vidas e como a inercia tudo attribue á fatalidade, é a insalubridade do clima que se accusa e não a propria negligencia.[1] »

Bates e Agassiz, entretanto, exageram a benignidade do clima que, como typo dos climas quentes (média 30° cent.) e humidos, é máo. Não acredito que nenhuma raça estrangeira do norte possa aqui fazer prole perduravel, a menos que se não cruze com os elementos indigenas, tapuios, negros ou seus descendentes. Para o indigena, porém, o clima, beneficado pelas grandes correntes dos ventos alizios, é benigno, e seria até favoravel, sinão fôra a constante e flagrante violação dos primeiros preceitos da arte de conservar a saude. Ao forasteiro oriundo dos climas frios, elle será sempre fatal, fazendo assim d'este magnifico valle apenas uma região —proventura a mais bella e a mais rica de todas—de méra exploração mercantil.

CONCLUSÃO

« Apezar da deficiencia do estudo que acabamos de fazer sobre as raças cruzadas do Pará, sua linguarem,

[1] Conversações scientificas sobre o Amazonas, Rio de Janeiro, 1866, pag. 54.

suas crenças e seus costumes, póde-se, com os dados que apresentamos, concluir :

1.° As raças cruzadas do Pará estão profundamente degradadas.

2.° Ao meio e ás condições sociaes, politicas e religiosas, em que se deram os cruzamentos, se deve attribuir o lastimavel estado a que chegaram.

3.° Pondo de parte esse estado, o que é certo é que, relativamente, predominou n'essas raças o elemento tupi, mais do que o portuguez.

4.° A população da provincia que não pertence a estas raças, sentiu tambem essa influencia.

Fala-se já bastante entre nós na catechese do nosso selvagem. O apostolo mais eminente, e, é justo dizel-o, mais devotado, d'essa idéa, é o Sr. Couto de Magalhães.

Com quanto essa questão pareça não estar no dominio do nosso programma, vêr-se-ha, com mais attenção, que a elle se prende, pois do estado das raças cruzadas póde-se inferir as vantagens que ha a tirar dos cruzamentos.

E' opinião nossa—humilde como a individualidade que a emitte—que a catechese, por si só, é impotente para civilisar o selvagem. Por maior que seja a força da civilisação, ella nunca se imporá a um selvagem pelo unico contacto de um homem, por mais autorizada e eloquente que seja a sua voz e attrahente a sua doutrina. Com quanto a perfectibilidade humana seja um dogma que aceitamos e proclamamos, não cremos que a barbaria de seculos, a barbaria tradicional possa ser substituida pela civilisação, em um dia, em um anno, em annos mesmo e longos até, nem pelo missionario, nem pelo interprete, nem pela colonia militar.

O genero humano ha de ser regenerado pelo amor, como Michelet acreditava. E' o amor, isto é, o cruzamento em larga escala, sómente que poderá trazer á communhão brazileira essa raça infeliz que parece-nos fatalmente condemnada a morrer nas immensas florestas dos nossos sertões, sem outra luz mais do que a do sol esplendido d'esta terra.

Mesmo a catechese por meio dos cruzamentos temos

medo de aconselhar. Para ser proficua são precisas duas condições, a primeira : ser com uma raça energica e bôa ; a segunda : effectuar-se em um meio educador. Por outra fórma não.

A condemnação dos processos de catechese e civilisação dos selvagens do Sr. Couto de Magalhães achamos n'estas suas palavras : « . . . o indio catechisado é um homem degradado, sem costumes originaes, indifferente a tudo, e, portanto, á sua mulher e quasi que á sua familia.» E mais adiante : « A prostituição, que se nota em tão alta escala nas aldêas fundadas por nós, é a consequencia forçosa do aldeamento, o qual, trazendo a vida sedentaria a homens que não têem as artes necessarias para viver n'ella, sujeita-os á cultura da terra para um alimento inferior para elles; ao que com menor trabalho conseguiriam na caça e na pesca, emquanto pudessem livremente entregar-se a ellas na vida semi-nomada a que estão habituados. Dahi o desgosto, a preguiça, a ociosidade, que forçosamente corrompem tudo e criam a prostituição, a embriaguez e outros vicios. » Mais adiante ainda accrescenta : « Cada tribu que nós aldêamos é uma tribu que degradamos, e a que por fim destruimos com as melhores intenções e gastando nosso dinheiro. »*

A não ser o aldeamento, ahi condemnado, julgamos inexequivel qualquer tentativa de civilisação e catechese do selvegem. Só os cruzamentos com as condições que acima indicamos serão capazes, não de civilisar, no sentido absoluto d'esta palavra, mas de tornar-nos uteis ás raças selvagens. Por isso pensamos que o que ha a fazer, si essa medida fôr impossivel, é olvidal-as nas solidões das florestas em que vivem, embora sintamos profundamente que a evidencia dos factos nos obrigue a pensar assim.

E o que ha a fazer para arrancar as raças cruzadas do Pará ao abatimento em que jazem?

Pensamos qne nada. Esmagal-as sob a pressão

---

* *Obr. cit.* pags. 109, 118 e 190, da II parte.

enorme de uma grande immigração, de uma raça vigorosa que nessa lucta pela existencia de que falla Darwin as aniquile assimilando-as, parece-nos a unica cousa capaz de ser util a esta provincia.

E ai della si assim não fôr !

Foi assim que conclui este estudo na sua primeira edição. Hoje julgo dever fazer uma observação, que vem modificar a minha maneira de vêr ha tres annos [1] acerca do remedio a dar para arrancar as raças cruzadas do Pará (e Amazonas) ao abatimento em que jazem. Aconselhei então o seu esmagamento sob a pressão de uma raça forte que as aniquilasse na lucta pela vida. Não via que essa raça privilegiada não virá tão cedo, não virá talvez nunca, em razão das condições mesologicas da região, e alvitrei um expediente cujo principal defeito era ser inexequivel.

O estudo e a reflexão modificaram posteriormente a minha opinião, quiçá um pouco precipitada. Estou convencido, com o eminente Littré, que « problema politico consiste em utilisar no maior proveito das sociedades a força natural que lhes é propria» . [2] Aqui a força natural são evidentemente as populações indigenas, puras ou cruzadas com os conquistadores e colonisadores. Si me fôra permittido dar um aviso, era que as aproveitassemos em bem da vastissima e riquissima região amazonica.

Dizer como, é que não sei, nem é da minha competencia. A lei physiologica da divisão do trabalho, é tambem verdadeira e necessaria no organismo social. Mostrei com a maxima bôa fé e franqueza o que são essas populações, acompanhei-as desde que appareceram na nossa historia até hoje ; a outros, aquelles que, talvez sem consciencia da difficuldade da empreza, se mettem de hombro com os phenomenos sociaes, cabe a tarefa infinitamente mais ardua, de facultarem-lhes os meios de se

---

[1] Escrevia isto em 1880.

[2] *Fragments de Phylosophie positive et de sociologie contemporaine,* pag. 33, Paris, 1876.

desenvolverem progressivamente. Si este trabalho vale alguma cousa, sirvam-se delle no aproveitamento do elemento mestiço—o nosso verdadeiro elemento nacional— ; si não, façam novos e mais perfeitos estudos que lhes possam servir de base para a resolução d'esse difficil e momentoso problema. Em todo o caso, trabalhem.

JOSÉ VERISSIMO.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NESTE VOLUME

Parte primeira

AMADOR BUENO

MEMORIA

LIDA EM

SESSÃO DO INSTITUTO HISTORICO

PELO SOCIO EFFECTIVO

DR. MOREIRA DE AZEVEDO

O fim da historia é a verdade, diz Alexandre Herculano. Se nas suas apreciações póde o historiador ser contestado, não acontece assim nos factos, que deve esmerilhal-os, apresentando-os limpos e claros á luz da posteridade. Se convém o historiador prezar a verdade deve afastar as nevoas que obscurecem certos acontecimentos, e riscar dos livros da historia as tradições, que apezar de legitimadas pelos seculos, se emprestam poesia e despertam interesse, desfiguram a verdade historica, e tornam os factos das éras antigas ambiguos e cheios de mentiras e patranhas.

Demonstrou o distincto historiador Visconde de Porto Seguro que era mentirosa e ridicula a lenda do Caramurú apregoada por Simão de Vasconcellos e Rocha Pita. Outro nosso consocio Joaquim Manoel de Macedo elucidou duvidas relativas a factos da invasão hollandeza no Brazil. Ainda outro filho desta associação, que avantajados serviços já tem prestado á historia, á geographia

e ethnographia patrias, o senador Candido Mendes, além de outras uteis excavações, provou que não foram exactos no que escreveram de João Ramalho e Teberiçá os chronistas Pedro Taques e Fr. Gaspar da Madre de Deus.

Seguindo, ainda que de longe, sem pretenções, esses mestres desejamos pesquisar um facto que,referido por aquelles chronistas, tem passado como incontestavel. Apresentando as nossas duvidas appellamos para o juizo e critica dos doutos.

Depois de sessenta annos de sujeição á Hespanha acordou Portugal em 1640 e fez reviver os seus brios e renascer a sua nacionalidade. Acclamado rei em Lisboa D. João de Bragança fundou uma nova dynastia. Foi seguido pelas provincias e pelas colonias o exemplo da capital.

Entrando em 15 de Fevereiro de 1641 na cidade da Bahia uma caravella com a noticia da acclamação do rei, saudou o Brazil com enthusiasmo a independencia do povo, que fôra o primeiro em plantar em suas plagas a cruz da redempção.

Recebeu Luiz Dias Leme carta do marquez de Montalvão, o vice-rei, incumbindo-o de acclamar a D. João IV na villa de S. Vicente.

Referindo-se a este facto diz Pedro Taques : « Assim o executou com aquelle alvoroço que se devia esperar do jubileu da ventura dos portuguezes vendo-se livres do captiveiro que tinham soffrido sessenta annos no poder dos reis de Castella. »

Na villa de S. Paulo, apezar da má vontade dos Hespanhóes, fez-se a acclamação solemne do rei em 3 de Abril, do que se fez acto em camara nesse dia.

Fallam Pedro Taques e Fr. Gaspar da Madre de Deus na recusa da corôa de S. Paulo que nessa occasião fez Amador Bueno da Ribeira.

Escreve Pedro Taques :

« Não podendo os Castelhanos supportar a gloriosa e feliz acclamação do Sr. rei D. João IV de Portugal e II de nome entre os serenissimos duques de Bragança, formaram um corpo tumultuoso, e a vozes acclamaram por seu rei a Amador Bueno, intentando

com vencer com este barbaro e sacrilego attentado a constancia do honrado vassallo Amador Bueno.»

Continuando, diz: « Ficando S. Paulo com a voz de Castella. »

Eis já aqui duas opiniões contrarias apresentadas pelo mesmo autor. Se o plano dos Castelhanos era continuar a capitania sob o dominio hespanhol, como tentaram acclamar um rei?

Tratando deste acontecimento mostra-se muito contradictorio o chronista Fr. Gaspar da Madre de Deus.

Diz elle que S. Paulo desde sua fundação nunca reconheceu outro soberano senão os reis de Portugal; porém accrescenta logo adiante:

« Apezar de sinceros os moradores de S. Paulo, e ainda que fieis, bem poucos entre elles teriam a instrucção necessaria para conhecerem o direito incontestavel da serenissima casa de Bragança ao sceptro. »

Declara que os Hespanhóes conseguiram reduzir a plebe, e logo depois escreve que alcançaram ajuntar um grande numero de pessoas de todas as classes.

E se foi só a plebe que os Hespanhóes reduziram, como escreve elle que quando Amador Bueno recolheu-se ao mosteiro de S. Bento para escapar ás acclamações populares, mandou chamar com pressa os ecclesiasticos mais respeitaveis e alguns sujeitos dos principaes que não se achavam no concurso?

Não são concordes os dous chronistas que primeiro divulgaram o facto da acclamação de Amador Bueno para rei e da sua rejeição da corôa de S. Paulo.

Diz Pedro Taques que Amador Bueno salvou a vida do perigo em que se vio pelo corpo desta horrorosa sedição recolhendo-se ao mosteiro de S. Bento até ficar em socego o inquieto animo dos Castelhanos, que tinham fomentado o tumulto. Assevera Fr. Gaspar que encerrado no convento, mandou Amador Bueno chamar os ecclesiasticos e alguns sujeitos principaes; e o povo que até então não se convencera, agora nada mais foi necessario para se conduzirem aquelles fieis portuguezes como deviam.

Já aqui vê-se todo o povo figurando na luta e não a plebe só como a principio escreve o chronista.

E' incongruente o frade benedictino Frei Gaspar, quando diz que os Paulistas antigos veneravam summamente aos sacerdotes, principalmente aos regulares, e que descendo á portaria o abbade de S. Bento, acompanhado de sua communidade, com attenções entreteve a multidão, porém, não a convenceu. Se os frades poderam oppôr-se á onda popular, como não tiveram prestigio para fazel-a comprehender seus deveres?

Tendo os Hespanhóes forjado um plano, preparado uma revolução, resiste Amador Bueno ao seu criminoso intento, faz-lhes conhecer sua culpa e cega indiscrição, porém a sua repugnancia augmenta a obstinação dos conjurados que chegam a ameaça-lo com a morte se não quizer empunhar o sceptro, diz Frei Gaspar. Vendo-se neste perigo foge Amador Bueno, occulta-se e ainda assim é perseguido por todos que correm após elle, gritando —Viva Amador Bueno, nosso rei...

Entretanto bastam depois algumas palavras dos ecclesiasticos, de alguns sujeitos dos principaes e do proprio acclamado para tudo serenar, para a revolução parar repentinamente.

Falla Frei Gaspar:

« Todos arrependidos do seu desaccordo fôram, cheios de gosto, acclamar solemnemente o Sr. D. João IV com magoa dos Hespanhóes, os quaes para não perderem as commodidades, que tinham vindo procurar em S. Paulo, prestaram tambem juramento de fidelidade ao mesmo soberano. »

Só por não perderem as commodidades que desfructavam, abandonaram os Hespanhóes o seu projecto, esqueceram-se do seu arrojado plano e prestaram o juramento de fidelidade ao rei portuguez!

Acclamado em S. Paulo D. João IV, a camara e o povo desejando levar ao throno do rei os seus votos de adhesão e fidelidade e suas queixas contra os Jesuitas, nomearam a Luiz da Costa Cabral e Balthazar da Borba Gato para esta commissão. E na representação que dirigiram a el-rei, enumerando os recursos da capitania disseram elles:

« Mas para isso é necessario que encarregue V. M. da feitoria a pessoas de qualidade e experiencia antiga

neste estado bem como devem e foram duas que nomeamos a V. M.; é uma Domingos da Fonseca Pinto, provedor que até aqui foi da fazenda de V. M., ne tas capitanias, homem pratico e bem entendido e grande servidor de V. M., inteiro e verdadeiro; a outra é Amador Bueno, natural destas partes, homem rico e poderoso, bem entendido, capaz e merecedor de todos os cargos em que V. M. o occupar, porque nos de que foi encarregado deu sempre verdadeira conta e satisfação.»

Não referiram palavra alguma relativa á repulsa da corôa, o que era natural o fizessem, memorando ós merecimentos de Amador Bueno.

Agradeceu o soberano a obediencia dos Paulistas por carta firmada do seu punho datada de Lisboa de 22 de Setembro de 1643.

Tambem Amador Bueno foi enviado a Lisboa em Agosto de 1641, sendo eleito pelo povo e camara reunidos, para ir a Portugal como procurador dos Paulistas tratar dos negocios do bem commum.

Asseveram este facto Azevedo Marques e Varnhagem que diz haver consultado pessoalmente o archivo de S. Paulo.

E se elle tivesse sido escolhido pela plebe para receber a corôa não era natural que se ausentasse para acalmar a exacerbação dos espiritos? Continuou, porém, a residir na cidade e alguns mezes depois era eleito pelo povo para ir á metropole do reino tratar dos negocios do bem commum.

Examinemos se ha algum documento que comprove o facto da acclamação de Amador Bueno. Menciona Frei Gaspar uma patente de capitão e governador da companhia de officiaes reformados passada por Arthur de Sá e Menezes a Manoel Bueno da Fonseca em que se lê o seguinte:

« E quando não bastaram estes serviços era merecedor de grandes cargos por ser neto de Amador Bueno que, sendo chamado pelo povo para o acclamarem rei, obrando como leal e verdadeiro vassallo, com evidente perigo da sua vida, clamou dizendo que vivesse el-rei D. João, o quarto, seu rei e senhor, e que pela fidelidade

que devia de vassallo queria morrer nesta defensa, e respeitando em tão louvavel vassallo digno de grande remuneração, hei por bem nomear... »

Refere-se Pedro Jacques tambem a essa patente de capitão, mas não a transcreve.

Não sabemos se são essas as palavras de semelhante documento, porém se assim é, onde encontrou-as Arthur de Sá e Menezes para authentical-as? Além desse documento provar de mais, pois assevera ter sido Amador Bueno acclamado pelo povo, vê-se que apenas guiado pela tradição de um facto occorrido ha sessenta annos podia fallar Arthur de Sá e Menezes.

Azevedo Marques que tambem fez acurado exame no archivo da camara de S. Paulo mencionando a promoção de Manoel Bueno a capitão diz:

« O paulista Manoel Bueno da Fonseca é promovido ao posto de capitão por seus serviços e por ser neto do fidelissimo Amador Bueno da Ribeira »

E cita estas palavras como extrahidas do livro de provisões e cartas regias do archivo da camara, donde tambem Frei Gaspar diz haver copiado o que transcreve.

Acresce que o Sr. Dr. Assis Moura revolvendo os papeis daquelle archivo não encontrou registro das patentes dadas pelo governador Arthur de Sá e Menezes, e asseverou-nos que a citação feita por Frei Gaspar do livro de 1684— ás folhas citadas, contém registro differente do que elle se refere.

Vê-se pois que não foi este chronista exacto no documento que exhibio.

Tratando de semelhante escriptor escreve Candido Mendes:

« Portanto nossa opinião cada vez mais se firma acêrca de Frei Gaspar da Madre de Deus, pois é um chronista de fantasia; e não escriptor sisudo e verdadeiro em cujas proposições se possa confiar. »

Accrescenta mais:

« Os desvios de Frei Gaspar em muitos pontos da historia paulistana poem-nos de sobre aviso. Frei Gaspar preferia com todo o descanso escrever as suas memorias

encerrado na cella do mosteiro com os documentos que facilmente pôde colher, e os pios subsidios da sua casa, a ir revolver o pó dos archivos accumulado em mais de dous seculos ».

Diz esse chronista que se não leu, vio o testamento original de João Ramalho, e delle obteve copia authentica, mas hoje sabe-se que esse testamento não é verdadeiro, que infructiferas foram as pesquizas do conselheiro Amaral Gurgel, de Machado de Oliveira e do Dr. Martim Francisco Filho em procura desse documento, cujo original Frei Gaspar nem vio nem publicou, e nem outro qualquer chronista dá noticia de semelhante manuscripto de tal importancia.

Os outros documentos expendidos por Frei Gaspar em relação á acclamação de Amador Bueno são um alvará de D. Pedro II confirmando aquella patente, no qual, depois de se relatarem os serviços e merecimentos de Manoel Bueno diz o chronista que se lê o seguinte :

« E ultimamente por ser neto de Amador Bueno, leal e verdadeiro vassallo da minha corôa. »

E outro alvará de D. João V em que affirma haver estas expressões :

« Por ser neto do meu muito honrado e leal vassallo Amador Bueno ».

Nos documentos existentes no archivo da camara municipal de S. Paulo, referentes a Manoel Bueno da Fonseca, dos quaes obtivemos copia, como sejam o alvará concedendo-lhe o habito de Christo, o outro a tença annual de 12$ e as provisões de nomeação de juiz de fóra, e patentes de capitão-mór passadas pelos governadores Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, D. Braz Balthasar da Silveira e D. Pedro de Almeida Portugal não se faz referencia a ser Manoel Bueno neto de Amador Bueno *

Assim não ha documento algum que prove a acclamação e recusa da corôa por Amador Bueno, sendo este facto apenas uma tradição.

---

* Agradecemos ao Sr. Dr. Assis Moura as cópias de documentos do archivo da camara municipal de S. Paulo que nos enviou.

O proprio Frei Gaspar diz:

«Pela tradição constante entre todos os antigos e alguns modernos desta capitania sabem-se as mais circumstancias principaes do mencionado successo.»

Despindo o facto das exagerações populares, das tradições embusteiras e enfeitadas com que o vulgo costuma enredar a historia, vejamos como podem ser apreciadas a dedicação e fidelidade de Amador Bueno.

Desejando os Castelhanos, que formavam um partido importante na capitania de S. Paulo, aproveitar-se da exaltação dos animos em consequencia da expulsão dos Jesuitas em Julho de 1640, manifestaram má vontade e desgosto em vêr acclamado D. João IV. Não querendo perder a influencia que gosavam, vendo-se expostos aos ataques dos Paulistas e ás agressões dos Jesuitas, elles que dispunham de bastante força e de muito dinheiro, intentárão conservar a capitania na dependencia da Hespanha. Então Amador Bueno, não só por ser homem rico e poderoso, tendo exercido na capitania elevados cargos, como tambem pelas suas relações de familia, tendo duas filhas casadas com fidalgos hespanhóes, esforçou-se por dissuadil-os do seu intento, e conseguio acalmar os animos mostrando-se honrado e leal vassallo.

Pedro Taques, o primeiro que passou para as paginas da historia a tradição da acclamação de Amador Bueno, fallando de Dias Leme expressa-se assim:

« Pela sua grande autoridade teve a honra de ser eleito para ser elle que acclamasse ao Sr. rei D. João IV, estando naquelle tempo a capitania fortificada de Castelhanos de respeito, que fulminavam corpo tumultuoso, que não chegou a vencer o seu depravado intento de quererem conservar a capitania de S. Vicente e S. Paulo com a voz de Castella.»

E' este o facto historico.

Intentaram os Castelhanos conservar a capitania de S. Vicente e S. Paulo sujeita á Hespanha, porém Amador Bueno, leal e verdadeiro vassallo, afastou-os dos seus planos.

E nem é de crer que tentassem os Hespanhóes formar um reino da pequena capitania de S. Vicente, que em

1776 isto é, 135 annos depois da alludida acclamação de Amador Bueno, contava toda ella 116,975 habitantes dos quaes apenas 27,042 eram mancebos e homens de 15 a 60 annos.

Nem podiam os Hespanhóes unirem-se com os Paulistas pois os separavam o odio hereditario, a rivalidade de raças e a opposição de interesses. Diz o Dr. Martim Francisco Filho: «Se não encontraram occasião asada de entrar em combate, tambem tornou-se impossivel a sua approximação em qualquer época e sob o influxo de qualquer circumstancia.»

Entre os chefes da revolução apontados por Pedro Taques para darem a corôa a Amador Bueno não se nota um unico portuguez ou paulista.

Mas com que fim deram viso de facto historico á tradição adulterada da dedicação e fidelidade de Amador Bueno os chronistas Pedro Taques e Frei Gaspar?

E' facil responder:

Em sua obra *Nobliarchia Paulistana* desenrola Pedro Taques a sua genealogia que se prende á de Amador Bueno, e quanto á Frei Gaspar é o proprio que se jacta de contar o notavel Paulista entre os seus terceiros avós.

Quantos não desejam estender seus nomes ligando-os á elevada extirpe, quantos não querem descender de passados illustres e blasonam de grandes sem terem tronco nobre donde venham!

Escreve Candido Mendes:

« Os chronistas da Bahia e de outros pontos do Brasil, nos ultimos dous seculos padecem da mania nobiliaria, mostram pela heraldica uma irresistivel paixão. Mas forçoso é reconhecel-o não a exhibem com a intensidade dos da provincia de S. Paulo sobretudo Pedro Taques. E Frei Gaspar nada lhe fica a dever.»

Ayres do Casal accrescenta:

« Não havia povo tão enfatuado de nobreza como o paulista. Por vezes supplicaram a el-rei que lhes mandasse governadores senão da primeira grandeza do reino.»

Refirindo-se a Pedro Taques e a Frei Gaspar no que escreveram em relação a João Ramalho e a Teberiçá, diz Candido Mendes.

«Não se limitaram a esta lenda os dous chronistas, construiram outras ; mas a que causou maior estrondo foi a da famosa renuncia da corôa de Piratininga ou, como querem os enthusiastas, da corôa do Brasil por Amador Bueno em 1641 que havia pouco servira na camara de S. Paulo o cargo de vereador. Obra de pura imaginação e de vaidade genealogica, uma imitação da lenda bahiana, contra a qual protesta a verdade historica, e em que infelizmente vem ainda envolvida a ordem respeitavel de S. Bento. Se Pedro Taques foi quem inventou-a, Frei Gaspar procurou dar-lhe maior realce com as provas que procurou adduzir. Mas se provou, provou de mais.»

Se devemos honrar a memoria de Amador Bueno que portuguez patriota aplacou as suggestões dos Hespanhóes que tentaram unir a capitania de S. Paulo á Hespanha, e fiel e leal vassallo pugnou pelos direitos do seu rei, devemos apagar das paginas da historia essa tradição da renuncia da corôa, que alterada pelo povo, augmentada pela voz popular, tem atravessado seculos repetida por muitos historiadores.

Convém riscar da historia nacional esses factos mal averiguados, inventados pela imaginação dos escriptores com o fim de exaltar os seus maiores, de engrandecerem com tradições não provadas os seus antepassados. Na vida longa de um povo ha para lhe dar gloria e renome factos grandiosos, façanhas illustres, actos de valor e virtude que o historiador deve registrar e gravar nos annaes da historia que são tambem os da posteridade.

DIARIO DA VIAGEM PHILOSOPHICA

PELA

CAPITANIA DE SÃO-JOSÉ DO RIO-NEGRO

COM A

INFORMAÇÃO DO ESTADO PRESENTE

PELO DR. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

Naturalista, empregado na expedição philosophica do Estado.

(*Continuação do volume antecedente pag.* 288).

PARTICIPAÇÃO SEGUNDA

Embarcado em canôa ligeira e esquipada, larguei d'este porto pelas quatro horas da tarde de 23 de Abril.

Na distancia de uma milha para baixo d'elle, deixei, na margem meridional a roça do capitão secretario Joseph Antonio Carlos de Avelar. Serve-lhe mais de quinta de recreio do que de fazenda, de que tire lucro: especifico-a em razão de ser este o retiro, que, pelo gosto que d'isso faz seu dono, é algumas vezes frequentado pelos empregados na demarcação. Nem lucro nem divertimento algum dam as que desde as immediações da villa até a dita roça, ficam situadas sobre a margem do rio. Taes sam a da india Candida Maria; as dos indios Silvestre dos Reis, Sebastião Monteiro, Angelo de Lemos, e Alberto Gomes; a do tambor João Fernandes; a da india Barbara Maria; a do indio Joseph da Nazareth, e

no sitio vulgarmente chamado Juripari-tapéra a do outro indio Jacintho de Iturriaga. Nenhum planta mais do que a maniba preciza para o seu sustento ; o que mais curiosidade tem, cultiva alguns pés de café ; raras são as frutas, que elles procuram multiplicar ; apenas a pacova, a laranja, o ananaz, o abio : como hajam no mato o ingá, o umarí, as sôrvas grandes, e pequenas, o tapiribá, e acutitiribá, o bacurí, o piquiá, a maçaranduba, e outras, nenhum cuidado lhes dá a sua cultura.

Séguiram-se as roças dos indios Dionizio Maciel, Pedro Pereira, Francisco Membeca ; a do soldado Ignacio Nunes Balieiro ; a da india Josepha Maria, e a do outro soldado Patricio José da Silva. Ali se abre a barreira na enseada, que forma um pantanal, que é o que quer dizer o nome de — igapó. Pelas margens da terra firme, continuam as roças do indio João da Silva ; dos mamelucos José Antonio do Amaral, e Estevão Cardoso ; do cafuz Ignacio dos Santos ; da india Maria Gil ; do indio Manoel de Lemos ; do soldado Joaquim Joseph da Veiga, e dentro da foz do igarapé, chamado do Sturm, a do capitão director.

Chamou-se do Sturm, desde que no dito igarapé se fizeram as roças d'el-rei, sendo director da villa o capitão engenheiro Filippe Sturm. Situou-se agora na sua foz o director actual, para do pequeno sitio, que ali tem e cultiva, tirar o sustento da sua familia. Defronte da ponte inferior do sobredito igapó, ficam situados o indio Ignacio de Barros, a viuva do morador branco Antonio Pedro e o escrivão da ouvidoria, Filippe Serrão de Castro, que é o ultimo do territorio da villa. Dei-lhe o nome de roça, porque algum dia o foi ; presentemente nem elle, nem sua mulher a cultivam.

Pelas 5 e trez quartos, entrei no igarapé de Manacaóca, e pelas 6 passei pela roça do capitão de auxiliares Joseph Antonio Freire Evora : elle tem sido até agora o primeiro do territorio de Poiares ; aggregou-se este anno aos moradores da villa, em razão do lugar que exercita de juiz ouvidor interino, e como tal obrigado a residir para os despachos do expediente ; por

isso informei d'elle, e das suas lavouras, quando informei das que fizeram os moradores da villa. Dentro do mesmo igarapé ficava situado o morador do lugar José Rodrigues Pissinga, e ao sahir para a costa, o capitão de auxiliares Bento Joseph do Rego, em cujo porto entrei para pernoitar.

Aproveiteí o tempo, que pude, em inquirir d'elles a qualidade e quantidade dos generos, que cultivavam. Formalizou cada um por escripto a resposta ao que lhes perguntei ; sam as que vam inseridas no lugar que lhes compete. Segui viagem pelas 5 horas da manhan de 24, e pelas 6 aportei no lugar de Poiares, antigamente aldêa do Cumarú 5 leguas. Não vi rio algum pela margem austral; apenas o riaxo do Matanari. Pela outra margem do norte que eu não costiei, informam os praticos, e assim o escrevem os diaristas, que fazem barra, defronte d'esta villa, o riaxo Buibui, e depois d'elle, costa abaixo, os outros dois denominados Zamurúnaú, e Uiranaú.

Está situado o lugar sobre a elevação da barreira, que continúa pela margem austral; tinha 5 braças e meia de altura, quando então a medi; não vi, que houvesse no porto lugar algum de commodidade, e de segurança para n'elle se abrigarem as canôas de viagem, pernoita-se, quando é precizo, dentro do igarapé chamado Camanha, que lhe fica inferior. Não se póde montar acima do taboleiro, em que estam arruadas as cazas, sem se subir uma grande escada de madeira, já mui bem arruinada; o taboleiro é melhor que o d'esta villa; pelo seu comprimento está lançada a linha do arruamento das cazas com duas ruas de fundo, e outras tantas travessas, fóra da linha da frente, estam avançadas para a margem da barreira, umas trez casas que sam, a do principal dos Barés, Clemente de Mendonça, a do abalizado João de Mendonça, e a do principal dos Manáos, Sebastião de Souza. Tambem lhe fica avançado o curral do gado dos moradores.

No centro da linha da frente está situada a matriz; é uma igreja maior do que a d'esta villa, está coberta de palha, tem no altar da capella mór a imagem de Santo Angelo, que é o orago; um dos altares lateraes ficava

quazi concluido; estava n'elle um painel de Nossa Senhora da Conceição; não havia ainda altar, que lhe correspondesse do outro lado; havia sim outro painel do nascimento do Senhor: serve de ornato ao da capella mór, uma simples pintura, que lhe fez a curiosidade do Reverendo vigario ; o emadeiramento é feito de itaúba, e não deixa de estar conservado o que existe.

Pelo inventario que apresentou o Reverendo vigario, e o confirmou o director constava, que possuia uma pixide de prata dourada, com manto de melania guarnecida de retroz, dois calices de prata com suas pertenças, e para o concerto do pé de um d'elles, como tambem para o douramento interior do copo, concorreram o capitão Bento José do Rego, com a prata precisa; a mulher de Joseph Rodrigues Pissinga com o valor de 5 patacas em tabaco, que dêo de esmola, e o Reverendo vigario com o resto que faltou para 8$000 réis, em que importou a despeza.

Existia mais uma caixa de madeira, com trez vazos d'estanho, em que estavam os santos oleos; 6 castiçaes pequenos, que tambem eram de estanho, e 12 de madeira, 1 par de galhetas d'estanho, e 1 copo de vidro, que servia de vazo de communhão; 2 campainhas bôas, outras duas incompletas; 1 alampada de latão em bom uso e 1 sino.

Haviam 2 alvas de panno de linho, e não estavam arruinadas; a sobrepeliz era de esguião, que o Reverendo vigario mandou guarnecer de cassa lavrada ; as 2 toalhas de linho para o altar, estavam bôas; a unica de bretanha para a mesa de communhão, vi eu mesmo que ficava rota; existiam 3 frontaes de damasco guarnecidos de retroz, um todo branco, outro branco com sebastes encarnados, que tinham muito uso, e o roxo menos usado que os outros dous ; correspondiam-lhe as 3 casulas respectivas, que com a ultima, que d'esta villa remetteu o Reverendo vigario geral, novamente feita de damasco branco, com sebastes encarnados, faziam o numero de 4. A capa de asperges e o véo de hombros e a umbela eram de damasco branco, frangeado de retroz. O mais novo de tudo quanto possuia antes da nova casula que recebeo, era o palio de damasco encarnado, porque os

4 pares de cortinas de nobreza estavam já tão arruinados, que, sem manifesta impropriedade, se não podem applicar para a compostura das janellas. No mesmo estado se achava a unica manga de cruz que existia, e tinha duas faces para servir nas procissões e nos enterros.

A casa de residencia do Reverendo vigario está sita na mesma linha, e perto da igreja: é terrea e coberta de palha; tem portas de madeira, com fechaduras n'ellas, consta de duas casas exteriores e outras tantas interiores; sam com effeito pequenas; nenhuma d'ellas é assoalhada, ou pelo menos caiada por algum dos lados. O emadeiramento porém é bom, e fica bem conservado.

A da residencia do director tambem era terrea, e coberta de palha, mas tinha outra grandeza e asseio. Constava de trez casas de fóra, e outras tantas de dentro; todas ellas tinham as suas portas de madeira, porém não se communicavam com as outras trez casas, que serviam de armazem da povoação.

Existiam n'elle 8 armas de fogo, incluidas 4 de muito uso; um pequeno tacho de cobre; uma balança de pezar ouro; outra grande de braço de ferro, com os pezos desde duas arrobas, até meia libra; 17 ferros de cova já usados; uma enxó de fuzil; 2 enxós tortas; 5 ferros de canôas; 4 ditos de calafate; um martello grande, e outro de orelha de esteio; um formão; uma goiva; 3 verrumas ordinarias, e outra de meia caverna; 7 machados; 5 fouces; 6 ditas arruinadas; uma colher de pedreiro; dois arpões de peixe boi; um par d'algemas; 2 pares de ferros; um almofariz com mão de ferro; uma chocolateira; uma lanceta; 8 libras de pregaria velha; uma barra de ferro nova; uma arroba de chumbo; 16 libras de polvora, e 12 frasqueiras vasias de 12 frascos cada uma.

Eis aqui o que se achava na arrecadação possivel, em quanto existiram as sobreditas casas da residencia e do armazem; ambas ellas arderam na noite de 20 de Setembro sem restar mais do que o lugar, que occupavam.

Havia d'esta villa descido á povoação o Reverendo vigario Vicente Ferreira Leal de Barros, que é collado n'ella, mas interinamente parochia n'esta, pela auzencia

do Reverendo vigario geral, o qual sahio em visita. Aposentou-se na residencia do director, por estar então residindo na sua, o capucho frei Antonio de S. Joseph, que interinamente parochia n'aquella, em quanto o proprietario reside n'esta.

Achando-se porém na sua roça o sobredito director, incumbio o padre do cuidado da casa a alguns indios, que se lhe mostraram officiosos; e em quanto elle visitou ligeiramente a alguns dos seus freguezes, succedêo o que se diz, que um indio do seu serviço tivera o descuido de deixar sobre um pão de breu uma luz acêza e que inflamando-se o dito, communicára o fogo aos que existiam no armazem e a toda a caza. Os freguezes brancos nada sam affeiçoados ao Reverendo vigario: que ali houve descuido, é certo; mas por nenhum modo malicia. A devassa, a que procedeu o juiz ouvidor, não parece ter sido movida tanto em razão de officio, quanto de má vontade que lhe tem: que a perda foi grande, não o duvida o padre, mas que, a titulo d'ella, devidamente se escandeçam contra elle os queixosos, até ao ponto de o culparem, não descobre razão, que o justifique. Ardêo com effeito o que consta da relação seguinte:

DONOS	ARROBAS DE SALSA	DITAS DE CAFÉ	DITAS DE CACÃO	DITAS DE BREU	DITAS DE POLVORA	DITAS DE CHUMBO	ALQUEIRES DE FARINHA	DITOS DE SAL	POTES DE MANTEIGA	OBSERVAÇÕES
Da povoação....	»	»	»	»	1/2	1	»	2	»	Queimou-se-lhe a casa de residencia e o armazem, uma estante, uma mesa, uma vélanova de 40 varas de panno de algodão, e 2 frasqueiras vazias de 12 frascos cada uma.
Do director Pedro de Faria Mello............	»	18	40	»	»	»	403	4	6	Queimou-se-lhe a maior parte do seu fato, e de sua mulher e cunhadas. Fundiram-se-lhe 230$, que tinha em moeda de prata, todas as peças de ouro de sua mulher e familia, toda a prata de mesa, e o estanho da cozinha.
De João Manoel Rodrigues.....	»	51	»	89	»	»	45	»	»	Ainda salvou 80 @ de cafè entre o mais e menos queimado que escapou.
Do capitão Bento Joseph do Rego	20	»	60	»	»	»	»	»	»	
Somma.........	20	69	100	89	1/2	1	448	6	6	

Aos moradores brancos pertenciam trez casas ; duas estavam sitas na rua da frente, e a terceira na do fundo; presentemente mal se póde escrever, que existem duas, porque a do capitam Joseph Antonio Freire Evora, que já ha tempo se achava bastantemente arruinada, acabou ha pouco de se demolir de todo.

Persuado-me, que a tenção, que faz, é a de seguir os passos de seu genro: vio, que elle, sendo casado com filha de morador, sendo o mais abastado que n'esta villa

havia, e sendo finalmente o cirurgíão da tropa da guarnição, impetrou a licença, que requerêo, de deixar outro em seu lugar, e de se retirar para a cidade do Pará ; e desejando fazer o mesmo applica as diligencias que póde; razão porque nem emprega os 52 escravos, que tem, em lavoura alguma, como deixa escripto, nem reedifica a casa que tinha no lugar. Consigam-se umas poucas mais de licenças d'estas, que eu seguro a V. Ex., que bem cedo ficam a arbitrio dos indios os estabelecimentos, que tanto custaram a principiar. (*)

Aos indios ainda pertencem 40 casas por todas; em cada uma das ruas estam 13, e pelas duas travessas ficam repartidas as 14, que enchem a somma indicada. N'ellas se não incluem as dos indios Manoel Pereira Joseph de Macedo e João da Cruz, porque ficavam no chão. As do indio Thomé de Brito ainda então se principiava; o commum das que estavam em pé podia muito bem supprir. Todavia ha dois annos, que se fizeram de novo as 10, que vam incluidas no numero das 40, e são a do principal Clemente de Mendonça e as dos indios Bernardo da Cruz, Alexandre Joseph, Diogo Botelho, Hilario Monteiro, Ignacio Joaquim, Xavier de Moraes, Antonio Martins, Diogo Corrêa, e a da india Florencia de Souza. De 46 casas que eram, as que formalizavam o todo do lugar, incluidas as residencias, o armazem as casas dos brancos, e dos indios, reduziram-se agora a 43. As ruas não estavam capinadas, e para o fundo d'ellas haviam muitos charcos.

Da situação do lugar informarei, que não é a mesma, em que esteve no seu principio; teve-o no outro sitio chamado Caraby, que sim estava na mesma margem, porém na distancia de um dia de viagem acima de Lamalonga. D'aquelle se mudou para este, onde tomou o nome de aldêa do Cumarú. Assim chamam os indios a uma grande arvore, que ha, de madeira muito dura e compacta ; e como a havia no sitio para onde se mudaram, e pela sua grandeza e duração, se fazia notavel, d'ella tomaram o nome

---

(*) *Suppl. L. A.*

que deram á aldêa: o gentio porém a denominava a seu modo, porque, consistindo os signaes da sua bôa harmonia e conservação reciproca nos frequentes bailes e danças, com que se costumavam intreter, denominavam a sobredita aldêa, dando-lhe, na frase da sua lingua, o nome a que na geral corresponde o de Juripari-purasserendana, que val o mesmo na nossa que—Lugar de dança de mascarados.

Povoou-a o principal Aduana da nação Manoa; d'elle procede o principal Sebastião de Souza, que lhe succedeu no principalato.

Conseguiu-se d'elle estabelecer n'este rio uma aldêa das que eram as mais povoadas, e o arruamento das casas, ao longo do taboleiro da frente, se fazia espectavel, pela extensão que representava. Com a diminuição da população, tambem ella se diminuiu. Demoliram se palhoças inteiras, as quaes ficaram desertas, depois que o chamado sarampo grande devastou as aldêas dos dois rios, branco e negro.

Foi erigida em lugar, quando o foram as outras aldêas; tem tido oito directores desde Giraldo, até Pedro de Faria Mello. E' morador do lugar, porque n'elle casou, e estabeleceu as suas roças: ha 13 annos que o dirige; conta 47 d'idade; cumpre com as suas obrigações, e como elle, e o da villa de Moura, não tem este rio outro algum director. Outros tantos sam os vigarios, que tem havido desde o carmelita frei Braz de Santa Thereza até o padre Vicente Ferreira Leal de Barros, presbitero do habito de S. Pedro. E' a segunda vez, que o parochia, e o unico que n'este rio é collado. Não deve aos seus freguezes demasiado affecto e respeito.

Já fiz menção da ultima intriga, que se lhe machinou, por occasião de arderem as cazas da residencia e do armazem. Tambem adverti, que presentemente parochiava a igreja d'esta villa, na conformidade do que lhe ordenou o reverendo vigario geral, quando sahio de visita, nomeando, para interinamente parochiar no lugar, o capucho frei Antonio de São Joseph, que foi removido de Marabitanas.

Ao sarampo, que no estabelecimento da aldêa suffucou a sua população, ajunte V. Ex. cada uma das causas, que se lhe seguiram, e o coadjuvaram, para acabar de diminuir os indios, particularmente depois que se formalizaram as povoações em villas e lugares, e sahirão na somma total os coefficientes da sobredita diminuição. Entendo, que entre elles não esqueceram as investidas dos Muras, como foi a ultima, que deram pela retaguarda do lugar, em Maio de 1776. Desceram pelo rio Canauri; que entre elle e o lugar immediato do Carvoeiro desagôa no Rio-Negro, e avançando pelas 3 para as 4 horas da madrugada mataram o principal Thomaz e seu neto, e levaram sua mulher e 4 indias. Da diligencia a que procedeu o director acompanhado da gente do lugar, em seguimento dos referidos Muras, apenas resultou a tomadia de 7 ubás, em que teriam descido até 30.

Os indios moradores sam Manaos e Barés; do seu numero consta pelo mappa junto, n'elle vai indicada a differença, do que diminuio desde o 1° de Janeiro até 24 de Abril do anno corrente, e d'ahi por diante até a data do referido mappa diminuio em 2 indios, 3 indias, uma moradora branca, e um preto escravo, que faleceram. A differença da familia do capitão juiz ouvidor dura emquanto elle exercita o dito logar. Andavam auzentes 4 indios e mais 2 rapazes e uma india.

A agricultura, pelo que pertence aos indios, nenhuma novidade tem para melhor. Os que não sam indolentes, pouco ou nenhum tempo tem de seu, para cultivar a maniba, e alguns pés de café e de cacáu. O principal Clemente de Mendonça tem chegado a colher 5 arrobas de café; a india Helena da Cunha colhe 6, o indio Luiz da Cunha 4 até 5; André da Cunha 3 até 4; André da Silva 4 até 5; Bernardo Esteves 2 até 3 e Antonio Domingues 1 até 2.

Outro tanto dam de café a india Florencia de Souza, que tambem colhe 2 até 3 arrobas de cacáu; o indio Joseph de Matos, o principal Sebastião de Souza, que tambem tira as mesmas 3 de cacau; Joseph de Macedo 2 até 4; Filippe de Azevedo 1 até 2, e assim

por diante, cada um á proporção dos auxilios que tem, e do trabalho que applica.

Houve em outro tempo um cafesal do commun, que, quando principiou a fructificar, rendeo 10 arrobas; tinha sido plantado, na conformidade da ordem que de V. Ex. recebeo o Dr. intendente geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, para nas povoações da capitania familiarizar a cultura de um genero, que tão util podia ser ao commun de todas ellas. A' proporção que entraram os brancos a cultivar o café, se afrouxou da parte dos directores o cuidado, que deviam ter do cafezal do commun, nem o mandavam alimpar, quando era preciso, nem nomeavam operarios, que tratassem d'elle; razão porque, em vez de subir a colheita, diminuio de modo que a que ultimamente se fez, não passou de duas arrobas.

Representou-se por isso ao juiz ouvidor interino João Manoel Rodrigues, que do sobredito cafezal não só se não tiravam os lucros projectados, mas antes procediam as avultadas despezas, que no ar da sua malicia armaram os representantes para conseguirem o despacho, que se lhes deu. Porque, despachando o sobredito ouvidor, que se passasse a avalual-o, para ser vendido a quem mais désse, avaluou-se com effeito, como se quiz, e comprou-o o capitão Bento Joseph do Rego, que é quem hoje o possue. (*)

Os moradores brancos cultivam em toda a parte o mesmo; quero dizer, que a maniba e o café sam dois generos communs, o cacau, o tabaco, a cana, o milho e o arroz não tanto. No igarapé do Cuarú, que desagôa na margem boreal d'este rio, está situado o director. Ali cultiva a maniba e o café, podia ter fabricado este anno para cima de 1.000 alqueires de farinha, si lhe não faltassem os braços precisos.

Persuado-me, que montam acima de 40.000 pés de café, os que elle tem plantado, ha dois annos, e que d'elles colhêo 159 arrobas, e segundo a certidão jurada de 30 de Junho de 1784, a qual lhe passou o Reverendo vigario, póde seguramente colher cada anno 200 e mais arrobas, além de 500 até 600 alqueires

(*) *Suppl.* n. 1.

de farinha, que tambem póde fabricar, assistindo-se-lhe com os operarios. Possue no outro igarapé do Anibá, para cima de 30,000 pés de cacau, que agora principiam a fructificar.

O morador Joseph Baptista, que tambem está situado no igarapé do Cuarú, possuirá quando muito, de 400 até 500 pés de café. Tem chegado a colher 8 arrobas; a sua roça de maniba não rende mais que o sustento da sua familia. Do morador José Rodrigues Pissinga, não é precizo informar, porque elle o fez de si mesmo, na informação de 24 de Abril, que lhe pedi e elle aprezentou.

« No anno de 1770, me entrei a estabelecer em a boca do igarapé Pûca, aonde principiei a plantar o café e o cacau. O cacau todo morreu, o café ainda existe com alguma decadencia, por velho ; d'elle cheguei a colher 60 arrobas, e tem ido a menos. Fabrico annualmente vinte e tantas arrobas de tabaco, meu pouco de arroz, meu paneiro de farinha, e pelas terras não ajudarem, não é mais avantajado. Do café antigo haverão 5.000 pés, pouco mais ou menos, e do novo tenho plantado até 10.000, com bôas esperanças d'elle. Os escravos, que tenho, são 4 machos e uma femea, si bem que d'estes me anda auzente um. Tem morrido 7, entre 5 crias e 2 adultos de ambos os sexos. Poiares em 24 de Abril de 1786.—*Joseph Rodrigues Pissinga.*

P. S.—Este anno metti na real fazenda 80 alqueires de farinha, e declaro, que a gente assalariada, que tenho, é um indio, um pescador e duas indias.

Pelo mesmo theor informou de si o capitão Bento Joseph do Rego no papel que intitulou-o Declaração que me pede o Senhor doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, e dizia assim: — Fundei o sitio da boca do rio chamado Igarapé-puca, pela parte de cima do lugar de Poiares, donde sou morador, ha 20 annos, pouco mais ou menos, com dois indios, um rapaz e cinco indias, que os senhores governadores me fizeram sempre a graça de conceder, e nas occasiões de maior precisão, recorria aos

directores do dito lugar, assim ao presente, como aos seus antecessores, para me auxiliarem na fórma da lei do real directorio, o que sempre recebi dos ditos directores.

Passados trez annos, cheguei a colher do mencionado sitio, segundo minha lembrança, 35 arrobas de café, e de cacau nada, por me haver morrido todo, depois de estar em bôa figura a sua producção, e o mesmo depois me succedeu com o café; tudo por causa de ser muito inferior a terra, de forma que me vi obrigado a plantar novos cafezaes, com avultado numero de plantas, sem d'ellas receber fructo algum até que vieram tambem a morrer; e aquelle primeiro café, que escapou da mortandade, cada vez tem dado menos fructo, de forma que este presente anno virei a colher 44 arrobas; por cujos motivos, me tenho desanimado a fazer mais despezas, ainda que a final o estou decotando, e abatendo-lhe o mato que tem por entre elle crescido, só para acabar de ter o total desengano, de morrer de todo ou com o dito beneficio reverdecer, e poder d'elle vir a colher algum fructo.

As roças de facturas de farinhas na dita situação apenas produzem, e dam para o sustento dos operarios e familia de casa.

Metti gado na mesma situação com tão grandiosa despeza, em fazer pasto para o mesmo, mas com a infelicidade, que, em logar de produzir, morreu no decurso de alguns annos, até que o resto de duas vacas e um garrote, segundo minha lembrança, o tornei a levar para o dito logar de Poiares, donde o tinha trazido e ali se acha com o augmento que se vê, exceptuando trez, que depois comprei, e uma vitella que não é minha.

Na mesma situação tive ovelhas e cabras, das quaes sem duvida havia annualmente uma bôa producção; mas a onça, por varias vezes, m'as comeu, de fórma que tudo tambem transportei para o dito logar, onde a mesma féra as tem perseguido, além de outras que os mal intencionados matam, como tambem outras morrem de bixeiras, em razão do que bem pouco ou nenhum augmento tem.

Logo no principio do dito sitio, fiz as casas, que existem, na esperança que haviam de produzir as plantações, mas, vendo ao depois o contrario, deixei de as acabar, e

presentemente intento desmanchal-as, para me utilizar de levantar, com as suas madeiras, outras no referido logar de Poiares, onde ainda as não tenho, por causa de ter estado na capital, villa de Barcellos, no serviço de Sua Magestade, ha 18 annos e 3 mezes; exercicio este, que me tem atrazado muito, pela falta da minha assistencia, que ainda, que providenciada com feitores, estes venceram, e receberam os seus salarios, sem da sua parte satisfazerem ás obrigações do que deviam, e fazendo com os seus exemplos, que, na mesma fórma, o vencessem os mais operarios.

Na mencionada situação tenho feito algumas plantações de arroz, para a sustentação da familia, e remediar com algum aos particulares, e da plantação do anno de 1785, colhi cincoenta e tantos alqueires; e n'este presente anno, tenho plantado dous pequenos roçados, que ainda não sei o que renderão.

Por ultimo, vendo-me tão vexado com as circumstancias expostas da mencionada situação, me resolvi, com os referidos soccorros de operarios, a estabelecer-me novamente da outra banda do dito logar, no rio ou igarapé chamado Anibá, cujo estabelecimento fundei, ha 4 para 5 annos, sendo o primeiro roçado pequeno, em razão de ser feito já no principio do inverno, no qual plantei maniba, com que sustentei a gente do serviço, depois de estar madura, plantando ao mesmo tempo, no mesmo roçado, café.

O segundo roçado o fiz mais avultado, do qual tenho sustentado a familia e operarios, além de extrahir d'elle duzentos e tantos alqueires de farinha, que d'elles vendi á fazenda real da repartição d'esta capitania, cento e tantos, e o resto foi para o particular, tendo ainda uma grande parte da mesma roça para o diario sustento da familia e operarios, e me utilisei mais de plantar no mesmo roçado café e cacau, que já quer principiar a dar fructo.

O terceiro roçado tambem é alguma cousa grande, cujo tenho cheio de planta sómente de cacau, por entre a maniba, para factura de farinhas, das quaes não poderei vender nenhumas á real fazenda, nem

ao particular, em razão de me crescer a despeza com o sustento dos novos operarios da fabrica do anil, de que estou presentemente encarregado por ordem do Illm. e Exm. Senhor general João Pereira Caldas, commissario geral das reaes demarcações, e da mesma fórma virei a despender o arroz, que colher dos dous roçados já acima referidos, em razão do muito falto que é este rio, como Vmc. é sciente.

Na mesma nova situação tenho um bom canavial, o qual, e todas as mais plantações já referidas mostrarei a Vmc., quando ao dito districto chegar, para o qual me fico mudando; em razão das ditas plantações me mostrarem uma bôa subsistencia, e para que ao pé de tudo possa eu mesmo assistir ao trabalho, e toda a minha familia, visto ter-me recolhido do serviço de Sua Magestade.

Fiz requerimento ao Illm. e Exm. Senhor general do estado, para me fazer a graça de conceder-me licença para poder fabricar mel e aguardente de cana; e mandando o dito Senhor informar ao doutor ouvidor intendente da cidade do Pará, e informando o dito ministro, que se me podia permittir a pretendida licença, para estabelecer o engenho, que pretendia, ficando obrigado a pagar o subsidio literario na fórma que se pratica na mesma cidade; sobre a sua informação foi o dito Illm. e Exm. Senhor general servido conceder-me a licença pedida, por despacho de 26 de Fevereiro de 1785, com a obrigação de pagar o referido na informação do ministro.

Os escravos, que ha na casa, sam 2 pretas, 3 filhos, e 3 filhas, todos desde a idade de 11 annos até a de 4.

Sitio da boca do rio chamado Igarapé-puca a 24 de Abril de 1786. De Vmc. muito obediente servo e criado obrigado. *Bento Joseph do Rego.*

Do morador Jacinto dos Santos Coimbra, por alcunha o Mombaça, informarei, que, possuindo dous pequenos sitios, um em cada margem do rio, de nenhum trata quanto deve, porque elle proprio se inhabilita. No primeiro da margem em que está situado o lugar, e para baixo d'elle, conserva até 500 pés de café, e

alguns de cacau ; a maior colheita, que o dito café tem tido, foi a de 17 arrobas, além do 2 de cacáu. No segundo sitio da outra banda, possuirá, quando muito, até 3.000 pés de café ; d'elle tem chegado a colher 30 arrobas, pela occasião da safra.

A aptidão que elle tem para fabricar bem anil, quando quer, se inutiliza pelo abuso que faz dos meios. Encarregou-se de o plantar, requerendo a V. Ex. os dois indios e uma india, que lhe foram concedidos por despacho de 27 de Julho do anno proximo passado, e dizia assim :— O director do logar de Poiares assistirá ao supplicante com os dous indios e a india, que requer, para a factura do anil, a que se me tem obrigado, sem que na dita assistencia haja por modo algum falta ou desculpa : vigiará com tudo o director, si as mesmas pessoas se empregam no destino declarado, ou si em outro diverso, para me dar conta do que se praticar, pena de me ser responsavel, e as ditas trez pessoas serão mudadas de 6 em 6 mezes, pagas pelo producto do referido genero, na fórma regulada.

Compadecendo-se d'elle o director disfarçou quanto poude o abuzo que vio, que elle fazia dos meios, até que, desenganado pelo tempo, que nada fructificavam as suas advertencias, vio-se obrigado a denuncial-o em carta de 21 de Abril, que foi a que fez o objecto da resposta de V. Ex. em data do dia seguinte, de que ajunto a copia.

« Pela carta de Vmc. do dia de hontem fico certo do quanto n'ella me participa, a respeito do anil, que se me obrigou de promptificar o morador Jacinto dos Santos, e a quem eu por despacho de 27 de Julho do anno passado concedi os dois indios e a india, de que Vmc. me faz menção, tendo-lhe Vmc. de mais dado as outras duas indias, que, me diz, lhe requerêra o mesmo morador, para melhor effectuar aquella plantação ou sementeira ; porém havendo eu ordenado a Vmc. no referido despacho, de vigiar, que as ditas pessoas se não empregassem em outro destino, vejo, que Vmc. se descuidou muito da execução da minha advertencia, pois que devêra mais antecipada e mais frequentemente olhar sobre o que se fazia, e dar-me d'isso parte, porque não aconteceria assim, que o tal Jacinto dos Santos, em vez de semear ou plantar sómente anil, fizesse uma roça

de muitas outras plantações, que de necessidade devem diminuir o principal, e tão recommendado artigo do anil.

Concluindo n'esta intelligencia, em dizer a Vmc., que cuide em ser mais exacto no cumprimento do que lhe encarrego, para se poupar ao devido castigo, que, demais de ser removido d'essa direcção, certamente experimentará, si em outra similhante falta incorrer; e que ficando daqui a partir o doutor naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, elle disporá, e resolverá o que justo lhe parecer, sobre se conservarem, ou tirarem as mencionadas pessoas ao referido morador, conforme o que ahi melhor comprehender, a respeito d'aquelle objecto, observando Vmc. inteiramente o que elle assim lhe advertir e determinar; e procedendo da mesma forma, pelo que pertence á fabrica, que n'esse districto vai a erigir o capitão Bento Joseph do Rego, segundo, por outra precedente carta de 8 do corrente mez, tenho a Vmc. participado, e n'esta lhe torno a repetir, com toda a seridade e efficacia. »

Cheguei ao logar, como disse, na manhan de 24, e tendo nelle procedido ao exame que me facilitou a presença do mesmo morador, dei conta á V. Ex. do que a respeito d'elle resolvi, e é o que consta da copia da minha participação.

« Illm. e Exm. Sr.—Em cumprimento da ordem, que de V. Ex. recebi n'essa villa, para com a minha descida a este logar dispôr, e resolver o que melhor comprehendesse a respeito da roça do anil, que a V. Ex. prometteu de plantar, cultivar, e manufacturar o morador Jacinto dos Santos Coimbra, com a condição sómente de ao director do logar ordenar V. Ex., como realmente ordenou, que lhe assistisse com dois indios e uma india, na conformidade do despacho de 27 de Julho do anno proximo passado : participo a V. Ex., que, para constar da verdade do que a V. Ex. informou o director em carta de 21 do corrente, basta o depoimento, que faz o mesmo morador, que aqui se acha, e não nega, que o anil, que tem fabricado, não passa de 3 libras ; que o que póde fabricar desde o primeiro de Maio até o ultimo de Setembro, conservando-se-lhe um indio e duas indias, sam

29 libras; que acima d'esta quantidade não póde avançar, por não ter mais anil plantado, do que o que se acha entremeado de café, maniba, cana, e tabaco; além de outro insignificante roçado, que dará, na sua estimativa, até 6 libras.

Nem podia deixar de succeder assim, depois de ser vicioso, e tendo terras propriissimas na margem da povoação, resolver-se a plantar o pouco que plantou, nas terras da outra banda; difficultando por este modo, com as oito travessias, que é preciso fazer, de ilha em ilha, a inspecção do director; subtrahindo-se á ella, com os obstaculos do perigo e da longitude.

Pelo que, depois de varias altercações sobre o preço do anil, que elle diz, que promettêra fabricar á razão de 2$000 réis a libra, e depois de convencido, na presença do director, de não ter dado cumprimento á ordem de V. Ex., pareceo-me, que, em similhante caso, se devia primeiro que tudo, segurar os jornaes vencidos pelos indios, conservando-se-lhe o indio, e as duas indias, que requer, para no fim de Setembro, ter prompta a arroba, que se obriga a fabricar, na conformidade do papel incluso. Por que a dita arroba é a que basta para os pagamentos de 16$960, que estam vencidos, e de 12$000 réis, que devem vencer as trez pessoas requeridas, para com ellas aproveitar o anil plantado; debaixo da condição que assignou de no fim de cada mez, entregar ao director as quantidades fabricadas.

E concluida que seja a arroba, que promette, parece-me, que bem escarmentado deixa a V. Ex., pela primeira vez, para immediatamente que a receber, e que do seu producto mandar n'essa villa pagar os jornaes dos indios, suspender para o futuro a contribuição dos ditos; porque, a respeito dos lavradores pobres sim é lei da caridade christan e politica, dar auxilio aos que necessitam d'elle; mas o continual-o no caso que d'elle abuze o necessitado, é pôr-se V. Ex. nos termos de o não poder vir a dar aos que necessitam e não abuzam.

Deus guarde a V. Ex. pelos annos que havemos mister. Poiares em 24 de Abril de 1786. »

Pagamentos que deve o morador Jacinto dos Santos aos dois indios João Antonio, e Xavier de Moraes, e á india Christiana Rodrigues, que lhe foram dados no dia 7 de Agosto do anno passado, pelo director do logar de Poiares, para trabalharem na cultura e manufactura do anil, na conformidade do despacho de Sua Exc. de 27 de Julho do anno passado.

Ao indio João Antonio, pelo que vencêo desde 7 de Agosto de 1785 até 31 de Outubro do dito anno, em que foi rendido............	3$320
Ao indio Xavier de Moraes, desde 7 de Agosto dito até 2 de Outubro.................	2$200
A' india Christiana Rodrigues, desde 7 de Agosto dito até 22 de Outubro.................	1$500
Ao indio Cipriano, pelo que venceo desde 12 de Novembro de 1785 até 15 de Abril do anno corrente, abatidos 41 dias de ausencia...	4$480
A' india Antonia Ferreira, desde 2 de Fevereiro até 18 de Abril do corrente............	1$520
A' india Christina da Camara desde 4 de Novembro passado até 24 de Abril corrente.	3$400
A' india Paula da Camara, desde 27 de Março até 24 de Abril corrente................	540
Somma Rs....	16$960

Obriga-se o sobredito morador a promptificar desde o primeiro de Maio até o ultimo de Setembro do anno corrente uma arroba de anil, incluidas n'ella as trez libras, que já tem fabricado, para do seu producto, á razão de 1$000 a libra, satisfazer a quantia dos 16$960 réis, em que montam os jornaes vencidos, e a outra dos 12$000 réis que no espaço dos 5 mezes, que decorrem desde Maio até Setembro, vencer o indio e as duas indias, que pede, que se lhe conservem, para manufacturar o anil plantado, e fica obrigado a no fim de cada mez entregar ao director as libras, que tiver fabricado, e este

a arrecadal-as, em quanto S. Ex. lhe não pedir conta d'ellas.

Poiares 24 de Abril de 1786.— Pedro de Faria Mello, director.—Jacinto dos Santos Coimbra. »

Do que tudo deu a V. Ex. conta o director, pela parte que lhe tocava, resultando-me a satisfação de me ser approvado o disposto, conforme lhe respondeo V. Ex. em data de 30 de Abril. — Em resposta á carta de Vmc. datada de 26 do corrente mez, se me offerece dizer-lhe, que me parece muito bem, que vá pessoalmente assistir ao roçado, que para a fabrica do anil íntenta já principiar o capitão Bento Joseph do Rego ; e que a respeito do morador Jacinto dos Santos execute inteiramente o que deixou disposto o doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, assistindo-lhe até ao fim de Setembro com o indio e duas indias, que se lhe tem concedido, e arrecadando Vmc., em cada mez, o anil, que fôr fabricando, para n'aquelle tempo se achar prompta a arroba promettida. »

Não me esqueci, quando voltei do Rio-Branco, de visitar os roçados de ambos os moradores, e tanto de um como do outro informei a V. Ex., quando aqui cheguei; a saber, que o referido Jacinto dos Santos tinha quazi concluido a arroba promettida, e que o capitão Bento José do Rego ainda então tinha plantado só metade do roçado, e tratava de encoivarar a outra, por terem as chuvas embaraçado a perfeição da queimada, quando a fez.

Tal era o estado da agricultura de Poiares. Nenhum commercio faz, por que nem indios nem canôa tem para elle; havia sómente uma igarité já uzada, e um bote de nove remos por banda. A conjunctura não é a mais propria para se dar remedio ao que necessita d'elle. Mais do que póde faz V. Ex. em providenciar as urgencias de tantas e tão diversas repartições.

Barcellos 16 de Novembro de 1786.—*Alexandre Rodrigues Ferreira*.

Mappa de todos os moradores brancos, indios, e pretos escravos pertencentes á freguezia de Santo Angelo no logar de Poiares em 24 de Abril de 1786.

EXTRACTO

Todos os moradores brancos, indios, e pretos escravos	404
Todos os moradores brancos	23
Todos os indios	366
Todos os pretos escravos	15
Todos os fogos	44

Mappa das qualidades dos generos cultivados e colhidos pelos moradores brancos, e indios aldeados do logar de Poiares, ate 2 de Agosto de 1786.

EXTRACTO

Segue-se uma relação de 19 individuos, que colheram o seguinte:

Alqueires de farinha	863
Ditos de arrôz	34
Ditos de milho	30
Arrobas de cacau	68
Ditas de café	178
Ditas de tabaco	16
Canadas de mel	30
Ditas de aguardente	60

PARTICIPAÇÃO TERCEIRA

Eram 6 horas da manhan de 25, quando sahi de Poiares. Vi, que a sua barreira continuava, costa abaixo, até que em pouca distancia se internava para o centro, e deixava na margem um pantanal. Pouco depois se elevou outra vez, e da mesma sorte que da primeira, terminou em outro pantanal. Naveguei por entre ilhas mais e menos dilatadas, que sam as que estreitam o rio nos differentes canaes, a que por aqui chamam paranás-mirins : por entre elles navegam as canôas mais ligeiras, e para dentro d'ellas se acolhem as maiores pela occasião das trovoadas.

O que até então pude vêr e notar, pela margem meridional, foi primeiramente o igarapé, chamado do Limão, pelos muitos que ha na tapéra, onde está situada uma roça, e depois d'elle o outro que se lhe segue, e tem o nome de Xirinaú.

Pelas 3 da tarde, passei pela foz do rio Cauauri, que desagua á mesma margem ; representa ser rio maior que na verdade é. Foi em outro tempo habitado dos gentios Cauauricena, e Carajari : presentemente se acha deserto, e si alguem ainda o habita para o centro, não passa de um ou outro dos sobreditos Carajaris. Segue este rio costa acima, pela retaguarda da terra firme, em cujas margens estam situadas sobre o Rio-Negro as povoações de Poiares, Barcellos e Moreira. Na sua boca inclusive se acaba o termo d'esta villa, rio abaixo, segundo foi declarado na citada carta de 28 de Novembro de 1758.

Para o referido Cauauri tem algumas vezes passado o gentio Mura, pelo outro rio Anany, que com elle se communica. Continuando a navegar por entre ilhas dei

fé da tapera, que indica o logar em que no seu principio esteve situada a aldêa de Santo Alberto dos Cauauris, então povoada dos gentios Cauauricenas, aos quaes pelo tempo adiante se aggregaram os Aranacuacenas e outros.

Para baixo d'ella deixei o igarapé do Urupiahú, o qual disseram os indios, que de rio cheio se communicava com o Anany. Outros igarapés fui deixando, como foram o Quinhu, Boxiahu, Cuiahú, Zanahó, e Idipeidipe; e tratando de me approximar ao logar do Carvoeiro, cheguei a elle pelas 7 horas da noite. Na outra margem do norte não desagua rio algum; desaguam porem os riachos do Cuarú, Anibá e Manapixi.

Serve de base ao logar um curto e estreito lombo de terra, em que se eleva um ilhote da margem austral do Rio-Negro: a sua elevação é tão pouco sensivel de vencer, que nas grandes enchentes chega o rio a beijar o batente do alprende da igreja. Ordinariamente succede ficar a povoação alagada em roda, e apenas surge acima d'agua o pequeno teso, que occupa o arruamento das casas. No braço porém do rio, que a cinge pela retaguarda, se abrigam as canôas, que surgem no seu porto. Todo elle seca, quando o verão é grande, e a maior parte d'elle, quando é pequeno. Em cima do ilhote estam alinhadas com a precisão, que permitte o terreno, as 4 ruas de fundo, que formalisam o logar. Contei na linha da frente até 6 casas, incluidas n'ellas a residencia do Reverendo vigario, e a do morador branco Antonio Gomes, que já ficava no chão. Na segunda linha existiam 7, e na terceira 11; e na quarta, que era a mais comprida, incluí a de um indio, a qual não estava alinhada, e a da residencia do director, para contar 16.

Na elevação do ilhote para a frente do rio, está situada a matriz, que é pequena e coberta de palha: tem sua varanda terrea em roda, guarnecida de juçara, e consta de um unico altar, que é o da capella-mór, onde vi collocada a imagem de Santo Alberto. Serve-lhe de retabulo uma guarnição de madeira, superiormente aberta no tabernaculo, em que está a imagem de Christo Crucificado.

Vi eu mesmo, que possuia um calix de prata, com as suas pertenças, uma caixa de madeira para os 3 vasos de

estanho, em que estavam os santos oleos, 12 castiçaes do mesmo, entre grandes e pequenos, e todos elles arruinados, mais 2 pares de galhetas, que verdadeiramente serviam por não haverem outros, 1 vaso de communhão em bom uso, 2 campainhas, incluindo uma que já estava quebrada, 1 sino pelo mesmo modo, 1 alampada, que inutilmente estava dependurada, porque não sustinha o azeite, e 2 alanternas de folha em meio uso.

No numero das 3 alvas de panno de linho, que apresentou o Reverendo vigario, incluia uma demasiadamente rota. Ambas as sobrepelizes de bretanha para nada serviam: servia a que novamente mandou fazer o Reverendo vigario pelos emolumentos da igreja. Nenhuma das 5 toalhas para o altar deixava de estar esburacada; o mesmo notei nas outras 4 para as mãos.

Haviam 4 frontaes de damasco de differentes côres: roxo em bom uso, branco já mais usado, e dos outros dous nenhum tinha a decencia precisa para continuar a servir. No mesmo estado ficavam as 2 casulas correspondentes, e ainda outra de durante branco, com sebastes encarnados. Haviam comtudo umas trez, que ainda estavam novas. A capa de asperges branca com sebastes encarnados, e o véo de hombros branco, tinham bom uso. A umbella branca ficava muito traçada, e a manga de cruz de duas faces passava de enchovalhada.

A residencia do Reverendo vigario está contigua á igreja; é pequena, coberta de palha, repartida em trez casas, servindo-lhe de sala a de fóra, a qual nenhuma decencia tem, porque até a porta do corredor é cancella. As outras casas interiores sam tão escuras que de dia necessitam luz; as paredes de todas ellas estam alquebradas. O director, ha 7 annos, que mandou cortar madeira, para o seu reparo, segundo lhe ordenou o doutor ouvidor Ribeiro de Sampaio. Principiaram de então para cá as contribuições dos indios para o serviço regio, e ellas têm retardado a sua reedificação.

O director mora em casas suas, as quaes estam situadas na travessa, a que deu o nome o defunto morador branco Crispim da Silva: não ha casa de residencia para

elle; a que havia d'antes, e era contigua á do Reverendo vigario, se demolio com o tempo, e d'ella apenas existe uma pequena repartição, que serve de armazem. Arrecadava n'elle 5 clavinas incapazes, 8 machados, 5 fouces, 2 facões, 4 verrumas ordinarias, e 2 de meia caverna, 3 ferros de canoa, outras tantas enxós tortas, mais uma dita de martello, 2 ferros de cova, os pesos desde um quintal até uma libra de ferro, 50 prégos ordinarios e 12 de meia caverna, 1 arroba de chumbo, 16 libras de polvora, 50 pederneiras, e 2 alqueires de sal.

Ha em toda a povoação 7 casas de moradores brancos; a de Antonio Gomes ainda fica no chão, como a deixei; depois da minha subida, se reparou a de Izidoro dos Ramos Portugal; a do defunto Crispim da Silva, que era sem duvida a maior e melhor de todas, já hoje deve a sua firmeza aos espeques que a sustentam; as duas mais bem conservadas, sam as do director, e a de Angelo da Silva: os indios têm 33; as melhores são 18; incluidas umas e outras, sam 40 por todas as que existem no logar.

Ao reparo que fiz, de não estarem capinadas as ruas, satisfez o director com dizer-me, que de proposito as não mandava capinar, para não privar o gado da herva, de que se sustentava. Muito falta achei esta povoação de todos os meios para subsistir; a canoa grande do negocio estava pôdre. O bote das ordens de seis remos por banda não era seu; applicou-o para este fim o director, que é seu dono, em ordem a tel-o prompto, para as urgencias do serviço. Como não fez commercio este anno, não se lhe mandou guisamento para o altar; eis-aqui uma povoação que nem rende os 60$000 réis, em que importa a congrua do vigario. O mais, é que pagando Sua Magestade a referida congrua, haja ou não negocio, fica a obrigação de dizer missa dependente de o haver, para não faltar o guisamento de um cubo de hostias, 6 frascos de vinho, e 6 libras de cera, que é o que se entrega, quando ha negocio aos Reverendos vigarios dos logares.

Os indios moradores sam Manáos, Barés, Peralvilhanos, Umaiunas, Tarananas, Canauricenas, Aranacuacenas e Yumas. O seu numero consta do mappa respectivo. Depois d'elle dado no primeiro de Janeiro até 25

d'Abril não faleceu indio algum; ausentaram-se dous indios e um rapaz.

Estabeleceo-se no principio esta aldêa, na margem oriental do rio Cauaniri, na distancia de 3 horas de viagem acima da sua foz, donde se mudou para a margem austral do Rio-Negro e debaixo da invocação de Santo Alberto, se situou no logar, que presentemente se chama a tapéra de Aracary, pouco inferior á foz do rio Cauauri. Mudou-se para o logar em que está pela razão das doenças, que procediam das aguas encharcadas, nos alagadiços adjacentes. Tambem é dos logares, que se fundaram no anno de 1758, conta seis directores, desde o tenente Pedro Maciel Parente, que então era cabo de esquadra da companhia de granadeiros, até Manoel Pinheiro, que é casado, morador como os outros brancos.

Tem 55 annos de idade; ha 54, que o dirige: não mereceo de Deos o talento de discernir, e muito menos o desembaraço de praticar o que póde ser util á povoação, porém si lhe não faz bem, porque o não alcança, tambem lhe não faz mal, que outros bem alcançam, que o é, mas nem por isso deixam de o fazer ás povoações, que estam a seu cargo. Conserva os indios, sem os desgostar, porque não pratica com elles ás absolutas, de que ordinariamente procede o seu desgosto, e n'isto não deixa de fazer um serviço aceito. No mesmo espaço de tempo tem tido 13 vigarios, desde o carmelita frei João de Santo Elias até ao mercenario frei Antonio dos Santos Aula. Entende o que é da sua obrigação, cumpre com as que não póde dispensar, e si póde, nenhum meio omitte de dar ordem á vida.

Pelo que respeita ás lavouras dos indios, reportome ao que tenho dito dos moradores das outras povoações; todavia o indio official de sapateiro Simão Joseph cultiva um cafesal, donde tem chegado a colher 3 arrobas de café; do cacau, que nas terras da outra banda plantaram os moradores brancos, como foram o director Manoel Gomes, Antonio Gomes, Isidoro dos Ramos Portugal, Angelo da Silva, e Joseph Joaquim Gomes, nenhum pé chegou a fructificar; desenganaram-se d'esta, e mudaram para a outra cultura do café. No anno de 1785, quazi

nada colheram ; o que mais colheu no anno de 1784, foi o defunto Crispim da Silva, que colheu 35 arrobas, o director 7, e todos os mais, menos que isso.

Os cafezaes dos outros moradores sam ainda novos : o que possue o director, terá 8 annos de plantado ; elle e os mais apenas fabricam a farinha precisa para o sustento das suas familias.

A industria das indias mui remissamente se exercita em alguma cuia, que fazem, ou rêdes de algodão, que se lhes encommendam.

Sem gente, sem lavoura e sem commercio, não sei para que servem similhantes povoações ; servem de entreter as despezas, que particularmente faz a folha ecclesiastica, e ter separados os indios, que podiam estar mais unidos. Da sobredita despeza deu V. Ex. conta pela secretaria d'estado dos negocios da marinha e dominios ultramarinos, escrevendo no paragrapho da carta de 15 de Julho de 1778, que bem se podia evitar, abolindo-se uma quantidade de parochias estabelecidas em ridiculos e insignificantes logarejos de indios, os que podiam ficar comprehendidos nos districtos de outras maiores e competentes freguezias ; e reduzindo-se por outra parte em logares a arbitrio do general, que existisse outra quantidade de villas dos mesmos indios, que por demasiadamente diminuidas de habitantes, e por destituidas de toda a decencia, nem mereciam tal nome, nem que com os parocos d'ella se conservasse a despeza das maiores congruas de 80$000 réis, que só deveriam ficar competindo aos das villas, que houvessem de permanecer, e todas as mais reguladas pelas do vencimento de 60$000 réis, que correspondem aos outros vigarios das freguezias dos logares, e que no commun pouca ou nenhuma differença d'aquelles fazem...

Pelo que as villas de indios, que a V. Ex. persuadia o largo e individual conhecimento, que tinha do estado, que na capitania do Rio-Negro e n'elle dito se deviam ou podiam conservar, eram esta de Barcellos, como capital da capitania, e já povoada de diversos casaes de moradores brancos, além das pessoas que aqui residem, e que com uma competente guarnição de tropa

paga, constituem o seu governo civil e militar. A de Ega, no rio Solimões, ou parte do Amazonas assim chamado; a de Serpa na margem septentrional do dito das Amazonas, e a de Borba a nova, no rio da Madeira. Que todas as mais dentro n'esta capitania eram inteiramente superfluas, e que assim o podia segurar, e que reduzidas ellas a logares, e todos elles a menor numero de freguezias, se conseguiria, sem falta do pasto espiritual, uma economia, e não pouco proveitosa reforma de despeza da folha ecclesiastica das referidas povoações.

Tantas difficuldades que se venceram para as estabelecer, tantas despezas que se fizeram, e tantos arbitrios que se excogitaram, é para admirar, que tudo em tão pouco tempo assim se tenha frustrado? Porém não podia deixar de succeder assim: a regra é, que donde se tira, e não põem, falta.

Tiraram-se uns, e não se puzeram outros indios: sim forneceram-se os meios mas não todos. Despendeo-se o dinheiro, mas não se soube applical-o, vieram homens, mas não trouxeram braços: outros sim tiveram braços, mas não tiveram cabeças. E que cabeças deviam trazer para o estado, e para a capitania as differentes levas, que n'ella têm entrado? Como era possivel ao soldado, ao marinheiro, ao degradado, que fôram os que fizeram a maior parte dos colonizantes, entrarem no estado munidos dos conhecimentos precisos, para o adiantamento da agricultura, das manufacturas, do commercio, e da população, sendo gente esta, pelo instituto da sua vida, mais propria para destruir que para edificar!

Muito fizeram alguns em estudar a agricultura dos indios, que é outra casta de gente, que não tem domicilio certo: hoje aqui planta uma roça, em outro logar amanhan, si a terra de per si não produz, ella pela sua parte não trata de a beneficiar, a extensão do terreno é immensa, e esta mudança de uns para outros sitios consistio sempre a agricultura dos indios, e ainda hoje consiste a dos seus fieis imitadores. Não veio gente activa, como digo, não trouxeram instrumentos de lavouras; mas não se introduziram as machinas vivas nem mortas; não se beneficiaram ás sementes; e sobre tudo ainda não foi nomeado

para intendente das colonias um homem entendido n'este genero de estudos, que tivesse principios e experiencia, e que a côrte o houvesse enviado para este fim. Eis aqui outra causa da decadencia da agricultura, que eu passo á debulhar, como tenho feito ás outras.

Pareceo ao ministerio passado, e pareceo bem, que a agricultura era uma sciencia, que ensinava a cultivar bem a terra, em ordem a tirar-se d'ella todo o proveito possivel; que as producções da terra eram o bem mais real sobre todas as minas, o fundamento mais solido dos estados, e a verdadeira base do commercio; que a terra bem ou mal applicada, e as operações do campo bem ou mal dirigidas, eram as arbitras, que decidiam da riqueza ou indigencia dos habitantes, do augmento ou diminuição dos povos, da fortaleza ou fraqueza do estado.

Sabia bem Sua Magestade, que para desempenhar estas vistas eram precisos homens de experiencia e de doutrina, zelo e de probidade. Mas não se tendo até a reforma dos de estados em Portugal ensinado, nem aprendido n'elle os principios da agricultura, e instando por outra parte a necessidade dos intendentes, lançou mão de um dos jurisperitos de probidade, confiando certamente d'elle que a mesma facilidade e habito, que tinha adquirido, de estudar e praticar a jurisprudencia, adquiriria no estudo da agricultura, da população, do commercio, e das manufacturas do Pará, que tanto como isto confiou ao desembargador primeiro intendente geral do estado, João da Cruz Diniz Pinheiro, na honradissima carta regia de 30 de Maio de 1756.

« João da Cruz Diniz Pinheiro. Eu el-rei vos envio muito saudar. Tendo consideração ao zelo, prestimo e cuidado, com que tendes cumprido com tudo o que n'essas partes vos encarreguei, a bem do meu real serviço, e confiando de vós, que n'elle continuareis com o mesmo fervor em beneficio dos meus vasallos das capitanias do Grão-Pará, e Maranhão, e Piauhi : Hei por bem constituir-vos em todas e cada uma d'ellas intendente geral das colonias já estabelecidas, ou que se estabelecerem, do commercio, da agricultura, e das manufacturas, com jurisdicção distincta, e privativa nas referidas materias

politicas, para n'ellas determinares e obrares de accordo com o governador e capitão geral d'esse estado, e com o bispo actual d'elle D. Frei Miguel de Bulhões, tudo o que parecer conveniente ao serviço de Deus e meu, e ao bem commun dos povos das sobreditas capitanias, expedindo para os ditos effeitos as ordens necessarias a todos, e quaesquer ministros de justiça e fazenda, que serão obrigados a cumprir o que por vós lhes fôr mandado, sob pena de suspensão de seus officios; para o que fareis registar esta em todos os logares, que necessario fôr, e para onde houvereis de expedir as ditas ordens. E para constar, que as passastes de accordo com os sobreditos conferentes, bastará que assim o declareis nas mesmas ordens.

E hei outro sim por bem, que com o dito cargo conserveis os ordenados, que até agora vencestes nos logares que occupais, sem diminuição alguma. E que, em todas as terras a que passares, vos possaes servir dos officiaes de justiça, que houverem n'ellas, e que, sendo-vos neccessario ou conveniente escrivão proprio e privativo da vossa intendencia, o crieis com o ordenado, que deixo ao vosso arbitrio, á proporção do seu trabalho e prestimo; do que me dareis conta pela secretaria de estado dos negocios do reino para o confirmar, parecendo-me, como tambem de tudo o mais que entenderes necessita da minha real providencia. Escripta em Belém a 30 de Maio de 1756. »

Faleceu o dito ministro antes de principiar a servir, e em seu logar foi nomeado o desembargador da casa da supplicação Francisco Marcellino de Gouvêa. Mas que successo teve para o diante uma providencia, que tão util tem sido para os outros reinos? Sem duvida o que se devia esperar da vaidade, que em todos elles accenderam a toga e os emolumentos do logar, sem experiencia, sem doutrina e sem estudo algum da agricultura, do commercio e das manufacturas, para dignamente o exercitarem. Assentaram em bem poucas vezes fazerem á béca a irreverencia de a enxovalharem pelo campo. O arado nunca teve a honra de se associar com a vara. Para as passageiras visitas, que se fizeram, nomeou-se escrivão, mas nenhum lavrador foi digno de acompanhar

o magistrado. Em todas ellas se formalisaram autos de visitas, de devassas, de provimentos, e de nenhuma sahio uma memoria, uma observação, um pequeno ensaio da agricultura d'este ou d'aquelle genero.

Ao proprio general do estado era preciso geito, para recomendar-lhes a subordinação, o cumprimento das ordens agronomicas, e a assiduidade das visitas. O que tudo, pelo que tenho alcançado sobre as memorias que leio, parece, que só o doutor ouvidor geral das capitanias Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio praticou ao contrario dos seus collegas. Mas ainda assim tão escarmentado estava V. Ex. dos procedimentos dos outros, que, na occasião de para esta capitania subir o referido ministro, julgou necessario antecipar-lhe a instrucção, que lhe deo, no primeiro paragrapho da carta de 9 de Setembro de 1773.

« Estando Vmc. a fazer viagem para a capitania do Rio-Negro a tomar posse, e a exercitar o logar que Sua Magestade lhe conferio, e para que o seu merecimento o habilitou, de ouvidor d'aquella mesma capitania, devo lembrar a Vmc. os dous contrarios effeitos, que se seguem ao real serviço de Sua Magestade, da boa harmonia ou desunião entre os ministros e o chefe do governo, porque os povos sam os primeiros que na administração da justiça padecem as consequencias d'essas desordens, e n'este primeiro ponto consiste o principal objecto do mesmo real serviço, pois é conservar vassallos com socego e sempre á sombra d'aquella paz, que constitue a sociedade civil e tranquillidade publica; o que felizmente se consegue, obrando os membros subalternos, como no corpo humano fazem os mais, a respeito da cabeça, que, por ter uma jurisdicção superior, regula as funcções das mais partes, que concorrem unanimemente ao fim e acerto da acção, que no corpo civil tem por termo e objecto o servir bem e puramente a Sua Magestade, e quando por este interesse se não devesse pôr todo o cuidado na observancia d'esta politica e catholica maxima, ao menos pela propria conservação, credito e augmento, devem todos os empregados, nos distinctos logares do serviço de Sua Magestade, fazer por merecer aquella reputação, que certamente perdem, pondo

os superiores na presença do mesmo Senhor representações ou queixas contrarias as suas obrigações... »

Si bem que a harmonia, que com elle fez o governador não foi a mais bem entendida, tanto não deixou; aquelle ministro de vigiar pelo que estava a seu cargo, que, depois de haver merecido a Vossa Excellencia a approvação do que havia obrado, mereceu a honra de confiar-lhe o plano do que havia obrar, segundo o espirito da carta de 28 de Abril de 1777.

« O officio, que Vmc. expedio aos directores das povoações de indios d'essa capitania, e de que me fez vêr a copia inclusa na sua carta de 12 de Janeiro do corrente anno, me mereceo a mesma estimação, que sempre faço de todos os papeis de Vmc., tendo n'aquelle advertido Vmc. em resumo todo o espirito das minhas ordens, que então aos mesmos directores participou.

O zelo de Vmc. e a sua reconhecida instrucção me tem summamente esperançado do progresso, que deverão d'ahi fazer todas aquellas providencias e instrucções, quando não sendo delicadezas, e sim cousas geraes de notorio conhecimento e o mesmo que as reaes ordens determinam, se fazem só difficultosas para homens materiaes, ou para aquelles que, preoccupados de tortas e abusivas ideias, lhes parece mal tudo que é novidade, e encontra os seus rançosos e as vezes mal intencionados systemas.

Uma correição de Vossa Mercê, feita com alguma demora pelas povoações, observando miudamente o estado d'ellas; si o directorio e todas as ordens, que estam em observancia se acham em registo, e com as competentes notas das suas alterações ou derogações; si as contas, livros do commercio, inventarios, cadernos e relações se acham em tudo conformes com o ordenado methodo; ou si não se achando coherentes, emendando-se, explicando-se até se perceberem; o exame da propriedade das terras para a qualidade da lavoura, e de plantações em que cada povoação se deve empregar; e o da qualidade do negocio das drogas do sertão, que lhe póde ser mais util e de menos incommodo, observando-se demais que o sobredito, a

conducta do director, e o que faz, ou deixa de fazer em cada anno, em toda a extensão das suas obrigações, para ser favorecido ou castigado, conforme o seu merecimento: a dita correição, digo, assim effectuada, e sempre praticada nas seguintes conjuncturas, será sobre tudo o que anime, e estabeleça, e radique nas referidas povoações, quanto fôr possivel conseguir-se de vantagem e da pretendida felicidade; que de outro modo, como tambem a respeito d'esta capitania, penso sempre havemos de ter, por certos obstaculos, a ignorancia, a malicia, e as costumadas affectações dos directores, quando d'elles sam tão raros os bons, que se encontram, segundo a experiencia nos está continuandamente manifestando.

Muitas outras cartas havia Vossa Merce dirigido aos intendentes, para os pôr na intelligencia do que deviam obrar; e de nenhuma d'ellas se esqueceu de fazer especial menção ao defunto ouvidor geral da capitania do Pará, João Francisco Ribeiro, por occasião de ficar elle substituindo interinamente o logar de intendente, como consta da carta de 22 de Março de 1779, e da relação inclusa sobre a nomeação, que em observancia do que a rainha, nossa senhora, me mandou praticar em Vossa Mercê, fiz para o desembargador João de Amorim Pereira substituir no logar de intendente geral do commercio, agricultura e manufacturas d'esta capitania, lhe passei em 13 do corrente um aviso, para debaixo da devida arrecadação remetter ao juizo de Vossa Mercê todos os autos e mais papeis, que em seu poder parassem, e no cartorio do escrivão que com elle servia; e porqne n'aquella entrega se devem precisamente comprehender todas as originaes ordens, que ao sobredito ministro tenho distribuido, sobre diversas materias da sua intendencia, a que Vossa Mercê na succossão fica obrigado a responder. Acho conveniente de participar a Vossa Mercê d'aquellas principaes ordens, que indispensavelmente lhe devem ficar, a relação inclusa assignada pelo secretario do estado, para que Vossa Mercê por ella mais facilmente as receba, e do seu conteúdo se possa instruir, afim da fiel observancia e execução do que recordam e estabelecem de opportunas providencias;

mandando Vossa Mercê registar nos livros da intendencia aquellas que com a indicação dos seus numeros, em separação se notam na mesma relação, caso que com effeito ainda registradas se não achem, mandando tambem este, e a dita relação juntamente registar, e remettendo-me logo certidão de tudo o referido assim se haver cumprido e executado.

Deus guarde a Vossa Mercê. Palacio 22 de Março de 1779. »

Relação das ordens que mais importantes e relativas ás povoações de indios, commercio, agricultura e manufacturas se expediram ao desembargador intendente geral João de Amorim Pereira, desde 13 de Novembro de 1772 até ao fim de Dezembro de 1778, cujos originaes elle dito desembargador deve entregar ao doutor ouvidor geral da capitania do Pará, que para o substituir n'aquelle logar se acha nomeado.

1772

1. Aviso de 23 de Novembro, e com cópia n'elle accusada.

N. B. Para o mappa n'esta ordem determinado se deu ultimamente um mais aperfeiçoado modelo, que deve existir na thesouraria.

1773

2. Aviso de 28 de Fevereiro.

3. Aviso de 15 de Setembro, com a cópia n'elle inclusa.

4. Dito de 10 de Novembro, com a relação n'elle inclusa.

1774

5. Aviso de 4 de Janeiro, com a cópia n'elle inclusa.

6. Dito de 30 do mesmo, com a copia e modelo da relação que n'elle se accusam.

7 Dito de 7 de Fevereiro, com a cópia n'elle inclusa.
8 Dito de 14 de Julho.
9 Dito de 5 de Outubro.
10 Dito de 12 do mesmo.
11 Dito de 12 de Outubro.
12 Dito de 24 do dito.
13 Dito de 25 do mesmo.
14 Dito de 8 de Novembro.

1775

15 Aviso de 4 de Janeiro.
16 Dito de 29 de Maio.
17 Dito de 14 de Outubro, e com o modelo do mappa n'elle referido, que proximamente se apromptou mais aperfeiçoado.
18 Dito de 16 de Dezembro, com as cópias n'elle accusadas.

1776

19 Aviso de 1 de Fevereiro, com a copia n'elle inclusa.
20 Outro da mesma data.
21 Dito de 12 de Junho, e com a cópia da pauta n'elle inclusa.
22 Dito de 28 do mesmo, e com a cópia da instrucção n'elle inclusa.
23 Dito de 28 de Agosto.
24 Dito de 2 de Setembro, e com a cópia n'elle inclusa.
25 Dito de 19 do mesmo.
26 Dito de 10 de Outubro, e com a cópia n'elle inclusa.
27 Dito de 19 de Novembro.
28 Dito de 20 do mesmo, com as duas copias n'elle inclusas.

1777

29 Aviso de 17 de Março, e com as copias de duas receitas n'elle iuclusas.

30 Dito de 8 de Abril.

31 Outro da mesma data.

32 Aviso de 17 de Maio com a copia n'elle inclusa.

33 Dito de 28 do mesmo.

34 Dito de 19 de Agosto, e com a copia n'elle inclusa.

35 Dito de 24 de Outubro, e as duas portarias n'elle accusadas.

36 Aviso de 31 de Outubro, copia, e formulario da relação.

37 Dito de 23 de Dezembro, e com a copia n'elle inclusa.

1778

38 Aviso de 24 de Setembro.

39 Dito de 5 de Outubro.

40 Dito de 7 do mesmo.

41 Dito de 10 do mesmo.

42 Dito de 30 de Dezembro, e com a copia n'elle inclusa.

43 Outro da mesma data, e com o modelo do mappa n'elle incluso.

44 Outro tambem da mesma data.

ADVERTENCIA

Como dos sobre ditos avisos em alguns d'elles indicados no anno de 1772 com o numero 1, no anno de 1773 com 2, 3 e 4, no anno de 1774 com os de 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14, e no anno de 1775 com os de 15, se não determina expressamente, que nos livros da intendencia se registassem; caso que com effeito assim o não estejam, se deverão logo todos registar para, com os

mais referidos, ficarem perpetuando o conhecimento do que por elles se ordenou. Pará a 22 de Março de 1779. Marcos Joseph Monteiro de Carvalho. »

Tão pouco cuidado tinham estas e outras ordens merecido aos intendentes, que, estando o referido ouvidor para sahir de visita, pela repartição da intendencia se vio V. Ex. obrigado a dirigir-lhe o officio de 15 de Maio de 1779.— «Achando-se Vossa Mercê disposto a sahir em correição por esta comarca, e a ir fazer juntamente a visita da intendencia ás povoações de indios d'ella, visita de que escandalosamente por proprio arbitrio, e com total esquecimento da sua obrigação ha cousa de quatro annos em uma parte da capitania, e de cinco em outra, que se achava suspensa pelo desembargador João de Amorim Pereira seu antecessor, sem a menor causa ou motivo que para a mesma escandalosa falta houvesse; fazendo assim tão inutil o exercicio do seu logar, como infructuosa e indevida toda a despeza do ordenado, que elle e o seu escrivão percebiam da real fazenda;

Eu me não posso escusar de fazer a Vossa Mercê as maiores e mais efficazes recomendações do quanto é necessario, que na sobredita visita Vossa Mercê proceda com tanto mais circumspecção e vigilancia, depois de saber a desordem, e o atrazo em que se acham as referidas povoações, pela expressada falta de visitas, e de se não ter conhecido n'ellas dos respectivos directores; os quaes cuidando de ordinario, e quazi geralmente só nos seus proprios interesses, outro tanto, como ao dito seu antecessor, tem importado a execução das reaes ordens, e das minhas zelosas recommendações e continuadas providencias; não tendo estas assim produzido o esperado e pretendido progresso, quanto ás plantações e sementeiras dos differentes e importantes generos do paiz, que como muitos outros objectos do interesse das mesmas povoações do estado e do real serviço, por mim foram, e têm sido recomendados, e em muita parte determinados, desde o principio do meo governo, segundo bem persuadem, e fazem evidente as proprias ordens, que áquelles fins tenho distribuido, e a Vossa Mercê mandado entregar,

para o pôrem no conhecimento, e por ellas poder indagar sobre a sua observancia ou falta de cumprimento.

Regulando-se Vossa Mercê principalmente pelo que, na de 17 de Maio de 1777, aqui por copia junta em resumo ao seu antecessor, preveni sobre o modo e cuidado, de em similhantes visitas se conduzir, que é o mesmo que a Vossa Mercê agora advirto, para a sua execução ficar responsavel ; lembrando-se Vossa Mercê de ir fazendo todas as averiguações com que deve encher o estabelecido mappa, para a conta que me ha de dar das resultas da sua visita, promovendo e tomando exactas contas sobre a bôa arrecadação dos dizimos; e influindo aos directores, parocos, e officiaes das povoações, para que; a beneficio d'ellas, e dos moradores do estado, procurem, e quanto poderem, e diligenciem o seu augmento. pelo meio dos descimentos, tantas vezes e tão particularmente recommendados, este aviso fará Vossa Mercê registrar nos livros da intendencia, para ficar constando do seu conteúdo. »

Que elle se não esqueceu de dar a V. Ex. uma demonstração do respeito, com que recebeu a ordem de vigiar pelo que estava a seu cargo, bem o deixa vêr o provimento, que deixou em um dos livros do commercio do logar de Carvoeiro, que casualmente folheei, onde em bom portuguez escreveo e assignou a resolução seguinte : Mais lavouras e menos mappas — que eram os que por V. Ex. estavam ordenados aos directores, para o perfeito calculo da população recomendado pelo ministerio, e por conseguinte para o perfeito detalhe da gente do estado.

De um corregedor d'estes bem se póde escrever, que nem corrigio, nem foi corrigido : d'isto ainda não sabia V. Ex., quando ao Illm. e Exm. Sr. Martinho de Mello Castro dirigio a conta de 26 de Janeiro de 1780, em que propoz o seguinte :

Intendentes ou inspectores da agricultura, e com mais conhecimento d'ella do que da jurisprudencia, seria uma das ditas providencias bem precisa e util áquelle fim ; e fazendo-se a sua nomeação com a devida escolha, não seria certamente baldada a despeza dos seus ordenados,

quando elles ditos inspectores, com as ponderadas qualidades, e aqui mesmo nomeados, muito poderiam influir para o maior e pretendido progresso da mesma agricultura, principalmente a respeito das povoações de indios, que só a cargo dos directores nunca poderão muito avançar, não havendo quem sobre elles vigie, e ficando assim em tanta mais liberdade, para só os seus particulares interesses lhes importarem.

Deveriam ser dous inspectores para esta capitania, um quanto á parte da cidade e seus visinhos districtos, e outro para a parte do sertão, desde a foz do rio Tocantins até a extremidade da mesma capitania, e deveriam ser outros dois para a capitania do Rio-Negro ; um dentro do dito rio, e outro para o dos Solimões, da Madeira, e restantes povoações no das Amazonas estabelecidas; e como os ordenados que deveriam dar a estes homens, moradores d'este mesmo estado, bastaria, que fôssem muito mais modicos d'aquelles que até agora percebiam os inuteis intendentes letrados, me parece, que não poderá ser essa despeza de consideravel importancia, nem de difficuldade em se determinar.

A não ser assim, já disse a V. Ex., que seria então mais que bastante, que a jurisdicção dos intendentes d'esta capitania se unisse á dos ouvidores, como interina e presentemente está acontecendo em virtude do que Sua Magestade me ordenou e a V. Ex. informado tenho ; mas este systema não é na verdade bom, e nunca de nenhum proveito será. Eu, além do zelo de que me acompanho do real serviço, falo a V. Ex. com bastante experiencia d'este estado ; e o progresso que tem feito o Macapá, ajudadas as minhas disposições do prestimo e da actividade do governador Manoel da Gama Lobo de Almada, é não pequena prova das minhas imaginações.

Quanto aos Exms. Srs. generaes, que têm governado o estado, desde o Illm. e Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado até V. Ex., e de V. Ex. até ao Illm. e Exm. Sr. Martinho de Souza Albuquerque, alguns não promoveram a agricultura, porque não puderam. Alguem houve, que pode, mas dominava n'elle outra paixão ; para V. Ex. estava reservado o pôr mãos á obra.

Não a tem podido continuar igualmente os que se lhe seguiram, porque o mesmo obstaculo, que experimentou o primeiro, se offereceu aos ultimos. Quero dizer, que a liberdade dos indios, que tanto custou a radicar no estado, e a diligencia da demarcação passada ataram as mãos ao primeiro, esgotando-lhe os poucos indios que escaparam da epidemia das bexigas, as poucas lavouras que se fizeram, e os poucos meios que se lhe offerecêram. Todavia formalisou as povoações, trabalhou no directorio d'ellas, e para assim dizer, lançou a primeira pedra no edificio, que consagrou á agricultura do Pará. Cujo desenho não pôde fazer executar completamente o Illm. e Exm. Sr. Manoel Bernardo de Mello Castro, porque tomou posse do cadaver de um estado, fallido de gente, atacado de horrorosa epidemia das bexigas, e para dizer tudo em pouco, ameaçado dos trez flagellos da peste, da fome e da guerra.

Durante o governo do Illm. e Exm. Sr. Fernando da Costa de Atahide Teive, não se póde duvidar, que muitos meios se se applicavam, mas poucos d'elles se não baldavam. Desembarcaram na cidade os Suissos, que se estabeleceram em Villa Vistosa de Nossa Senhora da Madre de Deus, dentro do rio Anarapucú, que desagua na margem boreal do Amazonas, e nem para os referidos Suissos, nem para a gente do estado, nem para o serviço e augmento das rendas de Sua Magestade foi util similhante estabelecimento, frustrando-se por conseguinte as despezas que com ellas se fizeram. Em Novembro de 1769 chegaram as familias de Mazagão, de cujo estabelecimento sabe V. Ex. os desgraçados successos, que tiveram, ellas por uma parte, e a fazenda real pela outra.

Contribuio com a despeza, que fizeram no transporte de Mazagão para Lisboa, sustentando-as naquella côrte, emquanto não embarcaram para o Pará. Contribuio com a despeza do transporte de Lisbôa para o Pará, sustentando-as n'aquella cidade, emquanto as não mandaram sepultar nos pantanaes de Villa-Nova de Mazagão, donde nem podiam ser uteis para defensa da fortaleza do Macapá, tanto por mar como por terra,

nem para os estabelecimentos agronomicos, que certamente dependem de outra casta de lavradores, de outra temperatura d'ar e de outra fertilidade de terreno, de modo que nem veio a praça a ter soldados com que contasse, nem o estado lavradores que o enriquecessem.

Contribuio comtudo com a despeza das casas, que se fizeram para cada uma das familias, quando ultimamente se concluio o seu estabelecimento, chegando a importar cada uma das referidas casas em 200$000 reis no principio, porque mais que isso importaram, depois que foi preciso ir cortar mais longe as madeiras para a sua construcção; além de a sustentar pelo tempo de um anno, e as prover de armas, enxada, serra, machado, verruma, &.

Não falo das exuberantes sommas de dinheiro, que então dispendeu Sua Magestade com o mesmo estado, não sem o desgosto de vêr muitas d'ellas bem mal applicadas. Sem um palacio de residencia de bons duzentos mil cruzados de despeza, e sem uma fortaleza de mais de milhão no Macapá, não ficou a capitania, mas sem as ajudas de custo, e sem os abonos que a fazenda real requeriam a agricultura, o commercio e as manufacturas ficou, e ainda hoje ficaria, si á zelosa administração de V. Ex. não passasse a dever o orçamento de toda a despeza voluptaria em coallisão com a necessaria.

Assim consiste muita parte da gloria do seu governo, em não ter V. Ex. todo o valor de vêr, a sangue frio, evaporar-se a substancia, em que consiste a alma do governo. Sim achou V. Ex. n'aquella cidade um palacio magnifico, mas dentro d'elle os cuidados de se pagar á tropa o que se lhe devia ; o que não faria em parte, si não tivera trazido os duzentos mil cruzados que trouxe, além das avultadas sommas, que foi recebendo ao diante, e de que tratou de fazer uma mais bem proporcionada applicação. Isto porém é o que, dentro dos limites do obsequio e da modestia, ponderou V. Ex. mais clara e circumstanciadamente na memoria, que me fez a honra de facilitar, a qual por todos os motivos me dispensa de

continuar n'esta materia, porque assim como V. Ex. a escreveu, eu fielmente a envio n'esta participação.

« Reflexões abreviadas dos principaes motivos que obstaram o maior desejado progresso de lavouras, e commercio do estado do Grão-Pará, desde a nova fórma de administração que principiou a ter com o felicissimo reinado do Senhor D. Joseph I em 1750; indicando-se os ditos motivos pela mesma ordem e successão dos diversos governos, em que se experimentaram, e inculcando-se ao fim alguns meios que parecem mais proprios a remediar o referido atrazo.

« No governo do capitão general Francisco Xavier de Mendonça Furtado, desde o mez de Setembro de 1751 até o principio de Março de 1759. »

E' a todos constante a miseria e consternação, em em que este general libertador e restaurador do estado o achou, gemendo pela lastimosa e fatal epidemia do sarampo, que poucos annos antes havia precedido nos indios, unicos servos que tinham os moradores, e dos quaes os poucos que então lhes remanesceram, esses mesmos logo se lhe subtrahiram, por effeito da piissima lei das liberdades do anno de 1755.

O dito general foi o que reconquistou esta colonia da jurisdicção e do poder dos regulares; e passando ao Rio-Negro em qualidade de plenipotenciario, para a execução do tratado de limites do anno de 1750, já se vê, que o grande numero de indios aldeados, que foi preciso occupar nos differentes objectos d'aquella expedição, necessariamente havia de fazer a mais sensivel falta para a lavoura e commercio de um estado, que n'esse tempo nenhuns outros operarios tinham; pois que só então é, que principiava a introducção dos escravos pretos pela nova companhia do commercio, estabelecida no tempo do mesmo governo, no qual tambem algum incommodo houve do funesto contagio das bexigas.

« No governo do capitão general Manoel Bernardo de Mello Castro, desde o principio do mez de Março de 1759 até Setembro de 1763. »

Este general em consequencia das ordens da corte,

teve muito de exercitar o seu grande zelo nas preparações e disposições de defensa do estado, reedificando o fortim da Barra do Pará, fortificando o Macapá e o Gurupá quanto então lhe foi possivel, soccorrendo a capitania de Mato-Grosso, assistindo á do Rio-Negro com o referido objecto da demarcação de limites, emquanto não chegou o tratado anullatorio do anno de 1761, e dando principio á construcção de uma náo de guerra; o que tudo, e os maiores córtes de madeiras que teve a dispôr para remetter ao arsenal real da marinha de Lisboa, occupando um consideravel numero de indios aldeados, fica facil de comprehender os poucos que restariam para a lavoura, e para a colheita das drogas do sertão, e o pouco que por isso podiam avançar a exportação e o commercio. No seu tempo continuou o incommodo do contagio das bexigas.

« No governo do capitão general Fernando da Costa de Atahide Teive, desde o mez de Setembro de 1763 até Novembro de 1772. »

Sendo proprias do grande espirito d'este general as grandes obras, que emprehendeu e fez executar, da regular praça do Macapá, do reducto de São-Joseph, na marinha da cidade do Pará; do magnifico palacio da residencia do governo ; do decoroso e commodo hospital militar ; do estabelecimento das novas villas, Vistosa e Mazagão; e do acabamento da náo Belém ; bem se manifesta, que absorvendo todos estes grandes objectos, não só a maior parte dos indios aldeados, como tambem um avultado numero de escravos alugados, todos esses braços vinham a faltar para a lavoura ; e que ella assim embaraçada não podia prosperar, por mais que, no tempo do mesmo governo, tanto maiores e mais opportunos fossem os meios pecuniarios, que do real erario se facilitaram e permittiram.

Os córtes e remessas de madeiras para o arsenal real da marinha de Lisboa, tanto mais se augmentaram n'aquelle tempo ou governo; e n'elle se offereceram os transportes de dois generaes para o Mato-Grosso ; de outros soccorros militares áquella capitania ; e de outras diversas expedições que occorreram, e que muito incommodaram, e fizeram diminuir os indios das povoações ; mais

consternadas estas ainda,com o que tambem lhe fez padecer outra grande epidemia de bexigas.

« No governo do capitão general João Pereira Caldas, desde o mez de Novembro de 1772 até o principio de Março de 1780. »

Emprehendendo e estabelecendo o dito general uma geral e methodica regulação em todas as repartições, e em todos os objectos do governo, que se lhe confiou ; e sendo logo obrigado a arranjar, e fazer disciplinar a tropa paga, e a auxiliar na perfeição que é bem constante, levantando um consideravel numero de recrutas, não só para preencher as praças vagas, e as de muitos soldados estropeados, incapazes dos regimentos pagos, como tambem para os accrescentar, e completar no maior pé dos novos regulamentos ; não podendo isto praticar-se sem algum pouco de incommodo, sem evitar-se o outro maior a que deu occasião o movimento de disposição e de preparação de defensa do corte ordenado ; proseguindo n'este tempo outro cruel e muito funesto contagio de bexigas ; e proseguindo não só tambem as obras, e os transportes de Macapá, Mazagão, e Villa Vistosa, como não menos outras differentes e repetidas expedições ao Mato-Grosso, e as que no Rio-Branco deu motivo a introducção e expulsão dos Espanhóes, occupando e divertindo todas um copioso numero de indios ; todavia é certo e constante o quanto a lavoura, o commercio, e as rendas reaes augmentaram no tempo da administração do referido general, chegando só de exportação do arroz a fazer o computo de cousa de cem mil arrobas, e sendo ella inteiramente estabelecimento que efficaz e felizmente promoveu. Elle zelosamente propoz ao real ministerio os meios, que julgava mais proprios para o maior progresso e augmento do estado ; porém occorrendo n'essa conjunctura a extincção da companhia do commercio e algumas inesperadas desordens, se reconheceu logo o quanto iam a declinar, e a difficultarem-se muitas das mesmas bôas disposições, em que já as cousas se achavam, áquelle util e pretendido fim, para o qual sobretudo concorria a protecção do grande e honradissimo ministro da repartição.

« No governo do capitão general Joseph de Napoles

Tello de Menezes, desde o principio do mez de Março de 1780 até Outubro de 1783. »

Occorrendo no tempo d'este general a diligencia da nova demarcação de limites estipulada pelo tratado preliminar do 1.° de Outubro de 1777, e dependendo aquella expedição de occupar, e divertir um consideravel numero de indios, não só na partição da fronteira do Rio-Negro, como nos grandes e frequentes transportes de fornecimentos para a outra repartição do Mato-Grosso, deve-se reconhecer e confessar o quanto toda aquella falta de braços e de operarios necessariamente prejudicaria a lavoura, e a ordinaria colheita dos generos do sertão ; porém ainda assim a conjunctura do tempo facilitou a vantagem dos grandes preços, que obtiveram essas menores porções de generos exportados.

« Outros concurrentes motivos para o mesmo menor progresso na lavoura experimentado. »

A quazi geral preguiça dos habitantes do paiz; a má distribuição e applicação que costumam fazer dos seus servos e escravos ; a desordem com que fazem uso da mesma abundancia de tantos e tão differentes generos da producção do estado, querendo ao mesmo tempo abranger a todos, e sem que de ordinario nunca formem certo e permanente estabelecimento de agricultura, abandonando com a maior facilidade a sementeira ou plantação de qualquer genero, logo em que algum anno menos bem se reputa e exporta ; e mudando com igual facilidade para a sementeira, e a plantação d'aquelle que acontece melhor reputar-se.

Um senhor de engenho de assucar quer ser ao mesmo tempo lavrador de mandioca e arroz, ter fabrica de o descascar, ter cafezaes, cacoaes, e quer mandar canoa ás drogas do sertão; e isto basta para prova da referida desordem.

As hostilidades e crueldades do gentio Mura, principalmente na capitania do Rio-Negro, têm tambem sido, pelo espaço de tempo de todos os sobreditos governos, outro reconhecido e inseparavel obstaculo contra o maior progresso da lavoura e do commercio d'aquelles opprimidos moradores.

CONCLUSÃO

O estado não fará o maior avanço de agricultura, de commercio e utilidade, para que sem duvida tem as as mais bellas e naturaes propriedades, emquanto se lhe não facilitar e fornecer a numerosa introducção de escravatura, que pelo Senhor rei D. Joseph o 1.° se achava determinada nos ultimos annos da existencia da companhia do commercio ; e emquanto para melhor se regularem as disposições e a pratica da mesma agricultura, a inspecção d'ella se não commetter (debaixo da direcção superior do general) a intendentes que d'isso tenham mais conhecimento e experiencia, que não os inuteis ministros letrados, que até agora infelizmente se tem empregado na dita inspecção ; pois que além de ignorarem os mais d'elles, de ordinario, o que devem promover e o mesmo de que devem conhecer, especializou-se todavia na capitania do Rio-Negro, e foi n'ella muito habil o doutor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, como por credito e abono do seu merecimento aqui se declara, e como por evidente prova não deixam em grande parte de manifestar o diario e appendice que compoz das suas correições, e a Historia do Rio-Branco, é sabido o como costumam fazer as suas vizitas ou correições, quando de largos em largos annos a isso se resolvem.

E de assim as executarem de corrida, e sem mesmo entrarem em todas as povoações, mandando ir ás vizinhas os directores e os livros para menos se incommodarem ; bem se póde facilmente comprehender qual será o resultante proveito, e que tudo se reduz á materia de riso, ou antes de lastima e compaixão. Parece, que as mencionadas visitas se deveriam praticar na fórma que além de muitas outras ordens, distribuidas pelo capitão general João Pereira Caldas, principalmente manifestam as datadas de 28 de Abril, e 17 de Maio de 1777, as de 30 de Dezembro de 1778, e a de 15 de Maio de 1779 ; e que as nomeações dos referidos intendentes se deveriam fazer com as circumstancias e prevenções, que o mesmo capitão general representou a Sua Magestade em carta de 26 de Janeiro

de 1780, da qual e das sobreditas ordens as respectivas copias se juntam á presente memoria para maior explicação.

Na venda porém dos escravos se deveria tambem fazer observar a moderação de preços, que similhantemente se achava ordenada pelo mesmo augusto monarcha fallecido; precavendo-se com esta providencia, e com a da referida numerosa introducção que os moradores assim ajudados, e abastecidos de igual qualidade de operarios da que só faz felices e opulentos todos os outros habitantes do Brazil, se esquecessem inteiramente para os seus serviços de agricultura e de manufacturas dos indios do paiz; reduzindo-se estes ás suas proprias povoações, como n'ellas sempre uteis para o serviço real, para a navegação dos sertões, para colheita das drogas dos mesmos sertões, por serem estes trabalhos tanto mais naturaes á criação e costume dos referidos indios, e para os quaes não menos sempre convirá conservar as respectivas povoações, e o augmental-as por via dos costumados descimentos; si bem que conseguidos de partes remotas, e não effectuados para as visinhanças das proprias terras dos gentios, porquanto assim mostra a experiencia, que inteiramente sam inconstantes e sem persistencia alguma, bastando qualquer leve motivo de desgosto ou de suspeita para logo desertarem, e tanto mais se retirarem; e ficando n'esses termos tão infructuosas as despezas da real fazenda, como inutil e perdido todo o discomodo em taes diligencias praticado.

Não há porém a menor necessidade de que com a denominação de villas se conservem tantas povoações de indios, que na maior parte tal distinção não merecem, e que nem mesmo têm as precisas pessoas habeis para as suas governanças; e este motivo e o da economia, que a real fazenda podia fazer na maioria das congruas dos vigarios das villas, regulando-as pelas dos logares, constituiram o objecto de outra representação do capitão general João Pereira Caldas, em data de 15 de Julho de 1778, e da qual a relativa cópia não menos se junta a esta memoria, para tambem manifestar aquellas das villas

de indios, que propôz se poderiam unicamente perpetuar com essa distincta qualidade.

E que só de tantas e tão preciosas madeiras, que produz o estado do Pará, se não poderia tirar d'elle de interessantes e reciprocas utilidades, si Sua Magestade se servisse de facilitar por conta de sua real fazenda a alguns empreiteiros um proporcionado numero de escravos, que depois viessem a pagar pelos mesmos avultados córtes de madeiras, que apromptassem ; para que sendo transportadas á côrte, não só abastecessem ao real arsenal de marinha, mas tambem aos particulares, na sobra das que a soberana não necessitasse, conseguindo-se assim de mais o outro proveito de poder Sua Magestade tanto melhor animar e entreter uma bôa parte de gente do mar, pelo que aquelles grandes transportes de madeiras occupariam um correspondente numero de xarruas, e n'ellas o das respectivas tripulações dos ditos marcantes !

POR APPENDICE

Juntam-se mais as copias de algumas informações dirigidas á Sua Magestade pelo capitão general João Pereira Caldas, sobre os estabelecimentos de Maranhão e Villa Vistosa. E junta-se tambem a copia da conta, por que se supplicou a permissão real para a liberdade da navegação e do commercio com as minas de Goiaz e de Cuiabá, pelos rios Tocantins e Xingú ; tudo como relativo aos mesmos objectos de agricultura e de commercio, de que acima se trata.

Barcellos 12 de Dezembro de 1786.

Alexandre Rodrigues Ferreira.

PARTICIPAÇÃO QUARTA

Desembaracei-me o mais cedo que pude, do que tinha a fazer no logar do Carvoeiro, e pelas 10 horas da manhan de 26 segui viagem para a villa de Moura. Depois de ter navegado por entre ilhas, se me offereceu a observar, na margem austral do Rio-Negro, a fóz do igarapé do Mauaru, onde algum dia estiveram situadas as roças do director do logar Manoel Pinheiro, e da mameluca Theresa, moradora do mesmo, em quanto d'aquella situação os não desalojaram as hostilidades do gentio Mura.

Pouco antes de chegar á foz do outro igarapé, que se seguio, chamado Canapu, observei uma pequena ilha, seguida de alguns ilhotes de pedra, os quaes, com a direcção da agua, fazem n'aquella paragem uma grande correnteza. Corresponde-lhe pela margem septentrional a segunda boca inferior do Rio-Branco, continuando pela austral do Rio-Negro os outros dous igarapés, a que os indios deram os nomes de Taraira-paraná, e Jacunda-uáû. D'este foram desalojados pelos Muras, tanto o director da villa Pedro Affonso Gato, como o morador da dita Joseph Gonçalves, os quaes haviam situado n'elle as suas roças. Tambem na margem opposta lhe corresponde a quarta, e ultima boca inferior do Rio-Branco, sendo ali tão estreito o Rio-Negro, que o doutor astronomo Joseph Simões de Carvalho, capitão engenheiro, empregado na diligencia da demarcação, lhe não determina de largura mais do que 3 decimos de milha.

Seguiram-se pela sua margem austral os igarapés chamados Caruná, Tarauaû, e Iauixá, os quaes foram os ultimos que vi, e que sei, que ha em similhante viagem.

Pelas 5 horas da tarde cheguei á villa de Moura (5 leguas), que é a mesma que antigamente se denominava aldêa da Pedreira. Entre ella e o logar do Carvoeiro não desagua rio algum na margem austral do Rio-Negro.

Pela outra margem do norte, desagoam n'elle trez rios, a saber: o Uaranacuá, que é quazi fronteiro ao logar do Carvoeiro, e n'elle estam situadas algumas roças dos moradores; o Rio-Branco na distancia de uma legua abaixo do referido logar, e na de 4 acima da villa de Moura; e o Yauapiri, ou como lhe chamam os brancos, Jaguapiri, que tambem é quazi fronteiro á dita villa.

Quanto ao Rio-Branco, contam-se-lhe 4 bocas, vindo a ser a primeira, Rio-Negro abaixo, a que tem o nome de Amaian, pouco inferior á foz do rio Uranacuá. A segunda é mais distante da primeira, porém vizinha da terceira, e esta da quarta, que é a ultima, e a verdadeira boca d'aquelle rio; de modo que todas trez pouco distam umas das outras, e só sam divididas pelas ilhas, que surgem na sua foz. A côr da sua agua é branca, ao contrario da do Rio-Negro, e por isso lhe deram os Portuguezes o nome de Rio-Branco. Não que este fôsse o seu nome verdadeiro, porque, segundo leio nos diarios de viagens por esta capitania, consta, que verdadeiramente se chamava Quecenene, ainda que todos os mais indios lhe dam o nome de Paraviana, por ser d'aquella nação o gentio dominante n'elle. Que os Europeus o corromperam depois, pronunciando, em vez de Paravianas, Paralvilhanos, que é o como hoje em dia se denominam entre nós os gentios d'aquella nação, que habitam aquelle rio.

Ninguem duvida comtudo da antiguidade, que tem entre nós o nome de Rio-Branco; porque com elle o especifica o analista do Pará, quando escreve no livro X dos seus Annaes historicos a viagem do capitão mór Pedro Teixeira, pelos annos de 1639, em que voltava de Quito para o Pará, e no paragrapho 728 escreveu assim:—Secenta leguas mais abaixo do Yanapuari, 4.º do norte, desemboca o grande Rio-Negro (onde temos hoje uma fortaleza) communicado já com outro caudaloso chamado Branco (que confina com Suriname, colonia hollandeza) povoados ambos

de muitas nações de gentilismo, e algumas d'ellas missionadas pelos religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

Tão distincto era já o conhecimento e o trato, que havia do Rio-Branco, quando governou o estado aquelle benemerito general, tendo tomado posse do governo d'elle em 1718. Pelo dito rio navegaram sempre os Portuguezes, disfructando os seus haveres, como eram as drogas que recolhiam das suas margens e sertões, e os pescados que tiravam do rio ; ainda que mais assiduamente o frequentaram desde o anno de 1740, em que n'elle entrou Francisco Xavier de Andrade, por capitão de duas bandeiras, as quaes elle mandou subir, como subiram, pelo tempo de dous mezes de viagem.

Talvez que si com aquelles gentios se não tivessem familiarisado tanto as tropas, que continuavam a subir, não teriam ambas as capitanias experimentado os horrorosissimos estragos, que n'ella fez a memoravel epidemia do chamado sarampo grande. A respeito d'elle já advertio o autor da memoria, que eu ajuntei á participação segunda da primeira parte do meu diario de viagem, que o havia levado do Rio-Branco o capitão mór Joseph Miguel Aires, tendo sido mandado pelo Exm. Sr. Francisco Pedro Gorjão, a reconhecer e visitar as fortalezas do estado. O mais que ha a dizer sobre o dito rio, constará a seu tempo da participação da viagem, que por elle fiz.

Quanto ao rio Yauapiri, que eu já acima escrevi, que é o mesmo a que os brancos chamam Jaguapiri, e que desagua na margem boreal do Rio-Negro, quazi defronte da villa, tambem é de agoa branca ; e ainda que d'elle está escripto, que tem as suas fontes, como todos os mais, que desaguam n'aquella margem, junto á cordilheira de Guaiana, não se póde por ora determinar tão decididamente as suas cabeceiras, sem uma exacta exploração que confirme estas, que não sam mais do que meras conjecturas fundadas em algumas informações. O director Pedro Affonso Gato tem entrado n'elle.

Sabe-se, que tem algum oleo de cupahiba, e que o habitam alguns gentios de nação Aroaqui. Tambem se escreve, que na distancia de 4 dias de viagem por elle

acima, esteve situada na sua margem oriental uma aldêa, que ao depois se extinguio, porque desertaram os indios, que a povoavam. Ainda hoje se refugiam n'elle, e pelos seus matos fazem alguns mocambos os indios, que desertam da villa.

Ella está situada ao longo de uma pequena enseada, que ali faz a margem austral ; e toda a sua base é guarnecida de um como parapeito de pedraria, ora soltas, ora amontoadas umas sobre outras pedras, as quaes sam areentas. O porto, além de ser pedregoso, é em si mesmo desabrigado, de sorte que para não perigarem as canôas é preciso abrigal-as em um pequeno igarapé, que se offerece na margem, antes de montar a primeira ponta superior de pedras, entre a qual e a segunda ponta inferior medeia a ressaca de um fundo pedregoso, que constitue o porto da villa.

De entre todas as povoações d'este rio, é a que tem melhor perspectiva: os dous lados do angulo que observa quem navega rio abaixo, e olha da parte de cima d'elle para a perspectiva da villa, antes de aportar n'ella, sam as duas ruas da frente, a saber, uma do lado do nascente e a outra da do poente. Os seus extremos sobre o rio sam as duas pontas de pedra, de que já fallei. O arruamento do lado do nascente tem duas, e o do poente trez linhas de fundo. Na linha da frente d'este está situada a matriz.

E é uma igreja pequena para o numero de freguezes que tem ; porém está coberta de telha, e todo o seu emadeiramento se acha são e bem conservado, porque da parte do director nunca cessa o cuidado de vigiar sobre o cupim. As paredes tambem se conservam fortes e direitas, além de estarem caiadas por um e outro lado. Quanto a mim é a melhor das matrizes do Rio-Negro. Não tem mais do que trez altares, e no retabulo do da capella mór estam abertos dous nichos superior e inferior, vendo-se collocada no primeiro a imagem de Nossa Senhora do Rosario, e no segundo a de Santa Rita, que é o orago. No altar do lado do Evangelho, vi um painel de Nossa Senhora do Monte do Carmo, e no da epistola, outro do Espirito

Santo, ambos elles pintados com as tintas do paiz, tanto as imagens, como as tarjas.

Possue uma pixide de prata dourada com seu manto de chamalote de flores, agaloado de ouro, um calix de prata com todas as suas pertenças, uma caixa de madeira e dentro d'ella os 3 vasos de estanho, em que estavam os santos oleos. Não havia um só castiçal de estanho, que, por muito antigo, já não estivesse arruinado, e os 12 que vi de madeira, entre 6 grandes e outros 6 pequenos, foram dados pelo director. O que mais vi de estanho, foi o vaso de communhão, e um dos dous pares de galhetas, porque o outro era de vidro. A alampada de latão ficava em bom uso, assim como ambas as campainhas; porém o sino estava quebrado.

De 4 alvas que se mostraram, só as duas de panno de linho ficaram capazes de continuar a servir. Não havia uma só toalha para a mesa da communhão, e as 5 dos altares tinham meio uso. A sobrepeliz sómente era nova, porém de panno de linho, assim como as alvas. Os frontaes eram 3, com a circumstancias porém, que o de chamalote branco, com sebastes encarnados, já não servia por velho e arruinado. O de damasco rôxo, ainda que tão antigo como o tempo das missões, não deixava de servir nas funcções do seu uso, e de todos trez o mais novo era o de damasco encarnado. Por conseguinte a planeta, que correspondia ao primeiro frontal, ficava tão damnificada como elle; a segunda não tanto; a terceira de damasco encarnado e a quarta, que tambem era de damasco, porém branco, com sebastes encarnados, eram as melhores. A pluvial de damasco branco e encarnado, o véo d'hombros branco, a umbella tambem branca e guarnecida de galão de seda amarella, ficavam bem conservadas; e o palio de damasco encarnado era novo. O pavilhão do sacrario era de seda de primavera, muito acondicionada, para as occasiões de alguma solemnidade. Os 4 pares de cortinas de tafetá carmesim e a manga de cruz de chamalote branco e encarnado tinham mais de meio uso.

Segue-se depois da igreja e contigua a ella a casa da residencia do Reverendo vigario, a qual é terrea, porém

coberta de telha, e em tudo a mais proporcionalmente distincta em decoração, asseio e conservação, que se não acha as outras villas e logares. Tem 4 casas, que fazem outras tantas acommodações ; todas têm portas de madeira, e as que precisam de segurança, têm as fechaduras precisas. Tal é o effeito que quazi sempre resulta da harmonia, que fazem entre si os Reverendos vigarios e directores, porém não sam muitos os exemplos d'ella.

O director ainda até agora não erigio a casa da residencia para si ; e certamente não procede d'elle ter sido omisso em a erigir como deve ; mas, sendo elle, como sei e lhe ouvi dizer, um dos moradores brancos estabellecidos e casados na villa e possuindo n'ella duas propriedades de casas suas, assenta, que emquanto elle a dirige, algum serviço lhe faz em poupar ao commun dos indios a despeza, que julga desnecessaria.

Defronte da casa, em que elle reside, está situada a do armazem. Haviam n'ella 8 machados, 1 enxó de fuzil, 5 ferros de canoa, 2 ditos de cova, 5 enxós tortas, 1 serrote antigo, 8 armas de fogo, 4 facões, 1 braço de balança, o qual era de ferro, com os pesos do mesmo, até um quintal menos meia libra, 2 tachos grandes, 3 fôrmas de fazer telhas e nada mais.

Depois que pelo decurso do tempo se arruinou o primeiro pelourinho, que houve, não se erigio outro. Sabe-se, que aquella é uma villa, por que assim consta do termo da sua erecção, e porque annualmente se lavra o da abertura dos pelouros, para serem nomeados os juizes e mais officiaes do senado. Ali não ha casa da camara e menos de cadeia. D'estas e de outras similhantes villas, que só o sam no nome e em meras formalidades, si alguem ha que até o presente tenha tirado proveito algum, não sam mais do que dous, e vem a ser o doutor ouvidor geral da capitania pelos emolumentos, que percebe das cartas de usança que passa, e os Reverendos vigarios, pela lotação das congruas, as quaes excedem em mais 20$000 reis ás dos Reverendos vigarios dos logares. Tambem nem ha casa para servir de escola, nem mestre para ella.

Incluidas as 2 propriedades de casas do director, eram 12 entre todas as que pertenciam aos moradores

brancos. Contei 2 em toda a linha da frente ; outras 2 na segunda, e 8 na terceira linha do fundo. Todas estavam bôas, e sobre todas a em que residia o director.

Em nenhuma outra povoação d'este rio, tenho até agora visto as casas dos indios tão bem conservadas, como n'esta : eram 74 por todas, Nenhuma vi menos bem reparada, sinão a do principal Jacob ; sendo certo que haverá quatro annos, que todas quantas haviam na terceira linha do fundo foram queimadas pelo grande incendio, que succedeo. Outro qualquer director ainda agora estaria a pretextar com o fogo a sua inação. Aquelle porém, como não tardou em interpor a beneficio dos indios a actividade que tem, em bem pouco tempo conseguio restabelecerem elles o arruamento inteiro. Consta toda a villa de 88 casas, incluidas n'ellas a da residencia do Reverendo vigario e a do armazem.

Debaixo de um pequeno tijupar, que elle tinha erigido no princinpio do arruamento da frente, entre a casa da residencia do Reverendo vigario e a de um dos moradores brancos, se estava então construindo um bote de 8 remos por banda. Tão novas estavam as duas igarités, que já se haviam construido para lhe servirem de montarias, que ainda não tinham sido lançadas ao rio. A canôa grande do serviço da povoação estava nova, e tinha 15 remos por banda ; a outra, que tinha 10, ficava em meio uso : haviam mais duas igarités bem conservadas, de 6 remos por banda cada uma d'ellas.

Sendo tão grande como é a casa da olaria, tambem esteada e coberta de palha, tem o notavel defeito de ter tido situada no pantanal da retaguarda da villa, onde tambem está a do forno, a qual vae ao fundo com a enchente do rio. Por esta razão não trabalha mais do que trez mezes no anno. Desde o mez de Julho até o de Setembro de 1785, tinha feito 1.800 potes : para os poder fazer não tem o director perto da villa o barro que precisa ; mandam buscar a Poiares, donde o transportam os indios, e o conduzem nas canôas do serviço, Poiares então, que tem o barro preciso, não tem olaria. E eis aqui o como se tem disposto a maior parte das manufacturas, de modo que onde ha os generos, não

se applicam as mãos, e onde ha cuidado de as applicar, não ha o genero.

Escrevi na informação que dei do logar de Moreira, que emquanto se não separou com os indios do seu partido o principal Joseph de Menezes Caboquena, vivia elle e toda a sua gente encorporada com a d'esta villa, a qual se havia mudado da margem oriental do rio Uarirá, onde teve o seu primeiro estabelecimento, na distancia de meio dia de viagem, por elle acima, para a margem austral do Rio-Negro, onde teve o segundo pouco superior ao sitio, em que hoje existe o logar. Separados ambos os partidos na aldêa de Caboquena, se situou com a sua gente o principal d'aquelle nome ; e para a outra aldêa da Pedreira se mudaram os que já tinham formalisado não menos que dous estabelecimentos. Chamou-se da Pedreira pela muita pedra que tem, e deram-lhe aquelle nome os missionarios, no tempo em que a administraram.

No anno de 1758 a erigio em villa o Illm. e Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, o qual lhe deu a denominação de Moura. Conta 6 directores, desde o alferes Manoel Pedro Salvago até Pedro Affonso Gato, que ha 16 annos que a dirige, e tem 55 de idade. O que a respeito d'elle tenho escripto, e o que V. Ex. mesmo tem presenciado bem escusada faz outra qualquer informação. Vigarios sam oito, desde o padre Manoel d'Affonseca, presbytero do habito de S. Pedro, até o religioso carmelita frei Joseph Damaso do Amor Divino. E' um padre septuagenario, que em tudo quanto faz ou deixa de fazer, já não mostra mais do que uma santa simplicidade.

Os indios, que povoam a villa, sam Manáos, Barés, Carajas, Cueuanas, Banibas e Yumas. O mappa appenso faz uma exacta menção, não só de todos quantos moradores brancos existiam n'aquella freguezia em 27 de Abril de 1786, mas tambem de todos os indios moradores, e pretos escravos dos brancos. A differença, que havia com relação ao mappa antecedente de 1785, consistia em ter falecido uma india, e andarem ausentes trez indios.

As lavouras d'elles consistem na maniba, que plantam para o beijú, e para a farinha do seu sustento, além da

muita que estragam com a bebida do pajuarú. O indio, que mais se distingue entre elles, no cuidado de cultivar a terra quanto póde, é o capitão Balthasar Luiz de Mendonça. Paga annualmente de dizimo os seus 6 até 8 alqueiras de farinha, e colhe as suas 10 até 12 arrobas de café. A maniba, o café, e o cacáu, sam as lavouras dos brancos; alguns tambem cultivam o tabaco e o milho, e Joseph Gonçalves principiava então com o anil.

Os moradores João Antonio, Valentim Fernandes, Joseph de Vieiros, e João Francisco eram os unicos que tinham situado as suas roças na margem austral, si bem que o ultimo tambem tinha outra dentro do igarapé do Curerú, o qual desagoa na margem septentrional, e n'elle estam situados todos os outros. Entrei no dito igarapé, na manhan de 10 de Maio, quando voltava da fortaleza da Barra d'este rio, para entrar no Rio-Branco, e depois de ter visto duas das referidas roças, as quaes estam situadas na margem oriental, aportei na terceira, que era a do director. Constava de 4 casas separadas umas das outras, erigidas em frente sobre a margem do igarapé, e a da residencia do dito era grande, forte, bem asseiada, e repartida com proporção á familia que tinha para accommodar.

Vi um cacoal seu, aonde haviam bons 16.000 pés de cacau, porém todos elles alagartados, e os seus fructos denegridos. Disse-me, que já não contava com elle, tendo aliás chegado já a render-lhe 200 até 300 arrobas de cacau; porém que aquelle era o defeito que eu observaria sempre nos cacoaes d'este rio. Tambem vi boas roças de maniba, e a respeito d'ellas me disse, que mandioca para 2.000 alqueiras de farinha tinha elle, porém que para tanto trabalho junto não tinha a gente precisa. Declarou, que de uns por outros annos fabricava 200 alqueires; que de café, tinha chegado a colher 175 arrobas, pela occasião da safra; si bem que no anno de 1785 apenas tinha colhido 44; e que a respeito do cacau, se reportava ao que me tinha dito.

Desci á roça do morador Joseph Gonçalves, por me ter V. Ex. ordenado que a visitasse, e que do que visse sobre o anil lhe desse parte; e n'ella vi erigidas trez

casas na margem de um alagadiço, ficando algum tanto mais apartado d'ellas o tijupar, que já havia erigido para a fabrica do anil. O que elle havia plantado pela margem do igarapé, servia então de segurar a semente; e o roçado grande, em que principiava a abrunhar a semente disposta, alguma cousa excedia o comprimento de 100 braças; o carpinteiro tinha concluido 3 cochos, os quaes eram de madeira de piquiá.

Do que dei parte á V. Ex., promettendo-lhe de segunda vez visitar a dita roça, quando descesse do Rio-Branco. Visitei-a com effeito pelos fins de Julho, e si bem me lembro do que d'ella informei a V. Ex. na tarde de 3 d'Agosto, em que me recolhi a esta villa, parece-me, que disse o seguinte: «Que o anil plantado no porto d'aquella roça ficava bem viçoso, tendo subido á altura de 5 até 6 palmos. Que o do roçado grande, o qual ficára plantado, quando o visitei em Maio, tinha padecido muito, em razão de ter sido podre uma grande parte da semente que se dispoz, e de terem as lagartas, os grilos, e os gafanhotos perseguido a que havia nascido; cujo inconveniente elle tinha remediado, transplantando do porto da roça os melhores pés, os quaes haviam pegado, e subido á altura de um, dous e trez palmos. Que ficava quazi concluido outro roçado, muito maior do que o primeiro; o que tudo acreditava bem a informação, que o director tinha dado d'elle a V. Ex., e quanto ao que eu acabava de presenciar, esperançava na sua fabrica um dos melhores estabelecimentos.

Nem me elle enganou a mim, nem eu a V. Ex., por que agora vio V. Ex., que no limitado tempo de trez meses fabricou elle, só pela sua parte, 7 arrobas e 11 libras de bom anil; das quaes mandou V. Ex. fazer carga ao thesoureiro da expedição, para as remetter juntamente com as outras porções, que completaram a somma das 40 arrobas, que, no principio do corrente mez de Maio, foram remettidas para o real ministerio.

E' certo, que este é um dos bons ilheos, que se estabeleceram e casaram n'aquella villa: porque, ainda antes de se encarregar do anil, sempre foi amante das lavouras, e colhia nos annos da abundancia 200 alqueires de farinha,

104 arrobas de cacau, e até 40 de café. O morador Domingos Affonso ordinariamente fabrica 100 alqueires, e colhêo já 60 arrobas de cacau ; porém no anno de 1785 não tirou mais do que 22 de café.

Caetano da Silva Peixoto não fabrica farinha para vender, si bem que, quando corre o tempo, não deixa de fazer até 125 alqueires; já não tem cacoal, e porque se lhe arruinou o que tinha, colheo no dito anno 34 arrobas de café. Florencio Galvão ainda vende 50 até 60 alqueires de farinha ; colhe as suas 30 arrobas de cacau, e outras tantas de café.

João Pedro não faz farinha, que avulte, porque é morador novo; de cada um dos outros generos colhe até 20 arrobas : e assim sam os mais que se seguem a respeito do café, porque colhem 10, 20, e quando muito 30 arrobas d'aquelle genero. No mappa junto vam especificadas as colheitas feitas e esperançadas por todo o anno de 1786. O terceiro mappa contém a relação do gado existente na villa.

O commercio, que se havia feito, tinha consistido em 300 potes de manteiga, para os quaes andavam empregados 20 indios, pelo espaço de dous mezes. O que eu penso em similhante materia, bem vezes o tenho dito; que é preciso, que o negocio de toda qualquer povoação não enfraqueça a agricultura dos seus generos, e muito mais si elles sam tão ricos como sam o anil e o café. Agora particularmente, por um dos grandes beneficios que acaba de fazer a Providencia, se removeo d'aquella villa um não pequeno obstaculo, que encontrava o adiantamento das suas lavouras. Povoação era aquella, que jamais deixava de ser em todos os annos perseguida pelo gentio Mura. Subia pelo rio Anani, o qual desce pela retaguarda da villa, na distancia de meio dia de viagem, e tendo repetidas vezes assassinado umas, e surprehendido outras pessoas, de tal modo intimidou os lavradores que se retiraram da margem austral, aonde algum dia tinham as suas roças.

O que tanto não ignorava o doutor ouvidor geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio pelas frequentes partes, que recebia dos directores das villas e dos lugares

da capitania, em como o dito gentio assolava as do rio dos Solimões, e d'elle passava para as d'este Rio-Negro, que, discorrendo sobre o verdadeiro meio de assegurar a cultura das suas terras, escreveu no seu diario de viagem o que consta do paragrapho, que fielmente transcrevo.

« Conjecturo, que se não dá prompto e efficaz remedio para inteiramente profligar e destruir esta nação, que por sua natureza conserva cruel e irreconciliavel inimisade com todas as mais nações, não exceptuando os indios ; que professa por instituto a pirataria, grassando por todos os logares do publico territorio, em que deve haver a maior segurança ; que, nas suas guerras e assaltos, usa a mais barbara tyrania, não perdoando aos mesmos mortos, em que commettem inarraveis crueldades, esfolando e rompendo os cadaveres; que apenas dá quartel a algum rapaz, que, depois de ferido e impossibilitado a fugir, chega a captivar, e ainda assim para o reduzir á escravidão. Motivos estes que não só justificam contra esta nação a mais enfurecida guerra, mas que a persuade uma indispensavel obrigação, fundada no interesse, bem da paz, e segurança da sociedade universal das nações americanas, e colonias antes d'este continente.

Si se não dá remedio a tantos e tão universaes damnos, ou se reduzirão a nada as colonias e estabelecimentos dos rios Amazonas, Negro, Madeira e Japurá, ou experimentarão o estado de languidez e diminuição, que necessariamente lhes causa o temor dos Muras, e por um calculo bem moderado se póde inferir, que o augmento que tem seria quadruplicado, si seguros os moradores, se applicassem é agricultura, ao commercio e á navegação, essencialmente neceessaria n'este paiz para adiantar uma e outra.

Eis aqui outra causa, que até agora influio na decadencia da agricultura. Os lavradores não estavam seguros, e a guerra não se declarava para o castigo dos que o mereciam. Até que sendo o governador defunto informado pelo director das povoações do Japurá em como aquelle gentio continuava nos mesmos, e em maiores insultos, participou a V. Ex. a resolução, que tomava de expedir uma tropa de guerra para os rebater e castigar. Cuja

participação foi a que fez o objecto da resposta, que V. Ex. lhe dirigio em carta de 3 d'Outubro de 1778 pelo theor seguinte.

« Quanto á segunda (carta) vejo o que a V. S. expõe áquelle director a respeito dos continuados e crueis insultos do gentio Mura, e que V. S., para os prevenir nas suas consequencias, se resolvêra a promptificar uma tropa, que os haja de rebater e castigar, o que em figura de guerra defensiva poderá V. S. com effeito fazer executar em beneficio do socego d'esses habitantes; porém não deliberará a guerra offensiva, determinando tropas a procurarem aquelle gentio nas suas terras e habitações, emquanto para isso não houverem as positivas ordens de Sua Magestade sobre o recurso e conta, que tenho dirigido á sua real presença; não só expondo-lhe a precisão do castigo, contra o sobredito gentio Mura n'essa capitania, mas tambem contra o Mondurucú, que igualmente muito infesta as povoações do rio Tapajós e sua visinhança, pertencentes a esta capitania.

Deve porém haver o maior cuidado na eleição dos cabos, e no arbitrio do competente numero de homens, que a taes escoltas se determinarem, procedendo estas sempre com toda a cautella e segurança, para que não se sacrifiquem a alguns insultos do mesmo gentio, e fiquem assim elles, em logar de castigados, mais atrevidos, para as suas crueldades continuarem.

E' tambem indispensavel, que V. S. ponha toda a efficacia em prevenir, que se não pratiquem com os sobreditos barbaros as deshumanidades, que ordinariamente se costumam executar em similhantes occasiões, matando-os os nossos com igual crueldade, á que elles praticam com os vassallos de Sua Magestade, e sem lembrança da differença que nos impõe o conhecimento da razão, e a lei da nossa religião, para nos pouparmos a tão deshumanas tyranias, sempre que, socegada a resistencia e sem risco da nossa gente, se poder suspender o ultimo rigor da guerra, pondo mais cuidado em os aprisionar que em os matarem: para tambem assim se haver de tirar d'aquelles infelizes, não só a principal utilidade de virem ao conhecimento da fé, mas para que, estabelecido em

povoações remotas das suas terras, n'esta capitania, hajam de ser igualmente uteis ao estado.

E já V.S. sabe, que a lei das liberdades defende contra esta gente toda a violencia, que lh'a possa encontrar; para que na mesma intelligencia V. S. não permitta nenhumas pretenções de escravidão e de quintos e joias, que em outro tempo se praticaram, e hoje inteiramente se não podem consentir, por lhe obstar a sobredita lei; o que tudo assim muito recommendo a V. S. e ainda mais pelo peso que esta materia deve fazer nas consciencias. »

Dispoz-se, em vista da dita carta, o mais moderado castigo que podia ser, si bem que nem esse teve effeito consideravel. Continuaram as perseguições como d'antes, e sendo este o estado em que se achava a agricultura de ambas as capitanias, quando cheguei ao Pará em Outubro de 1783, depois de ter presenciado uns, e ser informado de outros commettimentos, tambem eu discorri não só a respeito dos Muras, mas geralmente sobre os Mondurucús dos rios do Xingú e dos Tapajós, e sobre os Apinajás do outro rio dos Tocantins, pelo modo que puz na presença do Illm. e Exm. Sr. Martinho de Souza de Albuquerque, governador e capitão general do estado, em representação que lhe fiz, na data de 15 de Março de 1784, e em os ultimos paragraphos escrevi assim:

Desde o principio se commetteram as pazes ao gentio, mas elle nunca as aceitou. Desarmou Sua Magestade por uma vez as machinações contra a liberdade; correo o véo aos pretextos, com que a avareza rebuçava as pretenções de captiveiro; propoz da sua parte motivos mais solidos e urgentes, para a correspondencia mutua do que eram os resgates; ordenou, que pelos meios da brandura se emprehendessem para o diante os descimentos; e tudo isto para que fim? Para que de seu motu proprio, e de sua muito livre vontade, descesse o gentio do sertão a incorporar-se com os indios aldeados, e nas aldeas, primeiro que tudo, abrisse os ouvidos ao Evangelho. Para que se não lançasse mais com os outros inimigos da corôa, dando ajuda contra os brancos ou indios seus vassallos.

Para que não exercitasse latrocinios por mar e por terra, infestando os caminhos; ou impedindo o commercio, e trato dos homens para as suas fazendas e lavouras. Para que não impedisse o cumprirem os indios domesticados e seus subditos com as obrigações impostas e aceitas de obedecerem quando fôssem chamados para o seu real serviço. Para que emfim deixassem de se destruir uns aos outros, e alguns d'elles de se devorarem nos matos com notavel injuria á humanidade. »

Que sem embargo d'isto insistisse o gentio em não descer dos sertões, damno era este, que assim o sentia a agricultura, pela falta de agricultores ; porém damno que elle não tinha obrigação de reparar com o captiveiro. Mas que nem desça do sertão, nem no sertão deixe de exercitar latrocinios, infestar os caminhos, saltear e impedir o commercio e assassinar os navegantes; procedimentos sam estes tão perfidos e sediciosos, que desafiam a justiça, com que Sua Magestade deve captivar em justa guerra os que inquietam o socego dos seus vassallos, e arruinam as suas povoações...

Achou, que em taes circumstancias era licito o captiveiro, e resolveo, que de facto o houvesse, verificadas ellas, a provisão em fórma de lei de 17 de Outubro de 1753. Não convenha Sua Magestade com ella, pelo que respeita ás clausulas do resgate, nem justiça dos resgates ; mas convenha no artigo em que diz, que é justo, e por ser tal manda, que haja o captiveiro, que proceder de guerra justa.

Para se saber si o é (continua a dita provisão) ha de constar, que o gentio se lança com os os inimigos da corôa, e dá ajuda contra os seus vassallos ; que exercita latrocinios por mar e por terra, infestando os caminhos, salteando ou impedindo o commercio e trato dos homens para as suas fazendas e lavouras : cujas circumstancias ao presente estam mais que verificadas. A mesma excepção de liberdade se acha no primeiro caso dos quatro que aponta a lei de 9 de Abril de 1655 ; e a mesma emfim no corpo de um e outro direito.

Não quero dizer com isto, que no intuito de repellir com guerra as lesões, que nos fazem o Mura, o Mundurucú, e o Apinajá, fique a cada particular o direito, ou lh'o

conceda Sua Magestade de com escravos, armas e despezas suas levar a guerra aos inimigos, para que, com a venda dos que captivar, se embolse das despezas que fizer em beneficio publico, guerra seria esta, que nunca mais havia de acabar: todos geralmente seriam reputados inimigos, com prejuizo transcendente á liberdade dos mansos; ficariam os indios, para o dizer de uma vez, no mesmo estado do captiveiro antigo.

E a todos os pretextos, simulações e dólos, com que a malicia, abusando dos casos em que os captiveiros sam justos, introduz os injustos, é que quiz cerrar a porta a lei do 1° de Abril de 1680, por que tinha mostrado a experiencia, que supposto que eram licitos os captiveiros, por justas razões de direito, nos casos exceptuados na lei de 1665 e nas anteriores, comtudo eram de maior ponderação as razões, que haviam em contrario, para os prohibir em todo o caso. O que assim foi confirmado pela lei de 6 de Junho de 1755.

O que quero é, que aos Exms. Srs. generaes pertença o direito de conhecer das lesões, e representadas que sejam a Sua Magestade, passe a mesma Senhora a confiar-lhes o reparo d'ellas, para castigarem com o captiveiro os gentios incursos nos casos d'elle (Suplm. n. 1). (*)

Felizmente no dia de hoje em nenhum d'elles incorrem os Muras; porque parece, que, compadecida a Providencia de tantas desgraças, dispoz no rio do Japurá a reconciliação, que prometteram os Muras habitantes d'aquelle rio, e tanto elles, como os dos outros rios dos Solimões, das Amazonas e da Madeira, assim o tem executado.

Donde resultou, que, tendo elles perdido o temor de serem castigados pelos insultos passados, vista a reciproca amisade, que em as nossas povoações se lhes prometteo de conservar, não só começaram a concorrer para a dos Solimões, mas tambem se embarcaram em 4 ubás 25 Muras, entre homens e mulheres e menores de ambos os sexos, os quaes chegaram á villa de Moura,

---

(*) Vid. no fim da Participação 5ª.

pelas vesperas de S. João do anno proximo passado, e tendo-os aquelle director conduzido á presença de V. Ex., para deliberar como lhe parecesse justo, sobre os signaes que lhe davam de se quererem estabelecer n'aquella villa, ordenou V. Ex. ao tenente coronel João Baptista Mardel, o qual já aqui se achava recolhido do quartel da villa de Ega, o que se collige da resposta, que elle deu em carta do primeiro de Julho do dito anno; e é a que vai inserida na collecção d'este titulo. Similhantemente o que em consequencia d'ella ordenou V. Ex. ao director, consta da outra copia da carta, com a mesma data, que a da resposta do tenente côronel.

Ainda que a historia d'esta tão util e tão inopinada reducção verdadeiramente pertence ao rio dos Solimões, para onde se entraram a communicar os primeiros, que desceram do rio do Japurá, comtudo, como nem eu tenho maior certeza de visitar aquelles rios, para reservar para então a referida historia, nem ella em si causa um tão pequeno gosto de a participar, que não deva todo qualquer historiador que a souber antecipal-a aos Européos, antecipo pela minha parte o que sei, que se passa, em proveito dos lavradores do Rio-Negro; e a collecção das cópias, que V. Ex. me facilitou, desempenhará o titulo que tem de noticias da voluntaria reducção de páz e amisade da feroz nação do gentio Mura, nos annos de 1784, 1785 e 1786.

Barcellos a 11 de Maio de 1787. *Alexandre Rodrigues Ferreira.*

1°

MAPPA

dos moradores brancos, indios aldeados, pretos escravos, e fogos, que existem na freguezia de Santa Rita de Cassia da villa de Moura, em 27 de Abril de 1786.

EXTRACTO

Moradores brancos, indios aldeados, e pretos escravos	814
Moradores brancos	66
Indios aldeados	729
Pretos escravos	19
Fogos	88

2°

MAPPA

da qualidade e quantidade dos generos cultivados, entre os que já estavam colhidos e os que ainda ficavam esperançados por todo o anno de 1786, pertencente aos Moradores brancos, e indios da villa de Moura. Ao 1° de Agosto de 1786.

EXTRACTO

Segue-se uma relação nominal de 14 individuos os quaes produziram:

Alqueires de farinha	190
Ditos de arroz	40
Ditos de feijão	30
Arrobas de café	198
Arrobas de cacau	134
Mãos de milho	40

3°

MAPPA

de todas as cabeças de gado vacum, existentes na villa de Moura, ao 1° de Agosto de 1786.

EXTRACTO

Novilhos	15
Bois	9
Novilhas	20
Vacas	30
Todos	74

PARTICIPAÇÃO QUINTA

Pelas 2 horas da tarde de 27, sahi da villa de Moura, e sendo logo informado que faria viagem mais breve, a navegar por fóra das ilhas, assim o ordenei ao piloto e aos mais indios remeiros, os quaes se ajudaram tanto da força da correnteza, que ainda não eram 6 horas, quando passei por defronte da foz do rio Anani, o qual desagoa na margem austral do Rio-Negro. Unini lhe chamam os indios e não Anani, como os brancos ; porém tudo é o mesmo rio apontado na Participacão 3ª da segunda parte do meu diario de viagem, aonde me eu antecipei a informar d'elle, que desagoava no rio, entre a villa de Moura e o lugar de Airão ; referindo-me tambem ao que d'elle ouvi dizer os indios do logar do Carvoeiro, que se communicava com o outro rio Cauaury, o qual desagoa na mesma margem, entre os logares de Carvoeiro e de Poiares. Acho escripto que pelo Anani acima se vai ter ao lago do Atiniuiny, que o communica, mediante um trajecto de terra, com o outro lago Cudajá, o qual se coangusta em alguns canaes, e um d'elles vai desagoar na margem septentrional do rio dos Solimões, entre a correnteza de Juruparipindá na dita margem e a foz do lago do Cuary na outra margem opposta do mesmo rio. No dito lago e em outros muitos, que desagoão no indicado canal do Cudajá, se haviam ultimamente aposentado os Muras, os quaes não só desalojaram os gentios habitantes do rio Anani, mas tambem por elle mesmo passavam para as povoações do Rio-Negro, como tenho escripto. Hoje porém apenas existem no Anani alguns indios fugidos.

Fazia tenção de n'aquella noite adiantar a minha viagem ; porém a trovoada que sobreveio me obrigou a

pernoitar desde as 8 horas na ponta de uma ilha alagada. Larguei pelas 5 da manhan de 28, e muito pouco antes de aportar no logar de Airão, passei pela foz do rio Jaú, o qual desagoa na mesma margem. Tambem d'este se escreve, que se communica com o Anani, e que fora algum dia habitado de bastantes gentios. Pelas 10 horas da manhan aportei no logar (14 legoas), sem ter visto mais do que os dous rios indicados ; e até hoje não sei, que pela margem boreal do Rio-Negro desagôe n'elle algum rio no espaço, que intercede a villa e o logar.

Fica imminente ao rio, porque está situado sobre uma barreira modicamente elevada, correndo pelo alto d'ella, ao longo da margem, uma bem formada planicie, em que está disposta a povoação. Na praia, que lhe serve de porto, e pelo rio dentro até pouco abaixo do logar, ha grandes lages de pedras, que na enchente vam ao fundo, e as que vi no alto da barreira eram de um coz finissimo, unicamente com mais e menos tintura de ochra, e assim mesmo, ora mais, ora menos frageis, segundo a antiguidade da sua formação. O porto e a barreira, que se segue costa abaixo, sam muito desabrigados. A largura do rio, que ali se deixa gozar da vista, é tão notavel como a que se goza em Moreira.

Defronte lhe corresponde a bocaina, que fazem as ilhas fronteiras, e por ella se alcançam com a vista as margens da outra banda do rio. Quando sobrevêm as trovoadas, retiram-se do porto as canôas que correm risco, e lá se vam abrigar em um igarapé immediatamente superior ao logar. Parece, que no principio da sua fundação se alinharam trez ruas de fundo, nas quaes erigiram os indios as suas casas. No dia de hoje porém só uma das ditas ruas merece tal nome ; porque na que representa que teria sido a da frente, apenas se conservam 4 casas no principio da linha, assim contado, por quem navega rio abaixo, e mais 2 no fim. Na segunda linha, que é a que representa a fachada da povoação, não ha mais do que 9, incluidas as residencias do reverendo vigario e do director (as quaes estam unidas) e a casa do forno. Na que devia ser a terceira, existem 2, porque todas as mais se demoliram.

No centro da linha do prospecto está erigida a matriz : é a mais pequena e a mais pobre, das que tenho visto. Estava mal coberta de palha, com todo o seu emadeiramento podre ; os esteios cerceados á flôr da terra, e as paredes lateraes da capella mór, a do arco d'ella, e as da sacristia necessitavam muito de serem reparadas a tempo, para se não demolirem de todo. Os espeques, que lhe mandou encostar o doutor ouvidor Ribeiro de Sampaio, para não penderem para fóra, serviram de as inclinar, e fazer penderem para dentro. E' igreja do tempo das missões, e desde então para cá, o que se lhe tem feito de beneficio, não tem passado de passageiros reparos.

Tem o unico altar da capella mór, aonde está collocada a imagem de S. Elias, que é o orago. Possue 1 calix de prata com as suas pertenças (1 caixa de madeira com os 3 vasos dos santos oleos), 6 castiçaes pequenos de estanho, e 4 maiores de madeira, 1 par de galheta de vidro, 1 copo do mesmo para servir de vaso de communhão, 1 turibulo de latão em bom uso, 1 alampada do mesmo, que verdadeiramente só metade d'ella existe porque, visitando aquella igreja o Reverendo vigario geral da capitania Joseph Monteiro de Noronha, já a tinha dado em despeza ; 1 campainha, e 1 sino.

Tanto as 3 alvas, que haviam de panno de linho, como as 6 toalhas do mesmo, para o altar, além de mais 3, para a mesa da communhão, estavam bôas e bem conservadas. Assim mesmo ficava a unica sobrepeliz, que a mandou fazer á sua custa o Reverendo vigario. Os 2 frontaes, branco e rôxo, ainda sam paramentos do tempo das missões. O Illm. e Exm. Sr. Fernando da Costa Atahide Teive foi o que deu tanto o frontal encarnado, como a planeta correspondente, e a umbella, que tambem é de damasco, e só differe em ser branco : nenhum dos ditos paramentos padecia ruina. Tambem o Exm. e Reverendissimo Senhor bispo defunto deu a segunda planeta rôxa das duas que vi d'esta côr.

As residencias do Reverendo vigario, e do director, e o armazem da povoação não sam trez casas separadas,

porém uma só, repartida por dentro em trez. Estava bem coberta de palha, e tinha na frente uma varanda terrea e intijucada. Pertencia á repartição do Reverendo vigario duas casas de fóra, e outras duas de dentro com fechaduras nas portas para a rua. Outras tantas pertenciam á repartição do director, sem differença na fórma, na decoração, e na segurança. Entre uma e outra existia a terceira repartição, a qual era pequena, e servia de armazem sem outra segurança mais do que a d'estes feixos de pau, com que os indios seguram as portas das suas casas.

Constava o seu fornecimento de 8 armas de fogo, incluidas 4 já incapazes, 3 foices novas, 2 machados muito usados, 5 ferros de canôa, 1 serrote de mão, 2 verrumas de meia caverna, 2 facões, 1 enxó de martello, 3 facas de afoguear, 1 almofariz com sua mão, 1 chocolateira velha, 1 tacho grande já roto, 1 balança com os pesos, desde meia libra até duas arrobas, e 1 barra de ferro.

Aos dous moradores brancos, que sam os unicos que ali ha, pertenciam duas propriedades, ambas terreas, e situadas na frente, e ambas bem conservadas. Aos indios do logar pertenciam 19, incluidas as mais novas, e asseadas que vi, como fôram a do capitão Theodosio da Gaia, a do principal Calisto da Cunha, e a do indio Xavier de Matos. A do outro indio Anacleto ficava quazi no chão. Contei 22 casas, entre as que realmente o eram, e as que ainda por taes se reputavam.

Não estava roçado o mato da retaguarda da povoação, sendo certo que, não só em ordem á segurança dos moradores, se deveria ter cumprido com a obrigação de o mandar roçar, mas tambem que, em ordem á saude dos ditos, se deveria ter mandado desbastar as larangeiras e pacoveiras, que assombram as casas situadas ao nascente, porque occupam todo o teso da frente da barreira, por aquella parte, e observam os indios, que toda aquella repartição é doentia. Nem ha olaria, nem casa de conôas. Vi um bote das ordens de 6 remos por banda, e uma igarité de 2; porém ambos os ditos cascos já muito velhos e arruinados.

Foi esta povoação fundada pela primeira vez no sitio vulgarmente chamado dos Tarumás, que foram os gentios que então a povoaram com os da nação Aroaqui, estabelecendo-se uns e outros na distancia de meio dia de viagem pela enseada boreal, immediatamente superior a fortaleza da Barra d'este rio. Contam alguns indios antigos, que era tão grande a perseguição dos morcegos, e tanto o estrago que elles faziam nas crianças, que para evitarem esse e alguns outros inconvenientes se viram obrigados a mudarem-se d'aquelle para este sitio. Fundaram uma aldeia, que em outro tempo foi das mais populosas e nomeadas. Ainda não ha muitos annos que se demoliram de todo umas casas de sobrado, em que residiam os missionarios. Repetidas vezes tenho ouvido engrandecer a festividade do imperio do Espirito-Santo, pela muita pompa e riqueza, com que ahi a faziam os referidos missionarios.

Alguns moveis pertencentes a ella se distribuiram por esta villa, e no inventario da matriz, quando o dei, inseri a bandeja a corôa, e o sceptro, que todos os annos serve na mesma festividade. Chamava-se a aldeia do Jaú, por estar situada onde está immediatamente inferior á foz do rio d'este nome. Porém, sendo elevada a logar, quando o foram as outras aldeias, tomou o de Airão, que é o que ao presente se conserva.

Tem tido 14 directores desde Alexandre Ferreira das Neves até Raimundo Dias Guedes, que ha 9 annos que o dirige, e tem 46 de idade. Falta-lhe o desembaraço preciso para se saber haver nas urgencias da povoação, e ainda fóra d'ellas não tem a intelligencia, que basta para um mediano maneio dos interesses d'ella.

Os reverendos vigarios, que privativamente o tem sido do logar, não passam de oito, desde frei Domingos do Rosario, religioso carmelita, até frei José da Conceição, da ordem dos menores, que ha 7 annos que a parochêa, religioso verdadeiramente digno d'este nome, assim não fôra tão preoccupado com as melancolicas idéas das suas molestias, as quaes, com o muito philosophar sobre

ellas, se lhe augmentam de sorte, que quazi todos os seus dias de vida sam de uma continuada mortificação.

Depois que de todo se extinguio a nação Turumá, ficaram povoando o logar os Aroaquis, Manáos, Barés e Tucuns. O seu numero consta do mappa annexo. Os repetidos contagios de bexigas e de sarampo têm diminuido muito a sua população. Conta-se, que constando de 37 pessoas a familia do principal Ambrosio de Santa Anna, só elle e um filho seu escaparam da morte em um d'estes contagios. Ha 12 annos a esta parte, que tem quatro descimentos : dois fôrão feitos pelo cabo da canôa Manoel Affonso, e o primeiro d'elles constou de 150 almas da nação Aroaqui, das quaes tem morrido umas, e outras se ausentaram. O segundo descimento constou de 37 almas da mesma nação, e d'ellas ainda se conservam umas 15.

O defunto Victorino Gomes desceu trinta e tantas almas, da mesma sorte que o outro morador Manoel de Moraes tambem desceu outras 30. Pelo que respeita a agricultura dos brancos, sendo elles tamsómente dois, não ha mais que dizer sinão que o morador Manoel Affonso, na qualidade de cabo da canôa d'aquella povoação, só planta a farinha precisa para o sustento de sua familia ; e de um cafezal;que tem ainda novo,disse elle,que chegava a colher umas 6 até 8 arrobas de café. O outro morador Manoel de Moraes é mais dado ás criações do que ás lavouras. Sem embargo do que não deixa de plantar e fabricar a farinha para o seu sustento. O director é casado e estabelecido no logar de Carvoeiro, e como tal não tem nas terras de Airão estabelecimento algum nem de roças, nem de outra qualquer fazenda.

Entre os indios, o defunto principal Victoriano da Gaia tinha disposto um cacoal na boca do Jaú ; e d'elle existiam alguns pés, que os não desfructaram, pelo horror que conceberam áquelle logar, depois que n'elle o matou o gentio Mura. O capitão Theodoro da Gaia colhe 3 a 4 arrobas de café, e vai tratando de augmentar o seu cafezal. D'elle se queixava o reverendo vigario, que dava couto aos indios desertados, recolhendo-os de noite em sua casa, porque lhe

traziam alguns balaios e tipitis e tendo com elles largas sessões, sem os denunciar ao director.

Ao mesmo reverendo vigario ouvi dizer, que, sendo director do logar Roque Joseph de Miranda, fizera um cafezal para o commun dos indios, o qual, ainda que pequeno sempre rendia por anno dois rolos de panno de algodão, para pagamento das indias que trabalhavam n'elle.

Disse, que ainda no seu tempo chegara a vêr uma peça de roão de cofre, que rendera a colheita d'aquelle genero para o sobredito pagamento. Disse finalmente, que por mera negligencia, sem concurso de outra alguma causa, se deixara cobrir de mato aquelle cafezal, que ao presente nada rende.

Pelas immediações do logar ha a estimavel madeira, que por aqui se chama muirá-coatiara, além de outras muitas, que tambem são finas, e como taes merecem estimação. E' certo, que no corte de todas ellas não tem havido reserva alguma, tendo até agora sido livre a todo qualquer particular o cortal-a, quando e como quer, sem differença no abuso, que igualmente praticam os habitadores do rio Solimões com as sumaumeiras, que dam a sumaúma branca, os quaes cortam as arvores para lhes tirarem a sumaúma.

Tambem na margem fronteira á povoação de que falo, se recolhe o breu, que é preciso para o calafêto das canôas d'este rio ; e aquelle é o breu, que, por ser branco, lhe chamam os indios sicautautinga. Não seria de proposito que n'elle consistisse alguma parte do commercio d'aquelles moradores, porque é genero de consumo, e elles o têm perto. Porém alguns annos ha a esta parte, que nem para agricultura, nem para o commercio se lhes facilitavam muito os meios e as disposições ; porque o gentio Mura nunca deixou de os perseguir, quando póde, pela margem austral, sahindo a elle pelo rio Jaú.

Na sua boca matou aquelle gentio ao sobredito principal Victoriano da Gaia, o qual se tinha situado n'ella. Da sua gente assassinou algumas vezes umas, e prisionou outras pessoas ; e n'este estado de temor se achava, quando a respeito do dito Mura lhe aconteceu a novidade,

que a V. Ex. participou o Reverendo vigario, e é a que consta das copias juntas numeros 1, 2, 3 e 4.

Barcellos 7 de Junho de 1787.—*Alexandre Rodrigues Ferreira.*

Accrescêram depois da data d'esta a respeito dos gentios Muras e dos Jumas, que os investiram, as novidades, que constam das outras copias numeros 5, 6, 7 e 8, nas quaes vam transcriptas as participações e respostas, que se lhes seguiram.

MAPPA de todos os moradores brancos, indios aldeados, pretos escravos, e fogos, que existem na frequezia de Santo Elias do logar de Airão. Em 28 de Abril de 1786.

EXTRACTOS

Moradores brancos, indios aldeados e pretos escravos	148
Moradores brancos	20
Indios aldeados	126
Pretos escravos	2
Fogos	22

N. 1

DO VIGARIO DO LOGAR DE AIRÃO NA AUSENCIA DO RESPECTIVO DIRECTOR

Illm. e Exm. Sr. Dou parte a V. Ex. em como n'esta povoação se acha o gentio Mura, ha perto de trez mezes, os quaes trazem comsigo dous lingoas, um é natural d'esta povoação, o qual apanharam em pequeno aqui nos mesmos districtos, e outro lingua é da povoação da villa de Thomar, por nome Alexandre, que o apanharam no rio Solimões, indo o cabo da dita povoação

ao negocio. Estes se querem estabelecer n'esta mesma povoação, para o que já os ditos linguas tem roçado ao pé da mesma povoação; para o que o capitão do mesmo lhe deu alguma ferramenta para elles roçarem, e tambem o outro dia lá foi o capitão com algumas indias a plantarem-lhe a roça; o que lhes falta a elles sam ferramentas e o sustento diario de farinhas, que agora se tem mantido com alguns beijús, que as indias lhes deram a elles, ou algum bocado de farinha, e assim vam passando até agora; tambem agora veio outro lingoa com o soldado Julião Alves, que veio da villa da Ega a trazer um pouco de gentio a ter com V. Ex., o qual deixou aqui o dito lingua, que é tambem nacional d'esta povoação, o qual está nos Cudajás; tambem se quer descer para esta sua povoação, e quer trazer todos os seus alliados para aqui, para o que torna outra vez para lá, a praticar todos elles, para então vir de todo com elles; e então diz, que quer ir ter com V. Ex. a falar-lhe, os quaes não vam agora com o capitão a ter com V. Ex., porquanto andam mariscando alguma tartaruga, aqui pelas abas da povoação; e tambem alguns estam fazendo as suas ubás para andarem, que estam faltos de canôas, segundo o que me dizem os ditos lingoas; juntos que estejam, logo os mando aos pés de V. Ex., quazi todos os dias aqui estam na povoação, tanto faz o masculino, como o feminino, e ellas ás vezes vem sosinhas, sem susto algum nem pavor, como si fôssem já domesticas; aqui se acham alguns paneiros de farinha do dizimo, que todos elles sam seis; porém como me consta que o director d'esta povoação tem dado parte aos Senhores do governo, razão porque se lhe não tem bolido n'ella; o dar eu parte a V. Ex. é porque o capitão d'esta mesma povoação me pedio, pelo director d'ella a não ter dado a V. Ex.; já digo o que mais os amofina é não ter farinha para comerem, porque já as indias d'esta povoação não coalham um beijú, que elles lh'o não tirem; porém não lhes dizem cousa alguma pelos não desconsolarem; eu tambem os tenho soccorrido com o que posso, que nunca se me tiram de casa, e vou-os animando com a minha pobreza que posso, e praticando-os cada vez mais para o gremio da igreja, como constará a V. Ex., e o dito capitão

que é excessivo n'isso: é o que se me offerece dizer a V. Ex., que Deus guarde muitos annos.

Logar de Airão 11 de Fevereiro de 1787.

De V. Ex. o mais humilde subdito e criado.

Frei Joseph da Conceição.

N. 2

RESPOSTA

Pelo que V. S. me participa em data de 11 do corrente mez, fico inteirado dos indios Muras, que têm vindo estabelecer-se n'essa povoação, e do que V. S. e esses moradores têm com elles praticado de agasalho e acolhimento, o que muito lhe recomendo, que assim se continue, para que de outra fórma, desgostosos, se não retirem, e se perca a grande obra, que a divina bondade tem facilitado da geral redução d'estes barbaros; convindo eu que d'essas farinhas, que ahi houver do dizimo, se vam soccorrendo aquelles indios, como ao respectivo director assim o advertirá V. S. de minha parte; e que promova, que os ditos indios vam fazendo as suas roças, para d'ellas se sustentarem, sem maior gravame da real fazenda ou d'esses mesmos habitantes.

Deus guarde a V. S.

Barcellos em 17 de Fevereiro de 1787.

João Pereira Caldas.

N. 3

DO MESMO VIGARIO

Illm. e Exm. Sr. Vae o capitão d'esta povoação aos pés de V. Ex. com os principaes dos Muras a terem com V.Ex. e exporem, que se querem estabelecer n'esta povoação, como já mandei dizer a V. Ex.; para o que os mandei vir todos á minha presença, tanto o sexo masculino, como o femenino, e todos me disseram, que queriam

geralmente; porem que queriam, que V. Ex. lhe mandasse dar alguma ferramenta, para estes poderem com ella fazer as suas roças, e tambem as suas casas, e promettem os ditos linguas de irem ao rio dos Purus buscar mais gente, que ainda estam no centro do mato; já digo a V. Ex., elles estam muito contentes e satisfeitos.

A gente que aqui se acha de indios sam 21, mulheres 22, crianças do sexo masculino 9, e do sexo femenino 7, estes já sam grandes, e outros pequenos que ainda sam de peito, e fóra alguns que estam no rio Solimões, que dizem os linguas, que, em vasando o rio, logo os querem ir buscar, e meterem-lhe pratica para os trazerem para sua companhia. Como o director d'esta povoação vae para essa capital, exporá a V. Ex., que elle o não ter ido a mais tempo, me dizem, que é por estar molesto em o logar de Carvoeiro, e com mais individuação lhe dirá o capitão a V. Ex. a respeito do dito gentio.

E' o que se me offerece dizer a V. Ex., que Deus guarde muitos annos.

Logar de Airão em 4 de Março de 1787.

De V. Ex. o mais humilde e subdito servo

Frei Joseph da Conceição.

N. 4

RESPOSTA

Com a carta de V. Ex. datada de 4 do corrente mez, me apresentou o capitão d'esse logar os indios Muras, que vieram á minha presença; comprehendendo-se entre elles 4 pertencentes a diversas povoações d'este rio, que nos seus assaltos haviam, ha annos, aprehendido os ditos Muras, e como seus escravos possuiam; e sendo d'aquelles o oriundo da villa de Moura o que já no fim de Junho do anno passado, aqui tinha vindo com outra porção do mesmo gentio, que então disseram se queriam estabelecer na referida villa, e que agora dizem se resolveram de ficar na nova povoação do rio Mamia, junto ao logar de Arvellos no lago Cuari; ficando assim insubintente a sua primeira determinação em descerem para

Moura, mas sem inconveniente, quando na realidade elegessem, e se achem existentes n'aquella outra povoação.

A estes e a mais gente, que ahi deixaram, mandei vestir, e brindar com outras galantarias, que a V. S. constará, alem de uma porção de ferramentas, para com ellas continuarem o preciso trabalho das suas roças, ás quaes com todo o bom modo se devem ir applicando, para d'ellas poderem subsistir, fazendo-se-lhe sobre tudo boas praticas para a sua desejada permanencia.

Dizem, que tem muito mais gente no rio Purús, e que mais de vagar a pretendem ir buscar; o que assim quando o quizerem se lhe permittirá, tratando-se em tudo com o agasalho, que já na minha precedente carta muito recomendei a V. S., e que tambem agora da mesma forma faço ao director d'esse lugar, por occasião de haver juntamente aqui passado.

Deus guarde a V. S. Barcellos em 12 de Março de 1787.

João Pereira Caldas.

N. 5

DO VIGARIO DO LUGAR DE AIRÃO

Illm. e Exm. Sr. Vae o director d'esta povoação com um principal Mura, que desceo do mato com cem almas, o qual, logo que aqui chegou, disse, que queria ir ter com V. Ex., e juntamente vêr a terra dos brancos, sem embargo do que V. Ex. mandou dizer pelo soldado Theodoro Bahia, que lhe não fossem lá mais Muras, por quanto não havia farinha para lhes dar a elles; porem como os principaes Muras, que vieram de Borba, quando passaram por aqui, falaram com este principal, e lhe disseram a elle, que V. Ex. os tinha brindado e recebido com muito carinho e afago, razão porque cresceo ainda no dito principal maior fervor e desejo de ir ter com V. Ex., e pelo não desconsolar, e se lhe ter dito que havia de ir ter com V. Ex., razão porque o mando.

Só devo dizer a V. Ex., que o dito principal é menos mau, isto é, de todos os Muras, que aqui estam comnosco, sem embargo que tudo vae das praticas, que eu lhe tenho feito, porque elle mesmo, tanto que chegou, entrou a fazer roça com seus vassallos, pedindo ferramentas emprestadas, signal e demonstração de ter bom principio, o que os outros que ha mais tempo que estam o não tem feito, ainda com praticas bastantes; o que querem é andar mariscando pelas beiras do rio, ainda que deram principio já a um roçado; porem o que lhes falta a elles, é andarem accompanhados de alguns ladinos para os meterem a caminho, para melhor se irem civilisando, pois duas vezes tenho ido ter com elles, acompanhado dos mesmos linguas, dizendo-lhes o modo como hão de fazer as suas roças, que sem embargo que elles estam perto da povoação, e na mesma povoação, se lhes deram casas a elles para se poderem estabelecer, emquanto não fazem as suas novas para n'ellas morarem; tambem adverti ao director para que expuzesse a V. Ex. que n'esta povoação se acham umas poucas d'armas de fogo, todas desconsertadas, sem haver uma que seja capaz de dar fogo, e tambem não haver polvora nenhuma para defesa nossa, pois estamos aqui metidos entre tanto gentio, não haver com que nos possamos defender, porque V. Ex. bem sabe, que se não pode estar sem isso, e me consta nas mais povoações, onde está o dito gentio Mura, tem dado V. Ex. todas as providencias necessarias n'essa materia, sem embargo que o meu director não tem pedido a V. Ex., é por ser uma qualidade de homem muito acanhado no falar; e dará dinheiro só por não falar com os superiores: razão porque tomo isto a meu cargo, a dizel-o a V. Ex., que isto não é dizer mal d'elle.

E' o que se me offerece dizer a V. Ex., aquem fico rogando a Deus, nosso senhor, pela vida e augmento.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos.

Logar de Airão 5 de Agosto de 1787.

De V. Ex. servo, criado e reverente subdito.

Frei Joseph da Conceição.

N. 6

Resposta

Com a carta de V. S. de 5 do corrente mez, me apresentou aqui o director d'esse logar o principal, e sete indios Muras, que Vossa Paternidade encaminhou á minha presença, sendo de cousa de cem almas, que novamente desceram a se encorporarem com os outros já precedentemente estabelecidos.

Não obstante a grande falta em que por aqui nos achamos de farinha de mandioca, eu os mandei tratar com todo o agasalho possivel; e os mandei vestir e brindar em similhança do que com os primeiros se havia observado; fazendo-lhes tambem continuar convenientes praticas, ao fim da sua permanencia e do seu melhor arranjamento, tudo em conformidade do que a Vossa Paternidade partecipei pelas minhas anteriores cartas de 17 de Fevereiro, e 12 de Março do corrente anno, pelo conteúdo nas quaes é que da mesma fórma recomendo se continue em obrar a respeito d'esta accrescida gente; por quanto a reducção e conservação d'ella é ao serviço de Deus, de Sua Magestade, e ao bem commum dos seus vassalos da grande importancia, que Vossa Paternidade não ignora. O que Vossa Paternidade continuar de trabalho e zelo, em adiantar esta importante obra, não deixará de lhe ser muito merecimento, e bem proprio do seu estado, e emprego.

Mandar-se-ão concertar as armas d'essa povoação, em que Vossa Paternidade me fala; e vae juntamente uma porção de polvora e de perdigotos, conforme tudo noticiará a Vossa Paternidade o sobredito director. Mais de vagar se mandará uma maior porção de ferramentas para o trabalho d'esta gente.

Deus guarde a Vossa Paternidade.

Barcellos em 12 de Agosto de 1787.

João Pereira Caldas.

N. 7

Do mesmo

Illm. e Exm. Sr. Dou parte a V. Ex., no dia 7 do corrente deu o gentio Juma no gentio Mura d'esta povoação, estando elle na sua roça, aonde mataram uma india Mura, mulher de um filho do principal, que foi ter aos pés de V. Ex. a essa villa de Barcellos; o dito gentio Juma veio pelo rio chamado o Anani, e lhe levou trez canôas dos ditos Muras, e os fez saltar todos elles ao mar, tanto faz masculino como feminino, os quaes se acham todos recolhidos n'esta povoação; não mandei atraz d'elles por a dita povoação não ter armas nenhumas, com que se possa defender, para o que rogo a V. Ex. mande dar as providencias necessarias, de mandar essas que levou o director para se mandarem concertar, e juntamente alguma polvora e balla, não só para defesa da povoação, e tambem do mesmo gentio, que certamente se acha desconsolado sem embargo que o tenho praticado, dizendo que não tenham medo, que V. Ex. ha de dar providencias a tudo, pois é tal o medo que conceberam, que não querem ir ás roças sosinhos, sem companhia debaixo de armas; ahi remetto a V. Ex. as taes frechas do dito gentio Juma, que todas ellas trazem hervadura, e sam feitas na ponta de paxiúba : é o que se me offerece dizer a V. Ex.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos.

Logar de Airão 7 de Agosto de 1787.

De V. Ex. o menor servo e subdito.

Frei Joseph da Conceição.

N. 8

Resposta

Pela carta de V. S. datada de 7 do mez corrente, me foi constante ter dado o gentio Juma nos Muras novamente estabelecidos n'essa povoação, matando a mulher

do fi'ho do principal, que, pouco ha, veio á minha presença, levando-lhe algumas das suas pequenas canôas, e remettendo-me V. S. uma das frechas hervadas do referido gentio Juma, o qual pelo rio Anani é que veio fazer aquelle maleficio, nas roças immediatas a essa dita povoação.

As armas pedidas, que tinham vindo para se concertar, já se haviam remettido com algum provimento da precisa munição ; e agora irá mais uma das ditas armas, que ficou por se não achar ainda concertada, quando as outras foram.

Tambem presentemente irão mais 16 machados, 16 fouces, e 16 ferros de cóva, como eu a V. S. havia esperançado na precedente resposta, sendo assim tudo o que por ora se tem distribuido para esse novo estabelecimento de Muras, quanto na relação inclusa se manifesta; e sendo que estas acrescidas ferramentas ficam tambem em carga ao director, como com as primeiras se práticou, segundo similhantemente se avisará pelo governo interino da capitania.

Deus guarde a V. S.

Barcellos em 29 d'Agosto de 1787.

João Pereira Caldas

SUPPLEMENTO

DA

PARTICIPAÇÃO QUARTA

Sobre a guerra ordenada contra as nações de indios, que infestavam a capitania do Piauhi, então subordinada ao governo geral do Pará, e sobre os successos que da mesma guerra resultaram, occorre-me accrescentar aqui as cópias das memorias, que eu ainda não tinha visto na cidade do Pará, quando pensava no captiveiro dos Muras e dos Mondurucús.

Fez-me V. Ex. uma particular graça em m'as facilitar; porque tendo eu sempre lido e ouvido, quanto era materia esta bem melindrosa de tratar, e de propôr durante o ministerio passado, no qual não houve indulgencia, que Sua Magestade a não mandasse praticar com os gentios, mediante os officios do Illm. e Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, vim ultimamente a vêr, que n'aquelle mesmo ministerio, e pela mediação do mesmo Exm. ministro, resolveu Sua Magestade contra os Gueguês o mesmo que eu pensava contra os Muras. Porque creando V. Ex. o governo da dita capitania, e havendo logo representado a Sua Magestade a precisão, que havia, de se fazer guerra geral ás nações de indios Acoruás, Timbiras e Gueguês, pela consternação em que de muitos annos tinham posto, e iam pondo, não só os moradores d'aquelle districto, como os de uma parte da outra confinante capitania do Maranhão.

Não sendo o mesmo senhor servido permittir a proposta de guerra geral, houve comtudo por bem, que se pudesse praticar e effectuar unicamente a particular nas respectivas fronteiras; e por resposta que mandou dar

pela sua secretaria de estado dos negocios da marinha e dominios ultramarinos, nas datas de 18 e 19 de Junho de 1761, entre outras providencias, determinou o seguinte :

Que ao tempo que V. Ex. declarasse a guerra devia publicar por bandos, e fazer passar ao conhecimento dos mesmos indios, por todos os modos que coubesse no possivel, que todos aquelles que viessem sugeitar-se ao suave dominio de Sua dita Magestade, aldeando-se e reduzindo-se a domicilio certo e sociedade civil, seriam protegidos contra seus inimigos, tratados como os mais vassalos, e assistidos dos meios necessarios para se estabelecerem.

Que porém os que continuassem a viver no corso e vida licenciosa, seriam castigados a ferro e a fogo ; e que aquelles que na tal guerra fôssem aprehendidos, ficariam captivos por toda a sua vida, fazendo-se d'elles registro separado, para que em nenhum tempo se pudessem confundir com elles os outros indios livres e ingenuos: o que porém nao tería logar a respeito das mulheres e filhos ; porque ellas e elles como innocentes ficariam em todo o caso livres.

Porque pois publicado com a devida antecipação o bando determinado, nada aproveitou o perdão por elle concedido, dispoz V. Ex. consequentemente a guerra facultada, sendo os referidos seus effeitos os que melhor evidenciaram as copias das relativas contas, aqui na sua mesma ordem transcriptas e continuadas.

1.ª

Illm. e Exm. Sr. Havendo-me V. Ex. participado nos seus avisos de 18 e 19 de Junho de 1761 a ultima resolução de Sua Magestade quanto á guerra, que o mesmo senhor me manda fazer ás nações de indios, que infestam esta capitania, ehavendo eu determinado principial-a no verão de 1762, pedi logo ao governador do Maranhão a armas e mais munições, que, para aquella diligencia, se me faziam precisas; e publicando a dita guerra pelo bando, que V. Ex. me ordenou, entrei consequentemente a pretender

d'estes moradores os mantimentos necessarios para ella, a tempo que andava effectuando a creação das villas d'este governo.

Achavam-se as cousas dispostas n'estes termos, quando por motivo das preparações, que occasionou o rompimento das cortes de Pariz e Madrid, foi necessario aquelle governador suspender a remessa, que já me havia promettido fazer, das sobreditas armas e munições; e demorar eu d'este modo o intento da guerra, que então queria principiar.

Sendo porém Deus servido terminar aquelle motivo, com o beneficio da paz, e havendo-me aqui chegado a participação, e tratado d'ella, em fins de Junho do anno passado, entrei outra vez a prevenir o necessario para a execução da sobredita guerra, e tornei novamente a pedir ao referido governador as mesmas armas, munições e indios, de que a esse fim se precisava.

Fiz juntamente ouvir as camaras das villas de Pernagoá e Juromenha, para que, como mais empenhadas n'aquella guerra, me houvessem de informar de algumas circumstancias, porque eu me devia regular nas minhas disposições, principalmente depois de assentar em que era preciso dirigil-as pela vontade d'estes povos, emquanto me fosse possivel.

Sobre as respostas das ditas camaras, expedi logo todas as ordens precisas para a nomeação da gente, que se devia empregar n'aquella diligencia, e passei igualmente as necessarias, a respeito da arrecadação e transporte dos mantimentos offerecidos para ellas, advertindo juntamente a todos os commandantes dos corpos de cavallaria e ordenança estabelecidos pelas freguezias d'esta capitania, que auxiliassem as respectivas camaras na sobredita arrecadação, e remessa d'aquelles mantimentos.

E em dando todas as mais providencias, que constaram a V. Ex. dos papeis inclusos e expedindo aos commandantes das duas tropas destinadas a esta diligencia as ordens, que igualmente participo a V. Ex. por copia, fiz consequentemente encaminhar ao mato ambas as ditas tropas e acompanhal-as de tudo o que era preciso para poderem obrar com felicidade.

Consta-me porém, que a tropa, que sahio do Pernagoá, se tem já ali recolhido, depois de se haver demorado no mato muito menos tempo do que eu determinava, e de não ter feito maiores progressos do que os de matar quatro indios de uma maloca, que encontraram. Mas pouco importa, que não houvesse maior vantagem, quando com a mesma tropa não fez a real fazenda nenhum genero de despeza; porque, querendo aquelles moradores fazer a guerra sobre si, se obrigaram a esquipal-a de todos os mantimentos e armamentos precisos, na fórma que V. Ex. verá nos sobreditos papeis. Parece, que novamente querem fazer outra entrada no principio das agoas, segundo o que me informa o commandante da referida tropa.

Da outra grande que anda á ordem do tenente-coronel João do Rego, não tenho ainda noticia, depois de haver muito tempo, que entrou para o mato; porém espero em Deus, que, supposta a sua força e a experiencia do dito tenente-coronel, seja muito bem succedida; e assim o desejo efficazmente, para se não frustrar a despeza, que com esta fez, e ha de fazer a real fazenda; nem se malograr o grandissimo trabalho, que me occasionou a sua expedição, por ser intentada em uma terra, em que os seus habitantes não sam assistidos dos mais nobres espiritos, nem de muito uso de razão. Em fim do que ultimamente succeder, darei a V. Ex. conta, com a brevidade que me fôr possivel.

Deus guarde a V. Ex.

Oeiras de Piauhi a 30 de Julho de 1764.

João Pereira Caldas.

2ª

Illm. eExm. Sr. Havendo participado a V. Ex. n'esta mesma occasião todas as disposições, com que regulei a a guerra, que se anda fazendo ás nações de indios, que infestam esta capitania, e havendo igualmente communicado a V. Ex. o pouco fructo, que resultou da tropa, que os moradores da freguezia de Pernagoá quizeram

ali formar separadamente, e esquipar inteiramente á sua custa.

Quiz comtudo a Providencia Divina permittir-me o gosto de que juntamente pudesse referir a V. Ex. a felicidade, que já tem experimentado a outra tropa grande, que anda á ordem do tenente-coronel João do Rego Castello-branco, pois que agora me chega a conta, em que este official me dá parte do bom successo, com que principiou a guerra, fazendo nos inimigos o grande numero de prisioneiros, que constara a V. Ex. da copia da sua mesma conta; e a avultada mortandade, que tambem d'ella se comprehende, e me diz o proprio d'aquella noticia, se julga igual ou pouco inferior ao numero dos prisioneiros, ao tempo que estes chegaram, ao de 171, segundo se vê na referida conta do sobredito tenente-coronel, não obstante que ao presente sejam menos, segundo tambem consta da copia da outra carta do official, que os vem conduzindo para esta cidade, a que qualquer dia poderão chegar.

Sopposto este excellente principio, áinda espero na misericordia divina, que seja muito maior o fructo d'esta campanha; porem ainda no caso de assim não succeder, não deixo de conhecer, que já tenho feito a Sua Magestade e aos povos d'estas capitanias um bom serviço.

E porque n'este tem uma grande parte o sobredito tenente-coronel, rogo a V. Ex. queira fazer presente a Sua Magestade o seu merecimento, para lhe poder attender, no caso de o julgar digno da sua real piedade.

Não duvido, que o numero de prisioneiros houvesse de ser mais avultado, si se pudesse reprimir a colera dos soldados nas occasiões d'aquelles combates; porem elles em taes termos só se lembram de satisfazer a sua paixão, sem attenção ás ordens do commandante, e ás efficacissimas recommendações que aqui fiz a todos a este respeito, antes de se encaminharem ao mato; concorrendo tambem para aquella desordem o conhecimento da pouca ou nenhuma utilidade, que materialmente julgam n'esta guerra, supposta a liberdade em que ficam as mulheres e filhos; e o entender-se só a permissão da

escravidão aos grandes, que ou se reputam incapazes de se educar, ou ficam mortos no campo por resistirem, ou quererem outras vezes escapar-se a tempo que se deviam render. Mas emfim, de qualquer modo que seja, se tira sempre a utilidade de se diminuir o grande numero d'aquelles inimigos, que continuamente estam praticando as maiores crueldades contra estes moradores.

Deus guarde a V. Ex.

Oeiras do Piauhi a 8 de Agosto de 1764.

João Pereira Caldas.

3ª

Illm. e Exm. Sr. Depois de ter referido a V. Ex. o bom successo, que se principiou a experimentar na guerra, que se anda fazendo ás nações de indios, que infestam esta capitania e a do Maranhão, chegou a esta cidade o official, que me conduzio aquellas presas ; o qual me segura, que o numero d'ellas se estendia ao de 181, e não sómente ao de 171, como equivocadamente me havia informado o commandante da tropa, e eu consequentemente a V. Ex.

Tambem o mesmo official me referio, que, entre mortas e feridos, julgava ficarem no campo e pelos matos algumas quatrocentas pessoas, segundo o exame que n'isto fez, pois se achou presente em todos aquelles combates. Tudo constará a V. Ex. da copia inclusa, e tambem a grande diminuição com que aqui chegaram as sobreditas presas, em razão do largo caminho que trouxeram, no qual certamente ficariam muito mais, a não haver o zelo com que n'esta conducta se portou o dito official.

De todas aquellas presas separei as que me pareceram em termos de se poderem educar, sem o perigo de voltarem para o mato, e as fiz respeitar pelos moradores d'esta cidade, debaixo da obrigação d'ellas darem conta a todo o tempo; de as vestirem, sustentarem, curarem e doutrinarem ; evitando assim d'esta forma muito maiores despezas á fazenda real, e o prejuizo da falta de muitas, que sem duvida morreriam, faltando-lhes o agasalho com

que se estam criando. Isto mesmo pretendo praticar a respeito das que novamente vierem, que, sendo muitas, se poderá a seu tempo formar uma bôa povoação, com a vantagem de se achar mais bem educada a gente, que a ella se destinar.

As velhas porem as conservo em prisão até ao fim da campanha, para então as remetter com as crianças de peito para as povoações do Maranhão, em ordem a que, ficando mais distantes, percam as esperanças de se retirarem ás suas terras.

V. Ex., no seu aviso de 19 de Junho de 1761, me declarou, que o registro das mulheres e filhos devia ser separado, por quanto a ellas e à elles como innocentes lhes concedia Sua Magestade liberdade em todo o caso; mas por que ignora a idade de que se hão de reputar captivos aquelles dos sobreditos filhos, a que o mesmo Senhor tem condenado a esta pena, tomei o expediente de lhe regular n'esta parte na forma que a V. Ex., constará da copia da ordem, que a este fim expedi aos commandantes das tropas destinadas a similhante campanha; e á vista d'ella me determinará V. Ex. o que em taes termos se deve praticar.

E' certo, que homem de guerra será raro, que cá venha, porque estes facilmentes se não rendem, e querem antes morrer, instando em fugir e romper os cercos, que se deitam ás aldeias, do que deixarem-se amarrar. Por outra parte é tambem certo, que o maior numero d'estas presas se reduz a mulheres e crianças de peito, com que se não entende a ordem da escravidão. N'estes termos restam só os rapazes, os quaes, ainda caso que si vendessem-se, dariam no tempo presente tão pouco que quazi nada importaria o seu producto. E porque d'este se deve em primeiro logar tirar o importe das despezas da fazenda real, para o que certamente não chegaria todo, persoado-me, que será mais conforme com a religiosissima piedade de Sua Magestade permittir a liberdade a toda aquella gente, para depois se poder aldear na referida forma.

Deus guarde a V. Ex.

Oeiras do Piauhi a 28 de Agosto de 1764.

João Pereira Caldas.

4ª

Illm. e Exm.Sr. Depois de, em carta de 28 de Agosto do anno proximo passado, ter participado a V. Ex. a copia do termo do registro das primeiras presas, que aqui haviam chegado da campanha do gentio, feita no mesmo anno, resultou mais d'ella o fazerem-se novamente outras presas, que igualmente constará a V. Ex. das copias dos trez termos inclusos e marcados com os numeros 1, 2 e 3 ; constando similhantemente da copia do termo de declaração n. 4 todo o progresso d'aquella companhia, a qual, tendo durado perto de nove mezes, se fizeram ao todo n'ella 337 presas, além de mais de 400 mortos, que ficaram pelos matos e 2 mulheres christans, que se resgataram do poder e captiveiro dos sobreditos barbaros Havendo-se tambem extrahido dos matos, por beneficio da referida campanha, 55 pessoas da nação dos indios Amanajós, resto de outros, que já antecedentemente se haviam descido para a freguezia de Pastos-bons, no governo do Maranhão, onde actualmente se acham todos estabelecidos, na forma que a V. Ex. se manifestará do sobredito termo de declaração n. 4.

De todas as sobreditas presas, separei as que, por pouca idade, me pareceram incapazes de voltar para o mato, e as fiz repartir por estes moradores com a condição de as educarem, vestirem e sustentarem, emquanto se lhes houvessem de conservar em suas casas ; e na verdade de que todos as tratam com grande caridade e amor. Pelo contrario as grandes as remitti ao governador do Maranhão, para as applicar ás povoações mais remotas d'aquella capitania, na forma das reaes ordens de Sua Magestade. Porem parece, que já dali tem desertado bastantes, apezar da distancia em que se achavam.

Fico agora continuando a guerra contra as mesmas barbaras nações, na forma das ordens da copia n. 5, havendo tambem outra vez nomeado para commandante d'esta expedição ao tenente-coronel João do Rego Castello-branco, por ser official muito activo e pratico para similhantes diligencias, cuja circumstancia me obrigou já, e

obriga presentemente a representar a V. Ex. o seu merecimento para Sua Magestade lh'o poder attender, sendo assim servido, e no caso de V. Ex. achar justo o participar-lhe.

Direi finalmente a V. Ex., que tambem proximamente sahio do mato voluntariamente uma maloca de indios Cahicahis, composta sómente de 15 pessoas, por serem unicamente as que existiam d'aquella nação, já ha muitos annos descida, para o rio Itapicurú, onde igualmente mandei estabelecer a sobredita maloca.

Deus guarde a V. Ex.

Oeiras do Piauhi a 5 de Julho de 1765.—*João Pereira Caldas.*

5ª

Illm. e Exm. Sr. Depois de ter escripto e expedido a V. Ex. todas as cartas, que n'esta occasião lhe dirijo, e de haver participado a V. Ex. em uma d'ellas, que levou a data de 5 do corrente mez, não só o mais progresso, que resultou da campanha, que no anno proximo passado se fez ao gentio, como tambem a copia das ordens, porque novamente a mandei continuar no anno presente contra os mesmos barbaros, tenho o gosto de communicar a V. Ex. a bôa nova, que agora me chega, de se achar reduzida á negociação de paz toda a nação de indios Gueguês, segundo V. Ex. verá na copia da carta do commandante d'aquella tropa, o tenente-coronel João do Rego Castello-branco, o qual, logo em effeito da mesma paz, trocou com os ditos barbaros as presas, que n'elles havia feito, pelas pessoas christans, que no seu captiveiro conservavam, sendo d'estas sete as que presentemente se me remettem, e que aqui fico esperando em breves dias com o principal e outros indios da sobredita nação, aos quaes farei por reduzir a promptamente se descerem para onde parecer mais propria e segura a sua conservação, pois que só com esta condição lhe admittirei a paz, depois da experiencia ter mostrado, que já em outras occasiões a quebrantaram com

aleivosia, achando-se estabelecidos nas vizinhanças das suas terras.

A consternação, a que estes inimigos se vêem reduzidos, me deixa a esperança de se conseguir o fim d'este importante negocio, em que sem duvida se faz grande serviço a Deus, a Sua Magestade e aos povos d'estas capitanias, livrando-os dos insultos de uns barbaros, que na verdade sam os que mais os hostilisam e inccomodam.

De tudo o que ultimamente succeder, darei a V. Ex. parte; e espero, que a divina clemencia nos ajude, para ter o gosto de continuar a V. Ex. tão agradaveis noticias.

Deus guarde á V. Ex.

Oeiras do Piauhi a 19 de Julho de 1765. *João Pereira Caldas.*

6ª

Illm. e Exm. Sr. Já, em carta de 5 de Julho do anno proximo passado, dei a V. Ex. parte de todo o progresso, que tinha resultado da campanha, que no antecedente de 1764 se havia executado contra as nações de gentios, que infestavam estas capitanias; certificando a V. Ex. juntamente, que eu a fizera novamente continuar no sobredito anno passado, pelo que pertencia ás mesmas barbaras nações.

E porque, em outra carta de 19 do referido mez e anno, participei tambem a V. Ex. a esperança, em que me achava do bom successo d'esta ultima diligencia, vou agora assegurar a V. Ex., que com effeito se acha já descida e reduzida á paz toda a nação dos indios Gueguês, segundo V. Ex. verá da certidão inclusa, da qual se fará a V. Ex. certo, que o numero d'aquelles indios (no qual entravam 5 christãos) chegava ao de 525, além de 5 que pereceram nos primeiros xoques de algumas malocas, de mais 13 da nação Acoroá, e de 15 pessoas christans, que conservam no seu captiveiro; o que tudo chega ao numero de 558 pessoas, de que se compõe, este grande descimento, e o mais importante, pela qualidade d'aquelle inimigo, sem duvida o mais feroz, e que mais hostilidades fazia a todos estes moradores.

Chegou porém aqui o mesmo descimento com a grande diminuição, que tambem consta da dita certidão, por causa da consideravel epidemia que no caminho lhe sobreveio. Mas não sendo pouca a gente que ainda resta, a fiz toda aldear na vizinhança d'esta cidade, em o logar a que impuz a denominação de São-João de Sende; e logo n'elle lhe fiz dar principio ás suas roças, para mais depressa cessar a despeza da real fazenda no sustento, com que emtanto estou mandando assistir á mesma gente, que, posto seja debaixo de maior economia que é possivel, se não deixa sempre de fazer n'isto não pequeno gasto.

As terras do dito logar me dizem serem bôas; e ha n'ellas muitas frutas, e não pouca caça, que em muito ajudam para ser menos sensivel a mesma despeza de sustento pela real fazenda. Toda aquella gente tem até agora dado mostras de se conservar; e já tem feito bastantes casas, e a igreja, a qual está quazi concluida. O logar fica retirado d'esta cidade cousa de 8 ou 9 legoas, e ha n'elle toda a mais commodidade precisa para se esperar o adiantamento do seu estabelecimento. Já agora fica inteiramente livre e desembaraçada a communicação de toda esta capitania.

Eu tenho representado a V. Ex. muitas vezes o merecimento do tenente-coronel João do Rego Castello-branco, adquirido n'estas diligencias, tendo n'ellas completamente executado as minhas ordens com o maior prestimo, zelo e cuidado, de que ultimamente resultou toda esta felicidade; devendo-se ao mesmo official o estabelecimento e bom principio do dito logar, em que se tem empregado até com o proprio serviço do seu corpo, de seus filhos e escravos, ainda n'aquelles exercicios, que so para estes e outra similhante gente sam naturaes. E porque tudo isto me parece digno da attenção de Sua Magestade, o torno a participar a V. Ex., para que, sendo servido, possa conseguir-lhe do mesmo Senhor a remuneração, que é proprio da sua grandeza e da piedade de V. Ex.; pois que tambem d'este modo se animam mais os homens, para em outras occasiões se empregarem com igual prestimo em quaesquer outras diligencias, que se hajam de offerecer.

Ha aqui mais outro official, chamado João Rodrigues Bezerra, que, sendo tenente em uma d'estas companhias de auxiliares, o tenho similhantemente achado com muita promptidão e actividade para tudo o que é do real serviço, havendo-se igualmente empregado com grandissimo prestimo em ambas as sobreditas campanhas; pelo que me parece tambem justo o recommendal-o na lembrança de V. Ex., supposto o seu referido merecimento.

Deus guarde a V. Ex.

Oeiras do Piauhi a 2 d'Abril de 1766.

João Pereira Caldas.

E SE NOTE

Que por outra resposta da mesma secretaria d'estado, em data do 1.° de Maio de 1767, não só houve por bem Sua Magestade de mandar louvar a V. Ex. o zelo e actividade, com que se empregava no real serviço, e com que concorreo para desinfestar as estradas d'aquella capitania da oppressão, que lhe faziam os assaltos dos referidos indios ; como tambem (entre outras approvações e disposições tendentes ao mencionada estabelecimento) de ordenar a V. Ex., que, chamando á sua presença o sobredito tenente-coronel João do Rego Castello-branco, e convocando a camara e igualmente todas as pessoas principaes da cidade capital da capitania a aquelle louvasse no real nome, pelo zelo e actividade, com que se havia empregado, e empregava no serviço de Sua dita Magestade, e que, confiando assim continuasse, lhe fazia mercê do habito da ordem de Christo, com 120$000 reis de tença annual, para elle, ou para qualquer de seus filhos, em quem quizesse renunciar, ou repartir a dita tença.

E que quanto ao tambem referido tenente João Rodrigues Bezerra, lhe louvava igualmente o prestimo e actividade com que se empregava no real serviço, participando-lhe que o mesmo senhor lhe fizera mercê para elle, ou para algum seu filho do habito da ordem de Christo com 40$000 reis de tença.

PARTICIPAÇÃO SEXTA

Deixei o logar de Airão pelas 7 horas da manhan de 29, e tendo costeado a margem meridional, atravessei pelas 8, para a outra margem opposta. Pelas 11, antes do meio dia, a portei para jantar na ponta da ilha fronteira á enseada grande, que ali faz margem austral aonde está a ponta de pedras, a que, pela figura de algumas das suas escavações, chamam os brancos as Igreginhas. Segui viagem pela meia para uma hora da tarde, navegando sempre por entre ilhas, até que me deliberei a aproveitar o bom porto, que se me offereceu, pelas 9 horas da noite, vindo eu a ficar não muito distante da boca superior do canal chamado Anavilhena.

Entrei n'elle pelas 6 da manhan de 30, depois de ter largado pelas 4 da madrugada; e assim continuei a minha viagem, sem que se me offerecesse a fazer outra alguma observação mais notavel do que a do confuso labyrinto de ilhas, que ali atravessam o rio de uma á outra margem, lançadas n'elle em diversas posições e figuras: labyrinto, donde seguramente se não pode alguem desenredar com presteza sem um bom pratico d'aquella navegação, o qual o conduza até sahir a boca inferior do sobredito canal: tomou a denominação de Anavilhena, por lhe corresponder na margem boreal a foz do rio Anauiné, a que por corrupção do vocabulo chamam os brancos Anavilhena. E' povoado de gentios Aroaquiz.

Pelas 8 horas da manhan do primeiro de Maio, principiei a costear a grandissima enseada boreal, que fica immediatamente superior á fortaleza da Barra d'este rio. Aquella é a enseada chamada dos Tarumás, de que dei noticia na participação 5.ª do lugar de Airão,

quando informei, que elle ali tinha sido principiado com os gentios d'aquella extincta nação.

Porém antes d'ella, deixei na margem opposta a outra enseada de Acajutuba, em cuja ponta inferior fica situada a boca do furo de Guariúba ou Guarióca, pelo qual, sem ser precizo passar á vista da fortaleza, nem desembocar a barra do Rio Negro, se vai sahir na distancia de um dia de viagem, acima da foz do rio dos Solimões, facilitando-se de inverno a communicação de um com o outro rio.

Feitas algumas demoras, cheguei á dita fortaleza pelas 4 horas da tarde. No espaço, que medeia entre ella e o logar de Airão, só vi, que fizessem barra pela margem septentrional o riacho Ucuriuaú, o qual é quazi fronteiro ao referido logar; os outros dous riachos o Mapuuau e Canamau o rio Anauini ou Anavilhena e o riacho Ajurim, que fica pouco superior ao sitio, em que pela primeira vez se aldearam os Tarumás. Tambem é de notar, que por toda ella se vêm muita pedraria. Na outra margem do sul fica o furo de Guariú, e o riacho Xiborena.

Está a fortaleza fundada na frente de uma povoação de indios e alguns moradores brancos; a qual se devide em dous bairros, ao longo da margem boreal: ambos elles occupam uma porção da barreira que medeia entre os dous igarapés da Tapera dos Maués, e dito dos Manáos. Porém a porção da barreira, que serve de base ao primeiro bairro, aonde estam situadas a matriz e ambas as residencias do Reverendo vigario e do commandante, é mais alta e mais avançada sobre o rio, do que a do segundo bairro, aonde só ha 8 casas. Uma e outra é bordada de grandes lages de pedras, com pouco sensiveis interrupções.

Pelo taboleiro superior da barreira ao primeiro bairro, está disposto o arruamento das casas sobre 3 linhas de fundo: contam-se 10 na frente, incluidas as residencias: para fóra da linha saem 2 no tope do taboleiro, além das que, pelo comprimento da mesma linha, avançam em frente sobre o rio; como sam a casa das canôas no porto da povoação, dita do forno no declive da barreira

e dita da olaria. Na segunda linha do fundo contei 11, e na terceira 14. Havia em todas ellas alguns vazios por encher, além de seu alinhamento não ser o mais geometrico.

No centro da linha da frente está principiada a matriz entre as residencias do Reverendo vigario e do commandante. Ha seis annos a esta parte, que por muito velha se demolio a igreja antiga : do que deu parte o commandante actual, em carta que dirigio ao governo interino, na data de 14 de Maio de 1782, e por ordem que d'elle recebeu, em resposta de 5 de Junho do mesmo anno, para reedificar a dita igreja, passou a dar as providencias precisas para se cortarem as madeiras, fincarem-se os esteios, envararem-se as paredes, e intijucal-as, e cobril-as, até deixal-as no estado em que ao presente se acham.

A parede do frontespicio ainda não está de todo intijucada ; a que serve de porta principal da igreja, foi a da sacristia antiga ; do conhecimento das proporções, que tinha quem dirigio a construcção da nova igreja, póde V. Ex. ajuizar pelas dimensões, que lhe deu, de 90 palmos de comprimento, 45 de de largura, 25 de altura. Quanto ás paredés do templo, por qualquer dos seus lados interior e exterior, ficam simplesmente intijucadas : mais de metade do tecto está coberto de telha nova, o resto é de palha. O commandante ainda então esperava, que cozesse o forno para concluir a cobertura ; porém antes d'isso preciza de renovar as tesouras do tecto da capella-mór, porque, como estavam verdes as primeiras, que se puzeram, com o peso da telha estalaram ellas, e fizeram estalar tambem algumas telhas.

Para a celebração do santo sacrificio, vi, que se dispunha a erecção de trez altares ; porém só um existia na parede lateral da parte do Evangelho, aonde está collocada a imagem de Nossa Senhora da Conceição, que é o orago. Possue 1 pixide de prata dourada, com manto de seda branca, guarnecido de renda de ouro, 1 calix tambem de prata dourada, com as suas pertenças, 1 caixa de madeira com os 3 vasos dos santos oleos, 2 castiçaes grandes, e 1 cruz de estanho, para a banqueta ; além de mais 20 castiçaes de madeira, entre

grandes e pequenos, todos elles mal feitos e peior conservados, 1 par de galhetas de estanho, 1 copo de vidro, em vez de vaso do communhão, algumas reliquias de uma alampada e de uma campainha, e 1 sino.

Uma sómemte das 3 alvas, que vi, de bretanha liza deixava de estar, ou remendada ou traçada; ambas as sobrepelizes ficavam rotas: entre 4 toalhas para o altar, só a de linho estava em bom uso, e assim mesmo as duas para o lavatorio. Os 2 frontaes branco e preto, para nada serviam; o roxo algumas roturas tinha; o verde e o encarnado eram os melhores. O mesmo digo das planetas correspondentes. Pelo contrario, qualquer das 3 pluviaes ficava bem conservada, e não menos o véo de hombros branco, guarnecido de espeguilha de retroz amarello.

A residencia do Reverendo vigario é terrea, coberta de palha, e repartida em 4 casas interiores; todas ellas guarnecidas de portas e de janellas de madeira, com as fechaduras precisas.

A do commandante está sita na mesma linha, defronte da casa do forno da olaria. Consta de 4 casas grandes, e iguaes com janellas rasgadas na frente; tambem é coberta de palha, e uma das suas repartiçõens serve de armazem. Haviam n'elle 2 frasqueiras de aguardente da terra pertencentes ao commun dos indios, 10 armas de fogo, todas ellas incapazes, 3 machados já velhos, 1 serra, que algum dia o foi, 2 verrumas, 2 enxós de martello, 1 balança com braço de madeira, 8 libras de polvora, 16 de chumbo, 50 pederneiras e 3 duzias de facas.

Aos moradores brancos pertencem 8 casas, entre as 4 que estam situadas na primeira e as outras 4 na segunda linha do fundo. As dos moradores Manoel Thomé Gomes e Manoel Pinto Catalão e as de Ignacia Lindoza e Magdalena de Vasconcellos eram as melhores; todas as outras ficavam mais e menos arruinadas.

Aos indios pertencem 36, entre as quaes sómente 19 eram as bem conservadas. Porém a todas as outras não tem deixado o commandante de mandar fazer os reparos,

que lhe tem sido compativeis com as urgencias do real serviço. O total da povoação constava de 45 cazas.

A olaria, ainda que era grande, carecia de cobertura nova ; ao foruo faltava a carapuça, e havia bastante tempo, que não cosia nem telha nem pote algum para o negocio das manteigas, as quaes bem perto se fazem nas praias do Amazonas e do Solimões. Quando trabalha a olaria, vam os indios buscar o barro ao igarapé do Jauanari, que fica da outra banda do rio, sendo-lhes assim precizo gastar meio dia de viagem, com bastante perigo dos Muras, emquanto se não reduziram e reconciliaram comnosco. Não se trabalhava n'ella, quando a vi, porque o mesmo oleiro andava em diligencia do real serviço, e ainda quando succede trabalhar em alguma vaga de tempo, o que faz sómente são telhas. Tinha feito 16 milheiros d'ella nos dous annos passados de 1784 e 1785, e do seu importe conservava o commandante em seu poder a quantia de 40$000 réis.

A caza das canoas bem mal merece este nome. Havia um bote novo das ordens, de 8 remos por banda com as suas duas montarias que bem velhas estavam, e uma igarité tambem velha destinada ao serviço da olaria.

Antes de se formalisar aquella povoação, até chegar aos termos em que agora se acha, não haviam n'ella mais do que algumas palhoças, em que se agazalhavam alguns indios e indias. Succedeu porém, que, sendo commandante da fortaleza o tenente Bernardo Toscano de Vasconcellos, desceo do mato, aonde pelos seus crimes andava refugiado, um Manoel Dias Cardozo, ao qual se não imputavam menos atrocidades, do que aos outros dous facinorosos Braga e Portilho, dos quaes procedem os nomes, que ainda hoje conservam umas duas taperas da parte superior d'este rio.

Tendo porém Sua Magestade perdoado ao sobredito Manoel Dias e removendo-se d'elle o temor, que o embrenhava nos matos com perto de 200 indios, recolheu-se com elles para aquelle sitio, aonde se situou, passando a casar umas trez filhas que tinha, e com uma d'ellas se casou o tenente Crispim Lobo de Souza. Com este principio de estabelecimento se não contentou aquelle

commandante; antes persuadiu, quanto pôde, ao indio Mathias da Costa, hoje principal d'aquella povoação, que subindo ao rio Ixié, descesse d'elle os seus parentes, como assim conseguio em parte. Por este modo se formalizou aquelle estabelecimento, quanto á povoação dos indios e dos moradores adjuntos, porque, pelo que respeita á fortaleza ali erigida, remonta a outra antiguidade.

Escreve o doutor ouvidor Ribeiro de Sampaio, que a erigira Francisco da Mota Falcão, por ordem do general do estado Albuquerque Coelho, ou Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Que fôra o primeiro commandante d'ella Angelico de Barros; e que tendo vindo para a guarnecer o sargento Guilherme Valente, elle fôra o que commettera a heroica empreza de penetrar este rio, e de conhecer e domesticar as nações, que se lhe dizia, que habitavam n'elle; como com effeito subira até a foz do rio Cauauri, aonde fizera amizade primeiramente com os Cauauricenas, pouco depois com os Carajás, e em ultimo logar com os Manáos. Dos commandantes, que pelo tempo adiante se succederam até o anno de 1754, não acho mais do que noticias vagas e incertas.

Consta, que durante a barbaria do monopolio das almas, quando elle fazia o objecto, a que se encaminhavam os abusos introduzidos pelas tropas dos resgates, sempre aquella foi uma das commandancias pingues, para os que a ambicionavam e impetravam. Desde o dito anno de 1754 até o de 1787, em que estamos, succederam-se pela ordem, que para aqui transcrevo, o alferes Alexandre Thomaz, o cabo de esquadra José Ferreira Tortolho, o tenente Theodoro da Frota, o capitão de granadeiros José da Silva Delgado, o alferes Crispim Lobo de Souza, dito Luiz da Cunha de Eça, dito Francisco Alves Caheiro, o tenente Bernardo Toscano de Vasconcellos, segunda vez o alferes Crispim Lobo de Souza, o tenente Francisco Victorino José da Silveira, terceira vez Crispim Lobo de Souza, já então promovido a tenente, dito Manoel Lobo de Almeida, o alferes Manoel Alves Romeiro Bello, o ajudante auxiliar Costodio de Matos Pimpim, segunda vez o tenente Francisco Victorino José da Silveira, o soldado Francisco Serrão de Oliveira e o

cadete, promovido a alferes, Antonio José da Costa Souto-maior.

Quando se fortificou aquelle passo, não se tratou de outra cousa mais do que de construir um reducto de pedra e barro, segundo o que pedia a necessidade d'aquelles tempos, dirigido tam sómente para guarnecer a bôca do rio, e para rebater o maior pezo do gentilismo. No estado porém, em que se acha, de já estarem raxadas as cortinas, demolida uma representação de baluarte, e arruinado o seu pequeno parapeito, aonde estavam montadas peças, emquanto não arrebentou uma d'ellas, é um fantasma, que já hoje illude tão pouco, que nem uma só peça conserva.

Por ordem de V. Ex., participada ao commandante em carta de 30 de Agosto de 1783, a qual lhe dirigio o tenente coronel João Baptista Mardel, então commandante geral da tropa d'esta capitania, foram conduzidas para esta villa as quatro peças, que alli existiam. Com tudo ainda dentro da fortaleza se conserva um quartel para dous officiaes e alguns soldados da guarnição, o que é uma só casa grande, coberta de palha, com as repartições precisas, para servirem de quarteis, de armazem, e de calabouço. Constava a dita guarnição de 8 praças, incluida a do commandante.

E' effectivo no serviço, como V. Ex. sabe, e tem experimentado 7 annos; pelo que lhe fez V. Ex. a graça de o propôr á Sua Magestade no posto de alferes, a que já se acha promovido. Maneja, como póde, os interesses da povoação; porque as diligencias do serviço, em que andam empregados os indios, sam assiduas.

Dos Reverendos vigarios, que ali parochiavam antes do anno de 1774, não acho até agora noticia certa. E' provavel o que tenho ouvido dizer, que no tempo, em que existia a aldêa dos Turumás, pertencia ao missionario d'ella parochiar na fortaleza. Com tudo ainda assim falta a noticia do primeiro encommendado que teve, depois de abolidas as missões. Desde o dito anno de 1774 até o presente, contam-se 11, desde o padre Martinho Pereira da Lima até o padre João Marques dos Reis, ambos presbyteros do habito de S. Pedro. Quanto á

sua conducta e comportamento ecclesiastico, tanto n'aquella como em todas as outras povoações, aonde tem parochiado, sempre foi exemplar e edificante.

Os indios da povoação sam Manáos, Barés, Banibas, Merequenas, Aroaquis, Juris, Passés etc. O seu numero consta do mappa respectivo : desde Janeiro tinham fallecido 3 crianças e um indio; andavam auzentes 9.

A agricultura geral dos moradores brancos, e de alguns indios, consiste em maniba, tabaco, cacau e milho. O indio Manoel Alves Calado colhe as suas duas arrobas de café, e tinha principiado um cacoal nas margens do rio das Amazonas. Outro tanto colhiam o outro indio alferes Lucas Pinheiro, Feliciano Pinheiro, Francisco França, e o principal Mathias da Costa, além da maniba, do milho e do algodão. No anno de 1785 entre brancos e indios colheram-se a cima de 5.000 mãos de milho. Os indios Julio Cezar, Jacob Corrêa e Manoel Pereira, e a india Paula ficavam plantando cacoaes no rio dos Solimões. No referido anno de 1785 fizeram o principal Mathias da Costa e seu filho Bernardo da Costa 20 arrobas de tabaco; outro principal, Fernando, tinha feito 7.

Entre os moradores brancos, Manoel Thomé Gomes tinha plantado na margem do rio dos Solimões, defronte das lages, um cacoal de acima de 3.000 pés e na terra firme da margem da povoação possuia um bom cafezal ainda novo; fabrica ordinariamente 200 alqueires de farinha, e colhe 500 mãos de milho e 25 arrobas de tabaco.

Outro morador, João Pereira Caldas, tambem possuia um cacoal novo de mil e tantos pés, colhia 50 mãos de milho, e só fabricava a farinha preciza para o seu gasto. José Correa de Azevedo Pinto Monte-negro tinha cacoal e cafezal novo, fabricava alguma farinha, e no referido anno de 1785 tinha feito 75 arrobas de tabaco.

Tambem o soldado José Antonio Marujo tinha feito 10, e o outro soldado Francisco da Fonceca Xoni 8.

Toda aquella terra, pelo contorno da povoacão, é perseguida da saúba. Aonde ha terra preta, ahi se dá bem o tabaco; porém tanto d'este como dos outros generos, bem

se deixa vêr pelo mappa adjunto d'este titulo, quanto sam insignificantes as lavouras, e por conseguinte as colheitas que se fazem.

Do numero das cabeças do gado vacum, que ali vi, será V. Ex. informado pelo terceiro mappa, em que ellas vam especificadas.

Assim é este um d'aquelles estabelecimentos, que ao dia de hoje, nem pela sua agricultura, commercio e população, nem pela segurança da boca do rio, se acha o mais bem situado, estando a fortaleza aonde está, e no pé em que tenho informado d'ella.

Porque, estando ella fundada 2 legoas acima do logar em que verdadeiramente confluem os dous rios, Negro e dos Solimões, bem se deixa vêr, que pela fóz do segundo póde seguramente descer quem muito quizer, sem ser registado pela fortaleza; similhantemente estando acima d'ella situada a bôca do furo de Guariuba, o qual, como disse, communica de inverno os dous rios, tambem se deixa vêr, que, para se sahir do Rio-Negro, não ha rigorosa necessidade de passar pela dita fortaleza, nem de demandar a foz do dito rio.

Si é certo o que ali ouvi dizer, estas foram as rasões, pelas quaes ordenou V. Ex. ao sargento mór engenheiro Euzebio Antonio de Ribeiros, quando pela primeira vez desceo com elle do quartel da villa da Ega, no anno de 1784, que, examinando bem a foz do dito rio, determinasse n'ella um logar, em que houvessem as circunstancias precizas para ser fortificado de modo que ficasse guarnecendo as bocas de ambos aquelles rios, desenhando uma nova fortificação, que ficasse proporcionada para um sufficiente numero de tropa, a qual nem ficasse sendo diminuta, nem por outra parte pezada para se entreter.

O que assim fica sabido por mim, quando ali estive, excitou a curiosidade, que tive de vêr o sitio escolhido, e dispondo-me a visital-o, sahi do porto da fortaleza pelas 7 horas da manhan de 3 de Maio. Costêei a margem boreal, rio abaixo ,e por toda ella fui vendo situadas algumas roças, como foram a do indio Manoel Velho, as das indias D. Catharina e Perpetua ; as dos indios Manoel José e Paulo, e a do principal Mathias da Costa ; a do

morador Manoel Thomé ; as dos indios Francisco França, Antonio de Macedo, e Mathias Toscano, e Theodosio Pinheiro ; a do outro morador Alexandre Dias, e defronte d'ella a do ajudante auxiliar Crispim Lobo de Souza ; as dos indios Lucas Pinheiro e seu filho Feliciano Pinheiro, e ultimamente as dos moradores Manoel Alves Calado, e João Pereira Caldas, aonde cheguei, para vêr o sobredito logar, pelas 9 horas.

Pelo que n'elle vi e observei, quanto coube na curta esfera dos meus conhecimentos, pareceo-me digno de quem o elegêo, porque senhorêa e enfia ambas as bocas d'aquelles rios, ficando-lhe a alcance o espaço, que intercede a margem boreal do Negro e a austral do Solimões ; e porque de tal modo dá fé de todo e qualquer passo secreto e furtivo, com que, por qualquer das ditas bocas, se pretenda avançar, para se sahir ao rio das Amazonas, que um só que seja se não póde dar, sem ser registado da fortaleza, principalmente si se construir na margem opposta do Solimões e defronte da fortaleza uma guarita, que espreite os movimentos noturnos, e sobretudo si se conseguir a mudança da capital d'este para aquelle sitio.

As razões politicas, economicas e militares, que persuadem esta mudança, foram largamente expendidas na participação primeira da segunda parte do meu diario de viagem. Ficam por este modo guarnecidas as duas bocas do Rio-Negro e Solimões, e o da Madeira tem perto as provisões e auxilios precisos ; porque para rebater as partidas, que por elle intentarem descer para a capitania do Pará, está dito mais de uma vez, que a fortaleza, que se erigir em Obidos, será a chave do sertão. E n'esta e em outras prevenções tanto mais se deve cuidar a tempo, quanto mais suspeito é o plano dos Espanhoes. Elles pretendem occupar o posto de São-Francisco Xavier da Tabatinga, pela parte superior do rio dos Solimões. Já pretenderam occupar a do Rio-Branco, quando se estabeleceram em Santa-Rosa, em São João Baptista do Caiacaia.

Já hoje occupam a parte superior do Rio-Negro, aonde se introduziram no anno de 1759.

O que bem entendido vem a ser o mesmo, que pouco depois pretenderem occupar as bocas dos rios, sobre as quaes elles têm avançado tanto, das cabeceiras d'elles para baixo. Occupadas as suas bocas, fica feito o aproxe á grande barra do rio das Amazonas, e logo que a occasião o permittir, ver-se-ão os estabelecimentos portuguezes d'aquella costa atacados por mar e por terra, entre as duas linhas de náos e fragatas pelo mar, e de canôas pelos rios do sertão. Recordar o passado, comprehender o presente, e adivinhar o futuro, sam em substancia as obrigações, que deve desempenhar, quem se propuzer a conservar e defender por esta parte os reaes dominios de Sua Magestade.

Barcellos 30 de Junho de 1787.

Alexandre Rodrigues Ferreira.

1.º

MAPPA

de todos os habitantes que existem na freguezia da povoação annexa á fortaleza da Barra do Rio-Negro em 1 de Janeiro de 1786.

EXTRACTO

Moradores brancos, indios e pretos escravos......	301
Moradores brancos.........................	47
Os indios..................................	243
Pretos escravos............................	11
Fogos......	40

2.°

MAPPA

das qualidades e quantidades dos generos cultivados e colhidos pelos moradores brancos, e indios aldeados do logar da fortaleza da Barra do Rio-Negro, em o anno de 1785.

EXTRACTO

Segue-se uma relação nominal de 36 individuos, os quaes produziram :

Arrobas de café.............................. 8
Ditas de tabaco.............................. 149
Ditas de algodão.............................. 23
Aiqueires de farinha.............................. 322
Ditos de milho.............................. 76

3.°

MAPPA

das cabeças de gado vacum existentes na povoação annexa á fortaleza da Barra do Rio-Negro por todo o anno de 1786.

DONOS	Machos			Femeas			Total
	Touros	Garrotes	Novilhos	Vaccas	Vitellas	Novilhos	
Manoel Thomé Gomes....................	..	..	..	2	1	1	
Francisco da Fonseca....................	..	..	..	1	1	1	
D. Catharina....................	..	..	..	1	..	1	
Alexandre Dias....................	..	..	..	1	..	..	
Antonio José de Siqueira....................	..	..	..	8	..	3	
Somma....................	..	..	1	13	2	5	21

PARTICIPAÇÃO SETIMA

Illm. e Exm. Sr.

Concluida a informação, que V. Ex. me encarregou de dar, sobre o estado presente dos estabelecimentos portuguezes nas duas partes superior e inferior do Rio-Negro, e concluida pelo modo, que eu melhor a pude circumstanciar em todas e cada uma das treze participações, que constituem um corpo de historia geral e particular d'este rio, n'esta, que é a setima e a ultima da segunda parte, desembaraçar-me-ei de uma tarefa, que ainda me falta.

Ella consiste em resumir tudo o que tenho escripto difuzamente, e substancial-o de modo que, sem ser precizo fatigar-se V. Ex., para ajuntar idéas espalhadas de baixo de determinados pontos de vista, possa vêr e informar-se de tudo o que julgo mais util de se saber sobre aquella parte do Rio-Negro sómente, que eu tenho visto e que do dia de hoje continúa a ser navegada e colonizada pelos Portuguezes.

Não que eu proponha a especificar tudo o que haveria a escrever, si fossemos muitos a trabalhar ; porque para similhante tarefa, não só não bastam as forças de um unico naturalista, e ainda este tão pensionado, como eu tenho sido, no curto espaço de quazi trez annos, desde 2 de Março de 1785, em que cheguei a esta villa, até a data d'esta, mas antes falta uma competente bibliotheca, para em vista d'ella se rectificarem as observações, falta o socego de espirito, que tão precizo é, a quem tem de ordenar e compôr entre si uma multidão de idéas, e falta finalmente o tempo para escrever, sendo todo pouco para observar.

Do que tenho visto, e informado separadamente, apresento agora este extracto pela razão, que vou dizer; porque, comprehendendo a historia philosophica e politica de todo qualquer estabelecimento um grande numero de observações dependentes de muitos conhecimentos, ou sejam simples ou combinados, é quazi impossivel, ainda aos que têm a memoria bastantemente cultivada, têl-os todos presentes, para uzar d'elles, quando a occasião o pedir.

E eis aqui a reflexão que fez nascer em mim a idéa de os substanciar com a precisão e clareza, que indicam os titulos, em que disponho as materias e a explicação que faço de cada uma d'ellas.

INDICE DOS TITULOS

XVI Gentios, que o habitaram, e a habitam pela ordem dos rios indicados no tit. XV.
XVII Fortalezas que a guarnecem.
XVIII Povoações.

(*a*) Villas.
(*b*) Lugares.
(*c*) Aldêas.

XIX Habitantes.

(*a*) Brancos.
(*b*) Indios.
(*c*) Pretos.

XX Governo.

(*a*) Ecclesiastico.
(*b*) Militar.
(*c*) Politico.
(*d*) Economico.

XXI População.
XXII Agricultura.
XXIII Commercio.
XXIV Navegação.
XXV Manufacturas.
XXVI Clima.
XXVII Dietetica.
XXVIII Enfermidades.

I

Antiga denominação do Rio-Negro e razão da moderna

Suposto que o seu antigo nome, entre os indios, era Quiary, e ainda hoje na sua parte superior se lhe conserva o de Uenelja « bem se deixa vêr (escreve o autor do Diario da Viagem de 1774 e 75), que a côr das suas aguas deu entre nós motivo á imposição do nome do Rio-Negro : ellas, vistas no rio, sam de um escuro tão fechado, que parecem um lago de tinta preta; porem a sua verdadeira côr é de alambre, como se conhece, quando se tomam em um copo.

« Pelas observações optico-physicas se vem no claro conhecimento d'aquella côr preta, que se deve procurar nas razões, d'onde se tiram das causas dadas opacidade dos corpos. Uma só superficie ou lamina d'aquella agua é de côr de alambe e transparente : unindo-se diversas laminas ou superficies, turvam a transparencia e causam a opacidade e por consequencia quanto maior fôr o fundo, tanto maior será o escuro : o que bem se observa, reparando-se que á borda da agua até trez palmos de extensão, em que o fundo não chega a um, mostra a agua côr de alambre.

« A causa d'esta côr de alambre conjectura-se provir dos betumes, que encontra o rio nos grandes e multiplicados rochedos, por onde passa em quazi todo o seu curso, descendo das altas cordilheiras de Popaian. Outros querem, que esta côr provenha das arvores que inunda, por ser todo cheio de ilhas alagadiças; o que não é impossivel. »

II

Observações sobre a dita côr para se deduzir a razão d'ella

Está demonstrado pela physica, que a agua, que ou tem côr ou sabor, e, com maior razão, a que tem ambas estas circumstancias juntas, contém substancias heterogeneas. Ora, a agua do Rio-Negro, além da côr de alambre, que mostra em cada uma das duas laminas, tambem tem um sabor estiptico, o qual se deixa presentir mais em umas do que em outras occasiões; porem quazi sempre se percebe na que é tirada dos lagos, e ainda mesmo na que se tira do rio, quando ella sae lodosa. Por mais pura, que pareça ser qualquer porção d'ella, que se tome, nunca jámais chega a dissolver perfeitamente o sabão, sem ficar gromosa muita parte d'ella.

Similhantemente nem com a dita agua se consegue uma tão prompta e tão perfeita dissolução do extracto de Saturno, como se consegue da que é pura, quanto deve ser para se fazer a agua de Vigeto, nem esta chega a adquirir uma perfeita côr de leite, como adquire a que é bem dissolvida.

Reflectirei agora, que este é um rio, aonde vivem e morrem infinitos quadrupedes, aves, amphibios, peixes insectos e vermes.

Que é um rio bordado de infinitas plantas, cujas raizes, troncos, ramos, folhas, flôres, fructos, gomas, rezinas e gomas-rezinas incessantemete fermentam, apodrecem e se resolvem nos seus principios, como sam os saes, os oleos e as terras, que as compoem.

Que é finalmente um rio, que arrasta comsigo infinitas particulas de substancias terreas, salinas, sulphureas e metallicas, ou sejam das serras, d'onde elle desce, ou das margens, por onde passa.

Que o ferro porem, entre as outras substancias heterogeneas, é a que mais domina n'ella e a que mais concorre para a referida côr, assim como para a que tem a agua dos rios das Amazonas e dos Solimões concorre o

barro de innumeraveis terras cahidas, sem ser precizo recorrer desde já a analyses delicadas, evidentemente o mostram as observações seguintes.

(*a*) NATURAES

1.ª

A côr muito carregada, que adquire a tintura do chá, quando é feito com similhante agua.

2.ª

A muita arêa de ferro, que pela vazante do rio se tira da maior parte das suas praias.

3.ª

O vitriolo martial, de que está impregnado o tijuco das margens e ainda mais, do fundo dos lagos, o qual se chega a perceber pélo sabor, quando se prova aquella especie de argilla vitriolacea, e visivelmente se crystalliza sempre que precede a evaporação da agua, que lhe serve de vehiculo; não havendo maior razão para o dito vitriolo communicar tam-sómente ao barro a côr escura, que tem, e não á mesma agua, que o dissolve.

4.ª

A ochra de ferro, ou amarella ou avermelhada, de que abundam as barreiras das margens.

5.ª

O mesmo ferro, que em toda a parte se apresenta mineralizado e se descobre nos fragmentos de schisto, que é esta pedra fragil, de uma côr preta ou cinzenta, a qual se tira de dentro de alguns igarapés, e os naturaes applicam, quando é menos impura, para darem algum fio

raivoso ás facas e ás navalhas: o que tambem se observa nas outras pedras de coz e de saxo.

6.ª

Infinitos troncos e ramos das arvores mineralizadas de ferro.

(*b*) ECONOMICAS

Para tingirem de preto a seda, a lan, o linho, o algodão e os mesmos couros, os naturaes não fazem mais do que barrear qualquer das ditas substancias com o tijuco sómente, ou do fundo das margens do rio ou dos lagos, depois lançado no cozimento de algumas plantas adstringentes. Porem os couros, que já estam curtidos, não necessitam de mais, do que serem barreados com o simples tijuco, que não teve agua alguma adstringente; porque o adstringente da casca, que os curtio, dispensa o que lhes deveria communicar o cozimento das plantas, que o sam.

(*c*) MEDICAS

Os que estam costumados a beber a agua de qualquer dos dous rios, ou das Amazonas ou dos Solimões, em passando para o Rio-Negro, ao principio não se fartam d'esta. Confessam, que sam diureticas, e ainda sem serem medicos reconhecem, que sam desobstruentes, e que as obstrucções, que padecem alguns dos seus moradores, não só não procedem da agua, como em outros rios procedem, mas chegam a retardar muito o seu progresso pelo uso da agua que bebem; isto porem é o que ainda mais se fortifica com as experiencias seguintes.

(*d*) CHIMICAS

1.ª

Lançado em um copo de agua o alumen pulverisado, a agua perde a côr de alambre, ficando logo hyalina; porém

a porção do alumen, que assenta no fundo, passa a adquirir a mesma côr alambreada, que se via na agua.

2.ª

Distillada a agua do rio, sahio tão clara e diaphana como o copo, em que se recebeu. Porem a porção, que restou no fundo do lambique, mostrou uma côr ainda mais alambreada, do que tinha antes de ser distilada.

3.ª

Ajuntou-se a seis onças da agua da experiencia segunda, um pugillo de bom chá, e meio escropulo de limagem de ferro, e adquirio a mesma côr, que tem a agua dos lagos.

4.ª

Lançaram-se na agua da experiencia terceira algumas gotas de acido vitriolico, e desvaneceu-se a côr escura, que tinha, ficando logo hyalina.

Reservam-se para o seu devido tempo os resultados das experiencias, que se fizeram; porque para prova de que nas aguas do Rio-Negro ha ferro, e de que d'este depende a sua côr, estas bastam; e para a exposição de uma analyse não é este o lugar nem occasião appropriada. Trata-se de dar tam-sómente uma idéa geral d'este rio.

III

Quando, como, e até onde descoberto e navegado pelos Portuguezes

Quanto á sua foz, escreveu o autor dos Annaes Historicos do Estado do Maranhão, que a descobrira o capitão mór Pedro Teixeira, por occasião da viagem que fez ao Quito, para onde partio da cidade do Pará, aos 28

de Outubro de 1637, e donde voltou aos 16 de Fevereiro de 1639, restituindo-se áquella cidade em 12 de Dezembro do dito anno. Quanto porem á sua entrada superior, e reducção dos gentios habitantes n'elle, nem o dito analista deu noticia alguma do anno, em que se ella effectuou, nem o doutor ouvidor Ribeiro de Sampaio, que fez a diligencia possivel para o saber, pôde a este respeito escrever mais do que leu na historia de uns tempos tão recuados « o que se sabe é (diz elle) que o seu descobridor foi :

« Pedro da Costa Favella, famoso por ser um dos officiaes da armada de Quito ; famoso, por ficar n'essa occasião commandando o destacamento na provincia dos Encabellados ; e famoso pela expedição do Urubú. Depois d'esta expedição, em que se castigáram as rebeldes nações d'aquelle rio, tornou a elle o mesmo Pedro da Costa ; e como teve noticia participada pelos indios, de que no Quiary ou Rio-Negro habitava a nação dos Tarumás, os foi procurar com o padre frei Theodosio, religioso mercenario ; e por via dos Aroaquis, já missionados pelo mesmo padre, foi admittida a pratica, e se fundou a primeira povoação do Rio-Negro. »

Passa o mesmo doutor ouvidor a ponderar o que se lê no livro XVII dos citados Annaes Historicos, e combinando os paragraphos 1.166 e seguintes, persuade-se, (continúa elle) que sendo feita no anno de 1665 a expedição do Urubú, viria a ser pelos annos de 1668 até 1669 o descobrimento interior do Rio-Negro, o qual lhe foi posterior. De outras muitas noticias enriqueceu aquelle ministro o seu « Diario de Viagem » por este rio, e as que dizem respeito ao titulo, em que estou, sam as seguintes.

A primeira é a que eu já transcrevi para a participação 6.ª da segunda parte do meu diario, aonde se lê, que o general do estado Albuquerque Coelho fôra o que mandára edificar a fortaleza da Barra por Francisco da Mota Falcão, e que o seu primeiro commandante fôra Angelico de Barros; sendo tambem o sargento Guilherme Valente o primeiro que subira até a foz do rio Cauaury, que desagua na margem austral do Rio-Negro, entre os dous logares de Carvoeiro e de Poiares ; e o que n'elle fizera

amizade, primeiramente com os Cauauricenas, pouco depois com os Carajás, e ultimamente com os Manáos, os quaes acabáram de ser reduzidos e domesticados pelos religiosos carmelitas.

A segunda é, que ás tropas chamadas de resgates se deveu, pelo tempo adiante, o seu total e ultimo descobrimento, depois que ellas entráram a subir, autorizadas pelas leis e munidas com as ordens necessarias, para resgatar os escravos das nações, que os vendiam, e para descerem para as nossas aldêas os gentios, que aceitavam as suas praticas, como com effeito subiram.

Pelos annos de 1725 e 1726.

As tropas, que se internáram o mais que pôde ser, até quazi as cabeceiras do Rio-Negro; porque chegaram ao Yauitá, que desagôa n'elle, na distancia de não menos do que 20 dias de viagem, acima da foz do Caciquiari, o qual, se descobrio depois, que o communicava com o Orinoco, assim como o communicam os rios Iniridá, Passauicá, Tumbú e Aké.

Pelos annos de 1743 e 1744.

As outras tropas, que pelo Rio-Negro penetráram ao Orinoco; que foi quando se descobrio o braço d'elle chamado Parauá, e o sobredito canal do Caciquiari: cujas communicações não sómente ignoravam os Espanhoes, que as haviam, mas até chegaram duvidar d'ellas, como duvidou o jesuita Gumilla, escrevendo na sua obra, que intitulou o *Orinoco illustrado*, as seguintes palavras: Ni yo, ni missionero alguno, delos que continuamente navegan costeando el Orinoco, hemos visto entrar, ni salir al tal Rio-Negro, porque, suppuesta la dicha union de los dos rios, restaba per averiguar, de los dós, quien daba de beber a quien. Pero la grande e dilatada cordilhera, que medeia entre Maranon y Orinoco, excusa a los rios deste complimento y a nos otros desta duda. »

No dito anno de 1744.

Subio o capitão Francisco Xavier de Moraes com outros Portuguezes, e entrou pelo canal do Caciquiari; e ao sahir pelo Parauá encontrou, quazi junto ao verdadeiro Orinoco, ao jesuita espanhol Manoel Romão, a

quem trouxe comsigo para o arraial de Auauidá; dizendo-lhe então o mesmo jesuita, quando voltou para o Orinoco, que ia dezenganar aos Espanhoes, moradores d'aquelle rio, que as suas aguas pagavam feudo ás correntes do Rio-Negro.

No anno de 1750.

Continua o mesmo arraial no Yauitá, até onde já se havia subido pelos annos de 1725 e 1726.

Desde 1750 por diante.

Continuáram os arraiaes para as tropas no porto do principal Cocuhi, pouco superior a Marabitanas, e d'elle se espalharam tropas para o Iniridá e outros muitos rios. O que não obstante, hoje apenas conservam e colonizam os Portuguezes o que vai constar do seguinte titulo.

IV

QUANDO, COMO, E ATÉ ONDE INTRUSOS OS ESPANHOES

Pela cópia de um dos paragraphos da carta, que eu já a transcrevi toda inteira, para a participação 7.ª da primeira parte e foi a que em data de 26 de Agosto de 1763 escreveu Illm. e Exm. Sr. Manoel Bernardo de Mello Castro, então governador e capitão general do estado, em resposta a que, em data de 20 de Maio do mesmo anno, lhe dirigio D. José de Yturriaga, plenípotenciario de Sua Magestade Catholica, para a demarcação de limites da America, entre Portugal e Espanha authenticamente se vê o anno, e o modo pelo qual se introduziram os Espanhoes, até onde erigiram, e ainda hoje conservam o forte de São-Carlos. Porque pretendendo então o commissario espanhol, que mandasse S. Ex. evacuar dos destacamentos portuguezes a parte superior do Rio-Negro, assignando-lhe para limite a cachoeira do Corocobi, se vio S. Ex. obrigado a responder-lhe o que faz ao caso, e foi pelo theor seguinte.

« D'esta experiencia que fez o dito religioso (fala do jesuita Manoel Romão, quando se desenganou, que o

Orinoco se communicava com o Rio-Negro) não surtio alguma acção da parte de Espanha, com que presumisse legitimar a sua posse imaginaria até o anno de 1759, em que com o motivo das reaes demarcações mandou V. Ex. ao Rio-Negro o alferes Domingos Simão Lopes, o sargento Francisco Fernandes Bobadilha, e outros Espanhoes, a saberem do arraial portuguez, destinado para as conferencias das reaes divisões, e elles de caminho vieram com clandestinas praticas persuadindo os indios á sua communhão e formando, em algumas povoações dos principaes, casas, com o pretexto de preveniıem armazens, em que recolhessem a bagagem de seu respectivo corpo, quando descesse para o arraial das conferencias. Com esta occasião se estabelecêram na povoação de São-Carlos, e de lá se estendeu o sargento Francisco Fernandes Bobadilha pela barra do Rio-Negro até á povoação dos Marabitanas, que a pouco tempo abandonou, queimando os indios as suas mesmas rusticas habitações. A' vista do que parece, que V. Ex. não só me desculpa, mas juntamente me obriga a fazer-lhe a reconvenção, para que V. Ex. mande retirar os destacamentos das povoações de São-Carlos e São-Filippe, e mais povoações praticadas do Caciquiari para baixo, por se terem introduzido todas nas dependencias do Rio-Negro. »

D'onde se vê, que até a povoação de São-Carlos é, que se elles introduziram e apossáram, e que ao dia de hoje o Rio-Negro navegado e colonizado pelos Portuguezes, comprehende a extensão, que vai tam sómente desde a sua foz até á serra do Cocuhi, 6 leguas ácima da fortaleza de São-José de Marabitanas.

V

Situação da sua foz

Desagoa na margem septentrional do rio das Amazonas em 3° e 9' de latitude austral, e em 317° e 28' de longitude oriental á Ilha do Ferro, segundo as

ultimas observações. O das Amazonas d'ali para cima, isto é, desde o logar em que com elle conflue o Rio-Negro, tomou o nome de rio dos Solimões.

VI

Extenção até á serra do Cocuhi

Navega-se por elle acima até chegar a ella, pelo espaço de quazi 230 legoas, as quaes se vencem com mais ou menos tempo de viagem, conforme o estado do rio, cheio ou vasio, e conforme a applicação dos remeiros, quando não ventam os geraes, pelos mezes de Agosto, Setembro, Outubro e Novembro. Uma canôa de avizo, que ordinariamente é pequena e ligeira, navegando bem esquipada de dia e alguma parte da noite, gasta 6 dias, desde a foz do rio até á capital de Barcellos. D'ella até a fortaleza de São-Gabriel das Cachoeiras, gasta 10. Dali até a outra fortalezade São-José de Marabitanas, gasta 3: e por este modo em 19 até 20 dias vence a dita distancia. A viagem porem dos botes carregados está reputada em 10 até Barcellos: em 18 de Barcellos até São-Gabriel, e em 6 d'ali até São-José de Marabitanas: de forma que em pouco mais de um mez conclue a navegação da parte do Rio-Negro, qu e no dia de hoje colonizamos.

VII

Sua direcção

Do Caciquiari para baixo até a foz do rio dos Uaupés, desce do norte para o sul, e d'ali até a sua foz segue a direcção geral de oéste para léste, parallelo ao rio dos Solimões; caminhando em giros mais e menos dilatados, porém sempre vizinhos da equinoxial um, dous e trez gráos, contados na sua maior latitude austral, que é a que tem na fortaleza da Barra. Na descida que faz desde a serra do Cocuhi duas vezes corta

a equinoxial, atravessando para o sul; a primeira na distancia de uma legua, acima da foz do referido rio dos Uaupés, e a segunda, entre a nova povoação de Santa-Izabel e o lugar de Lamalonga.

VIII

Largura

Está visto, que a maior, que tem, é nas seguintes paragens de Anavilhena de defronte do logar de Airão ainda mais, desde a situação do lugar do Carvoeiro, rio acima, até pouco adiante do lugar de Lamalonga. Contam-se-lhe uma, duas, trez e até perto de quatro leguas na sua maior largura. Das paragens em que se elle estreita mais, a foz é uma d'ellas, porque não chega a ter meia legua. De fronte da verdadeira foz do Rio-Branco estima-se-lhe a largura de 4 decimos de milha. Tambem se estreita muito por baixo da tapera de Santa-Izabel. Na garganta, sobre que está fundada na margem boreal a fortaleza de São-Gabriel, com uma balla de mosquete se alcança a margem opposta. Pouco abaixo do Uaupés, torna a fazer-se remarcavel a sua estreiteza.

IX

Profundidade

Para se poder ajuizar d'ella, de um modo mais approximado, é preciso prenotar duas cousas: primeira, que a largura total do rio, na situação de Barcellos, aonde se fez a experiencia, é das maiores, que elle tem; segunda, que a enchente do corrente anno de 1787 foi ainda maior do que a do outro anno de 1781, a qual dizem os moradores, que foi uma das grandes, que elles têm visto.

Ora, em um páo graduado, que pela vazante do rio se fincou perpendicularmente no fundo, subio a agua

2 braças e 8 palmos desde o nivel da maior vazante até ao da maior enchente. Sondando na maior vazante, o fundo que tinha o rio na largura de menos de um quarto de legoa, que é a que intercede a margem austral, e as ilhas fronteiras á villa de Barcellos, mostrou pelas differentes sondas 2, 5 e 7 palmos; 3 braças e 2 palmos, 3 ditas e 7 palmos, 4 braças e 7 ditos, 5 braças e 2 ditos, que foi a maior de todas (sam de 10 palmos cada braça). O rio principia commumente a encher pelo mez de Fevereiro, e a vazar pelo de Julho.

X

Leito do rio

E' de arêa branca, pela maior parte, ainda que pelas praias das margens, quando vaza o rio, e pelas das pontas e beiradas das ilhas, aparecem grandes porções de arêa de ferro, segundo fica dito no titulo II, assim como nas barreiras das mesmas margens no fundo dos lagos, pelas beiradas das ilhas, e dentro n'ellas ha o tijuco ou argilla vitriolacea, a ochra de ferro, e as mais terras, pedras, que constam dos titulos XI XIV.

XI

Suas margens

Sam sombrias, e muitas d'ellas enxutas e altas; aonde eu tenho contado desde 1 até 6 braças de altura. A terra é propria para a cultura dos generos, que constam do titulo XXII e muito particularmente para o anil, para o café, e para o tabaco. Nem em toda a parte tem pedras. As terras de que constam, sam a arêa, o tijuco, a tabatinga, a ochra, o curi, e á superficie do terreno é que se vêm mais e menos grossas camadas de terra humosa, em que resolvem os troncos e as flôres, de que estam bordados.

XII

Ilhas

Sam innumeraveis por todo o curso do rio, e entam lançadas n'elle, com diversas posições, figuras e grandezas, de sorte que as situações sómente, em que estam os logares de Airão e de Moreira, sam as mais desembaraçadas de pequenas ilhas, e quazi deixam gozar a largura total do rio. O mesmo succede nos estreitos apontados no titulo VIII, porque em todos elles se vêm as terras firmes de ambas as margens.

Porém em todo o mais comprimento e largura sam tantas, que até para se sahir do canal chamado de Anavilhena é preciso pratico, que dirija a navegação por entre aquelle confuzo labyrinto de ilhas. Todas sam cobertas de espesso mato, porem razas, ao ponto de se alagarem com as enchentes. Ha dentro n'ellas, e assim mesmo nas terras firmes de ambas as margens, infinitos lagos de um comprimento e largura consideraveis, a onde a agua é muito mais preta do que a demais do rio, e emquanto elle não vaza, habitam muitos peixes, bois, pirarucús, pirahibas, e todo o mais genero de pescados.

XIII

Enseadas

(*a*) PELA MARGEM BOREAL ACIMA

Falo tam-sómente das maiores entre as grandes: e n'este sentido, a primeira, é que fica immediatamente superior á fortaleza da Barra, e tem o nome de Enseada dos Tarumás. As canôas grandes e esquipadas, navegando agua acima, sem demora consideravel, gastam um, e as pequenas, mais de meio dia em vencel-a.

A que tambem fica immediatamente superior á foz do Rio-Branco.

Mais duas, situadas abaixo da nova povoação de Santa-Izabel.

A da boca do furo de Marauiá; a qual se estende até á foz do rio Abuará, inferior á povoação de Santo Antonio do Castanheiro-novo.

A enseada dos Cauaburis.

A que se lhe segue, e se prolonga até pouco abaixo da povoação de São-Pedro.

A em que estam situadas as duas povoações, dita de São-Pedro e a de São-José, a qual vai acabar defronte da povoação de Santo Antonio do Castanheiro-velho.

Ultimamente a que segue costa acima, passando por defronte da povoação de São-João Nepomuceno do Camundé, e acaba muito acima d'ella.

(*b*) DITA AUSTRAL

A enseada, que fica inferior ao furo de Guariúba; pelo qual se communica o Rio-Negro com o outro rio dos Solimões.

A em que está a ponta de pedras chamadas Igrejinhas, inferior ao lugar de Airão. A outra, que principia desde o lugar de Moreira, e acaba acima da foz do rio Uarirá. A que se deixa de costear, desde onde se atravessa para a margem do norte, na distancia de 8 horas de viagem, acima do lugar de Lamalonga, e acaba por cima da da Tapera, ou lugar aonde esteve situada a antiga povoação de Santa-Izabel.

Mais outra, que sobe até acima da foz do rio Ajuaná.

A que se lhe segue, e acaba de fronte da foz do Marauiá.

A que termina em os outeiros defronte do Castanheiro-Novo.

A que se lhe segue, e acaba defronte da ponta inferior da enseada grande dos Cauaburiz.

A em que está situada a povoação de Nossa Senhora do Loreto de Maçarabi.

A que principia acima d'ella, na distancia de hora e meia de viagem, e acaba defronte da povoação de São-Pedro. E dali para cima, a outra que vai acabar aonde esteve situada a povoação do Castanheiro-velho etc.

XIV

Pedraria

Principia a que ha pela margem boreal, desde a foz do Rio-Negro até a do riacho Curiacú, o qual desagoa n'elle pouco abaixo do logar, a que na margem austral lhe corresponde o lugar de Airão. Não é sempre continuada, porém algumas vezes se interrompe; e a qualidade de pedra é de um cóz, e em outras partes de um saxo mais e menos homogeneo, e endurecido; mas quazi todo elle, ou mineralisado de ferro vizivelmente tal, ou tinto da sua ochra metallica, ou amarella, ou avermelhada.

Pela outra margem opposta, tambem a ha, desde a enseada fronteira á dos Tarumás, até defronte da foz do Rio-Branco, aonde tambem pelo alveo do rio ha alguns baixos d'ellas, que fazem perigosa aquella travessia. Torna a apparecer na distancia de um dia de viagem, acima do lugar de Lamalonga; e tanto pelas margens, como pelo alveo do rio, vai formando as pontas, os baixos, e as cachoeiras, que tem na sua parte superior de sorte que sempre ha mais ou menos pedras, que recear, até a fortaleza de São-José de Marabitanas. Do porto da povoação de Nossa Senhora do Loreto de Maçarabi para cima, principia a maior força d'ellas. O espaço que medeia entre a povoação de São-Bernardo do Camanaú e a foz do rio Uaupés, póde-se dizer, que é uma cachoeira continuada, e só navegam seguras as canôas pequenas.

Comtudo os praticos d'aquella navegação prescindem das que sam relativamente mais razas e contam no dito espaço até doze, a que dam seus distintos nomes do Camanaú, do Cacury, da Tapera, de Paricaúba, da outra Tapera dos Manáos, da Lage do Cumarú, do Cujubi, das

Furnas, da Praia Grande ou do Crocoby, do Porto de cima, do Caldeirão, e do Paredão. Cachoeiras sam estas, segundo eu já informei na participação 5.ª da primeira parte, que sam mais ou menos trabalhosas de vencer, segundo o numero e a altura dos saltos, segundo o estado do rio, cheio ou vazio, e segundo a grandeza das canôas.

Quanto aos saltos das que os têem, não entram em comparação com os de algumas dos rios Uaupés, do Japurá e do Madeira; antes estas, á vista d'aquellas cachoeiras, sam razas. Comtudo não deixam de ter alguns saltos, com as circumstancias de serem as pedras amiudadas e as correntezas rapidissimas. Quanto ao estado do rio, é verdade, que na vazante se amançam mais as correntezas; porém mais se fazem temer as pedras ao lume da agua, e umas cachoeiras sam mais terriveis na vazante, como é a do Cajubi, e outras na enchente, como a do Cumarú.

A respeito das canôas, quanto menores ellas sam, tanto mais se facilitam as manobras, pelas quaes se consegue a rapidez das evoluções precisas para mais acceleradamente escaparem do fio das correntezas, e se abrigarem nos seus remanços.

A subida não se póde deixar de se emprehender sempre junto aos rochedos das margens, antecipando-se o cabo a descarregar a canôa, si assim é precizo, para a fazer puchar á corda pelos indios remeiros. D'este trabalho está livre quem desce, porque desce o canal entre os saltos e pelo fio da correnteza. Mas o perigo de naufragar sem remedio é muito maior em razão da celeridade, com que desce, e com a mesma, ao menor descuido que haja da parte do piloto, ou ao minimo incidente que sobrevenha, póde encontrar os rochedos do lume da agua, particularmente em rio vazio. Por isso assentam os praticos, e assim o tem mostrado a experiencia, que a melhor monção de passar as cachoeiras é, quando ellas, na sua fraze, estam a meio barranco.

XV.

Rios que desagoão no Rio-Negro

(a) PELA MARGEM SEPTENTRIONAL ACIMA

1

O Anauini ou Anavilhena, por corrupção do vocabulo. E' rio de agua branca, que desce na direcção geral de norte a sul e desagoa n'elle na distancia de 12 leguas acima da sua foz.

2

O Yauapiry, ou como o chamam os brancos Jaguapiri, com a mesma côr e direcção que tem a agua do primeiro porém quazi defronte e pouco abaixo da villa de Moura.

3

O Queceune, por outro nome Rio Branco, immediatamente superior á dita villa, que está na margem opposta, rio, a que a côr da sua agua deu entre nós o nome de—Branco, ao contrario da do Rio-Negro, sóbe no rumo geral de norte até á confluencia do Tacutú, aonde toma o nome de Uraricuera, e o rumo geral de oeste até a fóz do rio Uraricapará. Desde a sua foz engrossa o Rio-Branco o cabedal das suas agoas com as que recebe dos rios Mereúni, Anauaú e Tacutú, que desagoão n'elle pela sua margem oriental, emquanto não muda para o rumo de oéste; porque desde então pela sua margem boreal recebe as aguas dos rios Sereré, Parimé, Majari, Idume ou Jurime, Uraricapará. Pela margem occidental do Rio-Branco, emquanto não toma o nome de Uraricuera, desagoão n'elle os rios Serecuny, Caratirimani, Jaguarany, Mucajahi, Cauame, e na austral do Uraricuera o Maracá.

4.

O Uaranacuá, por outro nome Yuuary, fronteiro ao lugar do Carvoeiro.

5.

O Uaraiá, por outro nome Araiá; meio dia de viagem acima da villa de Barcellos: rio de agua preta, em cuja margem oriental desagoa outro de agua branca, chamado Demeuene.

6.

O Uereré, pouco inferior á villa de Thomar, que fica na margem opposta; porem n'elle estam situadas as roças de alguns dos seus moradores.

7.

O Padauiri, defronte da dita villa; rio tambem de agua branca, em cuja margem occidental desagoão os rios Ixié-mirim, Marary e Atauy.

8.

O Daraá, entre o Padauiri N. 7' e a nova povoação de Santa-Izabel.

9.

O Marauiá logo acima d'ella, e vizinhos um dos outros, os rios:

10.

Inambú.

11.

Abuará.

12.

O Cauaburiz, defronte da povoação de Nossa Senhora do Loreto de Maçarabi; rio de agua branca, o qual desde a confluencia de Maturacá desce no rumo geral de norte sul, engrossando as suas aguas, com as que pela margem oriental recebe do rio Maijá, e pela occidental, dos outros dous rios Hiá e Maturacá.

13.

O Miuá, entre a foz do Cauaburiz, n. 12, e a povoação de São-Bernardo do Camanáo.

14.

O Dimití, na distancia de duas horas de viagem agua abaixo, sahindo da fortaleza de São-José de Marabitanas.

(*b*) DITA MERIDIONAL

1.

O Jaú, immediatamente superior ao lugar de Airão; e se communica com o

2.

Unini, por outro nome Anani, o qual desce pela retaguarda da villa de Moura, superior ao referido lugar de Airão, e desagoa entre o Jaú, n. 1, e a sobredita villa.

3.

O Cauauri, por outro nome Caburiz, o qual desce pela retaguarda da villa de Barcellos, e do logar de Poiares, desagoando entre elle e outro lugar do Carvoeiro, que lhe fica inferior.

4.

O Baruri, na distancia de trez horas de viagem, agua acima, sahindo da villa de Barcellos.

5.

O Quiuni, que dista seis horas acima do Baruri, n. 4, ficando entre elle o logar de Moreira.

6.

O Urarirá, que tanbem desce pela retaguarda da villa de Thomar, que lhe fica superior, e desagoa na distancia de quatro leguas, acima do logar de Moreira, entre elle e a dita villa.

7.

O Urubary ou Urubaxi, pouco superior á tapera de Santa-Izabel ; rio abundante de lagos, pelos quaes se communica com o Japurá.

8.

O Uajuaná ou Ajuaná.

9.

O Ueneuixy ou Inuixy.

10

O Xiuará : este e o 9.° e o 8.° situados no espaço, que entrecede a foz do Urubaxi, n. 7, e a povoação de Nossa Senhora do Loreto de Maçarabi.

11

O Maiuixy, entre ella e a outra povoação, que foi de Santo Antonio do Castanheiro-Velho.

12

O Mariá.

13

O Curicuriaú : este e o Mariá, n. 12, ambos entre as duas povoações de São-João Nepomuceno de Camundé, na margem austral do Rio-Negro e de São-Bernardo do Camanáo, na boreal.

14

O Ucajary ou Uaupés na distancia de quatro leguas acima da fortaleza de São-Gabriel: rio de agua branca, desce do oeste para leste, parallelo ao Rio-Negro; e pela sua margem austral recebe as aguas dos rios Tiquié, Capuriz, Yeucari, e Unhiuan.

15

O Içana, que desagua na distancia de um bom dia de viagem, acima da foz do Uaupés, n. 14 : corre parallelo a elle, e na sua margem boreal recebe o rio Coyary.

16

O Ixié, parallelo ao Içana, n. 15, de agua branca, como elle, e o Uaupés, n. 14 ; tem a sua foz situada na distancia de 12 leguas, abaixo da fortaleza de São-José de Marabitanas.

Nota bene

Que além dos trinta rios, que dezagoão no Rio-Negro, por ambas as suas margens, desde a sua foz até a dita fortaleza, tambem por ambas ellas desagoão os riachos, igarapés e furos que constão de todas, e de cada uma das treze participações escriptas e entregues.

(Continua)

VIDA E FEITOS

DE

Dom Frei Miguel de Bulhões e Souza

3.º BISPO DO GRAM-PARÁ

MEMORIA HISTORICA

Lida na augusta presença de S. Magestade o Imperador na sessão de 1.º de Outubro de 1886, e escripta.

PELO

DR. CESAR AUGUSTO MARQUES.

Corria o anno de 1719...

Occupava o throno de Portugal D. João V, e a cadeira pontificia o santo padre Clemente XI, de feliz recordação.

Depois de muitas solicitações dos habitantes da immensa região do Pará, e por meio de proposta régia dignou-se o santo papa, pela bula « *Copiosus in Misericordia* » dada em Roma aos 4 de Março do anno supracitado, anno vigesimo do seu Pontificado, mandar desmembrar parte do bispado do Maranhão, e criar o bispado do Gram-Pará.

Comprehendia então o novo bispado a Guianna Franceza e as provincias de Goiaz e Mato-Grosso.*

---

* *Roteiro dos Bispados do Brazil* pelo Padre Carlos Augusto Peixoto d'Alencar. Ceará, 1864.

Entre os venerandos prelados que tanto abrilhantaram a cadeira episcopal d'aquellas terras, cita-se hoje e para sempre com profundo respeito D. Frei Miguel de Bulhões e Souza,* nomeado por D. João V, e confirmado pelo pontifice Benedicto XIV.

Teve por berço o humilde logar conhecido pelo nome de *Verde-Milho*, termo da então villa e hoje cidade d'Aveiro, no reino de Portugal, e no dia 13 de Agosto de 1706 vio a primeira luz da existencia.

Depois de concluidos os estudos então necessarios, adoptou a carreira do sacerdocio christão, e professou na florescente e temida ordem dos frades de S. Domingos.

Seu reconhecido talento demonstrado no pulpito, pois pertencia á ordem dos pregadores e suas virtudes o fizeram lembrado ao piedoso monarcha, que o nomeou bispo de Malaca. d'onde foi transferido para a diocese do Pará.

Partiu de Lisboa a 21 de Setembro de 1748, levando por seu secretario o padre Manoel Ferreira Leonardo, natural de Lisboa, autor de um livro, hoje rarissimo, intitulado, « *Relação da viagem e entrada, que fez o Exm. Revm. Sr. D. Frei Miguel de Bulhões e Souza, bispo do Pará, na sua diocese.* Lisboa, impresso por Manoel Soares, em 4° de 8 paginas.»

Tomou posse no dia 14 de Fevereiro de 1749, porém escreveu Varnhagen no 2° volume da sua importantissima *Historia Geral do Brazil*, no logar já citado, que tal ceremonia foi em 9 de Fevereiro 1746.

E' isto impossivel, porque no dia 16 de Outubro d'esse mesmo anno elle pregou em Lisboa o *sermão do auto da fé celebrado na igreja de S. Domingos*.**

Disse o nosso incansavel consocio, de saudosa memoria para nós todos, que amamos as investigações historicas,

---

* Na *Historia Geral do Brazil*, 1ª ed., 2° vol., pag. 464 está com o nome de D. Frei Guilherme de Bulhões, manifesto engano do nosso sabio consocio, F. A. de Varnhagen, depois Visconde de Porto Seguro.

** Impresso em Lisboa por Pedro Ferreira, 4°, 27 paginas. O ultimo d'esta especie impresso em Portugal.

Inocencio Francisco da Silva, em seu *Diccionario* universalmente conhecido, que tal posse sómente seria por procuração.

Assevero, porém, que essa *procuração* nunca foi passada, e sim que pessoalmente empunhou o baculo do pastor do rebanho paraense no dia 14 de Fevereiro de 1748, e para isto me baseio, e com toda a confiança no *Quadro synoptico dos bispos da diocese do Gram-Pará*, organisado e publicado na cidade de Belém no mez de Março de 1858 pelo Rev. conego Luiz Barroso de Bastos « na qualidade de secretario do Illm. e Revm. cabido em consecutivas reeleições », e portanto, á vista de documentos e do proprio auto de posse, que em taes casos é lavrado.

Era difficil governar depois dos bispos D. Frei Bartholomeu do Pilar, religioso carmelita, e D. Frei Guilherme de S. José, religioso de Thomar, brilhantes estrellas da igreja catholica apostolica romana.

D. Frei Miguel de Bulhões, porém, continuou as tradições sempre honrosas de seus venerandos antecessores.

Dia e noite velava pelo seu rebanho, como quem um dia tinha de dar contas delle ao justo e supremo juiz, ora na cidade, ora como simples missionario embrenhado pelas vastas matas da região amasonica, ora affrontando, em pequenas *igarités*, a correntesa e a inconstancia das centenas de rios, que, mais ou menos caudalosos, cortam em todo o sentido aquellas terras, nesse tempo muito escassas de recursos, porém, muito abundantes de riscos e de perigos.

Eram então constantes as questões entre os jesuitas e os antigos moradores do *Estado do Maranão e Gram-Pará*.

Os jesuitas mostraram-se acerrimos defensores dos indios, propugnavam pela sua liberdade e instrucção, porém, essas dedicações nem sempre, infelizmenne, eram verdadeiras e sinceras, porque elles, como os mais moradores, queriam ter parte na divisão dos indios aprisionados na guerra, e pelas *bandeiras*, de horrorosas e sanguinarias recordações : tinham aldeias onde se executavam severos regulamentos, e obrigavam os indios a trabalhar

constantemente na lavoura e na pesca, na caça e na navegação, emfim em todos os misteres da vida, e até foi ordenado pela provisão regia de 7 de Abril de 1726, que de cada uma das *entradas* ou expedições que se fizessem ao sertão se dessem 30 ou 40 indios ou escravos para o serviço dos collegios e fazendas da companhia de Jesus *em razão da grande falta que tinham de escravos, conforme representou* o visitadar geral da mesma companhia.

No meio de tão encandescentes agitações o santissimo papa Benedicto XIV expedio a bulla *Apostolica servitutis*, firmada em Roma no dia 20 de Dezembro de 1741 « digna pelo seu assumpto como pela sua elegancia de maximo apreço » (Baena, *Compendio das Eras*. Pará) prohibindo a companhia de Jesus o ter escravos.

Intenta o bispo executar a referida *bulla*, levanta-se a poderosa companhia de Jesus contra elle, e depois de muita lida e desgosto ficou ella sem effeito, como já tinha acontecido com outras bullas de Paulo III e Urbano VIII.

Muito amante da familia real portugueza, no dia 4 de Novembro de 1751, na igreja do collegio dos jesuitas, a expensas suas, celebrou pomposas exequias, suffragando a alma do rei D. João V.

Procurando educar e preparar convenientemente os mancebos que aspiravam a vida do sacerdocio, estabeleceu o seminario ecclesiastico com sujeição ao ordinario, em virtude do alvará de 20 de Maio de 1751, no collegio dos jesuitas, a quem incumbiu a direcção de tão util instituição.

Attendendo a grande distancia em que d'elle estavam muitos de seus filhos, creou uma vigararia geral no Rio Negro, hoje provincia do Amazonas, e escolheu para regel-a o Dr. José Monteiro de Noronha, facilitando assim e muito aos seus diocesanos o conhecimento e decisão das suas causas ou necessidades urgentes.

Coube-lhe a satisfação de benzer na tarde de 23 de Dezembro de 1654 a nova cathedral, prompta até o arco da capella-mór.

Recebendo o bispo apertadas ordens para que sem demora publicasse e executasse a bulla de 20 de Dezembro de 1741, que declarou livres todos os indios e

excommungados *latœ sententiœ* os individuos que praticassem, defendessem, ensinassem ou pregassem o contrario, e achando-se o governador do estado no Rio Negro, julgou prudente espaçar o cumprimento d'ella e das ordens regias recebidas na mesma occasião, á vista da exaltação dos animos de alguns padres da companhia de Jesus, que, para sustentarem-se, recorriam até ao uso de armas de fogo, mancommunados com os padres hespanhóes, seus irmãos, que se achavam estabelecidos nas fronteiras do norte do Pará.

Todo este estado excepcional era devido, entre outras causas, á prisão e remessa para Lisboa, em virtude da ordem regia de 3 de Março de 1755, dos padres da companhia Antonio José, Roque Hunderfund, Theodoro da Cruz, Manoel Gonzaga, Anselmo Eckart, e Antonio Meisterburgo, que eram os mais exaltados em taes luctas.

Longe de descançar emprehendeu e realizou uma visita episcopal pelo interior de sua diocese.

Quando esteve na villa de Barcellos não se descuidou dos seus filhos, os innocentes caboclos, escondidos e foragidos pelas mattas, nem ahi escapando das barbaridades da gente, que se diz civilisada, e por isso pela provisão de 18 de Fevereiro de 1757, nomeou o virtuoso missionario Frei Joseph da Magdalena, vigario geral da capitania do Rio Negro, e vigario da nova igreja por outra do mesmo dia.

Receiando que da ignorancia dos parochos resultasse o desgosto de não se dar nas Igrejas logar apropriado ao governador, quando fôsse assistir as solemnidades d'ella, ordenou, pela portaria de 10 de Junho de 1760, expedida ao Rev. vigario geral Joseph de Monteiro Noronha, que, conforme a direito, pertencia a essa dignidade o sentar-se em logar immediato ao arco da capella-mór, da parte de fóra d'ella, da banda do Evangelho, em cadeira de espaldar sobre um estrado de competente altura, e que se cobriria com um panno verde, revelando assim cuidadoso intento de evitar conflictos ou desavenças.

Quando D. Frei Antonio de S. José foi eleito e confirmado bispo da diocese do Maranhão pelo santo padre Bento XIV, nomeou procurador para tomar posse do seu

bispado D. Frei Miguel de Bulhões, sendo a procuração passada no convento da Graça em 7 de Novembro de 1756.

Foi substabelecida, para effeito unicamente de tomar posse do bispado, no Rev. Dr. João Rodrigues Covette, arcipreste da cathedral, e em sua falta no chantre Basilio de Almeida Moraes.

Foi esta a primeira e a segunda vez que o bispado do Maranhão foi governado pelo bispo do Gram-Pará.

Pela pastoral de 8 de Fevereiro do mesmo anno, instituiu uma confraria de caridade em honra do Senhor Bom Jesus dos Pobres Enfermos, debaixo de piedosos estatutos, copiado pelo sabio Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista empregado na expedição philosophica do estado no seu *Diario de viagem pela capitania de S. José do Rio Negro*, 2ª parte, que foi publicada no T. XLIX, 1° Trim. de 1886 da Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. do Brazil.

No anno de 1752 visitou o Rio Negro, e residiu junto a igreja matriz, em um predio que servia de hospicio dos missionarios, onde havia um seminario destinado á educação de 15 meninos filhos dos indios.

Finalmente em 28 de Janeiro, 28 e 29 de Maio de 1757 com todas as solemnidades foi publicada a pastoral do bispo mandando cumprir a bulla de 20 de Dezembro de 1741, e as leis régias que libertavam todos os indios.

O povo acolheu muito bem estas resoluções.

Pouco depois, á requisição dos sacerdotes de seu bispado, por provisão de 2 de Maio de 1758, declarou ser o rio Gurupy a linha divisoria da provincia ecclesiastica do Pará, principiando a do Maranhão na margem direita ou oriental do dito rio, e da margem fronteira a do Pará, evitando assim constantes conflictos de jurisdicção.

Por outra provisão de 16 de Novembro de 1807 o bispo do Pará D. Miguel de Almeida de Carvalho foi confirmada essa linha divisoria.

Sendo dispensado do governo o capitão-general Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do grande

despota Marquez de Pombal, o bispo, como governador interino o substituiu, e, como tal em 2 de Março de 1759 entregou o bastão ao 20° governador e capitão-general do estado do Gram-Pará, Maranhão e Rio Negro Bernardo de Mello e Castro, alcaide-mór e senhor dos direitos reaes da villa de Fernancuhe, commendador de S. Pedro das Achadas da ordem de Christo, e coronel chefe do regimento de infantaria da guarnição de Cascaes.

Eram chegados os maus dias para a igreja catholica, apostolica, romana.

Derramavam-se, como já disse no meu *Diccionario historico e geographico do Maranhão*, falsas crenças por todas as partes com o fim de enfraquecer a religião do Crucificado : os seus sacerdotes soffriam, e entre elles merecem especial menção os respeitaveis filhos de Santo Ignacio de Loyola.

A companhia de Jesus, mui notavel athleta, não podia ser desprezada : offerece-lhe comtudo combate em campo aberto ; era ir em busca de derrota certa.

Lançava-se já neste tempo mão da intriga e da perfidia, armas terriveis, e sempre brandidas por mãos indignas e criminosas.

Procurava-se além disso desanimar e offender, destruir e desarmar os amigos dedicados dessa ordem monastica.

No bispado do Maranhão brilhava D. Frei Antonio de S. José, notavel pelos seus talentos, venerado por suas virtudes, e temido pela pertinacia com que soube sempre resistir aos inimigos da igreja catholica, apostolica, romana.

Desejando offender-se o melindre de tão distincto e até desconsideral-o, foi pelo governo da metropole nomeado para visitador da ordem de Jesus no Maranhão este bispo do Pará, muito conhecido pela sua dedicação ao partido dominante em Portugal, capitaneado pelo maior despota de então, o Marquez de Pombal.

Apresentou-se em Maranhão o bispo visitador em 9 de Agosto de 1759.

Disse o nosso erudito consocio Dr. Candido Mendes de Almeida, de saudosa memoria, na sua obra *Direito*

civil e ecclesiastico, tom. 1°, 2ª parte, pag. 602, que « n'esse dia partiu para o interior D. Frei Antonio de S. José, enfastiado pela desmoralisação, a que o punham em prova.»

Creio haver n'isto engano, porque na pag. 236 do *livro* 3°, 1757 a 1760 (*manuscripto*) da secretaria do governo do Maranhão, encontrei exarado um officio do governador Gonçalo Pereira Lobato e Souza, dirigido ao governador do reino, no qual dava parte que o bispo maranhense tinha sahido em 4 *de Julho* d'esse mesmo anno da capital em visita pastoral.

Emquanto D. Frei de S. José, passando muitos incommodos, affrontando perigos, e arriscando a propria existencia, subia o rio Itapicurú até Caxias, e d'ahi até a villa de Paranaguá, no Piauhy, por caminhos desertos, cheio de privações, pregando as doutrinas de Christo, e derramando as luzes da religião do Crucificado, D. Frei Miguel de Bulhões, digo com bem pezar, mostrou-se digno da commissão, que lhe incumbira o celeberrimo Marquez de Pombal.

Dóe-me dizer que o prelado paraense não foi juiz calmo, recto e imparcial, como era de esperar de um principe da igreja catholica, apostolica, romana, e sim mostrou-se sempre acerrimo perseguidor da companhia de Jesus, sendo muito coadjuvado, como é desnecessario até dizer, pelo governador Gonçalo Ferreira Lobato e Souza.

O dever de historiador consciencioso me obriga a avivar aqui esta nodoa, que manchou as suas vestes episcopaes, prestando-se a servir de instrumento ao maior inimigo da religião christã, e ao maior despota, que el-rei D. José teve por ministro.

No principio dos meus estudos historicos fiz idéa diversa de Sebastião José de Carvalho e Mello, arrastado pelos verdores da mocidade, e ainda não baseado em conhecimentos que depois adquiri.

Em mais de um escripto meu manifestei pensamentos de alto apreço ao Marquez de Pombal.

Correram os annos, amadureceram-se meus estudos, veio a calma, appareceu a reflexão, e á luz da maior

imparcialidade não duvidei modificar meu juizo a respeito d'esse e outros pontos, o que tenho orgulho de confessar, já porque é louvavel não persistir no erro, nem escrever falsidades, já para que não se me accuse de contradictorio em minhas apreciações.

Quando lanço-me nas trevas do passado, serve-me de bussola a minha consciencia pura e tranquilla, e allumia-me só a luz da imparcialidade.

Si erro, é por convicção e não por calculo, e eis a razão por que meus escriptos si têm soffrido, bem pouco, algumas leves contestações, eu corro pressuroso, e restabeleço a verdade.

Tempo é de reatar o fio da minha narrativa depois de rogar a Deus, que desculpe essa falta, ainda que grave, do venerando prelado, cuja biographia estou escrevendo.

Muitas eram as suas virtudes, e entre todas fulgurava com intenso brilho a caridade.

Nada tinha, nada guardava para si, tudo era dos pobres, tudo era dos seus filhos espirituaes, e para provar a humildade desse santo bispo, e seu desprezo para com as honras do mundo, tão ephemeras e tão enganadoras, passo a lêr estes dois officios ou cartas, que, como documentos historicos de alto valor, devem honrar o archivo, já bem rico, do nosso Instituto :

Carta do sacerdote ao Exm. Senhor Bispo.— Si esta confiança se não encaminhara, não só ao serviço deV. Ex., mas a mostrar-lhe que, nem o tempo, nem a distancia, nem os mais accidentes têm feito de mim separavel aquella escravidão, que sempre consagrei á preclarissima pessoa de V. Ex.; não me animara a pôr na sua presença, que participando-me a gostosissima ambição de continuar no serviço daquella noticia da graça, que agora da curia romana veiu ao Exm. arcebispo de Lacedemonia, com que não só a côrte, mais ainda as Magestades ficaram muito satisfeitas por ser cousa que nunca se concedeu aos Exm. Srs. bispos, por ser a especial com que o costumam honrar, quando aquelles iam á mesma curia, e por isso só logram esta primazia o Illm. Sr. D. João de Mendonça, da casa de Val dos Reis,

que foi da Guarda, e o actual bispo do Porto, por ambos terem ido a dita curia romana: e como os Exms. prelados assim predicamentados têm a preferencia aos Bispados do reino, no caso de sua vacatura, e se acha vago o do Algarve; e o do Porto, e Lamego proximos a isso; sendo do agrado de V. Ex. o obter estas graças, e prerogativas, que constam das authenticas, que remetto, tenho meios para que no termo de quatro mezes lhe alcance um motu proprio do papa, em que lh'as faculte; custa esta na curia 600$000, além do premio do agente, que esse fica ao livre arbitrio de V. Ex., e quando lhe mereça esta acceitação para o referido expediente, póde V. Ex. noticiar-me; porque supposto seja da provincia dos Açores, resido no hospicio do Marquez Mordomo-mór, e no serviço de V. Ex. quizera desempenhar as obrigações de reverente creado de V. Ex., que Deus guarde. Lisboa 1° de Junho de 1751. Exm. Sr. Bispo do Pará. De V. Ex. O reverente e humilde subdito FR. JOSÉ DE SANTO ANTONIO DE PADUA.

Resposta do Exm. bispo.— Antes de principiar a lêr esta carta de V. Paternidade, vendo pela assignatura do nome que era dictada por um filho do grande patriarcha S. Francisco, e escripta a um bispo missionario, julguei que acharia em cada expressão uma maxima evangelica, que, instruindo-me no meu apostolico officio, me inspirasse celestiaes dictames, com que pudesse cabalmente desempenhar as duras obrigações do alto ministerio, de que indignamente me vejo encarregado; mas continuando a lêr a mesma carta acabei de convencer-me que tinha sido errado o meu pensamento vendo que V. Paternidade, querendo constituir-se meu procurador na curia romana, se offerecia a lançar-me nesta todos aquelles titulos e privilegios, com que a mesma curia por um breve, a que V. Paternidade dá o nome de graça, tinha premiado as heroicas virtudes do Exm. arcebispo de Lacedemonia, sem concorrer da minha parte outro algum merecimento que o gasto de 600$000, além do premio do agente, que V. Paternidade deixava pendente do meu arbitrio.

A mesma causa, as mesmas razões, com que V. Paternidade, depois de reflectir na grandeza desta honra, se empenha em persuadir-me a acceitação, me movem para a repulsa.

Lembra-me V. Paternidade que neste reino só mereceram a especialidade desta graça o Exm. bispo da Guarda o Sr. D. João de Mendonça, o Exm. bispo do Porto o Sr. José Maria da Fonseca e Evora; e que diria o mundo vendo que eu tinha a presumpção de igualar a estes dignissimos prelados nos titulos, sendo tão inferior a elles nos merecimentos; distinguindo este mundo velho deste mundo novo, parece-me que neste caso um se faria Heraclito, outro Democrito, este rindo-se da minha loucura, aquelle chorando a minha vaidade; o mundo velho olharia para mim com os olhos cheios de pranto compadecido, o mundo novo com a boca cheia de riso e admirado; Portugal ficaria compadecido vendo que me transformara de bispo diocesano em titular; o Pará ficaria admirado reflectindo que em tão pouco tempo me augmentara tanto, que chegara a merecer a posse de tão honroso titulo.

Meu padre fr. José, não creia em titulos, porque algumas casas conheço eu na Europa, que sendo titulares não são as mais illustres; e senão diga-me V. Paternidade, que o consulto agora como religioso e theologo, que acção reputaria V. Paternidade por mais louvavel nos prelados da igreja, despenderem o patrimonio de Christo em remediar pobres ou em comprar titulos?

Mas diga V. Paternidade o que quizer, que eu sempre devo julgar que o mais nobre e autorizado titulo dos prelados é ser pai e protector dos pobres.

Emfim, padre fr. José, acabemos de nos convencer, que honras sem fundamento solido das virtudes, titulos sem a base fundamental dos merecimentos, mais infamam, que acreditam: esta é a nossa illusão, entender que com a preciosa capa dos titulos ficam dissimulados os nossos defeitos; mas vimos a experimentar o que succedeu áquelle philosopho antigo, que posto aos raios do sol coberto com uma capa rota, tantas eram as roturas da capa, tantas as janellas pelas quaes estava vendo o

mundo toda a vaidade do philosopho, donde venho a persuadir-me que titulos sem merecimentos são capas rotas, que expostas aos raios do sol, só servem para manifestar com evidencia a vaidade de quem se cobre com ellas.

Pondera V. Paternidade que os prelados assim predicamentados têm preferencia aos bispados do reino, noticiando-me achar-se vago o do Algarve, e proximos a vagar o do Porto, e o do Lamego ; e assim do pé para a mãoV. Paternidade de seu motu-proprio faz vagar tres bispados, querendo facilitar-me por esta graça, ou por meio della, o conseguil-os, como si o conseguir bispados fôsse graça ; e si o é, custando 600$000 réis é mui pesada.

Não sei como V. Paternidade me possa livrar do escrupulo de simonia, obrigando-me a comprar outro bispado por tão alto preço, quando eu de muito bôa vontade dera a V. Paternidade outro tanto, si me livrara d'este em que me acho : sabe V. Paternidade muito bem, que nós os ecclesiasticos não podemos contractar por nenhum titulo, e muito menos em fazenda de contrabando, como são os bispados para mim.

Entre os titulos de que faz menção a authentica, é conferir os privilegios de conde, e as honras de nobre : si V. Paternidade não póde facilmente ter noticia da minha ascendencia, como julga que eu necessito desta honra ? E' certo que meus pais nem foram condes, nem tiveram titulos de grandeza; mas ainda conhecendo em mim esta falta, nem consenteria que a curia me dispensasse a mechanica. Emfim, padre fr. José, como tive a ventura de nascer no gremio da igreja, apenas me baptizaram, alcancei a incomparavel honra de ser servo de Jesus Christo. Si tiver a gloria de desempenhar as obrigações deste titulo, é o que me basta para nobilitar a minha ascendencia, para ennobrecer a minha patria, para acreditar a minha religião, e para merecer o alto patrocinio da bemaventurança, onde espero vêr a V. Paternidade já arrependido de me obrigar a responder-lhe, occupando-me esta parte do tempo tão precioso para cuidar na conducta de meu rebanho. Deus guarde a V. Paternidade muitos annos. Pará, 21 de Janeiro de 1752. De V. Paternidade. Mais fiel venerador. FR. MIGUEL, BISPO DO PARÁ.

Si o estylo é o homem, como muito bem disse Buffon, nesta carta está o retrato deste bispo.

Creio que por molestia, cansaço ou desgosto o bispo retirou-se para Lisboa com licença, e lá se demorando foi nomeado para reger a diocese de Leiria.

Falleceu, não sei em que dia, porém foi antes de 1782, porque na posse desse bispado entrou nesse anno seu successor D. Lourenço de Lencastre, « o mesmo a quem as contendas havidas anteriormente em Elvas com o deão Lara grangearam-lhe immortalidade burlesca nos cantos do « Hyssoppe » (In. F. da S^a T 6° pag. 228).

Sua alma deixou na terra o involucro material e subiu ao céo onde foi receber de Deus o premio de suas virtudes, deixando na diocese do Pará traços luminosos, que guiaram os passos de seus successores.

Tive a ventura de trazer ao seio do Instituto Historico a vida de tão santo varão, escripta em linguagem despretenciosa, como sempre uso em todos os meus trabalhos, e estou certo que á sua memoria todos nós tributaremos o respeito e a veneração devidas aos benemeritos da patria e da igreja de N. S. Jesus-Christo, em cujo seio tivemos a ventura de nascer.

Possam as mesmas fadigas, tão incansaveis como patrioticas, despertar as habilissimas pennas de que usa o clero paraense, orgulhoso, e com razão, de possuir agora um prelado tão sabio quanto virtuoso, e estou certo que em breve desapparecerá da historia patria a grande lacuna, que se nota, qual a narração circumstanciada e minuciosa da vida e feitos gloriosos dos bispos d'aquella região abençoada por Deus, que já deu á igreja do Pará um filho para abrilhantar o solio do seu episcopado*, outro com igual destino para o de Goiaz** e dous para o arcebispado da Bahia.***

---

* D. Romualdo de Souza Coelho, natural de Cametá. 8° Bispo.

** D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, natural do Turi-assú, então pertencente ao Pará. 3° Bispo.

*** D. Romualdo Antonio de Seixas, natural de Cametá. 17° Arcebispo.

D. Joaquim Gonçalves de Azevedo. Da diocese de Goiaz elevado ao arcebispado. 19° Arcebispo.

Si minhas preces aqui—fôrem ouvidas lá nas vastas margens do soberbo Amazonas, terei mais um motivo para agradecer a Deus a inclinação, que me deu, de investigar e estudar o passado do nosso berço, com o que não poucas vezes me tenho esquecido das injustiças, das ingratidões e das perversidades, que tenho soffrido já no inverno da vida e com as forças enfraquecidas pelo muito que tenho trabalhado, para só lembrar da nossa patria, por cuja felicidade, suffucando justos resentimentos, devemos fazer todos os sacrificios.

Foi esta sempre a estrella que me guiou em todas as épocas da vida, e com os olhos nella espero baixar ao tumulo com a consciencia tranquilla, e a certeza de que posso dizer como Plinio na epist. II : *Reliquam aliquid quod me testetur vixisse*—Aqui, de que vivi, memoria deixo.

VIAGEM DO PRESIDENTE

Dr. Alfredo de Escragnolle Taunay

AO

RIO IGUASSU (*)

(PROVINCIA DO PARANÁ)

EM MARÇO DE 1886

Mui rapida e penosa, mas interessantissima, foi a excursão que S. Ex. o Sr. Presidente da Provincia fez até ao porto da União da Victoria, no rio Iguassú, e mais além na estrada de Palmas umas duas leguas, completando, em menos de 7 dias, quasi 150 leguas de ida e volta, estorvado ainda mais no seu regresso por violentos aguaceiros, que obrigaram em Campo Largo a uma pousada, fóra do programma.

Vamos dar os pormenores dessa digressão, que tomou visos de verdadeira viagem, pondo em ordem ligeiros apontamentos e appellando para a memoria, que sem duvida por vezes nos faltará. Uma cousa, de certo, ser-nos-ha de todo o ponto impossivel: transmittir ao leitor as multiplas impressões, que nos salteavam o espirito, quando aos nossos olhos embellezados se desdobravam as formosas perspectivas do Iguassú, tão varias, tão maravilhosas, umas risonhas e amenas, outras grandiosas e solemnes, já no seguimento da sua simples corrente, já quando

---

(*) Reproduzido da *Gazeta Paranaense* de 12, 13, 14, 15, 17 e 19 de Março de 1886.

N. da R.

a elle se juntam grandes affluentes, como o Negrinho, Negro, Potinga, Timbó, tomando então largura de mais de 600 braças e espelhando em sua serena superficie o azul dos céos e a frondosa vegetação das margens. Para tanto é insufficiente a penna. Fôra necessario o pincel de inspirado artista, que nos arroubos da arte e na comprehensão enthusiastica do bello póde conseguir fixar em preciosa téla as seducções e esplendores da grande obra da Creação. E aqui no Brazil, mais do que em outra qualquer parte do globo, se ostentão ellas inexcediveis até a qualquer reproducção ideal, por mais esforços que faça o pintor para retratar os primores de tão extraordinaria natureza.

I

A' 5 horas da manhã de 3 de Março de 1886, foi que S. Ex. partio de Curitiba, levando por companheiros os Srs. Dr. Ermelino de Leão, Ignacio Carneiro e Amazonas Marcondes, cabendo a este as honras de ter organisado tão bella e agitada excursão.

Sem novidade, chegava-se ás 8 1/2 da manhã á cidade de Campo-Largo, onde o distincto Sr. João Ribeiro de Macedo esperava a S. Ex. e a comitiva com o cavalheirismo e hospitalidade, que sabem demonstrar os membros d'aquella familia, tão respeitados em qualquer parte da Provincia, em que se achem estabelecidos.

A's 10 horas da manhã, após almoço, em que nada faltou para ser legitimo banquete, recomeçaram os excursionistas a viajar, parando uns minutos em casa do Sr. Natel, no Itaqui, a uma legua mais ou menos de Campo-Largo.

A' 1 1/2 hora da tarde, chegava S. Ex. a S. Luiz, indo logo visitar a escola publica do sexo masculino, cuja frequencia lhe agradou, pois, encontrou 37 alumnos, a alguns dos quaes examinou, distribuindo, quando sahiam da aula, confeitos e doces que os meninos aceitaram alegres e pressurosos.

A's 2 1/4 horas partio S. Ex. o Sr. Presidente de S. Luiz, mostrando-se bastante descontente com o estado em que encontrou grande parte da estrada dos Campos-Geraes, sobretudo nas approximações da ponte dos Papagaios. Com effeito esses trechos são pessimos, cheios de pedras destacadas, buracos e grandes resaltos, de maneira que os solavancos se multiplicam, causando continuo incommodo a quem viaja de carro.

O que mais aborrecia o digno administrador da Provincia era observar o nenhum vestigio de trabalho, o mais leve signal de serviço n'aquelle lanço de estrada, quando entretanto a Provincia estipulára não pequena quantia, para que essa via de communicação não estivesse assim tão descurada. No Paraná ha ainda pessimos habitos, que lembram os tempos passados, em que no Brazil a subida e descida de situações politicas representavam o começo dos abusos de uns, e cessação dos abusos dos outros, tudo acompanhado dos clamores fingidamente indignados e retaliações da imprensa partidaria.

Transpostos aquelles buracões e alcançados os campos geraes, foi S. Ex. observando, durante leguas e leguas, as celebres terras vendidas para a colonisação russa, dolorosa prova da verdade, que acima exarámos, e prova de taes, proporções e consequencias, que repercutio em toda a Europa, e nos trouxe innumeros desgostos e vexames.

Vencidos assim 80 1/2 kilometros até á Restinga Secca, deixou o carro a estrada geral e tomou, á esquerda, direcção do caminho que leva á fazendola do Sr. Conrado Buhres, a $^{1}/_{4}$ de legua do porto Amazonas, no rio Iguassú. Estende-se essa propriedade ao lado das terras da infeliz empreza Kitto, cujos desastres são tão conhecidos, terras na verdade ubertosas e que podem produzir excellente trigo, mas cuja collocação distante, ainda mais outr'ora do que hoje, dos centros de civilisação e de consumo devia levar ao desespero os infelizes immigrantes. Tambem, d'essa gente só restam 3 inglezes, que ainda não puderam ter existencia sequer remediada e que vivem em predios do governo.

Quantas sommas de dinheiro tem o Brazil perdido, quantas decepções soffrido e quantos males proporcionado

a innumeras pessoas, com o pessimo e anti-scientifico systema de atirar grupos de immigrantes em pontos invios, longe de todos os recursos e relações sociaes! A grande razão ha sido a fertilidade do sólo, quando entretanto esta é mais uma causa de desespero e furor para o europeu, que vê a terra liberalisar dons totalmente desaproveitados e malbaratados.

Para quem tem que viver do trabalho diario, vale muito mais um lóte de terreno ruim e acanhado junto a uma cidade, do que opulentissimas terras a cem leguas de qualquer centro de incitamento e soccorro, pois os esforços do colono e lavrador têm de ser compensados sem demora, actuando o ganho sobre o seu moral.

Os nossos sertões e desertos só podem, só devem ser povoados—e hão de sel-o—por immigração européa, que mui espontaneamente e por si caminhe da peripheria para o centro, reflua do littoral e immediações para a zona interior. Os males, peripecias e canseiras, que acommettem o immigrante são tantos, tão diversos, tão grandes, que é necessario que elle não tenha, em terriveis momentos de desalento, que accusar a ninguem, e não possa atirar a responsabilidade de tudo quanto lhe succeder e de todas as esperanças falhadas senão sobre si mesmo. Com toda a razão diz o escriptor Dariaux: « Por mais bello e hospitaleiro que seja o paiz a que se acolhe o immigrante, tantas são as decepções e difficuldades que ahi o esperam, que emigrar, isto é, sahir de sua patria para ir localisar-se em outras terras, constitue a mais penosa e arriscada empreza, a que póde atirar-se o homem. »

II

Em casa do Sr. Conrado Buhres esteve S. Ex. o Sr. Presidente combinando com esse activo e intelligente cidadão as bases de um contracto para o plantio do trigo naquelle local, chamado Portão, onde em épocas passadas, esse cereal deo optimamente—uma das causas de attracção para as desgraçadas especulações de Kitto.

Será, sem duvida, esse mais um grande beneficio feito a toda a provincia.

Na manhã de 4, ás 5 e 3/4 horas, partio S. Ex. do Portão, e 20 minutos depois chegou ao Porto Amazonas, que consta, por emquanto, de duas ou tres casas, no fim de um campo ondulado. Depois com declives fortes, começa a barranca, do alto da qual se avista, já bastante grosso em aguas, o rio Iguassú.

Ahi estavam soldados doentes e presos, acompanhados por praças, mulheres e crianças, vindos da colonia do Chapecó e da commissão da estrada de Palmas, mandando S. Ex. contractar por 25$ a conducção em carreta dos enfermos e menores. A essa pobre gente o Sr. Amazonas liberalisou a carne de quasi toda uma novilha, que foi então morta, sendo transportados para o vapor os pedaços mais escolhidos.

A's 8 1/2 horas da manhã, entrava S. Ex. no vaporsinho atracado á margem direita do rio e ainda attendeu a varias pessoas que o forão procurar, presenteando o Sr. Amazonas com uma bonita bandeira nacional, que pela primeira vez fluctuou n'aquellas solidões, arvorada como foi á prôa da embarcação, no meio de foguetes e vivas dos que se achavam presentes.

O vapor chama-se *Cruzeiro*, nome de uma das fazendas da mãi do Sr. Amazonas; mede 80 palmos de comprido e 26 de boca; tem a força de 18 cavallos e cala 18 pollegadas inglezas.

Traz em seu machinismo a data de 1878, e foi comprado em 1882 no Rio de Janeiro. Póde carregar 800 arrobas, e costuma rebocar uma grande lancha e cinco canôas.

A 17 de Dezembro de 1882 foi lançado á agua, e fez a sua primeira viagem a 27 daquelle mez e anno.

A empreza emprega 5 homens no vapor, e tem mais 2 ou 3 em terra.

Gasta, nas 3 viagens por mez, 66 metros cubicos de lenha, de cada vez, ou 36$, a 600 réis o metro cubico, empregando 2 dias, para descer as 55 1/2 leguas do porto Amazonas ao da União da Victoria, e 4 para subir contra a corrente. A madeira mais empregada

como combustivel é o *branquilho*, abundantissimo nas margens.

O contracto que tinha a empreza, e pelo qual recebia 12:000$ annuaes de subvenção, começou a vigorar a 1 de Julho de 1883, tendo o Presidente de então Carvalho feito, em Fevereiro daquelle anno, uma viagem fluvial da villa do Rio-Negro ao porto da União, e dahi ao Amazonas, subindo as aguas do Iguassú.

Já foi reformado o contracto, tendo terminado ultimamente. O interessado pedio renovação, o que pende ainda de resolução do Governo Geral.

O estado de solidez e conservação do vapor *Cruzeiro* é visivelmente bom. Tem um toldo de madeira corrido e grandes pannos alcatroados, de modo que S. Ex. verificou com seus proprios olhos a inexactidão do que se affirmava sobre as condições de absoluta falta de abrigo para os passageiros.

E' comtudo de toda a necessidade fazer algumas obras, aliás facillimas, para melhor acommodação dos viajantes, sobretudo senhoras e crianças, e proceder a uma limpeza geral, pois a embarcação está bastante suja.

Em todo o caso, é de louvar-se, e muito, a coragem e pertinacia com que o Sr. Amazonas Marcondes se abalançou áquelle commettimento e mantem semelhante empreza, que deu e dá progresso e vida social a muitissimos pontos desertos e inhospitos dos nossos sertões, nos quaes vagueião ainda temidos e indomitos bugres.

S. Ex. o Sr. Dr. Taunay fez por vezes justiça áquelle espirito activo e emprehendedor, que apresenta um resultado real e palpavel dos seus esforços, da sua força de vontade e trabalho, ante os quaes recuarião de certo muitos homens de iniciativa e coragem, naquella luta incessante entre as aspirações da civilisação e a natureza bruta e selvatica.

A's 9 horas da manhã, depois de se lançarem nagua duas bombas de dynamite, que não mataram senão alguns *lambarys e tayabucús*, os mais frequentes peixes dessas aguas, soltou-se das amarras o vapor *Cruzeiro* e, desfraldada a bandeira nacional áquellas agrestes brizas, começou a sulcar aguas abaixo o rio Iguassú.

Desde logo, são lindissimas as paisagens que se desenrolam nas apertadas curvas do rio, por emquanto ainda estreito.

Nas margens, alteia-se copada vegetação, em que predominam, bem como por quasi todo o percurso do rio, innumeros *branquilhos*, elegantissimos *cambuhys* e outras *myrtaceas*, *angicos* e varias *acacias*, os *tarumans*, de cerne quasi indestructivel, mas fórmas tortuosas, e cujos fructos adocicados são tão apreciados dos passaros, arvores alli menos que medianas, mas em Matto-Grosso possantissimos madeiros, os *cedros* tão conhecidos na flora brazileira, de vez em quando muitas palmeiras *gerivás*, e quasi sempre *pinheiros*, ora destacados, ora em grupos, ora formando verdadeiras florestas, já no campo, já no alto e encostas das eminencias, quasi sempre um tanto distantes das bordas da agua corrente.

Combinem-se agora em densa cortina todas as folhagens dessas e de outras muitas plantas, com um verde que cambia da côr quasi branca ao verde glauco e negro, passando por todos os matizes desde o gaio e verde-pariz até ao verdecré e ás mais apertadas tintas; sobre aquelle magestoso manto atirem-se a flux festões de *malpighiaceas*, cujos *samaridios* vermelho-escarlates fingem rosarios e fitas de flôres; imaginem-se de permeio *bambús*, *taquaras*, *taquarissimas*, *poça-unas* e *caraás* a tremularem em graciosas curvas com a menor aragem; cubram-se aquelles troncos e galhos de *barbas de velho*, umas cinzento-roxeadas, soltas como finos cabellos, outras miudas e compactas, pardacentas ou esbranquiçadas; contrastem-se as flexuosas folhas das palmeiras com a coma enteiriçada dos pinheiros; faça-se resaltar de escuras sombras a coloração alegre, risonha, verde-amarella de infindos *salgueiros*, e de longe, de muito longe, terá o leitor pallida idéa das paisagens que, a cada momento, se descortinavam aos olhos dos viajantes.

O primeiro ponto, em que o vapor toma lenha é no logar chamado Cerrito, fazendola á margem esquerda do rio, pertencente ao major Coelho, cuja casa de morada, um tanto espaçosa, domina a barranca.

Provida a machina de combustivel, operação em que

habitualmente se gastam quasi 10 minutos, continuou-se a viagem em meio das bellezas da natureza vegetativa de que procurámos dar imperfeita e pallida noção, enfrentando-se, á meia legua de distancia do porto Amazonas, com uma bifurcação do Iguassú, que ahi fórma dous largos canaes, e uma grande e pitoresca ilha, a que S. Ex. deu o nome de *Lamenha Lins*, em honra ao benemerito Presidente, que em 1873 governou a Provincia.

A's 10 horas e dez minutos, fronteava-se a barra do rio Palmeira, e 5 minutos depois, vencia-se a apertadissima volta do Castelhano, que mostra quão difficil seria ahi a navegação por vapor de maiores dimensões.

Sinuoso o rio, e sempre com curvas mais ou menos assignaladas, navega-se, attendendo-se a esses accidentes, até um ponto, em que as aguas fazem abrupta mudança de direcção. Eram 10 e 3/4 horas, e ao local summamente caracteristico e interessante, aformoseado por innumeros pés de *gerivá*, deo-se o nome de *Volta do Dr. Ermelino*, em homenagem não só ao distincto magistrado, tão popular em toda a Provincia, como tambem ao jovial e espirituoso companheiro de viagem, cuja alacridade e enthusiasmo mal eram diminuidos e sopitados por uma forte bronchite, apanhada de vespera.

A's 11 horas, passavamos defronte da barra do rio Viramachado, em cuja boca, á margem esquerda, ha um porto com signaes de frequente passagem e canôas atracadas.

Defronte, á direita, empinam-se grandes paredões de grés em visivel decomposição ; e suas fórmas varias, mas um tanto regulares, a imitarem torreões e baluartes, grandes saliencias e reentrancias, pannos como que ameaçados de proxima quéda, tudo isso fez com que lhes déssemos o nome de *Muralhas de Jericó*.

Em largo trecho, reapparecem esses muros ; depois tornam-se mais raros e sobretudo muito mais baixos. Surgem então, com frequencia do lado esquerdo, impregnada a rocha de substancias bituminosas, o que fez com que alguns exploradores se abalançassem a tentar a extracção do petroleo e outros productos carburetados, que se encontram nessas pedreiras, cuja fórma é pronunciadamente schistosa.

Para tal fim se estabeleceram dous allemães no logar chamado S. Matheus. Até agora porem não produzio a tentativa resultado valioso e provavelmente abortará, transformando-se os industriaes e pesquizadores extractivos em méros agricultores—o que, entre parenthesis, vale muitissimo mais.

A' 1 1/2 hora da tarde, outro grande paredão, á margem direita, com muitas casas de vespas; construcçõezinhas curiosas e alvas que dão mais graça ao aspecto geral das rochas, de cujo fundo escuro avermelhado resaltam como manchas brancas.

Chama-se esse logar o *Corvo*, ficando perto a embocadura do rio da *Areia*, que outr'ora servia de porto.

Nublára-se, porém, o céo e começou a trovejar e a chover grosso, denunciando o tôldo do vapor algumas goteiras um tanto fortes.

A's 2 horas, já sob copiosa chuva, passavamos por diante da Lagôa Dourada, á margem esquerda, ficando outro grande paredão em frente, com a sua ornamentação de vespeiras. Desse ponto em diante, desapparecem esses muros avermelhados de grés, mostrando-se a rocha, disposta toda em camadas mais ou menos altas e parallelas, infiltrada de materias hydrocarbonadas e negras.

Meia hora depois, ás 2 1/2, parava o vapor junto á barra do rio do Pato, para abastecer-se novamente de lenha, sendo esse local já occupado por quatro casinhas, pois dalli parte uma estrada que se dirige á cidade da Lapa.

Depois de uma parada de meia hora, sempre com tempo brusco, continuou-se a descer, e já então os viajantes, abrigados pelos pannos de estibordo e bombordo, mais se occupavam em palestrar animadamente, do que em observar o que ia por fóra, tendo comtudo deixado ao homem do leme ordem expressa, para que fosse apontando, em voz alta, aquillo que lhe parecesse mais digno de nota e menção.

A's 5 horas e 1/4 indicava-nos elle a boca do rio Passadous. Já ahi se desannuviára o tempo. Cessado o forte aguaceiro, cahio uma tarde bella, serena e limpida,

de prompto transmudada em noite escura e cerrada, cujas sombras eram aggravadas pelos compactos massiços da vegetação, que por todos os lados nos cercavam. Assim mesmo continuou o vapor a descer, e ás 9 horas chegou á barranca de S. Matheus, atracando á margem para tomar lenha e alli passar o resto da noite.

E' quasi meio de toda a viagem, entre os portos Amazonas e União da Victoria.

III

A's 3 1/2 horas da madrugada de 4 de Março, já estava o vapor prompto para seguir viagem, e desprendendo-se das amarras que o retinham á barranca de S. Matheus, cortou logo o rio aguas abaixo.

Vinha o dia nascendo claro, puro e fresco ; e os primeiros clarões da madrugada acordavam os passaros e aves proprias daquellas paragens, *patos*, *garças*, *socós*, *biguás*, *martin-pescadores* e outros de habitos aquaticos.

Cumpre entretanto observar que, em todo o trecho do rio percorrido de vespera, pouca animação notámos ; bem raros animaes de mais vulto e caça grossa. Só vimos, em mammiferos, algumas *capivaras* (hydrochœrus capivara) que se conservavam quasi impassiveis a olhar para o vapor, sujeitas embora aos nossos tiros de inhabeis caçadores. Como as aguas haviam crescido e inundado as lagôas, conservavam-se os bandos longe das margens, não precisando, para se dessedentarem, de sahir dos logares de pastagem. Foi pelo menos a explicação dada pelo Sr. Amazonas, pratico de todas essas localidades.

Tres horas depois da partida, já com dia claro, ás 6 1/2 horas da manhã, fronteava o vapor a importante barra do rio Negrinho, que desagua á margem esquerda, passando depois por defronte da grande ilha de mais de meia legua de extensão e em extremo frondosa, que separa aquella embocadura da do rio Negro, ilha a que o Sr. Dr. Ermelino deu o nome de *Taunay*, em honra ao Sr. presidente da Provincia, soltando-se por occasião do baptismo uma gyrandola de foguetes.

A's 7 horas enfrentava-se com a boca do rio Negro, cujo consideravel volume d'agua traz tão notavel contingente ao Iguassú, pois que a largura deste quasi dobra ahi. Pouco adiante, outro grande rio, Potinga, entrega do lado direito as suas aguas ao magestoso affluente, e é de ver-se o sitio pela muita belleza e solemnidade.

Na barranca desse lado direito e por sobre a vegetação compacta da margem, ergue-se uma grande linha de palmeiras *gerivas*, que se destacam como atiradores no fundo de extensissimo e alteroso pinhal, a figurar de temeroso e sombrio exercito.

Eram 7 horas da manhã.

Meia hora depois, entrava o vapor em uma volta do rio muito desdobrada e longa de vencer-se, na qual se gastam 45 minutos, o que quer dizer que ás 7 horas e 3/4 contemplavamos do lado de lá uma alterosa palmeira e um madeiro secco, que no topo de uma eminencia servem de balisa (*points de repère*) aos navegantes.

A essa volta, que obriga quasi constantemente á direcção E., quando se deve sempre caminhar para O. e que constitue, portanto, um dos factos mais importantes da navegação do Iguassú, deo S. Ex. o Sr. Presidente o nome de *Volta do Visconde de Guarapuava*, em honra ao benemerito paranaense.

Emquanto a percorriamos, notámos a ilha do Mattos, um bonito herval pertencente ao cidadão Cordeiro, e um ponto pejado de pedras e um tanto perigoso, chamado *Anta-Gorda*.

A's 8 horas e 10 minutos, tornavamos a tomar o rumo de O., passando, 10 minutos depois, por corredeira pouco sensivel aliás, chamada *Ligeiro grande*.

A's 8 e 45, á direita, a barra do Rio-Claro; ás 9, a da Paciencia.

Hora e meia depois, ás 10 e 30, parou o vapor junto a um porto, no logar denominado *Chapéo de Sol*, para tomar lenha, desembarcando S. Ex. o Sr. Presidente e sua comitiva, acolhidos com muita alegria pelos moradores de duas casinholas proximas, que offereceram gallinhas, ovos, leite, melancias, recebendo em retribuição dinheiro, doces e biscoutos.

Mora alli essa pobre gente em um recanto da zona de vagabundagem e correrias de indomitos bugres, a cujos assaltos estão sujeitos. O pai de uma rapariguinha e o marido de uma mulher, que ainda lá habitam, haviam sido no anno passado mortos a flexadas, quando trabalhavam nas roças; e suas sepulturas, amparadas por grandes cruzes feitas de fresco, dão melancolica magestade á solitaria barranca.

Um quarto de legua adiante, vive laborioso e energico brazileiro, um tal Vallões, que parece prosperar bastante. Trabalha armado e sempre prompto para qualquer investida, servindo, sem duvida, e muito a sua reputação de intrepidez de antemural a qualquer tentativa de aggressão por parte desses indios, cujos habitos de traição só são excedidos pelo receio de serem repellidos e acossados em regra.

E alli passam a existencia, como imaginava Alencar, em sua obra prima *O Guarany*, duas singelas bellezas, filhas de Vallões, uma dellas de formosura até notavel, outra meiga e sympathica, lembrando as heroinas do celebre e inspirado romancista brazileiro.

A esse ponto e porto, a que o vapor tem obrigatoriamente de parar na ida e na volta, pois o Sr. Vallões conseguio isso da empreza, fornecendo-lhe uns tantos metros cubicos de lenha gratuitamente, deo o Sr. Libero Braga, que comnosco vinha desde a vespera, o nome de *Barão de Taunay*, em homenagem ao eminente homem e artista que consagrou, durante longa e laboriosa vida, ao Brazil e á sua natureza amor e admiração inexcediveis.

A' 1 $^{1}/_{2}$ da tarde costeavamos a bellissima *Ilha dos Amores*, cujas praias muito alvas e cheias de seixozinhos rolados estavam então cobertas pelas aguas.

IV

Approximava-se a boca do magestoso Timbó e appareceo entre nós a idéa, logo aceita, de fazel-o sulcar pelo vapor, pois sua corrente até então fôra virgem de qualquer

embarcação, até canôa, pelo terror que inspiram as margens, infestadas de indios bravios.

Assim, ás 2 horas e 10 minutos, deixavamos o Iguassú e entravamos no Timbó, subindo ao ar por essa occasião muitos foguetes, disparando-se as armas e soltando-se prolongados apitos, que acordavam estranhos écos naquellas invias solidões. De certo, se por perto andavam indios, deveriam ter-se posto em marcha accelerada, a procurarem seguro refugio em mais reconditas brenhas.

E o vapor sulcava sereno e por dia esplendido aquellas aguas, por entre margens impollutas do machado, fazendo a cada momento vôar, ahi sim, muita caça e aves aquaticas, rodeado emfim, de todos os signaes de que jamais fôra essa região explorada.

Ao primeiro porto natural, ou enseada, deo S. Ex. o Sr. presidente o nome de *Beaurepaire Rohan*, em honra ao sabio e ao viajante, que tanto estudou e conhece a provincia do Paraná.

Por delicada lembrança, que sem duvida agradará áquelle espirito elevado e philosophico, o Sr. Dr. Taunay impoz á grande volta que ahi começa, a denominação de *Sertanejo Lopes*, ficando assim ligada na formosa natureza, a recordação de dous nomes que lembram, um o descendente da grande nobreza européa, outro o rude filho do deserto, que só pela sua intrepidez soube nessa mesma natureza abrir logar historico para si.

Mais adiante outra grande volta, que ficou se chamando do *Barão de Antonina*, pelo muito que tambem fez esse paranaense a bem do descobrimento de terras centraes, até o seu tempo ainda não devassadas.

Uma legoa, pelo menos, fôra vencida sem incidente, rio acima.

Chegado o vapor a um porto, assignalado por gigantesca embuia, no começo da extensa recta formada pelo Timbó, porto que recebeu o nome de «*Presidente Taunay*», para indicar o ponto ultimo a que chegava esta primeira exploração, decidimos voltar, entrando novamente no rio Iguassú ás 3 e 1/4 horas da tarde.

Fórma alli a confluencia dos dous rios um espraiado,

aliás de grande profundidade, de umas 600 braças de extensão, constituindo verdadeiro e larguissimo lago, em que se reflectem todas as mutações e côres da atmosphera e se espelham vivos o azul do céo e os contornos das nuvens.

O espectaculo era então da maior belleza, tinto o horizonte de scintillantes rubores, que punham chispas de fogo na fronde da mattaria e na superficie lisa das aguas.

A esse bello ponto deu S. Ex. o Sr. Presidente o nome de *Largo Bazilio da Gama*, em homenagem ao epico brazileiro, o immortal cantor do Uruguay, o creador de Lindoya.

Além, um quarto de legua após a Varzea Grande, outro espraiado que recebeu a denominação de *Largo Santa Rita Durão*, o autor do poema brazileiro *Caramurú*.

A's 3 horas e 45 minutos, o porto de Manoel Estacio; 5 minutos depois, a barra do rio Macuco.

A's 4 horas, o ponto chamado Pinheiro Branco ; meia hora além, a boca do rio do Pintado.

Afinal, ás 5 horas e um quarto, chegavamos, com aguaceiro violento embora houvesse sol, á barranca do Porto da União da Victoria, onde, no meio de innumeros foguetes, foram S. Ex. e sua comitiva recebidos com muitas provas de alegria pela população e pelos membros da commissão militar encarregada da estrada de Palmas.

V

A nascente povoação do porto União da Victoria está sendo edificada á margem esquerda do Iguassú, em duas collinas um tanto irregulares, ligadas por uma baixada, que infelizmente é, como todas as circumvizinhanças, inundada por occasião das grandes cheias do rio. A vista que se desfructa do alto desses outeiros, extensa e bastante intessante, domina varias curvas elegantes do rio, e do outro lado bella perspectiva de pinheiral e mattaria. Provém o seu nome do encontro, ou combinado ou occasional e fortuito, de duas commissões de engenheiros e sertanistas que exploraram, ha uns trinta e tantos annos, aquella região em procura de communicação e caminho para

a povoação e os campos de Palmas. Parece, comtudo, que o ponto exacto em que se fez essa juncção fica abaixo, pois algumas voltas além demora o porto denominado Victoria, de maneira que não haverá inconveniente em chrismar-se com denominação mais caracteristica e concisa a povoação, quando tiver proporções para ser elevada á villa.

S. Ex. o Sr. Presidente da Provincia passou o restante do dia 5 de Março a visitar a localidade. Foi ao abarracamento do contingente do batalhão de engenheiros, encarregado da abertura da estrada de Palmas, e achou má e inconveniente a sua collocação em local muito empantanado e humido, mostrando haver pouco cuidado na conservação da limpeza geral, com prejuizo da ordem e disciplina.

Em seguida, percorreu a pé os poucos centos de metros abertos no contorneamento da povoação e com a largura com que deve ficar a estrada e na volta examinou o perfil e mais trabalhos technicos da commissão.

S. Ex. e sua comitiva foram hospedar-se na casa do Sr. Amazonas Marcondes, que assim continuava em terra a hospitalidade dada no vapor *Cruzeiro*, sobre as aguas do Iguassú.

No dia 6, ás 6 1/2 da manhã, estavam quasi todos a cavallo para o exame das picadas feitas á bem do traçado definitivo da estrada. Depois de experimentadas tres direcções pela commissão, determinou ella seguir mais ou menos a estrada existente, melhorando os declives, contornando banhados, e divergindo só nas morrarias e asperas subidas, como acontece, logo a duas leguas do porto, na serra da Areia.

Até ás primeiras e já abruptas encostas desta serra foi S. Ex., tendo feito mais de duas leguas e atravessado o bairro dos Tócos, o riacho do Passo Fundo, e o rio da Areia.

O commandante da commissão militar, o Sr. capitão Bellarmino, queixou-se, não só da morosidade que qualquer transferencia de officiaes e praças e outros factos de caracter militar imprimem aos trabalhos, como do diminuto pessoal empregado nas obras de construcção e sobretudo da falta de um medico, que de prompto

acudisse aos enfermos. S. Ex. prometteo, apenas chegado a Curitiba, sanar essa falta, tão sensivel áquelle destacamento ja bastante numeroso, pois conta mais de 50 praças, e tambem á população civil, tanto mais quanto o estado sanitario nestes ultimos tempos não tem sido muito bom.

Examinados ainda e com mais vagar os desenhos e instrumentos da commissão, voltou S. Ex. á casa do Sr. Amazonas, donde sahio, ás 11 e 45 minutos, acompanhado de muitas pessoas, com destino ao porto, onde recebeu a continencia de uma guarda de honra, despedindo-se de todos os presentes, que saudavam com acclamações e vivas o Presidente da Provincia, emquanto o vapor descrevia as primeiras voltas para cortar aguas acima o magestoso rio.

Eram então 12 horas e 20 minutos do dia 6 de Março.

VI

A viagem rio acima Iguassú durou 44 horas e 50 minutos, porquanto, partindo nós da União da Victoria ás 12 e 20 do dia 6 de Março, chegámos ao porto Amazonas ás 11 horas e 10 minutos de 8. Tambem para isso foi necessario viajar dia e noite, parando só a navegação algum tempo, a 6, por causa de espessa escuridão e, a 7, em razão de fortissima trovoada. Descontadas estas duas horas perdidas, póde-se calcular que, com luar claro, na marcha que trouxemos ou um pouco mais accelerada pelas circumstancias favoraveis, far-se-ha o trajecto de 43 a 44 horas.

A distancia entre os dous pontos extremos é de 55 1/2 leguas, segundo os irmãos Keller, os primeiros que por ordem do Presidente conselheiro Fleury explorarão o rio, e esta apreciação foi acceita pela commissão encarregada de estudar os limites entre as Provincias do Paraná e e Santa Catharina.

Os engenheiros militares da estrada de Palmas, acostumados a transitarem por alli, calculam a distancia em 53 a 54 leguas, ao passo que outros profissionaes a julgam não superior a 52.

Como pelo numero de horas póde-se fazer ideia das distancias percorridas, daremos ainda noticia de algumas indicações colhidas no regresso e que completam as notas anteriormente tomadas e já publicadas.

Assim deixámos de apontar a barra do rio do Soldado, que desagua á margem esquerda e com cuja embocadura enfrentámos á 1 1/4 hora. Corta terras do Sr. Amazonas. Logo após se vê a boca do rio do Bueno.

A's 3 1/2 horas, outro rio que ficára em esquecimento, o do Macuco.

A's 5 horas passavamos pela barra do Rio Timbó. Assim, pois, levaramos 2 horas para dalli chegar ao porto da União, e gastaramos 4 horas e 40 minutos afim de lá voltarmos.

Pouco antes, haviamos ainda uma vez admirado a bellissima placidez e solemnidade do *Largo Basilio da Gama*, evocando esse nome no meio daquella esplendida natureza vivas reminiscencias de tão alevantado poema, do qual se destaca pura e poetica a imagem de Lindoya. Tambem eram taes os encantos e formosura, que nas suas faces se transfigurava até a morte, inspirando ao poeta a sublime exclamação :

« Tanto era bella no seu rosto a morte ! »

A tarde para nós vinha descendo suave, fresca, serena, melancolica, e ainda com restos do dia parou, ás 7 horas, o vapor para tomar lenha, no logar denominado *Escada*.

Descemos então á terra.

De repente, ecôou bem distinctamente prolongado embora longiquo som de uma buzina dentro da matta virgem, respondido logo á maior distancia por outro. Eram avisos e signaes dos bugres; e, de descuidados que estavamos, tornamo-nos de prompto attentos, não que houvesse perigo real, mas pela novidade das impressões que recebiamos alli, perto, em contacto quasi com a selvageria, e indomavel pertinacia do gentio, cujo rancor e ferocidade tinham tristonho attestado nas cruzes erguidas á beira do rio.

A's 7 1/2 horas, recomeçou a viagem, que se prolongou, apezar da escura noite, quasi sem interrupção atéá madrugada de 7.

Passámos nesse dia, ás 6 1/2 horas da manhã em frente á barra do Potinga, do lado esquerdo, e notámos que desse ponto é que começam a apparecer os elegantes *salgueiros*, cuja folhagem tenue, ramos pendentes e côr verde-cré, dão tamanho realce e belleza ás paisagens, que se formam ao derredor do Iguassú.

A's 7 horas, a boca do Rio Negro, e o comêço da importante ilha Taunay, que têm mais de 1/2 legua de extensão, e em cuja ponta occidental se agrupam lindissimos salgueiros. A's 7 1/4 terminação da ilha e embocadura do rio Negrinho.

Foi á 1 hora da tarde que chegámos a S. Matheus, onde se estabeleceram em terras cedidas pelo Estado alguns allemães, no intuito de explorarem petroleo e substancias hydro-carburetadas dos schistos bituminosos, tão abundantes em todos esses pontos. Comtudo os Srs. Thiem e Rudolpho Wolf já se mostram desanimados da empreza, e parecem dispostos a se dedicarem á agricultura. Com elles esteve S. Ex. conversando algum tempo, ouvindo depois varias pessoas, que apresentaram pretenções e requerimentos.

A's 2 1/4 horas continuou-se a viagem sem novidade alguma, parando só ás 7 1/2 da noite para receber combustivel em um porto, que chamamos do *Auxilio*, por terem os Srs. Dr. Ermelino e Carneiro se prestado engraçadamente para ajudarem o embarque da lenha.

Viajando toda a noite com interrupção de uma hora, apreciámos, já de pé, a madrugada de 8 de Março, clara e limpida, e chegámos ás 11 horas e 10 minutos ao porto Amazonas, concluindo assim com felicidade aquella rapida viagem.

Nesse mesmo dia poderiam S. Ex. e sua comitiva ter alcançado ás 11 horas da noite Curitiba, caso não cahisse quando desciam a Serrinha, violento temporal. Isto fez com que fossem obrigados a parar em Campo Largo, onde novamente se acolheram á hospitaleira

vivenda do distincto Sr. João Ribeiro de Macedo, e alli passaram a noite.

A's 10 horas da manhã seguinte de 19 de Março, chegaram todos á Capital do Paraná, e no espirito de quantos haviam feito aquelle rapido e longo passeio, de certo ficaram motivos para duradouras e agradaveis recordações.

A

REVOLUÇÃO DA BAHIA

DE 7 DE NOVEMBRO DE 1837

E O

Dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira [1]

I

Um facto, senhores, me entristecia desde que comecei a reflectir sobre as cousas do Brazil e particularmente da provincia, onde me orgulho de ter visto pela primeira vez a luz: sempre que se tratava da revolução de 7 de Novembro de 1837, ao Dr. Sabino, que tem sido injustamente considerado como o autor d'essa revolução, eram emprestadas todas as qualidades abominaveis, como si elle fosse um homem de indole perversa, de caracter vingativo e rancoroso, um reprobo.

Vendo assim representado o distincto medico e professor da faculdade da Bahia em uma memoria impressa no volume de nossa revista, publicado em Outubro de 1885, tomei a resolução, justamente na sessão celebrada no dia anniversario de taes movimentos politicos, de dizer-vos alguma cousa sobre esses movimentos e ao mesmo tempo pôr em relevo as qualidades apreciaveis de tão distincto Brasileiro, render-lhe a homenagem devida a seu caracter

---

[1] Este escripto foi lido na sessão do Instituto de 9 de novembro de 1887. Veja-se o que precedeu, publicado na Revista, tomo XLVIII, parte 2a, pag. 215.

elevado, fazer-lhe a justiça merecida e que nunca ao morto deve ser negada.

Por esta occasião dei uma noticia dos horrores, que praticaram as forças legaes em sua entrada na capital, horrores de que nunca teve conhecimento o honrado senador Bernardo Pereira de Vasconcellos, que só soube denunciar perversidades praticadas pelos rebeldes, mas que foram trazidas ao parlamento, foram expostas á nação por tres de seus mais conspicuos representantes, Montesuma, depois visconde de Jequitinhonha, padre Marinho e Theophilo Ottoni.

Dei d'isso uma noticia muito succinta, porque muito longe iria, si fosse relatar todas as atrocidades que tenho ouvido referir-se, como a que se deu com Bigode, o commandante do batalhão de crioulos, que foi fuzilado depois de preso, não como o tenente-coronel Vinhatico em sua propria casa, quando, assentando n'um sofá, calçava os botins pasa acompanhar os beleguins, que deviam conduzil-o á prisão,— mas na propria prisão por mandado do commandante do batalhão de Santo Amaro, o bacharel Queiroz.

Demonstrei a impossibilidade de ser o Dr. Sabino quem mandou lançar fogo á varios predios, acto que não poderia ser praticado, sinão pela soldadesca inebriada, enfurecida, em delirio pela perda da causa por que combatia, ou mais provavelmente no intuito de desviar a attenção dos vencedores quando procurava esquivar-se á sanha d'elles, e abrigar-se á algum recanto.

Demonstrei, que não podia ter sido o Dr. Sabino o autor d'essa revolução, iniciada e resolvida por altos estadistas na côrte, como um meio de opposição á regencia; que elle porém esposára, abraçára com todo fervor e lealdade a idéa que foi applaudida pela maioria da provincia, e principalmente pela gente mais sensata, d'entre a qual entretanto muitos não appareceram na occasião aprazada, ou fugiram.

Lamentei emfim, que tão grande obscuridade haja em relação á taes movimentos e que nem ao menos appareça a acta lavrada na camara municipal da Bahia ás 11 horas da manhan do citado 7 de Novembro de 1837.

Confesso-vos porém hoje, que illudi-me. O que não apparece, o que desappareceu, porque assim o convinha, é o processo da revolução. Esta acta existe, e tambem a da contra-revolução ; ambas me foram enviadas da Bahia pelo digno presidente d'essa camara, o Dr. Augusto A. Guimarães, com a carta que passo a lêr :

« Bahia, 27 de Agosto de 1887.—Illm. Sr. Dr. A. V. Alves Sacramento Blake.—Li na *Revista do Instituto Historico* uma memoria escripta por V. S. ácerca da revolução de 1837 n'esta provincia. N'ella (á pag. 248 do volume de 1885) vejo, que V. S. lamenta o desapparecimento da acta da revolução lavrada no paço da camara municipal ás 11 horas da manhan de 7 de Novembro de 1837, e á pag. 260 diz, que esse documento desappareceu, porque convinha á vultos notaveis dar fim a elle. As actas tanto da revolução, como a da contra-revolução, a primeira em 7 e a segunda em 11 de Novembro de 1837, foram lavradas no livro 39 de actas da camara municipal e acham-se no respectivo archivo. Para facilitar-lhe o estudo d'esses documentos, remetto-lhe cópia de ambos, devidamente authenticada pelo secretario da camara. Foram as cópias extrahidas d'aquelle livro, onde antes da revolta e depois da pacificação, lançaram-se as actas das sessões, e continuaram a ser lançadas. As actas portanto não desappareceram. Talvez pelo estado da confusão, em que se achava o archivo, não fôssem encontradas por qualquer que as houvesse procurado. Pela primeira vez, em que presidi a camara, em 1882, forneci uma cópia d'essas actas ao conselheiro Pedro Luiz, que desejou vêl-as... Sou etc. *Augusto A. Guimarães.* »

II

Vou agora lêr-vos, senhores, as actas, que foram-me enviadas da Bahia e que constituem um documento precioso da nossa historia, e particularmente da historia d'essa revolução.

« Sessão extraordinaria de sete de Novembro de mil oitocentos e trinta e sete. Aos sete dias do mez de

Novembro de mil oitocentos e t inta e sete, presentes o Sr. presidente Souza Gomes, e vereadores Antunes, Villaça, Lucio, Teixeira e Barboza d'Almeida, servindo de secretario por grave impedimento de saude do actual, José de Barros Reis, concorreram aos paços da camara municipal d'esta cidade as pessoas mais gradas da provincia, autoridades militares e civis, e grande numero, ou concurso de povo de todas as classes, e fizeram declarar, que a opinião geral da provincia continha-se nos seguintes artigos, que foram altamente lidos pelo advogado José Duarte da Silva. Declaração : —A tropa, povo bahiano, guardas nacionaes e policiaes reunidos no forte de São Pedro, em vista das necessidades publicas, as bem conhecidas más intenções do governo central, que a todas as luzes procura enfraquecer as provincias do Brazil, e tratal-as como colonias com notavel menoscabo de sua dignidade e cathegoria, tem deliberado adoptar os seguintes artigos :—Artigo primeiro— A provincia da Bahia fica inteira e perfeitamente desligada do governo denominado central do Rio de Janeiro, e considerada Estado livre e independente pela maneira por que fôr confeccionado o pacto fundamental, que organisar a assembléa constituinte, que deverá desde já ser convocada, precedida a eleição de eleitores na capital, e ao mesmo tempo proceder-se por toda a provincia a eleição de eleitores, que elegerão nova assembléa para desenvolver as bazes apresentadas pela primeira. O numero dos deputados será de trinta e seis, conforme a declaração feita. Artigo segundo.— O Senhor Innocencio Rocha Galvão é o nomeado para presidir o Estado, e na sua ausencia aquelle que fôr de presente directamente eleito. O commando das armas porém fica encarregado ao Senhor major do terceiro corpo de artilharia Sergio José Velloso, elevado á coronel effectivo, e brigadeiro graduado, em attenção aos relevantes serviços por elle prestados. Artigo terceiro.—Os demais officiaes militares gosarão de dous postos d'accesso, attentos os seus serviços e preterições que hão soffrido. Artigo quarto.— O commando do brioso corpo de artilharia é confiado ao Sr. major Innocencio Eustaquio Ferreira d'Araujo, no posto de tenente

coronel effectivo e coronel graduado. Artigo quinto. — O governo executivo proverá na segurança da provincia com aquella tropa que fôr necessaria, nomeando officiaes de sua confiança, e tendo sempre em vista aquelles das extinctas milicias, que tem prestado importantes serviços á Patria. Artigo sexto. — Fica elevado ao posto de tenente-coronel o Senhor primeiro tenente Daniel Gomes de Freitas, e a major o Senhor segundo tenente José Nunes Bahiense, attentos seus serviços. Artigo setimo.— O soldo da tropa de linha fica igualado ao do corpo de policia. — Depois desta leitura, que foi approvada por acclamação das pessoas que se achavam presentes, houve o Senhor presidente, em vista do artigo segundo, lembrar que se devia nomear, desde já, quem houvesse interinamente de tomar conta da presidencia do Estado, visto que a provincia se achava acephala ; razão por que a camara se havia reunido, e sendo por um dos concurrentes apontado o Sr. João Carneiro da Silva Rego, foi unanimemente eleito, e a camara o convidou para tomar conta das redeas do governo, depois de prestar o respectivo e necessario juramento de bem desempenhar o logar para que interinamente tinha sido eleito e acceitado ; feito o que, e depois de dous discursos recitados pelo mesmo senhor eleito, e pelo Sr. Francisco Ribeiro Neves, retirou-se o povo, e o Sr. presidente da camara houve a sessão por levantada. Bahia sete de Novembro de mil oitocentos e trinta e sete. E eu Luiz Antonio Barbosa de Almeida, vereador servindo de secretario, o escrevi e assignei. — Luiz de Souza Gomes, presidente. Luiz Antonio Barbosa de Almeida. Lucio Pereira de Azevedo. Vicente José Teixeira. Doutor João Antunes de Azevedo Chaves. Antonio Gomes Villaça. João Carneiro da Silva Rego. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira. Francisco José da Rocha. Manoel Gomes Pereira. Antonio José Argollo de Queiroz Amorim. Sergio José Velloso. Francisco Ribeiro Neves. Manoel Pereira da Silva. Ignacio Accioli Cerqueira e Silva. Ambrosio Vieira de Macedo. José Corrêa de Aguiar Junior. Joaquim Estanislau da Silva Castro. Filippe José da Silva Aranha. Domingos Ensoriano Marques. João Anastacio Pereira.

Domingos Guedes Cabral. Emigdio Ferreira Maciel. Luiz Francisco de Almeida. Francisco Fausto da Silva Castro. Manoel Vicente Ferreira. José Pereira Bastos Varella. Martiniano José Pitanga. José Joaquim Florence. Antonio Cosme Bahiense. João Baptista. Custodio Bento dos Santos. Roque Jacintho da Rocha. João Carneiro da Silva Rego Filho. Claudio Tiburcio Moreira. Lourenço Cardoso Marques Gustavo José Cavalcante. José Alves da Silva. Manoel da Silva e Azevedo. Silvino José de Moura. João Marcolino de Paiva. Matheus Alexandre Guisellett. Manoel Vieira Machado. Capitão José Ferreira de Moraes e Silva. Leoncio José Barbosa de Oliveira. José Nicolau Alvino. José Ricardo da Rosa Moreira. Faustino Quirino de Freitas. João Baptista Gomes Cabral. Caetano Alberto da França. Bernardino Affonso Marieta. Sabino Luiz Ferreira. Jacome de Mattos Telles de Menezes. Raymundo José de Souza. Vicente Pereira Gallo. José Manoel de Souza. João de Souza Gomes Pitanga. José Francisco dos Santos. Antonio Gentil Ibirapitanga. Joaquim Gomes Tourinho da Silva. Manoel Joaquim de Almeida Freire. José Theophilo Martins Bahia. João Antonio de Barros Lisboa. Marcelino da Trindade Rozeira. José Joaquim Geraldes de Albuquerque Mello Monte Negro. Maximiano José de Andrade. Francisco José Barata de Almeida. Francisco da Silva Barros. José Francisco Herculano. Nicolau Tolentino Cyrillo Canamerim. José Marianno da Cruz. Valentim da Cunha Sidreira. Ignacio da Silva Oliveira. José Teixeira de Almeida. Joaquim Jorge Soantes. Antonio Marques de Carvalho. Miguel Victor Vieira de Macedo. Francisco Pereira Lopes Meirelles. Claudio Marques de Souza. João da Silva Menezes. Bernardino Manoel de Mello. Luiz Alves Borges. Antonio Gomes de Brito Canuto. Francisco de Paula Bahia. Antonio Joaquim Camorogipe. Gaspar José de Souza. Manoel Joaquim Coelho Travessa. Martinho Joaquim Marques Requião. Florencio da Silva e Oliveira. Luiz Gonzaga Bolandeira. Rodrigo Xavier de Figueiredo Ardignac. Secretario do commando das armas, Bartholomeu Antonio Pequiá. João Fagundes de Abreu Contreiras. João da Silva Guimarães. Tenente Mathias

Baptista Campos Verdes Florecentes. Pedro Gequitibá Maribondo. Manoel Pinto Ribeiro de Bulhões. Theodoro Francisco Rudovick. Francisco de Paula Castro. Alvaro Corrêa de Moraes. Tenente Reginaldo Saraiva Tigre de Borburema. João da Cruz da Luz. Gonçalo Pereira de Almeida.

« Esta cópia foi extrahida do livro n. 39 de actas, fl. 272 a 275. Conforme. — O secretario da camara, *Bellarmino Soares de Andrade.*»

« Sessão extraordinaria em onze de Novembro de mil oito centos e trinta e sete.— Presentes os Srs. Luiz Antonio Barboza d'Almeida, Lucio Pereira de Azevedo, Dr. João Antunes d'Azevedo Chaves, Vicente José Teixeira e Antonio Gomes Villaça, faltando com parte de doente o Sr. Souza Gomes, e sem ella os Srs. Abreu, Angelo da Costa, e Ponce de Leão, tomou o logar de presidente da camara o Sr. Luiz Antonio Barboza d'Almeida, e declarou, que o objecto da sessão de hoje era uma portaria do vice-presidente d'este Estado, que mandou convocar a camara a fim de que á vista da representação que remettia assignada pela maioria dos cidadãos que assistiram ao acto da acclamação da independencia d'esta provincia, pedindo declaração na acta de sete do corrente, ácerca de considerar-se a independencia sómente até a maioridade do Imperador o Senhor D. Pedro II, em conformidade do artigo cento e vinte e um da constituição do imperio, fizesse a camara a requerida declaração; depois do que o Sr. presidente mandou lêr o predito officio, e representação, que são do theor seguinte: Officio— Recebendo este governo a inclusa representação assignada por mais da maioria dos cidadãos, que assistiram ao acto da acclamação da independencia d'este Estado, na qual mostram ter havido omissão na acta que ante essa camara foi lavrada em o memoravel dia sete do corrente mez, em que teve logar a dita acclamação, quanto a sessão ter expressamente declarado, que a separação da provincia em Estado independente era até a maioridade de Sua Magestade o Imperador o Senhor D. Pedro II, como diz

o artigo cento e vinte um da Constituição para o Imperador do Brazil, transmitto a Vmcs. a mencionada representação, para que mandando lavrar uma acta da declaração requerida, façam isso mesmo publicar por editaes, convidando ao mesmo tempo os cidadãos que quizerem assignar a referida declaração. — Deus guarde a Vmcs. Palacio do governo da Bahia onze de Novembro de mil oitocentos e trinta e sete.— João Carneiro da Silva Rego—Srs. Presidente e Vereadores da camara municipal d'esta cidade. Representação.—Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. Os cidadãos abaixo assignados, desejosos de que a tranquillidade publica por nenhuma maneira soffra a mais leve alteração, por isso que se ha conhecido, que o lapso de penna da acta que teve logar em o memoravel dia sete do corrente, ante a camara municipal, quanto a não se ter expressamente declarado que a separação d'este Estado será até a maioridade de dezoito annos de Sua Magestade o Imperador o Senhor D. Pedro II, como diz o artigo cento e vinte e um da Constituição para o Imperio do Brazil, ha introduzido receios e desconfianças n'esta capital, em consequencia de ter-se assentado n'esta medida, quando se tratou do glorioso feito provido n'aquelle dia, e por aquella acta, vem representar o expendido a V. Ex., para que se digne com a brevidade possivel convocar a camara municipal e as classes geraes d'este Estado, afim de que, reunidas, se proceda em acta a mencionada declaração, pois que estão convencidos de que esta medida é tanto de summa vantagem, quanto a unica capaz de fazer conseguir todos os animos a abraçarem a causa proclamada, livrando o Estado do flagello que ordinariamente se experimenta, quando as mudancas politicas do governo não são unanimemente abraçadas.— Bahia 9 de Novembro de 1837. (Seguiram-se as assignaturas). E resolveu-se, que se mandasse publicar por editaes, não só a declaração feita, sinão tambem o convite aos cidadãos para que comparecessem nos paços d'esta camara afim de assignarem a presente acta, que se mandou imprimir.

Feito o que, passou-se á nomeação interina de juiz municipal para a cidade, em consequencia do impedimento

de molestia do actual e foi eleito o bacharel formado Antonio José Pereira de Albuquerque, a quem se mandou fazer o competente aviso para vir prestar o ju-ramento do estylo. Fechou-se a sessão. Luiz Antonio Barbosa de Almeida, presidente. Antonio Gomes Villaça. Dr. João Antunes de Azevedo Chaves. Lucio Pereira de Andrade. Vicente José Teixeira. João Carneiro da Silva Rego, Vice-Presidente. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira, Secretario. Francisco Euzebio Soares. Manoel Marques Cardoso. Manoel Pinto da Cunha. Francisco Manoel dos Santos Barreto. José Francisco dos Santos. Eulalio José Barbosa Brazil. Joaquim Gomes Tourinho da Silva. Antonio José Pereira de Albuquerque. Francisco Vicente Vianna. Tenente-Coronel José Teixeira de Almeida. Capitão Caetano Lopes de Macedo. Manoel Pinto Ribeiro de Bulhões. Rodrigo Xavier de Figueiredo Ardignac. Capitão do primeiro corpo de artilharia de primeira linha, Gonçalo Pereira de Almeida. Joaquim de Almeida Rego. Rufino Pereira Cansado de Brito. Capitão Theodoro Francisco Rudovik. Cirurgião Alferes reformado Ignacio da Silva e Oliveira. Manoel Pedro de Freitas. Tenente-General Francisco Coelho Moreira. Nicolau Soares Tolentino. Faustino Quirino dos Santos, cirurgião approvado.

Esta cópia foi extrahida do livro n. 39 de actas, fl. 275 v. a 276.

Conforme. — O secretario da camara, *Bellarmino Soares de Andrade.*

III

Que a melhor gente da Bahia applaudiu e apoiou a revolução de 7 de Novembro, e que a ideia foi abraçada pela grande maioria da população – é facto notorio e incontestavel,

A primeira das actas, que acabo de lêr, o comprova.

quando diz que, « concorreram aos paços da camara municipal d'esta cidade as pessoas mais gradas da provincia, autoridadas militares e civis e grande numero ou concurso de povo de todas as classes, e fizeram declarar que a opinião geral da provincia . continha-se nos seguintes artigos que foram *altamente* lidos pelo advogado José Duarte da Silva », sem que (notae bem) uma só voz se levantasse para fazer uma observação qualquer.

Quereis um facto,que demonstra quanto foi aplaudida a revolução de 7 de Novembro ? Eu vol-o apresento.

Muitas pessoas, que aliás tinham prestado seu apoio a esse movimento, emigravam para o reconcavo, sendo d'este numero o tenente-coronel Sandi, commandante do corpo de policia, que formara no dia 7 de Novembro com os corpos de linha e da guarda nacional ;— estava constituido o governo legal, provisorio, na cidade de S. Amaro; se organisava em Pirajá um corpo de exercito para combater os revoltosos e esse governo recorria aos homens mais importantes de todo o reconcavo para que auxiliassem a causa da legalidade com seu contingente.

Um d'esses, a quem o governo pedio auxilio, foi Antonio da Rocha Pita e Argollo, sôgro do actual presidente do conselho de ministros, o Barão de Cotegipe, o 1.° Barão, depois Visconde e ultimamente Conde de Passé e um dos fazendeiros mais abastados do Brazil. E Argôllo, a quem não custava offerecer 600 homens para o referido exercito, apresentou 60 homens, proferindo n'esta occasião as seguintes memoraveis palavras, no engenho Periperi, de propriedade do Visconde da Torre : « Dou esta gente, não porque não adopte a revolução que acho bôa, mas porque não quero ser governado pelo Dr. Sabino.»

Existe n'esta côrte uma testimunha presencial, pelo menos, d'este facto, cujo nome não devo declarar, porque não estou autorizado para isso — testimunha que está acima de toda excepção.

E isto tambem é uma prova, Senhores, de que o Dr. Sabino não foi, como se disse depois, o autor do movimento.

Mas, si a ideia foi esposada pelos cidadãos mais

conspicuos e abastados da provincia ; si, como se vê da acta de 7 de Novembro, concorreram aos paços da municipalidade as pessoas mais gradas, autoridades militares e civis e grande concurso de pessoas de todas as classes, por que motivo tão poucas assignaturas se acham n'essa acta ?

Eis aqui uma pergunta muito natural e muito judiciosa, a que me cumpre responder. Antes disso porém devo expôr-vos, que, quando foi publicada a memoria que escrevi sobre o assumpto que me preoccupa, conversando com um amigo, hoje separado do numero dos vivos, relativamente á falta, que eu lamentava, da acta da revolução para com ella domonstrar o grande apoio, que teve a mesma revolução, disse-me elle : « A acta, cujo desapparecimento lamentas, foi firmada por muito pouco gente da que adheriu á revolução, porque depois *d'aquelles tiros* que foram disparados na praça de Palacio, a camara ficou quasi deserta.»

Agora, possuindo as actas, no empenho de chegar ao pleno conhecimento da verdade, procurei a pessoa mais competente, o nosso illustrado consocio, o conselheiro Luiz Antonio Barboza de Almeida, actualmente ministro do supremo tribunal de justiça e que n'aquella época, sendo ainda muito joven e apenas formado em direito, era vereador, substituira o secretario da camara na primeira sessão, e o presidente d'ella na segunda —e o mesmo conselheiro confirmou a noticia que refiro.

A camara municipal achava-se tão cheia de gente (e gente da primeira ordem) que não era possivel ahi entrar mais alguem. As escadarias estavam igualmente cheias e havia ainda muitas pessoas do lado de fóra, na praça, esperando que lhes chegasse a occasião do ingresso. Todos sem duvida adheriam ao movimento.

Tratava-se de escrever a acta com a declaração *altamente* lida pelo delegado dos revoltosos, quando inesperadamente deu-se um tiroteio na praça de Palacio, onde se acha tambem o palacio da municipalidade e onde se achava toda a tropa de linha, guarda nacional da capital e o corpo de policia— e a dispersão foi completa.

Muitas pessoas saltaram precipitadamente pelas janellas lateraes e da face posterior do edificio. Pelas ruas proximas corria o povo em disparada, ao passo que as portas das casas se fechavam. O proprio secretario da camara, o commendador José de Barros Reis, ha poucos annos falecido, não foi visto na camara.

A este tiroteio foi devida a morte de um guarda nacional do batalhão da freguezia da Sé, unico facto lamentavel que deu-se por essa occasião, ao qual me referi em minha citada memoria, considerando-o um acontecimento imprevisto, pelo qual não podem ser accusados os revoltosos.

Ainda assim entre esses que subscreveram as actas que acabo de lêr acham-se representantes de todas as classes de sociedade bahiana, com excepção da ecclesiastica, de que entretanto conheci varios membros, que se comprometteram no movimento, até estiveram prezos e foram processados, como o padre Goveia, capellão do exercito, e o padre Varella, capellão do cemiterio publico.

E' assim que a classe militar, por exemplo, acha-se representada por um tenente-general do exercito e por muitos officiaes superiores e subalternos, como o major Sergio José Velloso, nomeado commandante das armas da provincia, Daniel Gomes de Freitas, Gonçalo Pereira d'Almeida e José Nunes Bahiense, que foi mais tarde fazendeiro na villa da Victoria.

A guarda nacional é tambem representada por varios officiaes e principalmente pelo seu commandante superior, o coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, o chronista-mór do imperio e digno socio do Instituto.

A jurisprudencia pelo Dr. Luiz Antonio Barboza de Almeida, Dr. Antonio Gomes Villaça, Dr. João Carneiro da Silva Rego filho, Dr. Antonio José Pereira de Albuquerque, Dr. Manoel Pinto Ribeiro de Bulhões, e o advogado Lucio Pereira de Azevedo.

A medicina pelo Dr. João Antunes de Azevedo Chaves, o sympathico professor de clinica medica da faculdade da Bahia e tambem professor de rhetorica, o Dr. Sabino, Francisco Quirino Gomes e Ignacio da Silva Oliveira.

O notariato publico pelos tabelliães Manuel Pinto da Cunha e Francisco Ribeiro Neves.

O magisterio e o jornalismo por Antonio Gentil Ibirapitanga e por Domingos Guedes Cabral — este, redactor desde 1835 até 1861, dos periodicos *Democrata*, *Guaycurú* e *Interesse Publico*; aquelle, autor de uma das melhores grammaticas portuguezas que possuimos, hoje com varias edições.

O funccionalismo publico por Francisco Fausto da Silva Castro, José Pereira Bastos Varella e muitos outros.

A grande corporação do commercio por Luiz de Souza Gomes, o pai do actual representante da Bahia na camara temporaria, Dr. Americo de Souza Gomes, por Manoel Gomes Pereira, João Carneiro da Silva Rego, Manuel Joaquim Coelho Travessa, José Joaquim Florence e outros muitos.

A importante classe dos capitalistas e fazendeiros, em summa, por Claudio Tiburcio Moreira, Rodrigo Xavier de Figueredo Ardignac, Manuel Josè Pereira, Francisco Vicente Vianna, o 1° Barão do Rio das Contas, pai do 2° Barão de igual titulo, Fructuoso Vicente Vianna, e do Barão de Viaña, Francisco Vicente Vianna, e como estes, muitos outros.

Cumpre-me observar, que só faço aqui menção d'aquelles que conheci na Bahia.

Uma prova cabal, irrecusavel de que retirara-se da camara municipal a grande maioria que ahi se achava, quando deu-se o tiroteio, é que o proprio delegado dos que proclamaram a revolução, o advogado José Duarte da Silva, o mesmo que *lêra altamente* os artigos constantes da declaração por estes feita, constituindo-se na Bahia um novo estado livre e independente do governo central do Rio de Janeiro — não vem assignado na respectiva acta!

A mesma acta de 7 de Novembro o declara terminantemente, quando diz, que, depois da leitura d'esses artigos, da indicação, juramento e posse do presidente eleito interinamente (aliás acclamado) e de dous discursos, recitados por este e pelo tabellião Francisco Ribeiro Neves, *retirou-se o povo* e o Sr. presidente da camara houve a sessão por levantada.

Houve, verdade é, omissão do verdadeiro motivo, por que retirou-se o povo, e com o povo grande parte d'essas pessoas gradas que adheriram á revolta. O facto porém ahi acha-se narrado.

Os officiaes do exercito, da guarda nacional e da policia, depois do tiroteio principalmente, deviam permanecer á frente de seus corpos e por isso não poderiam subscrever a acta. Sua presença era bastante significativa desde o pronunciamento politico a que concorreram ao romper do dia 7 de Novembro no forte de S. Pedro, deixando o presidente da provincia, senador Francisco de Souza Paraiso, sahir livremente em busca de um navio de guerra, e permanecendo até findar-se a manifestação na praça de Palacio.

E' essa, sem duvida, a razão por que ahi, na acta, não vê-se o nome do distinctissimo major Innocencio Eustaquio Ferreira de Araujo, cujo pae, tambem militar no elevado posto de official general, tambem abraçou o movimento e faleceu, quando deram-lhe a noticia de que seu filho havia sido condemnado á morte.

Como Innocencio Eustaquio muitos homens, que esposaram a ideia e sustentaram a revolução, e até vultos dos mais notaveis do novo estado, não subscreveram a citada acta.

D'entre a immensidade de pessoas que poderia citar, lembrarei o Dr. José Antonio de Sá Matos, que exerceu o cargo de chefe de policia durante a campanha; seu irmão, o honrado desembargador Francisco Liberato de Matos; o velho coronel Ignacio Aprigio da Fonseca Galvão, professor de geographia, o qual deixou alguns escriptos e esteve preso e creio que tambem seu filho o Dr. Candido Aprigio da Fonseca Galvão; o professor Domingos da Rocha Mussurunga, grande latinista, musico-compositor e poeta, que, além de muitas composições poeticas e musicaes (entre estas um hymno da independencia da Bahia), escreveu um bom compendio de sua arte predilecta, o qual teve mais de uma edição; o commendador Manoel Alves Fernandes Sucupira, notavel patriota desde a independencia, o qual só vestia casacas de algodão tinto, com botões de chifre, tudo fabricado no paiz e fôra nomeado

coronel de um corpo de artilharia, creado pelo governo do novo estado para guarnição das fortalezas; o capitão de artilharia de linha, actualmente commandante da fortaleza de Santo Antonio da Barra na Bahia, Francisco José Camará, que fôra elevado a tenente-coronel, etc.

Ahi está em summa a segunda acta, dando uma razão plausivel, por que muitos dos que abraçaram o movimento não deveriam subscrever a primeira. A omissão de ser declarada a independencia da provincia sómente durante a menoridade de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II seria um motivo mais que sufficiente para que a maioria dos presentes se esquivasse a subscrevel-a.

Essa omissão produziu, com effeito, uma scisão entre os adeptos do movimento, e tanto que o governo foi obrigado a determinar nova convocação da camara para o fim expresso de fazer similhante declaração, medida, como ahi se declara « tanto de summa vantagem, quanto é a unica capaz de fazer conseguir todos os animos abraçarem a causa proclamada, tirando o estado do flagello que ordinariamente se experimenta, quando as mudanças politicas de governo não são unanimemente abraçadas. »

Mas este acto do governo veiu tarde. Já a scisão estava consummada; já muitos se haviam retirado para o reconcavo, alguns até offerecendo cooperação ao governo da legalidade.

E, como si tudo isto não bastasse, houve ainda um motivo que concorreu para a scisão. Nomeado presidente do novo estado um dos chefes do movimento talvez, mas que se havia retirado para fóra do imperio e tendo-se de proceder a eleição de quem assumisse logo a administração d'esse estado, foi inopinadamente lembrado por um da multidão, e no mesmo instante acclamado um individuo sem as habilitações precisas para o cargo e para as circumstancias principalmente. Tão inopinada foi a indicação, como foi a acclamação immediata.

Foi por isso, porque o estado continuava de facto acephalo, que foi chamado para secretario do governo o Dr. Sabino, que se recommendava por sua illustração, por sua popularidade, por sua honra e lealdade; e assim foram tambem suffocadas muitas aspirações, algumas

bem legitimas; assim iniciados os ciumes e as desconfianças que em seguida degeneraram em desaffeições e odiosidades.

Ao primeiro faltavam os requisitos necessarios para a direcção do novo estado; ao segundo a qualidade de ser dos iniciadores do movimento.

IV

Quando perante o Instituto animei-me a fazer um ligeiro esboço do caracter do Dr. Sabino, bem ao inverso de tudo quanto d'elle dizem ainda hoje seus desaffectos ou aquelles que só o conheceram pela leitura de publicações eivadas de odios politicos, escriptas na vertiginoza effervescencia de paixões ruins com o firme proposito de deprimil-o, inutilisal-o, tive a satisfação de ouvir o nosso conspicuo consocio, o Sr. conselheiro Beaurepaire Rohan, confirmar minhas asserções por havel-o conhecido na Bahia.

Depois d'isto disse-me outro nosso distincto consocio, o Sr. conselheiro Olegario, que, por occasião de estar em Goiaz no exercicio de um cargo da magistratura, ouvira muitas vezes fallar no Dr. Sabino varias pessoas, que o conheceram, sempre com elogios. (1)

Portanto—ou o Dr. Sabino, não tendo bens de fortuna, nem preponderancia de familia, nem alta posição social, tres requesitos indispensaveis para que pudesse levar após si uma população grande e illustrada como o da Bahia, e fazendo a revolução de 7 de Novembro, fel-a só e sómente por possuir em alto grau as qualidades nobres, com que o apresentei, e então não era, não poderia ser nunca um homem mau, perverso, como nol-o pintam seus contrarios,—ou elle era esse homem mau, perverso, como querem estes, e então não foi, não poderia ser nunca o autor d'essa revolução.

(1) Quando proferia estas palavras na sessão do Instituto de 9 de Novembro do corrente anno, disse o meu distincto collega Dr. João Severiano da Fonseca: « Com elogios e *veneração*, quando estive em Mato Grosso, ouvi sempre fallar-se no Sr. Sabino » Não preciso portanto de trazer aqui o testimunho de outras pessoas de fóra do Instituto

Quizera n'este momento fazer algumas considerações tendentes a melhor sustentar a these que em minha memoria estabeleci : o Dr. Sabino não foi o autor da revolta de 7 de Novembro ; esse movimento foi iniciado, resolvido e planejado na côrte do imperio por homens eminentemente collocados, por homens que figuraram na mais alta representação do paiz, quer da Bahia, quer de outras provincias que deveriam, como fez a Bahia, proclamar na mesma occasião sua independencia do governo central do Rio de Janeiro, mas não o fizeram, como se havia deliberado. O Dr. Sabino esposou a ideia com toda firmeza e lealdade.

Quizera trazer perante vós o que occorre de mais serio n'essa accuzação injusta ao distincto medico bahiano, analysar as peças officiaes que contra elle apparecem, e então verieis quanta phantazia crêa a imaginação, quando se quer fazer crer a existencia de um facto. Essa tarefa porém será reservada para outra occasião.

Não obstante, Senhores, ouvi como se exprime em tres peças sobre o mesmo assumpto o chefe de policia da Bahia, da época do rompimento, depois de restabelecida a ordem, o honrado Dr. Francisco Gonçalves Martins, depois senador do imperio, Barão e Visconde de S. Lourenço.

Em sua breve e simples exposição dos acontecimentos de 7 de Novembro de 1837, depois de dizer que o procurára o official de registros de sua repartição ás 9 horas da noite do dia 1° d'este mez communicando-lhe a existencia de uma conspiração em uma das ruas mais publicas da capital, assim se expressa :

« Immediatamente as 9 ½ horas da noite sahi com o dito Sr. Vieira, ambos disfarçados e nos dirigimos á praça da Piedade e *só depois de havermos percorrido a mesma mais de uma vez é que suspeitamos de um segundo andar*, que mais do que outros estava illuminado e parecia, que alguns signaes dava de alguma reunião. Resolvi-me a fazer alto e procurei por todos os meios ouvir ou vêr alguma cousa, porém a distancia extraordinaria o impediu e *apenas nos figurou ter ouvido tres destacadas palavras* : *marôto, punhal, rusga* »

Em uma correspondencia publicada no *Jornal dos Debates* diz elle : « Na noite de 1° de Novembro ás 9 horas se dirigiu a mim o official de registros da policia, etc., etc. Não desprezei esta noticia ; vesti-me em trajos desfarçados e com o dito meu amigo fui á referida praça, onde *depois de algumas indagações suspeitei* ser a denunciada reunião em um segundo andar, porque vi-o mais alumiado, senti algum sussurro e *ouvi algumas palavras soltas* e desligadas como *rusga, punhalada* e outras, parecendo-me igualmente distinguir a voz de um ou outro, porém tudo com a confusão propria da distancia de um segundo andar para a rua e com a cautella que necessariamente deveria haver, tanto da parte d'ellas, como da minha, *não estando muito proximo, nem sempre parado.* »

No opusculo Supplemento de minha exposição dos acontecimentos do dia 7 de Novembro etc., escreveu a citada autoridade, que « dirigindo-se com disfarce ao lugar que essa pessôa (o official de registros) lhe *indicara ser a casa* da reunião de um club e conservando-se em frente d'ella por algum tempo, ouvira algumas vozes proferidas no segundo andar d'essa casa, distinguindo-se as palavras : *assassinos, punhaladas*, e outras taes, e que reconhecera a voz de Sabino, de Bahiense, e parece, que tambem de Gomes e de alguns outros que tambem figuram na revolução.»

E o presidente da provincia, o senador Paraiso, por sua vez expondo os acontecimentos, firma-se nas revelações do chefe de policia, posto que parecesse « fóra de commum, que da rua se pudesse distinguir claramente vozes de pessoas que falavam em segundo andar sobre objectos que necessariamente convinha que fôssem tratados em segredo e com toda cautela, ao menos até certo tempo.»

Consummados os acontecimentos, era preciso dar uma origem a elles...

E o que foi, Senhores, que levou o Dr. Sabino a esse exilio, em que morreu, ralado de tantos soffrimentos physicos e moraes, tragando até as ultimas fezes o absintho da ingratidão d aquelles a quem com dedicação e sacrificios servira, e isso depois que o manto imperial cobrira todas

as faltas ou crimes do illustre cidadão?—Foi o receio de que Sabino, livre na côrte ou mesmo na Bahia, trouxesse a publico certas verdades... arrancasse certas mascaras...

Até essa injuria fez-se á sua nunca desmentida lealdade! E' que o homem de ordinario julga por si seus similhantes.

Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.

DICCIONARIO
HISTORICO E GEOGRAPHICO

DAS

Campanhas do Estado Oriental do Uruguay e Paraguay

PELO MAJOR D'ARTILHARIA

JOÃO VICENTE LEITE DE CASTRO

As campanhas do Estado Oriental do Uruguay e do Paraguay muito ennobreceram o Brasil pelas victorias conquistadas por seu valente exercito e pela liberdade que implantaram n'aquelles paizes.

A do Paraguay póde dividir-se em tres distinctas épocas pelas notaveis operações que foram praticadas.

A primeira comprehende o tempo decorrido da inesperada declaração de guerra pelo dictador Francisco Solano Lopes até ao assalto de Curupaity.

Foi o marechal Manoel Luiz Osorio quem teve a gloria de organizar o nosso exercito e de obter successivas victorias desde a memoravel passagem de 16 de Abril de 1866 até a batalha de 24 de Maio nos campos de Tuyuti, a mais gigantesca que houve na America do Sul.

O brilhante comportamento d'aquelle querido chefe deu-lhe jus a gratidão nacional e á immortalidade de seu nome.

Tendo-se aggravado o máo estado de sua saude, succedeu-lhe no commando o marechal Polydoro da Fonseca

Quintanilha Jordão, que logo foi obrigado a combater o inimigo, porque procurava ganhar posição sobre o nosso flanco esquerdo afim de hostilisar as forças em seus proprios acampamentos ; bater de revez as avançadas e restringir por esse meio o seu campo.

Seguio-se a tomada de Curuzú e o assalto ao forte de Curupaity, onde as forças alliadas soffreram, contra toda a expectativa, um inesperado revez.

A segunda tornou-se notavel pela celebre marcha de flanco, a mais bella concepção estrategica que foi notado em todo o decurso da campanha.

Commandou e exercito o venerando duque de Caxias, o benemerito cidadão brazileiro pelos serviços que prestou ao paiz.

Foi em seu tempo e devido áquelle movimento, que o famoso quadrilatero de Humaytá, onde estavam confiadas as ambições do dictador cahio em nosso poder.

Ainda devido a outra marcha de flanco pelo territorio do Chaco, região inhospita e que parecia impossivel, que o exercito por ella pudesse marchar, deram-se no mez de Dezembro de 1868 cinco renhidas batalhas e a tomada da fortaleza de Angustura, unico obstaculo que existia para a livre navegação do rio Paraguay.

Os nossos bravos soldados sempre se cobriram de glorias e o exercito inimigo nunca soffreu tão profundos revezes como durante o commando do venerando duque de Caxias, que só o deixou ao marechal Guilherme Xavier de Souza depois de ter tomado Assumpção, capital da republica e principal ponto objectivo de suas operações.

A terceira comprehende as campanhas das famosas cordilheiras de Ascurra e Maracajú e foi Sua Alteza o principe conde d'Eu o commandante em chefe do exercito.

Para leval-o áquellas escarpadas paragens era mistér preparal-o de modo a poder executar operações em que a celeridade fôsse a principal vantagem.

Graças ao vigor da idade de Sua Alteza, á sua intelligencia, inquebrantavel energia, actividade, experiencia e valor, o exercito alliado levou de vencida o do inimigo até as margens do Aquidaban, onde o dictador pagou com a morte as atrocidades que sempre havia

commettido em toda a prolongada guerra e onde se evidenciaram os notaveis talentos do general José Antonio Corrêa da Camara e o classificaram como capaz de levar a effeito com o melhor exito as mais melindrosas operações.

Registrar as principaes acções praticadas pelo nosso valente exercito e os logares que se tornaram notaveis, por meio de um diccionario geographico e historico, foi a tarefa de que me incumbi para aproveitar parte do tempo concedido por minhas occupações officiaes e para supprir, temporariamente, uma grave lacuna, porque infelizmente não temos uma historia completa sobre a guerra de proporções mais gigantescas que houve na America Meridional.

Foi uma missão difficil que tomei e, embora conforme ao meu fraco merecimento, penso prestar um serviço ao meu paiz por tornar conhecida a sua grande influencia nos destinos das republicas visinhas, como o valor dos nossos soldados e a pericia dos distinctos generaes que os commandaram.

Longe de mim a presumpção de crêr que o meu trabalho esteja na altura do assumpto ; elle foi feito especialmente com o fim de fornecer materiaes tirados de documentos officiaes e do meu testemunho áquelles que quizerem escrever uma historia completa onde o attractivo litterario desperte mais attenção.

E porque é de interesse nacional, dedico-o respeitosamente á Sua Magestade o Imperador, que tanto tem contribuido para a grandeza da nação e destinos gloriosos que o futuro lhe reserva.

Major João Vicente Leite de Castro.

Porto-Alegre 20 de Novembro de 1886.

Ab

ABAGIBA'

Arroio affluente do rio Correntes. Nasce na serra de Maracajú, ao norte da republica do Paraguay e corre a uma legua de distancia da villa de Curuguaty.

29 de Setembro de 1869. No ultimo periodo da guerra contra o governo d'aquella republica era commandante em chefe do exercito Sua Alteza o principe conde d'Eu, descendente de illustres guerreiros que se tornaram distinctos nas campanhas do velho continente.

Sua Alteza iniciára a sua carreira no exercito da Espanha como ajudante de campo do general João Prim, conde de Reus, commandante de uma divisão na guerra contra Marrocos.

O que mais distinguira este celebre general, que por seus serviços tornou-se grande da Espanha, o mais honroso titulo que ella conferia, foi a sua vigorosa intelligencia, o seu exemplar valor e a sua inexcedivel actividade.

Pois foram estas as salientes qualidades de commando de Sua Alteza no periodo mais melindroso da porfiada lucta.

Depois dos successivos combates de Dezembro de 1868, em que os nossos bravos soldados tanto ennobreceram o nome brasileiro, o dictador Francisco Solano Lopes foi impellido a seguir com o seu exercito para a serra de Ascurra, afim de oppor-nos a guerra de recursos para a qual não estavamos preparados.

Foi nesta situação que Sua Alteza assumiu o commando do exercito alliado, e, graças á organisação que soube dar-lhe, preparando-o para operar em Cordilheiras, iniciou gloriosamente a sua missão com as victorias que obteve nos combates de Sapucahy, Peribebuhy, Campo Grande e Caguid-jurú.

Foram as duas primeiras que obrigaram o marechal Lopes a evacuar a importante posição de Ascurra e a procurar a famosa cordilheira de Maracajú, com o fim de

evadir-se para a Bolivia, passando pela provincia de Mato-Grosso.

Para tomar o caminho que elle procurava seguir afim de realisar a sua ultima aspiração, e sitial-o completamente, obrigando-o a dar um decisivo combate. Sua Alteza fez marchar para o norte do rio Jejuy uma expedição ao mando do general José Antonio Corrêa da Camara, tendo ficado na villa do Rosario, á margem esquerda do rio Cuarepoty, affluente do Paraguay, o 2° corpo do exercito commandado pelo marechal Victorino José Ribeiro Carneiro Monteiro e na villa de São-Joaquim as forças do general Carlos Resin.

A divisão do Alto-Paraná, ao mando do general José Gomes Portinho, ficou de observação e tambem incumbida de abrir uma communicação da Villa-Rica para a Encarnação por Cassapá a fim de contar-se com o fornecimento de tropas de gado e cavallos.

Sua Alteza, á frente do primeiro corpo de exercito, marchou em perseguição do inimigo, e tendo noticia que elle dirigia-se para a villa de Curuguaty, na serra de Maracajú, fez promptamente seguir duas brigadas commandadas pelos valentes coroneis Hypolito José Ribeiro e Fidelis Paes da Silva, compostas dos corpos de cavallaria da guarda nacional do Rio-Grande do Sul 5° e 11° e do batalhão de infantaria 18° e 46° de Voluntarios da Patria, afim de difficultar a sua marcha para ser alcançado e batido.

O dictador Lopes determinou que uma força de 70 homens ficasse entrincheirado no passo do arroio *Abagibá*, a uma legua da villa de Curuguaty, afim de defender a retaguarda das forças que o acompanhavam, tendo antes mandado matar os infelizes que não pudessem caminhar pelas privações e prostrações que soffriam.

Na noite de 29 de Setembro o destemido coronel Fidelis, com 60 homens de cavallaria e 54 de infantaria, surprehendeu e derrotou a força inimiga, que teve 3 homens mortos, e 15 prisioneiros, inclusive o capitão Rios, seu commandante.

Para o prompto e bom exito d'esta operação, foi mistér que a nossa expedição fizesse marchas forçadas no dia

do combate e construisse uma pinguela no rio Corrientes, para a passagem da infantaria.

Tornou-se pois notavel este triumpho, pela promptidão dos movimentos, executados com a maior segurança, cabendo muita gloria ao valente coronel Fidelis, tão vantajosamente conhecido no imperio, no Estado Oriental e em toda a campanha do Paraguay como um dos mais distinctos chefes de cavallaria.

Foi dos primeiros que combateram o inimigo em Jatahy, onde recebeu um grave ferimento, servindo ás ordens do brigadeiro-general D. Venancio Flôres, e dos ultimos que embainharam a espada.

Distinguia-se pela astucia que tinha e habitos da guerra de surpreza.

Ac

ACAJUOSA

Albardão por onde passa a estrada, que communica a peninsula do Chaco, em frente a Humaytá, com o forte do Timbó.

18 *de Julho de* 1868. A celebre marcha de flanco de Tuyuti a Humaytá iniciada a 22 de Julho de 1867 pelo exercito sob o mando do invicto duque de Caxias deu um golpe fatal ao plano de resistencia do dictador Lopes, que havia feito d'esta fortaleza o seu principal ponto objectivo por ser a garantia da conservação de Assumpção, capital da republica, e onde estavam concentrados grandes recursos de guerra e funccionava o governo da nação.

Se o nobre duque de Caxias não tivesse feito jús á admiração de todos pelas qualidades de verdadeiro heróe que sempre apresentou e por serviços prestados á patria, que nunca foram igualados por ninguem, não só como pacificador das provincias do Maranhão, Minas-Geraes e Rio-Grande do Sul, que se havião rebellado, como principal zelador da honra e da integridade do imperio na qualidade de commandante em chefe de seus exercitos em campanhas contra o estrangeiro, bastaria o plano

d'aquella marcha para collocal-o a par dos grandes capitães d'estes tempos.

Por elle não se fez esperar a quéda da fortaleza de Humaytá pelo completo sitio em que ficou e logo após a rendição de sua valente guarnição no territorio do Chaco, para onde tinha-se dirigido com o fim de encorporar-se ao grosso do exercito, que estava em Lomas Valentinas.

Restava ao inimigo sómente a estrada, que vai da peninsula do Chaco ao forte do Timbó ; era por ella, que recebia recursos enviados da capital.

Afim de tomal-a para estabelecer-se um completo sitio, determinou o duque de Caxias, que uma expedição sob o commando do distincto general argentino D. J. Rivas, composta de brazileiros e argentinos, sendo aquelles commandados pelo coronel João do Rego Barros Falcão transpuzesse o rio Paraguay e tomasse naquelle territorio uma conveniente posição e intrincheirasse-a promptamente.

Com a maxima presteza e segurança foi executada a operação, ficando assim Humaytá completamente sitiado.

Logo após, tendo o general Rivas sido avisado que forças inimigas levantavam uma fortificação ao norte do seu acampamento, no logar denominado Acajuosa, para o lado do Timbó e onde assestaram duas bocas de fogo para hostilisarem a força de seu commando, fez seguir a 18 de Julho uma expedição com o fim de reconhecel-a e tomal-a, se fosse possivel, a qual foi composta de um batalhão de caçadores argentinos sob o commando do coronel D. Gaspar de Campos e dos nossos batalhões de infantaria 3° e 8° commandado aquelle pelo tenente-coronel Antonio Pedro de Oliveira e este pelo major Antonio Joaquim Bacellar, confiando a sua direcção ao coronel argentino D. Martinez de Hoz.

Esta força marchou em duas columnas parallelas á margem do rio Paraguay, mas tendo a sua vanguarda se excedido imprudentemente, foi accommettida por uma forte columna inimiga, que conseguiu envolvel-a, cahindo prisioneiros o proprio commandante

D. Martinez de Hoz e o coronel D. Gaspar de Campos, salvando-se a nado alguns officiaes e soldados, graças ao auxilio prestado pelos nossos encouraçados, a bordo dos quaes foram recolhidos, notando-se entre elles o porta bandeira que conseguiu salvar o pavilhão de sua patria.

Tão inesperada vantagem conquistada pelo inimigo foi de pouca duração, porquanto em seguida os nossos batalhões 3º e 8º reforçados pelo 14º sob o mando do major Joaquim José de Magalhães, já experimentados em muitos combates, sustentaram um fogo tão efficaz e carregaram com tanta coragem e firmeza, que o puzeram em completa derrota, tendo deixado no campo mais de 200 mortos, inclusive o commandante da força, e cahido prisioneiro o seu immediato.

O nosso prejuizo foi de 66 mortos, 209 feridos, 13 contusos e 2 extraviados.

Pelo digno comportamento que tiveram os commandantes dos nossos corpos de infantaria, bem como seus officiaes e soldados, foram elogiados em ordem do dia.

Se o coronel Martinez tivesse cumprido as instrucções que lhe foram dadas, limitando-se sómente a praticar um reconhecimento á posição inimiga, porque as partidas paraguayas que foram encontradas e acossadas pelos nossos atiradores da vanguarda indicavam a existencia de uma poderosa força a combater, não teria tido um fim tão desastrado e sacrificado a tantos de seus valentes companheiros.

O dictador Lopes, impellido pela satisfação de terem cahido em poder de suas armas os dous coroneis argentinos, concedeu uma medalha a todos os que tomaram parte na acção.

ACAPITIGO'

Arroio affluente do rio Paraguay.

Corre no departamento da Conceição, na zona septentrional da republica.

18 *de Outubro de* 1869. Pouco antes de ser derrotada uma força inimiga no passo do arroio Abagibá, uma outra tinha a mesma sorte no passo do arroio *Acapitigó*.

Ella formava a retaguarda da columna commandada pelo coronel Canete, incumbida de fazer arrebanhar todo o gado que pudesse, serviço que o dictador Lopes considerava como o mais importante, attenta a critica situação em que se achava, pois faltavam recursos para sustentar as forças, que o acompanhavam na marcha pela serra de Maracajú.

Foi tambem incumbida de garantir as novas linhas de communicação que foram estabelecidas afim de facilitar a sua evasão para a Bolivia.

Compunha-se de 901 homens, conforme um mappa que foi encontrado e, sendo de vantagem derrotal-a para reduzir os recursos do dictador, o general Camara, commandante das forças ao norte do rio Jejuy fez seguir a brigada commandada pelo valente coronel João Nunes da Silva Tavares, composta dos corpos de cavallaria 19° e 21°, reforçados por parte do 1° e 18°, para aquelle fim.

Essa brigada formava avanguarda da expedição e por isso foi a primeira a operar no departamento da Conceição.

Na tarde de 18 de Outubro, depois de vencer nove e meia leguas de marchas pôde alcançar a força inimiga, que estava apoiadá em duas bocas de fogo no passo do arroio *Acapitigó*.

Tendo sido acossada e perseguida pelos nossos valentes soldados, foi obrigada a retirar-se para Narangay, por ser uma posição que melhor se prestava á defensiva, mas, tendo sido novamente derrotada foi para Sanguinacuê, onde ficou completamente destroçada.

Tornou-se notavel esta operação por ter a nossa affouta brigada marchado onze leguas n'aquelle dia, dando successivos combates e conquistando muitas glorias que tanto influiram para a proxima terminação da guerra.

O coronel Silva Tavares, agora brigadeiro honorario do exercito e barão de Itaqui, titulos concedidos pela nação como justa recompensa aos seus assignalados serviços, prestados desde o começo da guerra do Paraguay, era um dos chefes da nossa bizarra cavallaria e distinguia-se pela intrepidez, calma e infatigavel solicitude, sempre desenvolvidas na arriscada posição de commandante das forças da vanguarda.

ACAUN-GUASSU'

Peninsula formada pelo rio Paraguay e Laguna-Verá, no Chaco, perto de Humaytá.

De 25 *de Julho a* 4 *de Agosto de* 1868. A falta de recursos que sentia a guarnição da fortaleza de Humaytá, commandada pelo coronel Martinez, e a impossibilidade em que estava de resistir a um segundo assalto, determinaram a sua evacuação em 25 de Julho. Foi por este modo, que a mais importante posição, que o exercito alliado encontrou em sua marcha triumphante, cahio em nosso poder.

Aquella guarnição passou para o Chaco afim de incorporar-se ás forças do dictador, que estavam em Lomas Valentinas, perto do forte de Angustura, mas, tendo sido tomada a unica via de communicação que lhe restava e encontrado muita resistencia por parte da nossa força, foi obrigada a refugiar-se na peninsula de *Acaun-Guassú*, onde foi atacada no dia 28 de Julho, fazendo a nossa vanguarda o 5° batalhão de infantaria commandado pelo valente tenente-coronel em commissão e major de artilharia Antonio Carlos de Magalhães, que na frente de seu corpo foi morto gloriosamente, quando avançou pela picada que ia ter ao acampamento do inimigo.

Para o bom e decisivo exito de fazel-a render-se ou combatel-a, o duque de Caxias mandou seguir para a Laguna-Verá escaleres e lanchas da nossa esquadra, convenientemente tripulados e bem assim 20 canôas e chalanas guarnecidas por soldados de terra.

Ainda mais : para atacar o inimigo pela retaguarda por ter-se refugiado para dentro do espesso mato da peninsula, fez desembarcar na ponta do isthmo, á leste da lagôa, a 8ª brigada de infantaria commandada pelo destemido coronel Herculano Sanches da Silva Pedra.

Por tão acertadas disposições a guarnição inimiga foi obrigada á render-se á descripção, a 4 de Agosto.

Cahiram em poder das forças alliadas 1.327 prisioneiros, estando entre elles o coronel Martinez, commandante geral e 97 officiaes.

O acampamento do inimigo e as margens da lagôa

achavam-se cheios de mortos em combate e dos horrores da fome, tendo sido tomado pela nossa força grande numero de fuzis, 5 boccas de fogo, muito equipamento, instrumentos de sapa e abundancia de munições.

Com tão brilhante resultado terminou-se a campanha do Chaco, cabendo as maiores glorias ao duque de Caxias pela completa organisação que deu ao exercito, pela celebre marcha de flanco e consequente sitio á posição que muitos julgavam inexpugnavel — a fortaleza de Humaytá.

Manda a justiça, que se tribute homenagem ao coronel Martinez e aos seus soldados, pela brilhante defeza opposta ao assalto d'aquella fortaleza effectuado a 16 de Julho pelo terceiro corpo de exercito.

Quando Lopes teve conhecimento do triumpho das nossas armas, ordenou, que a interessante esposa do coronel Martinez declarasse diante do exercito, que seu marido havia sido traidor á patria, e por não ter sido obedecido fel-a soffrer os mais barbaros castigos, sendo depois suppliciada.

A fereza e crueldade do dictador foram as mais salientes qualidades, que lhe serviram para dominar um povo digno de melhor sorte.

Ag

AGUAPEHY

Rio que corre na provincia de Corrientes. Nasce perto de São-Carlos, antigo povo das Missões dos jesuitas, hoje em ruinas, e despeja as suas aguas no Uruguay, pouco abaixo da villa de Itaqui.

Depois da rendição da Uruguayana e de achar-se livre o territorio d'esta provincia, organisou-se na villa São-Borja o 2° corpo de exercito sob o commando do tenente general conde de Porto-Alegre.

Elle transpoz o Alto-Uruguay e marchou em direcção ao noroeste, afim de tambem flanquear a fortaleza de Humaytá, plano bem pensado, mas tendo soffrido grandes desfalques o exercito alliado em Tuyuti, devido aos

successivos combates e ás doenças que appareceram, foi determinada a sua incorporação, ficando no *Aguapehy* a força sob o mando do brigadeiro José Gomes Portinho, que formava a 1ª divisão d'aquelle exercito e composta de duas brigadas com nove corpos.

Mais tarde, em São-Thomaz, na mesma provincia de Corrientes, passou a ser a 2ª divisão, ficando reduzida a 6 corpos.

Era mais conhecida por — *Columna do Aguapehy* — por ter estado muito tempo acampada junto ao rio d'este nome, passando a de — *Alto-Paraná*, — depois de o ter transposto, e de 4ª divisão, quando Sua Alteza commandou o exercito.

Teve a missão de operar simultaneamente pelo departamento de Villa-Rica, quando as circumstancias da guerra assim determinassem.

Antes do commando de Sua Alteza o Sr. conde d'Eu, apenas assumio a funcção de defender as provincias do Rio-Grande do Sul e de Corrientes da invasão do inimigo.

A columna de *Aguapehy* fez tudo quanto era de esperar no fim da campanha, porque venceu difficuldades de toda a especie, desbaratou por vezes o inimigo e conseguio fazer tremular em Juty no coração do Paraguay e no passo do Jará o pendão da nossa nacionalidade.

O seu digno chefe o bravo brigadeiro José Gomes Portinho, por sua pericia, intrepidez e energia, conseguio juntar algumas paginas brilhantes á historia d'esta guerra.

AGUARAY-GUAZU'

Rio affluente do Jejuy. Nasce na serra de Maracajú, bem como seus tributarios o Aguaray, o Aguaray-mi e o verde.

De 30 *de Dezembro de* 1869 *a* 11 *de Janeiro de* 1870. Tendo o general Camara recebido noticias que o dictador Lopes estava com o seu exercito no Panadero, acampamento sobre a cordilheira do Maracajú, para onde havia seguido, quando foi perseguido pelas forças de Sua Alteza, ao sul do Jejuy, marchou da villa da

ceição, base de todas as suas operações, a 30 de Dezembro, afim de combatel-o, se fosse possivel.

A 31 passou pelo povoado de Taquaty, fazendo-se acompanhar por 800 homens de infantaria, 150 de cavallaria e 2 bocas de fogo, e transpoz o Rio-Verde com o fim de chegar ao seu objectivo.

Logo depois, tendo feito um reconhecimento sobre o passo do *Aguaray-Guazú*, ao lado da posição inimiga e o encontrado bem largo e defendido por uma fortificação guarnecida por artilharia, resolveu retroceder, por não ter recursos para effectuar a passagem, e transpor o Rio-Verde pela segunda vez.

Em marcha, tendo recebido noticias que para o lado da villa de São-Pedro, no logar Lamaruguá, existia uma grande força inimiga, resolveu ir batel-a.

Para este fim passou duas vezes o *Aguaray-Guazú* em Loma e no Tupium e seguio pela serra do Sargento-Loma, onde a 11 de Janeiro de 1870 derrotou a columna commandada pelo coronel Gennes, que cahio prisioneiro, bem como muitos officiaes e soldados.

Esta notavel expedição tambem poderosamente contribuio para affirmar a pericia do general Camara na direcção de operações tão melindrosas.

Vencendo os maiores obstaculos naturaes em uma immensa zona desconhecida, e passando por vezes em caudalosos rios sem recursos apropriados, constitue aquella expedição uma de suas mais eloquentes glorias, partilhadas pelos bravos que o acompanharam.

Aj

AJOS

Povoado perto do qual nasce um dos galhos do rio Manduvirá, um dos principaes affluentes do Paraguay. Pertence ao districto do sul do rio Tebiquary.

De 22 *a* 31 *de Agosto de* 1869. Depois da tomada da villa de Caraguatahy, Sua Alteza o principe conde d'Eu fez seguir, a 22 de Agosto uma expedição de

cavallaria ao mando do coronel SilvaTavares com a missão de levantar do povoado de *Ajos*, e das suas immediações, todo o gado que pudesse, por constar-lhe a existencia de grande quantidade nas fazendas do dictador Lopez e sua mãi.

Sem encontrar a menor resistencia, a expedição chegou a 29 a seu destino e arrebanhou tres mil e tantas rezes, tendo dado mil a pobresa, que era incontebivel.

Logo após apresentaram-se muitos officiaes e soldados, desertores das forças que acompanhavam o dictador na marcha para a região septentrional da republica e as autoridades de Ajos adherindo a causa sustentada pela triplice alliança, sendo seguido o exemplo pelas do importante ponto de Villa-Rica e outros.

A 31 tambem de Agosto regressou a expedição trazendo 2.070 cabeças de gado e por ella soube-se que foram mais de 3.000 para a villa de Santo-Estanisláo, por ordem de Lopes, para sustento de suas tropas quando por ella passasse para Maracajú, sendo parte das que poude levantar dos districtos do Rosario e São-Pedro por occasião da nossa expedição ao norte da republica, sob o mando do coronel José de Oliveira Bueno.

AL

ALBUQUERQUE

Povoado á margem direita do rio Paraguay, na provincia de Mato-Grosso. Foi fundado no principio d'este seculo, formando-se de um antigo destacamento militar da fronteira, em uma imminencia que domina as margens do rio.

No principio da campanha tinha uma população de 1.500 almas, inclusive 1.000 indios da nação guaná.

1º *de Janeiro de* 1865. A inesperada declaração de guerra pelo dictador Lopes contra as nações alliadas, e a prompta invasão da provincia de Mato-Grosso na parte meridional a 25 de Dezembro de 1864, por numerosas forças, foram-lhe proveitosas por terem-se apoderado de

alguns pontos importantes que estavam indefesos, como o de Albuquerque.

O que mais influio para a declaração de guerra, foi a ambição de tornar-se Lopes, pelo poder de suas armas, o arbitro dos destinos das nações banhadas pelo rio da Prata.

Quando teve conhecimento do movimento das fórças commandadas pelo general João Propicio Menna Barreto, na campanha do Estado Oriental do Uruguay, com o fim de tomar represalias pelos vexames e prejuizos que soffriam os Brazileiros residentes em seu territorio, apresentou protestos e logo após mandou aprisionar o vapor *Marquez de Olinda*, a 12 de Novembro de 1865, quando seguia para Mato-Grosso conduzindo o presidente e commandante das armas, coronel Frederico Carneiro de Campos.

Em seguida fez invadir a provincia, pensando que por este modo libertaria aquelle paiz da acção de nossas armas, obrigando-nos a operar sómente pelo o lado d'esta, para o que contava com a completa neutralidade da Confederação Argentina.

O que mais concorreu para assim proceder foi a certeza que tinha da fraqueza de nossas forças pelo numero, especialmente das que faziam a guarnição d'aquella provincia, que mais do que todas luctava com muitas difficuldades para receber recursos, attenta a posição em que se achava da capital do imperio.

O seu estado indefeso era injustificavel porquanto, muito antes da invasão, o commandante das armas e presidente da provincia, general Alexandre Manoel Albino de Carvalho, disse ao governo, que ella tinha chegado ao mais lamentavel estado quanto á sua força armada, não tendo infelizmente sido attendido.

Houve condemnavel indifferença para com a longuinqua provincia, pois apenas limitou-se o governo imperial a mandar em Outubro de 1864 o coronel Campos e 400:000$ que não foram aproveitados por terem sido tomados a bordo daquelle vapor e entregues ao dictador.

Parece incrivel, que a fronteira da provincia, no Baixo-Paraguay, tivesse apenas 875 homens em armas, quando foi invadida pelo inimigo.

Em taes condições era de esperar, que o plano do dictador fôsse bem executado e que todos os povoados d'aquella parte do rio cahissem em poder de suas armas.

A força invasora compunha-se de duas divisões, sendo uma commandada pelo coronel Barrios, cunhado do dictador, com 3.200 homens de infantaria, 12 bocas de fogo, uma estativa de foguetes á Congreve e 1.000 homens de cavallaria, e outra sob o do coronel Resquin, com 5.000 homens, quasi todos de cavallaria, e 6 bocas de fogo.

A primeira, que embarcou em 5 vapores de guerra, armados com 36 canhões, teve a missão de apoderar-se dos nossos povoados á margem do rio ; e a segunda, que seguio por terra, de tomar Miranda, Nioac e a villa Miranda, e se fosse possivel a capital.

Se bem aquella tivesse encontrado heroica resistencia por parte dos 150 defensores do forte de Coimbra, primeiro ponto que foi atacado, só tendo cahido em seu poder depois de tres dias de combates e assaltos, em que o inimigo perdeu muita gente, todavia, em 1° de Janeiro tomou o povoado de *Albuquerque* e aprisionou muitos indios da tribu guaná, que foram libertados pelo exercito no commando de Sua Alteza.

Contra 10.000 homens e 18 canhões, afóra os 36 da esquadra, era impossivel, que a provincia de Mato-Grosso pudesse resistir ás duas fortes expedições, que mais tarde se retiraram sem grandes vantagens para a causa do dictador e sem terem chegado a Cuiabá, capital da provincia e ponto objectivo das operações.

ALTO PARAGUAY

E' a parte do rio comprehendida entre a sua nascente e a villa de Corumbá. Dahi até o forte de Coimbra é conhecido pelo de Baixo-Paraguay. Nasce em uma planicie do centro da provincia de Mato-Grosso, atravessa o lago Xarayes, separa a republica do Paraguay, a qual dá-lhe o nome da Confederação Argentina e sendo engrossado pelos rios Pilcomayo e Vermelho, confunde as suas aguas com as do Paraná um pouco ao norte da cidade de Corrientes. Tem um curso de 1.800 kilometros.

6 *de Janeiro de* 1865. Por occasião da invasão desta provincia pelas divisões Vicente Barrios e Resquin, vigiavam o *Alto* e *Baixo-Paraguay* 5 vapores com 134 homens de guarnição e apenas 2 bocas de fogo. Eram o Anhambahy, Cuiabá, Corumbá, Alpha e Jaurú, formando uma esquadrilha commandada pelo capitão de fragata Francisco Candido de Castro Menezes.

A esquadra inimiga que transportou a divisão Barrios áquella provincia e destinada a bater os nossos pequenos navios compunha-se de 8 vapores, 2 escunas, 1 patacho e 2 lanchas, com 51 bocas de fogo, e foi commandada pelo capitão de fragata Meza, que mais tarde morreu em Humaytá em consequencia de ferimentos recebidos na memoravel batalha de Riachuelo.

Tambem teve a missão de operar simultaneamente com as forças de terra, afim de tomarem Cuiabá, capital da provincia e principal ponto objectivo das operações.

Depois de ter o vapor *Anhambahy*, o melhor da nossa esquadrilha e unico que tinha apenas 2 bocas de fogo, desembarcado no porto de Sará as guarnições do forte de Coimbra, Albuquerque e Corumbá, o commandante das armas da provincia Carlos Augusto de Oliveira e muitos habitantes que seguiam para a capital afim de de livrarem-se das armas inimigas, o que conseguiram depois de 4 mezes da mais penosa viagem, foi aprisionado a 6 de Janeiro por dois vapores o *Yporá* e o *Rio Apa*, no São-Lourenço perto de sua foz no *Alto Paraguay*.

O *Anhambahy* poude apenas fazer pouco fogo por ter sido desmontada, ao decimo terceiro tiro, a unica peça que lhe servia; foi por isso que lançou-se sobre a barranca do rio para salvar a sua tripolação, sendo então abordado.

O piloto José Israel Alves Guimarães, que commandava o navio, o commissario Fiuza, o doutor Albuquerque e os outros que ficaram a bordo foram trucidados, e as orelhas cortadas dos cadaveres enfiadas em um cordel e penduradas no mastro grande do *Yporá* e assim apresentadas ao dictador Lopes, que estava em Assumpção.

Em seguida foi tomado o pequeno povoado de Dourados por 500 homens, e ahi fez o inimigo grande provisão

de polvora, ferro e machinas, mas com tanto deleixo, que deu logar a uma grande esplosão, resultando a morte do capitão-tenente André Herreros commandante do *Yporá*, o apresador do *Anhambahy*, cujo cadaver foi transportado para Assumpção, onde o dictador Lopes ordenou, que lhe fizessem solemnes exequias, tendo mais tarde mandado erigir-lhe um monumento no cemiterio da Recoleta, para commemorar aquelle feito.

Não havia situação possivel para os nossos pequenos navios com 2 bocas de fogo, embora dispuzessem de sufficiente munição, dar um combate aos do inimigo, superior em numero e com 50 canhões de grosso calibre e conseguir a victoria.

A parte da provincia occupada pela força invasora foi incorporada ao Paraguay e denominada — departamento do *Alto Paraguay* e assim conservou-se por muito tempo.

ALTO-PARANA'

É a parte do rio Paraná que fórma o limite do Brazil com a republica do Paraguay.

Nasce na serra da Mantiqueira, na provincia de Minas-Geraes, corre pelo sul d'ella, separa a de São-Paulo das de Goiaz e Mato-Grosso, fórma aquelle limite e finalmente banha parte do territorio d'aquella republica.

Seu curso é de 2.500 kilometros.

15 *de Abril*, 11 *de Julho de* 1865 *e* 22 *de Junho de* 1869. Foi no sudoeste do Paraguay no *Alto-Paraná*, em Itapuá, que reunio-se a expedição de 12.000 homens e 6 bocas de fogo sob o commando do coronel Antonio de La Cruz Estigarribia e foi por aquelle ponto que effectuou a sua passagem.

O seu fim era occupar o territorio das Missões d'além Uruguay, invadir a provincia do Rio-Grande do Sul pelo Alto-Uruguay, operar simultaneamente com as forças do general Robles que já tinham invadido a provincia de Corrientes e dar a mão ao partido blanco do Estado Oriental, afim de revolucionar o paiz.

A distancia porém, a que ella foi obrigada a ficar,

as difficuldades de communicação com o paiz, a falta de recursos e de bôa direcção determinaram a sua rendição na villa da Uruguayana.

Tambem foi no *Alto-Paraná*, na povoação de São-Thomaz, quasi em frente a Itapuá que a 15 de Abril chegou o 2° corpo do exercito sob o mando do tenente general conde de Porto-Alegre, tendo na margem opposta encontrado uma columna inimiga sob o mando do coronel Nuñez.

Compunha-se aquelle exercito de 10.000 homens das tres armas, tendo ficado na provincia do Rio-Grande do Sul a necessaria força para a sua guarnição.

A principio estava no plano geral de operações que elle transporia o *Alto-Paraná* por Candelaria e Itapua e marcharia pelo rumo de noroeste em direcção a Humaytá, para, de combinação com os exercitos alliados que estavam no Passo da Patria, sujeitarem o inimigo a um rigoroso sitio e perder Assumpção o que determinaria a conclusão da guerra.

Este plano obrigaria o dictador Lopes a disseminar suas forças para defender differentes pontos, e, como delle teve conhecimento, resolveu estabelecer o seu quartel general em Santa-Theresa, logar equidistante de Humaytá e de Itapua, para ficar em posição de attender o que as circumstancias exigissem.

Elle foi bem traçado e apresentado na junta dos generaes depois da rendição da Uruguayana, pelo inclyto tenente-general conde de Porto-Alegre e acceito pelos mais commandantes de exercitos, mas, a ignorancia completa do territorio inimigo, a falta de um mappa para servir de guia, como de um pratico de confiança, e o grande receio de que faltassem recursos para o bom exito das operações fez limitar por algum tempo a acção do 2° corpo do exercito, em ameaçar o inimigo o que não deixou de ser de grande effeito, porque Lopes ficou privado do recurso da columna do *Alto-Paraná*.

Se não fossem aquellas insuperaveis difficuldades, certamente a guerra teria sido menos prolongada e o tenente-general conde de Porto-Alegre desempenharia com o seu exercito a mais importante missão.

A' vista pois da impossibilidade de operar por aquelle lado, foi determinada a sua juncção aos exercitos alliados em Tuyuti, para o mais prompto exito da campanha.

A esquadrilha que commandava o capitão de mar e guerra Francisco Cordeiro Torres Alvim subio lentamente o *Alto-Paraná* e transportou quasi toda a força até o forte do Itapirú, á pequena distancia do logar onde estavam os exercitos alliados.

A divisão do general Portinho, tambem conhecida por divisão do *Alto-Paraná*, por muito tempo ficou de observação para garantir as fronteiras das suas visinhas provincias e para tambem operar, quando recebesse instrucções.

Quando Sua Alteza o principe conde d'Eu commandou o exercito, ella sahio do estado de inanição em que se achava, transpondo a 22 de Junho de 1869 o *Alto-Paraná* nos passos de Itapua e Candelaria, para o que levou 25 dias, devido ao estorvo de frequentes chuvas e a falta de recursos apropriados para effectuar a passagem.

Se os successivos revezes soffridos pelo exercito do dictador não o impellissem a enfraquecer a defesa d'aquelles passos, retirando parte de suas forças, a passagem da columna do *Alto-Paraná* não teria sido effectuada.

Ainda foi por ahi que os corpos de cavallaria da guarda nacional desta provincia, depois da campanha se recolheram a villa de São-Borja para serem dissolvidos.

Os vallentes soldados que a compunham se cobriram de glorias e os seus invictos chefes Andrade Neves, Silva Tavares, Bento Martins, Vasco Alves, Neto, Chananeco, Dóca, Portinho, Fidelis, Hypolito, Francisco Martins, Lima e outros conquistaram a admiração de todos e o reconhecimento da nação pelos mais heroicos feitos.

O autor d'este diccionario foi quem teve a missão de receber os seus estandartes, que estão depositados na cathedral d'esta cidade e fazer recolher ao arsenal de guerra todo o armamento ainda tinto do sangue inimigo.

A provincia do Rio-Grande do Sul, que os enviou á guerra, teve a gloria de contribuir mais do que todas para a defesa da honra e dignidade nacional.

ALTO-URUGUAY

Nasce na Serra do Mar, na provincia de Santa-Catharina, onde toma differentes nomes, sendo o de Pelotas a parte que faz limite d'ella com a do Rio-Grande do Sul e o de Canôas com a do Paraná. Depois de receber as aguas de seus affluentes Yjuhy, Ibicuhy, Aguapehy, Quarahim, Mocoretá, Rio Negro e muitos outros, desemboca no rio Paraná, formando com elle o rio da Prata.

Seu curso é de 1.650 kilometros, dos quaes 990 em em territorio brasileiro.

De 10 *de Junho a* 29 *de Julho de* 1865. Os successos que se deram nas duas margens do *Alto-Uruguay*, em pontos diversos,o fizeram notavel na historia da campanha do Paraguay.

Sendo conhecidos os principaes motivos que impelliram o dictador Lopes a declarar guerra ao Brazil, é preciso expender os que serviram para a da guerra contra a Confederação Argentina.

Tendo a expedição de Mato-Grosso feito convencer ao dictador Lopes que por ella não tiraria grandes resultados por julgar impossivel a tomada de Cuiabá, sua capital, e, mais ainda, convencido de que estava o nosso paiz se preparando para oppor-lhe forças numerosas e animado pelos resultados conquistados na campanha do Estado Oriental, que foi terminada com a rendição da de Montevidéo, resolveu invadir, sem perda de tempo, a provincia do Rio-Grande do Sul.

Para execução de seu plano solicitou permissão do governo argentino, afim de atravessar a provincia de Corrientes em demanda do seu objectivo.

Como era de esperar, a resposta foi negativa, pela resolução que elle tinha tomado de conservar-se neutro na guerra entre os dois estados.

Quando chegou ao conhecimento de Lopes esta recusa, reunio o congresso nacional para ser ouvido, e, logo após, tambem declarou guerra áquella confederação, e sem ter dado conhecimento official, fez tomar a 13 de Abril de 1865 dois vapores de guerra, no porto da cidade de Corrientes.

Em consequencia d'este inesperado acontecimento e por ter o governo provisorio do Estado Oriental do Uruguay adherido á nossa causa, foi celebrado o tratado da triplice-alliança no dia 1° de Maio de 1865, pelo qual ficou estabelecido, que a guerra, que os tres estados iam sustentar, não era contra o povo paraguayo, mas contra o presidente Lopes, e que só deporiam as armas, quando conseguissem a sua queda.

Depois da tomada dos vapores argentinos, foi invadida a provincia de Corrientes pelas forças de Robles e Estigarribia, tendo as d'este transposto o Alto-Paraná no passo de Itapua e se firmado no territorio das Missões.

Depois de algum tempo seguio contra São-Thomé, na margem direita do *Alto-Uruguay*, pequena povoação Correntina, onde entrou a 9 de Maio, encontrando-a abandonada.

Foi neste ponto que reunio todos os meios para invadir a provincia do Rio-Grande do Sul, e transpoz á pouca distancia d'aquella povoação do *Alto-Uruguay* a 10 de Junho, perto da villa de São-Borja, tendo encontrado pequena resistencia.

Se esta provincia não estivesse entregue aos seus proprios e poucos recursos, sem um navio para vigiar o rio e quasi completamente desguarnecida como aconteceu com a de Mato-Grosso, certamente a invasão não se teria effectuado.

A falta de força deu logar a que o inimigo tomasse a villa, devastasse os mais povoados por onde passou e chegasse á cidade de Uruguayana, onde teve de render-se pelo completo sitio em que ficou.

Para operar no Alto-Uruguay, Estigarribia dividio a sua expedição em duas columnas e adoptou a marcha simultanea por ambas as margens do rio, dando ao major Pedro Duarte o commando da columna da direita, que foi depois derrotada em Jatahy.

Este fraccionamento de forças, foi injustificavel, porque enfraqueceu a expedição, pelo que foi facil conseguir o seu completo aniquilamento.

Tão auspicioso acontecimento encheu de jubilo os exercitos alliados e fez com que todos os habitantes do

Alto-Uruguay, que haviam fugido, voltassem aos seus logares.

O 2° corpo do exercito, com 13.000 homens, sendo 4.000 de infantaria, 8.000 de cavallaria e 1.000 de artilharia e corpos especiaes sob o mando do marechal conde de Porto-Alegre, organisado em São-Borja para operar com os exercitos alliados, tendo por ponto objectivo a fortaleza de Humaytá, transpoz o *Alto-Uruguay* e do povoado de São-Thomé, que fica em frente áquella villa, iniciou a sua marcha em direcção a Itapua, na fronteira do Paraguay, d'onde mais tarde seguio a incorporar-se a elles, nos campos do Passo da Patria e Tuyuti.

Depois de concluida a guerra, foi pelo mesmo ponto escolhido pelo inimigo para effectuar a invasão, que passaram todos os corpos da guarda nacional, depois da campanha.

O governo imperial, fiel ao compromisso que contrahio, ordenou o pagamento dos titulos de todos os valentes soldados que a compunham, e aos seus chefes e officiaes concedeu honras de postos em attenção aos seus assignalados serviços.

ALTOS

Pequeno povoado sobre as cordilheiras de Ascurra.

Compõe-se de uma pequena praça com uma capella. Os seus habitantes dão-lhe o nome de — *Capilla de los Altos*.

Tem caminho para a linda lagôa de Ipacarahy, perto da qual está situada a quinta que foi da celebre Mme. Linch, concubina do dictador Lopes, e para a estrada de ferro que passa no valle de Pirajú e outros pontos.

12 *a* 15 *de Agosto de* 1869. Para Sua Alteza o principe conde d'Eu emprehender as operações sobre as cordilheiras de Ascurra, onde estava todo o exercito inimigo, foram feitos reconhecimentos sobre os differentes desfiladeiros e se fortificaram todos os passos do arroio Pirajú, que corre entre aquella posição e a estrada de ferro de Assumpção á villa de Paraguary, nossa principal

via de communicação, para livral-a de qualquer golpe de mão.

Foram elles, que fizeram Sua Alteza contornar a posição inimiga, pela picada de Sapucahy, que separa o valle de Pirajú do de Iitimy, pela impossibilidade de operar por caminhos quasi intransitaveis.

Para guardar a linha de communicação, desde Luque até o Paraguary, segundo o plano convencionado, durante o movimento de seu exercito e operar depois simultaneamente, ficou uma grande força composta de argentinos e brazileiros, aquelles commandados pelo general D. Emilio Mitre e estes pelo brigadeiro José Auto da Silva Guimarães.

Entre as importantes posições, que era preciso tomar para apartar o sitio que se ia estabelecer, estava o povoado de *Altos*.

Para aquelle fim a columna do general José Auto marchou na noite de 11 de Agosto, fazendo a vanguardo commandada pelo coronel Camillo Mercio Pereira o 14° corpo provisorio de cavallaria, o 18° batalhão de infantaria commandado pelo tenente-coronel José Thomaz Gonçalves, que tão distinctamente havia-se portado no commando da columna de Mato-Grosso, na sua celebre retirada da Laguna, perto do rio Apa, até o rio Aquidauana, e 2 batalhões argentinos.

Na madragada de 12 encontrou uma força inimiga que defendia a subida das cordilheiras, no caminho do povoado de *Altos*, deu-lhe combate, derrotou-a completamente, tomando-lhe o reduto em que estava.

Tendo apparecido numerosas forças em protecção dos defensores da posição fortificada, a nossa vanguarda teve de sustentar uma serie de combates sempre gloriosos para os nossos bravos soldados, tendo o total de nossas perdas chegado a 62 praças, feridas e mortas, entre Brazileiros e Argentinos.

O prejuizo do inimigo foi de 45 mortos e 8 prisioneiros.

Taes fôram os obstaculos encontrados pelas forças alliadas e necessidade de concertar certas partes do terreno mal conhecido, que, só na noite de 15 chegaram

ao povoado de *Altos*, depois de ter o inimigo abandonado a posição de Ascurra pela perda da villa de Peribebuy, que defendia a sua retaguarda.

Foi daquelle povoado que as forças fizeram marchas forçadas para a sua juncção com as de Sua Alteza, á vista da communicação que d'elle receberam sobre os feitos que fôram praticados, tendo chegado a 17 em Campo-Grande, onde de vespera o nosso exercito tinha pelejado e vencido uma grande batalha.

A missão das forças alliadas sob os commandos dos generaes Mitre e Auto foi pois bem cumprida.

Além de terem defendido a estrada de ferro de qualquer golpe de mão do inimigo, estreitaram o sitio em que elle ficou pela occupação de Altos, e por isso concorreu poderosamente para o abandono da importante posição em que estava.

AM

AMBORO-CUE

Lagôa situada entre uma estreita peninsula á margem esquerda do rio Paraguay e a fortaleza de Humaytá.

Em frente, na margem direita, fica o porto Eliziario, tirado do nome do chefe de divisão da nossa esquadra Eliziario José Barbosa.

A serie de reconhecimentos e combates que se deram nas immediações da fortaleza de Humaytá e que determimaram a quéda das importantes posições fortificadas, que com ella formavam um grande systema de defesa, como Curupaity, Passo-Pocú e Espinilho, impelliram o dictador Lopes a concentrar-se nella com o seu exercito.

Porque era o maior recurso que tinha para cortar a navegação do rio Paraguay e defender a sua capital, reunio todos os elementos para oppôr-nos a mais obstinada resistencia.

Pelo lado do rio tinha obras de fortificação permanente, e pelo lado de terra elevadas trincheiras, defendidas por

mais de 200 canhões de differentes calibres e por immensos obstaculos, como linhas de abatizes e bocas de lobo.

Com taes elementos de defesa o assalto seria acção temeraria e duvidosa, embora tivessemos um exercito, que, pelo numero e valor, poderia contrabalançar a vantagem da posição.

Devido a grande experiencia do duque de Caxias e ao seu admiravel tino, que ás vezes chegava á altura do genio, o exercito estabeleceu o sitio e conseguio a realisação de suas aspirações.

Logo que o inimigo ficou concentrado em Humaytá, os nossos corpos de exercitos tomaram as seguintes posições: o 2°, commandado pelo tenente-general conde de Porto-Alegre, passou de Tuyuti para Curupaity; o 3°, sob o commando do marechal Osorio para Pare-cuê, bem como o 1°, ficando aquelle na vanguarda e este na retaguarda, com o commandante em chefe duque de Caxias.

Para a defesa do 2° corpo construio-se em sua frente uma trincheira com 1.693 metros de desenvolvimento, defendida por 28 canhões de differentes calibres, tendo o flanco esquerdo apoiado na lagôa *Amboro-cuê*, onde foram collocadas duas baterias fluctuantes, por isso que Humaytá tinha sobre ella uma grande bateria com 10 canhões.

Por tão acertadas providencias e pelo cordão de sitio que estabeleceu a nossa esquadra, desde o rio até aquella lagôa, o inimigo nunca atreveu-se a atacar ao 2° corpo de exercito.

AN

ANDAI

Albardão no Chaco, em frente a Humaytá.

1 *a* 4 *de Setembro de* 1868. Foi n'este lugar que a força argentina ao mando do general Rivas effectuou o seu desemparque, quando se tranferiu de Curupaity para cortar a via de communicação aberta pelo inimigo, depois

de lhe haver sido interceptadas todas as outras existentes no seu territorio.

De um ponto opposto tambem fez a sua passagem para identico fim, uma nossa expedição sob o commando do coronel Barros Falcão, composta de quatro bocas de fogo, cinco corpos de infantaria, um contingente do batalhão de engenheiros e uma commissão de engenharia.

Tendo sido reconhecida como mais importante e propria aos fins que se tinha em vista, a posição em que se achava a força argentina, no dia 3 a nossa reuniu-se a ella, depois de ter combatido no dia anterior, ficando o general Rivas com o commando geral.

Em quanto a força argentina teve a sorte de effectuar a sua passagem sem a menor resistencia, a nossa combateu desde que pisou o territorio do Chaco.

Depois da juncção na tarde de 4, quando os soldados trabalhavam no levantamento de trincheiras, para cobrir o seu acampamento, uma poderosa columna inimiga carregou sobre a face do norte, guarnecida pelo 8° e 16° batalhões, com o 7° de protecção e conseguiu, pela sorpresa do ataque, causar algum prejuizo a uma força deste, que derrubava a matta da frente da posição.

Os batalhões 8° e 16° logo que ella recolheu-se á trincheira rompeu um vivissimo fogo, em quanto o 1° batalhão defendia a face da frente por onde o inimigo tentou tambem levar o ataque, nada tendo soffrido o lado esquerdo que estava defendido pelos argentinos.

Quando a frente ficou completamente desembaraçada, a nossa artilharia fez troar os seus canhões, jogando metralha, secundada por descargas de fuzilaria, feitas pelos batalhões da face do norte.

Devido a tão vivissimo fogo, augmentado pelo do 7° batalhão de infantaria, o inimigo foi obrigado a retroceder em completa desordem.

A sua força compunha-se de 4 batalhões de infantaria e 2 regimentos de cavallaria e o prejuizo que teve foi de 5 feridos, 356 mortos, 2 prisioneiros, 209 espingardas, 5 espadas e 26 lanças.

O nosso foi apenas de 2 praças mortas, 15 feridas e 5 contusas.

Tornaram-se distinctos nos combates o coronel commandante da força Barros Falcão e os tenentes-coroneis Hermes Ernesto da Fonseca, Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, Genuino Olympio de Sampaio, João Antonio de Oliveira Valporto, Manoel José de Menezes e Antonio Pedro de Oliveira, pela exemplar bravura com que se portaram e pericia na direcção das forças que commandaram, pelo que foram elogiados em ordem do dia do exercito, bem como seus officiaes e soldados.

A' falta de prévio reconhecimento por parte da força inimiga, a ignorancia de estar a nossa bem intrincheirada, a falta de artilharia cujo emprego poderia ser bem efficaz e a de bôa orientação na occasião do ataque, deve-se em grande parte sua completa derrota.

ANGUSTURA

Forte construido na barranca do rio Paraguay sobre a confluencia com o arroio Pikiciry.

Tinha obras permanentes para o lado do rio e dominava as suas margens por estar sobre uma elevada posição.

Servia de apoio ao flanco direito da extensa linha de Pikiciry.

De 2 de Setembro a 30 de Dezembro de 1868. O commandante em chefe duque de Caxias, precisando conhecer a importante posição de Angustura pelo lado do rio e pelo de terra, afim de bater com vantagem o inimigo em Lomas Valentinas, para onde dirigiu-se, quando ficou convencido que as forças alliadas haviam de conquistar Humaytá, como realisou-se a 25 de Agosto de 1867, determinou ao chefe da nossa esquadra que mandásse proceder a um reconhecimento.

No dia 2 de Setembro os encouraçados *Silvado*, *Mariz e Barros* e *Herval*, formando uma esquadrilha sob o mando do capitão de mar e guerra Mamede Simões da Silva, subiu o rio e a 7 chegou ás proximidades do forte.

Para dar começo o sua missão fez bombardeal-o, sendo o seu fogo correspondido pelo da grossa artilharia, que o guarnecia.

Em seguida o *Silvado*, commandado pelo destemido capitão de fragata José da Costa Azevedo, subiu o rio e passou pelas baterias inimigas, debaixo do mais nutrido fogo dos seus canhões, ficando assim conhecendo a posição pelo lado de oeste.

Tendo-se feito pois um completo reconhecimento, por modo que tanto honrou a nossa valente esquadra, porque o forte de Angustura estava em uma volta do rio, em posição similhante a de Humaytá, e por isso perigosa para effectuar-se a passagem por um só navio, o *Silvado* desceu e incorporou-se aos mais encouraçados.

Faltando conhecel-o pelo lado de terra, por isso que fazia systema de defesa com a linha fortificada de Pikiciry, que cobria o acampamento de Lopez em Lomas Valentinas, determinou o duque de Caxias, que o 1° e 3° corpos de exercito fizessem tambem um reconhecimento.

Aquelle marchou do arroio Suruby-hy, onde estava acampado, e este, que formava a vanguarda de Palmas, sobre a margem esquerda do rio Paraguay e a uma legua e meia do arroio Pikiciry.

A 10ª brigada, commandada pelo coronel Silva Tavares, foi incumbida de operar pela extrema direita, para onde seguiu a 1° de Outubro ; o 3° corpo ao mando do marechal Osorio para a frente, donde fez seguir tambem para a direita uma divisão de Brazileiros e Orientaes, commandada pelo coronel oriental D. Henrique Castro ; ficando de reserva o 1° corpo sob o commando do brigadeiro Jacinto Machado Bitencourt.

Ouvindo o duque de Caxias nutrido fogo na frente, para lá dirigiu-se ; mas, tendo-se encontrado com o marechal Osorio, que já havia cumprido a sua missão e certo que o inimigo tinha uma trincheira avançada á direita de sua linha, ordenou ao general José Auto, que fôsse reconhecel-a com a divisão de seu commando.

De facto foi encontrada e tomada, depois de nutrido fogo, tendo o inimigo se recolhido ao seu intrincheiramento, que não podia ser atacado pelos atoleiros que existiam.

Pela esquerda pois nada mais foi possivel fazer-se e nem havia necessidade porque adquirio-se um completo

conhecimento de sua posição e obstaculos a vencer-se para tomal-a de assalto.

Pela direita o general Castro e o coronel Silva Tavares, chegaram ao arroio Pikiciry, que corria parallelamente á linha intrincheirada, depois de ter vencido tambem grandes obstaculos, e fizeram o reconhecimento conforme as instrucções que receberam.

Ficou pois o duque de Caxias convencido que pela linha de Pikiciry, com um desenvolvimento de uma e meia legua de trincheiras, defendidas por muita artilharia, com o flanco direito apoiado no forte de *Angustura* e o esquerdo sobre a lagôa Ipoá, tendo na frente um grande banhado e o arroio Pikiciry, não convinha ir bater o inimigo e por isso resolveu fazer a celebre marcha de flanco pelo Chaco, tornando este base de suas futuras operações.

Foi uma arrojada concepção, attenta a natureza d'aquelle territorio, só capaz de ser levada a effeito por um grande general, com pasmo de todos.

A consequencia immediata de tão admiravel plano estrategico foram as successivas e brilhantes victorias de Villeta, Itororó, Avahy e Lomas Valentinas, onde o dictador Lopes tinha o seu acampamento, e *Angustura*, no curto espaço de 24 dias.

Esta ultima posição cahio em nosso poder a 30 de Dezembro pelo completo sitio, em que ficou.

Era seu commandante o coronel Lucas Carrilho, sobrinho do dictador, e seu auxiliar o tenente-coronel Thompson, engenheiro inglez, favorito de Mme. Linch, pelo que gozava de grande protecção.

Ficando isolado depois que o general João Manoel Menna Barreto tomou a linha de Pikiciry, e no intuito de evitar mais derramamento de sangue sem necessidade, foi intimado no dia 28 o seu commandante para render-se com as suas forças no prazo de 12 horas, sob pena de ser a fortificação atacada por agua e por terra, e posto em pratica todo o rigor das leis de guerra.

Tendo sido respondido que só com o dictador Lopes é que o general duque de Caxias deveria entender-se a respeito, o nosso exercito na manhan de 29 marchou para apertar mais o sitio, e quando approximou-se das

trincheiras inimigas e tomava posição para o bombardeio e consequente assalto, appareceu a bandeira parlamentar com uma commissão de officiaes e um officio assignado pelos dois chefes, que nada adiantaram.

Pela commissão fez vêr o duque de Caxias, que Lopes tinha sido derrotado em LomasValentinas, e que dentro de seis horas atacaria a fortaleza, como tudo estava disposto.

Tendo recebido outro officio pedindo que a uma commissão de officiaes paraguayos fôsse permittido verificar si Lopes se evadira, abandonando os seus soldados, accedeu o duque de Caxias para convencer o inimigo da necessidade da rendição, fazendo-a depois passar pelo seu acampamento acompanhado de dois ajudantes e um esquadrão de cavallaria.

A commissão certificou-se da evasão de Lopes, e foi por este modo que no dia 30 se renderam os defensores de *Augustura*, sahindo d'ella com os dois commandandantes na frente Lucas Carrilho e Tompson, desfilando por entre as nossos tropas e depondo as armas em presença do venerando duque de Caxias.

Duas mil e tantas almas estavam no forte, sendo 1.200 combatentes de differentes armas, cento e tantos officiaes e o resto enfermos, mulheres e crianças; 16 canhões, dos quaes 13 de calibre 68, 1 de 150, e 2 de menores proporções, muitas munições de guerra, bandeiras e torpedos cahiram em nosso poder, sendo distribuido pelas tres nações alliadas.

Foi o 1° regimento de artilharia a cavallo incumbido de tomar Angustura, o que fez, hasteando no seu mastro a bandeira brazileira e salvando-a com 21 tiros.

Logo após seguio o exercito alliado para Assumpção e fundearam junto á fortaleza todos os nossos transportes de guerra, para conduzirem os feridos, e depois muitos navios mercantes.

Com a rendição de *Angustura* e immediata tomada de Assumpção, terminou-se o periodo, que constitue uma das paginas mais brilhantes da historia da guerra e em que tanto resplandeceu o genio do immortal duque de Caxias, o valor e a abnegação dos que tiveram a gloria de servir sob seu commando nas memoraveis jornadas.

Ap

APA

E' o rio, que serve de linha divisoria da provincia de Mato-Grosso com a republica do Paraguay e por isso fronteira do Brazil.

E' formado de tres nascentes da cadeia dos montes Dourados, um pouco abaixo da colonia militar d'este nome, a 12 leguas a E. S. E. da de Miranda.

Corre a principio O. dez gráos N. até o forte de Bella-Vista e d'ahi voltando para O. vai com um curso pouco sinuoso banhar os fortins Bella-Vista, Santa-Margarida e Rinconada até ao Paraguay, com o qual confundem as suas aguas.

De 21 *de Abril a* 10 *de Maio de* 1867.

Quem estudar o mappa d'esta republica, melhor avaliará a grande extensão de territorio que teve de percorrer o exercito brazileiro para bater o inimigo nas innumeras posições que tomou, desde a confluencia do Paraguay com o Paraná até os confins do paiz, isto é, até o rio *Apa* nossa fronteira.

Ter-se-á tambem conhecimento da que foi feita pela columna expedicionaria da provincia de Mato-Grosso até a fazenda de Lopes, denominada Laguna, a tres e meia leguas d'aquelle rio, como tambem a da sua celebre retirada compromettida pela fome, falta de muições e pelo cholera morbus que ceifou tantas vidas, até o rio Aquidauana d'aquella provincia.

Póde-se asseverar, que os nossos bravos soldados luctaram com os maiores obstaculos, transpondo caudalosos rios, extensos banhados e tremedaes, e atravessando escarpadas cordilheiras, ás vezes perseguidos por aquelles males.

Foram tantos soffrimentos, que bem attestaram ao mundo as qualidades que os ennobrecem: o valor, a disciplina e o amor da patria.

A ambição de cooperar com as forças alliadas, que

se batiam em territorio paraguayo para vingar o ultrage lançado ao symbolo da nossa nação, foi a principal causa, que impellio o coronel Manoel Maria Camizão a operar simultaneamente pelo norte do Paraguay.

Depois de muitas marchas e de combater uma força inimiga em Machorra a 29 de Abril de 1867, chegou ao rio *Apa*, no angulo que fórma a ribeira denomidada Sombreiro a 20 de Abril, e dahi o transpoz a 21 e tomou o forte de Bella-Vista, que era a chave da região, em que estava, sem o menor prejuizo por ter sido abandonada pelo inimigo.

Para defender-se com mais vantagem de qualquer ataque, a ordem compacta foi a de marcha em territorio inimigo, a mais admissivel, á vista da extensão que tinha de percorrer e da possibilidade de ser surprehendido, formando na frente o corpo de infantaria da provincia de Goiaz.

A 14 de Maio a expedição chegou á Laguna, fazenda de Lopes, e a 6 bateu e derrotou a força inimiga.

Foi ahi, onde esperava encontrar recursos para o proseguimento das operações e não foram achados, que o coronel Camizão resolveu abandonar o seu plano, tendo retrocedido a 8.

A 9 chegou á fronteira do Paraguay e a 10 transpoz o *Apa*, sempre acompanhado pelo inimigo e por elle hostilisado diariamente.

Si na passagem d'este rio postasse a sua artilharia em uma esplanada que dominava-o, a expedição de Mato-Grosso, pagaria bem caro a invasão em seu territorio; entretanto foi feita sem resistencia e ás 9 horas do dia não havia mais soldado brasileiro do lado do paiz.

Todavia continuaram as hostilidades no nosso territorio, e para resistir a algum ataque marchou com a força em quadrado, tendo na frente a infantaria commandada pelo tenente-coronel Antonio Enéas Gustavo Galvão, a retaguarda a do major José Thomaz Gonçalves, á direita a do capitão Ferreira de Paiva e a da esquerda o corpo de caçadores do capitão Pedro José Rufino.

Toda esta força cobria as carretas, os doentes, as

mulheres e o pouco gado que tinha, e nos seus quatro angulos formou-se a artilharia, que se compunha de quatro baterias commandadas pelos distinctos capitães João Thomaz de Cantuaria, João Baptista Marques da Cruz, Napoleão Augusto Muniz Freire e Cesario de Almeida Nobre de Gusmão.

A 11 de Maio, ainda nas proximidades do rio *Apa*, tiveram de combater e derrotar o inimigo, que muito poderia ter feito, si tivesse inspiração, e pudesse avaliar os obstaculos que foram encontrados pela expedição.

No fim da campanha, a que foi destinada a operar ao norte do rio Jejuy e seu turno, teve de chegar á fronteira do *Apa*.

Quiz o Deus dos exercitos, que perto do lugar em que a columna de Mato-Grosso começou a sentir os effeitos de tantas calamidades, que a perseguiram por muito tempo, encontrasse o dictador Lopes, nas margens do Aquidaban, o termo da sua existencia.

Logo que o general Camara chegou á villa da Conceição, de sua excursão ao Aguaray-Guassú, fez seguir uma força, que foi confiada ao coronel Bento Martins de Menezes, para cortar a retirada de Lopes pela estrada de Dourados.

Para chegar a seu objectivo teve de passar pelo forte de Bella-Vista, onde encontrou vestigios do antigo acampamento da expedição de Mato-Grosso e de transpor o rio *Apa*.

Depois de marchar 8 leguas, tomou o rumo de leste, atravessou a cordilheira de Maracajú e seguio pela estrada de Chiriguelo, cortando assim o caminho para Dourados, que era o unico por onde o dictador Lopes poderia effectuar a sua premeditada evasão.

Por este prompto movimento, que tanto glorificou o nome do coronel Bento Martins e o tornou legendario, o inimigo teve de ficar completamente sitiado no seu acampamento do Aquidabaniqui e de esperar pelo golpe fatal.

Logo que se poz em marcha aquella columna, tambem para o mesmo fim, seguiu o general Camara com uma poderosa força em direcção ao forte de Bella-Vista, onde tendo recebido aviso por um enviado do coronel

Bento Martins, que o dictador havia abandonado a estrada de Dourados á vista das circumstancias que se deram, e ser internado pela de Chiriguelo com direcção ao Cerro-Corá, resolveu retroceder para bater o inimigo.

A rapidez das marchas, que se fizeram perto do rio *Apa*, e a promptidão da communicação sobre o ultimo movimento do exercito inimigo, foram os principaes factores da terminação da guerra.

APAMI

Torrente que desagua no Apa ; passa á uma legua do forte de Bella-Vista.

30 *de Abril de* 1867. Foi ahi, que acampou a expedição de Mato-Grosso e donde seguio a transportar o Apa para combater o inimigo em seu territorio.

Na occasião da sua celebre retirada, que tanto honrou a constancia e a resignação do soldado brasileiro, foi ainda, junto á mata da margem direita do *Apami*, que teve de acampar, para o que foi preciso reconstruir uma pequena ponte que servio de passagem aos officiaes, doentes e convalescentes.

APIPE'

Ilha situada no Alto-Paraná e até onde é possivel a sua franca navegação.

11 *de Julho de* 1866. A' vista da deliberação tomada em Tuyuti pela junta militar, composta dos generaes alliados, em sessão de 25 de Junho de 1866, determinou o commandante em chefe D. Bartholomeu Mitre, que o 2° corpo de exercito, commandado pelo tenente-general conde de Porto-Alegre e que estava no Alto-Paraná se incorporasse aos exercitos alliados n'aquelle lugar, afim de proseguirem as operações com mais brevidade, attento ao poder de sua força e a policia d'aquelle inclycto general, tantas vezes comprovada em differentes campanhas.

Para o seu transporte seguio do Passo da Patria uma esquadrilha commandada pelo capitão de mar e

guerra Torres Alvim, tendo chegado ás immediações da ilha *Apipé* a 11 de Julho, onde embarcou a força e transportou-a até o forte de Itapirú, seguindo parte por terra até o ponto denominado Corrales, na provincia de Corrientes, donde o exercito alliado fez a sua memoravel passagem para o territorio inimigo.

AQ

AQUIDABAN

Rio affluente do Paraguay.

Nasce na serra de Maracajú e bem assim o Aquidabanigui. Recebe as aguas de alguns arroios e dos rios Guassú e Negla e desemboca no Paraguay, acima da villa da Conceição.

De 9 *de Fevereiro a* 1 *de Março de* 1870.

Foi na margem esquerda d'este rio que a expedição, commandada pelo brigadeiro José Antonio Corrêa da Camara, pôz glorioso termo á guerra de cinco annos contra o governo do tyranno Lopes.

Si outros serviços de alta valia prestados por tão illustre general desde o começo da campanha contra o Estado Oriental do Uruguay sem a menor interrupção até o fim da do Paraguay, não tivessem accentuado os seus merecimentos e o collocado na plana dos generaes que com o gladio da victoria sempre conduziram triumphantes os nossos estandartes nas grandes operações, a famosa expedição ao norte do rio Jejuy seria bem sufficiente.

Foi devido a ella, que o sanguinario despota do Paraguay expiou os seus nefandos crimes, cahindo morto na margem esquerda do Aquidabanigui e ficou satisfeita da maneira a mais completa a alta missão dos exercitos alliados.

Depois das operações de Agosto de 1869, onde foram tomadas as posições da serra de Ascurra e a villa de Peribebuy, o dictador Lopes effectuou a sua retirada

para as grandes cordilheiras de Maracajú com o fim de executar o seu plano de evasão para a Bolivia.

Tendo reconhecido a superioridade do exercito brazileiro sobre todos os seus elementos, conveceu-se finalmente, que era impossivel contar com as suas armas para a sustentação da guerra e do seu poder absoluto e tyrannico.

O patriotismo e valor dos nossos soldados, a pericia dos generaes que os commandavam, a organisação do exercito para operar em cordilheiras, eram indisputaveis garantias para a desejada solução da causa da triplice alliança e golpe fatal e decisivo para elle.

Em taes condições só a evasão era o extremo recurso, que lhe restava e foi para cortal-o, que o general em chefe principe conde d'Eu fez seguir de Arecutaguá a 13 de Setembro de 1869 uma expedição ao mando do general Camara, para operar ao norte do rio Jejuy, tomando por base de suas futuras operações a villa da Conceição, na margem esquerda do rio Paraguay, e por objectivo o caminho que julgasse mais conveniente para o bom exito de sua missão.

Graças á celeridade das operações, que foi o principal caracteristico da expedição, e ao certo na sua direcção, o dictador Lopes teve a dolorosa convicção de conhecer, que todos os caminhos tinham sido tomados e que a existencia de seu poder estava a chegar a um termo fatal.

Vio-se pois obrigado a tomar a estrada de Chiriguello, que corta a serra e a seguir para o Cerro-Corá.

Depois da expedição do Aguaray-Guassú e á vista das primeiras noticias recebidas sobre a marcha de Lopes, o general Camara resolveu batel-o em qualquer lugar em que fosse encontrado.

Para esse fim marchou da Conceição a 9 de Fevereiro com destino á Bella-Vista, forte sobre o rio Apa, fronteira dos dois paizes, onde esteve e deu as instrucções necessarias ao distincto coronel Bento Martins de Menezes, que logo marchou do mesmo ponto para tomar o caminho de Dourados, fazendo um prompto movimento que tanto influio para a solução da guerra.

A força do general Camara compunha-se de 6 bocas de fogo, 5 batalhões de infantaria, 4 corpos de cavallaria, dos quaes dois ficaram na Conceição para defender a sua linha de communicação com Bella-Vista.

A seu turno marchou a 13 a divisão commandada pelo distincto coronel Antonio da Silva Paranhos, para occupar os passos do rio Negla, por onde Lopes talvez tentasse transpol-os, e aguardar as forças do general Camara.

Tendo depois em Bella-Vista recebido communicação do coronel Bento Martins, noticiando que Lopes havia abandonado a estrada de Dourados e passára a do Chiriguello, onde acampára no campo do Aquidabanigui, noticia que logo foi confirmada por passados paraguayos, retrocedeu sobre o Negla para fazer juncção com as forças do coronel Paranhos.

Foi ahi, que soube pelo passado tenente-coronel Salalinde, prisioneiro feito pelo autor d'este diccionario, em Peribebuy, tendo depois se evadido, que Lopes ignorava sua marcha.

Para garantir a sua linha de communicação entre os rios Guassú, Negla e a villa da Conceição, deixou a força necessaria.

Por estes dispositivos o inimigo ficou completamente sitiado.

Quem observar o mappa do theatro das ultimas operações não poderá deixar de concluir, que o plano do general Camara foi perfeitamente traçado e executado e que as inspirações de Sua Alteza encontraram n'elle o mais fiel interprete.

Ambos souberam honrar a sua patria, que os acolheu como seus benemeritos.

Attenta a natureza do terreno em que tinha de operar, todo cortado de picadas, o general Camara reduzio a sua força para combater, confiando o commando da vanguarda ao que foi o seu constante e efficaz auxiliar nas ultimas operações, ao infatigavel coronel Silva Tavares.

Tendo chegado ao rio Guassú, affluente do *Aquidaban*, além do Passo Barreto, fez seguir o bravo tenente-coronel Francisco Antonio Martins com o 9° batalhão de

infantaria commandado pelo distincto major Floriano Peixoto, bem como os clavineiros do 1°, 18°, 19° e 21° corpos da guarda nacional para o passo Tacuaras, afim de bater a força inimiga que o defendia.

Sendo a extensão que tinha de percorrer só cortada por estreitas picadas abertas na selva de Maracajú, foi preciso fazer marchas forçadas, pelo que conseguio, ao romper do dia 1° de Março, surprehender e derrotar aquella força, que nem tempo teve de empregar a sua artilharia.

De posse de tão importante posição, o general Camara, que já tinha feito juncção com as forças da frente, ordenou, que um esquadrão de cavallaria se mascarasse na mata que precede o *Aquidaban* e ahi esperasse pela reunião de todos os meios, afim de ir procurar o inimigo em seu ultimo acampamento.

D'aquelle esquadrão destacaram-se seis soldados para vigiar o que elle alli fizesse.

A ignorancia de Lopes de tudo quanto se havia passado, tão extranhavel á vista da critica situação em que se achava, foi o que mais concorreu para que de nossa parte houvesse pouco sacrificio de vidas.

De posse de tódos os recursos o general Camara ordenou que o inimigo fôsse atacado na mata e no passo do *Aquidaban*, onde estava com tres boccas de fogo.

Antes, porém, de realisar-se a operação, foi apresionado um ajudante de Lopes, que tinha ido tomar informações da guarda do passo de Tacuaras, porque tinha deixado de mandar a parte do serviço, e logo após foram batidos dois majores e onze praças que iam rendel-a, pelos nossos seis soldados que estavam de vigia.

A impaciencia de Lopes por noticias o levou, na madrugada de 1° de Março, a ir ao passo do *Aquidaban*, donde logo voltou ao seu acampamento, muito contrariado e ignorando que bem perto estavam os bravos soldados, que haviam de coroar os esforços das nações alliadas pela mais legitima das causas, libertar do seu dominio a população paraguaya e conquistar os louros da mais expressiva victoria.

Para cumprimento da ultima operação os clavineiros do tenente-coronel Martins internaram-se pelo mato com

o fim de occupar a barranca do rio á direita do passo, e a infantaria do major Peixoto marchou em direcção á esquerda para occupar as ribanceiras, ficando assim em posição de fazer convergir seus fogos sobre os canhões do inimigo.

A seu turno a brigada do destemido coronel Silva Tavares, composta do 19° e 21° corpos de cavallaria da guarda nacional, do extremo da picada esperou pelo toque de avançar e a columna de infantaria sob o mando do coronel Paranhos ficou servindo de apoio

Dado o signal de ataque, os nossos bravos soldados romperam o fogo sobre a artilharia inimiga.

Os lanceiros, clavineiros e a infantaria precipitando-se no rio, cahiram sobre o inimigo, o destroçaram completamente e lhe tomaram o passo.

Logo após o denodado coronel Silva Tavares, com o seu estado-maior, o major José Simeão de Oliveira, alguns clavineiros e soldados de infantaria, marcharam em sua perseguição.

Com a chegada d'estes bravos á planicie do Aquidabanigui, em cujo centro estavam as forças inimigas, o dictador Lopes abandonou o seu acampamento, sendo logo conhecido pelo proprio coronel Silva Tavares na occasião em que seguia o rumo do mato que margeia o arroio d'aquelle nome.

Vendo a nossa pequena força perto de si, fez frente para ella, estando com a espada levantada e afim de protegel-o, varios officiaes e soldados correram para o seu lado ; foi então que os nossos soldados fizeram-lhe fogo, e o viram entrar no mato montado em seu cavallo.

O general Camara, chegando logo após ao campo da acção e sabendo da direcção que o dictador tinha tomado, seguio para aquelle lugar.

Na sua encosta encontrou-se com o major José Simeão, que lhe apontou o caminho que tinha tomado e a quem deu ordem para ir apossar-se do seu archivo.

Em seguida entrou tambem no mato com o fim de aprisional-o ou dar-lhe a morte no caso de resistencia.

A poucos passos de distancia, foi quando bem soube do lugar em que elle estava, por ter-se encontrado com

dois nossos clavineiros, que lhe disseram tel-o visto cahir ferido, devido ao fogo que lhe fizeram.

A historia infelizmente não menciona o nome d'aquelles dois bravos, que, tendo-se separado de seus corpos, foram, com o maior heroismo, em busca do sanguinario tyranno para dar-lhe a morte.

A natural confusão que se deu, justificada pelo inesperado acontecimento e suas consequencias, foi a causa da sensivel falta da sua inscripção nas paginas da nossa historia.

Dirigindo-se o general Camara para o arroio que estava proximo, avistou o dictador cahido na barranca, com o corpo apoiado sobre a mão esquerda, a espada na direita e os pés n'agua.

Foi n'esta posição que o general Camara intimou a Lopes, que se rendesse e entregasse a espada, que lhe garantia a sua vida.

O tyranno respondeu atirando-lhe um golpe com ella, dizendo-lhe que não a entregava e que morria pela patria.

Foi então desarmado e logo após déra o ultimo sopro da vida, apressado por um tiro disparado da margem opposta.

O seu corpo foi levado pelos nossos soldados ao acampamento e sepultado ao lado de sua tenda e a sua espada remettida a S. M. o Imperador.

Assim foram os ultimos momentos do homem, que exerceu o mais barbaro despotismo sobre um povo digno de melhor sorte e impoz aos povos alliados os maiores sacrificios.

O numero de prisioneiros foi superior a 300, estando entre elles os generaes Resquin e Delgado, tendo sido aquelle o commandante da columna que invadio por terra a provincia de Mato-Grosso, 4 coroneis, 8 tenente-coroneis, 19 majores, 3 medicos, 8 padres, 1 escrivão, a celebre Mme. Linch e 4 filhos.

Foram encontrados entre os mortos: o ministro Caminos, o vice-presidente Sanches, os coroneis Delvalle e Lopes, filho mais velho do dictador, e muitos officiaes superiores e subalternos.

O nosso prejuizo foi apenas de 7 homens feridos.

Cahiram tambem em nosso poder 16 bocas de fogo, 2 estandartes e grande quantidade de armamento e munições.

O que tambem muito contribuio para augmentar o brilho de nossas armas foi a salvação da vida da mãi e irmãs de Lopes.

Este tyranno, em cujo coração se aninhavam os mais perversos sentimentos, tinha sentenciado á morte aquellas desventuradas creaturas.

Quiz a Divina Providencia, que ellas se salvassem do destino cruel a que estavam reduzidas e fôssem restituidas á liberdade pelas nossas armas.

O feito do Aquidaban foi pois o epilogo da mais agigantada guerra, que tem havido no nosso continente.

Com a imparcialidade que deve ter o historiador, o general Camara tornou-se o principal heróe de tão grandioso feito, porque conseguio levar a cabo tão melindrosa operação com pasmo de todos.

Foi pois elle, que mais directamente fechou de um modo completo e inesperado a alta missão confiada pelas nações alliadas aos seus valentes exercitos.

Entretanto grande quinhão das glorias do dia fôram brilhantemente conquistadas pelo denodado coronel Silva Tavares.

A sua perseguição tenaz e incansavel contra as forças inimigas desde que pisou na villa da Conceição, e a pericia na direcção das forças em todos os successivos combates, como commandante da vanguarda da columna expedicionaria, são factores, que o collocam em logar saliente entre os que serviram sob o commando do invicto general Camara.

Em logar tambem distincto está o coronel Bento Martins de Menezes, pela rapidez com que executou o movimento que determinou o sitio do dictador e de seu exercito nos campos do Aquidabanigui, tendo conseguido tomar a entrada da picada no dia 2 de Março.

Si outros serviços por elle prestados á causa nacional não fôssem bastantes para ser tido como um dos chefes que mais honrou o nome brazileiro, bastaria aquelle para ser classificado como tal e merecer os applausos da nação.

O tenente-coronel Francisco Antonio Martins, majores Floriano Peixoto, José Simeão de Oliveira e Francisco Marques Xavier, commandante dos bravos clavineiros do 1° corpo provisorio, e o capitão Pedro José Rodrigues deram os maiores exemplos de bravura, que fôrem imitados pelos seus commandados.

Si a sorte da guerra fez com que fôssem aquelles distinctos officiaes os que na occasião mais directamente contribuiram para a terminação da guerra; manda a justiça da historia, que bem mereceram da patria o marechal de campo Victorino José Ribeiro Carneiro Monteiro, commandante das forças ao norte do rio Manduvirá, com o seu quartel general na villa do Rosario, pelas acertadas providencias que deu para que não faltassem os meios de sustento e de mobilidade aos triumphadores do *Aquidaban*.

Os coroneis Antonio da Silva Paranhos e Frederico Augusto de Mesquita, tenentes-coroneis José Maria Guerreiro Victoria, Francisco Bibiano de Castro e major José Clarindo de Queiroz e outros tambem prestaram relevantes serviços não só em relação ao ultimo feito, como nas operações ao norte do Jejuy.

Com a morte do dictador Lopes fôram coroados de um modo completo os esforços das nações alliadas, pela mais legitima das causas.

Ellas ufanaram-se de ter mandado ao campo da honra os seus bravos soldados e de receber de suas mãos os louros da victoria.

AQUIDAUANA

Rio da provincio de Mato-Grosso.

Nasce na serra de Maracajú e despeja as suas aguas no Paraguay depois de tomar o nome de Miranda.

11 *de Julho de* 1867.

Foi no porto do Canuto, na margem esquerda do *Aquidauana*, que a 11 de Junho de 1867 a expedição de Mato-Grosso descansou da sua celebre retirada da Laguna, além do rio Apa.

Ella constitue um dos factos, que mais honram ao paiz, porque todos os soffrimentos, que a acompanharam, fôram heroicamente supportados pelos que a compunham, sempre animados pelo amor da patria.

Entre as celebres retiradas, que a historia consagra como dignas de admiração, distinguem-se a dos dez mil, sob o commando de Xenophonte, a de Moscow e outras, por ter havido um heroismo que nunca pôde ser excedido.

A da nossa expedição, sempre perseguida pelo inimigo e muitas vezes pela fome e pelo cholera-morbus, durante 35 dias que gastou em percorrer 39 leguas, não póde deixar de ser considerada celebre como aquella que tanto honraram os grandes cabos que as dirigiram.

Si pelo sul do Paraguay o soldado brazileiro marchou victorioso e dando provas de inexcedivel valor, os que combateram no norte supportaram os mais multiplicados perigos e soffrimentos, com a mais exemplar resignação.

O religioso cumprimento do dever sacrificou o chefe que a commandava, coronel Carlos de Moraes Camizão, o seu immediato tenente-coronel de engenheiros Juvencio Manoel Cabral de Menezes e os dous celebres guias José Francisco Lopes e seu filho mais velho.

Foi o velho Lopes o que mais serviços prestou á expedição, não só quando marchou para evadir o Paraguay, como na retirada.

Era natural do Piumhy em Minas-Geraes e proprietario da estancia denominada Jardins, á margem direita do rio Miranda e a 16 leguas do Apa, onde residia.

Quando os Paraguayos invadiram a provincia de Mato-Grosso, a sua familia inteira cahio em poder dos invasores.

A louvavel ambição de libertal-a e o conhecimento que tinha de todo o territorio do sul d'aquella provincia e norte do Paraguay, onde viveu por alguns annos, o impelliram a offerecer-se como pratico ao commandante das forças.

Por muitas vezes salvou-as da fome, fornecendo o gado da sua estancia e guiou-as por caminhos nunca dantes

transitados, para livral-as da constante perseguição do inimigo.

Nos combates que tiveram de sustentar, era o velho Lopes quem mais dava exemplos de valor e influia para a victoria de nossas armas.

Era um homem decidido na acção, mas de bom conselho e expedientes inesperados.

Quiz a sorte que elle tivesse a fortuna de tornar a ver seu filho mais velho, que foi feito prisioneiro pelo inimigo por occasião da invasão, e se salvara fugindo do lado da villa da Conceição.

As lisongeiras noticias que deu ao coronel Camizão, sobre o estado das forças e posições inimigas do lado do Apa, foram as que determinaram a invasão do solo paraguayo.

Tornou-se pois auxiliar de seu pai, prestando serviços importantes em muitas situações, pelo que gosava entre todos da maior consideração e estima.

A Divina Providencia, que parecia ter-se alliado á causa do inimigo, fel-o cahir morto pelo cholera morbus, bem como no dia 27 de Maio seu pai, que foi enterrado na margem do rio Miranda, na sua estancia, onde o viandante encontrava agasalho e abundancia de tudo.

Não satisfeita com estes profundos golpes, que fez soffrer a columna expedicionaria, aggravou as calamidades que sentio, fazendo aquelle flagello roubar-lhe o seu chefe, o coronel Carlos Camizão, e seu immediato tenente-coronel Juvencio de Menezes, mortos a 29 do mesmo mez e sepultados na margem esquerda do rio Miranda, em frente á sepultura de Lopes.

A despeito de tão grandes prejuizos os nossos bravos soldados não se deixaram desanimar e com a mais serena resignação chegaram a 11 de Junho ao termo de seus soffrimentos, ao *Aquidauana*, sob o commando do tenente-coronel José Thomaz Gonçalves, que tanto influio, pela confiança que soube inspirar, sobre a brilhante conducta que tiveram.

Elle resumiu o que fez a expedição com a seguinte expressiva ordem do dia publicada a 12 de Junho :

« A vossa retirada effectuou-se em bôa ordem, no

meio das circumstancias mais difficeis. Sem cavallaria contra o inimigo audaz que a possuia formidavel, em planicies em que o incendio da macéga continuamente acceso ameaçava devorar-vos e vos disputava o ar respiravel, extenuados pela fome, dizimados pelo cholera que vos roubava em dois dias o vosso commandante, o seu substituto e ambos os vossos guias, todos estes males, todos estes desastres, vós os supportastes no meio de uma inversão de estação sem exemplo, debaixo de chuvas torrenciaes, no meio de tormentas e atravez de immensas inundações, em tal desordem da natureza que ella propria parecia declarar-se contra vós. Soldados, honra á vossa constancia que conservou ao imperio os nossos canhões e as nossas bandeiras.»

AR

ARAÇA'

Peninsula á margem esquerda do rio Paraguay.

1 *e* 2 *de Maio de* 1868.

A occupação do Chaco, perto da praça de Humaytá, era indispensavel para a sua quéda, porque d'ella estava dependente o proseguimento das operações e o termo da guerra.

Para esse fim determinou o duque de Caxias, que duas expedições, partindo de pontos oppostos áquella fortaleza, se transferissem para o Chaco, e fechassem o sitio, unica operação de exito seguro na occasião.

De Curupaity seguio a 1° de Maio a columna argentina commandada pelo general D. Juan Rivas, e effectuou o desembarque em Andai, bôa posição para a defensiva por estar protegida por lagôas e estreitos albardões.

A nossa, commandada pelo coronel João do Rego Barros Falcão, destinada a operar simultaneamente, compunha-se do 1°, 3°, 7°, 8° e 16° batalhões de infantaria, commandados pelo tenente-coronel João Antonio de Oliveira Valporto, majores Antonio Pedro de Oliveira, Genuino Olympio de Sampaio e tenentes-coroneis Hermes

Ernesto da Fonsecca e Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, a commissão de engenharia dirigida pelo capitão Julio Anacleto Falcão da Frota, auxiliada por um contingente do batalhão de engenheiros e uma bateria de 4 peças de campanha, guarnecida por artilheiros allemães, sob o commando do capitão Amphriso Fialho.

Na noite de 1° de Maio a nossa expedição marchou do acampamento de Pare-cuê, para o forte do Estabelecimento, e dahi passou para a peninsula do *Araçá*, onde embarcou nos encoraçados *Bahia*, *Barroso*, *Tamandaré* e monitores *Rio-Grande* e *Pará*, navios que effectuaram a celebre passagem de Humaytá, sob o commando do capitão de mar e guerra Delfim de Carvalho.

Na madrugada de 2, a nossa columna seguio a cumprir sua perigosa missão.

Ao approximar-se o *Bahia*, que fazia a vanguarda, e era commandado pelo capitão-tenente Silveira da Mota, foi recebido por nutridas descargas de fuzilaria, feitas pelos Paraguayos, que estavam nos matos e intrincheirados ao longo da praia com os flancos apoiados.

A despeito d'esta resistencia a 4ª e 8ª companhias do 3° batalhão, formando um contingente sob o mando do capitão Luiz dos Reis Falcão, effectuou o desembarque debaixo de nutrido fogo, explorou a mata do rio em direcção perpendicular á margem do rio, afim de tomar posições para os batalhões, que tambem com presteza estavam desembarcando.

A força exploradora, com o maior denodo conquistou palmo a palmo o terreno, cortou o fio telegraphico, que ia pela estrada do Timbó á Humaytá, e carregando sobre o inimigo, conseguiu tomar-lhe o fosso.

Logo após, e acima d'esta posição desembarcaram o 8°, 16°, 1° e o resto do 3° e mais tarde as companhias d'este 2ª e 6ª e o 7° batalhão.

Tendo encontrado muita resistencia a nossa força que operava sobre o flanco direito do inimigo, o bravo coronel Hermes da Fonseca mandou um reforço do 8° batalhão que commandava, rechassal-o e tomar a sua posição, o que conseguio, tendo n'esta operação se distinguido

o 2º sargento Armindo José de Oliveira, que foi gravemente ferido.

Ao tempo em que se praticavam estes combates parciaes, o 16º batalhão sobre o flanco esquerdo do inimigo, por sua vez batia-o, obrigando-o a evadir-se para o Timbó e Humaytá.

Foi d'ahi por diante que começou a tornar-se saliente o destemido tenente-coronel Tiburcio de Souza.

Na frente da ala direita do seu batalhão foi para o lado do Timbó, á direita do ponto de desembarque e conseguio repellir o inimigo até o riacho Guaycurú, onde deixou uma força para sustentar a posição conquistada, ficando de protecção parte do 3º batalhão.

Em seguida marchou na da ala esquerda, e explorou do lado de sudoeste uma lagôa, que ficava em frente ao desembarque, sendo então começados os trabalhos do intrincheiramento pelo capitão Falcão da Frota.

O inimigo, para retomar a posição conquistada perto do arroio Guaycurú, fez romper um forte tiroteio, mas, tendo immediatamente seguido o tenente-coronel Tiburcio com quatro companhias e fortalecido a linha de combate, conseguio fazel-o retirar em precipitada fuga, depois de uma hora de nutrido fogo.

E porque fôsse provavel, que voltasse á carga, o coronel Barros Falcão enviou mais um contingente de infantaria e um canhão, dirigido pelo capitão Fialho.

De facto o inimigo voltou a carregar com mais forças, mas teve a mesma sorte, devido ás nossas nutridas descargas de fuzilaria e metralha.

N'esta occasião foi gravemente ferido o bravo capitão Fialho.

A' vista do cansaço das forças que combateram por tanto tempo, retirou-se o tenente-coronel Tiburcio, entregando a posição conquistada ao tenente-coronel Hermes da Fonseca.

Por todas as operações ficaram os flancos da nossa columna completamente varridos e construidas as obras de defesa e segurança no logar do desembarque, que tornou-se base accidental.

Ella ficou acampada em um intrincheiramento com

um reduto em cada flanco, tendo á sua frente palissadas e abatizes e um grande banhado, e á retaguarda o rio Paraguay.

O inimigo deixou no campo 105 mortos e ficou em nosso poder um prisioneiro.

Tendo sabido o coronel Barros Falcão, que a força argentina estava abaixo da posição que a nossa occupava, por ter sido vista por um dos monitores que rondava o rio, fez seguir o 3° batalhão para communicar-se com ella pelo rio e o 7° por terra.

Tendo este porém a 300 braças da extrema esquerda do nosso acampamento, deparado com uma trincheira inimiga, construida dentro da mata, e com duas bocas de fogo que enfiavam a estrada por onde tinha de marchar, e approximando-se a noite, retirou-se ás 6 horas da tarde, para operar no dia immediato.

O inimigo porém, contando que n'esta operação ficaria entre os fogos das duas columnas, abandonou a posição, levando os seus canhões, mas deixando-nos muitas munições, e assim ellas se communicaram no mesmo dia.

Por ter sido reconhecida a superioridade da posição Andai aos fins que tinha em vista, a nossa n'ella acampou, construio novas obras sobre o seu flanco direito, e no dia immediato fez o inimigo soffrer outra derrota, quando tentou tomal-a de assalto.

Foi em tal posição, que assumio o commando da nossa expedição o general Jacinto Machado Bitencourt, por ter adoecido o coronel Barros Falcão.

O plano do duque de Caxias, em relação ao sitio de Humaytá, encontrou a solução nas operações de 1 a 4 de Maio.

O ultimo abrigo a que refugiou-se grande parte do exercito inimigo, depois de ter-nos abandonado as suas posições fortificadas, ficou impossibilitado de receber recursos pela unica via de communicação que lhe restava.

Era pois inevitavel a sua quéda e a rendição de sua guarnição.

ARECUTACUA'

Porto na margem esquerda do rio Paraguay, a duas leguas abaixo da confluencia do rio Manduvirá e a duas horas de viagem de Assumpção.

De 9 de Setembro a 13 de Outubro de 1869.

As victorias conquistadas pelo nosso exercito, no mez de Agosto de 1869, auxiliado por uma divisão argentina sob o mando do coronel D. Luiz Maria Campos, affirmaram a capacidade de Sua Alteza o principe conde d'Eu.

Os soldados que combateram tiveram uma conducta sobremodo honrosa, pelo valor que ostentaram e resignação que supportaram.

Elles sabiam, que o territorio do norte da republica, para onde Lopes tinha se dirigido com mais de 5.000 homens e 22 bocas de fogo, era de natureza a exigir maiores sacrificios, attenta a difficuldade de locomoção dos pesados trens de guerra por onde tinham de ser transportados os necessarios recursos.

Contavam, que a fome por vezes os acompanhassem, mas nada pôde abater o amor da patria, o principal elemento de sua força, sempre levada ás raias do heroismo.

Tendo cahido em nosso poder, a 18 de Agosto de 1869, a importante villa de Caraguatahy, onde Lopes estivera na manhan d'esse dia e depois sahira para a serra de Maracajú, Sua Alteza traçou o plano das futuras operações e passou a dar-lhe immediata execução.

Mandou explorar o rio Manduvirá, affluente do Paraguay, e para ahi fez seguir o 1° corpo de exercito commandado pelo general José Luiz Menna Barreto, e a 4 de Setembro foi reunir-se a elle com a 2ª divisão de cavallaria, uma ala do batalhão de engenheiros e 12 bocas de fogo, tendo feito juncção a 7 no porto de Gonzales, á margem esquerda d'aquelle rio.

Sendo acanhado este lugar para o acampamento de todas as forças, e havendo falta de pasto para os animaes, transferio-se para o porto de *Arecutacuá*, onde chegou a 9, e a 11 a divisão do general Camara.

Para melhor proseguir na sua gloriosa missão ahi

deu descanso aos combatentes, ordenou o pagamento de seus vencimentos e fardamento, e reunio todos os elementos para a sua campanha ao norte e sul do rio Jejuy, tomando por bases de operações as villas do Rosario e da Conceição.

E porque era indispensavel sustentar o dominio das armas alliadas nas regiões de leste da republica, incumbio d'esta missão, emquanto fôsse necessario, o 2º corpo do exercito commandado pelo marechal Victorino Monteiro; tomando por objectivos Villa-Rica e São-Joaquim.

A 20 de Setembro, Sua Alteza embarcou ás 10 horas da manhan no vapor *Conde d'Eu*, e nos mais que formavam a esquadrilha as forças de seu commando, tendo desembarcado no dia immediato na barra do rio Cuarepoty, á pouca distancia da villa do Rosario, onde chegou á uma hora da tarde.

A' testa de uma columna composta da 5ª e 10ª brigadas de cavallaria e de 12 boccas de fogo, ficou o general Camara em *Arecutacuá*.

Para operar ao norte do rio Jejuy, Sua Alteza ordenou-lhe, que, reforçada com 7ª brigada de infantaria, batesse e apprehendesse todas as forças que existissem nos differentes pontos da sua região, tirasse-lhes todo o gado que se achasse accumulado e obstasse, que Lopes conseguisse a sua retirada para os confins septentrionaes da republica.

Foram estas sabias instrucções, que bem comprehendidas pelo general Camara, que lhe serviram para o traçado do plano de suas operações e que tanto fez resplandecer as suas qualidades militares.

Para cumprimento de sua gloriosa missão a columna expedicionaria embarcou a 13 em *Arecutacuá* e desembarcou a 16 de Outubro na villa da Conceição.

A fortuna guiára depois o general Camara ao Aquidaban, onde o sangue do dictador Lopes sellou a terminação da prolongada guerra.

AREGUÁ

Pequeno povoado, por onde passa a estrada de ferro de Assumpção á Villa-Rica.

Foi fundado em 1538 e consta de tres quarteirões unidos por uma varanda sustentada por pilastras como é uso em todo o Paraguay.

Está collocado em uma eminencia, da qual se avista grande parte da lagôa Ipacaray e a cordilheira de Ascurra.

Tem uma estação da estrada de ferro.

4 e 22 de Maio de 1869.

Para emprehender-se a campanha contra o inimigo, que tinha n'esta cordilheira o seu acampamento, determinou o principe conde d'Eu, que uma força das tres armas, commandada pelo coronel João Nunes da Silva Tavares, fosse reconhecer aquella posição que denominava a estrada de ferro, e os povoados adjacentes, como *Areguá* e Itaguá.

Ella compunha-se dos corpos 19 e 21 de cavallaria, dos batalhões 10 e 50 de infantaria, de uma bateria do 1° regimento de artilharia a cavallo, commandada pelo autor d'este diccionario, e de uma commissão de engenharia dirigida pelo capitão Catão Augusto dos Santos Roxo.

Depois de tres horas de marcha d'esta expedição, chegou a 4 de Maio ao povoado de Areguá, e ás 10 horas da manhan á importante villa de Itaguá, que estava deserta.

Foi d'esta posição que bem ficou conhecido o acampamento de Ascurra, em que estava Lopes e seu exercito.

No entroncamento das estradas sobre a ponte de Patino-cuê, o coronel Silva Tavares deixou um força das tres armas afim de garantir a retaguarda da columna na sua marcha para Itaguá.

Tendo cumprido a sua missão sem encontrar resistencia, regressou ao meio-dia e incorporou-se ao exercito, que estava junto ao arroio Jequery, meia legua distante da villa de Luque, que tornou-se segunda capital da

republica, quando Lopes vio-se obrigado a abandonar Assumpção.

Foi este reconhecimento, que determinou a marcha dos exercitos para a villa de Pirajú, onde se fez a juncção de todos os elementos.

O 1° corpo, sob o commando interino do general José Luiz Menna Barreto, o quartel general do commando em chefe, o batalhão de engenheiros, o 1° regimento de artilharia e o 1° batalhão da mesma arma, marchou a 22 de Março, tendo acampado junto ao outeiro de *Areguá* e chegado a 26 ao seu objectivo sem ter encontrado opposição.

O 2° corpo moveu-se simultaneamente, occupando os lugares que tinham sido deixados e como aquelle acampou tambem em *Areguá*.

As difficuldades que se erguiam para levar o exercito alliado ás agruras das serras e ás brenhas e emboscadas, onde o dictador Lopes desde muito premeditára a resistencia, foram superadas pela grande pericia de Sua Alteza, pela sua prodigiosa actividade, no curto espaço de um mez, pois, tendo assumido o commando em chefe dos exercitos alliados a 16 de Abril de 1869, na villa de Luque, a 22 de Maio marchava em busca de um triumpho difinitivo, em que ficasse firmada a paz e a liberdade das quatro nações, que com tantos sacrificios e perseverança, sustentaram a mais gigantesca luta.

O Deus dos grandes exercitos concedeu-lhe a realisação de sua suprema aspiração e attestou, que a guerra do Paraguay foi uma missão providencial.

AS

ASCURRA

Ramal para oeste da cordilheira central, que atravessa o Paraguay em toda a sua extensão na altura de 25 gráos latitude sul.

Divide-se em tres series de montanhas, que formam os valles de Pirajú, Peribebuy e Manduvirá.

De 26 *de Maio a* 15 *de Agosto de* 1869.

Não poderia o marechal Lopes encontrar melhor posição para a defensiva depois das derrotas, que soffreu em Dezembro de 1868, do que a cordilheira de Ascurra, tambem chamada pequena cordilheira em relação á de Maracajú.

Esta nova e difficil phase da guerra, que tantos embaraços crêa aos atacantes, foi a que lhe servio para conservar por mais tempo o seu poder tyrannico sobre o infeliz povo paraguayo.

Graças a pericia de Sua Alteza, os seus bravos guerreiros fizeram tremular a nossa insignia nos cerros os mais elevados, depois de marcharem por valles, brejos e florestas.

Foi em *Ascurra*, que o dictador Lopes estabeleceu o seu exercito de mais de 13.000 homens e 26 bocas de fogo, ordenou o recrutamento dos ultimos que podiam pegar em armas, concentrou todos os recursos e material de guerra que ainda existiam em Villa-Rica e em Cerro-Leon, e fundou em Caacupé, á pequena distancia, um arsenal de guerra, em que semanalmente podiam ser fundidos tres canhões.

Para tornar impossivel a subida principal ao seu acampamento, collocou na base da serra 4 divisões de infantaria; a 1ª com quatro batalhões, a 2ª com sete, a 3ª acima de Ascurra, onde elle tinha a sua residencia, com quatro, e a 4ª com dois batalhões, no lado contiguo do Cerro-Leon, antigo acampamento, onde no comêço da guerra passava revista ás suas tropas, que ahi recebiam a instrucção.

Tinha mais 3 regimentos de cavallaria e na entrada da estrada picada 7 bocas de fogo que a defendiam.

Todas as mais subidas, que levavam a vertente oriental, eram muito difficeis, estreitas, semeadas de pedras e tendo precipicios de lado á lado.

Foi n'esta importante posição, que Sua Alteleza o princide conde d'Eu encontrou o inimigo e foi batel-o um mez depois de haver assumido o commando em chefe das forças brazileiras, fazendo-as marchar de Luque e Juquery para Pirajú, importante villa sobre a estrada de

ferro, em frente ao acampamento de Ascurra, e tomal-a para servir de ponto inicial das futuras operações.

Para bem conhecer a posição inimiga e os obstaculos a vencer no caso de ser atacado pelo lado do valle de Pirajú, Sua Alteza fez varios reconhecimentos, sendo o 1º a 26 de Maio e sempre com a brigada de infantaria commandada pelo valente coronel Manoel Deodoro da Fonseca, tão vantajosamente conhecido em todo o exercito como um dos mais experimentados chefes.

Foram elles e os depoimentos de alguns prisioneiros, sendo os mais expressivos o de D. Cirillo Rivarolla, que foi advogado em Assumpção e esteve encarcerado por mais de cinco annos por causa das suas idéas affeitas á liberdade, tendo sido tirado das prisões para combater como primeiro sargento na campanha das cordilheiras, que fizeram Sua Alteza marchar com os exercitos para o lado de leste, afim de contornar o inimigo pela picada de Sapucahy, que vai ter ao povoado de Valenzuela e se liga á estrada de Peribebuy, a terceira capital da republica e defesa do acampamento de Ascurra pela retaguarda.

Sua Alteza, com o tino que lhe era peculiar, e a exemplo dos grandes generaes, como o de Napoleão o grande na campanha de 1796 na Italia, bem fez em não atacar de frente o inimigo, quando estivesse fortificado.

Pelas marchas de flanco pôde conquistal-as e levar o dictador Lopes de vencida até o fim do seu paiz.

Pela posição em que elle estava foi-lhe possivel vêr, que a bandeira tricolor da sua nação tambem tremulava entre as dos exercitos alliados, no acampamento do Pirajú.

Eram os Paraguayos que tinham-se passado e outros prisioneiros, que espontaneamente formaram uma legião com o fim de concorrer com elles á pacificação de sua patria.

O sentimento do dictador foi profundo, e considerando como uma grande afronta, dirigio de *Ascurra*, á 29 de Maio, uma nota a Sua Alteza protestando solemnemente contra aquelle acto e pedindo para que a insignia, que elle viu flamejar entre as nossas, fosse-lhe entregue

no dia immediato nas linhas avançadas, sobre pena de immolar os prisioneiros que tiveram a desgraça de cahir em poder de suas armas.

Sua Alteza deixou de attendel-o por considerar que a guerra que se sustentava nunca tivera fins hostis á existencia da nacionalidade paraguia, justificando por este modo a conducta dos que tinham-se manifestado desejosos de cooperar para a sua redempção.

Graças á rapidez das operações, a sua ameaça não foi posta em pratica, e assim muitos prisioneiros, que soffreram as maiores miserias, puderam ser libertados.

A tomada de *Ascurra* não se fez muito esperar, porquanto, tendo os exercitos marchado de Pirajú a 1° de Agosto, ficando uma grande columna para defender Assumpção e garantir a estrada de ferro, a 12 tomava a villa do Peribebuy, que era a terceira capital da republica e a 14 a dictador Lopes com toda a sua gente e 24 bocas de fogo abandonava a sua posição pela impossibilidade de resistir, cahindo assim a 15 em nosso poder.

Logo que Sua Alteza teve conhecimento da retirada do dictador Lopes, feita contra toda a espectativa, ordenou, que o capitão de engenheiros Catão Roxo e um regimento de cavallaria seguissem immediatamente por Ascurra para communicar-se com a planicie de Pirajú, ordem que foi cumprida e pela qual ficou completamente franca a nossa linha de communicações com a estrada de ferro.

Mais tarde, quando Sua Alteza preparava o exercito em Arecutacuá para operar na zona sepentrional da rupublica, onde estava o dictador Lopes, teve a opportunidade de subir a serra de *Ascurra* pelo lado de Pirajú, quando foi inspccionar todas as forças de seu exercito, que estavam em differentes posições.

Foi então, que Sua Alteza viu, que a passagem para ella chegar achava-se defendida por uma trincheira, mas que o verdadeiro valor da defesa estava n'uma subida de mais de meia legua, de declive muito ingreme, toda semeada de pedras e com despenhadeiros de lado a lado.

Si o nosso exercito, logo apoz a tomada de Peribebuy, pudesse ser dividido para uma parte tomar

immediatamente posse da estrada de Barrero-Grande, ao norte de *Ascurra*, por onde o dictador seguiu com o seu exercito, e a outra fosse operar pelo lado da serra, podederia ser que a guerra ahi fôsse terminada.

Mas, ficando cada metade inferior á força de que disponha o inimigo, e não tendo Sua Alteza um mappa que lhe servisse de guia, como de informações que o orientassem de modo exacto, não lhe era possivel evitar a evazão de Lopes para as grandes cordilheiras de Maracajú e a continuação da guerra por mais sete mezes.

ASSUMPÇÃO

Capital da republica do Paraguay.

Foi fundada em 1536 por Gonzalo Mendoza, o explorador das regiões do rio da Prata, por ordem do governo da Espanha.

Está situada sobre a vertente das alturas, que dominam ambas as margens do rio.

Suas ruas são largas e cortadas em angulos rectos.

Os seus principaes edificios são : a igreja cathedral, o palacio do dictador Lopes, o de sua mãi, a casa do governo, o club nacional, o hospital militar, o theatro, o arsenal de construcções militares e navaes, fundado em 1855 pelo engenheiro inglez Whitehead, que tão importantes serviços prestou ao paiz, a grande estação da estrada de ferro e outros bem construidos.

O melhoramento mais notavel, que encontrou-se, foi a estrada de ferro, que tem Assumpção como ponto inicial, por ser o emporio do commercio como capital e por ter um porto bem franco.

Dirigiu a construcção o engenheiro inglez Padisson, e os trabalhos foram feitos pelos soldados do exercito.

O seu principal objecto era estabelecer uma facil e rapida communicação de Assumpção com Villa-Rica, centro do commercio interior da parte mais povoada do paiz.

Quando os exercitos alliados tomaram posse d'ella, estava apenas em trafego até a villa de Paraguay, metade da distancia ao seu ponto terminal.

A renda principal do paiz provinha da grande extracção de *herva-mate*, a melhor que se conhece.

E' Assumpção a residencia do governo, que se compõe dos poderes executivo, legislativo e judiciario, sendo o primeiro auxiliado por quatro ministros secrerarios de estado.

De 12 *de Novembro de* 1864 *a* 10 *de Abril de* 1870.

Por esta descripção pode-se avaliar a grande acção, que exerceu a cidade de Assumpção, no decurso da campanha, quer como base principal das operações dos alliados, quando marcharam para o interior tomando por objectivo a cordilheira de Ascurra, e depois ao norte tomando por objectivos as regiões divididas pelo rio Jejuy.

Si para o inimigo continha arsenaes, que forneciam todos os artigos bellicos e recursos indispensaveis á sustentação da guerra, em todas as possiveis situações, para os exercitos alliados tornou-se o deposito principal de tudo o que era indispensavel para o proseguimento até a realisação de sua suprema aspiração.

Si, pois, para Lopes ella era indispensavel para a conservação de sua soberania, e tanto assim que procurou tornal-a inatacavel com a interceptação do rio pelas fortalezas de Curupaity, Humaytá e Angustura e pelas baterias collocadas á barbeta, que deveriam crusar seus fogos sobre o lugar do desembarque das forças, para os exercitos alliados muito facilitou o termo da guerra e serviu para estabelecer o regimen da lei por meio de um governo provisorio.

Foi de *Assumpção*, que a 13 de Novembro de 1864 partiu, de um modo inesperado, o grito de guerra, a princio contra o Brazil, e depois contra as nações que com elle formaram a triplice alliança.

Levado o dictador Lopes, pela ambição de ser o arbitro das nações banhadas pelo rio da Prata, serviu-se do futil pretexto de vêr ameaçado o seu equilibrio, que considerava-o como a garantia da segurança, paz e tranquilidade do seu paiz, pela invasão do Estado Oriental por uma divisão de 5.700 homens ao mando do general João Propicio Menna Barreto, quando foi tomar represalias pelas affrontas feitas á bandeira nacional e pelas

perseguições exercidas contra os sudditos brazileiros ali domiciliados.

Depois de varios protestos e sem prévia declaração de guerra fez aprisionar a 12 de Novembro de 1864, acima do porto de *Assumpção*, o paquete nacional *Marquez de Olinda*, que conduzia para Corumbá o coronel de engenheiros Frederico Carneiro de Campos, presidente nomeado para a provincia de Mato Grosso, commettendo assim a mais revoltante violencia contra o direito internacional, e no dia immediato communicou ao nosso ministro residente Sauvan de Lima, que estavam rotas as relações entre os dous paizes.

Como era de esperar, o nosso experimentado diplomata protestou contra aquella inqualificavel violencia e pediu a 14 os passaportes para si, sua familia e comitiva.

Os infelizes passageiros do paquete foram considerados prisioneiros de guerra, encarcerados e sujeitos ao peior tratamento, não tendo nenhum d'elles sobrevivido ao termo da guerra.

Esta affronta sem exemplo nos annaes da historia das nações cultas foi felizmente lavada pelos valorosos soldados, que durante cinco annos inteiros combateram com um patriotismo e valor inexcediveis.

Logo apoz foi determinada a invasão da provincia de Mato-Grosso, e a 14 de Dezembro embarcava em *Assumpção* a expedição de 5.000 homens commandada pelo coronel Barrios para aquelle fim.

E como os effeitos d'ella não corresponderam aos desejos do dictador Lopes, ainda em *Assumpção* formou o plano de invadir a provincia do Rio-Grande do Sul, pela columna sob o mando de Estigarribia.

Foi mais esta sua ambição, que o impelliu a declarar guerra á Confederação Argentina, depois de ter mandado aprisionar a 13 de Abril de 1865, no porto da cidade de Corrientes, dois vapores de guerra d'esta nação, por ter-lhe sido negada a permissão para as suas forças atravessarem a provincia d'este nome.

Assim pois tambem violou o direito internacional e em seguida fez partir o general Robles com 30.000 homens

das tres armas e 30 peças de artilharia para invadir o seu territorio.

Logo que esta inesperada noticia chegou a Buenos-Ayres, as ruidosas manifestações do povo argentino impelliram o governo a formar com o Brazil e o Estado Oriental do Uruguay o tratado de *triplice alliança*, pelo qual ficou declarado, que a guerra que iam sustentar não era contra o povo paraguayo, mas sim contra o governo do dictador Lopes.

Foi em resposta áquellas manifestações, que o brigadeiro general D. Bartholomeu Mitre, presidente da republica e depois commandante em chefe dos exercitos alliados, pronunciou as seguintes palavras, que infelizmente não se realisaram:

« Cidadãos! dentro de 24 horas estaremos nos quarteis, dentro de 15 na campanha e em tres mezes na Assumpção.»

Tomando a offensiva em todas as primeiras operações, o dictador Lopes pôde conseguir fazer tremular, por algum tempo, os seus estandartes nas provincias do Rio-Grande do Sul, Mato-Grosso e Corrientes, mas graças ao valor e á disciplina dos bravos soldados, que combateram pela mesma causa, e á pericia de seus generaes, foi impellido a fazer as suas forças evacuarem as posições, que tinham conquistado, e a regressarem ao paiz, não tendo conseguido a mesma sorte a que invadiu esta provincia, por ter feito entrega de suas armas na rendição da Uruguayana.

Os generaes paraguayos, que emprehenderam movimentos offensivos, revelaram a mais notoria incapacidade, e tanto d'isso ficou convencido o dictador Lopes, que mandou fuzilar o general Robles, um dos chefes que mais confiança lhe inspirava.

Foi então, que resolveu empregar todos os esforços e recursos na defensiva, unica acção que poderia contribuir para não continuar a soffrer tantos revezes, e a tirar o melhor partido, porque tambem muito favorecia a natureza do terreno.

Nada porém obstou a que os nossos valorosos

soldados, guiados pelo immortal duque de Caxias, conquistassem as suas fortalezas e aniquilassem o seu exercito nas successivas batalhas do mez de Dezembro de 1868, e entrassem triumphantes em *Assumpção* no dia 1° de Janeiro de 1869.

Honra e gloria aos bravos, que fizeram a campanha do Paraguay e que illustraram as paginas da historia dos povos alliados com os feitos, que constituem o seu mais legitimo orgulho!

Elles, depois de tantas fadigas, descansaram nos principaes edificios, inclusive o palacio do dictador, e foi ahi, que o seu venerando chefe viu-se impellido a dizer-lhes os seus adeuses e a retirar-se para o Brazil por ter-se achado gravemente doente, ficando com o supremo commando o marechal de campo Guilherme Xavier de Souza.

Com a entrada dos exercitos alliados muitas familias tiveram a ventura de voltar aos seus lares, e outros aguardaram o proseguimento das operações para terem a mesma sorte, quando cahissem em nosso poder as povoações d'onde foram tiradas para acompanharem o exercito inimigo.

Constando que a sua esquadrilha estava no rio Manduvirá, um dos principaes affluentes do Paraguay, o chefe de esquadra Delfim de Carvalho, hoje barão da Passagem, seguiu de *Assumpção* com alguns encouraçados afim de explorar este rio e dar caça aos seus navios. Graças á bôa direcção que teve a exploração e á coragem dos nossos bravos marinheiros e companheiros de glorias, foram alguns dos navios mettidos á pique, tendo regressado a expedição por haver bem cumprido a sua missão.

Para o proseguimento da guerra no departamento da cordilheira de Ascurra, onde estava o dictador com o seu exercito, foi nomeado Sua Alteza Real o Sr. marechal do exercito conde d'Eu, commandante em chefe de todas as forças brasileiras, por decreto de 22 de Março de 1869, tendo no dia 5 de Abril desembarcado em *Assumpção* e a 16 assumido o respectivo commando.

E porque os interesses de milhares de familias paraguayas, que estavam em *Assumpção*, cujo numero augmentava-se diariamente, deviam ser convenientemente

defendidos, o grande estadista e nosso enviado extraordinaria e ministro plenipotenciario conselheiro de Estado José Maria da Silva Paranhos, ali residente, fez com que fôsse creado um governo provisorio, que decretasse uma constituição, onde a acção civil e militar fosse dirigida com o maior acerto.

Graças pois a esta grande gloria do Brazil, cujo nome é ainda hoje pronunciado com a maior veneração pelos povos alliados, fôram convidados os nacionaes para eleger uma commissão que o constituisse.

A 22 de Julho reuniram-se no theatro todos os subditos paraguayos e escolheram vinte e um cidadãos dos mais distinctos e deram a faculdade de elegerem entre elles uma commissão de cinco membros, incumbida de nomear tres cidadãos para governar a Republica.

A 22 fôram eleitos Mateo Collar, Miguel Palacios, José Decoud, Ignacio Souza e Bernardo Valente, os quaes elegeram e acclamaram no dia 5 de Agosto a D. Carlos Loizaga, D. Cirillo Rivarolla e D. José Dias Bedoia membros do governo provisorio da republica, cuja posse verificou-se a 15 do mez, na igreja cathedral, com a maior solemnidade.

Tambem pelos generaes alliados foi organisado em *Assumpção* um tribunal para examinar e decidir todas as questões, que se suscitassem sobre as propriedades immoveis, urbanas e ruraes, e outro para proceder á venda dos productos do paiz, que não fossem reclamados por aquelles.

Todas estas providencias lançaram a confiança no seio da população, que por vezes tributou a sua gratidão ao principe conde d'Eu por meio das mais ruidosas manifestações.

Graças aos gloriosos acontecimentos de 1° de Março de 1870 contra as forças de Lopes, que fôram destroçadas na margem esquerda do rio Aquidaban e onde elle expirou com o seu filho mais velho e seus validos, os corpos que estavam em *Assumpção* e outros lugares embarcaram para o Brazil.

O governo provisorio, em regosijo ao auspicioso acontecimento, que trouxe a paz e a liberdade para a

republica, offereceu a Sua Alteza um baile a 19 de Março, dia de sua chegada da villa da Conceição, onde fôra felicitar aos triumphadores do Aquidadan.

Achando-se satisfeita a missão de Sua Alteza da maneira a mais completa, embarcou em *Assumpção*, a 17 de Abril, e seguio para o Rio de Janeiro no vapor *Galgo*, tendo assumido o commando das forças que ficaram existindo no Paraguay o general Camara, que mais tarde tambem recolheu-se ao seu paiz.

Os nossos alliados, que tanto ajudaram na medida de suas forças, tambem retiraram-se cobertos de louros, e fizeram jús ao nosso reconhecimento por terem compartilhado os nossos perigos e privações.

Todos tiveram a felicidade de obter, no remanso da paz, no seio da patria e de suas familias, a justa compensação das continuadas fadigas que supportaram.

AV

AVAHY

Arroio affluente do rio Paraguay, abaixo de Assumpção.

11 *de Dezembro de* 1868.

Nunca o dictador Lopes julgou, que os exercitos alliados, depois da quéda de Humaytá, pudessem combater nos arredores de Lomas Valentinas, onde estava acampado com o seu exercito, sinão vencendo as linhas de Pikiciry e com ellas a fortaleza de Angustura.

Elle achava impossivel a nossa marcha pelo territorio do Chaco, por julgar superior ás forças humanas a construcção de um caminho assás solido sobre tremedaes, por onde pudesse effectual-a com o pesado trem de guerra de um grande exercito.

Graças á constancia nos trabalhos e ao tino e paciencia do que os dirigio, o general Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, que por tal motivo teve a mercê de visconde de Itaparica, todas as difficuldades foram superadas

em vinte e tres dias, o que constituio uma victoria estrategica, que trouxe como immediata consequencia as do mez de Dezembro de 1868 e a tomada de Assumpção.

Na sua marcha em direcção a Lomas Valentinas, depois da passagem pelo Chaco e do desembarque no porto de Santo-Antonio, o exercito brazileiro teve de tomar a ponte de Itororó, lançada sobre altos barrancos no arroio d'este nome, onde o general em chefe duque de Caxias, de espada desembainhada e na frente de seus soldados, a exemplo da conducta de Augereau em Arcole, carregou contra o inimigo e fel-o fugir espavorido, deixando o campo alastrado de mortos.

Foi então, que o ditactor Lopes bem se convenceu, que a sua posição ficava ameaçada, e para deter-nos o passo procurou resistir com a maior tenacidade, utilisando-se para isso de todos os obstaculos naturaes.

Mas os nossos bravos, transpondo arroios e abatendo trincheiras, só pararam, quando não tinham maisin imigos a combater.

No numero das grandes batalhas, em que os nossos generaes ostentaram mais pericia e denodo na direcção das forças que commandaram, destaca-se a que teve logar junto ao arroio *Avahy*.

No dia 11 de Dezembro 6.000 Paraguayos commandados pelo valente general Bernardino Caballero, o mais distincto chefe inimigo, estendenram-se em linha de batalha, em excellente posição sobre o passo do arroio Avahy e ahi esperaram o exercito brazileiro para combatel-o.

Afim de tomar aquella posição e levar o inimigo de vencida, o marechal duque de Caxias fez marchar, na madrugada d'aquelle dia, o 3° corpo de exercito na vanguarda, o 2° no centro e o 1° na retaguarda, commandados pelo marechal Osorio e pelos generaes José Luiz Menna Barreto e Jacinto Machado Bitencourt.

Para atacal-o pela frente e flancos, determinou, que a divisão de cavallaria sob o mando do bravo general Andrade Neves, forte de 2.500 homens cortasse a retaguarda do inimigo pela esquerda e a divisão do tambem bravo general João Manoel Menna Barreto, pela direita.

Com a vanguarda marchou a 5ª divisão do então coronel José Antonio Corrêa da Camara.

Assim dispostas as forças, rompeu o fogo da nossa artilharia sobre a linha inimiga.

O céo estava ennegrecido ; ouvia-se ao longe o lugubre som dos trovões e os relampagos por elles desferidos faziam luzir o metal de nossas armas, e logo após começou a cahir copiosa chuva acompanhada d'aquellas iras celestes.

Parecia, que tambem o céo queria tomar parte na mais cruenta luta.

Os nossos bravos atiraram-se como enraivecidos leões, carregaram sobre o inimigo e conseguiram transpor o arroio.

O 9° e o 15° corpos de infantaria ao tomarem posição na cochilha, donde o inimigo foi obrigado a recuar, são envolvidos pela grande massa de cavallaria paraguaya, que lhes occasiona a confusão nas fileiras. O chefe d'aquelle, o bravo tenente-coronel Francisco de Lima e Silva, natural do Ri-Grande do Sul, fica isolado e luta como um leão, fazendo cahir morto pelo córte de sua espada a alguns Paraguayos.

Atacado porém por todos os lados, recebe graves ferimentos sobre a cabeça, indo pouco depois exhalar o ultimo sopro da vida na barraca do general em chefe, duque de Caxias, que era seu parente e muito o estremecia.

Os seus ossos, os de dois irmãos, tambem mortos em combate, e o de sua mãi jazem sepultados na igreja cathedral d'esta capital.

Sendo insufficiente a força da vanguarda para sustentar a posição, que tinham conquistado, o seu invicto chefe, o general Osorio, pedio reforço.

Immediatamente avançou o resto da infantaria do 3° corpo de exercito, em quanto a do 2° corpo e a artilharia procuraram debellar o inimigo pelo flanco esquerdo.

Quando se praticavam estes movimentos, foi gravemente ferido o general Osorio por uma bala de fuzil, que fraccionou-lhe o maxillar inferior, pelo que teve de retirar-se da batalha.

Sendo critica a situação em que estavam os combatentes, o duque de Caxias ordenou, que o 1° corpo do exercito formasse a reserva, e mais uma vez collocando-se na frente de todas as forças, atacou o inimigo nas differentes posições, em que se achava.

A despeito da chuva que açoitava os rostos de todos e do horrivel fogo de metralha, bombas e fuzilaria, feito pelo inimigo para não ceder-nos o terreno e obrigar-nos a pagar com torrentes de sangue a nossa ousadia, depois de quatro horas de constante combater, a sua arrogancia foi sobrepujada pelo heroismo dos nossos bravos, sendo obrigado a recuar para a planicie, onde foi então que a nossa cavallaria pôde carregar e destroçal-o completamente.

O prejuizo que soffreu foi quasi total, porquanto tendo batalhado com 18 canhões, cahiram 17 em nosso poder, tendo sido o ultimo lançado pelo inimigo no arroio *Avahy*.

Dos 6.000 combatentes ficaram feridos os coroneis Serrano, commandante de toda infantaria e Gonçalves, que commandava uma brigada, 1 tenente-coronel, 2 majores e muitos officiaes subalternos, além de 800 feridos e de mais de 600 prisioneiros.

O campo ficou semeado de mortos, elevando-se o seu numero a 4.000.

N'elle foi encontrado um grande numero de mulheres e tomadas 200 rezes.

Todos os prisioneiros foram contestes em asseverar, que o general Caballero apenas pôde escapar com 200 homens.

Para o completo das glorias d'esta batalha o exercito brasileiro tomou 11 bandeiras e uma grande quantidade de munições e armamento.

De nossa parte o prejuizo foi de 13 officiaes mortos, 37 feridos, 172 praças mortas e 550 feridas, ao todo 773 homens fóra de combate.

Entre os officiaes superiores mortos se contava, além do tenente-coronel Francisco de Lima e Silva, os majores Antonio Luiz da Cunha e Domingos de Sá Miranda.

O bravo coronel Niederauer, um dos mais distinctos chefes de cavallaria, morreu no dia seguinte, tendo soffrido amputação de uma perna.

Foram feridos além do marechal Osorio, os coroneis Herculano Pedra, José Betbezé de Oliveira Nery e outros.

D'entre os officiaes superiores que se tornaram salientes estava o então coronel José Antonio Corrêa da Camara, porque, á frente da sua divisão de cavallaria, contribuio para que os tres unicos batalhões de infantaria, que haviam a principio avançado contra o inimigo, não fossem desbaratados, pelo que foi promovido a brigadeiro a 26 de Dezembro do mesmo anno, em attenção ao seu distincto comportamento.

Depois d'esta memoravel batalha, em que todos os principios da grande sciencia da guerra foram executados pelo marechal duque de Caxias, os tres corpos de exercito occuparam a povoação de Villeta, que tornou-se base de operações pela sua posição geographica e pela juncção franca com a esquadra.

Foi ahi, que os nossos bravos marinheiros os receberam entre as mais vivas e prolongadas acclamações, que foram bem merecidas, porque os generaes, officiaes e soldados pelejaram com um inexcedivel denodo e conquistaram renome para si e para a patria.

AY

AYUY

Arroio affluente do rio Uruguay.

Corre na provincia de Corrientes e despeja as suas aguas logo acima da villa da Concordia.

De 18 *de Julho a* 28 *de Agosto de* 1865.

A passagem do rio Uruguay pelo exercito imperial, sob o commando em chefe do marechal Osorio, começou a 24 de Junho de 1865.

O seu primeiro acampamento foi junto á villa da

Concordia, provincia de Corrientes, donde iniciou a marcha para ir combater o inimigo em seu proprio territorio.

Foi ahi, que fez juncção com os alliados, formando o grande exercito, que passou a ser commandado pelo brigadeiro-general D. Bartholomeu Mitre, presidente da Republica Argentina, em virtude do tratado da *triplice alliança*, pelo qual tinha de ficar revestido d'este cargo o chefe do paiz em cujo territorio começassem as operações, ficando independente a nossa esquadra, porque os da alliança não tinham navios de guerra para auxiliar-nos.

Ao general D. Venancio Flôres, presidente da republica do Estado Oriental do Uruguay e nosso prestimoso e leal amigo, deu-se-lhe o commando do exercito da vanguarda para ficar em posição independente.

Pelo mesmo facto ficou estabelecido, guardadas certas condições, que, no caso de se effectuarem as operações em territorio oriental ou brasileiro, o supremo commando pertenceria áquelle valente chefe ou a algum dos nossos generaes.

Graças ás solidas bases em que foi estabelecido o tratado de alliança entre as tres nações para um fim commum, sempre existiu a mais cordial harmonia entre os commandantes dos seus exercitos.

Foi na Concordia, que mais poderosamente começou-se a receber reforços e a dar-se conveniente organisação ás forças para iniciarem as operações.

E porque convinha tomar melhor posição, o exercito brasileiro levantou as suas tendas e foi acampar junto ao arroio *Ayuy* a 17 de Julho, e ahi esteve dois mezes inteiros completando a sua organisação e recebendo a instrucção da pratica da guerra, e d'onde marchou a 28 de Agosto em direcção ao ponto objectivo — o acampamento inimigo do Passo da Patria, junto á confluencia do rio Paraguay com o Paraná.

Elle então compunha-se de 3 corpos de artilharia, o batalhão de engenheiros, 35 batalhões de infantaria, sendo 20 de linha e 15 de Voluntarios da Patria, 4 regimentos de cavallaria, afóra varios corpos da guarda nacional do Rio-Grande do Sul e a brigada ligeira do general Antonio

de Souza Neto, donde mais tarde sahiram tão distinctos chefes, que até o fim da campanha se ennobreceram e confirmaram o justo conceito de possuir a provincia do Rio-Grande do Sul a mais intrepida de todas as cavallarias da America do Sul.

Estando promptos os exercitos para entrarem em campanha, o general Mitre passou em *Ayuy* uma grande parada de revista a 24 de Julho, onde os nossos corpos sobresahiram na segurança da marcha e certeza em seus movimentos, distinguindo-se na occasião o 4° batalhão de infantaria commandado pelo tenente-coronel Salustiano Jeronymo dos Reis, hoje tenente-general.

O nosso exercito apresentou um effectivo de 17.000 homens das tres armas, sendo 23 batalhões de infantaria com mais de 13.000 soldados, 3.000 de cavallaria e 900 de artilharia, guarnecendo 32 boccas de fogo.

Entre os corpos d'esta arma sobresahiu o 1° regimento de artilharia a cavallo, o que mais serviços prestou em toda a longa guerra, tendo até conquistado em algumas batalhas a parte mais gloriosa.

Os Argentinos apresentaram-se sob o commando do general Gelly y Obes com 4.500 homens, sendo 10 batalhões de infantaria, 1 pequeno corpo de artilharia e 1 esquadrão de cavallaria, tendo faltado o regimento de San Martim, que prestou muitos bons serviços por ter estado fazendo parte da vanguarda.

Do exercito oriental nenhuma força se apresentou por ter seguido a 21 de Julho, com a 12ª brigada de infantaria brasileira commandada pelo coronel Feliciano José da Silva Kelly e aquelle regimento argentino a combater a divisão paraguaya commandada pelo major Pedro Duarte, forte de mais de 3.000 homens, que marchava pela margem direita do Uruguay e tinha de operar simultaneamente com a do coronel Estigarribia, que seguia pela esquerda com destino á villa de Uruguayana.

Aquella intrepida força, que constituia o exercito da vanguarda, sob o mando do destemido general Flores, teve a gloria de ser a primeira a cruzar as suas armas com as do inimigo e de derrotal-o completamente, tendo apprehendido ao seu proprio chefe.

A noticia d'este grato acontecimento foi recebida pelos exercitos alliados em *Ayuy* entre as mais enthusiasticas acclamações, e a 28 de Agosto seguiram a cumprir a sua ingente missão.

O ardor e o enthusiasmo dos nossos bravos soldados, consorciados com a obediencia e a disciplina, foram os elementos, que serviram para serem igualados aos melhores soldados do mundo.

Guiados pelos mais habeis generaes e com a coragem dos leões, sempre luziram na arena militar, legando á historia exemplos sublimes de denodo, perseverança, resignação e patriotismo.

(*Continúa*).

MAPPA DOS NAVIOS

APRESADOS PELA ESQUADRA BRAZILEIRA

NA

LUTA DA INDEPENDENCIA

DESDE 21 DE MARÇO DE 1823 A 12 DE FEVEREIRO DE 1824

Com a designação de seus valores e mais circumstancias que serviram de base para a partilha da quantia votada para indemnisação de presas

PELA

LEI N. 834 DE 16 DE AGOSTO DE 1855.

O original existe no archivo da Contadoria de Marinha, e foi escripto pelo hoje falecido, empregado Felippe José Pereira Leal, que servio na commissão de presas em 1863.

GARCEZ PALHA.

Mappa dos navios apresados pela Esquadra Brasileira durante a guerra da Independencia seus valores e mais circumstancias abaixo designadas que serviram de base para a pelos reclamantes que foram julgados com direito a ellas, de conformidade com a

Navios apresados	Nome dos apresadores	Data do apresamento	VALORES		
			Correspondente a $^4/_7$ que competem ao almirante, commandante e officiaes	*A que ficam reduzidos os $^4/_7$ proporcionalmente á quantia votada*	*Addicionados para serem distribuidos por todos, como quantias recebidas por adiantamento das presas.*
Bergantim port. Amazonas...	Pedro I e Maria da Gloria	22 Maio 1823	457$143	242$646	57$966
Dito dito Vigilante Guerreiro..		19 » »	14:285$714	7:582$679	1:811$426
Galera Bizarria..............		6 Julho »	22:857$143	12:132$287	2:898$282
Dita Feliz Ventura...........	Não Pedro Primeiro	 1823	8:000$000	4:246$301	1:014$399
Dita Ventura Feliz...........		 1823	7:428$571	3:942$993	941$942
Dita Bombinha................		19 Outub. »	36:571$429	19:411$660	4:637$251
Dita Borges Carneiro.........		2 Agosto »	17:142$857	9:099$215	2:173$711
Bergantim Oriente............		19 Setem. »	13:142$857	6:976$065	1:666$512
Galera Caridade..............		7 Julho. »	4:571$429	2:426$458	579$567
Dita Harmonia................		» » »	9:142$857	4:852$915	1:159$313
Escuna ingleza John Thomas.		31 Maio »	3:428$571	1:819$843	434$742
Sumaca Nova Constituição...		1 Junho »	4:571$429	2:426$458	579$657
Brigue-escuna Maria.........		....	4:571$429	2:426$458	579$657
Lancha Pensamento..........		11 Junho 1823	857$143	454$961	108$686
Galera russa Mentor..........		5 Junho »	9:142$857	4:852$915	1:159$313
Berg. S. José das Larangeiras.		30 Julho »	8:000$000	4:246$301	1:014$399
Sumaca Libertadora..........		» » »	4:571$429	2:226$458	579$657
Berg. Visc. de S. Lourenço...	Fragata Real Carolina (depois) (Paraguassú)	» » »	2:285$714	1:213$228	289$828
Dito Promptidão..............		4 » »	1:420$571	754$021	180$128
Navio Leal Portuguez........		» » »	8:571$429	4:549$608	1:086$856
Berg. Triumpho da Inveja....		9 » »	14:285$714	7:582$679	1:811:426
Sumaca Alegria dos Anjos....		5 » »	8:000$000	4:246$301	1:014$399
Sumaca Santa Rita...........	Fragata Nicteroy	6 » »	8:000$000	4:246$301	1:014$399
Galera Prazer e Alegria.......		8 Setem. »	8:285$714	4:397$954	1:050$627
Esc. S. Antonio Triumpho....		12 » »	2:400$000	1:273$890	304$320
Navio Nova Amazonas........		10 » »	4:571$419	2:426$458	579$657
Pataxo Vigilante.............		5 » »	3:200$000	1:698$520	405$759
Navio Amazonas.............		10 » »	2:865$297	1:520$864	363$318
Sumaca S. José Triumpho....		6 Julho »	4:571$429	2:426$458	579$657
Hiate S. José Naufragado......		 1823	2:285$714	2:426$458	289$828
Escuna Correio S. Miguel.....		30 Agosto »	2:742$857	1.455$874	347$794
Hiate Esperança..............		1 Setem. »	2:285$714	1:213$228	289$828
Berg. S. Manoel Augusto.....		21 » »	8:000$000	4:246$301	1:014$399

do Brasil, desde 21 de Março de 1823 a 12 de Fevereiro de 1824, com designação de partilha da quantia de 252:351$656, votada para indemnisação das mesmas presas Lei n. 834 de 16 de Agosto de 1855 e Decreto n. 1708 de Dezembro do mesmo anno.

Valor das avaliações	Total a distribuir pelos reclamantes	Partes em que se dividem as presas	*Por quem foram avaliadas as presas ou donde constam as avaliações*	*Observações*
800$000	300$612	1	Officio do almirante, 31 Janeiro 1824.	A data do apresamento consta dos livros de soccorros.
25:000$000	9:394$105	4	Idem.	Idem, idem de officiaes.
40:000$000	15:030$569	4	Idem.	A data do apresamento é confirmada por uma certidão passada pelo cons. supr. militar em 9 de Junho de 1857.
14:000$000	5:260$700	4	Idem.	Apresado no Maranhão depois de 30 de Julho de 1823, como se deduz do processo do cap.-ten. Greenfeld.
13:000$000	4:884$935	4	Idem.	Apresado no Maranhão, idem.
64:000$000	24:048$911	4	Idem.	A data do apresamento consta de apontamentos e do liv. de soccorros da náo.
30:000$000	11:272$926	4	Idem.	A data do apresamento consta do livro de soccorros da náo.
23:000$000	8:642$577	4	Idem.	Apresado ao entrar no Maranhão, consta dos assentamenros do piloto José Antonio da Costa.
8:0000$00	3:006$115	4	Idem.	Consta de apontamentos e de uma certidão do cons. supr. militar.
16:000$000	6:012$228	4	Idem.	A data consta de apontamentos.
6:000$000	2:254$585	4	Pela commissão, acta 504.	A data do apresamento consta de uma certidão do cons. supr. militar de 9 de Junho de 1857.
8:000$000	3:006$115	4	Idem.	Consta do livro de soccorros de officiaes da náo Pedro I.
8:000$000	3:006$115	4	Consta do processo do almirante.	Tomado no Maranhão, depois de 30 de Julho de 1823, como se deduz do processo do cap.-ten. Greenfeld.
1:500$000	563$647	4	Pela commissão, acta 504.	A data consta de apontamentos.
16:000$000	6:012$228	4	Idem.	A data consta da certidão do conselho supr. militar de 9 de Julho de 1857.
14:000$000	5:260$700	4	Idem.	Consta de apontamentos.
8:000$000	3:005$115	4	Idem.	A data do apresamento consta do 1º liv. de registro do cons. supr. militar.
4:000$000	1:503$056	3	Idem.	Idem.
2:486$000	934$149	3	Off. do almir., 31 Jan. 1824.	Idem.
5:000$000	5:636$464	3	Idem.	A data consta de apontamentos.
5:000$000	9:394$105	3	Idem.	A data consta dos livros de soccorros de Pedro I.
4:000$000	5:260$700	3	Pela commissão, acta 504.	A data consta de apontamentos.
4:000$000	5:260$700	3	Idem.	Idem.
4:500$000	5:448$581	4	Do proc. de reclam. do Lord.	A data consta de apontamentos.
4:200$000	1:578$210	4	Idem.	Idem.
3:000$000	3:006$115	4	Idem.	Idem do livro de soccorros.
5:600$000	2:104$279	4	Idem.	Idem de apontamentos.
:014$270	1:884$182	4	Consta do processo de Taylor	Idem.
:000$000	3:006$115	4	Pela commissão, acta 504.	Consta do 1º liv. de registro do c. s. mil.
:000$000	1:503$056	4	Idem.	Não consta a data do apresamento.
:800$000	1:803$668	4	Idem.	Consta de apontamentos.
:000$000	1:503$056	4	Idem.	Consta do liv. de socc. da marinhagem.
:000$000	5:260$700	4	Idem.	Consta de apontamentos.

Continuação do mappa precedente.

Valor das avaliações	*Total a distribuir pelos reclamantes*	*Partes em que se dividem as presas*	*Por quem foram avaliadas as presas ou donde constam as avaliações*	*Observações*
10.500$000	3:945$524	4	Officio do almirante 31 Janeiro 1824.	Consta dos livs. de soccorros da *Maria da Gloria.*
60:000$000	22:545$854	4	Idem.	Consta de apontamentos e do livro de soccorros.
400$000	150$306	4	Idem.	Consta dos livros de soccorros da *Maria da Gloria.*
6:000$000	2:254$585	4	Pela commissão, acta 504.	Consta do 1º livro de registro de presas do conselho supremo militar.
9:000$000	3:381$879	4	Officio, 31 Jan. 1824.	Idem.
17:000$000	6:387$982	4	Idem.	Consta de apontamentos e de livros de soccorros.
7:500$000	2:818$232	4	Idem.	Consta de apontamentos.
6:000$000	2:254$585	4	Idem.	Consta de uma certidão do cons. sup. militar de 9 de Julho de 1857.
50:000$000	18:788$211	4	Pela commissão, acta 504.	Consta de apontamentos.
8:000$000	3:006$115	2	Idem.	Não consta a data do apresamento.
14:000$000	5:260$700	2	Idem.	Consta do 1º livro de presas do cons. sup. militar.
25:000$000	9:394$105	2	Idem, acta 527.	Não consta a data do apresamento.
25:000$000	9:394$105	2	Idem.	Idem.
10:500$000	3:945$524	2	Idem.	Consta de apontamentos.
10:500$000	3:945$524	2	Idem.	Consta do 1º liv. de presas do c. s. mil.
12:000$000	4:509$170	3	Off. do almir., 31 Jan. 1824.	Consta de apontamentos.
25:000$000	9.394$105	3	Idem.	Consta do 1º liv. de presas do c. s. mil.
1:500$000	9:563$105	3	As avaliações são as do producto das vendas feitas pelo cap.-ten. Greenfeld no Pará e que constão do processo d'esse official.	Consta do processo de Greenfeld a data do apresamento.
3:200$000	563$647	2		Idem idem
3:200$000	1:202$445	2		Idem idem.
4:800$000	1:202$445	2	Pela commissão, acta 504 .	A data do apresamento consta do 1º livro de registro do cons. sup. militar.
20:000$000	1:803$668	1	Pelo almirante, officio de 31 Jan. 1824.	Tomado no Maranhão; a data é a do liv. acima.
12:000$000	7:515$285	1	Idem.	Idem.
16:000$000	4:509$170	1	Idem.	A data consta do processo intentado perante a commissão mixta.
4:000$000	6:012$227	1	Consta do proc. de reclamação intentado perante a commissão mixta.	Consta a data do apresamento do processo do Lord.
8:000$000	1:503$056	1	Pela commissão, acta 504.	Consta do livro de registros do cons. supr. militar.
1:000$000	376$115	1	Idem.	Consta que foi tomado na Bahia pela fragata *Real Carolina.* Ignora-se a data.
6:000$000	2:254$585	1	Idem.	A data consta dos livros de soccorros da *Maria da Gloria.*
14:000$000	5:260$700	1	Idem.	Consta do livro de registros do cons. supr. militar.
832:000$270	312:635$942			

(Não tinha assignatura).

Rio 31 de Agosto de 1887. *José Egydio Garcez Palha.*

Continuação do mappa precedente.

Navios apresados	Nomes dos apresadores	Data do apresamento	VALORES: Correspondente a $^4/_7$ que competem ao almirante, commandante e officiaes	VALORES: A que ficam reduzidos os $^4/_7$ proporcionalmente á quantia votada	VALORES: Addicionados para serem distribuidos por todos, como quantias recebidas por adiantamento das presas
Escuna Bôa Esperança........	Corveta Maria da Gloria	18 Setem. 1823	6:000$000	3:184$725	760$799
Galera Diana................		16 Julho »	34:285$714	18:198$431	4:347$423
Sum. Tres Amigos...........		10 » »	228$751	121$323	28$983
Dita S. José Triumphante.....	Corv. Liberal	12 » »	3:428$571	1:819$843	434$742
Galera Ulysses...............	Brigue Bahia	7 » »	5:142$858	2:729$765	652$114
Bergantim Carvalho VI.......		26 Novem. »	9:714$286	5:156$222	1:231$770
Brigue-escuna Dous Amigos..		24 Dezem. »	4:285$571	2:744$804	543$428
Charrua Conde de Peniche....	Brig. Bahia e corv. Maria da Gloria	5 Julho »	3:428$571	1:819$843	434$762
Galera Incomparavel.........	Brigue Bahia	20 Dezem. »	28:571$429	15:165$359	3:622$852
Sum. S. Antonio Venturoso..		....	4:571$429	2:426$458	579$657
Bergantim Nova Sociedade...		24 Janeiro 1824	8:000$000	4:246$301	1:014$397
Navio Alexandre.............		....	14:285$714	7:582$679	1:811$420
Galera Deus te Guarde........		....	14:285$714	7.582$679	1:811$420
Brigue Santo André Diligente.		17 Dezem. 1823	6:000$000	3:184$725	760$799
Dito Amitié.................		....	6:000$000	3:184$725	760$799
Galera General Noronha......	Brigue Maranhão	21 Agosto 1823	6:857$143	3:639$685	869$484
Charrua Gentil Americana....		15 » »	14:285$714	7:582$679	1:811$420
Brigue Lucrecia..............		8 Abril »	857$143	454$961	108$680
Dito S. José Diligente.........		8 Outub. »	1:828$571	970$583	231$862
Brigue-escuna Hermelinda...		8 Setem. »	1:828$571	970$583	231$862
Escuna União................		19 Maio »	2:742$857	1:455$874	347$794
Bergantim Fernandes Thomaz.		5 Outub. »	11:428$582	6:066$144	1:449$141
Escuna Delfina...............		25 Agosto »	6:857$143	3:639$686	869$484
Galera Principe Real..........		7 Julho »	9:142$857	4:852$915	1:159$312
Escuna Sociedade Feliz.......		Setem. »	2:285$714	1:213$228	289$828
Sumaca Bomfim.............		26 Julho »	4:571$429	2:426$458	579$657
Lancha Sant'Anna...........		....	571$429	303$307	72$457
Brigue-escuna Conceição.....		19 Maio 1823	3:428$571	1:819$843	434$742
Brigue francez Intrépide......		4 Julho »	8:000$000	4:246$301	1:014$399
Somma..................			475:428$725	252:351$656	60:284$286

Sala das sessões da commissão de presas em 22 de Maio de 1869.

Está conforme ao original que pertence ao archivo existente na contadoria de marinha.

NOTAS BIOGRAPHICAS

DO

COMMENDADOR JOSÉ PEDRO DA SILVA *

José Pedro da Silva nasceu no Recife em 1 de Agosto de 1805 do consorcio de Manoel José da Silva e Francisca Monica das Chagas, ambos brazileiros. Seu pai foi negociante e guarda-livros da liquidação da companhia de commercio de Pernambuco, Parahiba e Maranhão.

Tendo aprendido com seu pai instrucção primaria, matriculou-se nas aulas do convento da Madre de Deus, e ahi estudou o latim e diversas outras materias de instrucção secundaria, e alguns cursos scientificos, como o de mathematicas puras, theologia, philosophia e outros.

Quando estava a concluir o curso de philosophia seu pai foi intimado pelo capitão José de Barros Falcão de Lacerda, encarregado do recrutamento, para dar dous filhos ao exercito, dos seis que então tinha.

Sendo José Pedro da Silva e seu irmão Antonio Egydio da Silva, que tambem estudára n'aquelle convento, os que achavam-se nas condições de assentar praça, pelas suas idades e por não estarem empregados; foram elles designados, e alistaram-se no 2° batalhão de caçadores, assentando praça em 15 de Outubro de 1822, sendo depois reconhecidos 2^os^ cadetes.

---

* Comquanto tivesse fallecido o Commendador José Pedro da Silva em 1884, não se lhe fez o elogio historico por falta d'estes apontamentos, que só agora chegam.

Com seu batalhão fez em 1824 a campanha denominada da Barra-Grande, pertencendo á força do governo, que foi considerada revolucionaria.

N'esta campanha soffreu innumeras privações, e entrou em diversos tiroteios e nos dous combates mais importantes e mortiferos de 8 a 17 de Julho do referido anno, fazendo seu batalhão parte de um corpo do exercito de mais de quatro mil homens, que apezar de poderoso foi vencido pelo inimigo, perdendo n'estes combates esse batalhão 126 praças; quando vio José Pedro da Silva cahir ferido mortalmente o seu cerra-fila, e levemente o soldado que hombro a hombro lhe ficára á esquerda, o que não obstou que se portasse com bravura, cumprindo honrosamente o seu dever.

Finda a revolta, José Pedro da Silva passou a fazer parte do 8° corpo de artilharia.

Tendo-se posteriormente installado o lyceu do Recife, que, além das materias de instrucção secundaria ou de preparatorio, comprehendia o curso de mathematicas, ordenou o commandante das armas de então, o brigadeiro Antero José Ferreira de Brito, que todos os officiaes e cadetes pertencentes á força da guarnição da provincia se matriculassem n'esse curso. Dos 53 officiaes e cadetes matriculados só José Pedro da Silva e dous officiaes concluiram o curso com aproveitamento.

Seu exame do 1° anno, por ser o primeiro que effectuava-se no lyceu, teve com toda a solemnidade, assistindo o presidente da provincia, commandante das armas, muitas outras autoridades, pessoas gradas e grande concurso de povo.

Antes de terminar o 2° anno d'esse curso José Pedro da Silva propoz-se a uma das vagas de 2° tenente do seu corpo, o 8° de artilharia, e foi approvado com preferencia, e promovido a este posto em 12 de Outubro de 1827.

Em 1828 embarcou com sua companhia para a guerra, que então fazia a provincia Cisplatina; mas quando chegou ao Rio de Janeiro já se havia celebrado a paz com esta provincia, que conseguio sua independencia e constituio-se em republica denominada do Uruguay.

Acceitando o offerecimento do ministro da guerra, que era o tenente-general Joaquim de Oliveira Alvares, de voltarem para Pernambuco aos officiaes, que não quizessem ficar ligados aos corpos da côrte, José Pedro da Silva regressou ao Recife, e foi servir no seu batalhão.

Pouco tempo depois, por ter-se pronunciado contra a tendencia dos mais officiaes para acclamarem absoluto o imperador, fazendo baquear o systema constitucional, o que tambem promovia uma importante sociedade denominada « Columna do Throno », cujos membros eram na maior parte officiaes, negociantes portuguezes e pessoas de posição, sociedade que era filiada a outras da côrte e provincias ; foram José Pedro da Silva e mais o secretario do seu corpo, o tenente Miguel Joaquim Fernandes Barros, calumniosamente denunciados pelos officiaes seus companheiros ao commandante das armas, de pretenderem revoltar o corpo com o auxilio dos sargentos.

Por esta denuncia estiveram presos incommunicaveis José Pedro da Silva na fortaleza de Itamaracá e o tenente Fernandes Barros na de Tamandaré, e responderam a conselhos de investigação e de guerra, com suspensão do exercicio de suas patentes ; mas ao serem julgados n'este ultimo conselho, facilmente defenderam-se, sendo absolvidos, porque já então estavam desmascarados os seus perseguidores e a provincia reagia contra os partidarios do governo absoluto.

De novo José Pedro da Silva no exercicio de seu posto prestou relevantes serviços em todas as desordens e revoluções que deram-se na provincia.

Foi elle quem conseguio dominar a insubordinação do seu batalhão, que originou-se da abdicação do imperador, chegando a serem expellidos do quartel pelos soldados, em phrenetica vozeria de « fóras e morras », os officiaes que eram conhecidos por « columnas » e socios da sociedade d'este titulo.

Na insurreição geral da tropa denominada *Setembrisada* de 1831, José Pedro da Silva com risco de vida dirigio-se de Olinda em canôa estreita para a fortaleza do Brum debaixo do tiroteio dos soldados, que achavam-se dispersos nas margens do rio Beberibe ; e chegando a essa

fortaleza, guarnecida então com soldados do seu batalhão, achando-os completamente anarchisados e sem acção o commandante, tenente-coronel Salgueiro, com permissão d'este assumio o commando e conseguio chamar á obediencia esses soldados, compromettendo-se a protegel-os para que não fôssem punidos.

Voltou logo depois a Olinda, donde trouxe muitos estudantes da Academia, milicianos e paisanos, conseguindo introduzil-os na fortaleza onde os armou e municiou com as armas e munições existentes no deposito.

Commandados os estudantes pelo seu collega do Maranhão o tenente-coronel da guarda nacional Aguiar e os milicianos e paisanos pelo tenente de milicias Telles, tambem estudante, ordenou-lhes José Pedro da Silva, que fôssem reunir-se ao intendente do arsenal de marinha, que já tinha sob seu commando soldados e marinheiros armados com uma peça de artilharia desembarcada de um navio de guerra surto no porto.

Logo que os soldados sublevados, que transitavam nas ruas da cidade commettendo toda a sorte de desatinos, souberam da reunião da força, vieram em grande numero batel-a, e o conseguiram depois de grande morticinio.

Na occasião do combate, tendo-se da fortaleza disparado dous tiros de artilharia para a ponte do Recife, afim de obstar a passagem dos soldados, que corriam a auxiliar seus camaradas, o destacamento da fortaleza, que havia ficado sob o commando de José Pedro da Silva, sublevou-se contra este e á porfia os soldados quizeram matal-o, não o conseguindo por ter José Pedro da Silva, que achava-se cercado atraz da capella da fortaleza, arremessando-se contra elles, conseguido abrir caminho e internar-se na casa do commandante, a qual não foi investida pelos soldados por haver-lhes obstado o capellão, o frade franciscano Fr. Pavão, que esbarrou-os na porta com a imagem de Christo na mão, rogando-lhes que não fôssem além.

Ahi prisioneiro, José Pedro da Silva achou-se em difficuldades para escapar á furia dos sublevados e seria sem duvida sacrificado, si não fôssem alguns soldados que se lhe conservavam fieis, os quaes deram-lhe sahida e o

acompanharam até a fortaleza do Buraco, onde elle os gratificou e despedio.

Voltou ainda José Pedro da Silva a Olinda, e ahi encontrou o 1° tenente d'artilharia Neves e um F. Timbó, com os quaes reunio muitos moradores do povoado de Paratibe, e marcharam para o Recife, afim de offerecerem sua coadjuvação ao governo; porém já encontraram as autoridades de posse da cidade, por terem-se rendido os soldados, não só por falta de direcção como pela embriaguez. Assim terminou essa medonha revolta.

Na revolução de Abril de 1832, que tambem tomou o nome d'este mez, José Pedro da Silva encarregado pelo commandante das armas de conter o povo na freguezia do Recife, commandando um destacamento, prestou valiosos serviços.

Com a abdicação do imperador e sua retirada para Portugal, ficou o exercito desorganizado, e os officiaes sem esperança de accesso, e muitos avulsos sem destino. N'estas circumstancias, com um futuro todo duvidoso na carreira militar, oppôz-se José Pedro da Silva á vaga da cadeira de geometria do seminario de Olinda. Teve por competidor o Dr. Urbano Sabino Pessôa de Mello, que já era substituto d'esta cadeira; e taes foram as provas que exhibio, que foi o preferido na classificação e provido em 26 de Maio de 1832, ficando considerado no seu corpo como legalmente impedido.

Por decreto de 7 de Agosto do mesmo anno passaram as cadeiras de preparatorios do seminario para o collegio das artes, annexo á Academia de direito de Olinda, e foi José Pedro da Silva leccionar n'este collegio, sendo-lhe só dado pelo governo o titulo do professor em 8 de Dezembro de 1840.

Na organisação do exercito, em observancia da lei de 27 de Novembro de 1838, consultado José Pedro da Silva pelo commandante das armas sobre a sua volta para o corpo a que pertencia e renuncia da cadeira, optou pela cadeira, sendo-lhe concedida a reforma por decreto de 22 de Outubro de 1839, com as vantagens aos officiaes, que tinham praça quando o Brazil lutava para constituir-se independente.

Querendo estudar apenas algumas materias do curso de direito, requereu e obteve do director da academia de Olinda matricular-se como ouvinte, sujeito a todas as obrigações dos estudantes, inclusive o ponto.

Em 1834 e annos seguintes José Pedro da Silva seguio os cursos de direito natural, publico e das gentes, analyse da constituição, diplomacia, direito criminal, administrativo, economia politica, repetindo esta materia em um segundo anno. Não lhe foi concedido pelo governo, nem pelas camaras, a quem requereu, fazer exames d'essas sciencias; porém obteve de seus illustres mestres attestados de aproveitamento muito honrosos; declarando seu lente de economia politica, que o considerava o primeiro dos optimos estudantes.

Eleito deputado supplente, tomou assento na assembléa provincial de Pernambuco em 1840, e dahi por diante até 1857, sem interrupção, em 8 legislaturas foi eleito membro effectivo; deixando de ser reeleito em virtude da lei posterior, por ficar incompativel o logar de inspector do thesouro provincial, que então occupava, com o exercicio de membro da assembléa.

Por duas vezes durante as referidas legislaturas foi eleito vice-presidente da assembléa, e por muitas vezes dirigio seus trabalhos.

Em 1 de Dezembro de 1844 foi eleito vereador da camara municipal de Olinda, e em 3 do mesmo mez tomou assento n'essa corporação.

Na legislatura de 1844 a 1847 foi eleito 1º supplente da provincia, e tomou assento na camara dos deputados em 27 de Fevereiro de 1845, servindo todo o quatriennio.

Não foi reeleito por ter-se divorciado do directorio do partido liberal (praieiro), ao qual estava filiado; mas não obstante conseguio por votação espontanea o lugar de 2º supplente. D'esta vez não foi chamado á camara, o que o salvou de comprometter-se na revolução de 1848, como fizeram os deputados effectivos.

Na assembléa provincial e na camara dos deputados José Pedro da Silva foi sempre muito considerado e ouvido com attenção por causa dos seus conhecimentos especiaes em finanças.

A rogativas do presidente de Pernambuco, o desembargador Antonio da Costa Pinto, incumbio-se de fazer um regulamento para o thesouro provincial, que devia ser reorganisado em consequencia do roubo que nelle houve.

Apresentando este regulamento, foi ainda instado pelo mesmo presidente para acceitar o logar de chefe d'essa repartição. Cedeu, com a condição de ser conservado no logar de professor do collegio das artes; o que concedeu o governo á requisição do presidente.

Foi nomeado inspector do thesouro em 25 de Setembro de 1848, e considerado em commissão, por não poder accumulativamente exercer as funcções de professor.

Alguns annos depois requereu demissão d'este emprego, optando pelo de inspector, a qual foi-lhe concedida por decreto de 13 de Agosto de 1866.

Por decreto de 2 de Outubro de 1849 foi condecorado com o grão de cavalleiro de Christo; por decreto de 2 de Dezembro de 1854, com o de official da Ordem da Rosa; e por outro de 14 de Maio de 1860 foi elevado ao grão de commendador d'esta ordem.

No logar de inspector do thesouro prestou relevantes serviços; porque além de ser ouvido pelos presidentes da provincia ácerca das questões e negocios da fazenda mais importantes, posturas de camaras, emprestimos, etc.; formulou diversos regulamentos para o thesouro, consulado, collectorias, agencias do Recife, Parahiba e Rio-Grande do Norte; para cobrança de impostos; emissão de apolices; reforma da repartição das obras publicas; jubilação de professores, e outros.

Já na avançada idade de 68 annos, tendo atravessado durante o exercicio de inspector do thezouro a administração de 44 presidentes de provincia, com 51 annos de serviços prestados sem interrupção, requereu sua aposentadoria, e a obteve em 29 de Outubro de 1873 com seos vencimentos totaes.

Estes serviços foram prestados: 9 annos 6 mezes e 26 dias no exercito; 16 annos 3 mezes e 24 dias no lugar de professor; e 25 annos 1 mez e 4 dias no de inspector

do thesouro, com excepção de 9 mezes de licença, que obteve com vencimentos.

Depois de aposentado retirou-se á vida privada, e nenhuma mais posição official procurou ou aceitou até seu fallecimento, que se deu no Recife em 14 de Novembro de 1884.

Passou durante sua longa vida publica por muitos desgostos, principalmente no exercicio do cargo de inspector do thesouro, no qual por mais de uma vez foi obrigado a satisfazer exigencias inqualificaveis, e a exhibir duras provas de habilitações e probidade ; porém pelo restricto desempenho dos seus deveres nos empregos que occupou ; por sua conducta austera, particular e politica, que por convicção seguio, militando nas fileiras do partido liberal, mereceo sempre a estima de todos os que de perto o conheceram e puderam bem julgal-o, especialmente seus amigos e parentes, aos quaes era dedicadissimo.

Foi casado em primeiras nupcias, que tiveram lugar em 25 de Março de 1840, com D. Ursulina Hermenegilda de Souza, filha legitima do pharmaceutico Bartholomeo Francisco de Souza e sua mulher D. Ursula Bessone de Souza; e em segundas nupcias, em 30 de Novembro de 1867, com D. Felicidade Perpetua Gomes da Silva, viuva de José Machado Freire Pereira da Silva.

Do primeiro consorcio teve tres filhos, Bartholomeo Torquato de Souza Silva, actual barão de Santa Cruz, D. Ursulina da Silva Oliveira, casada que foi com o Dr. Paulo José d'Oliveira e José Pedro de Souza Silva ; dos quaes só existe o primeiro, a quem coube a dolorosa missão de vêr exhalar em seus braços seu ultimo suspiro o extremoso pai, que tanto idolatrára, e do qual recebeo o legado de um nome que tanto o honra.

Da segunda mulher, que lhe sobreviveu, não teve descendencia.

ACTAS DAS SESSÕES DE 1887

SESSÃO DE POSSE DA MESA ADMINISTRATIVA EM 1887

No primeiro dia do mez de Março de 1887, a uma hora da tarde, achando-se reunidos os Srs.: Joaquim Norberto de Souza Silva, João Franklin da Silveira Tavora, Barão de Teffé, Tristão de Alencar Araripe, Henrique de Beaurepaire Rohan, José Alexandre Teixeira de Mello e Joaquim Pires Machado Portella, tomaram posse os seguintes Srs.: commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, do logar de presidente; conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, do de 2° vice-presidente, e membro da commissão de archeologia, etnographia e lingua dos indigenas; Dr. Joaquim Pires Machado Portella, do logar de 3° vice-presidente e membro da commissão de revisão de manuscriptos; Dr. João Franklin da Silveira Tavora, do logar de 1° secretario e membro da commissão de estatutos e de redacção da *Revista*; Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, do de secretario supplente, e membro da commissão de trabalhos historicos; conselheiro Tristão de Alencar Araripe, do de thesoureiro e membro da commissão de estatutos e redacção da *Revista*; Barão de Teffé, do de membro da commissão de trabalhos geographicos.

O Sr. presidente propôz que, estando enfermo em Petropolis S. M. o Imperador, se expedisse ao camarista o seguinte telegramma: « O Instituto Historico faz votos pelo proximo restabelecimento de Sua Magestade. » Esta proposta foi unanimemente approvada.

O Sr. Barão de Teffé appresentou as contas relativas ao anno de 1886, e aos mezes de Janeiro e Fevereiro de 1887, afim de ser organizado o orçamento.

Usando da palavra, declarou então o Sr. Alencar Araripe, que, recebendo n'aquella mesma occasião as referidas contas, visto que estivera até pouco tempo antes fóra da côrte em commissão do governo imperial, não podia apresentar na mesma occasião a proposta do orçamento; o que faria opportunamente.

Não havendo mais do que tratar, o Sr. presidente levantou a sessão.

Dr. J. A. Teixeira de Mello,
Servindo de secretario.

1.ª SESSÃO EM 15 DE JULHO DE 1887

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE SUA ALTEZA REAL O SR. CONDE D'EU

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, reunidos na sala do Instituto os Srs.: commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Dr. Joaquim Pires Machada Portella, Dr. João Franklin da Silveira Tavora, Dr. João Severiano da Fonseca, Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Barão de Nogueira da Gama, Dr. Maximiano Marques de Carvalho, conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, 1º tenente José Egidio Garcez Palha, tenente-coronel Francisco José Borges e Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, annunciou-se a chegada de S. A. R. o Sr. Conde d'Eu, que foi recebido com as honras do estylo; e tomando assento o Sr. presidente, abrio a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão de posse da mesa administrativa e commissões para o anno de 1887.

O Sr. commendador Joaquim Norberto dá conta dos trabalhos do Instituto durante o intervallo das suas sessões, lendo o seguinte:

Senhores! Preciso dizer-vos algumas palavras sobre o que se passou no intervallo das nossas sessões.

No dia 1° de Março, na fórma dos nossos estatutos, reunio-se e tomou posse a mesa administrativa eleita na sessão de 21 de Dezembro do anno proximo findo, e foi a primeira vez que se preencheu essa formalidade de nossa lei organica.

Na vespera adoêcera infelizmente S. M. o Imperador, que tantos e tão relevantes beneficios tem prestado ao Instituto Historico.

Foi unanimemente combinado, que se enviasse um telegramma a Sua Magestade o Imperador por intermedio de seu camarista de semana, no qual declarasse o Instituto, que fazia votos pelo prompto restabelecimento da saude de S. M. o Imperador, o qual se dignou de mandar responder, agradecendo, e a sua resposta foi acceita com todo o respeito.

Logo que Sua Magestade regressou a esta côrte, da sua convalescença em Aguas-Claras, uma commissão da mesa foi saber de sua saude, inscrevendo-se os seus membros Dr. Franklin Tavora e conselheiro Alencar Araripe no livro dos visitantes.

A espera do completo restabelecimento da saude do Imperador, não effectuavamos as nossas sessões. Iam-se prolongando as férias, e como presidente do Instituto assentei de ir com o nosso primeiro secretario á presença de Sua Magestade para recebermos as suas ordens. S. M. o Imperador nos disse, que trabalhassemos, dando principio ás sessões, e que elle ia descansar, mas que em breve estaria prompto para auxiliar os nossos trabalhos.

A tão justas recommendações nos curvamos respeitosos, mostrando-nos penhorados por tanta benevolencia.

No dia 30 de Junho achou-se a mesa administrativa no arsenal de marinha para despedir-se de Suas Magestades Imperiaes, mas a confusão, que reinou, mal

permittio, que vissemos passar o Imperador saudado pela ovação popular.

Tambem pela chegada de SS. AA. II. e RR. a Sra. Princeza D. Izabel e o Sr. Conde d'Eu achou-se a mesa do Instituto no arsenal de marinha, para cumprimental-os pela sua feliz viagem e grato regresso ás terras brazileiras ; o que não foi possivel conseguir pelo mesmo motivo.

Agora a pagina tarjada de luto!

No decurso das férias perdeu o Instituto Historico seis de seus socios nacionaes. Chamam-se : D. Francisco Balthazar da Silveira, senador Joaquim Antão Fernandes Leão, Dr. José Pedro da Silva, Dr. Joaquim Vieira da Cunha, senador Conde de Baependy, desembargador Luiz Fortunato de Brito, e tiveram a honra de bem servir o paiz e hoje gozam da gloria de o terem servido.

E' tambem preciso não esquecer o nome de D. Benjamin Vicuña Makena que tanto se assignalou em sua patria, o Chile, e que era um dos mais distinctos membros correspondentes da nossa associação.

Peço, que se abra um logar na acta da sessão de hoje para um voto de pezar por tão caras e choradas perdas.

Cumpre-nos agora mais do que nunca trabalhar—para assim cumprirmos a recommendação da despedida do augusto protector do Instituto Historico, e S. A. o Sr. Conde d'Eu, como nosso presidente honorario, seja testimunha ocular de nossos esforços, e possa dizer ao Imperador em seu regresso á capital do imperio : CUMPRIRAM, SENHOR! com as vossas recommendações.

O Sr. 1° secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Do ministerio do imperio, pedindo a exposição succinta das occurrencias que se deram no Instituto afim de serem mencionados no respectivo relatorio ;

Do director da 2ª directoria da secretaria do referido ministerio, communicando ter o Exm. Sr. ministro ficado

inteirado da communicação relativamente a eleição da mesa administrativa e commissões do Instituto;

Do director geral da secretaria de estado dos negocios estrangeiros, remettendo um exemplar do novo mappa mural do Brazil, feito e offerecido ao Instituto pelo Sr. E. Levasseur;

Dospresidentes das provincias do Rio-Grande do Sul, Maranhão, e Sergipe, enviando *relatorios* e *collecção* das leis e resoluções tomadas pelas respectivas presidencias;

Do Instituto geographico argentino, apresentando a 1ª entrega *del Atlas de la Republica*;

Do ministerio da agricultura, transmettindo diversas publicações e mappas constantes da relação enviada pelo Instituto, afim de se remetter ao Sr. Elysêo Reclus.

Da sociedade Arcadia, estabelecida no musêo paranaense, communicando a installação da referida sociedade, e offertando as producções intellectuaes de alguns socios, que se acham insertas em jornaes e folhetos manuscriptos, e pedindo para lhe ser remettida a Revista do Instituto.

Do Sr. Conde de la Hure, dando explicações sobre a origem do nome de Maranhão applicado a principio ao rio das Amazonas.

Da directoria da sociedade propagadora da instrucção ás classes operarias da freguezia da Lagôa convidando a administração do Instituto para se fazer representar na sessão solemne, distribuição de premios do anno de 1886 e posse da directoria da referida sociedade.

Do Sr. major Joaquim Vicente Leite de Castro, enviando o 1º fasciculo do *Diccionario geographico e historico das campanhas do Uruguay e Paraguay*.

Do Sr. Antonio Borges de Sampaio, manifestando o seu prazer por saber que S. M. o Imperador acha-se restabelecido de sua preciosa saude.

Do secretario da sociedade Recreio Instructivo instituida na escola militar, communicando a eleição de sua directoria e pedindo a collecção da Revista do Instituto para a sua bibliotheca.

Do presidente da provincia da Bahia, transmittindo a collecção de leis e resoluções da referida provincia e pedindo diversos numeros da Revista do Instituto.

Do Sr. P. Mascaró, enviando um exemplar da *Revista do Archivo Geral Administrativo de Montevidéo* e pedindo a Revista do Instituto do n. 47 em diante.

Do secretario do Club Naval, remettendo a relação de sua nova directoria.

Da academia imperial de medicina, convidando a administração do Instituto para se fazer representar na sessão solemne em 30 de Junho ás 6 1/2 horas da tarde no paço imperial da cidade.

Do Sr. Dr. Moreira de Azevedo, participando que por continuar doente não póde comparecer á sessão.

Do presidente da provincia da Parahiba, offerecendo dois exemplares da colleção das leis e regulamentos promulgados na referida provincia em 1885.

Do presidente da provincia das Alagôas, mandando a collecção das leis promulgadas na referida provincia em 1886.

Do Sr. Dr. Augusto Fausto de Souza, participando não poder comparecer ás sessão por se achar enfermo.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe: *Chronica d'el rei D. Manoel*, 2 vols; *Boletim do Grande Oriente do Brazil*, 3 vols; *Trabalhos do Congresso agricola de Pernambuco*, 1 vol.; *Genealogia da familia Leal*, 1 vol.; *Noticia sobre as estradas de ferro do Brazil*, 1 vol.; *o Arcipreste da sé de São-Paulo e o Clero do Brazil*, 1 vol.; *Memorias sobre o plantio de novos bosques em Portugal*, 1 vol.; *Bancos do Brazil pelo Dr. Bernardo de Souza Franco*, 1 vol.; *Jardim Poetico*, 1 vol.; *Memoria sobre colonisação no Brazil, pelo Visconde de Abrantes*, 1 vol.; *Revista do Instituto dos advogados brasileiros*, 6 vol.; *Revista mensal das decisões da Relação da corte*, 1 vol.; *Actas das sessões da assembléa geral da directoria da Associação Promotora da Instrucção*, 2 vols.; *Elementos de historia nacional de economia politica*, 1 vol.; *Origens de anexins, proloquios*, pelo Dr. Castro Lopes, 1 vol.; *Compendio da lingua brazilica*, 1 folh.; *Impressões de uma viagem do*

Pará ao Recife; Actas das sessões da directoria da Associação Promotora da instrucção de meninas, 1 folh.; *Associação Promotora da Instrucção, Receita e despeza de* 1874 *a* 1883, 1 folh.; *Noticia da cidade de Barbacena*, 1 folh.; *Contes Indiens du Brésil.*

Pela typographia nacional: — *Collecção das Leis e decisões do governo do imperio do Brazil de* 1824.

Pela secretaria da camara dos deputados: — *Annaes do parlamento brazileiro de* 1837, 1838 *e* 1886, *Relatorio e synopsis de* 1886; — *Relatorio dos ministerios da guerra, justiça e imperio.*

Pela secretaria do senado: — *Annaes do senado brasileiro*, 1886.

Pelo Sr. major Alfredo Ernesto Jacques Ourique: *Questão de limites entre o Paraná e Santa Catharina.*

Pelo Sr. Henrique Raffard: — *Rapports de la commission administrative sur l'exercice de* 1885; Phylloxéra dans le canton de Geneve em 1886; Sempocher Inbelfeier, 1886.

Pelo autor: Riconferma dell'autencitá delle historie de Fernando Colombo.

Pelo Sr. João Barboza Rodrigues: *Catalogo de produtos enviados para a e xposição de Berlin pela provincia do Amazonas.*

Pelo Sr. Barão Homem de Mello: Discurso pronunciado pelo mesmo senhor na sessão civica em homenagem a José Bonifacio em 8 de Dezembro de 1886.

Pelo Sr. Dr. Tobias Rebello Leite: *Noticia do instituto dos surdos-mudos do Rio de Janeiro.*

Pelo Sr. Prospéro Peregallo: *Origine, patria e gioventú de Cristoforo Colombo.*

Pelo autor: *Scenas da vida amazonica.*

Pelo autor major João Vicente Leite de Castro: *Diccionario geographico e historico das campanhas de Uruguay e Paraguay.*

Pelo autor: *Histoire générale des races humaines.*

Pelo Sr. Vivien de Saint-Martin: *Noveau Dictionaire de geographie universelle*, fasciculos ns. 35,36 e 37.

Pelo Sr. A. J. da Costa Brandão: *Almanak da provincia de Goiaz para o anno de* 1887.

Pelo Sr. Nivaldo Teixeira Braga : *Perfil biographico* do Exm. Sr. Visconde de Nacar.

Pelo Instituto geographico argentino : *Atlas de la Republica Argentina.*

Pela Real Academia de sciencias moralis y politicas : *El Ausenteismo en Espana* ; *El Poder Civil, tomo* 4° e 5° ; *La Vida del Campo* ; *Las Huelgas de los obreros* ; *Discursos lidos en la recepcion publica del Sr. D. Gervando* Ruiz Gomes ; *e na recepcion do doutor Conde de Torreanáz.*

Pelo Sr. Dr. Pedro Mascaró : *Revista del archivo general administrativo,* 1° vol. Montevidéo 1885.

Pela directoria da associação protectora da infancia desamparada : *Relatorio* apresentado em sessão de assembléa geral em 24 de Fevereiro de 1886.

Pelo presidente do club dramatico literario recreativo da Natividade de Carangola : *Relatorio* do anno social de 1886—1887.

Pelas sociedades de geographia de Neuchatel, Aarar, Greifswald, Roma, Tours, Anvers, Rio de Janeiro, New-York, Paris, Madrid, Lisboa, Berlin e Instituto geographico argentino e de Bordeaux : os seus boletins.

Pela Academia nacional de ciencias en Cordoba, Societé des sciences naturelles de Neuchatel, Societa Africana de Italia, Druztiva, Saigon, Cientifica de Antonio Alzate, Cientifica Argentina, Naturalistas de Moscow, Toronto, Real Academia de historia de Madrid, Zu Stettin, Instituto polytechnico brazileiro e alfandega do Rio de Janeiro : os seus boletins.

Pelo autor : *Carta delle strade ferrate italiane.*

Pelas respectivas redações as revistas : *Pharmaceutica, dos Cursos praticos e theoricos da faculdade de Medecina, do Imperial Observatorio do Rio de Janeiro, Il Brazile, Club de Engenharia, Maritima, Philotechnica, Geographia Commercial, Ensino.*

Pelas redações os seguintes jornaes : *Ventarola, Immigração, Jornal de Medicina, Nouveau Monde, Brésil, Semana, Etoile du Sud, Jornal do Parahiba, Diario Popular, Gazeta da Bahia, Rio de Janeiro, Imprensa, Gazeta Pirahiense, Publicador Goiano, Provincia do*

Espirito Santo, Espirito-Santense, Baependiano, Cachoeirano, España, Dezenove de Dezembro, Gazeta de Mogimirim, Gazeta da Victoria, Evolucionista, Seculo e *Jornal do Recife.*

ORDEM DO DIA

Fôrão lidas e enviadas á commissão de historia as tres seguintes propostas :

1.ª—Propomos para socio do Instituto historico geographico brazileiro o Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca, nascido na cidade da Fortaleza, capital da provincia do Ceará, no anno de 1842.

Formado pela faculdade de direito do Recife, exerceu o cargo de promotor publico, e depois seguio o magisterio, occupando um dos logares de lente do lyceu cearense desde muitos annos.

Servio os cargos de secretario do governo do Ceará e da Bahia, bem como desempenhou o cargo de vice-presidente de sua provincia natal, que representou no parlamento nacional, e tem representado na assembléa legislativa provincial em varias legislaturas.

Para titulo de sua admissão pódem servir as suas obras: *Presidentes do Ceará, Vocabulario indigena, Execução de Pinto Madeira perante a historia*. Esta ultima obra já está publicada na nossa *Revista Trimensal* e todas forão offerecidas ao Instituto.

Sala das sessões 15 de Julho de 1887.—*T. Alencar Araripe. Franklin Tavora.* Dr. *Maximiano Marques de Carvalho. José Mauricio F. Pereira de Barros. Olegario H. de Aquino e Castro. João Severiano da Fonseca.*

2.ª—Propomos para socio correspondente do Instituto o Sr. José Verissimo, residente na capital da provincia do Pará, onde nasceu a 8 de Abril de 1857.

E' autor de varios trabalhos ethnographicos, entre os quaes se nota o que se intitula : *Scenas da vida amazonica*, offerecido ultimamente ao Instituto.

Sala do Instituto historico e geographico brazileiro, em 15 de Julho de 1887.—*Franklin Tavora. Tristão de Alencar Araripe. João Severiano da Fonseca. Olegario H. de Aquino e Castro.*

3.ª—Propomos para socio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, o Sr. Guilherme Bellegarde, autor de varios trabalhos literarios, servindo de titulo de admissão os *Subsidios Literarios*, publicados n'esta côrte. *Olegario H. de Aquino e Castro. T. de Alencar Araripe. Franklin Tavora. J. M. F. Pereira de Barros.*

Estando sobre a mesa o parecer da commissão de admissão de socios relativamente ao general conselheiro José de Miranda da Silva Reis, corre o escrutinio secreto, é approvado unanimemente, e o Sr. presidente o proclamou socio correspondente do Instituto.

A commissão de trabalhos historicos apresentou o seguinte parecer que foi enviado a commissão de admissão de socios:

« A commissão de historia do Instituto historico e geographico brazileiro, em cumprimento do que lhe foi recommendado em officio de 26 de Março do corrente anno, examinou as obras do Dr. Angelo Justiniano Carranza, a que se refere o citado officio e vem dar o seu parecer.

« *Estudo sobre a campanha naval de* 1814, trabalho escripto para commemorar o anniversario de 17 de Maio de 1814.

« Esta memoria foi examinada pela commissão directora do club naval militar de Buenos Aires e entre outras apresentadas por diversos autores foi a unica que a commissão escolheu para mandar imprimir com esmero, ás expensas do club, em numero de mil exemplares afim de serem distribuidos pelo exercito e armada. Resolveu mais a commissão louvar o autor de tão notavel producção que, além de orientar o historiador, abrilhanta as paginas do livro da gloria da armada argentina.

A revolução de 39 *no sul de Buenos-Aires*. Nesta obra, ornada de retratos de alguns homens notaveis da repu-

blica, trata o Dr. Angelo Carranza do levantamento memoravel da provincia de Buenos-Aires contra a tyrania de D. João Manoel Rosas. E' um estudo curioso sobre a vida e o governo desse dictador que de caracter altivo e sanguinario, praticou no seculo XIX horrores que fizeram lembrar as despotas da idade média.

Exploração ao Chaco austral. Nesta obra escreve o Dr. Angelo Carranza o diario da expedição realisada em 1883, os planos levantados pela commissão scientifica exploradora, que acompanhou a expedição militar, e da qual fazia o autor parte, a topographia da zona que foi explorada, e as observações astronomicas e meteorologicas. Illustram este interessante livro gravuras e mappas.

Ordenações geraes para a armada.—Sendo o Dr. Angelo Carranza nomeado presidente da commissão encarregada de um projecto sobre regulamentos de disciplina, de uniforme e de bandeiras e insignias para a armada, confeccionou uma obra em dous volumes, nos quaes manifesta os seus conhecimentos sobre a materia e o seu tino administrativo.

Estas obras foram offerecidas pelo autor do Instituto historico e são apresentadas como titulo de admissão desse escriptor ao gremio da nossa associação.

O Dr. Angelo Justiniano Carranza, socio de diversas sociedo de sscientificas e literarias da Europa e da America, é autor de muitas outras obras historicas de reconhecido merito, que provam a sua variada instrucção e infatigavel actividade de escriptor.

Assim julga a commissão submettendo o presente parecer á sabia consideração da do Instituto historico.

Sala das sessões em 15 de Julho de 1887.—*Dr. M D. Moreira de Azevedo. Dr. J. A. Teixeira de Mello. Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.*

Foi tambem lido e enviado á commissão de fundos e orçamento o seguinte balancete da thesouraria do Instituto:

Balancete da thesouraria do Instituto Historico e geographico brasileiro nos mezes de Março a Junho de 1887.

RECEITA

Dinheiro recebido do Sr. Barão de Teffé no acto da entrega da thesouraria em 1 de Março..........................	161$316
Juros de apolices no 2° semestro de 1886 a 1887..........................	546$000
Subsidio do thesouro nacional no semestre de Janeiro a Junho de 1887..........	4:500$000
Prestações semestraes dos socios.........	366$000
Venda da Revista Trimensal............	1$000
	5:574$316

DESPEZA

Impressão da Revista de 1886 (2° 3° e 4° trimestres)........................	2:305$500
Idem da Revista de 1887 (1° trimestre)....	884$000
Encadernação de livros................	141$000
Expediente..........................	297$940
Vencimentos dos empregados de Fevereiro a Junho de 1887.....................	1:258$330
Porcentagem ao cobrador................	63$400
	4:950$170
Saldo da caixa................	624$146
	5:574$316

OBSERVAÇÕES

Para as despezas futuras, além do presente saldo, temos os juros das apolices no 1° semestre do corrente

anno, e subsidio do thesouro nacional de Julho a Dezembro vindouro e as prestações dos socios ainda não pagas.

Rio 15 de Julho de 1887. *T. de Alencar Araripe*, thesoureiro.

Lê-se um officio datado de Uberaba de 1 de Março ultimo do tenente coronel Antonio Borges de Sampaio, agradecendo sua admissão como membro correspondente e promettendo ajudar com seus esforços o empenho do Instituto.

Pelo Sr. Dr. Joaquim Portella foi lida uma carta do Sr. Dr. Francisco Augusto Tavares da Costa, secretario da legação em Washington, remettendo a cópia em aquarella da bndeira da revolução pernambucana de 1817, levada aos Estados Unidos pelo revolucionario Antonio Ferreira da Cruz Cabugá.

Lê igualmente o mesmo senhor e offerece ao Instituto a cópia de alguns documentos de importancia historica, existentes no archivo publico do imperio.

E nada mais havendo a tratar, o Sr. presidente, obtendo a augusta venia, levantou a sessão, marcando para a seguinte proxima quarta-feira 3 de Agosto ás 7 horas da tarde.

Dr. João Severiano da Fonseca, secretario supplente.

2ª SESSÃO EM 3 DE AGOSTO DE 1887

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. A. O SR. CONDE D'EU

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto.

A's 6 1/2 horas da tarde, presentes os Srs.: Joaquim Norberto, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Dr. Joaquim Pires Machado Portella, tenente-coronel Augusto Fausto de Souza, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, Dr. João Severiano da Fonseca, Dr. Cesar

Augusto Marques, Dr. Maximiano de Carvalho, Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, Barão de Teffé, Barão de Nogueira da Gama, conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, tenente-coronel José Francisco Borges, tenente-general José de Miranda da Silva Reis e Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho; annunciada a chegada de S. A. o Sr. Conde d'Eu é recebido com as formalidades, e tomando assento, abre-se a sessão e é lida e approvada a acta da sessão antecente.

O Sr. 1° secretario interino Fausto de Souza dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Do Sr. Dr. Moreira de Azevedo offerecendo ao Instituto em nome do Sr. José dos Reis Carvalho dez seguinte desenhos:

1.°—A imagem de S. Jorge que apparecia na antiga procissão de corpo de Deus;
2.°—O homem de ferro da mesma procissão;
3.°—O escudeiro de S. Jorge;
4.°—A Folia esmolando para o Espirito-Santo;
5.°—A igreja de Sant'Anna em dia de festa;
6.°—Os musicos;
7.°—O theatro provisorio em 1853;
8.°—A Bica dos marinheiros;
9.°—O chafariz do Lagarto;
10.—A illuminação do azeite de peixe.

Dos Srs. Garnier e Saintives, enviando em nome do Sr. Felix Alcan o livro intitulado: *Recueil des instructions, Portugal, par Caix de Saint Aymur*;

Da directoria do Instituto da Ceará, communicando a sua fundação, enviando o 1° folheto da sua *Revista Trimensal*, e pedindo o auxilio do Instituto.

OFFERTAS

Pela secretaria da presidencia do Pará « Fala com que o Exm. conselheiro Tristão de Alencar Araripe, abrio a sessão extraordinaria da assembléa legistativa provincial em 5 de Novembro de 1885, e a que abrio a 1ª sessão da 25ª legislatura da assembléa provincial em 25 de Março de 1886.

Pela secretaria da presidencia da Bahia « Collecção de obras relativas a historia da capitania depois provincia da Bahia e a sua geographia mandada imprimir e publicar pelo Barão Homem de Mello, presidente da mesma provincia, *Historia da America Portugueza*, escripta por Sebastião da Rocha Pita ;

Pelo Sr. Vivien de Saint-Martin : *Nouveau Dictionaire de geogrpphie univêrselle ;*

Pelas sociedades de geographia de Tours, Bordeaux, Berlin, Munchen, New-York, Pariz, Anvers e Real Academia de historia de Madrid : os seus boletins ;

Pelo Sr. Barão de Ibituruna : *Relatorio* dos trabalhos da inspectoria geral de hygiene apresentado ao ministerio do imperio ; *Aguas Potaveis*, contribuições à hygiene do Rio de Janeiro ; *Apontamentos* sobre a escola de de Santa Izabel ; *Muza Latina* do Dr. Antonio de Castro Lopes ;

Pela Smithsonian Institution :

Annual Report of the United Stales geological Survey 1881—1884—3°, 4° e 5° vols. ;

Report upon United States geographical Surveys—vol. III—Suppement, vol. VII ;

Natural History of New-York—Paleontology—vol. V, p. II, 2 vols. texto e estampas ;

Annual Report of the board of regents of the Smithsonian Institution, 1880, 83, 84—3 vols. ;

Por diversos : *Rendiconto dell' Accademia delle scienze fisiche e matematiche. Anno* XXII, XXIII, XXIV, XXV—1883—86—3 vols. e 2 fasculos ;

Denkschriften der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften. Mathematisch-naturwissenschaftliche Classe, vol. 48 e 49 ;

Philosophische-historische classe, vol. 45, 46, 48 e 49 ;

Abhandlungen der Mathematisch-physikalischen classe —vol. 15 ;

Anales del Museu Nacional de Mexico, tomo II, entregas 6ª e 7ª, tomo III, entregas 1ª e 9ª ;

Sitzungsberichte der philosophisch-philologischen und historischen classe der k. b. Akademic der Wissenschaften zu Munchen—1873 part. 4, 5 e 6, 1874 a 1881, 1885—15 vols. ;

Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften ;

Philosophisch-historische classe, CI vol. part. II, CII, CIII, CVII, CVIII, CIX—1882-85—6 vols ;

Mathematisch-naturwissenschafteiche Classe, XCI vol. LXXXVI, LXXXVII, XC, XCI—1882-85—4 vols.—1ª Divisão. LXXXVI vol. part. II, III, IV, V, LXXXVII, XC—1882-84—3 vols.—2ª Divisão mais XC vol. 1885—1 vol. LXXXVI vol. part. III bis V, LXXXVII part. I bis III, LXXXIX p. III bis V, XC, XCI p. I e II—5 vols.—3ª divisão ;

Archiv fur osterreichischs Geschichte, vol. 64, 2ª p., 66, 67 p. 1ª ;

Register zu den Banden 91 *bis* 100 *der Sitzungsberichte der philosophisch-historischen Classe* X ;

Register zu den Banden 86 *bis* 90 *der Sitzungsgsberichte der mathematisch-naturwissenschaftlichen Classe*, XI ;

Almanach der Kaiserlichen Akademi der Wissenschaften 1883 ;

Joh. And. Schmeller—Eine Denkrede von Konrad Hofmann ;

Sage und Forschung Festrede... von F. Ohlenschlager ;

Zun Begriff und Wesen der romischen Provinz. Von Alois von Brinz ;

Mittheilungen aus dem Osterlande, 3º vol. 1886 ;

Bulletin mensuel de la Société Linneenne du Nord de France. Tomo V, n. 99 a 114, tomo VI, tomo VII, n. 139 a 150—1880-85 ;

Mémoires de la Societé Linéenne du nord de la France. Tom. V et VI—1883—1885. 2 vols.

Répertoire des travaux de la société de statistique de Marseille. Tom. 40, 2e et 3e partie, 41, 1e part.

Mémoires de la Société académique indo-chinoise. Tome deuxième. 1872—73. 1 vol.

Société académique indo-chinoise. *Actes et Compte rendu des seances*. 1877, 1878, 1879. 1 vol.

Le mouvement économique en Portugal et le Vicomte de San-Januario, par E Gibert 1 vol.

Rapport sur la possibilité d'établir des relations commerciales entre la France et la Birmanie, par Louis Vossion. 1 vol.

Mouvements de l'ancien Cambodge, par le Mis de Croizier. 1 vol.

Bulletin de la Société normande de geographie. Mai à Decembre 1881, 82, 83, 84, 85 1886 Janvier a Août. 6 vols.

Bulletin de la Société académique hispano-portugaise de Toulouse. Tom. II, III, IV n. 2, 3, 4, V, VI, VII— n. 1, 2, 3.

Annuaire de la Société académique franco-hispano-portugaise de Toulouse. Année 1884—85

Estatuts et reglements de la Société académique franco-hispano-portugaise. 1883.

The Pennsylvania Magazine of history and biogrophy vol. V. n. 3, 4—VI. n. 1, 2—IX. n. 1, 2, 3, 4.

Bulletin de la Société belge de géographie. Cinquiéme année. n. 1, 2, 4, 5, 6—Sixième année. n. 2, 3, 4, 5—Neuvième année n. 4, 5, 6.

Bulletin de la Société d'anthropologie de Lyon. Tome Primier (n.) II.—Tome deuxiéme (n.) II.—Tome quatriéme.—Tome troisiéme (n.) I, II.

Mémoires de la Société nationale des sciences naturelles et mathématiques de Cherbourg. Tome XXIII 1881.

Catalogue de la bibliothèque de la Société nationale des sciences naturelles et mathematiques de Cherbourg. 1881.

Bulletin of the California Academy of sciences. N. 4. January, 1886.

Bulletin of the Minnesota Academy. Vol. II. N. 2, 3, 1881.

The Transactions of the Academy of sciences of Saint Louis. Vol. IV. N. 2.

Scientific proceeding of the Ohio Mechanics' Institute. Vol. I. N. 4. 1882.

Congressional directory, By Ben. Perley Poore. 1882.

Report of the department of mines Nova Scotia for the year 1881.

The Annual Report of the board of directors of the Pennsylvania Institution for the deaf and dumb. 1880.

Fifti-third annual report of the board of managers of the house of refuge. 1881.

Proceeding of the American Association for the advancement of sciences. 1885. 2 vols.

Mittheilungen des Vereins für Erdkunden zu Leipzig. 1884.

Mittheilungen der kais. und kön geographischen gesellschaft in Wien. 1881.

Annuaire de la Société américaine de France 1881.

Annuaire de l'Athénée oriental. 1880.

Société d'ethnographie. Statuts revisés par le Conseil. 1879.

Société d'ethnographie fondée en 1859. Exposé général 1869.

Bulletin de la Société d'ethnographie. N. 2. 1884.

Actes de la Société de'thnographie. (n.) 3, 4, 1884, 1, 2, 3, 4.

Annuaire de la société d'ethnographie. 1859—75, 81, 82, 85, 74,—75.

Annuaire de l'Institution d'ethnographie. 1878, 80, 81—82.

Institution ethnographique. Commission mixte des recompenses et encouragements 1883, 84, 85.

Annuaire de la délégation générale de la France. 1885.

Annuaire de la élégdation générale de l'Océanie. 1884 - 85.

Instructions pour les délégations. 1880.

Compte rendu des séances de la société americaine de France. Tome IX. 1879.—Partie 2.

L'Ame humaine au point de vue de la science ethnographique par C. Schœbel.

Denkscriften der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften. Philosophisch Hist. classe, vol. 33, 35.

Pela Academia Real das sciencias, das letras e das bellas-artes da Belgica.

Bulletins de l'Académie royale des sciences, des lettres et des beaux — Arts. 52e *année*, 3e *serie* T. VI. 1883 53e *année*, 3e *serie* TOME VIII. 1884.

*Mémoires couronnées et autres memoires publiées par l'Académie Royale des sciences, des lettres et des beaux-arts de Belgique. Collection in-*8 TOME XXXVI. 1884.

Mémoires de l'Academie royale des sciences, des lettres et des beaux-arts de Belgique. TOME XLV. 1884.

Mémoires couronnées et memoires des savants etrangers publiées par l'Académie royale des sciences, des lettres et des beaux-arts de Belgique. TOME XLV. 1883 XLVI 1884.

Pelas respectivas redacções.

Resultados del Observatorio Nacional Argentino en Cordoba vol. V, V 1874-1875.

Anales de la Oficina Metereologica Argentina. Tomo V, 1877.

Pelas respectivas redacções :

Diario Popular, Rio de Janeiro, Imprensa, Jornal do Recife, Semana, Publicador Goiano, Espirito-Santense, Seculo, Cachoeirano, Baependiano, Provincia do Espirito-Santo, Brésil, Noveau Monde, Etoile du Sud, e *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro.*

ORDEM DO DIA

O Sr. conselheiro Olegario, dando conta da commissão de que foi encarregado de comprimentar a Sua Alteza a Serenissima Princeza Imperial no dia 29 de Julho seu anniversario natalicio, apresenta o seguinte discurso, ao qual Sua Alteza Imperial dignou-se responder, que agradecia muito as congratulações do Instituto Historico :

« Senhora.— O Instituto Historico e Geographico Brazileiro encarregou-nos da honrosa e agradavel missão de apresentar a Vossa Alteza Imperial suas respeitosas homenagens e sinceras congratulaçõos pelo feliz anniversario, que, na effusão do mais intenso jubilo, é hoje celebrado em todo o Imperio.

As expressivas manifestações de cordial adhesão que vos rodeiam, Senhora, em dia tão festivo para a familia imperial e para os Brazileiros, que na monarchia constitucional têm encontrado a mais segura garantia das liberdades publicas, ainda uma vez demonstram que o anniversario natalicio da graciosa Princeza Imperial é para nós sempre objecto das mais gratas recordações no passado, e fagueiras esperanças no porvir.

Brazileira pelo nascimento e pelo coração, herdeira de um solio augusto elevado ao generoso impulso da liberdade, educada na severa escola do dever, á luz das proveitosas lições da sabedoria, patriotismo e longanimidade, ditadas pelo esclarecido soberano, que á felicidade da nação tem consagrado todos os esforços de sua benefica e laboriosa existencia ; serena imagem das sublimes virtudes que adornam a caridosa mãi dos Brazileiros e digna esposa do pinclito rincipe, que na defeza dos nossos direitos soube nos campos da batalha recommendar seu nome á gratidão nacional, vós, senhora, sois destinada pela Providencia á gloriosa missão de completar a obra do engrandecimento da patria, que tanto já vos deve, relembrando os beneficios que assignalaram a vossa sempre memoravel regencia.

Nos fastos na nossa vida social ha uma pagina brilhante em que fulgura o vosso nome aureolado pelo esplendido albor da liberdade ; prosegui na honrosa carreira encetada, e a historia, fiel interprete do sentimento nacional, ha de registrar vossos feitos e exaltar vosso nome, entrelaçando-o com o do grande cidadão e excelso monarcha, ora ausente, por doloroso motivo, que a todos nós compunge, mas, pelo coração e pelo affecto, pela saudade e pelo amor, entre nós presente, compartilhando as doces alegrias da familia brazileira, os ineffaveis jubilos que irradiam sobre a fronte augusta da filha querida

e extremosa, que tanto ama e venera seu bom pai, quanto é por este justa e merecidamente idolatrada.

Que o Céu prolongue e abençoe os claros dias de vossa auspiciosa existencia! Taes são, Senhora, os fervorosos votos da corporação litteraria, que ante vós se apresenta. Dignai-vos de acolhel-os com o favor que é proprio de quem, antes de imperar pela autoridade, já sobre nós domina pelo suave influxo da bondade e vivo exemplo das mais puras e candidas virtudes.

O Sr. presidente declara que a resposta de Sua Alteza é recebida com todo o agrado e respeito.

O Sr. tenente general José de Miranda da Silva Reis agradece ao Instituto o titulo de socio correspondente, que lhe foi conferido.

O Sr. presidente responde, que o Instituto historico espera de suas luzes a mais proveitosa coadjuvação.

O Sr. Dr. Cezar Marques communica, que não compareceu á ultima sessão por se achar fóra da côrte.

O Sr. presidente nomeia o Sr. tenente-coronel Borges para servir na commissão de orçamento em uma vaga existente na dita commissão.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe, thesoureiro do Instituto propõe, que se determine o preço, por que deve ser vendida cada collecção da Revista Trimensal, ou si deve-se considerar em vigor a deliberação de 1882, que autorizou abatimento razoavel, podendo vender-se cada collecção por 120$000. Parece-lhe que sendo passados quatro annos e havendo o accrescimo dos respectivos volumes, não deve vigorar o mesmo preço.

Depois de algumas considerações resolveo-se, que ao preço de 120$000 d'aquella data em diante se accrescente 3$000 por cada volume publicado.

Propõe mais, que se dê qualquer solução relativamente a publicação das Ephemerides do Rio-Grande do Sul; e verificando-se ter já a commissão de trabalhos historicos dado parecer sobre esta obra, ficou a commissão de fundos incumbida de propôr o que fôsse conveniente para difinitiva resolução.

Foram lidas e remettidas á commissão de historia as seguintes propostas.

1.ª Propomos para membro correspondente do Instituto historico o Illm. e Exm. Sr. conselheiro Antonio Almeida de Oliveira, nascido em 1843 no termo do Codó na provincia do Maranhão, bacharel em direito pela respectiva faculdade do Recife em 1866, ex-presidente da provincia de Santa-Catharina de Abril de 1879 a Maio de 1880, ex-deputado geral nas duas ultimas legislaturas passadas, ex-ministro da marinha de Maio de 1883 a Junho de 1884, servindo de titulo para sua admissão além do seu longo e minucioso relatorio sobre a repartição da marinha, os seus livros *Ensino publico*, *Arado* (vantagens da cultura intensiva) e um parecer pedido pelo ministerio do imperio para ser presente ao congresso de instrucção publica sobre o projecto da creação de uma universidade na côrte, além de diversas obras de direito já publicadas.

Em todas essas obras demonstrou elle talento, estudo dedicação ao trabalho, além de notavel patriotismo, sinceridade na exposição de suas idéas; e louvavel modestia, qualidades estas que o fazem digno de pertencer ao nosso Instituto.

Sala das sessões do Instituto historico, na noute de 3 de Agosto de 1887.— Dr. *Cesar Augusto Marques. T. de Alencar Araripe. J. P. Machado Portella. Barão de Teffé. Augusto Victorino A. Sacramento Blake.*

2.ª Propomos para socio correspondente do Instituto o Sr. Barão de Ibituruna, doutor em medicina, nascido em Minas-Geraes a 14 de Junho de 1828, servindo-lhe de titulo, além de varios trabalhos que tem, os seguintes:

Aguas potaveis, Apontamentos sobre a escola de Santa Izabel, e tambem o relatorio dos trabalhos da inspectoria geral de hygiene.

Rio 3 de Agosto de 1887.— *O. H. de Aquino e Castro. Felizardo Pinheiro de Campos. Joaquim Pires Machado Portella.* Dr. *Augusto Victorino A. Sacramento Blake.* Dr. *Maximiano Marques de Carvalho. T. de Alencar Araripe.* Dr. *João Severiano da Fonseca.*

3.ª Propomos para membro correspondente do Instituto historico e geographico o Illm. e Exm. Revm. Sr. D. Antonio Macedo Costa, sabio e virtuoso bispo da

diocese do Pará, servindo de titulo para sua admissão o seu interessantissimo livro publicado no anno passado em Maranhão, com o titulo — *Questão religiosa perante a Santa Sé ou a missão especial a Roma em* 1873 *á luz de documentos publicados e ineditos*, esclarecendo de maneira notavel uma época da historia do Brazil, bem dolorosa para todos, e especialmente para os filhos da igreja catholica apostolica romana, pelo que o julgamos muito merecedor de fazer parte do nosso gremio, onde já brilharam outros bispos de iguaes dotes.

Sala das sessões do Instituto historico na noite de 3 de Agosto de 1887. — Dr. *Cesar Augusto Marques. J. P. Machado Portella. Barão de Teffé. Augusto Victorino A. Sacramento Blake.*

Foi remettida á commissão subsidiaria de trabalhos historicos a seguinte proposta :

« Propomos para membro correspondente do Instituto Historico e Geographico o Exm. Sr. Visconde de Sanches de Baena, natural de Portugal, residente em Lisbôa, moço fidalgo em exercicio na casa real, socio da Academia Real das sciencias de Lisbôa, e de muitas outras sociedades literarias e scientificas do mundo, servindo-lhe de titulo para a sua admissão as suas memorias, obras historicas, de subido merito, que tem offerecido a este Instituto, e especialmente os « *Factos historicos para o monumento aos restauradores de Portugal em* 1° *de Dezembro de* 1640, *Notas e documentos ineditos para a biographia de João Pinto Ribeiro e Resenha genealogica da familia de Pedro Alvares Cabral*, o descobridor da nossa patria.

Em todos estes trabalhos e em muitos outros revela o Sr. Visconde talento cultivado, perseverança no estudo, estylo ameno e agradavel, genio investigador sincero e incansavel, e finalmente probidade historica, pelo que nos apressamos a fazer a presento proposta.

Sala das sessões do Instituto historico na noite de 3 de Agosto de 1887.— Dr. *Cesar Augusto Marques. T. de Alencar Araripe. J. P. Machado Portella. Barão de Teffé.*

Foi tambem enviado, depois de approvado, á commissão de admissão de socios o seguinte parecer da commissão de historia.

A commissão de historia do Instituto historico geographico brazileiro foram presentes as obras do Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca a que se refere a proposta assignada por cinco illustres consocios em data de 15 de Julho de 1887 e de conformidade com o que é disposto nos estatutos que regem esta associação passa a dar seu parecer sobre o valor historico d'esses trabalhos.

O 1.°, intitulado *Presidentes do Ceará*, é um manuscripto de 74 paginas, não comprehendendo as notas. Menciona os presidentes da provincia durante o primeiro reinado. Expõe o autor com criterio e imparcialidade as biographias do 1.°, 2°, 3.°, e 4.° presidentes, Pedro José da Costa Barros, José Felix de Azevedo Sá, Antonio de Salles Nunes Berford e Manoel Joaquim Pereira da Silva.

O 2.°, sob o titulo *Vocabulario indigena em uso no Ceará*, é tambem um trabalho em manuscripto de 413 paginas. N'esta memoria, que póde ser consultada com vantagem por aquelles que se dedicam a estudos d'este genero, encontram-se muitas explicações etymologicas, topographicas, historicas e medicinaes.

O 3.° trabalho acha-se publicado na 1.ª parte do tomo 50 da nossa revista, e tem por titulo *Execução de Pinto Madeira perante a historia*.

Procura o autor provar, que a execução ou antes o assassinato juridico de Pinto Madeira não póde ser attribuido ao presidente José Martiniano de Alencar. Combate com documentos, que enriquecem o seu escripto as opiniões de Abreu Lima, Brigido dos Santos e do conselheiro Pereira da Silva. Descreve a revolta de Pinto Madeira, sua submissão a Pedro Labatut, prisão, processo, julgamento e condemnação á pena de morte. Prova, que o presidente Alencar nunca requisitou a vinda do réo para o Ceará, como assevera João Brigido ; que aquelle presidente recommendou ao commandante da força que o conduzio ao promotor publico e ao juiz da comarca do Crato. Transcreve a correspondencia trocada entre o

presidente Alencar e o referido juiz, na qual censura o primeiro a infracção manifesta de todos os artigos da lei no processo do réo, do qual diz—foram as autoridades do Crato quem o mataram anarchica e illegalmente.

De feito não ha provas que se possa attribuir ao presidente Alencar esse facto criminoso. Tomou elle cautela e providencias para que similhante attentado não fôsse commettido, mas infelizmente foram inuteis. Reprehendeu ao juiz por ter mandado proceder á execução de Pinto Madeira sem recurso ao poder moderador. Accresce, que o deputado Martim Francisco, que o accusou na camara d'esse delicto, foi o mesmo que trez annos depois fazendo parte de um ministerio em que os irmãos Andradas exerciam a maior preponderancia, nomeou a Alencar, pela segunda vez, presidente do Ceará.

Vê-se pois, que esse trabalho do Dr. Paulino Nogueira é curioso e illucida um facto importante da historia patria.

O Dr. Paulino Nogueira nasceu em 1842 na cidade da Fortaleza, capital da provincia do Ceará. Tomou o gráo de bacharel em sciencias juridicias na faculdade de direito do Recife e exerceu o cargo de promotor publico. Abraçando a carreira do magisterio occupa, ha longos annos, um dos logares de lente do lyceu litterario cearense. Servio os cargos de secretario do governo do Ceará e da Bahia, bem como o de vice-presidente de sua provincia natal, que representou no parlamento nacional, e tambem na assembléa provincial em varias legislaturas.

Todas as obras do Dr. Paulino Nogueira examinadas pela commissão de historia foram offerecidas ao Instituto Historico pelo autor.

Eis o juizo da commissão que o submette á sabedoria do Instituto historico e geographico brazileiro.

Sala das sessões, 3 de Agosto de 1887.— *Dr. M. D. Moreira de Azevedo. Augusto Victorino. A. Sacramento Black.*

O Sr. Barão de Teffé reclama pela 2ª vez o parecer da commissão de admissão de socios, reclamação apresentada o anno passado relativa ao Dr. Joaquim de Paula

Souza, que enviou ao Instituto uma collecção de seus trabalhos.

O Sr. presidente declara, que providenciará para que a commissão dê o seu parecer quanto antes.

O Sr. Barão de Teffé dá conhecimento do conteúdo de uma carta do nosso consocio o Sr. Ricardo Gumbleton Daunt, de São-Paulo, acompanhada de um documento antigo que se refere a João Ramalho.

O Sr. Sacramento Blake enceta a leitura da primeira parte de um trabalho historico acerca da vida e das obras do finado barão da Villa da Barra.

O Sr. Dr. Cezar Marques preenche a hora da leitura, fazendo ouvir uma memoria intitulada *D. Francisco de Mello Manoel da Camara, suas excentricidades e seus despachos como governador e capitão-general do Maranhão.*

Achando-se adiantada a hora e obtida a venia de de Sua Alteza, o Sr. presidente levanta a sessão.

Dr. João Severiano da Fonseca.
Secretario supplente.

3.ª SESSÃO EM 17 DE AGOSTO DE 1887.

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

A's 8 horas da noite, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva, Drs. João Franklin da Silveira Tavora, Augusto Fausto de Souza, João Severiano da Fonseca, Maximiano Marques de Carvalho, tenente general José de Miranda da Silva Reis, Barão de Teffé, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, e tenente coronel Francisco José Borges, o Sr. presidenie declarou aberta a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. 2º secretario communica que os socios monsenhor Dr.

Manoel da Costa Honorato e senador Alfredo d'Escragnolle Taunay não comparecem por motivo de molestia.

O Sr. 1° secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Do socio Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, declarando não poder continuar como membro da commissão de trabalhos historicos em consequencia de trabalhos inherentes ao cargo que exerce na repartição de hygiene.

Do secretario da sociedade Recreio instructivo na escola militar, communicando a sua eleição e lembrando o pedido que fizera da collecção da Revista do Instituto.

Do Sr. D. Emilio Crisólogo Varas, representante do Chile, enviando as obras: *Historia general de Chile*, (6 vols.) *Historia de la guerra del Pacifico* (3 vols.) *Geographia fizica de Chile*, com atlas illustrado.

OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. Moreira de Azevedo os jornaes: *Ensino Primario*, n. 1 do 2° anno; o *Asterisco*, n. 1 do 1° anno; o *Negro*, n. 1 do 1° anno e o *Diario Illustrado* n. 1 do 1° anno.

Pela *Corneill University*, *Register* 1886-1887; pelo autor, *Elementos de geographia do Brazil*; pela secretaria da assembléa provincial do Paraná, *Annaes da assembléa provincial do Paraná* 1ª e 2ª sessão da 17ª legislatura; pelo congresso argentino, *Mensage del presidente de la Republica al abrir las sessiones*, *Informe incidental*, *Navegacion del Rio Bermejo*, *Memoria descriptiva de la provincia de Santiago del Estero*, *Republique Argentine et ses colonies*, *Informes preliminares*, *Memoria appresentada al honorable congresso de 1885*, *Estudios hydrographicos*,

tomo 2°, *Annexo al tomo* 2° *de la memoria presentada al honorable Congresso de* 1885,*Planos.*

Pelo Club de engenharia: *Revista mensal* 1° anno n. 7.

Pela Academia nacional de sciencias em Cordoba o seu *boletim*, entrega 3ª, tomo 9.

Pela Sociedade africana de Italia o seu *boletim* anno 6, fasciculos 5 e 6.

Pelas respectivas redacções : *Rio de Janeiro, Gazeta da Bahia, Diario Popular, Provincia do Espirito Santo, Jornal do Recife, Semana, Época, Imprensa, Seculo, Cachoeirano, Baependiano, Jornal da Parahiba, Espirito Santense, Publicador Goiano, Atalaia, Brésil, Nouveau Monde* e *Boletins da alfandega do Rio de Janeiro* e *de la librairie* A. *Bitencourt e Hijos.*

O Sr. presidente, usando da attribuição, que lhe conferem os estatutos,propõe, que sejam elevados á classe de socios honorarios os socios effectivos Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo e conselheiro João Manoel Pereira da Silva.

São approvadas unanimemente.

ORDEM DO DIA

E' lida e approvada a proposta : « Propomos, que o Sr. Barão de Teffé, socio correspondente do Instituto, seja elevado á classe de socio effectivo pelos serviços que tem prestado.

Sala das sessões, em 17 de Agosto de 1887. *Franklin Tavora. Dr. Maximiano Marques de Carvalho. Dr. Cezar Augusto Marques. Augusto Fausto de Souza.*

O Sr. presidente nomeia o Sr. Dr. Cezar Augusto Marques para interinamente substituir o Sr. Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, na commissão de trabalhos historicos.

São lidas e remettidas á commissão de trabalhos historicos as seguintes propostas :

1.ª Propomos para socio correspondente do Instituto historico e geographico brazileiro o Sr. João

Capistrano de Abreu, nascido na provincia do Ceará em 23 de Outubro de 1853. E' elle professor de historia do Brazil no imperial collegio D. Pedro II, tem-se dedicado aos estudos da historia patria com proveito das letras, e podem servir-lhe como titulo de admissão os seguintes trabalhos já divulgados pela imprensa : *o Brazil no seculo XVI, estudos sobre as armadas, de André Gonçalves, Gonçalo Coelho, e D. Nuno Manoel* ; e *Descobrimento do Brazil e seu desenvolvimento no seculo XVI.*

Rio 17 de Agosto de 1887. *T. de Alencar Araripe. Dr. Cezar Augusto Marques. Franklin Tavora. Augusto Fausto de Souza.*

2.ª Propomos, que seja admittido como socio correspondente d'este Instituto o Sr. bacharel em mathematicas Alfredo Ernesto Jacques Ourique, major do corpo de engenheiros, nascido em São-Paulo a 21 de Fevereiro de 1848, servindo-lhe de titulo de admissão o seu trabalho ultimamente impresso e por elle offerecido a este Instituto sobre a questão de limites entre as provincias de Santa Catharina e Paraná, resultado da missão especial de que foi incumbido pelo governo imperial desde Setembro de 1882 a Março de 1884.

Sala das sessões do Instituto em 17 de Agosto de 1887.—*Augusto Fausto de Souza. Franklin Tavora. Dr. Cezar Augusto Marques.*

A' commissão de admissão de socios os seguintes pareceres:

1.º A commissão de historia do Instituto historico e geographico brazileiro, satisfazendo a incumbencia de que trata o officio de 26 de Março do corrente anno, que acompanhou a proposta assignada por onze illustres consocios indicando para socio correspondente o conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, vem hoje expender o seu parecer.

Apezar de não haver o candidato apresentado trabalho proprio como determina o art. 6 dos estatutos, que nos regem, é tão reconhecida a sua proficiencia e luzes que não póde a commissão deixar de ser favoravel em seu juizo a respeito de tão conspicuo cidadão.

Foram apresentados para admissão do distincto parlamentar ao gremio do Instituto os seus relatorios perante a assembléa geral como ministro do imperio.

De feito, no periodo de quatro annos que exerceu o cargo de ministro do imperio, exhibio o conselheiro João Alfredo importantes relatorios, nos quaes são estudadas e desenvolvidas com criterio e saber as idéas sobre instrucção publica, hygiene e estatistica. As questões relativas á instrucção publica mereceram-lhe sempre muita attenção.

Procurou organizar e desenvolver o ensino elementar, e dar mais importancia ao ensino secundario e superior. Occupou-se com a diffusão do ensino primario, com a multiplicação das escolas. Mereceu-lhe a educação do povo particular cuidado, e mandou erguer sumptuosos edificios para escolas, que além de aformosearem a capital do imperio, chamaram a attenção publica para a instrucção publica. A sua acção não se limitou a auxiliar os estabelecimentos do estado, porém outros existentes como o lyceu de artes e officios, votando maior quantia para a sua subsistencia.

Não foi só a causa da instrucção publica, que mereceu seus cuidados, porém tambem como já dissemos, a da saude publica e da estatistica, e sobre similhantes questões ha em seus relatorios uteis idéas, que podem ser aproveitadas. Tratou de melhorar a repartição da saude publica com elementos indispensaveis ao exercicio de suas importantes funcções. Convergio sua attenção para todas as questões relativas ao ministerio, que exercia, merecendo por sua actividade e serviços a benemerencia publica.

O conselheiro João Alfredo, nascido na cidade de Goiana em 22 de Dezembro de 1835, formado em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito do Recife em 1856, doutorado na mesma faculdade em 1858, membro da assembléa provincial de Pernambuco de 1856 a 1860, deputado á assembléa geral em 1861, subio a ministro e secretario de estado em 1870 e alcançou a cadeira da camara vitalicia em 1877. E' tambem

conselheiro de estado e possue diversas condecorações honorificas.

Sala das sessões 17 de Agosto de 1887.—*Dr. M. D. Moreira de Azevedo. Dr. Cezar Augusto Marques.*

A commissão de historia do Instituto historico e geographico brazileiro, em cumprimento do que lhe foi recommendado em officio de 25 de Julho do corrente anno, examinou o livro do Sr. José Verissimo intitulado: *Scenas da vida amazonica*, offerecida ao Instituto pelo autor.

Occupa-se o autor na parte primeira do seu livro com as populações indigenas e mestiças do Amazonas; trata dos tapuios e seus descendentes, de sua linguagem, crenças e costumes. Menciona muitas palavras de origem tupi-guarani uzadas pela gente amazonica. Falando das raças cruzadas do Pará diz o autor, que ellas estão profundamente degeneradas, e tocando na catechese do selvagem acredita, que só o cruzamento póde concorrer para isso, condemnando todos os outros meios.

Na segunda parte de sua obra apresenta diversos contos ou pequenos romances e esbocetos nos quaes procura descrever os costumes e uzos das raças cruzadas que habitam a região amazonica; mas é de sentir que não tivesse intercalado notas nesta parte recreativa do seu livro, que não póde ser sufficientemente comprehendida sem lêr-se antes os prolegomenos sobre linguagem, crenças e costumes que vêm expendidos na primeira parte da obra.

Apezar de ser um trabalho ligeiro patenteia o genio investigador do autor e seu patriotismo, procurando tornar conhecidos os uzos e costumes dos povos que habitam uma parte importante do imperio.

Sala das sessões, 18 de Agosto de 1887.—*Dr. M. D. Moreira de Azevedo. Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.*

A' commissão de estatutos a seguinte proposta:

Proponho a reforma do art. 6 dos estatutos, ampliando-o de modo que torne possivel a admissão no Instituto de todos os homens que se dedicam ás letras.

Sala das sessões em 18 de Agosto de 1887. *Severiano da Fonseca.*

A' commissão de geographia a seguinte indicação:

Tendo sido apresentado pelo abaixo assignado ha já algum tempo uma proposta a este Instituto para que se nomeasse uma commissão de geographos, a qual se apresentasse ao governo imperial para fazer uma viagem de exploração nos mares do Pacifico e da India com o fim de rectificar as cartas geographicas e de fazer alguma nova descoberta: esta proposta foi á commissão de geographia e como ella até hoje não tenha dado o seu parecer, indico e peço, que ella seja remettida á commissão subsidiaria de geographia para que ella dê promptamento o seu parecer.

Sala do Instituto 17 de Agosto de 1887. *Dr. Maximiano Marques do Carvalho.*

Ficou sobre a mesa para ser votado o seguinte parecer da commissão de fundos e orçamento.

Parecer da commissão de fundos e orçamento sobre as contas apresentadas pelo Exm. Sr. Barão de Teffé thesoureiro do Instituto historico no anno de 1886 até o fim de Fevereiro de 1887.

A commissão de fundos e orçamento, tendo examinado todos os documentos relativos á receita e despeza apresentadas pelo muito zeloso thesoureiro o Exm. Sr. Barão de Teffé as achou exactas e conformes com o orçamento votado por este Instituto.

O resumo da receita e despeza é o seguinte:

Saldo transmittido do anno passado................	500$842
A receita e o saldo referido dá a somma de.............	688$842
A despeza effectuada no ultimo semestre até 28 de Fevereiro proximo passado....................	527$526

Saldo em dinheiro, que o mesmo Exm. Sr. Barão de Teffé entregou ao Exm. Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe 161$316.

A commissão de fundos e orçamento é pois de parecer, que se lhe dê quitação geral e que se lhe louve e agradeça o zelo com o qual o mesmo Exm. Sr. thesoureiro administrou os dinheiros d'este Instituto e que sejam archivadas todas estas contas.

Sala das sessões do Instituto 2 de Agosto de 1887. —*Dr. Maximiano Marques de Carvalho. Francisco Ignacio Ferreira. Francisco José Borges.*

Parecer da commissão de fundos e orçamento d'este Instituto historico para a receita e a despeza do corrente anno de 1887.

Tendo o Exm. Sr. ex-thesoureiro barão de Teffé entregado a thesouraria d'este Instituto ao Exm. Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe no ultimo de Fevereiro do corrente anno, a commissão de fundos e orçamento é de parecer, que a receita e a despeza do corrente anno de 1887 seja regulada do modo seguinte :

RECEITA

Art. 1. A receita do Instituto historico e geographico brazileiro para o anno de 1887 é orçada em...................		10:610$000
A saber :		
§ 1. Subsidio do thesouro nacional................	9:000$000	
§ 2. Juros das apolices......	910$000	
§ 3. Joia dos socios..........	60$000	
§ 4. Prestações semestraes dos socios	600$000	10:570$000
§ 5. Venda e assignatura da *Revista Trimensal*.....		40$000
		10:610$000
§ 6. Renda eventual..........		

DESPEZA

Art. 2. A despeza é fixada na quantia de 10:600$000

Na fórma seguinte :

§ 1. Impressão da *Revista Trimensal de* 1887.......	2:800$000	
§ 2. Pagamento atrazado da *Revista* de 1886.......	2:250$000	
§ 3. Reimpressão de numeros esgotados da *Revista*...	1:200$000	
§ 4. Encadernação de livros...	350$000	
§ 5. Compra de livros........	250$000	
§ 6. Remessa da Revista.....	250$000	
§ 7. Expediente na fórma seguinte :		
Asseio da casa... 20$		
Illuminação da sala das sessões.. 50$		
Papel, tinta, lapis 100$		170$000
§ 8. Vencimento dos empregados :		
Bibliothecario..........	1:400$000	
Escripturario	720$000	
Porteiro...............	840$000	2:960$000
§ 9. Porcentagem ao cobrador na razão de 20 %.......		250$000
§ 10 Eventuaes.............		120$000
		10:600$000

Art. 3. Apparecendo sobras sufficientes se empregará na compra de apolices da divida publica como já se acha autorizado.

OBSERVAÇÕES

O Instituto continua a possuir 17 apolices de 1:000$ e 2 de 600$000.

Sala das sessões do Instituto 2 de Agosto de 1887. *Dr. Maximiano Marques de Carvalho. Francisco Ignacio Ferreira. Francisco José Borges.*

Propondo o Sr. Barão de Teffé que se completasse a commissão de geographia o Sr. presidente nomeiou interinamente o Sr. general Miranda Reis.

E não havendo mais nada a tratar, levantou-se a sessão.

Augusto Fausto de Souza,
2° Secretario

4ª SESSÃO EM 31 DE AGOSTO DE 1887

Honrada com a augusta presença de S. A. o Sr. Conde d'Eu

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, achando-se reunidos os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro e Tristão de Alencar Araripe, Drs. Augusto Fausto de Souza, José Alexandre Teixeira de Mello e Cesar Augusto Marques, tenente-coronel Francisco José Borges, tenente José Hygino Garcez Palha e Henrique Raffard, annunciada a presença de S. A. o Sr. Conde d'Eu, que é recebido com as formalidades do estylo tomou assento e o Sr. presidente declara aberta a sessão.

Lida a acta da sessão anterior é approvada com uma pequena correcção.

O Sr. 1° secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios :

Do secretario da Real Academia de ciencias morales y politicas, enviando *El Credito Agricula,* discursos lidos ante la academia en la recepcion publica del Sr. Monteiro Rios.

Do Sr. F. J. de Lima Barros, em nome do Sr. director geral dos correios, pedindo que se declare a residencia dos socios do Instituto queixosos da falta da entrega da *Revista Trimensal* do mesmo Instituto, afim de responsabilisar os carteiros dos respectivos districtos.

Da directoria da sociedade paranaense de acclimação, participando achar-se empossada desde o dia 10 do corrente.

Do secretario do Gremio polymatico Bitencourt da Silva, communicando sua fundação.

Do Sr. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, agradecendo a distincção de o honrarem, elevando á classe de socio honorario.

Do secretario da Sociedade commemorativa Sete de Setembro, convidando o Instituto para se fazer representar naquella solemnidade.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. tenente José Egydio Garcez Palha : Nota da distribuição da quota para os presos da indepencia (á commissão de redacção).

Pela presidencia da provincia do Espirito Santo: *Annaes da assembléa legislativa* da dita provincia na 1ª sessão da 27ª legislatura em 27 de Outubro de 1886.

Pelo autor : *Delle Relazione antiche e moderne fra l'Italia e l'India.*

Pelo Club de engenharia : *Revista* mensal ns. 3, 4, 5 e 6 do 1° anno.

Pelo Sr. conselheiro José Antonio de Magalhães Castro : *Direito de graça.*

Pelo Sr. Tarquinio de Souza Filho : *Ensino technico no Brazil.*

Pelo Sr. Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho; *Intelligencia e moral do Homem.*

Pelo Sr. capitão de mar e guerra José Duarte da Ponte Ribeiro: *Hymno da independencia do Brazil*, nova edição.

Pelas sociedades de geographia de Bordeaux, Berlin, New-York, e Italiana : os seus boletins.

Pela Sociedade archeologica Druztra e Observatorio imperial do Rio de Janeiro: as suas *Revistas*.

Pela Sociedade scientifica Argentina : os seus *Annaes* dos mezes de Março e Abril d'este anno.

Pela Real Academia de ciencias de Madrid : a 3ª e 4ª entrega do tomo 22 da sua *Revista*.

Pelas respectivas redacções :

Revista de Medicina, *Revista do Ensino*, *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*, *Noveau Monde*, *Brésil*, *Semana*, *Immigração*, *Etoile du Sud*, *Rio de Janeiro*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Gazeta da Bahia*, *Seculo*, *Provincia do Espirito-Santo*, *Espirito Santense*, *Cachoeirano*, *Baependiauo*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Época*, e *Publicador Goiano*.

Pelo Instituto de sciencias de Philadelphia : *Transactions*.

ORDEM DO DIA

Foram approvados os pareceres da commissão de fundos e orçamento, que haviam ficado sobre a mesa relativos ás contas do Sr. Barão de Teffé e o orçamento para o corrente anno.

Foi enviada á commissão de redacção a seguinte proposta :

Proponho que o primeiro fasciculo do *Diccionario historico geographico das campanhas do Uruguay e Paraguay* do major João Vicente Leite de Castro, offerecido pelo autor á este Instituto, seja enviado a secção de redacção, afim de vêr se está no caso de ser publicado na *Revista Trimensal*.

Em 31 de Agosto de 1887. Dr. *Cesar Augusto Marques*..

O Sr. conselheiro Olegario H. de Aquino e Castro envia á mesa o seguinte requerimento :

O capitão José de Mello Alvares, da cidade de Santa Luzia, provincia de Goiaz, e fundador da biobliotheca

que para o uso do publico existe ha annos naquella cidade, pede, por meu intermedio, que á dita biobliotheca seja fornecida uma collecção da *Revista* d'este Instituto, como em casos similhantes se tem feito.

E' conhecida a utilidade, que tem prestado essa bibliotheca, não só para o publico d'aquelle municipio, como para a colonia orphanologica ahi existente, importante estabelecimento de educação, igualmente fundado a custa e esforços do mesmo cidadão, e onde tem sido com aproveitamento educados numerosos alumnos, hoje frequentes em numero superior a quarenta. S. M. o Imperador tem se dignado de proteger e auxiliar um e outro estabelecimento, por mais de uma vez mencionados com louvor em documentos officiaes pelas autoridades superiores da provincia.

O pedido está portanto em termos de ser attendido, e eu o submetto á consideração do Instituto.

Rio 31 de Agosto de 1887. *Olegario H. de Aquino e Castro.*

Foi concedida com a condição de, no caso de dissolver-se a bibliotheca, passar a collecção á camara municipal respectiva.

O Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe pede, que o Instituto o autorize a examinar em sua casa os manuscriptos existentes e ainda não catalogados, procedendo da mesma fórma que com o primeiro exame e catalogação. Foi concedido.

O mesmo senhor pede, que o Instituto permitta, que a collecção da *Revista*, que existe no Ceará em uma livraria á venda, seja concedida ao Instituto da mesma provincia. Foi concedida com a condição de, no caso de dissolver-se o Instituto, passar a pertencer á camara municipal da capital.

O Sr. Henrique Raffard offerece um exemplar da obra de Ribeyroles, que não existe na nossa bibliotheca, e o plano de colonisação de Teresopolis, trabalho do mesmo Sr. Henrique Raffard e dá as razões, porque não compareceu ás sessões precedentes, contra a sua vontade, pois se presa em ser assiduo.

O Sr. Dr. Cezar Augusto Marques occupa-se com a leitura de um trabalho interessante denominado : *Naufragio de Martius nas aguas do Amazonas.*

Levanta-se a sessão.

Augusto Fausto de Souza
2º Secretario.

5ª SESSÃO

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. A. O SR. PRINCIPE CONDE D'EU

A's 7 horas da noite, achando-se presentes no salão do Instituto os Srs. conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Drs. João Franklin da Silveira Tavora, Cezar Augusto Marques, Francisco Ignacio Ferreira, Luiz da França Almeida Sá, Henrique Raffard e Augusto Fausto de Souza é annunciada a chegada de S. A. o Sr. principe conde d'Eu, que, sendo recebido com a devida consideração, toma assento. Assumindo a presidencia o Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, como o mais antigo dos socios presentes, declara aberta a sessão.

E' lida a acta da sessão anterior e approvada.

O Sr. 1º secretario procede á leitura do seguinte

EXPEDIENTE

Officios :

Do Sr. general José de Miranda da Silva Reis, communicando em data de 12 que S. A. o Sr. conde d'Eu não podia comparecer á sessão annunciada para o dia 14. Este officio foi respondido pelo Sr. 1º secretario e por ordem do Sr. presidente Joaquim Norberto de Souza Silva transferida a sessão para o dia 21 ;

Do Exm. Sr. Barão de Alencar, acompanhando um exemplar da *Historia do general Belgrano*, em trez

volumes, offerta que ao Instituto fez seu autor o *general Bartholomeu Mitre*;

Do Sr. F. A. Brockhaus, enviando um exemplar do catalogo de sua livraria na cidade de Leipsic.

OFFERTAS

Foram recebidas as seguintes:

Offerecida pelo autor o Sr. Justiniano de Serpa: Discurso proferido na kermesse de 14 de Agosto, promovida pela imprensa do Ceará a favor de um monumento ao general Antonio Tiburcio;

Pelo Sr. 1° tenente J. Arnoso os seus *Elementos de chorographia do Brazil* (2° fasciculo);

Pelo Sr. Barão do Penedo um exemplar da sua obra: *O Bispo do Pará e a missão a Roma*;

Pela directoria das obras publicas: *Memoria descriptiva e justificativa do projecto de melhoramento do porto do Recife*, por Alfredo Lisbôa;

Pela officina nacional da Republica Argentina: *Estatistica del comercio y de la navegacion de la republica, correspondente al año de* 1886; *Arrendamiento de las obras de salubridad de la capital*; *Datas trimestrales del comercio exterior;*

Pela Sociedade scientifica Argentina: *Anales de las meses de Maio, Junio y Julio;*

Pelo club de engenharia do Rio de Janeiro: *Revista* n. 8 do 1° anno;

Pelas sociedades de geographia de Tours, Giessem, Madrid e Bordeaux: os seus boletins;

Pelas respectivas redacções: *Revista Maritima*, *Revista de Medicina*, *Revista Philotechnica*, *Semana*, *Brèsil*, *Nouveau Monde*, *Etoile du Sud*, *Boletim da alfandega*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Gazeta de Mogimirim*, *Imprensa*, *Patria*, *Provincia do Espirito-Santo*, *Espirito-Santense*, *Publicador Goiano*, *Cachoeirano* e *Baependiano*.

ORDEM DO DIA

Os socios Henrique Raffard e Almeida Sá communicam, que os Srs. conselheiro Olegario e Dr. Teixeira de Mello deixam de comparecer á sessão por incommodo de saude.

E' lido e fica sobre a mesa para ser votada na sessão proxima o seguinte

PARECER:

« A commissão de admissão de socios do Instituto historico geographico brazileiro examinou o parecer da commissão de trabalhos historicos, relativo as obras do Dr. Angelo Justiniano Carranza, notavel publicista e escriptor argentino, e, á vista do juizo favoravel que exára e com o qual se acha esta commissão de pleno accordo, é de opinião que seja admittido o mesmo Sr. Dr. Angelo Carranza ao gremio do Institúto na qualidade de socio correspondente, convicta de que, a acquisição de tão distincto membro trará proveito e honra para a nossa associação, constituindo-se o notavel escriptor argentino, precioso auxiliar nas pesquizas que, á bem da historia sul-americana terá o Instituto historico que fazer nas regiões Platinas.

Sala das sessões, 16 de Agosto de 1887.—*Alfredo de Escragnolle Taunay*. *Manoel Francisco Correia.*

São lidos e approvados para serem remettidos á commissão de admissão de socios, os dous seguintes

PARECERES:

1.° A commissão de historia do Instituto historico e geographico brazileiro, tendo em attenção a proposta que acompanhou o officio de 28 de Agosto do corrente anno, para admissão do Sr. João Capistrano de Abreu ao gremio d'este Instituto, vem dar o seu parecer sobre os trabalhos offerecidos como titulo de apresentação, na conformidade do disposto nos nossos estatutos.

No trabalho « O Brazil no seculo XVI e a armada de D. Nuno Manoel » opina o autor, que a armada, que veio ao Brazil em 1504, foi commandada por D. Nuno Manoel, quando querem alguns, que fôsse por Gonçalo Coelho, ou Christovam Jacques ou André Gonçalves. Mostra isso as duvidas profundas, que existem sobre as primeiras explorações do Brazil, o que permitte, que o investigador apenas se guie pela luz incerta de fracas probabilidades.

Na memoria « Descobrimento do Brazil e seu desenvolvimento no seculo XVI » discute o autor as pretenções francezas, espanholas e portuguezas. Prova que por ora é impossivel reconhecer, que o descobrimento do Brazil é devido aos Francezes. Quanto aos Espanhóes, diz elle, que o descobriram, porque, antes de Cabral já Pinzon e Leppe haviam tocado em terras do Brazil. Si assim é quanto á solução chronologica, é differente quanto á solução sociologica ; assim pode-se dizer, que o descobrimento do Brazil foi em 1500, porque então é que se inicia a nossa historia. E' essa a opinião do Sr. João Capistrano.

Tratando do desenvolvimento do Brazil no seculo XVI, fala o autor do povoamento do Brazil, da formação das capitanias, da conquista e colonisação da Parahiba e do Rio Grande do Norte, da fundação da cidade de São-Christovão, do augmento de Olinda e do Recife, da cidade do Salvador, em que prosperavam numerosos engenhos, da fundação do Rio de Janeiro, da villa de São-Paulo, obra dos jesuitas ; emfim, das escolas, dos mosteiros, confrarias, explorações, descobrimentos, do apparecimento da industria na preparação do assucar, e da iniciação da literatura no auto sacro e na comedia.

E' este um trabalho bem elaborado, escripto sobre bases historicas, manifestando o cabedal literario do autor, sua critica conscienciosa e seu estilo elegante e claro. O Sr. João Capistrano de Abreu é professor de historia e chorographia do Brazil no externato do imperial collegio D. Pedro II.

Sala das sessões 14 de Setembro de 1887.—Dr. *M. D. Moreira de Azevedo*. Dr. *José Alexandre Teixeira de Mello*.

2.º A commissão de historia do Instituto historico geographico brazileiro examinou o trabalho do Sr. Antonio Ribeiro de Macedo, a que se refere o officio de 9 de Setembro do corrente anno, e passa a dar o seu parecer a respeito.

Tem por titulo « Descripção do municipio do Porto de Cima, na provincia do Paraná, » seguida da ascensão ao cume do Marumbí. E' um manuscripto de 21 folhas, offerecido pelo autor ao Instituto.

Descreve o Sr. Ribeiro de Macedo o aspecto geral do municipio, as suas ilhas, serras, rios, lagôas, mineraes, madeiras, fructos e animaes silvestres.

Expõe a topographia da villa principal do municipio e a sua salubridade; indica a população, o estado da agricultura, commercio, industria e estabelecimentos de instrucção. Historia a fundação do Porto de Cima, assim chamado por ficar acima do porto de Morretes e mais perto de Curitiba. Menciona as fabricas de herva mate que ahi se começaram a estabelecer desde 1835, concorrendo muito para o desenvolvimento da povoação ali estabelecida; o rio Nhundiaquara, não só pela sua navegabilidade, como pela sua poderosa força utilisada nas fabricas de mate.

A povoação principal, erecta em freguezia em 1855 e elevada a villa em 1872, tem club de leitura com uma bibliotheca de mais de mil volumes. Descreve o autor a ascenção ao Marumbí, o primeiro ponto de vista da provincia, o qual domina o centro e o litoral, e donde a vista devassa muitas povoações, fazendas, xacaras, plantações, campos, matas e o oceano. Dá esta memoria noções geographicas e historicas da provincia do Paraná, e a julgamos digna de ser impressa na *Revista do Instituto historico.*

Sala das sessões 21 de Setembro de 1887. Dr. *M. D. Moreira de Azevedo.* Dr. *J. A. Teixeira de Mello.*

E' lido e fica adiado a requerimento do Sr. Henrique Raffard o seguinte

PARECER:

« A commissão de estatutos, tendo examinado a proposta apresentada em sessão de 11 de Julho de 1884 pelos Srs. socios Joaquim Noberto de Souza Silva, Olegario Herculano de Aquino e Castro, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, Tristão de Alencar Araripe e Antonio Henrique Leal, sobre o ceremonial que se deve observar nas sessões de recepção dos novos socios vem submetter á deliberação do Instituto o seu parecer.

A proposta está formulada n'estes termos:

« Art. 1. O socio que pela primeira vez comparecer a tomar assento, esperará na ante-sala, para que o 1º secretario communique a sua presença; o que fará entre a approvação da acta e a leitura do expediente.

« Art. 2. O presidente nomeará uma commissão de dous membros para a sua recepção.

« Art. 3. O novo socio se dirigirá a S. M. o Imperador para cumprimentar o mesmo Augusto Senhor, e tomando assento, lerá o seu discurso de admissão, que será respondido pelo orador por um discurso analogo, sendo ambos insertos na acta. »

A commissão está de accôrdo com a proposta, que vem preencher uma lacuna dos estatutos.

Sendo a entrada de um novo socio um justo motivo de satisfação para o Instituto, convém, que este facto não passe sem o relevo e o realce devidos. Podendo porém parecer antinomicas a disposição da proposta que se refere ao discurso do orador e a do artigo 22 na parte em que diz: *O orador deve falar ou responder pela sociedade em todas as occasiões, tanto festivas como funebres, excepto quando o presidente o fizer porque tem preferencia tanto na assembléa geral, como nas deputações do Instituto*, para evitar este incoveniente e pôr de harmonia as duas disposições, propõe a commissão, que, depois das palavras, « respondido pelo orador » se diga «sem prejuizo da preferencia conferida ao presidente no artigo 22 dos estatutos. »

Sala das sessões do Instituto historico e geographico brazileiro em 20 de Setembro de 1887. *Franklim Tavora. Augusto Fausto de Souza. Tristão de Alencar Araripe.*

Lê-se finalmente o seguinte parecer da mesma commissão.

Em sessão de 27 de Novembro de 1885 resolveu o Instituto, que o parecer da commissão de estatutos sobre a proposta do Sr. Escragnolle Taunay relativo á admissão de socios, voltasse á mesma commissão para dar o seu parecer. Não a mesma commissão, mas a que lhe succedeu em 21 de Dezembro do anno proximo findo, vem agora satisfazer a resolução do Instituto.

A alludida proposta representa nova interpretação do art. 6 dos actuaes estatutos, approvados no 1° de Junho de 1851, o qual tem dado origem a tantas duvidas.

A commissão muito folgaria de poder fixar a verdadeira intelligencia d'esse artigo, que se tem tornado uma especie de lenda.

Não sabe se logrará esta satisfação.

O que póde affirmar é, que pôz todo o empenho, não em resolver, por idéas claras e raciocinio vigoroso, que para isso lhe faltam luzes e dotes naturaes, os pontos controvertidos, mas sim offerecer ampla base para que esta associação em sua sabedoria profira a ultima palavra, e cessem de uma vez as hesitações e incertezas que na execução tem encontrado o referido artigo.

Afim de ficar bem visivel o assumpto, a commissão encarou-o debaixo dos aspectos seguintes:

1.° Qual era a disposição que, na reforma, foi substituida pelo art. 6° citado;

2.° Qual o pensamento que presidio a esta nova disposição, e que idéas tiveram, propondo-a e elucidando-a, os que tomaram parte no reforma;

3.° Como foi ella entendida nos primeiros tempos da sua execução;

4.° Resoluções tomadas e propostas apresentadas;

5.° Conclusão.

PRIMEIRO PONTO. A disposição substituida é a do art. 6° dos estatutos reformados em 8 de Fevereiro de 1846, a saber:

« Para ser admittido socio effectivo ou correspondente do Instituto, é necessario ter offerecido ao mesmo Instituto ou pelo menos publicado alguma producção litteraria, que possa servir de titulo para a admissão, ou ter feito alguma offerta de valor. »

Exigindo a apresentação de producção litteraria e offerta de valor, este artigo já representava melhoramento em comparação do art. 5° dos estatutos reformados em 10 de Novembro de 1839, ao qual veio succeder.

Este art. 5 não exigia tanto, satisfazia-se com muito menos.

Sem designar condição formal de habilitação, sem estabelecer presente de obra destinado a augmentar e tornar digna de apreço e consulta a bibliotheca do Instituto, impunha unicamente ao candidato á admissão as formalidades, por assim dizer, primitivas, que em todas as associações precedem a entrada dos socios não fundadores — a proposta, o parecer da commissão incumbida de ajuizar do merito dos pretendentes e por ultimo a approvação destes.

Vejamos isto mais authenticamente na propria lettra do citado artigo:

« Para que qualquer pessoa seja admittida a fazer parte desta associção litteraria, tanto como socio effectivo, vagando algum dos cincoenta, como para correspondente, será apresentada proposta assignada por um dos membros á commissão da classe de historia ou geographia, a que quizer pertencer; esta proposta será enviada com o parecer da dita commissão á Assembléa geral que, examinando e votando sobre ella por escrutinio secreto, approvará, ou reprovará a admissão do socio proposto. »

Semelhante disposição, pela sua simplicidade e nudez, não podia subsistir por muito tempo, no seio de uma sociedade que aspirava á primazia entre as congeneres no Imperio, e que de facto chegou a ser com o andar dos tempos, a primeira da America do Sul.

A reforma de 1846 operou-se como uma conquista devida ás luzes do espirito novo ; mas só produzio fructos até 1850. O mesmo espirito exigio outras fórmas em que a severidade e a correcção predominassem. E melhor comprehensão teremos desta affirmativa, attendendo tambem ás reflexões que nos suggere o segundo ponto de vista.

Segundo Ponto. – A experiencia tinha demonstrado quanto estavam longe de servir de base solida, qual devia ter associação que punha a mira no estudo da historia e da geographia do Brazil, ainda hoje tão emmaranhadas e confusas, condições triviaes, como são o offerecimento de uma producção litteraria e alguma offerta. O Instituto era e continua a ser, na accepção geral da palavra, uma associação de lettras ; mas, no sentido restricto, que é o que lhe assenta e o caracterisa, os seus fins são especiaes. Elle tem a seu cargo estudos que requerem gosto e habilitações que muitos autores de trabalhos litterarios podem não ter.

Reconhendo por lição propria, estas verdades, a commissão de estatutos « depois de maduro exame » para me servir das suas proprias palavras (*Rev. Trim.* de 1850, pag. 522) « apresentou varias emendas que julgou conveniente propôr.» Destas emendas que, « antes de entrarem em discussão, foram publicadas nas folhas diarias, e tambem impressas em avulso, e remettidas aos socios residentes na Côrte afim de poderem estudal-as,» sahiram depois de largamente discutidos, os estatutos que nos regem.

O confronto do art. 6 dos Estatutos de 1846 com o art. 6° dos Estatutos de 1851, põe de manifesto o pensamento que presidio á ultima reforma e torna bem claras precauções e até certo rigor da parte dos seus promotores.

O primeiro dos dous indicados artigos confundia na mesma linha a qualidade de socio effectivo e a qualidade de socio correspondente, acceitando para admissão de um ou de outro titulo commum.

O segundo, porém, descriminou as obrigações e os direitos dando mais amplitude a estes e tornando mais severas aquellas quando se trata de socio effectivo.

Entre as obrigações descobre-se a de apresentar o candidato, não simplesmente alguma producção litteraria, mas sim trabalho proprio acerca de historia, geographia ou ethnographia do Brazil; e quando trata de socio correspondente exige unicamente para a sua admissão que o candidato tenha sufficiencia litteraria e offereça obra de valor, ou presente para o museu.

Seria duvidar da perspicacia do Instituto demorar-me em demonstrar quanto é justa esta distincção que se mede pela importancia especial das funcções do socio effectivo em comparação das que o socio correspondente tem de satisfazer.

Delimitadas e assignaladas as referidas funcções, era de presumir que as reformas, por desnecessarias, tivessem chegado a seu termo. Mas o contrario aconteceu.

Tem-se querido voltar ao estado creado pelos estatutos de 1846, equiparando-se por interpretações não de todo infundadas, o socio effectivo ao socio correspondente, quando os estatutos actuaes collocaram cada um delles em plano diverso ; e dos fins do Instituto (art. 1), e de uma disposição excepcional (a da parte final do art. 13) tem-se pretendido deduzir que o socio correspondente está obrigado a passar pelas mesmas provas que o socio effectivo, sem se attender a que este é mais directamente obrigado a preencher aquelles fins, emquanto o outro não passa de mero auxiliar nas provincias ou nas nações estrangeiras. Deve ter-se muito rigor para os candidatos á effectividade ; mas isto não importa que se tenha o mesmo para os correspondentes ; os socios effectivos são por assim dizer a força e a vida do Instituto ; delles depende o seu desenvolvimento pelo trabalho, pelas idéas, pelos resultados ; mas, os socios correspondentes não estão no mesmo caso. Meros auxiliares, a sua acção não é tão immediata nem a sua influencia tão prompta. O que se deve entender por socio correspondente está bem determinado no art. 59 dos Estatutos da Academia das Bellas Artes de França, associação estrangeira é certo, mas muito autorizada, porque, como sabemos, é uma das cinco Academias que constituem o Instituto daquelle paiz.

Dispõe aquelle artigo, que tem toda a applicação ao nosso caso : « Os socios correspondentes são escolhidos entre os estrangeiros e nacionaes não domiciliados em Paris, que, pelos seus conhecimentos, seus talentos e suas obras, são proprios para *auxiliar* a Academia nos seus trabalhos.» Se só por excepção o socio effectivo, que deve residir na Côrte (art. 4), póde sahir do numero dos correspondentes que residem no Imperio ou fóra delle (cit. art.), como se póde deste caso particular, que encontra justificação na conveniencia ou necessidade de momento (art. 13), derivar um principio geral para todos os casos, sujeitando os dous socios ao mesmo onus intellectual, scientifico ou litterario ?

Não foi este seguramente o pensamento que suggerio a ultima reforma. Isto era o que tinhamos ; isto é o que foi reformado. Interpretar os estatutos por este modo é o mesmo que voltar a caminho já condemnado pelos reformadores de 1851, como já ficou provado em presença das disposições citadas, e a pratica nos primeiros tempos confirma.

TERCEIRO PONTO.— Desde 1851 até, 1868, anno em que o socio Perdigão Malheiros consultou o Instituto sobre o sentido do art. 6°, esta associação votou sempre a admissão de socio correspondente sem exigir delle a prova de trabalho proprio, inedito ou publicado, sobre historia, geographia ou ethnographia do Brazil. Se duas opiniões havia a semelhante respeito, na *Revista* não se manifesta senão a que parece á commissão mais conforme á lettra e ao espirito daquelle artigo.

Appareciam propostas para as duas categorias de socio.

Em sessão de 4 de Julho de 1851 foi lido o parecer da commissão de admissão de socio relativo aos candidatos commendador Antonio de Padua Fleury, bacharel Antonio Rangel de Torres Bandeira e J. Nunes de Andrade para correspondentes, e Dr. Perdigão Malheiro para effectivo.

De quasi todos os politicos que de 1851 em diante entraram como correspondentes para o Instituto não se exigio trabalho relativo aos fins deste. Muitos delles

não provaram sufficiencia litteraria como titulo de admissão. Entraram com a sua nomeada politica ou administrativa, os seus discursos parlamentares, os seus relatorios de ministros de Estado ou presidentes de provincia.

Alguns que estavam no caso de apresentar trabalho proprio e que o apresentariam se houvessem de entrar para socios effectivos, deixaram de o fazer entrando na qualidade de correspondentes, o que mostra que até 1868 foi doutrina corrente entre nós que o titulo de admissão para um dos logares era diverso do titulo que se exigia para o outro.

Nenhum de nós ignora que o nosso consocio monsenhor J. Pinto de Campos, pelas suas lettras e estudos está habilitado a escrever trabalho proprio sobre qualquer das tres materias de que trata o art. 1° dos estatutos. A verdade, porém, é que elle foi acceito sem ter escripto nenhum, segundo se vê pelo parecer apresentado para a sua admissão :

« A commissão de admissão de socios, tomando na devida consideração a proposta dos Srs. Drs. Antonio Pereira Pinto e Ludgero da Rocha Ferreira Lapa, afim de que o Sr. conego Joaquim Pinto de Campos, deputado á Assembléa Geral Legislativa, seja inscripto entre os membros correspondentes do Instituto Historico e Geographico Brazileiro ; e attendendo a que o candidato, além da sua reconhecida capacidade litteraria, cumprio o disposto no artigo 6° de nossa lei organica offerecendo a esta associação tres autographos preciosos, (1) e se compromette de mais apresentar brevemente uma memoria de sua penna a respeito de certos acontecimentos que em épocas e não mui remotas tiveram logar na provincia de Pernambuco, é de parecer :

« Que o Sr. conego Joaquim Pinto de Campos, seja admittido na qualidade de membro correspondente deste Instituto, etc; » (*Revista* de 1855, pag. 436).

---

(1) Fornecidos pelo proprio Instituto.

Mais significativo ainda é o parecer proferido sobre a proposta do nosso eminente presidente fallecido, Visconde de Bom Retiro, no qual disse a commissão: « Tomando na devida consideração a proposta para que fôsse inscripto entre os socios correspondentes o conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, ministro e secretario de Estado dos Negocios do Imperio, e attendendo a que, além das suas incontestaveis habilitações litterarias, cumprira o disposto no art. 6 (refere-se a varias offertas) era de parecer que *fôsse approvada*, etc. »

Entendeu-se por *sufficiencia litteraria*, palavras empregadas no art. 6°, não como pensão alguns, o mesmo onus exigido do condidato a socio effectivo, a saber: trabalho sobre historia, geographia ou ethnographia do Brazil, mas as habilitações litterarias demonstradas na imprensa, no parlamento, no fôro, na administração. E se a verdadeira interpretação fôsse a outra, seria mais onerosa a qualidade de correspondente do que a de effectivo, porque além da condição do escripto imposta a este haveria a do presente de valor para a bibliotheca ou para o musêo; o que a dita qualidade evidentemente não contrabalançava.

Fica, portanto demonstrado:

1.° Que de 1868 para traz até 1851 a intelligencia dada ao art. 6° não autorizava a pratica que daquelle anno para cá se tem mais ou menos observado, principalmente depois da approvação do *Additamento* de 17 de Novembro de 1871, segundo o qual o candidato a socio correspondente tem de provar a mesma habilitação requerida para socio effectivo.

2.° Que menos autorizava o mesmo artigo a opinião de que os effectivos devem sahir da classe dos correspondentes.

Não nos cansaremos de affirmar que os estatutos que nos regem foram neste ponto entendidos de modo differente do que o *Additamento* elevou á autoridade de doutrina corrente.

Releva notar que ainda de 1851 para traz se entendeu que para ser effectivo não era necessario ter sido

antes correspondente. E' assim que em 1846 foi approvada a proposta do Sr. Mariz Sarmento « para que todo socio que de correspondente passasse a effectivo, ou qualquer individuo que *fôsse logo admittido nesta classe*, se obrigasse a apresentar na primeira sessão publica anniversaria o elogio do ultimo membro effectivo, sem prejuizo do dever do orador. »

QUARTO PONTO.—Mas não é sómente nisso que se manifestou a divergencia. Pensam uns que o trabalho historico geographico ou ethnographico, e bem assim o livro de valor, ou o presente para o musêo, podem ser apresentados por qualquer socio ou por terceiro, outros pensam que, em presença do art. 6°, só o candidato os póde apresentar.

Afim de cessarem as duvidas, o Instituto sujeitou os pontos ao exame e parecer da Commissão de Estatutos. O resultado do estudo constitue o *Additamento* acima indicado.

Mas, posto que approvada depois da discussão pelo Instituto, a declaração do sentido da disposição controversa não pôz termo ás discordancias, como attesta a proposta constante da *Revista Trimensal* de 1880, (pag. 402), nestes termos: « As obras e trabalhos impressos apresentados como titulos de admissão para membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, devem ser acompanhados de uma carta dos respectivos candidatos, pela qual manifestem o desejo de pertencer ao gremio do mesmo Instituto. Esta formalidade é dispensada aos autores estrangeiros e áquelles que tiverem escripto obras de grande vulto. »

Tambem serve de testemunho a proposta que deu origem ao presente parecer, inserta na *Revista* de 1885, pag. 368:

« Nenhum socio correspondente poderá passar a effectivo sem frequencia, pelo menos de um anno, ás sessões do Instituto, leitura de algum trabalho original ou preenchimento de commissões, durante dous annos.

« Nenhum trabalho manuscripto ou impresso será considerado titulo de admissão ao gremio do Instituto, sem que o seu autor manifeste, por officio á mesa do mesmo Instituto, desejos de pertencer a esta associação.

« Será dispensada esta formalidade no caso de notoriedade indiscutivel. »

Tambem o attesta, emfim, a proposta apresentada na sessão do anno corrente pelo socio Dr. Severiano da Fonseca.

A commissão pede venia para declarar que não vê grande fundamento na exigencia das duas primeiras propostas, pelo que respeita á obrigação da parte do candidato de manifestar, por officio ou carta, desejos de pertencer a nossa associação.

Entende ao contrario, que a apresentação dos trabalhos impressos ou manuscriptos por si só indica desejo de entrar para o Instituto. Os clarissimos termos do art. 6 determinam que é o candidato quem deve apresentar os trabalhos. Se é o candidato quem deve apresentar os trabalhos, desde que elle os apresenta, revela o seu desejo ser socio do Instituto. Se elle revela semelhante desejo, ociosa torna-se qualquer declaração expressa neste sentido, por carta ou officio.

O art. 6 dispõe:

« Para ser admittido na qualidade de socio effectivo, *deverá o candidato* apresentar trabalho proprio; para ser socio correspondente é necessario que, além da sufficiencia literaria, *elle offereça* ao Instituto, etc. »

Estas disposições são concludentes.

E maior força ainda vem dar-lhes a parte do artigo, que diz: « quer esse trabalho seja *inedito*... » Sómente o autor, a não ser por sorpresa de terceiro, póde offerecer trabalho *inedito*; e se o offerece, este facto dispensa qualquer declaração.

Entre as emendas apresentadas em 1850 pela commissão, das quaes sahiram os actuaes estatutos, depara-se, para confirmar ainda mais esta opinião, a seguinte: « Para ser socio effectivo, deverá o candidato *mandar* trabalho, etc. »

Parece que não é preciso mais para ficar fóra de discussão que antes de ser proposto, o candidato, seguindo-se este processo, manifestou desejo de pertencer ao Instituto.

A commissão tambem não está de accôrdo quanto á parte que diz: « Nenhum socio correspondente poderá

passar a effectivo sem frequencia pelo menos de um anno ás sessões do Instituto, leitura de algum trabalho original ou preenchimento de commissões durante dous annos. »

Parece-lhe que esta doutrina alteraria profundamente a qualidade de socio correspondente, visto que, o que mais o caracterisa é a sua residencia fóra dol ogar, onde o Instituto celebra as sessões, como se vê pelo art. 4º dos estatutos. Exigir de semelhante socio, o qual por sua natureza, deve ter o seu domicilio fóra da côrte, que frequente ao menos por um anno as sessões do Instituto, é destruir toda idéa, toda concepção geralmente admittida para o distinguir do socio effectivo. Ou a proposta é interpretação do art. 4º ou é disposição nova. No primeiro caso não parece á commissão que seja fiel, porque a simples leitura do artigo prova que o correspondente não reside na côrte, e esta circumstancia torna enexequivel a frequencia ás sessões. No segundo a disposição não póde ser acceita, porque vai de encontro ao citado artigo, e aos estylos de todas associações semelhantes.

Neste particular — permitta o Instituto que a commissão manifeste com franqueza a sua opinião — temos andado em uma verdadeira anarchia, proveniente da confusão das duas qualidades de socios, que em todas as associações desta ordem são perfeitamente discriminadas.

Temos seguido a singular pratica do nomear socios correspondentes pessoas que, residindo na côrte e podendo satisfazer as outras condições, estavam no caso de ser logo nomeados para socios effectivos. Temos adoptado o systema de dar a effectividade como promoção por serviços prestados pelos correspondentes, quando os estatutos o não determinam.

E' força reconhecer que semelhante pratica se não encontra justificação nos nossos estatutos como já notamos, menos ainda encontra nos estylos de outras associações identicas.

Os estatutos da Academia Real das Sciencias de Lisboa dispoem: « Para ser nomeado socio effectivo, é necessario ser cidadão portuguez ou naturalisado portuguez, ter a maior parte do anno seu domicilio em Lisboa,

ou a uma distancia tal que possa frequentar regularmente as sessões da academia ». (Decreto de 13 de Dezembro de 1851, art. 9).

Confirmando a importancia que liga á residencia dispõe o mesmo Decreto, no art. 28 : « O socio effectivo que, por motivo de interesse proprio, ou por commissão permanente do Governo, deixar de ter o seu domicilio em Lisboa, na fórma prescripta no art. 9°, passará para socio correspondente ; e se voltar a residir em Lisboa, entrará no primeiro logar de socio effectivo que vagar na secção a que pertencia.

O Instituto Nacional de França, luminar a cujo brilho se esclarecem quasi todas as associações litterarias de maior vulto e importancia, tem disposições identica.

Das cinco academias que o compõem, quatro que têm membros correspondentes como a Academia das Inscripções e Bellas Lettras que tem 40 membros ordinarios, 10 livres, 8 estrangeiros e 50 correspondentes ; a Academia das Sciencias que tem 65 membros titulares, 10 livres, 19 estrangeiros e 92 correspondentes ; a Academia das Bellas Artes que conta 40 titulares, 10 livres, 10 estrangeiros e 50 correspondentes ; emfim a Academia das Sciencias Moraes e Politicas, que conta 40 titulares, 6 livres, 9 estrangeiros e 47 correspondentes, não se afastam destas regras.

O Regulamento da Academia das Inscripções e Bellas Lettras dispõe :

« Para ser academico ordinario é necessario ser Francez, ter 25 annos de idade ao menos, e domicilio em Pariz, (art. 18).» « O socio correspondente que tiver tomado domicilio em Pariz, perderá depois de um anno de residencia na capital o seu titulo de correspondente.» (Art. 28).

O regulamento da Academia das Bellas Artes art. 59, dispõe :

« Os socios correspondentes são escolhidos entre os estrangeiros e os nacionaes não domiciliados em Paris, etc.» E uma resolução tomada em sessão de 11 de Dezembro de 1847, determina : « Todo o socio correspondente que tiver fixado seu domicilio em Paris perderá depois

de um anno de estada na capital, contado do dia em que a Academia tiver tomado esta decisão, o seu titulo de correspondente.»

O art. 4 do regulamento da Academia das Sciencias Moraes e Politicas, diz : « Para ser academico titular ou livre é necessario ser Francez e residir em Paris».

A condição de residencia ou domicilio tem pois importancia capital no Instituto de França.

O que vemos porém entre nós ?

Temos na côrte 31 correspondentes e 25 effectivos o que dá o seguinte resultado : em vez de contar o Instituto 50 socios effectivos, como dispõe o art. 4°, este numero é ultrapassado, sem se attender a que, pretendendo-se não baratear o logar de socio effectivo, cahe-se justamento nesse defeito, porque desde que se estão exigindo para socio correspondente as mesmas provas que para effectivo e desde que o correspondente occupa logar na mesa administrativa, faz parte de commissões permanentes emfim desempenha todos os deveres e tem todos os direitos do effectivo, a que se reduz o limite do numero ? A mera questão de palavra.

Verdade seja, que conforme prescreve o art. 13, « quando as necessidades ou as conveniencias do Instituto *exigirem* o exercicio de *alguns* socios correspondentes como membros da mesa, poderão estes ser eleitos em numero igual ao da terça parte dos logares da mesa.»

Mas no entender da commissão os socios correspondentes a que se refere este artigo, não são outros sob pena de ser o artigo contradictorio comsigo mesmo, senão aquelles que estábeleceram depois domicilio na côrte. Semelhantes socios, ou porque tenham vindo de capitaes civilisadas onde adquiriram habilitações superiores ; ou porque tenham vindo de provincias onde se entregaram a estudos ethnographicos, historicos ou geographicos pódem no caso de necessidade ou por conveniencia do Instituto, entrar em collaboração com os effectivos no desempenho dos seus arduos deveres.

Ainda n'este caso os estatutos não permittem que sejam eleitos senão em numero igual ao da terça parte dos logares da mesa até porque não se presume que sejam

muitos os que tenham vindo das provincias ou de fóra do imperio fixar domicilio na côrte : e sem perderem de vista a circumstancia da residencia, determinam que, considerados effectivos supranumerarios, como acontece em algumas academias e institutos estrangeiros, entrem elles nas primeiras vagas.

Estes resultados devem ser attribuidos a dous factos: 1.° Não se trazer completo o numero dos socios effectivos; 2°. Nomear-se para socio correspondente pessoa que reside na côrte.

Com o prenchimento de todos os logares de effectivos,ha uma folga de dez socios para os logares da mesa administrativa ; e sendo a 3ª parte desta 13 socios, só em casos muitos especiaes será necessario o exercicio de mais de tres socios correspondentes.

Cumpre observar, que estando todos os logares preenchidos, qualquer vaga que venha a dar-se despertará mais interesse nos candidatos ; com o que o Instituto muito lucrará. Será o caso de dizer com Fontenelle :

Quand nous sommes quarante, on se moque de nous;
Sommes-nous trente neuf, on est a nos genoux.

Uma grande verdade manifesta-se do meio destas desharmonias e até antinomias do nosso regulamento : é que elle está pedindo reforma.

Com o desenvolvimento progressivo das luzes em todas as provincias do humano saber não ha regulamento ou lei, por sabia que seja que, depois de 36 annos de uso não se mostre gasta, e não precise de reparos ou de reconstrucção.

Nos dous principaes serviços, o da *Bibliotheca* e o da *Revista*, as lacunas dos estatutos patenteiam-se com tada a clareza.

A commissão não tratará deste ponto por ora, mas sómente do que constitue o assumpto essencial deste parecer, propondo, como providencias transitorias :

1.° Que sejam supprimidas, por não se ajustarem com o que dispõe o art. 4, as palavras do art. 6 « — o

qual estando completo o numero de socios effectivos será recebido na qualidade de correspondente. »

2.° Que seja supprimido o art. 13.

3.° Que se preencham as actuaes vagas de socio effectivo com a nomeação de socios correspondentes que residem na côrte.

4.° Que para as vagas que fôrem occorrendo sejam nomeados socios correspondentes que ao tempo da vacatura ainda residirem ou tiverem vindo residir depois na côrte.

5.° Que não existindo nenhum socio correspondente nas condições anteriores, seja posto a concurso o logar vago, afim de serem recebidos os escriptos impressos, ou as memorias ineditas que os candidatos houverem de apresentar para titulo da sua admissão.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 21 de Setembro de 1887.—*Franklin Tavora. Augusto Fausto de Souza.*

Depois de algumas reflexões dos Srs. Henrique Raffard e conselheiro Alencar Araripe, resolveu-se, que, a vista da extensão do mesmo parecer e para facilitar a discussão desse importante assumpto, seja impresso e distribuido pelos socios, para ser depois submettido á discussão.

O Sr. presidente, obtida a augusta venia, levanta a sessão. *Augusto Fausto de Souza*, 2° secretario.

6ª SESSÃO EM 5 DE OUTUBRO DE 1887

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. A. O SR. CONDE D'EU

Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

Achando-se presentes no salão do Instituto, ás 7 horas da noite, os Srs. Joaquim Norberto de Souza Silva, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Henrique

de Beaurepaire Rohan, José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, José de Miranda da Silva Reis e João Ribeiro de Almeida, monsenhor Manoel da Costa Honorato, Drs. João Franklin da Silveira Tavora, Joaquim Pires Machado Portella, João Severiano da Fonseca, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Cesar Augusto Marques, Maximiano Marques de Carvalho, Augusto Victoriano Alves do Sacramento Blake, Felizardo Pinheiro de Campos, José Alexandre Teixeira de Mello; senador Alfredo de Escragnolle Taunay, Henrique Raffard e Augusto Fausto de Souza, é annunciada a chegada de S. Alteza o Sr. principe conde d'Eu, que, sendo recebido com a consideração devida, toma assento.

Aberta a sessão pelo Sr. presidente J. Norberto de Souza Silva, o 2° secretario procede á leitura da acta da sessão anterior, a qual é approvada.

O Sr. presidente communica, que por motivo de incommodo de saude não compareceu á altima sessão.

O Sr. 1° secretario lê o seguinte:

EXPEDIENTE

Officio do presidente da provincia do Rio de Janeiro enviando o relatorio apresentado á respectiva assemblèa provincial em sua sessão de abertura a 12 de Setembro d'este anno.

São offertadas ao Instituto e acham-se sobre a mesa as seguintes obras:

Pela directoria da Associação Industrial, *Exposição da Industria Nacional em* 1888 *no Rio de Janeiro* e a *Internacional de Pariz em* 1889.

Pelos editores Gundlack & C.: *Annuario* da provincia do Rio-Grande do Sul para o anno de 1888.

Pela Societá Geografica Italiana: *Boletim,* fasciculo VIII, anno XXI, vol. XII.

Pelo Instituto Geographico Argentino: *Boletim*, caderno VIII e IX, tom. VIII, 1886.

Pela Academia Nacional de Sciencias em Cordoba *Boletim*, tom. IX, entrega IV, 1886.

Pelas respectivas redacções: *Semana, Revista de Medicina, le Nouveau Monde, Immigração, Espirito-Santense, Provincia do Espirito Santo, Baependiano, Cachoeirano, Diario Popular, Seis de Junho, Gazeta de Mogimirim* e o *Jornal do Recife.*

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Augusto Blake participa que os Srs. conselheiros Olegario e tenente-coronel Borges deixam de comparecer, aquelle por doente e este por ter perdido pessoa de sua familia. Declara mais, que as suas faltas em as sessões anteriores foram tambem motivadas por incommodos de saude.

Lê-se o parecer da commissão de socios relativamente ao Sr. Dr. Angel Justiniano Carranza, que ficou sobre a mesa e corre o escrutinio, o qual sendo unanimemente favoravel, é o mesmo Sr. proclamado socio correspondente do Instituto.

E' lido e fica sobre a mesa para ser votado na sessão seguinte este parecer:

« A' commissão de admissão de socios foram presentes os pareceres da commissão de trabalhos historicos, opinando pela admissão ao gremio do Instituto historico e geographico brazileiro dos Srs. Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Antonio Ribeiro de Macedo e João Capistrano de Abreu, em vista das valiosas memorias e opusculos que publicaram e offereceram á consideração do mesmo Instituto; e attendendo a que os cidadãos indicados preenchem todas as condições exigidas pelos nossos estatutos, para pertencerem á esta associação, é a commissão de opinião, que sejam quelles senhores proclamados socios correspondentes.

O mesmo em relação ao Sr. conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, cujos serviços ao paiz, como ministro do imperio no memoravel gabinete de 7 de Março tanto o recommendam á estima e gratidão publicas.

Sala das sessões, em 28 de Setembro de 1887. *Alfredo de Escragnolle Taunay. Manoel Francisco Correia.*

O Sr. Dr. Cesar Marques offerece dous livros: *Amazonia, Direito contra Direito*, para serem enviados á commissão de historia para o parecer relativo á admissão do Sr. bispo do Pará. Pede tambem, que sejam enviados á mesma commissão os trabalhos, que existirem e possam servir á admissão proposta do Sr. conselheiro Almeida Oliveira.

Sendo lido novamente o parecer da commissão de estatutos, que consta da acta da sessão passada e cuja discussão ficára adiada na sessão passada, relativamente ao ceremonial para a recepção dos novos socios, e não havendo quem pedisse a palavra, o Sr. presidente declara, que fica approvada.

E' lido, ficando adiada a discussão, a pedido do Sr. Dr. João Severiano, o seguinte parecer:

« A commissão de historia deste Instituto vem cumprir o que lhe foi ordenado em officio de 9 de Setembro do corrente anno, enunciando o seu juizo sobre o valor historico do trabalho apresentado romo titulo de admissão do Sr. Dr. Eduardo Augusto Pereira de Abreu ao gremio d'este Instituto.

A memoria intitula-se: *Phyisicatura-mór e o cirurgião-mór dos exercitos no reino de Portugal e estado do Brazil.* E' um manuscripto e conta 280 paginas.

Investigando a origem do ensino medico em Portugal, declara o autor, que foi no convento de Santa Cruz em Coimbra, que teve logar a installação da primeira escola de medicina, conforme asseveram os chronistas.

Historía a fundação da universidade de Coimbra por el-rei D. Diniz, que, além disto, creou tambem escolas de ensino primario e secundario.

Fala na influencia que exerceu sobre as letras, o marquez de Pombal, que deu novos estatutos á universidade. Foi no reinado de D. Affonso III (diz elle), que se creou o cargo de cirurgião-mór dos exercitos do reino, e enumera as leis, provisões e regulamentos sobre as profissões medica e pharmaceutica. Em 1521, escreve o autor, creou D. Manoel o cargo de physico-mór do reino. No reinado de D. Maria I foi constituido o

proto-medicato ou tribunal superior de salubridade publica, com altos poderes administrativos e absolutos.

E' importante a parte do trabalho do Dr. Pereira de Abreu, quando se refere á instituição do ensino medico no Brazil, que começou no hospital real e militar da cidade da Bahia.

A 2ª escola de medicina e cirurgia foi installada no hospital real militar no morro do Castello d'esta cidade.

Occupa-se o autor com a fundação do hospital militar desta côrte; diz que foi na ilha das Enxadas que se abrio a primeira enfermaria provisoria para a armada; acompanha o desenvolvimento do ensino medico no Rio de Janeiro, as suas reformas e o seu progresso. Passa depois a tratar da criação da junta de hygiene da côrte, a qual foi incorporada a Inspecção de Saude dos portos e a junta vaccinica, e apresenta as reformas, os regulamentos e os serviços prestados pela junta de hygiene desde 1850 a 1886.

Lembra o autor os nomes dos cidadãos, que tem exercido no Brazil os cargos de physico-mór e de cirurgião-mór, e fazendo o historico do corpo de saude, exara considerações judiciosas sobre as reformas deque carece esse ramo do serviço publico.

E' este trabalho de longo folego e patenteia a proficiencia dos talentos do antor, digno de acolhimento e louvor da parte desta illustrada associação.

Sala das sessões 5 de Outubro de 1887. Dr. *Manoel Duarte Moreira de Azevedo*. Dr. *Cesar Augusto Marques*.

Depois é lida e enviada á commissão de admissão de socios a indicação seguinte: « Em attenção ao grande numero de trabalhos feitos e publicados sobre geographia e historia, principalmento dos grandes diccionarios, o do Maranhão em duas edições e o da provincia do Espirito-Santo, além do grande numero de memorias lidas n'este Instituto, propômos, que seja elevado a socio honorario o nosso activo e infatigavel consocio Dr. Cesar Augusto Marques.

Sala das sessões em 5 de Outubro de 1887. Monsenhor *Manoel da Costa Honorato*. *Franklin Tavora*. *T. Alencar Araripe*. Dr. *Moreira de Azevedo*. *Augusto Fausto de Souza*. *Severiano da Fonseca*.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe apresenta o seguinte balancete relativo ao periodo de Março a Setembro d'este anno e pede que se lhe dê autorização para comprar uma apolice por conta do que deverá verificar-se no fim do anno.

Balancete da thesouraria do Instituto historico e geographico brazileiro, de Março a Setembro de 1887.

Receita :

Dinheiro recebido no acto da entrega da thesouraria	161$316
Subsidio do thesouro nacional	9:000$000
Juros de apolices	1:001$000
Prestações semestraes dos socios	366$000
Venda da Revista Trimensal	275$000
	10:793$316

Despeza :

Impressão da Revista Trimensal	4.235$500
Encadernações	141$000
Expediente	351$220
Vencimento dos empregados	2:013$333
Porcentagem ao cobrador	75$100
	6:816$153
Saldo	3:977$163
	10:793$316

Para as despezas futuras temos, além do saldo supra, as prestações semestraes dos socios, cuja cobrança se está fazendo.

Rio 5 de Outubro de 1887. *T. de Alencar Araripe.*

Este balancete é enviado á commissão de fundos e orçamentos.

O Sr. Dr. Maximiano Marques pede a palavra, e declara que havendo organizado uns estatutos para a fundação de uma universidade em São-Paulo, assumpto em

que ha muitos annos se preoccupa, a ponto de ter convidado varias pessoas influentes d'essa provincia a interessarem-se por elle, conclue offerecendo uma memoria sobre os mencionados estatutos ao Instituto, afim de ser publicados na *Revista trimensal*, porquanto trate-se de uma idéa que já tem historia, a fundação de uma universidade no Brazil.

Resolve-se que seja enviada a dita memoria, á commissão da redacção da *Revista*.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe occupa por algum tempo a attenção lendo uma coriosissima noticia publicado no periodo *Telephone* da capital da provincia do Piauhi, de uma exploração feita no logar chamado Sete-Cidades, por varios individuos que para esse fim partiram da villa de Piracuruca.

O Sr. Dr. Augnsto Blake obtendo a palavra, em phrases repassadas de sentimento, alludindo á especie de desanimo e de tristeza que se nota ultimamente em nossas sessões, causada pela ausencia do nunca assaz venerado do Instituto, propõe que na acta da presente sessão seja protector lançado um voto de saudade por Sua Magestade; « de simples saudade (accrescenta o orador) porque esta palavra exprime um sentimento duplo, a magoa motivada pela ausencia do objecto que se ama e nos merece toda a estima e respeito, e o desejo ardentissimo de se tornar a possuir esse mesmo objecto ».

O Sr. presidente declara, que, tendo certeza de que o proponente com a sua proposta interpretou fielmente os sentimentos de todos os membros do Instituto presentes, declara, que a dá por approvada. E obtida a venia de Sua Alteza levanta a sessão.

O 2° secretario, *Augusto Fausto de Souza*.

7ª SESSÃO EM 19 DE OUTUBRO DE 1887

HONRADA COM A PRESENÇA DE SUA ALTEZA O SR. CONDE D'EU

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

A's 7 horas da noite achando-se reunidos os Srs. Joaquim Norberto de Souza Silva, Drs. Maximiano Marques de Carvalho, Cezar Augusto Marques, João Severiano da Fonseca, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, Henrique Raffard, barão de Teffé e Augusto Fausto de Souza, é annunciada a chegada de S. Alteza o Sr. conde d'Eu, o qual, sendo recebido com as devidas honras, toma assento, e o Sr. presidente declara aberta a sessão.

O secretario adjunto Dr. Severiano da Fonseca lê a acta da sessão antecedente, e é approvada.

Tendo faltado por motivo de molestia o Sr. 1º secretario Dr. Franklin Tavora, o Sr. 2º secretario dá conta do seguinte:

EXPEDIENTE

Officio do presidente da provincia das Alagôas, enviando um exemplar da collecção de leis provinciaes promulgadas n'este anno.

Officio do mesmo Senhor, remettendo um exemplar do relatorio que lhe foi entregue por seu antecessor, o Dr. José Moreira Alves da Silva.

Communicação da directoria da Sociedade de geographia de Lisboa, de haver falecido o conselheiro Antonio Augusto de Aguiar, presidente da mesma sociedade.

Officio do Sr. Estanislau Zeballos, presidente da commissão especial do Instituto geographico Argentino, offerecendo um exemplar da 2ª parte do Atlas da Republica, publicado pelo dito Instituto.

Officio do Dr. Joaquim de Saldanha Marinho Filho, enviando um exemplar do seu folheto : *Missões na provincia do Rio-Grande do Sul.*

Officio da presidencia da provincia do Piauhi remettendo por cópia a informação dada pela camara municipal da villa de Piracuruca, relativa á existencia de uma serie de rochedos, apresentando a configuração de uma cidade fortificada, na distancia de quatro leguas ao sul da villa, entre as fazendas e sitios Bom-Successo, Bananeiras, Bom-Gosto e Gameleira.

OFFERTAS

São apresentadas as seguintes:

Pela secretaria de estado dos negocios do imperio. « um volume dos trabalhos da secção de Estatistica ».

Pela imprensa nacional « collecção das leis e decisões do governo do imperio do Brazíl de 1823 ».

Pelos alumnos da escola militar da côrte « Discurso pronunciado pelo conselheiro Ruy Barbosa, no meeting convocado pela confederação abolicionista, no theatro Polytheama a 28 de Agosto de 1887.

Pelo Sr. D. Pedro G. Figueiroa « Esboços literarios ».

Pelo Sr. visconde Sanches de Baena « *Pericope genealogica da familia Sanches de Baena.*

Pela directoria da Sociedade scientifica Antonio Abzate Memorias da mesma sociedade, 1° caderno do tomo I.

Pela sociedade de geographia do Rio de Janeiro. Revista. Tomo 3° boletim 3° 1887.

Pelo imperial observatorio do Rio de Janeiro, revista n. 9, anno 2°, Setembro de 1887.

Pelas sociedades de geographia de Lisboa, Anvers, Bordeaux, Real Academia de historia de Madrid e Sociedade africana de Italia—os seus boletins.

Pelo Sr. Dr. João Mendes de Almeida. *A capitania de S. Vicente, S. Paulo sua origem, legenda historia* ».

Pelas respectivas redacções:—*Boletim da alfandega do Rio de Janeiro, L'Etoile du Sud, Le Noveau Monde, Le Brésil, Immigração, Revista de Medicina, Gazeta da Bahia, Jornal do Recife, Diario popular, Gazeta de Mogi-mirim, Imprensa, Patria, Atalaia, Jornal da Parahyba, Provincia do Espirito Santo, Liberal Mineiro, Espirito Santense, Jaguarybe, Cachoeirano, Baependiano* e o *Publicador Goiano.*

ORDEM DO DIA

O Sr. presidente faz ao Instituto a seguinte communicação:

Ha trinta e quatro annos que contavamos no numero de nossos consocios effectivos ao Sr. Sebastião Ferreira Soares, o qual durante muito tempo tomou parte em nossos trabalhos. Já não existe entre os vivos! Succumbio subitamente de uma enfermidade do coração, que o lastimava, na idade de 68 annos, na noite de 5 do corrente, á hora em que aqui, na antecedente sessão, davamos por findos os nossos trabalhos d'esse dia.

Peço, que, na acta da presente sessão, se lance um voto de pesar pelo seu passamento.

O Sr. Henrique Raffard declara, que o Sr. Dr. Francisco Ignacio Ferreira deixou de comparecer por motivo de incommodo de saude.

São lidas as duas propostas seguintes:

« Propomos para socio correspondente d'este Instituto o Sr. Dr. Joaquim Saldanha Marinho Filho, engenheiro residente nesta côrte, servindo para titulo de admissão o seu trabalho ultimamente publicado.— *As Missões na provincia do Rio-Grande do Sul.*» que offereceu a este Instituto. Rio de Janeiro 18 de Outubro de 1887. *Francisco Ignacio Ferreira. Henrique Raffard. Dr. Cesar Augusto Marques.*»

Foi remettida á commissão de trabalhos historicos.

« Propomos que as commissões respectivas fiquem encarregadas de apresentar uma relação dos trabalhos

de historia, geographia e ethnographia do Brasil, que não possua o Instituto.— Rio de Janeiro, 5 de Outubro de 1887. *Henrique Raffard. Dr. Cesar Augusto Marques. Dr. J. A. Teixeira de Mello. Augusto V. A. Sacramento Blake.*

E' approvada depois de ponderações feitas por varios socios.

O 1.º secretario interino participa que acha-se impresso e é hoje distribuido o parecer da commissão de Estatutos, relativo á classificação de socios effectivos e correspondentes, conforme o resolveu a mesa do instituto na sessão passado, com o fim de facilitar a discussão. O Sr. presidente declara, que se tratará da dita discussão na proxima sessão. São lidos os seguintes pareceres, e approvados.

1.º A commissão de fundos e orçamento tendo examinado o balancete da receita e despeza de Março a Setembro de 1887, apresentado na ultima sessão d'este instituto, pelo muito zeloso thesoureiro, Exm. Sr. conselheiro Alencar Araripe, o achou conforme a lei do orçamento deste instituto e é de parecer, que seja approvado. A commissão de fundos e orçamento, attendendo ás explicações verbaes sobre o destino, que se devia dar ao saldo de 3:977$163 réis, comprando uma ou duas apolices, para augmentar as do Instituto, é de parecer, que seja approvada esta proposta.

A mesma commissão aproveita esta occasião para lembrar ao mesmo Exm. Sr. thesoureiro a urgencia de encommendar-se já o busto em marmore do nosso saudoso consocio visconde do Bom Retiro, cujo trabalho, não podendo ser executado no Rio de Janeiro, pela exigencia descommunal do unico artista, que poderia fazer esta obra, poderá ser encommendada em Pariz. Sala das sessões do Instituto em 18 de Outubro de 1887. *Dr. Maximiano Marques de Carvalho. Dr. João Severiano da Fonseca.*

2.º Do exame a que procedeu a commissão de trabalhos historicos subsidiaria, nas obras do Exm. Sr. visconde Sanches de Baena, concluio; que são esses escriptos de valor historico, principalmente para Portugal, sua patria; que revelam perseverança no estudo; genio

investigador e incansavel; que pela ligação da nossa historia com a daquelle reino, alguma utilidade ha para a nossa, por isso que o autor escreveu a resenha genealogica da familia de Pedro Alvares Cabral, descobridor da nossa patria; e portanto é de parecer, que taes trabalhos são de bastante valor historico para servirem de titulo de admissão de seu autor. Rio de Janeiro 16 de Outubro de 1887. *Visconde de Souza Fontes. Dr. Cesar Augusto Marques.*

« Parecendo á commissão de trabalhos historicos subsidiaria, que muito devem esclarecer a nossa historia patria, no ponto relativo á questão religiosa entre o Brasil e a Santa Sé, em 1873, os escriptos do Exm. Sr. D. Antonio de Macedo Costa, os quaes deverão ser consultados por quem tiver de occupar-se d'esse ponto, não só pelos documentos, que n'elles se encontram, como tambem porque convirá investigar e analysar as opiniões de tão sabio quão distincto prelado, para o conhecimento da verdade historica, conclue, que são seus trabalhos historicos de bastante valor para serem considerados como titulos para sua admissão no gremio de nossa associação.

Rio de Janeiro 16 de Outubro de 1887. *Visconde de Souza Fontes. Dr. Cesar Augusto Marques.*»

A commissão de geographia examinada a proposta assignada por tres membros deste Instituto para que seja admittido como socio correspondente o coronel do exercito portuguez, Francisco Travasso Valdez, o julga muito no caso á vista das importantes obras de que é autor, intituladas: *Da Oceania a Lisbôa, Africa Occidental, Una visita á las cinco partes del mundo, e Afrique Australe,* as quaes foram examinadas pela commissão. Rio de Janeiro, 19 de Outubro de 1887. *Barão de Teffé. Dr. Cesar Augusto Marques.*

Estando sobre a mesa o parecer da commissão de admissão de socios, relativo aos senhores Drs. Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Antonio Ribeiro de Macedo, João Capistrano de Abreu e Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, o Sr. presidente faz correr successivamente o escrutinio e á vista do resultado favoravel a todos elles, os proclama socios correspondentes do Instituto.

O Sr. barão de Teffé solicita informação acerca de um pedido dirigido ha algum tempo pelo autor das *Ephemerides* da provincia do Rio-Grande do Sul, quanto á sua publicação na Revista.

O tenente coronel Fausto de Souza informa que tendo ido esse pedido á commissão de orçamento talvez que para a proxima sessão possa informar alguma cousa, visto o Sr. Dr. Franklin Tavora, 1° secretario não estar presente, por motivo de grave enfermidade.

O Sr. barão de Teffé, pedindo a palavra, offerece ao museu do Instituto uma amostra mineralogica extrahida de um dos chapoeirões madreporicos dos Abrolhos; e faz uma interessantissima exposição sobre a posição dos mesmos, suas fórmas, dimensões e profundidade, conhecimentos estes adquiridos na honrosa commissão que o mesmo Sr. barão acaba de preencher, destruindo um d'esses chapoeirões ou parceis, que, em virtude do seu rapido crescimento, tornava-se um grande perigo para os navegantes, tendo já causado a perda de dous navios, um dos quaes o magnifico paquete transatlantico *Guadiana*.»

Achando-se adiantada a hora e obtida a venia de Sua Alteza, o Sr. presidente levanta a sessão.

Dr. João Severiano da Fonseca.
Secretario adjunto.

8.ª SESSÃO ORDINARIA, EM 9 DE NOVEMBRO DE 1887

Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

Reunidos ás 7 horas da noite, no salão do Instituto os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, Conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro, Tristão de Alencar Araripe e João Ribeiro de Almeida,

Henrique Raffard, tenente José Egydio Garcez Palha, Drs. Cezar Augusto Marques, João Severiano da Fonseca, Maximiano Marques de Carvalho, José Alexandre Teixeira de Mello, Augusto V. Alves do Sacramento Blake e Augusto Fausto de Souza, o Sr. presidente declara aberta a sessão.

O secretario adjunto Dr. João Severiano procede á leitura da acta da sessão antecedente, a qual é approvada com ligeira alteração.

O 2º secretario Fausto de Souza, no impedimento do Sr. Franklin Tavora, dá conta do seguinte.

EXPEDIENTE

Uma carta do Sr. Dr. Martins Pinheiro, camarista de semana, communicando que o Sr. principe conde d'Eu não podia comparecer a presente sessão.—Inteirado.

Officio do Sr. Francisco de Paula Oliveira Borges participando haver assumido a presidencia da provincia da Parahiba no dia 18 de Agosto ultimo.— Inteirado.

Circular do Instituto Smithsonian communicando haver falecido a 19 de Agosto o secretario do mesmo Instituto e director do museu nacional dos Estados-Unidos, Spencer Fullerton Baird.— Inteirado.

Officio do Club Bibliothecario Academico da escola militar da côrte, solicitando uma collecção da Revista Trimensal do Instituto. Resolveu-se que, havendo já sido enviada uma collecção da Revista para a mesma escola militar, o Instituto deixa de conceder a que é agora pedida.

OFFERTAS

São apresentadas as seguintes:

Pelo Sr. João Brigido dos Santos, o seu *Resumo chronologico para a historia do Ceará.*

Pelo Sr. Dr. Antonio Augusto Fernandes Pinheiro o *Relatorio da commissão do ministerio da agricultura na Europa e nos Estados-Unidos da America do Norte.*

Pelo 1º tenente João Arnoso os *Elementos de chorographia do Brazil.*

Pela Academia nacional de sciencias da Republica Argentina, *Actas tomo* 5º *entrega* 3ª — *Primer censo general de la provincia de Santa-fé.*

Pela respectiva redacção a *Revista maritima brazileira.*

Pelas sociedades de geographia de Pariz, Iena, Bordeaux, Madrid, os seus boletins mensaes.

Pelas diversas redacções, os periodicos : *Diario Popular, Gazeta da Bahia, Jornal do Recife, Imprensa, Cachoeirano, Buependiano, Espiriro Santense, Provincia do Espirito-Santo, Gazeta de Mogi-mirim, Liberal Mineiro, Monitor Fidelense, Piauhiense Madagascar, Patria, Semana, Le Brèsil, Le Noveau Monde, L'Etoile du Sud, Boletim da alfandega do Rio de Janeiro, Revista de Medicina* e *Revista do Paraná.*

ORDEM DO DIA

Tendo ficado sobre a mesa na sessão passada os pareceres das commissões de historia e geographia relativos ás obras dos Srs. Dr. Eduardo Augusto Pereira de Abreu, D. Antonio de Macedo Costa, visconde Sanches de Baena e coronel do exercito portuguez Francisco Travassos Valdez, postos em discussão, são approvados para serem remettidos á commissão de admissão de socios.

E' lido e fica sobre a mesa, para ser votado na seguinte sessão o seguinte :

PARECER

« A commissão de admissão de socios examinou o parecer da commissão de trabalhos historicos, relativo á obra do Sr. José Verissimo, intitulada *Scenas da vida amazonica*, e com ella concordando, é de opinião seja o mesmo Sr. proclamado socio correspondente do Instituto historico e geographico brazileiro, convicta de que a

nossa associação muito terá a lucrar com a acquisição de tão illustrado e laborioso auxiliar.

Rio de Janeiro em 10 de Outubro de 1887. — *Alfredo de Escragnolle Taunay. Manoel Francisco Correia.*

Em seguida é lido e approvado afim de ser enviado á commissão de admissão de socios o seguinte :

PARECER

« A commissão de historia do Instituto historico e geographico brazileiro examinou, de ordem do mesmo Instituto, os trabalhos apresentados pelo Exm. Sr. Dr. Barão de Ibituruna, como titulo de admissão ao gremio d'esta sociedade, e vem dar em breves termos o seu parecer a respeito.

Foram submettidos ao juizo da commissão as obras: *Hygiene publica, Aguas potaveis, Hygiene publica, Relatorio dos trabalhos da inspectoria geral de hygiene.*

Na 1ª, occupa-se o autor com o novo abastecimento de agua á cidade do Rio de Janeiro ; expõe theorias chimicas, observações hygienicas sobre as aguas da chuva, dos poços, das fontes e dos rios; trata das aguas potaveis, e analysando as dos rios do Ouro, Santo Antonio e São-Pedro, dá noticia geographica, ainda que succinta, das nascentes d'esses rios.

Encontra-se ainda n'esse livro a descripção do assentamento da pedra fundamental das obras para o abastecimento de agua d'esta côrte, e a cópia do auto lido pelo inspector das obras publicas, a qual foi lançada na pedra fundamental.

O relatorio dos trabalhos da inspectoria geral de hygiene é um documento scientifico de muita valia. Toca o autor em todas as questões de hygiene. Os melhoramentos das estalagens e cortiços, a alimentação publica, o melhoramento das condições hygienicas d'esta capital, o fornecimento constante e sufficiente de agua, um bom systema de esgotos, a limpeza e calçada solida e uniforme das ruas, e outros poderosos elementos da salubridade

publica, são expostos e discutidos com clareza e proficiencia.

Ainda mais. *Os melhoramentos da lagôa de Rodrigo de Freitas*, a vaccinação e revaccinação, o asilo de mendicidade, a fundação de uma bibliotheca das obras concernentes á hygiene, o exercicio illegal da medicina, as lavanderias e banhos publicos, o estado sanitario d'esta capital, os hospitaes especiaes para molestias contagiosas e os cemiterios, tudo isso enche o volumoso relatorio do digno medico, que não cessa de lembrar ao governo imperial a conveniencia de iniciar-se a serie dos melhoramentos materiaes para o saneamento da cidade do Rio da Janeiro : e si por ventura todas as medidas reclamadas por tão distincto chefe da saude publica fôssem executadas, esta florescente metropole tornar-se-ia, pelo seu desenvolvimento e pela sua civilisação, uma das primeiras capitaes do mundo.

Ainda que esses trabalhos não sejam especiaes aos fins e á lei fundamental d'esta associação, todavia não necessita a commissão de encarecer a sua importancia, e são elles honroso attestado da sufficiencia literaria do autor.

Sala das sessões em 9 de Novembro de 1887. *Dr. M. D. Moreira de Azevedo.—Dr. Cesar Augusto Marques. Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.*

E' tambem lida e approvada depois de algumas considerações do Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, a seguinte proposta do Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

« Tendo o nosso illustrado consocio o Exm. Sr. barão de Teffé offerecido a este Instituto em sua ultima sessão uma amostra de substancia calcarea de fórma organica animal, que foi por elle arrancada de um parcel dos Abrolhos, e tendo o mesmo illustrado consocio, á vista dessa amostra suspendido o seu juizo a respeito da existencia de coraes e perolas nos ilhotes dos Abrolhos, sendo certo que o almirante Mouchez falla da existencia de madreperola, e tendo eu abaixo assignado examinado e reconhecido na amostra um evidente trabalho animal que se assemelha ao trabalho do coral ; e tendo eu em

uma viagem de volta da Europa, havendo-se parado a machina e sondado aquelle canal, visto na pá da sonda, fragmento de coral e concha de madreperola, conclui que existe ali producção de coral e de madreperola. O coral é um mollusco microscopico testaceo, productor de substancia calcarea e de um acido que eu chamo *purpurino*, acido branco-amarellado, glutinoso e acre, que em contacto com o carbonato de cal, dá-lhe uma côr purpurina ou rosacea. Esta substancia purpurina ou rosacea, em fórma de galhos sem folhas é o coral. Proponho, portanto, que a referida amostra seja enviada aos nossos illustrados consocios Dr. Epiphanio Pitanga e Ladislau Neto, para darem com urgencia o seu parecer.

Sala das sessões em 22 de Outubro de 1887. *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*

O mesmo Sr. Dr. Maximiano Marques apresenta a seguinte proposta, que, sendo lida, e fazendo sobre ella varias considerações os Srs. conselheiros Alencar Araripe e Olegario, Garcez Palha e Raffard, fica adiada para quando se achar presente o Sr. barão de Teffé.

PROPOSTA

Tendo o nosso illustrado consocio o Exm. Sr. barão de Teffé apresentado na ultima sessão d'este Instituto, o resultado das suas indagações maritimas feitas nos Abrolhos, por convite do almirante Mouchez, que, em 1861, sondou e descreveu toda a costa do Brazil, e tendo o nosso illustrado consocio sondado e reconhecido augmento consideravel de volume nos parceis, que existiam e existem entre os ilhotes Santa Barbara, Sudeste, Siriba e Redonda, por onde passam muitas vezes os vapores transatlanticos, sendo natural que o mesmo nosso consocio reproduza a carta geographica do almirante Mouchez, descrevendo as novas alterações perigosas:

Proponho, que este Instituto encarregue ao nosso illustrado consocio o Sr. barão de Teffé, de reproduzir a carta geographica do almirante Mouchez, accrescentando a descripção da costa do Brazil correspondente

ao Abrolhos, a qual não vem na carta do almirante Mouchez.

Proponho finalmente, que esta carta, assim enriquecida, seja publicada em nossa *Revista*.

Sala das sessões em 22 de Outubro de 1887. *Dr. Maximiano Marques de Carvalho*

Devendo ser discutido o parecer da commissão de estatutos impresso e distribuido na sessão passada, o Sr. conselheiro Olegario propõe, e é approvado o addiamento da discussão por não se achar presente o Sr. Dr. Franklin Tavora relator do dito parecer.

O Sr. Henrique Raffard pede a palavra e referindo-se ao balancete da receita e despeza, que foi approvado na ultima sessão, propõe, que os saldos que se derem antes de serem convertidos em apolices, sejam estudados si convém antes sejam de preferencia empregados em parte em algumas necessidades urgentes da associação, taes como á encadernação de livros, á publicação de manuscriptos e á impressão do catalogo dos livros de nossa bibliotheca, com o que se salvarão importantes valores do Instituto.

O Sr. conselheiro Olegario pronuncia-se no mesmo sentido e o Sr. conselheiro Alencar Araripe concordando com essa idéa, é todavia de parecer, que o Instituto continue a formar com os seus saldos um patrimonio em apolices da divida publica, conforme as forças que tivermos, sem prejuizo dos serviços do Instituto, porquanto é com este patrimonio que se póde contar em qualquer emergencia.

O mesmo Sr. conselheiro Alencar Araripe communica, que, por conta do saldo deste anno, realizou a compra de duas apolices ns. 172.837 e 172.838 pelo preço da cotação da praça, importando ambas em 1:928$, além de 2$100 do sello da transferencia.

O coronel Fausto de Souza recorda ao Instituto o pedido do autor das *Ephemerides* da provincia do Rio-Grande do Sul, que deseja, que o seu trabalho seja impresso na *Revista Trimensal*, e expondo o pé em que se acha esse assumpto, de que se tratou e consta das actas das 2ª e 7ª sessões ordinarias d'este anno, propõe, que se dê uma solução definitiva sobre elle. Depois de reflexões feitas por

varios membros, resolve-se, que seja indeferido, porquanto sendo tal trabalho muito extenso, como se collige do fasciculo apresentado, occupará um tomo inteiro da *Revista*, si fôr publicado de uma vez, o que não convém ao Instituto, ou levará alguns annos a publicar-se, si fôr por partes, o que não póde convir ao autor da obra.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe declara ter recebido um officio do presidente da Instituto do Ceará, agradecendo a entrega da collecção da *Revista Trimensal*, que este Instituto historico lhe concedeu e pede que lhe sejam remettidos os numeros que faltam na collecção. Fica o mesmo Sr. conselheiro autorizado a fazer a remessa requisitada.

O Sr. Dr. Maximiano Marques apresenta ainda a seguinte proposta que é aprovada :

« O estudo da historia do Brazil pela geração do presente seculo, tem por fim esclarecer o presente e precaver o futuro.

A historia das artes e das sciencias ensinadas no Brazil até hoje, é muito curta. Foram os padres jesuitas, que primeiro abriram os collegios de humanidades, assim chamavam elles os estudos das linguas mortas : o latim, o grego e o estudo da rhetorica, da logica e metaphysica e da theologia.

Os seminarios, os mosteiros e conventos continuaram o mesmo ensino.

Depois da nossa indepencia, crearam-se as faculdades de direito, as escolas de medicina, a velha e a nova escolas militares e de marinha, o collegio de Pedro II e a escola polytechnica.

Todas estas instituições são de ensino theorico. E' chegado o tempo de se crear no Brazil uma instituição de sciencias physicas praticas, igual ás de Berlin e de Munich. Não é necessario edificarem-se palacios para essas universidades; basta contractarem-se professores nas universidades acima referidas e accommodal-os em 4 ou 6 predios nacionaes n'esta côrte.

Proponho pois, que o Sr. presidente, conforme o art. 31 dos nossos estatutos convoque em sessão ordinaria para a proxima quarta-feira, afim de discutir-se e

representar-se ao governo imperial sobre a necessidade de ser creada uma universidade n'esta côrte, igual á de Berlin, a qual enriquecerá a historia futura do Brazil.

Sala das sessões em 9 de Novembro de 1887. *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*

Finalmente, concedida a palavra ao Sr. Dr. Augusto Blake, procede elle á leitura do seu trabalho historico : a *Revolução da Bahia em* 7 *de Novembro de* 1837 *e o Dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira.*

Achando-se adiantada a hora, o Sr. presidente levanta a sessão.

O secretario adjunto.

Dr. João Severiano da Fonseca.

9ª SESSÃO EM 16 de NOVEMBRO DE 1887

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. A. O SR. CONDE D'EU.

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

A's 7 horas da noite, reunidos os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, conselheiros Tristão de Alencar Araripe e João Ribeiro de Almeida, Drs. João Franklin da Silveira Tavora, Maximiano Marques de Carvalho, Joaquim Pires Machado Portella, João Severiano da Fonseca, José Alexandre Teixeira de Mello, Felizardo Pinheiro de Campos, senador Alfredo de Escragnolle Taunay, Henrique Raffard e Augusto Fausto de Souza, é annunciada a chegada de S. Alteza o Sr. principe conde d'Eu. Recebido com as devidas formalidades, toma assento, e o Sr. presidente declara aberta a sessão.

Lida a acta da sessão antecedente, é approvada depois de ligeira alteração.

O expediente apresentado pelo Sr. 1· secretario consta apenas de uma carta do Sr. general Henrique Beaurepaire Rohan, communicando não lhe ser possivel comparecer á sessão.

OFFERTAS

Acham-se sobre a mesa diversos folhetos e jornaes, offerecidos á bibliotheca do Instituto, a saber:

Pelo Sr. Henrique Raffard, dous folhetos: *Phylloxera nos cantões de Genova e de Zurich.*

Pelo Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho a *Carta moderna do reino da Italia*, publicada em 1885.

Pelo Club de engenharia, *Revista* n. 10 anno 1°.

Pela Sociedade de geographia commercial de Bordeaux, o seu boletim mensal.

Pelas respectivas redacções: *Jornal do Recife*, *Gazeta da Bahia*, *Diario Popular*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Jornal da Parahiba*, *Publicador Goiano*, *Baependiano*, *Provincia do Espirito Santo*, *Patria*, *Cachoeirano*, *Imprensa*, *Pinhalense*, *Liberal mineiro*, *Le Nouveau monde*, *L'Etoile du Sud*, *Immigração*, *Semana* e o *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro.*

ORDEM DO DIA

E' posta em discussão a proposta do Sr. Dr. Maximiano Marques, que ficára sobre a mesa, é ella resolvida pela seguinte carta do Sr. barão de Teffé, apresentada pelo autorda proposta:

Illm. Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho. Illustrado collega.

Foi com immensa satisfação, que recebi a carta de V. S. requisitando para o Instituto historico uma cópia dos meus ultimos trabalhos.

Cabe-me entretanto informar a V. S. que o relatorio é longo (umas 46 ou 48 paginas) e a planta em grande

escala e coberta de sondas. Basta isto para convencer a V. S. da difficuldade de tirar-se cópias. Espero, que o ministerio da marinha mande publicar esses trabalhos, para offerecer um exemplar a V. S. e outro á nossa importante sociedade.

Com o mais elevado apreço e distincta consideração tenho a honra de subscrever-me.

De V. S. attento venerador e collega obrigado, em 10 de Novembro de 1887, (assignado).

Barão de Teffé.

O Sr. presidente submette á votação a proposta relativa á admissão do Sr. José Verissimo. Correndo o escrutinio e sendo approvado unanimemente, é o mesmo Sr. proclamado socio correspondente do Instituto.

E' lida e approvada para ser enviada á commissão de geographia a seguinte proposta.

« Propomos para socio correspondente deste Instituto o Illm. Sr. Dr. Luiz Cruls, director do Observatorio astronomico, servindo de titulo para sua admissão as obras indicadas na relação junta. Os seus apontamentos biographicos constam da publicação tambem junta effectuada na *Galeria comtemporanea do Brazil.*

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro em 16 de Novembro de 1887.—*Franklin Tavora. Augusto Fausto de Souza. Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*

O Sr. presidente declara, que está em discussão o parecer da commissão de estatutos sobre o artigo relativo á classificação de socios effectivos e correspondentes, parecer que deixa de ser lido em sua integra por ter sido distribuido impresso pelos membros do Instituto, mas cujas conclusões são as seguintes:

1.º Que sejam supprimidas, por não se ajustarem com o que dispõe o art. 4, as palavras do art. 6 — « o qual estando completo o numero de socios effectivos, será recebido na qualidade de correspondente.»

2.ª Que seja supprido o art. 13.

3.ª Que se preencham as actuaes vagas de socio effectivo com a nomeação de socios correspondentes, que residem na côrte.

4.ª Que para as vagas, que fôrem occorrendo, sejam nomeados socios correspondentes que ao tempo da vacatura ainda residirem ou tiverem vindo residir depois na côrte.

5.ª Que não existindo nenhum socio correspondente nas condições anteriores, seja posto a concurso o logar vago, afim de serem recebidos os escriptos, imprensos, ou as memorias ineditas, que os candidatos houverem de apresentar para titulo da sua admissão.

O Sr. Henrique Raffard enceta o debate declarando que, tendo estudado as conclusões do parecer, nada tem a oppôr ás 4 primeiras que lhe parecem acceitaveis; discorda, porém, quanto á ultima, porque além de restringir muito d'ora em diante o numero dos socios, encarada pelo lado economico fará diminuir muito a sua receita; inconvenientes que julga serão sanados, admittindo-se uma nova cathegoria de membros do Instituto, com a denominação de socios supranumerarios ou outra qualquer, que comprehenda aquelles que, tendo os requisitos necessarios e residindo na côrte fôrem candidatos ao logar de socio effectivo.

O Sr. Conselheiro Alencar Araripe pensa tambem, que podem ser acceitas as 4 primeiras conclusões; mas é contrario á idéa contida na ultima d'ellas, isto é, a instituição de um concurso com formalidades para admissão de socios effectivos, considerando que as condições em que nos achamos são muito diversas das do Instituto de França, que estabelece taes concursos: ali os lugares são avidamente disputados; entre nós o concurso daria em resultado vermos abertas as vagas sem que fossem preenchidas; no futuro talvez o concurso possa ser admittido; por ora o julga inaceitavel.

O Sr. senador Escragnolle Taunay concordando com as idéas do Sr. conselheiro Alencar Araripe, não é favoravel á nova classe de socios lembrada pelo Sr. Henrique Raffard, pois que isso importaria ficar como estamos, apenas com a differença de denominações. Depois de fazer

diversas considerações muito sensatas, apoiadas pelos membros presentes, envia á mesa a seguinte indicação :

« Substitua-se a conclusão 5ª pela seguinte : Que dentre os trabalhos apresentados como titulos de admissão para membros do Instituto, seja escolhido o autor d'aquelle que, segundo o juizo final, depois dos pareceres das commissões, fôr julgado o melhor.»

O Sr. Dr. Severiano da Fonseca diz, que acha muito acertadas as ponderações que acabam de fazer os Srs. Alencar Araripe e Escragnolle Taunay ; mas desejando tornar bem claras as condições necessarias para a admissão futura dos socios, effectivos e correspondentes, pede, que a mesa tome em consideração o seguinte additamento ás conclusões do parecer em discussão.

« Proponho, que ninguem seja admittido a socio do Instituto sem que apresente uma memoria, impressa ou inedita, de completo accôrdo com o exigido no art. 1 dos estatutos. S. R. *Dr. Severiano da Fonseca.*

O Sr. Henrique Raffard voltando á discussão diz concordar com o substitutivo do Sr. Escragnolle Taunay; a sua duvida é sobre a cathegoria de socios correspondentes, parecendo-lhe que ha conveniencia na classe de supranumerarios, os quaes concorrerão com suas mensalidades para auxiliar a vida do Instituto. Sente achar-se agora em quasi unidade, mas como sabe, que suas idéas são apoiadas por alguns socios que não estão presentes, pede o adiamento da discussão.

O Sr. senador Escragnolle Taunay pronuncia-se contra o adiamento, por se tratar de uma questão já antiga e que tem sido muito estudada, tanto mais que é do parecer que se discute, as 4 primeiras conclusões não tem soffrido contestação, e quanto á 5ª mais difficil de admittir por lhe parecer, que ninguem se sujeitará á prova de um concurso publico e vexatorio, entende, que ficará resolvida com o substitutivo que apresentou.

O Sr. presidente submette á votação o adiamento, que é regeitado contra os votos dos Srs. Henrique Raffard e Drs. Pinheiro de Campos e Teixeira de Mello.

Continuando a discussão, o Sr. Dr. Joaquim Portella diz, que o sentido do substitutivo do Sr. Escragnolle Tau-

nay não lhe parece muito de accôrdo com as razões apresentadas, por quantonão deixa por elle de haver concurso ou competencia embora sem formalidade.

O Sr. senador Escragnolle Taunay, responde que tal observação seria justa si não fôsse limitado o numero de socios; as cousas não podiam continuar com a confusão, que havia até agora, que as admissões eram feitas sem limitações; mas desde que vai ser de outro modo, não póde deixar de haver escolha ou preferencia, como se propõe no substutivo. O Sr. Dr. Joaquim Portella declara-se satisfeito com essa explicação.

Encerrada a discussão a pedido do Sr. Dr. Maximiano Marques, o Sr. presidente sujeita á votação a 1ª conclusão do parecer, que é approvada unanimemente.

Antes de votar-se a 2ª conclusão, é lido o art. 13 dos estatutos, a que ella se refere, o qual compõe-se de duas partes, a saber:

« Art. 13. Os membros da mesa podem ser reeleitos e a eleição dos novos empregados só recahirá nos effectivos; quando porém as necessidades ou as conveniencias do Instituto exigirem o exercicio de alguns socios correspondentes como membros da mesa, poderão estes ser eleitos em numero igual ao da 3ª parte dos logares da mesa; e em tal caso os ditos socios correspondentes serão reputados effectivos supranumerarios, para entrarem nos primeiros logares que vagarem.

O Sr. presidente sujeita á votação a 2ª conclusão do parecer, isto é, a suppressão do citado art. 13 e è approvada sómente quanto á 1ª parte; deixando de subsistir o 2º periodo do mesmo art. 13, a partir das palavras: « quando porém as necessidades, etc. »

A 3ª conclusão sendo votada, é approvada unanimemente; o mesmo succede com a 4ª conclusão, com a declaração de serem resalvados os direitos dos actuaes socios correspondentes.

Posto em votação o substitutivo á 5ª conclusão, apresentado pelo Sr. senador Escragnolle Taunay, é approvado unanimemente.

Finalmente, é tambem unanimemente approvado o additamento do Sr. Dr. Severiano da Fonseca.

Estando adiantada a hora, indo o Sr. presidente levantar a sessão, o Sr. Dr. Maximiano Marques pede, que se lhe concedam dez minutos para a leitura da sua memoria, que devia ser discutida na presente sessão. O Sr. senador Escragnolle Taunay e Henrique Raffard fazem vêr a necessidade de adiar a discussão de um assumpto tão importante como é a creação de uma universidade e não haver conveniencia alguma em ouvir a memoria apressadamente na presente sessão ; o que sendo por todos apoiado, o Sr. presidente obtem a augusta venia e levanta a sessão.

Augusto Fausto de Souza.
2° Secretario.

10.ª SESSÃO EM 23 DE NOVEMBRO DE 1887

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. ALTEZA O SR. CONDE D'EU.

Presidencia do Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva.

A's sete horas da tarde achando-se reunidos no Salão do Instituto os Senhores: commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Doutores Maximiano Marques de Carvalho, José Alexandre Teixeira de Mello, Felizardo Pinheiro de Campos, Augusto Victorino Alves do Sacramenro Blake e Ladislau de Souza Mello Neto, monsenhor Manoel da Costa Honorato, Henrique Raffard, João Capistrano de Abreu, senador Alfredo d'Escragnolle Taunay e Augusto Fausto de Souza, é annunciada a chegada de Sua Alteza o Sr. Conde d'Eu. Recebido com as attenções que eram devidas, S. Alteza tomou assento e o Sr. presidente declarou aberta a sessão.

O Sr. secretario adjunto Dr. Teixeira de Mello procede á leitura da acta da sessão anterior, que foi approvada sem reflexão alguma.

O Sr. secretario Fausto de Souza, communica, que o

Sr. Franklin Tavora deixou de comparecer por incommodo de saude, e por isso passa a dar conta do seguinte :

EXPEDIENTE

Officio do presidente da provincia da Parahiba offerecendo ao Instituto, dous exemplares das leis provinciaes promulgadas em 1886. Communicações do Sr. presidente do Instituto offertando a collecção do Jornal do Commercio de Julho de 1886 a Junho de 1887.

As offertas de varias obras que se acham sobre a mesa, a saber :

Pela redação, a *Revista Maritima Brazileira*.

Pela Sociedade dos naturalistas de Moscow o *Boletim* n. 3 de 1887.

Pela redação, a *Revista do Instituto do Ceará*, 2.° 3.° trimestre de 1887.

Pela directoria da bibliotheca nacional, os *Annaes tomo* XII.

ORDEM DO DIA

E' lida a seguinte proposta :

«Completando-se em 21 de Outubro proximo vindouro cincoenta annos da fundação deste Instituto, propomos que se nomeie uma commissão incumbido de apresentar em uma das primeiras sessões de 1888 o plano ou programma que lhe parecer mais apropriado á commemoração daquella data, sobre a base de serem representadas na solemnidade todas as provincias do imperio.

Sala das sessões do Instituto historico e geographico brazileiro em 23 de Novembro de 1887. *Franklin Tavora. Augusto Fausto de Souza. Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*

Esta proposta foi approvada, e o Sr. presidente nomeia para formarem a commissão os mesmos autores da proposta.

Entrando em discussão a idéa proposta pelo Sr. Dr. Maximiano Marques que ficára adiada, da creação de um curso universitario de sciencias physicas praticas similhante aos de Berlin e de Munich, o mesmo Sr. Dr. pede, que sejam lidas as duas memorias, que apresentou sobre esse assumpto, sendo uma justificativa da necessidade e a outra dos estatutos para a universidade projectada.

Terminada essa leitura, o autor da proposta pede a palavra para explicar e desenvolver melhor o seu pensamento. Diz, que o Instituto historico é, entre todas as nossas Instituições, aquella que com mais independencia e isenção póde propor ao governo a creação de uma universidade, e que assim como á sua irman mais velha, a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional deve este Instituto a sua existencia, compete-lhe tambem dar o impulso inicial á uma instituição onde se ensinem as sciencias physicas praticas, instituição que será a origem da prosperidade e da riqueza do Brazil. Pondera, que a nossa patria conta grandes oradores sagrados, como Mont'Alverne, S. Carlos, Santa Gertudes, Sampaio e o conego Januario, como a França teve Fénelon, Bossuet e Massilon; porém o Brazil não conta até hoje um Lavoísier, um Gay Loussac, um Berthollet, um Thenard e outros genios como esses que crearam as industrias francezas e illuminaram a Allemanha moderna, e é isso devido ás instituições de ensino pratico das sciencias physicas, onde se estuda a natureza do fluido universal dynamico para conhecer a natureza organica do homem; que converte em cousas uteis ao homem aquelles mesmos elementos que até agora tem sido considerados como nocivos e toxicos para elle, instituições essas que criam todas as industrias uteis, com as quaes a França e a Allemanha avassalam hoje as nações da Europa e da America. Finalmente quer, que este Instituto historico, assim como foi quem levantou n'esta capital o monumento de bronze ao patriarcha da independencia, seja tambem quem erija o monumento de ouro á independencia industrial do Brazil.

O Sr. presidente declarou, que sente-se embaraçado em pôr o assumpto em discussão, por lhe parecer, que é

elle alheio aos fins especiaes do Instituto: entretanto assim o faz, não só pela consideração que a todos nos merece o autor da proposta, como para esclarecer-se pela discussão sobre o modo por que ha de resolver.

Concedida successivamente a palavra a varios membros, tomaram parte na discussão os Srs. Drs. Augusto Blake, monsenhor Costa Honorato, conselheiro Olegario, Henrique Raffard e Dr. Maximiano Marques, concordando todos sobre a importancia do objecto, mas entendendo aquelles senhores faltar competencia a esta associação para fazer ao governo a proposta indicada pelo Sr. Dr. Maximiano Marques.

O Sr. monsenhor Manoel da Costa Honorato propôe verbalmente, que o projecto vá a uma commissão especial, que o estude e dê parecer.

O Sr. conselheiro Olegario concorda com isso, mas entende, que d'essa commissão devem fazer parte os membros do Instituto, que têm assento nas camaras legislativas, tanto mais que o autor do projecto declarou, que esta já fôra por elle enviado á camara dos Srs. deputados.

Apoiadas as propostas verbaes dos Srs. monsenhor Honorato e Conselheiro Olegario, por todos os membros presentes, o Sr. presidente nomeia para formarem a referida commissão, além d'elle presidente, os Srs. senadores, Escragnolle Taunay, Manoel Francisco Correia, João Alfredo e conselheiro Alencar Araripe.

Achando-se adiantada a hora, o Sr. presidente encerrou a sessão.

Pelo 2° secretario *Augusto Victorino Alves Sacramento Blake*.

11ª SESSÃO EM 7 DE DEZEMBRO DE 1887

Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's sete horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os senhores commendador Joaquim Norberto

de Sousa Silva, conselheiros Tristão de Alencar Araripe, Henrique de Beaurepaire Rohan, e João Ribeiro de Almeida, senador Alfredo de Escragnolle Taunay, monsenhor Manoel da Costa Honorato, Henrique Raffard, capitão tenente Francisco Calheiros da Graça, Drs. Maximiano Marques de Carvalho, Joaquim Pires Machado Portella, Felizardo Pinheiro de Campos, Cesar Augusto Marques, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, e Augusto Fausto de Souza, o Sr. presidente declara aberta a sessão.

Lida a acta da sessão precedente, pelo Sr. Dr. Augusto Blake, é approvada.

Antes de proceder-se á leitura do expediente, o Sr. presidente, dirige á mesa as seguintes communicações:

« O dia 2 de Dezembro não podia passar desapercebido ao Instituto historico, e atravez do Oceano atlantico saudamos o Imperador no dia de seu anniversario natalicio tão caro aos Brasileiros.

O telegramma expedido ao Sr. Visconde de Nioac para ser presente a S. M. I. foi o seguinte: « Rio de Janeiro 2 de Dezembro de 1887.— A. S. M. I. *O Instituto Historico* saúda o Imperador.— O Presidente.»

S. M. o Imperador se dignou responder: « Cannes 3 de Dezembro de 1887. Agradeço cordialmente. D. Pedro.»

A resposta de S. M. I. é recebida com todo o respeito e agrado.

Senhores: Já deveis saber, pois todas as folhas d'esta manhan nos transmittiram o telegramma do cabo transatlantico, que faleceu ante-hontem, o nosso illustrado consocio monsenhor Joaquim Pinto de Campos. Ha trinta e dous annos que fazia parte de nossa associação o distincto autor da *Jerusalem*, da *Vida de Jesus Christo segundo os Evangelistas*, da *Biographia do grande cidadão Marquez de Caxias*, e que ultimamente deu á luz a traducção da *Divina Comedia* de Dante, um dos grandes videntes da moderna civilisação.

O illustre sonsocio ha 10 para 11 annos deixou as plagas do imperio e fixou a sua residencia em Lisbôa, donde sahia para varios pontos da Europa, voltando

sempre á cidade que se enorgulha de ter sido o berço de Camões. Divorciado com a politica, a que votára grande parte de sua actividade, havia jurado nunca mais voltar ás terras de Santa Cruz. Não deu-lhe tempo a morte para arrepender-se de tão barbaro proposito.

Distinguio-se tão notavel Brazileiro como orador, tanto no pulpito sagrado, como nas tribunas legislativas. Elevou-se na imprensa como polemista religioso, e si nem sempre primou pela sua originalidade, assignalou-se pela elevação de seus pensamentos, amenidade de seu estylo e correcção de sua linguagem.

Falece na idade de 68 annos, e baixa ao tumulo em terra estranha, chorado pelos seus amigos. Lega á patria as obras de seu grande talento e a nós a sua memoria.

Peço, que se lance na acta, que o Instituto historico recebe a noticia de seu passamento, cheio de pesar e de saudade.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe pedindo a palavra diz o seguinte : Senhores : Acaba o telegrapho de trazer-nos a triste noticia do falecimento do nosso illustre consocio monsenhor Joaquim Pinto de Campos, cidadão prestante e digno da consideração publica por seus serviços á patria e por sua benemerencia nas letras.

O nosso finado consocio, que ante-hontem terminou seus dias na cidade de Lisbôa, depois de vida activa de mais de 30 annos na politica da sua terra, deixou a patria e retirou-se para Europa, no intuito de cultivar ali, no remanso da paz, a litteratura e a amizade. Foi no meio de seus trabalhos litterarios que a enfermidade o sorpreendeu, e a morte o veio arrebatar á affeição dos amigos e á estima dos seus concidadãos, privando-o de concluir encetados trabalhos de alta valia.

Pinto de Campos foi um d'esses espiritos activos e valentes, que viveram da lucta na defesa de tudo quanto elle reputava como verdade ; foi constante apostolo da patria, da humanidade e da religião. Como patriota, nunca recusou serviços ao seu paiz, e como amigo jamais lhe faltou dedicação para manifestar esse generoso sentimento d'alma, que tanto ennobrece a creatura humana.

Orador sagrado, a moral teve n'elle constante defensor, e a igreja acerrimo propugnador dos seus evangelicos principios e dos seus dogmas sagrados. Escriptor, as suas obras sacras e profanas attestam o labor assiduo com que se entregava ao estudo, dando interesse e utilidade ás suas lucubrações.

Emquanto lidou na politica, nenhum successo importante no Brazil, e nenhuma idéa grandiosa se debateu, sem que o seu concurso apparecesse em prol da bôa causa; sendo esforçado campeão da emancipação servil em cujo empenho deu todo o elasterio aos principios de igualdade pregados pelo divino autor do Evangelho, de quem era ministro verdadeiro, no saber e na moral.

Natural da provincia de Pernambuco, onde nasceu em 1819, cêdo consagrou-se á vida sacerdotal, e ligado ao partido conservador, com este cooperou em todas as suas evoluções, quer agindo na politica provincial, quer intervindo na politica geral, de cujos chefes mais eminentes sempre mereceu estima real e muita consideração.

Representou sua provincia em varias legislaturas desde 1853, quando foi pela 1ª vez eleito deputado geral, sendo encarregado de advogar os interesses da sua terra natal por varias vezes no parlamento provincial, onde o seu voto teve essa magica influencia, que resulta do patriotismo sincero e zelo esclarecido da causa publica. Por tres vezes foi incluido em listas senatoriaes, e si não gozou do favor da escolha para ter assento entre os representantes vitalicios da nação, nem por isso deixou, na estima publica, de merecer o logar, que o voto popular lhe designava e que não occupou certamente por algum d'esses inexplicaveis accidentes da politica, cujas causas fogem á apreciação commun.

O trato ameno e franco de Pinto de Campos creava-lhe affeições e sympathias; e si teve contendores acrimoniosos nas polemicas da imprensa, nunca levantou odios, nem inimisades duradouras.

O estudo e a igreja bastantes manifestações deram de apreço aos talentos, serviços e virtudes de Pinto de Campos; pois no seu peito e nas suas vestes, lusiam os testimunhos com que o chefe da christandade e o chefe

do nosso imperio nobilitaram a sua pessoa, e apregoaram o seu merecimento.

Pinto de Campos foi nosso consocio egregio e cidadão benemerente ; é credor das nossas saudades, e eu aqui lh'as tributo sinceras, na effusão da amizade, fazendo-lhe a derradeira saudação.

Adeus, amigo. »

O 1° secretario interino Fausto de Souza apresenta á mesa o seguinte.

EXPEDIENTE

Officio do Exm. Sr. camarista de semana, communicando que S. Alteza o Sr. conde d'Eu não podia comparecer á presente sessão.

Carta do Sr. Dr. Teixeira de Mello, participando não poder comparecer por se achar incommodado.

Officio da 2ª directoria da secretaria do imperio, solicitando, até o fim de Fevereiro proximo, uma exposição das occurrencias que se houverem dado no Instituto, para serem incluidas no relatorio annual do respectivo ministro.

Do Sr. Dr. Olympio Manoel dos Santos Vital, chefe de policia do Ceará, enviando o quadro do arrolamento da população da cidade da Fortaleza em Agosto ultimo.

Da presidencia da provincia da Bahia, remettendo um exemplar da fala com que abrio a 2ª sessão da 26ª legislatura da assembléa provincial no dia 4 de Outubro proximo findo.

OFFERTAS

Acham-se sobre a mesa as seguintes:

Pelo Sr. Emil Hohib : « Sieben Jahre in Süd-Afrika 2 vols— Beiträge zur Ornithologie Südafrikas— Few-Words on the Native Question-Colonisation, Afrikas Die Stelling des Arztes.

Pela directoria do Observatorio astronomico *Revista Mensal*, Agosto a Outubro de 1887.

Pelas sociedades: de geographia de Iena, Berlin, New-York, Pariz, Bordeaux, Italiana; Instituto Geographico Argentino; The American Antiquarian; Real Academia de Historia de Madrid, Sociedade scientifica « Antonio Alzate »; Arkeologickaga Drustwa, Austra-lasia e Sociedade Adriatica de Sciencias Naturaes — os seus boletins mensaes;

Pelas respectivas redacções: *Diario Popular, Gazeta Mogi-mirim, Imprensa, Jornal do Recife, El Investigador, Liberal Mineiro, Publicador Goiano, Baependiano, Cachoeirano, Provincia do Epirito-Santo, Espirito-Santense, Minas Altiva, Madagascar, Semana, L'Etoile du Sul, Le Nouveau Monde, Le Brèsil, Immigração, Revista de Medicina e o Boletim da alfandega do Rio Janeiro.*

ORDEM DO DIA

O Sr. senador Taunay communica que, como orador deste Instituto, fizêra a Sua Alteza Imperial, no dia 2 de Dezembro a seguinte allocução:

« Senhora!

Desde os primeiros clarões da aurora, o dia de hoje alvoroça o coração de Vossa Alteza, de modo estranho e intenso, indisivel mixto de alegria e de tristeza, em que predomina insistente a melancholica influixão de ineffavel saudade. Alegria—por ser mais uma data assignalada na casa e ominosa existencia de vosso Augusto Pai; e essa doce e funda emoção, a partilha da nação inteira, reconhecida aos innumeros beneficios que da sua acção sempre emanaram e á dedicação patriotica, de que elle se tornou o mais perfeito e incontestavel symbolo. Tristeza—por vel-o longe da patria, a viajar em busca da saude fortemente combatida no serviço constante do Brazil; e ainda ahi, Imperial Senhora, pulsa o vosso coração de pleno accôrdo com a mais sincera vibração do affecto nacional.

Mas tambem, que inexprimivel jubilo para todos nós, dosc onfins do Amazonas á extrema do Rio-Grande do Sul e aos mais distantes recantos de Goiaz e Mato-Grosso,

ao sabel-o, em época talvez bem proxima, de volta robustecido, prompto para recomeçar a conscienciosa lida da governação do estado, a que de corpo e alma se entregou ha mais de meio seculo!

Perpassará então por todo o dilatadissimo e magestoso Brazil, um frémito valente, espontaneo, incoercivel, de enthusiasmo, augmentado ainda pelo commovente espectaculo da admiravel soffreguidão com que a extremosa filha lhe entregará a fulgente corôa da mais sensata a liberal monarchia do mundo, e adestradas mãos do pai deporá o magnanimo sceptro que ella em seu logar sustenta.

Esse dia ha de chegar—tenhamos fé na vossa estrella, e tão grande, que só haverá modo condigno de o solemnizar—entregarmos ao Sr. D. Pedro II, um Brazil para todo o sempre limpo da odiosa mancha, que nos envergonha perante á civilisação. « Vinde (dizemos), entrai em vossa estremecida capital com animo em festa, despreoccupado e sem mais sombras. Dissipou-se, emfim, a negra e temerosa nuvem, que, por tantos e tantos annos, vos entenebrecia o largo e generoso pensamento; quebrou-se o agudo espinho que, por tão largos decennios vos pungia o bondoso e justiceiro coração; esgotou-se, para nunca mais apparecer, acerba e copiosa fonte de vexame, que cortou de amargo travo a vossa magestatica existencia; findou, findou o estigma, que vos fazia corar por todos nós, pois sois o fiel espelho da consciencia nacional! »

E então nos hymnos de ardente saudação, ouvir-se-hão vozes, que até agara faltavam, repassadas de intensissima gratidão. Serão as preces dos escravos, já então homens livres como nós e que poderão, da insignificancia da sua posição social, encarar face a face, o soberano que tanto fez por elles—espirito aquilino, librado no pino do espaço, a contemplar angustiado e compassivo os soffrimentos e dôres de desgraçados e infimos seres; estadista peado em seus impulsos e aspirações, mas a calcular de continuos os immensos damnos moraes e economicos, da humilhação de uns e da compressão de outros; philosopho e philantropo, a seguir paciente e pertinazmente a sua

idéa, a collimar o escôpo, que nas mais adiantadas e orgulhosas republicas não passa ainda de uma utopia —a igualdade.

Quanto mais de pressa o dia da libertação geral, mais nos chegaremos ao formoso e tangivel ideal, mais rapidamente encetaremos o activo e ascendente labor da regeneração nacional, pela qual ardetemente anhela hoje a vontade firme de todo o paiz, sem mais oscillações, sem mais constragimento, sem mais obcessão de lugubres e aterradores vaticinios; mas pelo contrario, com fé immensa no futuro e impellido pela corrente dos vehementes e nobres sentimentos, que na hora das mais terriveis difficuldades, e no meio das violentas conjecturas, exaltam o homem e lhe centuplicam os recursos e as forças.

Essa data imminente está o Instituto historico e geographico Brazileiro ancioso por poder registar nos fastos da historia patria, tendo certeza, além de tantos outros ponderosos e elevadissimos motivos, de que o Sr. D. Pedro II, nosso incansavel protector, a considera o fecho mais invejavel, mais brilhante do seu longo e trabalhoso reinado.

Eis a razão, Imperial Senhora, porque, depositando ante o excelso throno, os mais leves e fervorosos votos de prosperidade e prompto regresso do inlyto monarcha, vosso augusto pai, a esta manifestação associamos a consoladora esperança de que em breve, todos livres no imperio americano, possam acclamar o grande Brazileiro, e no auge do enthusiasmo, bradar aos céos risonhos e recamados de fulgurantes scintillações: « Gloria! Gloria ao Sr. D. Pedro II! »

Ouvido no meio do mais respeitoso silencio, foi este discurso vivamente applaudido por todos os membros presentes, os quaes, desejando que se tornasse bem manifesta a inteira approvação que merecêra, apresentaram varios alvitres, ficando resolvido, por proposta dos Srs. monsenhor Manoel da Costa Honorato e Dr. Maximiano Marques que se declarasse em acta, que o Instituto fazia suas todas as palavras e sentimentos do nosso illustrado orador; e de mais, que o discurso em sua integra, assim

como esta resolução fossem publicados no *Jornal do Commercio.*

O Sr. senador Escragnolle Taunay agradece, declarando que, ao expressar-se do modo porque o fizêra, tinha certeza de representar fielmente o pensamento do Instituto Historico.

O Dr. Maximiano Marques participa, que, tendo de apresentar nesta sessão o orçamento para o anno vindouro, sente difficuldade de o fazer por haverem faltado os outros dous membros da commissão de fundos. O Sr. presidente nomeia o Sr. Dr. Augusto Blake para auxiliar o Sr. Dr. Maximiano Marques.

Em seguida são lidas e approvadas unanimemente as seguintes propostas:

1ª.—Propomos que se participe a todos os socios, honorarios, effectivos e correspondentes, residentes fóra e dentro do Imperio, a resolução tomada pelo Instituto de celebrar o 50º anno de sua fundação e de expôr os presentes que lhe foram feitos por essa occasião, para a sua bibliotheca, archivo e museu.

Em 7 de Dezembro de 1887.—*Augusto Fausto de Souza, Dr. Maximiano Marques de Carvalho, Dr. Cezar Augusto Marques.*

2.ª—Propomos que a mesa do Instituto, que tem de funccionar em o anno vindouro, empregue todos os seus desvelos, afim de que se conclua o catalogo das obras da nossa bibliotheca, e esteja impresso para a solemnidade do 50º anno da fundação do Instituto, no anno proximo futuro.

Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1887.—*Dr. Cezar Augusto Marques. Augusto V. A. Sacramento Blake.*

Proponho, que o nosso consocio o Illm. e Exm. Sr. conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, dignissimo 3º vice-presidente do Instituto, seja elevado á classe dos socios honorarios, não só pelos merecimentos e illustração, que, em tão eminente grão, o distinguem, como pelos seus estudos historicos e geographicos relativamente á nossa patria e seus serviços prestados ao Instituto durante quarenta annos.

Sala das sessões em 7 de Dezembro de 1887.—*J. Norberto de Souza Silva.*

O Sr. conselheiro Beaurepaire Rohan agradece commovido o modo lisongeiro porque foi acolhida esta proposta por todos os membros presentes, sentindo que sua idade e suas enfermidades não lhe permittam prestar melhores serviços a esta associação.

E' apresentado, lido e approvado depois de ligeira discussão o seguinte :

Parecer da commissão de fundos e orçamento sobre os balancetes apresentados pelo Exm. Sr. conselheiro Alencar Araripe, muito zeloso thesoureiro d'este Instituto e organização da receita e despeza para o anno de 1888.

Tendo este Instituto approvado os balancetes da receita e despeza de 1887, a commissão de fundos e orçamento passa a organizar a receita e despeza nos termos seguintes :

PROPOSTA

Art. 1. A receita do Instituto Historico e Geographico Brazileiro é orçada em 10:790$, a saber :

§ 1. Subsidio do thesouro nacional.......	9:000$000
§ 2. Juros das apolices................	1:010§000
§ 3. Joias de socios....................	60$000
§ 4. Prestações semestraes dos socios.....	640$000
§ 5. Venda da Revista Trimensal.......	80$000
	10:790$000

Art. 2. A despeza é fixada na importancia de 1:770$ conforme as seguintes verbas :

§ 1. Impressão da Revista Trimensal.....	3:200$000
§ 2. Reimpressão dos numeros esgotados.	2:000$000
§ 3. Remessa da mesma Revista........	200$000
§ 4. Encadernação de livros.............	700$000
§ 5. Compra de livros..................	500$000
§ 6. Para bustos de socios finados........	600$000
§ 7. Duas estantes para guardar manuscriptos......................	120$000
	7:320$000

Transporte...........		7:320$000
§ 8. Expediente na fórma seguinte :		
Asseio da casa e agua....	20$000	
Illuminação...........	50$000	
Papel, pennas, tinta.....	80$000	150$000
§ 9. Vencimentos dos empregados, a saber :		
Bibliothecario, inclusive a revisão.............	1:400$000	
Escripturario..........	780$000	
Porteiro..............	840$000	3:020$000
§ 10. Porcentagem ao cobrador...........		160$000
§ 11. Eventuaes.....................		120$000
		10:770$000

Art. 3. Si houver sobras, comprar-se-ão apolices da divida publica, como já foi resolvido.

Observação.—O Instituto possue 19 apolices de 1:000$ e 2 de 600$, cujos numeros constam das actas das nossas sessões.

Sala das sessões do Instituto 7 de Dezembro de 1887. — Dr. *Maximiano Marques de Carvalho. Augusto V. A. Sacramento Blake*.

E' lida depois e discutida a seguinte indicação :

« Sendo o Sr. presidente membro da commissão especial nomeada na ultima sessão : indicamos que essa nobre commissão especial encarregada de dar o seu parecer sobre o historico das sciencias physicas praticas no Brazil, formule o seu parecer durante as ferias do Instituto e o dirija ao governo imperial, ponderando-lhe a necessidade urgente de se fundar nesta capital um curso universitario de sciencias physicas praticas, igual aos de Berlin ou de Munich, para o qual bastará contractar os professores nas universidades acima referidas, podendo ser a dita universidade installada em predios nacionaes nesta côrte : indicamos mais, que a nobre commissão especial dê conta de seus trabalhos na primeira sessão

do anno futuro de 1888, em conformidade com o art. 19 de nossos estatutos.

Rio de Janeiro 2 de Dezembro de 1887.—Dr. *Maximiano Marques de Carvalho*.Dr. *Cesar Augusto Marques*. —Monsenhor Dr. *Manoel da Costa Honorato*.

Depois de alguma discussão em que tomam parte os Srs. Raffard, e os signatarios da proposta, resolve-se submetter a votação em dous quesitos : 1°,que a commissão especial apresente o parecer na primeira sessão ordinaria do anno vindouro ; 2°, que esse parecer só irá ao Governo Imperial depois de ser discutido pelo Instituto. São approvados ambos os quesitos.

O mesmo Sr. Dr. Maximiano Marques apresenta uma proposta, para ser definido e interpretado o espirito do art. 1 dos estatutos. Lida e discutida pelos Srs. senador Escragnolle Taunay, Dr. Cesar Marques, Alencar Araripe, Henrique Raffard e o autor da proposta, resolve-se afinal que esta seja remettida á commissão de estatutos.

O Sr. Calheiros da Graça, pedindo a palavra, dá as razões por que não compareceu á sessão de hoje o Sr. conselheiro Olegario, o qual o incumbiu de lêr perante a mesa as duas cartas seguintes, que recebeu do Rio-Grande do Sul :

« Meu presado amigo e Exm. Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

Tenho a honra de comprimentar a V. Ex. e á Exm. familia.

Vai inclusa uma carta para o nosso illustrado consocio Dr. Fausto de Souza, cuja leitura peço a V. Ex. ter a bondade de fazel-a em sessão do nosso Instituto, afim de ser publicada em a nossa Revista. Com esta carta julgo cumprir um dever, imposto pela illustradada corporação que fez-me a honra de admittir em seu seio, attentas as relações e contacto que hei tido com grande parte dos companheiros de Canabarro, que não o attenuam, quanto mais justifical-o ; e attentas as mesmas provas exhibidas por aquelle nosso illustre consocio e amigo. Estou certo que elle, homem de lettras, como é, não levará a mal este meu protesto, feito a ponto tão importante (ou talvez

mais) qual o relativo ao marquez de Barbacena, na campanha de 27 (batalha de Ituzaingo).

Com a mais alta estima e consideração, sou de V.Ex. amigo, humilde collega e criado obrigadissimo *Luiz de França Almeida e Sá.*

Illm. e Exm. amigo e Sr. tenente coronel Dr. Augusto Fausto de Souza.

Comprimento-o depois de haver devorado o seu importantissimo trabalho *a Redempção da Uruguayana.*

Chamou-me sempre a attenção este facto recente da nossa historia patria; e, em 16 annos de residencia n'esta fronteira, sobre elle hei conversado com muitos dos que occuparam logar nas fileiras do exercito sitiante e que vivem ainda hoje nas povoações d'esta margem esquerda do Uruguay.

Dir-lhe-hei pois, apertando-lhe a mão : o historico é perfeito... completo. Os mappas annexos são de uma exactidão admiravel. As considerações acerca do successo de 18 de Setembro de 1865 são criteriosissimas. Tudo muito bom ; digno de quem é, menos... desculpeme, menos justificar Canabarro, com o *si em lugar de simples commandante de divisão elle fôsse o commandante das armas, o unico chefe, elle teria* etc. etc. (pag. 48 do tomo L da nossa Revista).

Pois não era elle o *unico chefe*, quando licenciou a tropa sob seu commando, fazendo-a figurar como promp a (vergonha das vergonhas) e deixando o inimigo invadir o territorio patrio (em má hora confiado á sua guarda), apezar dos avisos particulares que teve e das communicações officiaes que recebeu *de que elle vinha invadir-nos*? Pois um chefe nomeado para guarnecer uma fronteira (evitar uma invasão), descura completamente d'ella, ao ponto de ser toda ella entregue ao inimigo ; e a historia ha de suavisar-lhe a pena, dando-lhe justificativas, quando elle só tem aggravantes ?

Não, meu bom amigo : creia, que elle foi o peior paraguaio qne tivemos. Sejamos justiceiros, sendo inexoraveis.

Agora mesmo, na França, e por muito menos, arrancaram (da farda de Caffarel) bordados muito mais largos

que os que tinha Canabarro. Já que elle teve a sorte de morrer sem soffrer o castigo, que deveria ser-lhe iniflgido, soffra ao menos a sua memoria, o peso da justiça da posteridade, que nós já representamos.

Sinto discordar por esta fórma, do meu honrado e illustrado consocio a quem tributo alta consideração e estima. *Luiz de França Almeida e Sá.*

Uruguayana 30 de Outubro de 1887. »

Terminada essa leitura o Sr. coronel Fausto de Souza declara que é muito grato aos nossos illustres consocios Almeida e Sá pela delicada e honrosa carta, que acaba de ser lida; conselheiro Olegario e Calheiros da Graça pela maneira por que se desempenharam do seu encargo: mas parece-lhe que deve dizer ao Instituto alguma cousa sobre o assumpto de que se trata. Em primeiro logar, ha um equivoco da parte do seu distincto amigo Almeida e Sá, na memoria *a Redempção de Uruguayana* não procura de modo algum justificar o general Canabarro, nem podia fazel-o depois dos documentos que addicionou e considerações que fez na 2ª parte da mesma memoria ; apenas attenuou a fealdade do procedimento d'esse general, lembrando a idade avançada que enfraquecêra as idéas do velho guerreiro que tivera aliás, em seu passado, dias que deram fama ao seu nome. Em segundo logar, insiste em dizer que elle nunca foi *unico chefe*, porquanto como commandante da 1ª divisão, encarregada da defesa da fronteira, elle tinha como superior o commandante das armas general Caldwell, um dos motivos de sua rivalidade e desgosto, que sobremaneira augmentaram com a chegada do barão de Jacuhy, commandante da 2ª divisão, de quem era inimigo. Quanto ao licenciamento de praças, comquanto lhe caiba grande responsabilidade, que não attenuou, acredita, que foi effectuado por outros chefes subalternos, que abusaram da fraqueza do decrepito general. Finalmente que, na referida memoria, apenas dedefendeu o general Canabarro das péchas de *traidor* e de *cobarde*, o que ainda hoje fará; mas parece-lhe ter frisado bem as accusações de desidia e de mau Brazileiro, que antepoz pequenos sentimentos de egoismo aos grandes interesses de seus concidadãos e á honra de sua patria.

Todos os membros presentes manifestaram seu assentimento no que disse o Sr. coronel Fausto de Souza, resolvendo unanimemente que fôssem publicados na acta tanto as duas cartas como a explicação dada pelo mesmo Sr. coronel.

Sendo apresentado o livro de inscripções para leitura de trabalhos em o anno vindouro, inscreveu-se o Sr. Dr. Cesar Augusto Marques.

Achando-se a hora muito adiantada, o Sr. presidente levantou a sessão.

Dr. Augusto Victorino A. Sacramento Blake.
2° Secretario interino.

———

ACTA

DA SESSÃO DA ASSEMBLÉA GERAL PARA A ELEIÇÃO DA NOVA MESA EM 21 DE DEZEMBRO DE 1887

Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Noberto de Souza Silva

A's 6 horas da tarde achando-se reunidos na sala das sessões do Instituto, numero legal de socios para, em Assembléa geral, proceder-se á eleição dos membros que devem, em o anno social de 1888, constituir a mesa e commissões, o Sr. presidente abrio a sessão.

Foram lidas e approvadas as actas da ultima sessão ordinaria e da sessão magna; e sendo depois nomeados os escrutadores, procedeu-se á eleição, que deu o seguinte resultado:

PRESIDENTE

Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

1° VICE-PRESIDENTE

Conselheioo Olegario Herculano de Aquino e Castro.

2° VICE-PRESIDENTE

Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.

3° VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.

1° SECRETARIO

Dr. João Franklin da Silveira Tavora.

2° SECRETARIO

Coronel Augusto Fausto de Souza.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. João Severiano da Fonseca.
Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.

ORADOR

Senador Alfredo d'Escragnolle Taunay.

THESOUREIRO

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Maximiano Marques de Carvalho.
Barão de Nogueira da Gama.
Dr. Francisco Ignacio Ferreira.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO

Dr. João Franklin da Silveira Tavora.
Coronel Augusto Fausto de Souza.
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE REVISÃO E MANUSCRIPTOS.

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.
Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.
Dr. Alfredo Piragibe.

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.
Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.
Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE HISTORIA

Dr. Cesar Augusto Marques.
Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.
Visconde de Souza Fontes.

COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Conselheiro Barão de Capanema.
Capitão-Tenente Francisco Calheiros da Graça.
Primeiro-Tenente José Egydio Garcez Palha.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE GEOGRAPHIA

Monsenhor Manoel da Costa Honorato.
Conselheiro José de Miranda da Silva Reis.
Dr. Cesar Augusto Marques.

COMMISSÃO DE TRABALHOS ARCHEOLOGICOS

Dr. Ladislau de Souza Mello Neto.
Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.
Conselheiro Barão de Capanema.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Senador Manoel Francisco Correia.
Senador Alfredo d'Escragnolle Taunay.

COMMISSÃO DE PESQUIZA DE MANUSCRIPTOS

Henrique Raffard.
Pedro Paulino da Fonseca.
Dr. Felisardo Pinheiro de Campos.

Augusto Fausto de Souza.
2º SECRETARIO

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

Instituto Historico e Geographico Brazileiro

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1887

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE SS. AA. I. E REAL

Presidencia do socio laureado Joaquim Norberto de Souza Silva

Em a noite de 15 de Dezembro de 1887, 49° anno da fundação do Instituto e 38° daquelle em que S. M. o Imperador começou a honrar as sessões com a sua augusta presença, teve logar em uma das salas do paço imperial da cidade a sessão magna annual.

Em frente á mesa da presidencia via-se o busto de S. M. I. entre duas grandes espheras, geographica e astronomica.

Fazia a guarda de honra em frente ao palacio uma ala do 10° batalhão de infantaria de linha.

Achavam-se presentes os Srs. vice-presidente, 2° secretario, orador, membros do Instituto honorarios e effectivos e correspondentes, e grande numero de funccionarios publicos, representantes da imprensa, commissões de diversas associações, homens de letras e senhoras.

A's sete horas annunciando-se a chegada de SS. AA. I. e R. desceram os membros do Instituto a recebel-as.

SS. AA. entraram ao som do hymno nacional e tomaram assento no throno com as formalidades do estylo.

Obtida a devida permissão, o Sr. presidente abriu a sessão com uma allocução relativa á solemnidade.

Em seguida o 2° secretario, coronel Fausto de Souza, leu o relatorio dos trabalhos do Instituto durante o anno; tendo depois a palavra o orador, senador Escragnolle Taunay, occupou a attenção geral lendo o elogio dos 7 socios falecidos D. Francisco Balthasar da Silveira, senador Joaquim Antão Fernandes Leão e conde de Baependy, dezembargador Luiz Fortunato de Brito Abreu Souza Menezes, Sebastião Ferreira Soares, Benjamin Vicuna Mackena e monsenhor Joaquim Pinto de Campos.

Concluida essa leitura no meio de vivas manifestações de applauso, obtida a necessaria venia, o Sr. Presidente levantou a sessão; retirando-se SS. AA., com todas as honras que lhes são devidas.

No principio, durante os intervallos e no fim da sessão tocou a banda de musica dos menores do arsenal de guerra.

No fim da sessão, uma commissão de membros da Sociedade de geographia do Rio de Janeiro, dirigindo-se á mesa apresentou a seguinte

CONGRATULAÇÃO

A Sociedade de geographia do Rio de Janeiro commetteu-nos a honrosa incumbencia de represental-a nesta solemnidade com que o Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brazil commemora mais um anno de sua proveitosa e utilissima existencia.

Cumprindo com o maior prazer esse mandato, felicitamos cordialmeute á distincta corporação pelos assignalados triumphos, que tem coroado a bôa vontade e o ingente esforço despendido no longo periodo de quasi meio seculo de sua existencia. A constancia com que affrontou a indifferença geral, não esmorecendo um só dia, guiada sempre pelo amor da patria e da sciencia, é digna dos applausos de todos que comprehendem a importancia e benefica influencia do trabalho que, em bôa hora, encetou e tem realisado com os maiores sacrificios e rara dedicação.

Inspirada pelo nobre exèmplo do Instituto Historico e Geographico do Brazil, a Sociedade de geographia do Rio de Janeiro envidará seus esforços para acompanhal-o na gloriosa senda que ha percorrido, julgando-se muito feliz si algum dia puder occupar o posto mais humilde ao lado do illustre Instituto, a quem hoje rende o maior preito de homenagem, fazendo votos pela sua futura prosperidade. Rio de Janeiro em 15 de Dezembro de 1887. *J. M. da Silva Coutinho. A. Indio do Brazil. Francisco de Faria Lemos.*

O 2º Secretario
Augusto Fausto de Souza.

DISCURSO

DO SR. PRESIDENTE, O SOCIO LAUREADO

Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

SENHORES!

O anno passado, n'este augusto recinto, á esta hora amavel, reunidos em sessão solemne, deploravamos a infausta perda do nosso presidente o Visconde de Bom Retiro.

Achava-se então esta cadeira coberta de crepe e havia um não sei que de magoa como que tolhendo a nossa inteira satisfação. Hoje é a ausencia do Imperador, o protector do Instituto Historico, que nos enche de viva saudade e que seria ainda mais dolorosa, si a não amenisasse a augusta presença da Sra. Princeza Imperial, Regente do Imperio, e de seu real esposo, nosso presidente honorario.

Tornou-se este anno mais pesada a nossa missão, pois quando o Imperador partio para a Europa nos disse com o sorriso nos labios, que ia em busca de descanso e distracções de espirito e que voltaria refeito para nos ajudar em nossos trabalhos recommendando-nos, que trabalhassemos, porque trabalhariamos pela patria e para a patria.

Desde logo multiplicámos os nossos esforços.

Celebravam-se regularmente as sessões e sempre com a costumada concurrencia. Presidio-as o nosso presidente honorario, S. A. R. o Sr. Conde d'Eu com a sua amabilidade, tomando parte nos trabalhos e interessando-se pelos estudos das lettras patrias.

Si mais não fizemos não foi pelo esquecimento do dever depois de tão alta recommendação, mas sim por começarmos já tarde e serem os nossos trabalhos da especie dos que exigem muitas vezes longa elaboração, arduàs pesquizas e que se interrompem não poucas vezes por falta de dados necessarios, que se não encontram facilmente.

No dia 21 de Outubro proximo findo entrou o Instituto Historico no quadragesimo nono anno de sua fundação e mais um anno lançado na ampulheta do tempo e teremos percorrido a carreira de meio seculo.

Daqui pois a menos de um anno celebraremos o nosso jubileu. Desde já fazemos votos para que S. M. Imperial, convalescido de todo, possa voltar aos ares da saudosa patria e tomar parte em tanto regosijo.

Pronunciando estas palavras tão antecipadamente, nada mais faço do que empenhar n'esta divida a honra do Instituto Historico, afim de que todos os seus membros procurem desobrigar-se d'ella quitando-se o melhor possivel e tornando o seu quinquagesimo anno uma festa literaria digna do credito de que goza a nossa associação.

O dia 2 d'este mez, sexagesimo segundo anniversario natalicio do Imperador, sempre tão caro aos corações brazileiros, não passou porque não podia passar desapercebido ao Instituto Historico.

Além da eloquente congratulação que por tão fausto motivo dirigio o nosso orador á frente da commissão, que compareceu n'esse dia ante S. A. Imperial, saudámos a S. M. o Imperador através do Oceano Atlantico.

A resposta de S. M. Imperial não se fez esperar. O cabo electrico transmittio-nos estas generosas expressões do seu grande coração:

AO INSTITUTO HISTORICO AGRADEÇO CORDIALMENTE.

Tão solemnes palavras foram escriptas na acta da nossa ultima sessão com todo o agrado e respeito.

Ainda n'esta solemnidade não se conservará mudo o nosso orador.

A morte não cessa de lembrar-se de nós amiudadas vezes.

Nove socios foram riscados um a um do livro da nossa matricula á hora fatal, que para elles soou nos campanarios celestes.

Do nosso eloquente e distincto orador ouvireis os nomes desses benemeritos, e sabereis quaes foram os seus serviços para que, sumidos de nossa presença, permaneçam ainda em nossa lembrança. Pagaram o imposto da vida, paguemos-lhes nós o tributo da saudade eterna.

Concorreram novos consocios a preencher os claros abertos pela devastadora mão da fatalidade; vieram continuar os seus trabalhos, proseguir em seus escriptos e pesquizas ajudando os obreiros que a muito erguem o monumento de honra e gloria nacional sobre os corações, que pulsam pelo amor da patria e que vizam a grandeza e a prosperidade do paiz para essas novas e afortunadas gerações, ás quaes temos de legar a historia da fundação de tão grande imperio, comprehendida em documentos authenticos, arrancados com tenacidade á destruição do tempo, e interpretados á luz da verdade.

Não sabemos o que seremos sinão pela esperança e previsão de nossa colossal grandeza, mas diremos veridicamente o que fômos, e o que somos.

Regularisou o Instituto a entrada dos novos socios adoptando um ceremonial, que dá solemnidade e voz a um acto até aqui simples, mudo e surdo. Fixando o numero dos socios effectivos, exige, que de ora em diante sómente sejam admittidos ao seu gremio n'essa cathegoria os que preencherem rigorosamente as clausulas de que tratam os estatutos em vigor, o que é de toda razão para a regulalaridade de nossos trabalhos.

Será de ora em diante o titulo de socio effectivo conferido com mais justiça e preenchido com mais aptidão.

Achando-se ainda o nosso illustrado primeiro secretario em convalescencia de grave enfermidade vem substituil-o o nosso segundo secretario, incansavel trabalhador, e de sua boca ouvireis o bem elaborado relatorio de todas as occurrencias que se deram durante o anno social.

— —

Não tenho palavras no coração com que possa agradecer a todas as pessoas que concorreram a essa solemnidade, dando assim prova de deferencia á instituição que marcha ha perto de cicoenta annos na senda dos trabalhos e pesquizas para tirar da escuridão e esquecimento em que tem jazido a nossa historia e espannejal-a das lendas em que a envolveram as gerações passadas, velando a verdade dos factos com os atavios da poesia.

Aos funccionarios publicos, ás commissões de diversas associações, aos representantes da imprensa e a todas as pessoas aqui presentes agradece o Instituto a prova que dão de seu interesse pelo seu progresso.

Aos dignissimos representantes da nação, e conselheiros de estado, sinceros agradecimentos pelo patriotismo e amor das letras patrias revelados aqui por animadoras presenças.

A's senhoras presentes curva-se respeitosamente o Instituto Historico agradecendo o summo bem que fazem assistindo a esta solemnidade, patenteando assim a sua consideração pela historia patria.

Nem deve ignorar a mulher a historia de seu paiz, quando tantas de suas compatriotas figuram em paginas escriptas com aureas letras.

Desvaneço-me de havel-as arrancado do olvido em que jaziam e feito figural-as entre as heroinas que illustram os annaes da humanidade.

Ensinae pois seus nomes a vossos filhos. Fallae-lhes sempre de Deus e da patria. Nada engrandece mais o coração da mulher a par da observancia dos preceitos religiosos e da pratica das virtudes sociaes do que o amor da patria. E' elle que vos ensina a transmittir a vossos descendentes a religião do dever e a gloria de sér util ao

nosso paiz—que em tão cabal partilha nos coube—pondo-lhes ante os olhos os exemplos gloriosos de nossos compatriotas, porque já hoje não necessitamos invocar a historia de estranhos povos.

SENHOR!

O Instituto Historico não póde deixar de mostrar-se agradecido á bôa vontade com que V. Alteza Real se dignou corresponder a nossos desejos, comparecendo como presidente honorario ás sessões, animando-nos com a sua presença e guiando com as suas luzes os nossos trabalhos. Assim outr'ora nos campos da batalha guiou V. Alteza os nossos bravos guerreiros até á ultima victoria, — conclusão brilhante de uma guerra tenaz, em que cada palmo de terreno foi disputado por uma batalha, em que cada batalha foi coroada pelo assignalado triumpho de nossas armas, que hoje ornam as paginas de nossa historia com tanta gloria e lustre como as que esmaltam os annaes dos povos mais bellicosos.

SENHORA!

A adoravel presença de Vossa Alteza Imperial é sempre apreciavel em toda a parte, pois transmitte um bem estar ineffavel a todos os corações.

No Instituto Historico porém é ainda mais apreciada tão graciosa presença—pois honra as lettras patrias; o que muito nos penhora, porque nos enche de satisfação e de coragem.

E a augusta presença de V. Alteza ainda mais se revela digna de nosso intimo apreço, porque, quando em nome do Instituto Historico tive a honra de pedir a V. Alteza a graça de dignar-se assistir a esta solemnidade, apezar de retirar-se no dia seguinte para fóra da côrte durante a estação calmosa, V. A. Imperial benignamente respondeu, que já havia tencionado comparecer a esta reunião.

Estas palavras, repassadas de tanta benevolencia,

não só se divinisam em nossas almas, como tocarão o magnanimo coração paterno, pois verá, que em tudo e por tudo segue V. Alteza seus passos. E nós que cuidamos vêl-o ahi sentado no throno condigno da democracia americana, distinguimos na augusta e respeitavel pessoa de V. A. Imperial o Anjo do Imperio pairando sobre a terra da Cruz.

Com a permissão devida abre-se a sessão.

RELATORIO

Do Sr. 1° Secretario Interino

Coronel Augusto Fausto de Souza

SENHORES!

E' sempre um dia solemne e de regosijo aquelle em que o Instituto Historico congrega os seus membros e os seus amigos, para, em fraternal communhão, fincarem um novo marco na estrada que percorre, annunciando que está vencido mais um anno de sua existencia gloriosa e bemfadada.

Outr' ora, em dias como este, costumaveis ouvir, entre torrentes de eloquencia, engrinaldada de formosas e fragrantes flores da oratoria, a narração dos trabalhos scintillantes de luz e de verdade, com que annualmente eram enriquecidos os cofres da historia, da geographia e da ethnographia de nosso paiz; e ainda hoje, uma nova grinalda se iria ajuntar ás precedentes, um novo monumento de erudição accresceria á nossa rica collecção, si, como devieis esperar, o digno successor dos sabios relatores de outr'ora, aquelle a quem elegestes, o nosso douto consocio Dr. Franklin Tavora, se achasse no meio de nós.

Infelizmente, uma força superior á sua vontade privou-o de aqui comparecer; e á mágoa que todos sentimos por sua ausencia, a mim accresce outra magoa, a de ir tão mal substituil-o; por quanto a mim, por puro dever de obediencia, a mim pobre de aptidões, embora rico de

bons desejos, cabe por intimação da sorte, a honra de correr n'este dia a cortina da nossa exposição litteraria, patenteando a vossos olhos o producto da nova messe, recolhida este anno aos celleiros da nossa associação.

Eu vou fazel-o, submisso e cheio de temor ; mas peço-vos, que me permittaes uma observação :

Em qualquer tempo, aquelle que compulsar a serie dos relatorios annuaes do Instituto, ficará tomado de pasmo, quando, depois de admirar tantas pedras preciosas, da mais pura agua, primorosamente lapidadas por um Conego Januario, por um Varnhagen, um Macedo, um Porto-Alegre, um Fernandes Pinheiro, deparar com o blóco tosco e informe que agora vou apresentar. Esse pasmo, Srs., será justo ; mas a elle ha de succeder a reflexão, e esta, tambem justa, mostrará que tal facto tem sua vantagem, pois vem firmar ainda uma vez a poderosa e eterna lei dos contrastes—o mal servindo para realçar o bem, a negra nuvem para tornar mais fulgurantes os raios do sol, o valle profundo para afigurar mais alteroza a montanha proxima, o zumbido incommodo do insecto para parecer mais melodioso o canto do rouxinol.

Vós todos estaes certos d'esta verdade; e é essa convicção, que me assegura a indulgencia, que ides ter para commigo e da qual tanto careço, porque, vos asseguro, vae ser para mim tão penoso satisfazer este difficil encargo, como será penoso para vós assistir ao seu desempenho.

SENHORES !

Os antigos guerreiros, quando iam arriscar a vida em atrevidas emprezas, os velhos bardos antes de começarem os seus canticos cheios de fé e de patriotismo, invocavam os seus manes, as suas divindades favoritas, pedindo-lhes o valor e a inspiração. Eu quero escudar-me com tão piedoso costume ; e no meu desamparo, a quem invocarei, senão ao Genio bemfeitor, ao Nume d'este Instituto, ao Senhor D. Pedro II ?

E' a elle, pois, que eu invoco! E' a elle, que tambem todos vós já invocastes no pensamento ao penetrar n'esta sala, porque a ninguem é permittido separar da ideia, o Instituto Historico e o seu Augusto Protector; é a elle, que, se não parece estar presente, os olhos de nossa alma, avivados pela saudade, já nol-o fizeram descobrir aqui, assistindo á nossa modesta festividade; é a elle, que de tal modo se identificou com a nossa associação que, ainda mesmo no zenith do poder e da magestade, no meio dos attributos da gloria e da realeza, nunca esquece, e até ostenta, o titulo de Membro do Instituto Historico Brazileiro!

Sim, meus Senhores! Eu ouso affirmar, que um só d'entre vós não deixa de perceber n'este recinto, a presença, posto que invisivel, d'aquelle que peregrina agora por longes terras, em busca da preciosa saude que tanto barateou em proveito de seu povo! Eu ouso ainda affirmar-vos que, n'este mesmo instante, onde quer que elle se ache, a sua grande alma se associa commosco; porque, todos vós o sabeis, a data de 15 de Dezembro nunca foi por elle olvidada, ha 40 annos!

Alegrae-vos pois, todos vós que estaes presentes! Elle se acha aqui em espirito. Elle é um dos convivas mais attentos do nosso pequeno banquete litterario! Elle vai ouvir comvosco o inventario dos nossos trabalhos e a commemoração d'aquelles que este anno nos precederam no tumulo! E si alguma duvida nos restasse do sua presença aqui, bastava que elle soubesse, como de certo sabe, que vós, senhora, sua filha dilecta, o Anjo tutelar do imperio do Cruzeiro, tambem vos achaes aqui comnosco.

1ª PARTE

Ha quasi meio seculo, o conhecimento da historia da nossa terra apresentava a imagem do verdadeiro cháos. A'quelle que precisava ou desejava estudal-a, as difficuldades que se atolhavam eram enormes, porque pouco era o que havia publicado e esse pouco nenhuma confiança merecia. Quem poderia responder pelo que estava escripto? Quem garantiria, que, em lugar de se ir beber

em uma fonte limpida, não se ingerisse o veneno lethal do erro? E si assim acontecia com a historia, em iguaes ou peiores circumstancias (si é possivel) se achava o que era concernente á geographia, á ethnographia e á estatistica.

Devassar tal obscuridade, fazer penetrar um raio de luz n'essa paragem sombria, separar e escoimar de enganos o que estava feito, repellir o que não era susceptivel de ser corrigido, aconselhar o que era proveitoso, promover e preparar novas fontes de estudo, não era de certo tarefa para as forças de um só homem, fôsse elle um Aristoteles, ou um Alexandre de Humboldt.

Era preciso o concurso poderoso de muitas intelligencias, auxiliadas por indefesso amor do trabalho, cimentado por infatigavel perseverança e paciencia estoica, para caminhar atravez de mil obstaculos, inclusive o riso de mofa e o grosseiro apódo, com que deve sempre contar aquelle que, á inacção esteril prefere a marcha que cansa, mas que conduz ao alto da serra do progresso.

O novo imperio americano era então, qual uma creança, que tentando os primeiros passos, sentisse logo agudos seixos maltratarem suas tenras plantas, impedindo-a de correr como via fazer os seus companheiros. O primeiro decennio fôra de um reinado de enthusiasmo e de agitação; e a esse seguiu-se outro periodo de inquietação, o da minoridade. Em ambos elles e, como um inevitavel tributo pago á inexperiencia, muitos talentos eminentes, muita virtude civica, muitos esforços generosos se esterilisaram em lutas ardentes de uma politica intolerante, dando causa a que varões muito illustres, capazes de honrar qualquer das nações mais adiantadas, fôssem vagar pelas inhospitas regiões do exilio, ou vivessem descontentes, chegando até a descrerem do futuro do seu bello paiz!

A consequencia natural é que deviam ser descurados alguns, sinão todos os ramos do serviço publico; e entre todos os que effectivamente mais soffreram, avultava a instrucção do povo, e com ella o estudo da historia e da geographia patrias, irmãs gemeas que tão poderoso auxilio prestam aos outros ramos de conhecimentos humanos.

Quereis uma prova frisante desse atrazo? Folheae os pamphletos e jornaes politicos d'aquelles tempos, e lá vereis a cada passo, recordados os factos heroicos da antiga Grecia e da republica Romana, citadas a todo o proposito, as acções e as virtudes dos homens de Plutarcho; ignorando, entretanto, seus escriptores que, similes não menos gloriosos, poderiam encontrar nos annaes de sua patria!

Mas, felizmente para o Brazil, nem todos os seus filhos esclarecidos se gastaram no attrito das pugnas partidarias! Alguns ainda velavam junto á pyra sagrada, procurando avivar a chamma do amor da patria; e entre elles se contavam dous homens de cabeça e de coração, o conego Januario da Cunha Barboza e o general Raymundo José da Cunha Mattos, os quaes, lamentando os males que affligiam a adolescente monarchia, pensavam nos meios de dar-lhes prompto remedio.

Em ambos ardiam iguaes desejos e igual zelo pelo bem commum; ambos tinham por symbolo a cruz, que aquelle trazia sobre o peito e este no punho da espada; o sacerdote via n'ella a fé e a luz, o soldado via a honra e a gloria; ambos fieis a Deus e á patria, quando erguiam os olhos ao céo, se extasiavam vendo o Cruzeiro estrellado, cobrindo e como protegendo o novo imperio, que ambos queriam vêr grande, illustrado e feliz. Seria possivel, que á intelligencia de taes homens faltasse o raio divino da creação?! Seria crivel, que em suas almas profundamente religiosas, se pudesse abrigar a descrença?!

Não! a fé não lhes podia faltar; e como si em seus nomes já houvesse alguma cousa de fatidico, Cunha Barboza e Cunha Mattos deviam ser duas cunhas formidaveis, talhadas pela Providencia para abrirem larga brecha na ignorancia, apertando os laços de união entre todos os homens cultos, com o fim de dissiparem as trevas, que envolviam os seus concidadãos.

Succedeu o que se devia esperar. Embora gyrando em orbitas differentes, esses dous grandes astros foram attrahidos mutuamente pela mesma força; elles se approximaram, oscularam-se, fundiram-se ao fogo da mesma ideia, e desde então, unidos em um só corpo, elles seguiram

com dobrada impulsão, descrevendo uma luminosa trajectoria, que foi logo vista por todo o mundo sabio, e conhecida sob a denominação de *Instituto Historico e Geographico Brazileiro*.

Dotados esses dous varões d'aquella eloquencia que convence e persuade, facil lhes foi communicar a outros cidadãos eminentes o amor pela filha, que, como Jupiter, haviam gerado no cerebro ; e assim, no dia 21 de Outubro de 1838, em uma das salas da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, perante 27 associados, elles tinham a ventura de inaugurar a corporação patriotica, que fazia o assumpto de suas mais profundas meditações e cuidados.

Começou logo a impressão do seu orgão, a *Revista Trimensal*, a qual com a publicação de trabalhos de ambos os fundadores, laureou duplamente os seus nomes, porque, segundo a opinião de Plinio o moço referindo-se ao historiador Tacito : « *Si são igualmente benemeritos aquelles que praticam acções dignas de serem escriptas, e os que escrevem paginas dignas de serem lidas, muito mais benemeritos ainda, são aquelles que promovem o exercicio d'essas duas preciosas faculdades.*»

Competia dahi em diante á nova sociedade a tarefa de reunir os elementos que haviam dispersos, de alistar os artifices, de procurar e preparar os materiaes, lançar os fundamentos, falquejar as madeiras, cantear e lavrar as pedras, afeiçoar as columnas, erigil-as nos pedestaes, levantar as paredes, collocar o vigamento, apertar o fecho da abobada, e, finalmente, coroar o zimborio do magestoso edificio da Historia e da Geographia patrias, edificio capaz de resistir á acção dos seculos, acompanhando o progresso e a civilisação em sua evolução sempre crescente.

A noticia da fundação do Instituto foi acolhida como um auspicioso advento pelos Brazileiros amantes do seu paiz, bem como por todos os sabios do velho mundo, os quaes por seu intermedio podiam entrar em relações com os homens de letras do Brazil. As associações congeneres da Europa e da America saudaram jubilosas a chegada da nova companheira, que, qual robusta indigena

das florestas brazilicas, se apresentava garrida e bem disposta, para a rude missão de trabalhar pelo engrandecimento de sua tribu.

Não lhe faltaram logo cortejos, animações e requestas para amigavel correspondencia, tomando a dianteira: o Instituto Nacional de França, a Academia de Sciencias de Lisboa, as Sociedades de Geographia de Pariz, dos Antiquarios da Dinamarca e as de Historia da Pensylvania e da Belgica; ás quaes todas ella annuiu com a requintada graça de formosa dama, que está certa do poder irresistivel de seus attractivos.

E não só os corpos collectivos, mas individualmente os sabios e os cultores das letras, vieram sem demora dar as bôas festas á recem-vinda, e como em festival kermesse, trazer cada um o seu presente valioso, escolhendo uma joia preciosa do seu escrinio litterario. Lund, Martius, o principe Maximiliano, Monglave, Pedro de Angelis, Saint-Hilaire, Netscher, Van Lede, Ferdinand Denis, entre os estrangeiros: S. Leopoldo, Magalhães, Baena, Porto-Alegre, Candido Baptista, Abreu Lima, Conrado Niemeyer, Balthasar Lisboa, Pereira da Silva, Joaquim Norberto, Varnhagen, Cayrú, Silva Pontes, Freire Allemão e tantos outros entre os nacionaes, offertaram perfumados fructos, sazonados ao calor de suas cultas intelligencias. Outros, ainda que, sem saberem manejar a alavanca intellectual, guardavam cuidadosos as riquesas litterarias de seus parentes ou amigos, as cederam gentilmente ao Instituto, que d'esse modo conseguiu estimadissimas Memorias sobre quasi todas as provincias, as cartas dos jesuitas, relatorios dos capitães generaes, roteiros de viagens, explorações de rios, muitas biographias de nossos antepassados illustres; de sorte que, a *Revista Trimensal* foi sendo procurada como nma fonte abundante, capaz de desalterar todo o que tiuha sêde de saber; e o historiador, o diplomata, o estadista, o engenheiro, o administrador, o geologo, o professor e o estudante, o douto e o curioso, acharam n'ella o pharol que os guiasse em suas pesquisas, dando-lhes as noções de que careciam, ou apontaudo-lhes os rumos onde as poderiam encontrar.

Infelizmente não eram ainda passados dous lustros e já os dous preclaros fundadores descansavam no tumulo; mas os seus bustos, justo tributo pago pela gratidão em 6 de Abril de 1848, assistem na sala das sessões á continuação de sua bella obra.

Chegou o anno de 1849.

O principe que se assentava no unico throno da America, joven na idade, mas deixando vêr já no semblante e nas acções os traços de um sabio e de um philosopho, sentia-se attrahido para a, tambem joven, assosociação. Duas correntes magneticas o solicitavam, procurando estabelecer a communicação entre a sua alma generosa e o Instituto: A natureza dos trabalhos e dos estudos d'este, era a 1ª corrente, já por si bastante forte; mas a 2ª corrente tinha um poder irresistivel de attração.

Quando o soberano, abysmado na dôr, chorava sentindo estalar as fibras do coração pela perda de D. Affonso, o seu amado primogenito, o gracioso menino que tanto promettia ao pai e ao povo, o Instituto Historico chorou com elle! e as lagrimas ardentes que se crystallisaram nas paginas do tomo 11º da *Revista*, foram um balsamo suavissimo para o coração do amargurado pai.

E quereis, que vos diga de que modo o soberano pagou ao Instituto a divida do pai? Eu vo-lo digo, Senhores! deu-lhe o logar que ficára vasio no seu coração. O soberano adoptou o Instituto por filho!

No dia 15 de Dezembro de 1849, em uma hora como esta, festejava o Instituto o seu 11º anniversario, quando vio-se entrar um novo e prazenteiro conviva: era o Imperador. Elle assentou-se aqui, em uma d'estas cadeiras, assistio attento a toda a solemnidade; depois dirigio phrases de animação aos trabalhadores congregados, inquiriu solicito das difficuldades da associação, das suas necessidades, dos seus projectos de futuro; prometteu a sua poderosa coadjuvação, e a sua palavra... foi palavra de rei!

Esperaes talvez, que eu vá contar-vos de que modo o monarcha cumprio a sua promessa? Não, senhores! não o espereis; o tempo que tenho para fallar-vos é limitado;

e sem limites é a narração d'aquillo que o Instituto lhe ficou devendo. Bastará dizer-vos o que todos vós sabeis: desde esse dia memoravel, o Imperador foi o Presidente, foi o Protector immediato, foi o pai extremoso do Instituto Historico.

« Oh! por Deus e pela patria! (exclamou em um dos « arroubos de sua eloquencia, o nosso pranteado Dr. Ma- « cedo). Que esse justo orgulho não nos cegue a ponto de não « vêrmos toda a grandeza, toda a magestade d'esse aconteci- « mento glorioso! O dia 15 de Dezembro de 1849 não « pertence só ao Instituto, pertence ao Brazil inteiro! « A porta que se abrio para dar passagem ao Imperador, « na sala do Instituto Historico, é tambem a porta de uma « nova éra, aberta a todos os Brazileiros, que cultivam as « letras.»*

« O anno de 1849 (disse tambem o altiloquo Porto « Alegre) foi sellado com este grande e notavel aconteci- « mento, que, na vida do Sr. D. Pedro II, será sempre « olhado com admiração da posteridade; a emancipação do « litterato está consummada, as suas lucubrações recom- « pensadas e a sua gerarchia collocada no devido gráo que « associedades civilisadas costumam merecer-lhe. » **

Ambos disseram a verdade. Com o novo e potente impulso, o Instituto vio alargar-se e revestir-se de flôres a estrada, que se lhe abria em frente. Os operarios veteranos contaram dahi em diante com um assiduo e robusto companheiro que prestava o mais vivo interesse pelo adiantamento da obra; mais do que isso! com um guia vigilante que lhes alumiava o caminho, ajudando-lhes a afastar os espinhos; mais ainda! tiveram um bondoso mentor, que tinha sempre nos labios um sorriso animador, uma phrase de conforto para os que fraqueavam, um elogio para os que, perseverando, chegavam a concluir a empreitada.

Ao ruido da alegre faina, acudiram novos e valentes athletas, destros no manejo da penna e na elaboração do pensamento; nobre emulação se travou entre o ardor dos

---

* Disc. do 1° secretario do Instituto, em 15 de Dezembro de 1852.

** *O Guanabara* n. 2. Revista mensal e artistica. 1850.

moços e a experiencia dos velhos; theses interessantes foram distribuidas para a elucidação de pontos obscuros da historia e da ethnologia; premios honrosos foram propostos para os trabalhos, que d'elles fôssem dignos; e o Instituto vio, enthusiasmado, cahir em seu celleiro, como de divina cornucopia, riquissimos objectos d'arte, vasos phantasticos das mais delicadas fórmas, essencias odorantissimas, joias cravejadas de brilhantes, de exquisitos gostos e inapreciavel valor: *o Oyapoc e o Amazonas*, *o Brazil e a Oceania*, *a Memoria sobre os aldeamentos de indios*, *a França antarctica*, *as Amazonas*, *os Ultimos vice-reis*, *a Confederação do Equador*, *o Brazil Hollandez*, *a Republica jesuitica*, *a Historia da imprensa no Brazil*, *os Apontamentos diplomaticos*, os annaes de varias provincias, dissertações sobre limites, sobre os motins politicos e guerras civis, sobre a fundação de nossos bispados, e ordens religiosas, e grande cópia de outros escriptos, trazendo por etiquetas os nomes mais gloriosos de nossa litteratura, taes como (citando sómente os que já pertencem á posteridade): Joaquim Caetano, Gonçalves Dias, Fernandes Pinheiro, Machado de Oliveira, Candido Mendes, Alencastro, Pereira Pinto, Ponte Ribeiro, Henrique Leal, Braz Rubim, Baptista Caetano, todos elles trabalhos do maior valor; os quaes impressos na *Revista Trimensal*, ao lado dos notaveis discursos proferidos nas sessões magnas, dão á sua collecção o aspecto imponente de uma galeria esplendida, de quadros raphaelicos e de estatuas do mais fino ouro, cinzeladas por mãos de afamados mestres.

A esses nomes e muitos outros, que formam o Pantheon de nossos grandes homens, reuniram-se (e ainda o Instituto felizmente conserva) outros muitos, igualmente gloriosos, formando uma constellação de talentos vivos e fecundos, que continuam a sua bella tradição, podendo-se asseverar que * « com raras excepções, os vultos mais brilhantes do nosso parlamento, os mais habeis administradores, os magistrados mais afamados e veneraveis, os escriptores mais inspirados, com que se honram os annaes

* Dr. Franklin Tavora (*Rev. Trim.* t. L pag. XXI).

brazileiros, têm os seus nomes inscriptos nos registros do Instituto, e, ou sahiram do seu seio, ou n'elle vieram receber a solemne iniciação da posteridade. »

Senhores! uma associação, que conta com taes elementos de prosperidade e que tem, como solicito chefe, o Chefe da nação, justamente acclamado e respeitado nos dous hemispherios pela sua sabedoria, assim com pela continua pratica das mais raras virtudes que podem adornar a creatura humana, essa associação, senhores, tem diante de si o mais extraordinario e grandioso porvir. Ella não arrefecerá na sua missão; não se deixará esmorecer pelas difficuldades; ella continuará na investigação do passado, para delle tirar a lição do presente e o engrandecimento do futuro; ella conseguirá resolver muitos problemas, que até hoje têm escapado ás nossas pesquizas e á nossa comprehensão; e agora, senhores, que essa associação vê tambem á sua frente a estrella peregrina de luz e de bondade, que todos vós estaes observando, essa associação redobrará de esforços e de actividade; ella augmentará de dia á dia os thesouros de sua galeria, e a irá prolongando, sempre bella, sempre esplendida, recolhendo como palmas de seu triumpho, as bençãos da patria, os louvores do mundo sabio e a admiração da posteridade!

2ª Parte

Mais tarde do que nos anteriores, começaram este anno os trabalhos do Instituto, sendo celebradas apenas 12 sessões, das quaes 1 de posse e 11 ordinarias. Na ausencia do nosso venerando Protector immediato, o Snr. D. Pedro II, foi a sua cadeira occupada dignamente por S. A. o Snr. conde d'Eu, presidente honorario, que, com assiduidade e muito interesse, acompanhou os nossos labores.

N'essas sessões foram lidos varios escriptos interessantes, discutidos assumptos concernentes á vida e futuro do Instituto, e recebidas muitas offertas que vieram augmentar a nossa bibliotheca e archivo. Darei de tudo

apenas uma noticia ligeira, afim de não fatigar a vossa attenção.

O nosso illustrado consocio Dr. Sacramento Blake que, com os recursos do seu bello talento e grande força de vontade, metteu hombros a uma enorme empreza, semelhante á que em Portugal começou Innocencio da Silva e continuou Brito Aranha, leu em duas sessões uma Memoria sobre a revolução da Bahia em 1837, trabalho de alto valor pela luz que lança em um ponto de nossa historia e pela lição moral com que finaliza.

Em outra Memoria, já publicada na *Revista Trimensal*, tratando d'essa revolução, o nosso douto collega procurou apagar uma nodoa, que é atirada ás cinzas do Dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira, distincto medico e lente da faculdade da Bahia ; o qual é apresentado por todos os que tratam d'esse movimento (inclusive um nosso illustre consocio) como um homem perverso, e ainda mais, como o autor da mesma revolução, inspirando-se todos esses escriptores nas publicações proprias d'aquella época de exaltamento de paixões ruins, em que só se vizava magoar e inutilisar o Dr. Sabino. N'essa 1ª Memoria ficou provado, que tal revolução não teve por chefe o Dr. Sabino, mas que foi planejada e resolvida na côrte, por homens altamente collocados, como opposição ao governo da regencia ; explicou como o Dr. Sabino veio a ter a posição, que occupou no movimento ; mostrou que elle não podia ser o responsavel pelos crimes e incendios de casas na capital ; e finalmente que toda a gente de 1ª ordem da Bahia havia adherido á revolução, sendo de lamentar o desapparecimento da acta lavrada na camara municipal da capital a 7 de Outubro, com a qual se provaria essa asserção.

A 2ª Memoria lida este anno contém, não só essa acta da revolução como a da contra-revolução, sendo esta expressamente convocada pelo vice-presidente do novo estado, para declarar uma circumstancia essencial que escàpára, na 1ª acta, e que já occasionára grande scisão entre os revoltosos, a saber : que a separação da Bahia, do governo central da côrte, era sómente até á maioridade do Sr. D. Pedro II.

Não encontrando nas duas actas (que só agora poude obter) as assignaturas de muitos homens da melhor sociedade bahiana, que adheriram ao movimeuto, o Sr. Dr. Sacramento Blake estuda e explica as causas dessa omissão ; e quanto ás imputações lançadas ao Dr. Sabino, estabelece o nosso consocio o seguinte dilemna : Ou o Dr. Sabino, sem possuir bens da fortuna, sem alta posição e sem predominio de familia, (isto é, sem as tres condições essenciaes para levar após si uma população grande e illustrada) fel-a somente por possuir qualidades nobres, e então não era o homem perverso, que pintam seus inimigos; ou então esse homem mau e indigno, como estes querem, não poderia ser nunca o autor d'essa revolução.

Explicando o papel, que lhe coube, de secretario do novo estado, o Sr. Dr. Sacramento Blake promette uma 3ª Memoria, tratando do que ha de mais serio nas imputações feitas ao Dr. Sabino ; affirmando desde já, que foi o receio de que elle, livre, na Bahia ou no Rio de Janeiro, revelasse certas verdades, arrancasse certas mascaras, com injuria de sua lealdade, que o levou ao exilio em Matto-Grosso, onde morreu ao pezo de soffrimentos physicos e moraes, provenientes da ingratidão d'aquelles a quem servira com dedicação e mesmo com grandes sacrificios.

E' esta a lição a que me referi acima, e que devem ter sempre presentes na memoria, aquelles que são faceis em dar ouvidos aos perturbadores, que tentam lançar mão sacrilega á arca das instituções patrias.

O mesmo Sr. Dr. Sacramento Blake leu, em outra sessão, a 1ª parte de um estudo bio-bibliographico relativo ao Dr. Francisco Bonifacio de Abreu, Barão da Villa da Barra. Considerando que, embora esse cidadão, illustre como medico, literato, professor, poeta e parlamentar, não fôsse contado no numero de nossos socios, devemos render homenagem a esse vulto que pertence á historia, disse o nosso illustre consocio estas bellas palavras: « O Instituto deve fazer sentir ao mundo civilisado, que o Brazil possue glorias iguaes a suas maiores glorias ; que no céo da intelligencia brazileira ha estrellas que brilham tanto, como as suas que mais têm brilhado. E entre nós mesmos, desde que seja conhecida a historia de homens taes, ella

vae servir de modelo aos nossos concidadãos; e aquelle que apresental-a, presta sem duvida, um serviço importante ás letras e á patria. »

Acompanhando depois a vida do Barão da Villa da Barra e referindo-se a seus progenitores, observa o nosso collega, que as mulheres d'essa familia parece pelos fructos que produziram, eram dotadas de ventre privilegiado; e então cita tres d'ellas: de uma, nasceram os conselheiros José e Francisco Mariani, dous bellos esmaltes da magistratura brazileira; de outra, o actual presidente do conselho Barão de Cotegype, cujo elogio não é preciso que faça; e de uma 3ª, o Barão da Villa da Barra.

Dá noticia dos estudos d'este, desde os da instrucção primaria até os de chimica; depois de sua nomeação para lente cathedratico de chimica organica sob a direcção do grande Wurtz, uma das glorias da França moderna, o qual chamou-o de *talento assombroso*; refere-se aos trez brilhantes concursos que fez, o 1° no lyceo da Bahia para professor de geographia e historia; e os dous ultimos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; menciona seus serviços prestados na campanha do Paraguay, como chefe do serviço militar de saude, assim como os prestados ao estado como representante de sua provincia natal e na administração de duas provincias do imperio. Finalmente, o nosso collega deo-nos noticia de todas as obras do Barão da Villa da Barra, não só as publicadas, como as ineditas.

Dous foram tambem os trabalhos da penna fecunda do Sr. Dr. Cesar Marques, que tivemos occasião de ouvir com a attenção e apreço que merecem todas as investigações d'esse nosso distincto collega. O 1° foi uma noticia sobre o capitão general D. Francisco de Mello Manoel da Camara, que governou a capitania do Maranhão no periodo de 1806—1809.

N'essa Memoria mostra-se claramente como foram governadas muitas vezes as capitanias, por homens baldos de tino e de bom senso, nomeados pelo unico requisito de pertencerem á antiga fidalguia; não sendo portanto de admirar que, em lugar da imparcialidade e da rectidão, os seus actos se distinguissem pelo arbitrio e pelo despotismo. Como especimen d'esse modo caprichoso de

administrar, o Sr. Dr. Cesar Marques juntou uma porção de despachos excentricos e grotescos, copiados do livro da porta da secretaria, assignados pelo mencionado D. Francisco de Mello.

A 2ª Memoria, tendo por titulo o *Naufragio de Martius nas aguas do Amazonas*, descreve-nos um facto historico, descoberto casualmente pelo nosso illustrado consocio em uma de suas viagens pelo Amazonas. Entrando na igreja de Santarém, que se achava em obras, encontrou na sacristia, dentro de um caixão e envolto em pannos, uma bella imagem do crucificado, de ferro fundido e tamanho natural, tendo em uma chapa, ao lado, a inscripção de um voto de gratidão a Deus, por haver salvado das ondas Ch. Fred. Martius, no dia 18 de Setembro de 1817, isto é, dous mezes depois de haver pisado terras do Brazil. De volta a Belém, o Sr. Dr. Cesar Marques, justamente impressionado, publicou alguns artigos, dando a conhecer esse facto, geralmente ignorado, e fazendo vêr a conveniencia de erguer-se um condigno calvario, onde fôsse exposto o piedoso voto do immortal autor da *Flora Brasilienses*. Bem acolhida essa idéa generosa pela assembléa provincial do Pará, foi decretada uma quantia para esse fim ; e desde então póde ser visto e admirado na igreja de Santarém esse soberbo monumento, que attesta a um tempo a piedade de dous illustres membros do Instituto —Martius e Cesar Marques— não sendo tal serviço feito á historia patria, um dos menores que tem prestado este nosso douto collega.

O nosso dignissimo consocio conselheiro Alencar Araripe havia lido em uma das sessões do anno passado, um trabalho assaz curioso, no qual fazendo sensatas considerações sobre muitas inscripções com tinta e fundas incisões gravadas em rochedos de varios pontos do Brazil, torna verosimil a idéa, partilhada por Ayres do Casal, general Cunha Matos, Claussen, Martius e outros, de serem taes inscripções vestigios de um povo, de civilisação adiantada, que em éras muito remotas houvessem occupado o nosso paiz ; e n'esse mesmo trabalho (que se acha impresso na *Revista* d'este anno) o infatigavel Sr. conselheiro referio-se a umas ruinas monumentaes, existentes

na provincia do Piauhy, de que lêra a noticia em uma gazeta do Ceará.

Na sessão de 5 de Outubro d'este anno, deu-nos o nosso illustre consocio novo motivo de prazer, fornecendo-nos informações mais positivas, que obtivera de fontes que parecem insuspeitas, das quaes se conclue que, na villa de Piracuruca, no logar *Sete Cidades*, se encontra uma porção de penedos, de fórmas taes, tão pittorescamente grupadas e combinadas entre si, que apresentam o admiravel aspecto de uma grande praça-forte abandonada, distinguindo-se as torres, as cortinas, os baluartes e os reductos, não faltando até (por um portentoso capricho da natureza) blocos cylindricos de granito, como outros tantos canhões, assestados em reparos tambem de granito! Taes informações, que parecem antes productos de romanesca fantasia, foram ratificadas em todas as suas partes, por um documento official, que nos enviou o actual presidente do Piauhy, firmado por pessoas de posição da villa de Piracuruca, as quaes emprehenderam essa exploração, a convite do mesmo presidente, afim de responder a uma consulta que lhe dirigira este Instituto, por iniciativa do mesmo Sr. conselheiro.

De volta de honrosa commissão, á qual déra o brilhante cumprimento do costume, o nosso prestimoso socio Barão de Teffé, expôz em uma das sessões a exploração hydrographica, a que procedêra nos Abrolhos, afim de reconhecer e demarcar os parceis madreporicos, que por seu crescimento, lento e gradual, vão se elevando do fundo e approximando-se da superficie dos mares, constituindo um serio perigo para os navegantes. Essa exploração fôra lembrada pelo almirante Mouchez, que não encontrára taes formações coralliferas, quando em 1861 sondou e levantou a carta da costa do nosso paiz, mas cuja existencia foi denunciada por dous recentes naufragios n'essas paragens, sendo um d'elles o do *Guadiana*, excellente paquete inglez, que, indo do Rio de Janeiro para a Bahia, ahi se perdeu no dia 20 de Junho de 1885. Tendo assim exposto o resultado de suas observações, e o modo por que se desempenhára de sua delicada missão, tornando bem clara a posição, fórmas e dimensões d'esse formidavel inimigo da navegação, o Sr. barão de Teffé

offertou ao muséo do Instituto uma amostra calcarea extrahida de um dos parceis, promettendo enviar-nos opportunamente um exemplar da carta da costa, devidamente corrigida.

Com outro assumpto importante occupou a attenção do Instituto o Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho, nosso provecto consocio, que, com o alvejar das cans sente com mais força vibrar no peito a fibra do amor da patria e da humanidade. Affagando ha annos a idéa de vêr fundada nesta côrte uma universidade de sciencias physicas praticas, modelada pelas da Allemanha (por elle consideradas como o principal factor da riqueza das nações da Europa), o nosso illustrado collega trouxe á apreciação do Instituto duas Memorias, contendo uma as bases para a organisação da projectada universidade e a outra os argumentos justificativos d'essa creação; e pedio o concurso de nossa associação para ser levada a effeito, por estar convencido que d'ella emanará a independencia industrial do Brazil, paiz tão opulento de toda a sorte de elementos de prosperidade e de grandeza. O Instituto, rendendo o devido preito aos nobres desejos do autor da idéa e á transcendencia e utilidade do assumpto, mas não sabendo a que ponto póde ir o solicitado concurso, por ser o objecto da alçada do poder legislativo, nomeou uma commissão especial para estudar e dar parecer sobre as duas citadas Memorias.

Entre as disposições que foram tomadas nas sessões do presente anno, distinguirei as seguintes:

1. Prestando a homenagem a que haviam feito jus por seus altos merecimentos e serviços ao Instituto, foram elevados á cathegoria de socios honorarios os Srs. conselheiros João Manoel Pereira da Silva e general Henrique de Beaurepaire Rohan, e Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.

2. Na sessão de 5 de Outubro ficou assentado o ceremonial, que deve ser observado d'ora em diante, no acto de tomar assento, o novo adepto que fôr chamado a auxiliar-nos na nossa missão.

3. N'essa mesma sessão foi approvada unanimemente a idéa do Sr. Dr. Sacramento Blake de ser lançado

na acta um voto de saudade ao augusto Protector immediato do nosso Instituto, o Sr. D. Pedro II.

4. Foi tambem resolvida, em outra sessão, a revisão do art. 6° dos estatutos, concernente ás diversas cathegorias de socios, com a determinação bem explicita dos requisitos necessarios para a admissão de novos candidatos.

5. Na de 23 de Novembro foi acolhida por todos a idéa iniciada pelo nosso digno 1° secretario Dr. Franklin Tavora, de ser commemorado o 50° anniversario da fundação do Instituto, a 21 de Outubro do anno vindouro, sendo nomeada, uma commissão para formular o respectivo programma.

6. Finalmente, na sessão ultima, por occasião de ser lido o discurso dirigido a S. Alteza Imperial, no dia 2 d'este mez, pelo orador do Instituto, foi vivamente applaudido o dito discurso e felicitado, o nosso distincto orador, pela perfeita fidelidade com que soubera interpretar os sentimentos da nossa associação.

Foram muitas e valiosas as offertas feitas ao Instituto, de livros, revistas, brochuras e jornaes. Com esse subsidio fica a nossa bibliotheca contendo cerca de 8000 volumes, mais de 1000 manuscriptos, a maior parte dos quaes de elevado valor, e muitos mappas e cartas geographicas. Em 1862 foi publicado o catalogo dos livros; em 1884 o dos manuscriptos; em 1885 o dos mappas e cartas; e em 1886 o dos objectos do museu. Actualmente o nosso honrado e zeloso bibliothecario trata de organisar o catalogo geral, que deve ficar prompto para figurar na solemnidade de 21 de Outubro vindouro.

Tenho a satisfação de participar-vos que a nossa *Revista Trimensal*, a alma do Instituto Historico, tem sido sempre impressa com a maior regularidade.

Do tomo L d'este anno já foram publicados os numeros correspondentes aos 3 trimestres decorridos; e acredita a actual commissão de redacção, que o tomo deste anno não desmerece dos 49 seus antecessores.

De tal maneira continúa acreditada, com tal avidez é lida no paiz e no estrangeiro, que continuamente se recebe pedidos de suas collecções, quer de associações

scientificas, litterarias, de educação e bibliothecas publicas, quer de homens eminentes em todos os ramos de conhecimentos humanos, que, todos consideram incompletas suas livrarias emquanto não as possuem. Alguns tomos acham-se esgotados, havendo necessidade de reimprimil-os para completar as collecções; actualmente faltam os tomos XI, XV, XVII e XVIII pertencentes aos annos de 1848, 1852, 1854 e 1855.

Para dar-vos ideia do apreço em que é tida a nossa *Revista*, dir-vos-hei que, sómente para institutos, academias e sociedades estrangeiras que comnosco mantem activa permuta, são enviados 168 exemplares d'ella. Em o corrente anno avultou o numero dos assignantes, assim como a venda dos tomos avulsos; e, se mais alguma prova fôsse necessaria, eu vos recordaria a honrosissima menção que d'ella fez o ministro do imperio, Barão de Mamoré, em o relatorio apresentado ultimamente ás camaras legislativas.

O estado financeiro de nossa associação que, como sabeis, melhorou consideravelmente desde que foi entregue aos desvelos do nosso illustrado collega conselheiro Alencar Araripe, continúa em sua marcha segura e firme, como é de esperar do tino e integridade de tão habil administrador.

Informo-vos, que, desde a fundação do Instituto, fôram inscriptos até hoje 866 socios, dos quaes são falecidos 646 e existem 220, a saber:

1 Protector immediato.
5 Presidentes honorarios.
110 nacionaes (7 honorarios, 28 effectivos e 75 correspondentes).
104 estrangeiros (24 honorarios, 1 effectivo e 79 correspondentes).

Este anno a trombeta do anjo da morte chamou 7 dos membros do Instituto, os quaes fôram, na eternidade, augmentar o numero, já muito elevado, dos que tombaram crestados pelo sol da tarde. Mas a obra não parará: a essa turma succedeu uma igual turma, de 7 trabalhadores vigorosos que, embora chegassem mais tarde, receberão, segundo a parabola do Divino Mestre, um salario igual

ao dos que vierão na primeira hora. D'aquelles, ides ouvir daqui a instantes, a saudosa despedida que lhes faz o Instituto; dos novos operarios vos farei uma ligeira apresentação:

1. *Conselheiro José de Miranda da Silva Reis.* General illustrado e bravo, administrador sensato, engenheiro distincto, magistrado recto do mais alto tribunal militar, patriota fiel ás instituições juradas, a sua entrada foi acolhida com geral satisfação.

2. *Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca.* Entrou para o nosso gremio fazendo logo jús a um logar de honra, por um bello trabalho que abrilhanta a *Revista* deste anno, e na qual rehabilita plenamente a memoria de um Brazileiro illustre que, em vida e ainda depois de morto, soffreu injusta e gravissima accusação.

3. *João Capistrano de Abreu.* Natureza de anatomista, admiravelmente talhado para as investigações historicas, laureado já por escriptos cheios de erudição e profundo criterio, demonstrando a invejavel pericia com que maneja o escalpello da critica judiciosa, descarnando, dissecando e dispondo habilmente as peças com que depois anima o corpo, escoimado do que lhe era estranho e embaraçava a verdadeira classificação, já era reparado que um tal operario não pertencesse ás nossas officinas.

4. *Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira.* Ao Instituto são igualmente uteis, o servente que prepara o terreno, o architecto que delineia o monumento, e o estadista que organisa os meios de erigil-o. A esta classe pertence o nosso novo consocio: vulto notavel pelas singulares aptidões que tem revelado como politico de altissima esphera, como administrador consummado, como caracter inquebrantavel, e como apostolo de todas as ideias nobres. O Instituto, assim como o Brazil inteiro, espera muito de tão grande cidadão.

5. *José Verissimo de Mattos.* Entrou trazendo-nos uma preciosidade, as *Scenas da vida amazonica*, que se acha publicada na *Revista* d'este anno, a qual além do valor proprio, é ainda uma lisongeira promessa do que conseguirá o Instituto, com a acquisição d'esse distincto ethnologo.

6. *Dr. Antonio Ribeiro de Macedo.* É tambem autor de uma excellente monographia de uma parte da provincia do Paraná, a qual mereceu honrosa menção ; e brevemente será apreciada nas paginas da nossa *Revista Trimensal.*

7. *Dr. D. Angelo Justiniano Carranza.* Notavel publicista argentino, é tambem um benemerito cidadão da republica das letras, autor de obras estimadas da historia do seu paiz, de que fez generosa offerta á nossa associação.

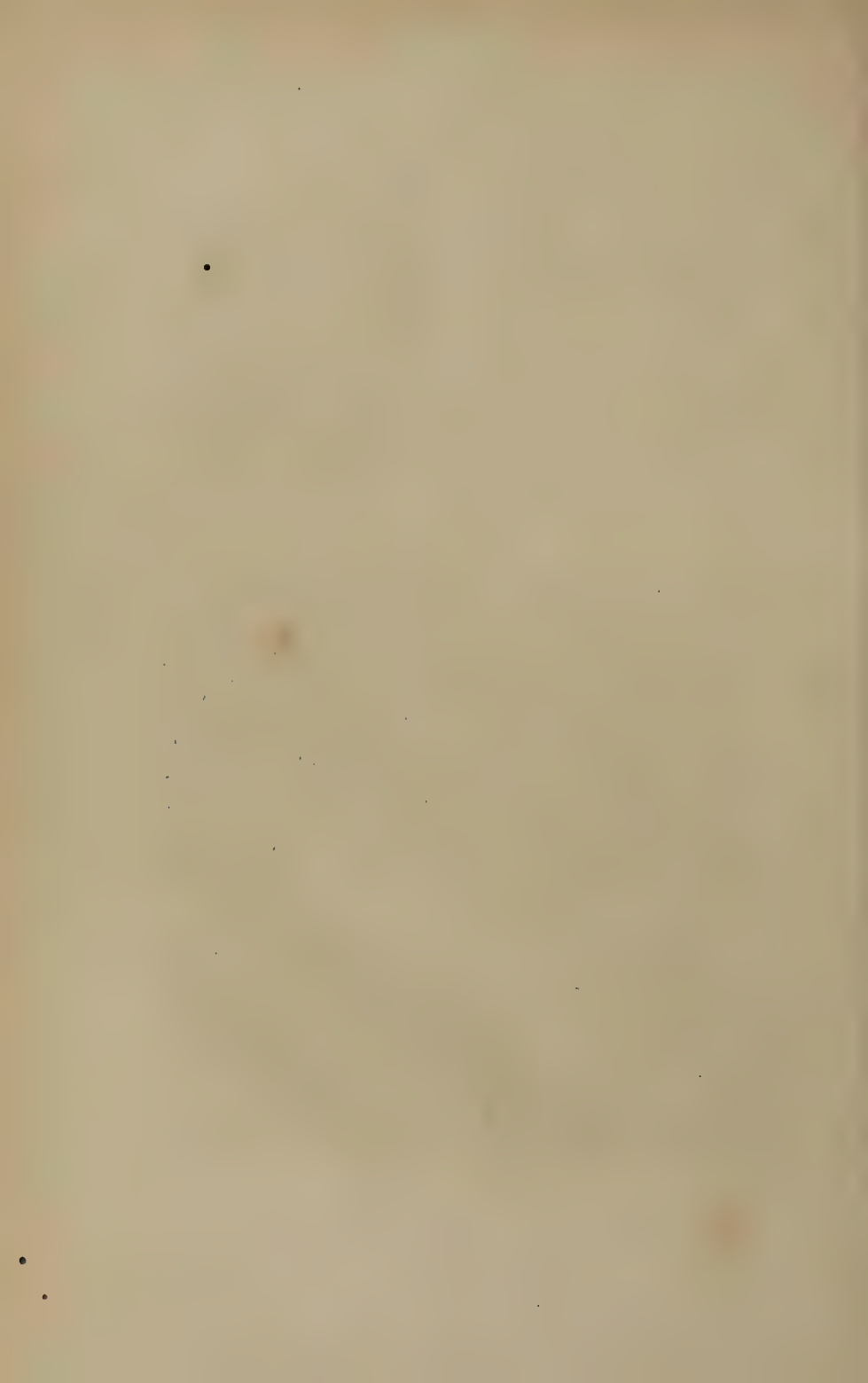
Bemvindos sejam ! aqui ha trabalho para todos, e o Instituto os recebe dando-lhes o osculo da amizade e de paz.

Basta, Senhores !

E' tempo de encerrar esta nossa exposição.E' tempo de receberdes o premio de vossa indulgencia, passando a ouvir a parte mais harmoniosa d'este concerto, modulada pela voz eloquente do nosso orador.

Duas palavras para concluir.

A vós, graciosas senhoras, a vós ; illustres senhores ; o Instituto agradece o realce, que trouxestes á sua solemnidade. Toda a festa precisa de flôres, precisa de ornamentos e de muita luz. Vós fostes hoje as nossas flôres, os nossos ornamentos,e vós, Excelsa Princeza, o brilhante clarão que illuminou a nossa festa. A vós, Senhora, que conferistes ao Instituto uma nova data de gloria e de justo orgulho, salve ! trez vezes salve !

E vós, Espirito augusto que eu ha pouco invoquei ! Genio bemfazejo, que, em minha mente vejo pairar n'este recinto ! Si, ouvindo o que acaba de relatar o ultimo dos membros do vosso Instituto, achastes que foi pouco o que fizemos, não vos magoeis comnosco ! Sabei, que estamos alquebrados pela dôr em que nos lançou a vossa ausencia ; que estamos succumbidos ao peso da saudade que nos opprime ! Oh ! voltai, Senhor ! Vinde levantar as forças de vossos companheiros de trabalho ! Vinde trazer a alegria aos nossos corações.

DISCURSO

DO ORADOR

o Sr. senador Alfredo d'Escragnolle Taunay

IMPERIAL SENHORA,
SENHOR PRINCIPE.

Si ao orador que sobe agora a esta tribuna, abrilhantada de modo notavel por seus predecessores, fallecem as galas e pompas da eloquencia para bem desempenhar a sua missão e manter sem quebra as tradições de tão honroso logar, substitua-as, na singeleza da palavra, a sinceridade do sentimento que lhe dicta a phrase.

Tenho aliás, como obrigação quasi restricta, fallar de mortos; e esta commemoração que tanto dignifica a humanidade, incitando os vivos a se voltarem para aquelles que já se foram e a buscarem na vida finda exemplos e ensinamentos, deve ser toda de exacção, lhaneza e veracidade.

Em casos taes, ou a opulencia e os arroubos de scintillante imaginação, a arrebatar-nos, pela vivacidade e valentia dos tropos e elevação de idéas, o pensamento do circulo commum de elogios banaes e demasiado gastos; ou então, a modestia e a simplicidade, juntando de bôa mente os leaes recursos, para apontarem, sem pretenção nem falsas e descabidas exagerações, o que valeram os nossos finados consocios e quanto fizeram de bom e aproveitavel, quer como membros do nosso gremio, quer como cidadãos da grande corporação social.

Não é, nem póde ser, este posto um tribunal que se erija severo, que compare, esmiuce, investigue e afinal decida, transmittindo á posteridade do seu *veredictum*, não ; é o pulpito d'onde prestamos saudosa homenagem, muitas vezes sem mais echo na historia, áquelles que pertenceram a esta associação, a honraram por varios modos, concorreram para o seu prestigio e ás cousas da Patria deram cabal demonstração de amor e apreço.

Aqui predomina, antes do mais, a influencia de bem desculpavel parcialidade em relação a companheiros de trabalho, por mais modestos que tenham sido ; aqui a tudo sobreleva o intenso desgosto, a angustia transida de cruel vacillação ante o eterno e devorador enigma, de não os vermos mais ao nosso lado, partidos para essa interminavel viagem, de que ainda ninguem voltou—diz o poeta —nem póde voltar, porquanto se realiza nesse enorme e mysterioso labyrintho sem sahida possivel, em que gyram sob o olhar immenso e sereno de Deus todas as forças da natureza.

Muito embora as incessantes e ingentes labutações da intellectualidade humana, máo grado as estupendas anxiedades do espirito, alvoroçadas pelo sopro de irrequieta e nunca satisfeita ambição ; passados seculos e seculos de penosas lucubrações e estudos, marcados com o ferrete da dôr e sob o acicate de insaciavel curiosidade ; amontoados todos os prodigios e conquistas da paciencia e genio dos filhos de Promethêo ; de posse já de grandes segredos que a custo a creação tem deixado o olhar do sabio penetrar e devassar ; ainda hoje, neste seculo de maravilhas, como em qualquer outro, por mais adiantado que seja, como sempre, fica e ficará de pé a duvida em que vacillava a mente de Socrates, condemnado á morte, caso não venha a religião dar-nos esse admiravel conforto, essa inquebrantavel segurança, de que tanto necessitamos para vencer as asperezas da vida e nos tornarmos superiores á injustiça e ao soffrimento.

«De duas cousas uma, narra Platão no *Phedon* dissera elle aos seus juizes ao ouvir a sentença final, ou a morte é o aniquilamento completo, ou a passagem da alma para outro meio. Si tudo se destróe, será a morte

uma noite sem sonhos, nem consciencia de nós mesmos, noite eterna e venturosa. Se ella é a mudança de local para a alma, que felicidade encontrarmos aquelles que nos foram caros e podermos discretear com os sabios! Mas... é tempo de nos separarmos; eu para morrer, vós para viverdes. A quem toca melhor sorte? Para todos é segredo, menos para o Deus! »

Sempre essa terrivel perplexidade, sempre!... no grande Atheniense, porém, sem desdem nem desesperanças e com a admiravel placidez que distinguia todos os seus actos; elle, um dos maiores e mais honestos agitadores do pensamento humano na historia da philosophia e nos fastos da verdade universal.

Ainda mesmo, porém, realizada uma das hypotheses aventadas, a mais desconsolativa e que por isto tanto repugna á fé que Jesus Christo, em sua divina propaganda, felizmente implantou no coração dos crentes, quanta confiança n'uma immortalidade qualquer, quanta certeza no juizo da posteridade e na justiça vindoura! Que nobre e sublime persuasão nos sentimentos da humanidade! Que appello tão altivo para o tribunal, que tem que decidir de todos nós em ultima instancia!

Em sua phrase sobria e attica nol-o conta Xenophonte:

« Sim, dizia Socrates já com a taça fatal em punho, levo desta vida profunda convicção — é que os homens honrarão a minha memoria. Para opprimidos, o juizo é outro, que não para oppressores. Consagrar-me-ha o tempo esse testimunho, que nunca fui injusto para com ninguem, e, longe de ter sido corruptor, incessantemente trabalhei por tornar melhores aquelles que commigo conviveram. »

E esta esperança é, com effeito, um dos maiores estimulos do homem na pratica do bem, e, de certo, não faltou ella aos saudosos consocios, que n'este anno se finaram e cujos nomes temos que inscrever nas paginas necrologicas d'este Instituto.

D'aqui a momentos, fallar-vos-ei, Senhores, ainda que rapidamente, d'esses desapparecidos; antes, porém, permitti que eu obedeça com verdadeira sofreguidão ao

nobre influxo, repassado de indizivel saudade, que durante o correr de 1887, prestes a findar, ininterrompidamente, dia por dia, hora por hora, actuou em nossa corporação e já se reflectiu nas orações que acabam de ser proferidas, mas, representando um sentimento real e intenso e uma preoccupação constante, não se lhe importa, no egoismo de sua expansão, incorrer em pécha de repetição e monotonia.

Refiro-me ao illustre ausente, á Sua Magestade o Senhor D. Pedro II, nosso protector, o socio mais activo e perseverante do Instituto e que nunca, nas mais graves emergencias da sua longa e afanosa carreira de estadista, ou nas dôres do seu coração de chefe de familia, ou nas alegrias e ostentações da realeza, nunca se esqueceu d'esta Associação, nunca a desamparou, dispensando-lhe, não em annos e em lustros, mas em decennios inteiros e seguidos, a mais generosa attenção, a mais paternal solicitude, no meio do indifferentismo geral e do pouco caso dos seus ministros, de que agora mesmo, n'este momento, temos mais uma prova bem significativa.

Si a todas as manifestações uteis á Patria no colossal Brazil jámais faltaram o apoio e incitamento partidos de sua acção tão benefica, tão pressurosa e sempre moldada nos mais puros e alevantados intuitos, nenhuma, como o Instituto Historico, póde desvanecer-se de tel-os tido tão completos e instantes.

O nosso pezar não traz, pois, vislumbre de interessado e servil preito ao Poder supremo ; nem aliás o brazileiro costuma sacrificar n'essas aras, affeito como está á independencia de sentimentos e por isso á leal estima e ao grato respeito do soberano, em que vê consubstanciadas a honra e a dignidade nacionaes.

Eis porque tambem lhe faz o povo inteira justiça e o estremece. Estou até bem certo, que se ao republicano brazileiro, mais intransigente nas questões de principios, fôsse dado tolher e desarmar em criminosa tentativa o braço de fanatico regicida, fal-o-hia espontanea e impetuosamente, com a consciencia de que, salvando um homem, salvava tambem um grande patriota.

Innumeras lições e da maior profundeza e valia dá á

Vossa Alteza, Senhora, o longo reinado do Senhor D. Pedro II, que ainda se ha de por felicidade prolongar ; mas, naturalmente, não será sem alguma conturbação e justificado receio que, embora descendente de Maria Thereza, o vosso espirito as contemple e n'ellas medite.

Não é devéras uma existencia de rosas, essa que tomou para si o Imperador e a que nos acostumou. Excluida d'este paiz americano a intoleravel e obsoleta servidão da etiqueta palaciana, que endeosa os reis, mas ao mesmo tempo os carrega de grilhões ainda que dourados; posta de lado a tão fallada razão de Estado que leva a tamanhos erros e inexplicaveis obcecações ; para elle imperou sempre a sujeição á Lei, a obediencia á formula constitucional tão penosa e difficil por vezes em ser mantida e acatada, porquanto coarcta impulsos quasi incoerciveis, subordina não raro o pensamento superior e que colima grandes objectivos ás suggestões e exigencias de uma politica de momento e que póde tornar-se tacanha e entorpecedora ; impede as expansões mais doces do coração e do sentimentalismo ; arreda dos degráos do throno a amizade — e com justa razão — pois ella junto aos principes facilmente degenera em perigoso favoritismo ; põe limites certos e inflexiveis ás instigações e aos impetos da fé e da crença, e de continuo dobra a um sem numero de considerações e conveniencias a vontade, sempre disposta, nas posições culminantes, a prevalecer.

Forma-se d'esse modo no planalto social, como que uma região solitaria, erma, excepcional, cheia de não poucos desalentos — e ninguem a conhece, Senhora, melhor que o vosso inclyto Pae — mas região illuminada pelas irradiações consoladoras e firmes de um pharol, que guia o monarcha e a nação, á cuja frente caminha, aos mais invejaveis e seguros destinos — o Dever !

Tambem assim é que se consolidaram as nossas instituições, todas de paz, prudencia, harmonia e bem pensado equilibrio, no meio de agitadissimas e inquietas republicas ; e aos brazileiros de 1887 parece tão natural, tão digno, tão credor de bençãos e de confiança o throno, como ha 30, ha 40 ou 60 annos passados.

Mas... é tempo de cuidarmos dos nossos finados.

Sete foram os claros abertos, em 1887, nas fileiras do Instituto Historico pela designação da Morte.

O primeiro consocio, que rompeu a marcha, tombou na sepultura logo em começo do anno, a 27 de Fevereiro; e basta dizer-vos o nome para que sem demora acuda ao vosso espirito a lembrança de um ancião risonho, affavel sempre disposto a benevolo cumprimento, chegado aos mais altos postos da carreira que abraçára, carregado de serviços, mas singelo e modesto quanto possivel e de todo o ponto alheio á vaidade e á vangloria, que de certo taes estimulos não assentam em quem, como elle, tanto conhecia os homens e as cousas.

Si a sua memoria suscita essas recordações, gratas aos animos bem formados, avaliai as fundas e perennes saudades, que deixou á familia e aos oito filhos, ligados pela veneração que lhe consagram como por andamantino laço.

Fallo do conselheiro D. Francisco Balthazar da Silveira.

Nascido na cidade da Bahia a 20 de Junho de 1807 e filho do coronel D. Luiz Balthazar da Silveira e de D. Joanna Vasconcellos da Silveira, estudou primeiras lettras e humanidades na terra natal, indo a Coimbra para seguir aulas de direito e começando ahi o curso que, depois de varias demoras e interrupções, devidas a guerras e movimentos sediciosos proprios da época, terminou em São Paulo a 26 de Outubro de 1832.

A principio advogado, abraçou a carreira da magistratura, sendo nomeado juiz de direito do Assú, no Rio Grande do Norte, d'onde foi removido para a comarca do Brejo dos Anapurús, no Maranhão. Posteriormente juiz na capital d'essa provincia, foi ahi, a 23 de Setembro de 1853, despachado desembargador da Relação, da qual se passou para a de Pernambuco em 1857, e seis annos depois, para a do Rio de Janeiro. Em 1875 era presidente desta e pouco depois subia para o Supremo Tribunal de Justiça, no qual trabalhou até Novembro de 1886, quando foi aposentado, por ter mais de 75 annos de idade e 50 de serviços, segundo a lei hoje vigente.

Quiz o governo imperial, por esta occasião, dar-lhe

um titulo heraldico ; mas D. Francisco ponderou, que não possuia meios sufficientes para manter o brilho de ostentosa posição, e, contentando-se com a nobreza que lhe vinha dos illustres avós e da sua velha ascendencia portugueza, só acceitou a Grã-cruz da Ordem de Christo.

Eis em brevissimo escôrço essa longa vida, cujas peripecias, anno por anno, constituem invejavel legado da familia, e, estudadas de perto, dariam logar a proveitosas considerações e valiosos exemplos. Salientemos o amor que o venerando varão dedicou sempre á instrucção publica, prestando-se, por toda a parte onde ia, a educar a mocidade gratuitamente e podendo, por isto, ser tido no Brazil como um dos primeiros benemeritos, nesta ordem de beneficios.

Firme em sustentar a legalidade em qualquer ponto em que a via atacada, pôde, com toda a razão, D. Francisco exarar do seu punho essas verdades, que leio em uns apontamentos autobiographicos : « Tenho prazer e orgulho pelos serviços que prestei—nunca fiz violencias—não admitti vinganças — e procurei sempre aproveitar os cargos que exerci para melhor servir o paiz.»

Bellissimo resumo de uma existencia de quasi 80 annos, esclarecidos em seus ultimos dias pelos tranquillos clarões de uma consciencia sã e satisfeita de si mesma.

Antes, porém, de desviarmos os olhos de physionomia tão sympathica, lembremos, com jubilo e reconhecimento, que D. Francisco Balthazar da Silveira, em 1847, isto é, ha 40 annos, em pleno e ovante dominio da escravaria, combateu ardentemente pela liberdade de alguns infelizes, que por forçada interpretação da lei, iam ser, como bens do evento, entregues aos negros e horrendos ferros da então eterna escravidão ! E o seu denodado empenho foi corôado de exito, o que sempre com desvanecimento recordava.

Paire sobre toda a existencia do valente magistrado essa benemerita e corajosa iniciativa e em sua lousa— só por isto — atire a grande deusa da civilisação — a Liberdade—um punhado de louros.

Outro esforçado lidador da vida, e em esphera menos calma, foi o senador Joaquim Antão Fernandes Leão,

fallecido a 11 de Abril deste anno. Entregue, desde os primeiros tempos da mocidade, aos embates e azares de lutas politicas ardentes e exaltadas, a principio vacillou o seu espirito no caminho que devia seguir. Si o vêmos, na verdade, revolucionario em Minas-Geraes, sua patria, e tomando parte activa nos movimentos revolucionarios, que findaram com a batalha de Santa-Luzia, a 20 de Agosto de 1842, com a madureza dos annos e experiencia adquirida, filiou-se ao partido da ordem e n'elle se conservou firme até os ultimos tempos, prestando excellentes serviços á nação, quer como empregado publico, quer como administrador, quer na carreira politica, onde não lhe faltaram honras e provas de apreço ao seu tino e amor ao trabalho. Deputado, ministro de Estado por duas vezes, e afinal senador do imperio, o conselheiro Fernandes Leão preencheu bem todos os estadios da sua dilatada existencia.

Um mez e um dia após o fallecimento deste servidor do Estado, pagaram, a 12 de Maio, o Senado e o Instituto Historico mais outro pesado tributo, vendo desapparecer d'entre os seus membros o illustre conde de Baependy.

Filho d'esta cidade do Rio de Janeiro, nascido a 22 de Maio de 1812 e oriundo de estirpe fidalga, o seu typo merece-nos attenção especial pela feição digna e cavalheirosa qne dominou todos os actos da sua vida de cidadão e homem politico. Consultem-se as tradições de familia, sigam-se-lhe os passos nas biographias que existem e que rememoram por miudo as elevadas posições que occupou, presidencias de provincia, cargos de eleição popular ou commissões de confiança, em tudo sobresahe o seu vulto aristocratico e pundonoroso, a carregar com attrahente sobranceria os dourados e condecorações que lhe abrilhantavam o nobre peito.

Presidente do Senado e chegado portanto a uma das mais altas cumiadas dos poderes constitucionaes, vimol-o, já presa do mal que devia leval-o ao tumulo, cumprindo á risca, pressuroso e surdo aos conselhos da prudencia, os deveres do seu honrosissimo posto e apressando assim um final, que não se fez esperado.

Foi a 20 de Junho, que á luz terrena se cerraram os

olhos de nosso illustrado consocio desembargador Luiz Fortunato de Brito Abreu Souza Menezes, cujo nome tanta aura grangeou nos fastos contemporaneos da magistratura brazileira e que aqui deixamos registrado, como derradeira homenagem.

Mais chegada á especialidade dos nossos estudos e investigações, tornou-se a influencia de Sebastião Ferreira Soares, fallecido a 5 de Outubro, membro prestantissimo da administração, porquanto foi um dos raros e pacientes operarios, que com tenacidade se dedicaram ao culto e expansão d'essa sciencia, hoje mais do que nunca necessaria á regular constituição das sociedades e infelizmente entre nós ainda tão rudimentar e descurada—a estatistica.

Por isso, temos convicção, de que esse nome de Sebastião Ferreira Soares ha de no futuro sahir das sombras que o cercam e ganhar a luz e prestigio, como um dos mais perseverantes organisadores das bôas regras administrativas do Brazil.

Lamentavamos, no final d'esta triste e funerea enumeração, a morte do illustre e laureado chileno Benjamin Vicuña Makena, que tanto honrava este Instituto e tão respeitado e applaudido era em sua Patria, onde após innumeros trabalhos em varias provincias do entendimento humano, erigira magestoso monumento ás *Glorias do Chile*, biographando com magistral penna os heróes que tombaram nos campos de batalha e com o seu sangue concorreram para as rutilantes victorias da Estrella dos Andes, quando nos transmittiu o telegrapho transatlantico inopinada e dolorosa noticia.

A 5 de Dezembro corrente, soltára em Lisboa o ultimo suspiro monsenhor Joaquim Pinto de Campos.

Nascido em Pajehú de Flores, provincia de Pernambuco, a 4 de Abril de 1819, não se deslisaram esses 68 annos faceis e tranquillos. Bem em contrario, levado pelo espirito ardente, indole afeiçoada ás lutas, qualquer que fôsse o campo em que surgissem, e natureza animosa e militante, foi-lhe a existencia continuo desdobrar de pelejas e resistencias, em que soube sempre manter a rijesa de caracter, realisando tudo quanto era ou

suppunha ligado a essa virtude, ainda mesmo em questões de capricho.

E', de certo, figura bastante curiosa e digna de analyse e estudo, essa de Joaquim Pinto de Campos. Desde os primeiros annos atirou-se á batalha da vida, e não se furtando sequer ao choque das armas, por occasião da Revolução praieira de 1848, em que prestou eminentes serviços ao Imperio a indomavel energia do presidente Tosta, hoje Visconde de Muritiba, tanto soube distinguir-se á bem da manutenção da lei e da ordem, que se tornou saliente em sua provincia e quasi de chofre angariou a confiança dos primeiros chefes conservadores.

Representante de Pernambuco em consecutivas legislaturas provinciaes e geraes, não se contentava com tomar parte activa e por vezes preponderante no debate dos assumptos agitados no seio das assembléas; escriptor incansavel, pôz a sua penna ao serviço da igreja em que professára ainda muito moço e sustentou ardentissimas discussões de caracter religioso, algumas das quaes, si valeram á sua reputação no momento e lhe augmentaram a influencia, pouco serviram ao progresso do Brazil. De passagem, lembremos a incandescente polemica que teve com o illustre general Abreu Lima, em que ambos os contendores nada ficaram a dever um ao outro em excessos de linguagem e violencia de phrase. Tambem em relação á discussão de uma medida indispensavel a toda a nação civilisada — o casamento civil — não se póde dizer, que em 1862 tivesse sido proveitosa á patria e mereça os applausos de estadistas e politicos a vigorosa e pertinaz acção de Pinto de Campos, impedindo a passagem no parlamento d'essa indeclinavel medida, então pedida aliás só para acatholicos.

E assim ficou sobrestada, ha mais de 25 annos, isto é, ha mais de um quarto de seculo, a adopção de uma regra certa, igual para todos, sem distincção nem preconceitos, moralisadora, respeitadora de todas as crenças e cultos e protectora dos mais graves e subidos interesses de quantos já habitam o Brazil, ou queiram, catholicos ou não, procural-o como paiz de instituições sabias e liberaes.

Mais credora—e sem comparação possivel — de elogios, foi na Camara dos deputados a attitude de Pinto de Campos por occasião da magna questão do elemento servil, que, em 1871, tanto sobresaltou os animos em todo o Imperio. Autor do celebre Parecer sobre o projecto de lei apresentado pelo Governo, é-lhe incontestavel titulo de benemerencia haver, sem discrepancia de um só momento, secundado com efficacia e de modo galhardo os inolvidaveis esforços e a eloquente palavra do immortal Rio Branco.

A natureza laboriosa e ávida de glorias de Pinto de Campos cedo o inclinou para o cultivo das lettras, que lhe offereceram campo vasto á actividade sempre alerta e productora, tanto mais de admirar, quanto a sua educação em humanidades havia sido um tanto descurada e a phrase não lhe corria facil e ligeira.

Por isto, era de vêr-se a paciencia e cuidado com que tirava successivas cópias de tudo quanto escrevia, emendando, refundindo, ampliando e retocando, antes de entregal-os aos prélos, os numerosos e avolumados livros que deixou como signal da sua passagem no mundo litterario, procurando antes do mais, primar pela vernaculidade da linguagem.

De todos elles, é, sem duvida, mais notavel, a descripção da Viagem aos Santos Logares, onde ha paginas bem valiosas e emocionaes ; mas de tudo quanto sahiu da sua penna, sempre em movimento, nada leva a melhor, como obra de pesquiza, investigação, consulta e diligencia, a traducção em prosa, impressa no anno passado de 1886, de parte da *Divina Comedia* de Dante.

É até de pasmar, como se abalançasse a similhante commettimento e d'elle désse conta, quem não fizera do admiravel e obscuro poema base de estudos aturados e seguidos durante largos annos. Tambem em algumas das innumeras e extensas notas que tentam esclarecer o texto, transluz uma ingenuidade de interpretaçã, que destôa da grandiosa estatura do assumpto.

Muito embora senões bem patentes, esse valente emprehendimento do litterato brazileiro ha de merecer a consulta dos estudiosos, que acharão o livro em logar distincto nas bibliothecas.

Amigo de seu amigo e sabendo tambem ser inimigo, mostrava Pinto de Campos nos lineamentos physionomicos, aquillo que na realidade era. Typo de energia e inquebrantavel tenacidade, ainda que não completamente servida, como fôra preciso, por extraordinarios recursos naturaes e cultivados, tinha nas linhas romanas, quasi napoleonicas, do rosto, no mento grosso e redondo, nos olhos scintillantes e um tanto duros, na fronte larga e espaçosa, impresso o assignalamento das muitas aspirações e planos que lhe tumultuavam n'alma, ambições, calculos, esperanças e anhelos, quasi todos contrariados e nullificados pelo arbitrio da sorte ou pelos obstaculos, que elle mesmo, na deducção de intransigentes resoluções, amontoava em seu desfavor.

Afinal decidiu, como fecho da carreira politica, voluntariamente exilar-se e si, como o heróe grego, soube no paiz da selecção angariar novos e fieis amigos, ainda colheu amargos desenganos, achando só na publicação de continuos livros lenitivo aos desgostos, que curtia e ás fundas saudades da Pairia, a que não obedecia, como tão facil lhe fôra, mas que buscava recalcar no mais recondito recesso da alma, com a teimosia de quem deseja suffocal-as para todo sempre.

Passados muitos e muitos annos, e já certamente fechadas não poucas feridas d'alma, que por tanto tempo haviam sangrado, quando o suppunhamos em termos de voltar ao Brazil, eis que o fio telegraphico nos annuncia haver fallecido em Lisboa, após longa e cruel enfermidade, que o acompanhára de Roma para Pariz e d'ahi para a capital dos queridos amigos portuguezes.

Coube-lhe por certo um grande favor—extinguir-se nos braços de alguns que devéras o estremeciam e piedosos lhe cerraram os olhos, esses olhos que nos ultimos momentos da agonia tanto procuraram em vão despedir-se do formoso e ceruleo céo do Brazil e das alterosas e bellas palmeiras do seu Pernambuco.

Como é triste expirar longe da Patria!

Como é triste morrer entre estrangeiros, exactamente quando essa Patria está se purificando da mancha,

que lhes ministrara vivaz, persistente, odiento e cruel estygma—Brazil, terra de escravidão!

Felizes, sim, mil vezes felizes, quantos viverem até ao dia, até á hora, em que esta nação regenerada, sentindo em si alento novo e exultante ha de poder bradar aos Mundos: « Não tenho mais um só escravo! »

E prorompera em palmas a humanidade inteira!

Falta pouco, Senhores, mas não devemos descansar. Urge, que a salutar commoção faça, sem cessar, estremecer o Brazil todo; porquanto a apathia, a inercia e o obscurantismo appellam agora tam sómente para curtos instantes de tranquillidade e treguas, por menos espaçadas que sejam.

Nada; a fatal instituição, que tanto mal já nos fez, está irremissivelmente condemnada. Todas as classes dirigentes da sociedade brazileira lhe atiram a pedra; todas as leis, religiosas, economicas, humanitarias, lavraram a sentença irrevogavel.

Deram-se a sciencia e a philanthropia as mãos e uniram os seus irresistiveis recursos para debellarem a brutal e estupida hydra, que por tanto tempo, com seu halito lethal, envenenou os costumes publicos, contaminou a pureza das nossas familias e crestou as mais largas e dignas aspirações d'este paiz.

Mais um pouco, e o monstro tombará por terra, para nunca mais se reerguer.

Vêde, Senhores, vêde a immensa alegria de que repentinamente se possuiu uma das nossas provincias, apontada até hoje como inexpugnavel baluarte da escravidão! Bastou, que os seus directores, n'uma simples reunião, tratassem do luminoso problema da immigração européa, que—quer queiram, quer não—avassalla, extingue e elimina o trabalho vil e forçado, e essa grande zona sentiu inesperado jubilo dilatar-lhe o opprimido peito, levantou os olhos baixos e medrosos e descortinou horizontes risonhos e desanuviados, que não mais suppunha possiveis.

Adormecida sob a pressão de medonho temporal, cercada de pavorosas sombras, ameaçada de irreparaveis

desgraças e aniquiladora ruina, como que acorda aos esplendores de formosissima aurora.

Ao Vosso Augusto Pai, Senhora, e a Vós, n'esse epilogo, que os raios de incruenta mas inexcedivel victoria illuminam de um extremo ao outro d'este imperio e que tanto exalta no conceito universal o nome de todos nós, cabe immensa e incontestavel parte.

Foi a mente do Soberano, que desde o principio agitou a magna questão, causa para o bondoso coração de pungentes angustias durante lustros e lustros; foi o seu braço, que, para assim dizer, vibrou os primeiros golpes na lugubre instititsuição; foi o estimulo das suas mais ardentes e incompressiveis sympathias e o seu bafejo que de continuo inflammaram os estrenuos combatentes, mostrando á santa luz da verdade que o Throno, unico na livre America, não assenta, como ainda ha pouco tão injustamente proclamou a eloquencia de Emilio Castelar, os alicerces em terreno baixo, lodacento e miasmatico, mas muito pelo contrario, busca todo o seu apoio, toda a sua força, todo o seu brilho na grandeza, na dignidade e na gloria da Patria brazileira!

Socios admittidos

Em 1885

NACIONAES

Francisco Ignacio Ferreira.
Frederico José de Sant'Anna Nery.
Henrique Raffard.
José Antonio de Azevedo Castro.

ESTRANGEIROS

Antonio José Viale.
Manoel Pinheiro Chagas.
Pedro Venceslão de Brito Aranha.

Em 1886

NACIONAES

Antonio Borges de Sampaio.
Barão de Ourem.
Francisco Antonio Pimenta Bueno.
Francisco Augusto Pereira da Costa.
José Hygino Duarte Pereira.
Manoel Francisco Correia.

Em 1887

NACIONAES

Antonio Ribeiro de Macedo.
João Alfredo Correia de Oliveira.

João Capistrano de Abreu.
José de Miranda da Silva Reis.
José Verissimo de Matos.
Paulino Nogueira Borges da Fonseca.

ESTRANGEIRO

Angelo Justiniano Carranza.

Socios falecidos

Em 1884

NACIONAES

Antonio Mariano de Azevedo.
Joaquim José Pacheco.
Joaquim Vieira da Cunha.
José Bernardo de Loyola.
José Francisco de Andrade Almeida Monjardim.
José Mauricio Nunes Garcia.
José Pedro da Silva.
Manoel Jesuino Ferreira.
Ricardo José Gomes Jardim.
Visconde de Itajubá.

— –

Em 1885

NACIONAES

Antonio Henriques Leal.
Barão de Alhandra.
Barão de Theresopolis.
Joaquim Francisco Alves Branco Moniz Barreto.
Joaquim José Teixeira.
José Maria do Amaral.
Thomaz José Pinto de Cerqueira.

Em 1886

NACIONAES

Antonio Maria de Miranda Castro.
Maximiano Antonio de Lemos.
João José de Souza Silva Rio.
Josino do Nascimento Silva.
Visconde de Bom-Retiro.

ESTRANGEIROS

Barão Gustavo Schreiner.
Francisco Manoel Raposo de Almeida.

Em 1887

NACIONAES

Conde de Baependy.
D. Francisco Balthazar da Silveira.
Joaquim Antão Fernandes Leão.
Joaquim Pinto de Campos.
Luiz Fortunato de Brito Abreu Souza Menezes.
Sebastião Ferreira Soares.

ESTRANGEIRO

Benjamin Vicuña Makena.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NA II PARTE DO TOMO L DA REVISTA TRIMENSAL

BALANÇO

Da thesouraria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro no anno de 1887

BALANÇO DE JANEIRO E FEVEREIRO

Janeiro e Fevereiro:

Tendo solicitado dispensa do cargo de thesoureiro do Instituto Historico e havendo sido eleito o Exm. Sr. conselheiro desembargador Tristão de Alencar Araripe, faço hoje entrega ao mesmo Exm. Sr. dos documentos * e saldo existente até o ultimo dia de Fevereiro proximo findo.

RECEITA

Saldo que passou do anno passado....................	500$842
Annuidade de 1886 do Dr. Gumbleton................	12$000
Minha annuidade de 1886.............................	12$000
Annuidade de 12 socios e joia ** de 1; sendo 1 de 1885; 10 de 1886 e 1 de 1887 (doc. *a*)..............	164$000
Receita de 28 de Fevereiro e saldo....................	688$842

DESPEZA

Janeiro e Fevereiro:

Commissão paga ao cobrador...........................	32$400
Conta da *Gazeta de Noticias* (doc. n. 64)............	1$200
Folha do mez de Janeiro (doc. n. 65).................	251$666
Conta do *Jornal do Commercio* (doc. n. 66)..........	22$260
Conta de B. L. Garnier (doc. n. 67)..................	220$000
Despeza effectuada até 28 de Fevereiro...............	527$526

RESUMO

Receita arrecadada até 28 de Fevereiro e mais o saldo que passou..	688$742
Despeza effectuada até 28 de Fevereiro...............	527$526
Saldo em dinheiro que entrego hoje..................	161$316

Rio 1 de Março de 1887.

BARÃO DE TEFFÉ.

---

* Os documentos foram apresentados ao Instituto, que já os approvou, julgando bôas as contas prestadas pelo Exm. Sr. barão de Teffé.

** A relação dos socios, que pagaram desde Outubro de 1885 até 28 de Fevereiro de 1886, está annexa ao balanço de 1886, já publicado.

BALANÇO

DE 1 DE MARÇO A 31 DE DEZEMBRO DE 1887

RECEITA

Março 1:	
Dinheiro recebido do Exm. Sr. Barão de Tefé no acto da entrega da tezouraria..................	161$316
Juros de apolices do 1º e 2º semestre de 1886—1887*	1:001$000
Subsidio do Tezouro Nacional de Janeiro a Dezembro de 1887....................................	9:000$000
Assinatura da Revista Trimensal.................	12$000
Venda da mesma Revista, incluzive 4 colecções...	546$000
Joia dos segunintes socios:	
João Capistrano de Abreu........................	20$000
Jozé de Miranda da Silva Reis....................	20$000
Prestações semestraes dos seguintes socios:	
Alvaro Barbalho Uxôa Cavalcante, 1885, 1886, 1887..	36$000
Antonio Joaquim Ribas, 1886.....................	12$000
Antonio Jozé Victorino de Barros, 1886...........	12$000
Augusto Fausto de Souza, 1886....................	12$000
Barão de Nogueira da Gama, 1885, 1886, 1887.......	36$000
Barão de São-Felix, 1886, 1887....................	24$000
Barão de Tefé, 1887..............................	12$000
Bernardo Saturnino da Veiga, 1883 a 1887..........	60$000
Carlos Artur Moncorvo de Figueiredo, 1887........	12$000
Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe Filho 1886.....	12$000
Eduardo Jozé de Moraes, 1883, 1884, 1885, 1886.....	48$000
Ernesto Ferreira França, 1886....................	12$000
João Barboza Rodrigues, 1882 a 1887...............	72$000
João Franklin da Silveira Tavora, 1886	12$000
João Lopes da Silva Couto, 1885 (2º semestre), 1886..	18$000
João Severiano da Fonseca, 1886..................	12$000
Joaquim Floriano de Godoi, 1886..................	12$000
Joaquim Pires Maxado Portela, 1884, 1885, 1886....	36$000
Jozé Candido Guilhobel, 1886.....................	12$000
Jozé Egidio Garcez Palha, 1884...................	12$000
Jozé de Miranda da Silva Reis, 1887 (2º semestre)...	6$000
Luiz Antonio Vieira da Silva, 1886...............	12$000
Francisco Manoel Corrêa, 1887....................	12$000
Manoel Pinto Bravo, 1886, 1887..................	24$000
Pedro Paulino da Fonseca, 1884..................	12$000
Quintiliano Jozé da Silva, 1885, 1886, 1887........	36$000
	11:336$316

* No 1º semestre a renda foi de 546$000 na razão de 6 %, e no 2º foi de 455$000 na razão de 5 %, em virtude da redução dos juros das apolices da divida publica geral feita pelo governo.

DESPEZA

Impressão da *Revista Trimensal*:

Saldo da conta do 2º trimestre de 1886, doc. n. 1....	332$500
Importancia do 3º trimestre da conta, doc. n. 2....	915$000
» 4º » » doc. n. 3....	1.058$000
» 1º » de 1887, doc. n. 4....	884$000
» 2º » » » n. 5....	676$000
» 3º » » » n. 6....	642$000
» de estampas e letreiros para o 3º trimestre, doc. n. 7..................................	370$000
	4.877$500

Encadernações:

Livros encadernados no Instituto dos surdos mudos, doc. n. 8, 9, 10..................................	148$900
Livros na officina de Antonio Vieira & Gavião, doc. n. 11 e 12..................................	7$500
	156$400

Expediente:

Recibos de talões, impressão de avisos, 1 carimbo, papel grosso e 10 pastas a Laemmert & C., doc. n. 13, 14, 15	53$000
Papel, tinta, lapis, canivete, lacre, envelopes e impressão de 1.000 diplomas, a G. Leuzinger & C., doc. n. 16, 17, 18..................................	286$800
Publicações no *Jornal do Commercio*, doc. n. 19	20$440
» na *Gazeta de Noticias*, doc. n. 20, 21, 22.....	17$640
» no *Paiz*, doc. n. 23 a 28....................	48$300
Velas de composição (3 caixas) a Fernando Amares & C., doc. n. 29, 31 32..................................	44$300
Despezas miudas feitas pelo Porteiro nos mezes de Janeiro a Dezembro de 1887, doc. n. 32 a 38..........	176$360
	646$840

Vencimento dos empregados:

Ao Bibliothecario na razão de 166$666 mensaes, ao Escriturario na razão de 65$, e ao Porteiro na razão de 70$, de Fevereiro a Dezembro de 1887, doc. n. 39 a 49..	2.768$326

Eventuaes:

Geographie de Elisée Reclus, tom. 12, a B. L. Garnier, doc. n. 50..................................	20$000
Meza para o Escriturario, doc. n. 51....................	22$000
Canudos de folha para remessa de diplomas, doc. n. 52..	12$000
Pintura e letras em um caixa de folha, doc. n. 53........	4$800
Telegrammas á S. Magestade o Imperador, um para Petropolis, outro para Marselha, doc. n. 54............	83$000
	141$800

Porcentagem:

Pela cobrança da quantia arrecadada, na razão de 20 %, doc. n. 55, 56, 57, 58, 59..................................	238$900

Apolice:

Compra de duas apolices da divida publica geral do valor nominal de 1.000$, doc. n. 60....................	1.930$100
Total..................................	10.759$866

RESUMO

Receita .... 11.336$316

Despeza.. 10.759$866
Saldo.. 576$450*

OBSERVAÇAO

Além do saldo supra o Instituto possue 19 apolices da divida publica, sendo 17 do valor de 1.000$000 e 2 do valor de 600$000.

A numeração d'estas apolices é a seguinte: 490, 1.339, 6.750, 11.448, 37.131, 40.252, 50.961, 75.319, 75.320, 77.787, 111.846, 120.111, 131.945, 159.125, 172.837, 172.838, 182.940, 234.988, 234.989.

Rio 31 de Janeiro de 1888.

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE
Tezoureiro.

---

* Este saldo está sugeito ao pagamento da impressão do 4º fasciculo da Revista Trimensal do anno de 1887, cuja conta ainda não foi apre-zentada, pertencendo esta despeza ao sobredito anno de 1887.